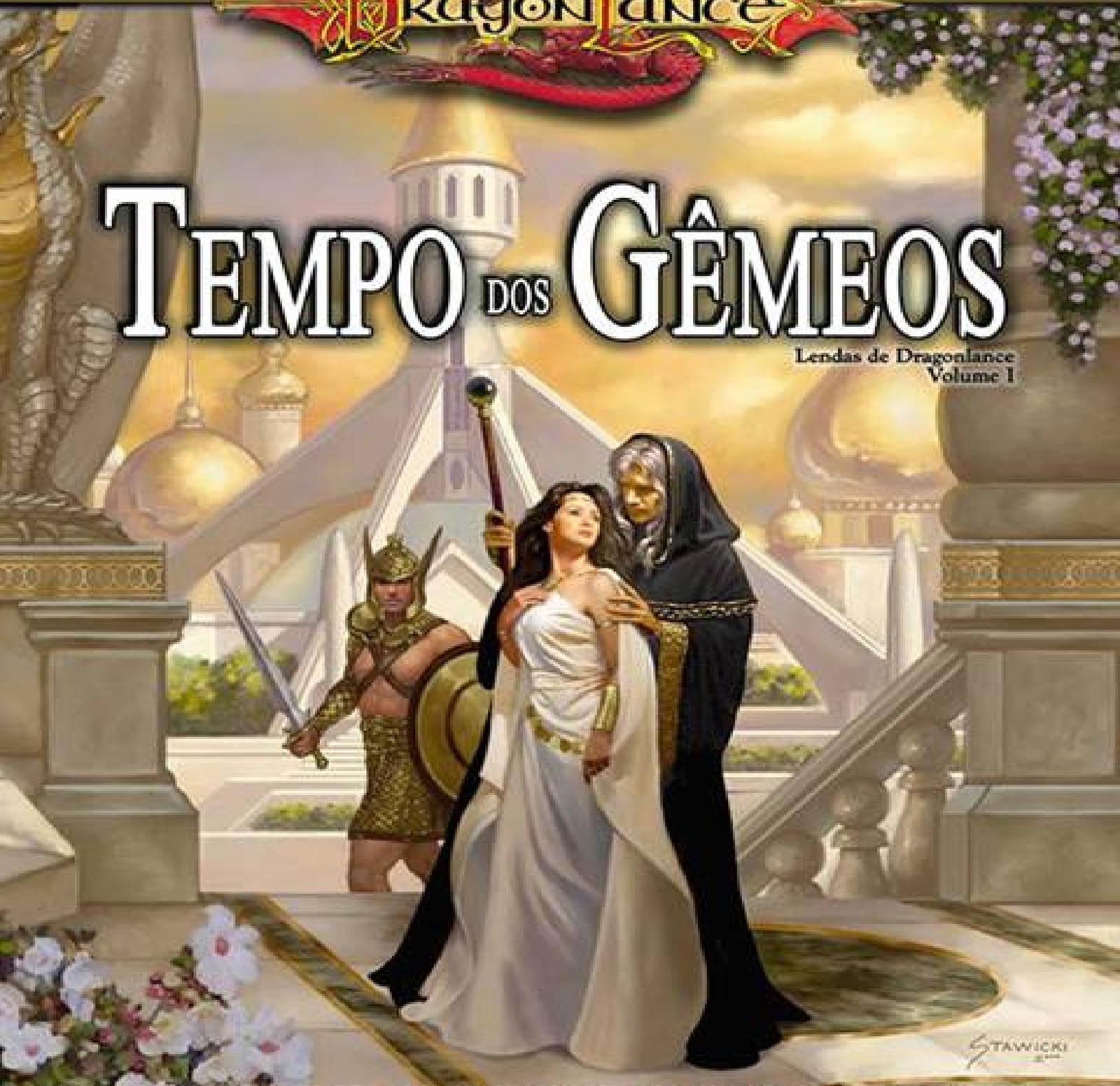


Da série *best-seller* do *The New York Times*!



TEMPO DOS GÊMEOS

Lendas de Dragonlance
Volume 1



STAWICKI
ART

MARGARET TRACY
WEIS & HICKMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

“E assim os deuses me indicam o caminho”, murmurou Caramon para si mesmo. Aproximou-se um pouco mais da cama, imobilizou-se sem nunca largar a adaga, e ficou ouvindo a respiração pausada da sua vítima, tentando descobrir qualquer alteração no ritmo profundo e bem marcado que lhe indicasse que tinha sido descoberto.

A respiração continuava forte, profunda, tranqüila. A respiração de um jovem saudável. Caramon sentiu-se surpreendido quando se recordou de como este feiticeiro devia ser velho, e das lendas sinistras que corriam acerca da maneira como Fistantilus recuperara a juventude. Subitamente, o luar invadiu o compartimento, como um aviso...

Caramon ergueu a adaga. Um golpe rápido e firme no peito, e tudo estaria acabado.

Margaret Weis
Tracy Hickman

**TEMPO
DOS
GÊMEOS**

Poesia de Michael Williams
Ilustrações interiores de Valerie Valusek
Título original: *Time of the Twins*
Tradução de Maria João Bento

Para Samuel G. e Alta Hickman

*O meu avô, que me aconchegava na cama
com o seu modo muito especial, e a minha avó,
que me criou e revelou sempre grande sensatez.
Muito obrigada por todos os contos ao deitar,
pela vida, pelo amor e pela história.
Viverão para sempre.*

TRACY RAYE HICKMAN

*Este livro, sobre as ligações físicas e espirituais
que unem irmãos, só poderia ser dedicado
a uma única pessoa — a minha irmã.
Para Terry Lynn Wilhelm, com amor.*

MARGARET WEIS

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar a nossa gratidão pelo seu trabalho: Michael Williams, pelos esplêndidos poemas e pela calorosa amizade; Steve Sullivan, pelos magníficos mapas. (Agora já sabe por onde anda, Steve!); Patrick Price, pelos úteis conselhos e críticas atenciosas; Valerie Valusek, pelos requintados desenhos; Ruth Hoyer, pela capa e arranjos interiores; Roger Moore, pelos artigos *Dragon®* e pela história de Tassloff e do mamute peludo; Equipe *Dragonlance™*: Harold Johnson, Laura Hickman, Douglas Niles, Jeff Grubb, Michael Dobson, Michael Breault, Bruce Heard, e artistas do calendário *Dragonlance 1987*: Clyde Caldwell, Larry Elmore, Keith Parkinson e Jeff Easley.

O Encontro

Uma figura solitária caminhava suavemente na direção da luz distante. Seguindo sem ser ouvido, os seus passos eram sugados pela vasta escuridão que o circundava. Bertrem abandonou-se num vôo raro de fantasia ao olhar para as filas de livros e rolos de papel, que pareciam intermináveis, constituindo parte das *Crônicas de Astinus* e contando em pormenor a história deste mundo, a história de Krynn.

“É como ser absorvido no tempo”, pensou, suspirando ao fitar as filas imóveis e silenciosas. Desejou, por breves instantes, ser transportado para qualquer outro lugar, de modo a que não tivesse de enfrentar a difícil tarefa que o aguardava.

“Todo o conhecimento do mundo está nestes livros”, disse para si mesmo, ansiosamente. “E nunca encontrei nada que torne mais fácil o contato com o seu autor.”

Bertrem estacou em frente de uma porta, a fim de reunir coragem. As suas vestes estéticas repousavam sobre ele, caindo em dobras corretas e ordenadas. Contudo, o seu estômago recusava-se a seguir o exemplo das vestes e guinava desenfreadamente. Bertrem passou a mão pelo crânio, um gesto nervoso que lhe provinha ainda da juventude, antes da profissão que escolhera lhe ter custado o cabelo.

“O que o estaria incomodando?”, perguntou-se, desoladamente, para além de ir entrar para ver o mestre, claro, algo que já não fazia desde... desde... Encolheu os ombros. Sim, desde que o jovem mago quase falecera à entrada da porta deles durante a última guerra.

Guerra... mudança, era isso. Tal como as vestes, o mundo parecia finalmente repousar ao seu redor, mas sentia a mudança

chegar de novo, tal como o sentira há dois anos atrás. Desejou poder impedi-la...

Bertrem suspirou.

“Seguramente que não vou impedir nada limitando-me a ficar aqui na escuridão”, murmurou. De qualquer forma, sentia-se desconfortável, como que rodeado por fantasmas. Uma luz brilhante reluzia por debaixo da porta, raiando para o corredor. Dando uma mirada rápida para trás, para a sombra dos livros, cadáveres tranqüilos repousando nos seus túmulos, o esteta abriu calmamente a porta e entrou no estúdio de Astinus de Palathas.

Embora o homem se encontrasse no interior, não falou nem levantou sequer o olhar.

Caminhando com um passo suave e comedido através do rico tapete de lã de carneiro estendido sobre o chão de mármore, Bertrem parou diante da enorme e polida secretária de madeira. Durante longos momentos não proferiu palavra, absorto na observação da mão do guia histórico, escrevendo com uma pena no pergaminho, com toques firmes e regulares.

— Então, Bertrem? — Astinus não interrompeu a sua escrita.

Bertrem, de frente para Astinus, leu as letras que, mesmo de baixo para cima, se revelavam decisivas, nítidas e facilmente decifráveis.

Neste dia, tal como acima Darkwatch ascendendo a 29, Bertrem entrou no meu estúdio.

— Crysania, da Casa de Tarinius, está aqui para vê-lo, mestre. Diz que a aguarda... — A voz de Bertrem foi-se apagando num murmúrio, pois fora necessária uma grande dose de coragem estética para chegar àquele ponto.

Astinus continuou a escrever.

— Mestre — começou Bertrem em tom fraco, estremeando perante a sua ousadia — Eu... nós não sabemos o que fazer. Ela é, afinal de contas, a Venerável Filha de Paladine e eu... nós achamos impossível recusar a sua entrada. O que...

— Leva-a para os meus aposentos privados — disse Astinus, sem cessar de escrever nem levantar o olhar.

A língua de Bertrem colou-se ao céu da boca, impossibilitando-o, momentaneamente, de falar. As letras fluíam da pena para o pergaminho branco.

Neste dia, tal como acima Afterwatch ascendendo a 28, Crysania de Tarinius chegou para o seu encontro com Raistlin Majere.

— Raistlin Majere! — afirmou Bertrem com dificuldade, o choque e o horror libertando-lhe a língua — Devemos admitir que...

Astinus olhava agora para cima, o aborrecimento e irritação vincando-lhe as sobrancelhas. Quando a pena terminou o seu rabiscar eterno no pergaminho, um silêncio profundo e pouco natural mergulhou sobre a sala. Bertrem empalideceu. O rosto do historiador poderia ter sido considerado como gracioso, numa forma eterna e imutável. Mas ninguém que visse o seu rosto se voltaria a recordar dele. Recordariam apenas dos olhos: escuros, intensos, alerta, em constante movimento, observando tudo. Esses olhos podiam, de igual forma, comunicar vastos mundos de impaciência, lembrando a Bertrem que o tempo passava. No preciso momento em que os dois conversavam, minutos integrais de história decorriam, sem registro.

— Peço perdão, mestre! — Bertrem fez uma reverência em profundo respeito, retrocedendo depois precipitadamente para fora do estúdio, fechando sem ruído a porta ao sair. No exterior, limpou a cabeça rapada que reluzia de transpiração, percorrendo de seguida velozmente os corredores silenciosos de mármore da grande biblioteca de Palanthas.

Astinus estacou junto à entrada da sua residência privada, fitando a mulher sentada no interior.

Localizada na ala ocidental da grande biblioteca, a residência do historiador era pequena e, tal como todas as outras divisões da biblioteca, encontrava-se repleta de livros de todos os tipos e encadernações, as prateleiras alinhadas nas paredes conferindo um leve odor a mofo à área central de habitação, qual mausoléu selado há séculos. O mobiliário era esparso e prístino. As cadeiras, em madeira vistosamente esculpida, eram duras e desconfortáveis para servirem de assento. Uma longa mesa, próxima da janela, estava

completamente liberta de qualquer ornamento ou objeto, refletindo a luz do sol poente sobre a superfície negra. Tudo na sala se encontrava na mais perfeita ordem. Mesmo a madeira para a fogueira noturna, as noites do final da Primavera eram frias, mesmo naquela localização tanto a norte, estava empilhada em filas tão ordenadas que se assemelhavam a uma pira funerária.

E, contudo, por muito frio, primitivo e puro que fosse este aposento privado do historiador, a divisão em si parecia apenas refletir a beleza fria, primitiva e pura da mulher sentada, as mãos repousando no regaço, aguardando.

Crysanía de Tarínus aguardava pacientemente. Não se mexeu ou suspirou ou fitou vezes sem conta o dispositivo de tempo movido a água, localizado a um canto. Não lia, embora Astinus quase tivesse a certeza de que Bertrem lhe teria oferecido um livro. Não vagueava pela sala, nem examinava os poucos e raros ornamentos que se encontravam nos nichos sombrios dentro das estantes. Permanecia sentada na cadeira de madeira, direita e desconfortável, os seus olhos límpidos e brilhantes fixos nas franjas manchadas de vermelho das nuvens que pendiam sobre as montanhas, como se observasse o sol a pôr-se, possivelmente, pela primeira, ou última, vez sobre Krynn.

Estava de tal forma embrenhada na visão para lá da janela que Astinus entrou sem despertar a atenção dela. Observou-a com um intenso interesse. Tal não constituía um ato pouco habitual para o historiador, que escrutinava todos os seres que viviam em Krynn com o mesmo olhar insondável e penetrante. O que se revelou pouco habitual foi que, por momentos, um olhar de piedade e uma profunda tristeza perpassou pelo rosto do historiador.

Astinus registrava a história. Registrava-a desde o início dos tempos, vendo-a passar perante os seus olhos e inscrevendo-a nos seus livros. Não podia prever o futuro; tal constituía privilégio dos deuses. Mas conseguia pressentir todos os sinais de mudança, esses mesmos sinais que tanto tinham perturbado Bertrem. Ali, imóvel, podia escutar as gotas de água caindo no dispositivo do tempo. Colocando a mão por debaixo delas, poderia estacar o fluxo das gotas, mas o tempo prosseguiria o seu percurso.

Suspirando, Astinus voltou a sua atenção para a mulher, de quem já ouvira falar mas que nunca conhecera pessoalmente.

O cabelo dela era preto, preto-azulado, preto como a água de um mar calmo à noite. Usava-o todo penteado para trás a partir de uma linha central, preso na parte detrás da cabeça por meio de um pente de madeira, simples e sem adornos. O estilo severo não ficava bem às suas feições pálidas e delicadas, enfatizando a sua palidez. Não havia qualquer cor no seu rosto. Os olhos eram cinzentos e visivelmente muito largos. Até os lábios eram descorados.

Há alguns anos atrás, quando jovem, as serventes entrelaçavam-lhe e enrolavam-lhe aquele cabelo espesso e negro, seguindo os últimos estilos da moda, enfiando alfinetes de prata e ouro, decorando os matizes sombrios com jóias resplandecentes. Tingiam-lhe as faces com o suco de bagas esmagadas e vestiam-na com suntuosas roupas de vários tons cor-de-rosa esbatidos e azuis pulverulentos. Outrora, fora bonita. Outrora, não lhe teriam faltado pretendentes.

O vestido que usava agora era branco, como convinha a uma eclesiástica de Paladine, e simples, embora constituído por um material fino. Não tinha qualquer adorno, com exceção do cinto de ouro que envolvia a cintura magra. O seu único ornamento era paladiano, o medalhão do dragão de platina. O cabelo estava coberto por um capuz branco solto, que realçava a suavidade e frieza de mármore dos seus traços.

“Ela poderia ser feita de mármore”, pensou Astinus, com uma diferença: o mármore podia ser aquecido pelo sol.

— Saudações, Venerável Filha de Paladine — disse Astinus, entrando e fechando a porta atrás de si.

— Saudações, Astinus — disse Crysania de Tarinius, erguendo-se.

Ao atravessar a sala na direção dele, Astinus sentiu-se algo surpreendido ao notar a ligeireza e o comprimento quase masculino dos seus passos. Parecia estranhamente incongruente em relação ao aspecto dela. Também o seu aperto de mão foi firme e forte, nada típico numa mulher palanthiana, as quais raramente apertavam as

mãos e, quando o faziam, se limitavam a estender as pontas dos dedos.

— Devo agradecer-lhe por desperdiçar o seu valioso tempo para atuar como elemento neutro nesta reunião — disse Crysania, calmamente — Sei quanto lhe desagrada roubar tempo aos seus estudos.

— Desde que não seja uma perda de tempo, não me importo — replicou Astinus, segurando-lhe a mão e fitando-a intensamente — Devo dizer, contudo, que me ressinto com isto.

— Porquê? — Crysania pesquisou o rosto do homem eterno com verdadeira perplexidade. Depois, compreendendo subitamente, sorriu, um sorriso frio que não acrescentou mais vida ao seu rosto do que o luar sobre a neve.

— Não acredita que ele venha, não é?

Astinus resfolegou, deixando cair a mão da mulher como se tivesse perdido completamente o interesse pela existência dela. Voltando-se, caminhou para a janela e olhou para fora, para a cidade de Palanthas, cujos edifícios brancos e reluzentes brilhavam à luz do sol com uma beleza esmagadora, com uma única exceção. Um dos edifícios não era tocado pelo sol, mesmo quando este se encontrava bem alto no céu.

E foi sobre este edifício que o olhar de Astinus se fixou. Elevando-se no centro da brilhante e bonita cidade, as suas torres de pedra negra emaranhavam-se e retorciam-se, os seus minaretes, recentemente reparados e reconstruídos pelos poderes da magia, reluziam num tom de vermelho-sangue no pôr-do-sol, com a aparência de dedos putrefatos e esqueléticos, elevando-se de um qualquer cemitério não sagrado.

— Há dois anos atrás, ele entrou na torre da alta feitiçaria — disse Astinus na sua voz calma e impassível, ao mesmo tempo que Crysania se juntava a ele na janela — Entrou durante a noite, na escuridão, a única lua no céu era a lua que não derrama qualquer luz. Atravessou o bosque de Shoikan, um grupo de árvores de carvalho amaldiçoadas de que nenhum mortal, nem mesmo os da raça *kender*, se atreve a aproximar-se. Seguiu o seu caminho para os portões sobre os quais se encontra ainda suspenso o cadáver do

mago diabólico que, ao morrer, lançou a maldição sobre a torre e se lançou das janelas mais altas, espetando-se nos portões, um temível guarda. Mas, quando *e/le* lá foi, o guarda fez-lhe uma reverência, os portões abriram-se com o seu toque, fechando-se depois atrás dele. E não se voltaram a abrir nestes dois últimos anos. Ele não saiu de lá e, se alguns entraram, nunca ninguém os viu. E espera que *e/le* venha... *aqui?*

— O senhor do passado e do presente — Crysania encolheu os ombros — Ele veio, tal como foi previsto.

Astinus fitou-a com algum espanto.

— Está ao corrente da história dele?

— Claro — replicou calmamente a eclesiástica, levantando os olhos para ele por instantes, virando depois o olhar de novo para a torre, que se encobria já com as sombras da noite que se aproximava — Um bom general estuda sempre o inimigo antes de se envolver numa batalha. Conheço Raistlin Majere muito bem, mesmo muito bem. E sei... que virá esta noite.

Crysania continuou a fitar a torre terrível, de queixo erguido, os lábios descorados desenhando uma linha direita e regular, as mãos agarradas atrás das costas.

O rosto de Astinus ficou subitamente grave e pensativo, os olhos perturbados, embora a voz se revelasse tão fria quanto sempre.

— Parece muito segura de si, Venerável Filha. Como pode ter a certeza disso

— Paladine falou comigo — replicou Crysania, nunca desviando os olhos da torre — Em sonho, o dragão de platina apareceu na minha frente e disse-me que o mal, outrora banido do mundo, regressara na pessoa deste feiticeiro vestido de negro, Raistlin Majere. Vamos enfrentar um grave perigo, e eu fui a escolhida para evitá-lo — Enquanto Crysania falava, o seu rosto de mármore suavizou-se, e os seus olhos cinzentos mostraram-se límpidos e reluzentes — Será o teste à minha fé, por que tanto tenho rezado! — Olhou para Astinus — Compreende: sei, desde a minha infância, que o meu destino é levar a cabo um grande feito, um grande serviço ao mundo e à sua gente. Esta é a minha oportunidade.

O rosto de Astinus ficou ainda mais grave ao escutar, intensificando a sua austeridade.

— Foi Paladine quem lhe contou isso? — inquiriu, abruptamente.

Crysanía, sentindo, talvez, a descrença deste homem, enrugou os lábios. Uma fina linha, aparecendo entre as sobrancelhas constituía, contudo, o único sinal da sua ira, para além da calma ainda maior que revelou ao responder.

— Lamento ter referido tal assunto, Astinus, peço desculpa. Era entre mim e o meu deus e tais coisas sagradas não deveriam ser discutidas. Levantei a questão simplesmente para lhe provar que este homem do mal virá. Não está nas mãos dele. Paladine há de trazê-lo.

As sobrancelhas de Astinus ergueram-se, de tal forma que quase desapareceram sob o seu cabelo grisalho.

— Este “homem do mal” como lhe chama, Venerável Filha, serve uma deusa tão poderosa quanto Paladine, Takhisis, Rainha das Trevas! Ou talvez eu não devesse dizer *serve* — observou Astinus com um sorriso pervertido — Sobretudo quando me refiro a ele...

As feições de Crysanía tornaram-se mais descontraídas e o seu sorriso frio regressou.

— O bem redime os seus — respondeu suavemente —, o mal volta-se contra si mesmo. O bem triunfará de novo, tal como aconteceu na guerra de Lance contra Takhisis e os seus malditos dragões. Com o auxílio de Paladine, *eu* triunfarei sobre este mal, tal como o herói, Tanis Semiduende, triunfou sobre a própria Rainha das Trevas.

— Tanis Semiduende triunfou com o auxílio de Raistlin Majere — disse Astinus imperturbável — Ou será que decidiu ignorar essa parte da lenda?

Nem uma ruga de emoção desfigurou a expressão tranqüila e plácida de Crysanía. O sorriso permaneceu fixo. O seu olhar fixava-se na rua.

— Veja, Astinus — disse, suavemente — Ele vem.

O sol afundava-se por detrás das longínquas montanhas, e o céu, iluminado pelos últimos raios, parecia uma pedra preciosa cor-

de-púrpura. Servos entraram em silêncio, acendendo a lareira no pequeno aposento de Astinus. As achas arderam pacificamente, como se as próprias chamas tivessem sido ensinadas pelo historiador a manter o repouso tranqüilo da grande biblioteca. Crysania sentou-se mais uma vez na cadeira desconfortável, as mãos repousando de novo no regaço. A sua expressão exterior era calma e fria, como sempre. Dentro dela, o coração batia apressadamente, fato esse apenas visível através de um reluzir nos olhos cinzentos.

Nascida na nobre e abastada família de Tarinius de Palanthas, família essa quase tão antiga quanto a própria cidade, Crysania recebera todo o conforto e benefício que podiam ser conferidos pelo dinheiro e posição. Inteligente e de vontade forte, poderia facilmente ter-se tornado numa mulher teimosa e obstinada. Os seus sensatos e adorados pais, no entanto, nutriram e moldaram o espírito forte da filha, criando nela uma forte e imutável confiança em si mesma. Crysania fizera apenas uma coisa em toda a sua vida que ferira os seus devotos pais, mas precisamente isso magoara-os profundamente. Recusara um casamento ideal com um bom jovem nobre, para se dedicar a servir deuses há muito esquecidos.

A primeira vez que ouviu o clérigo, Elistan, foi quando este veio para Palanthas, no fim da guerra do Lance. A sua nova religião, ou talvez devesse ter sido chamada a velha religião, espalhava-se rapidamente por todo o Krynn, dado que a lenda recém-criada defendia a crença de que os velhos deuses tinham auxiliado a derrotar os dragões demoníacos e os seus senhores, os grão-lords do dragão.

Quando foi pela primeira vez ouvir Elistan falar, Crysania sentira-se cética. A jovem, que teria uns 20 e poucos anos, fora criada ouvindo histórias sobre como os deuses tinham provocado o Cataclismo sobre Krynn, desfazendo a montanha ardente que rasgou as terras distantes e mergulhou a cidade santa de Istar no Mar Sangrento. Depois disto, segundo o que as pessoas afirmavam, os deuses voltaram as costas aos homens, recusando qualquer ligação com eles. Crysania estava preparada para escutar Elistan, mas dispunha, à partida, de argumentos para refutar as suas afirmações.

Ficou favoravelmente impressionada ao conhecê-lo. Elistan, nessa época, estava na grandeza do seu poder. Elegante, forte, mesmo considerando a sua meia-idade, parecia um dos antigos clérigos que participaram na batalha, segundo narravam algumas lendas, com o destemido cavaleiro, Huma. Ao cair da noite, já encontrara uma causa para admirá-lo. Terminou de joelhos aos pés dele, chorando de humildade e alegria, tendo a sua alma finalmente encontrado a âncora que sempre lhe faltara.

Os deuses não tinham voltado as costas aos homens, tal era a sua mensagem. Foram os homens que se afastaram dos deuses, exigindo com a sua arrogância o que Huma desejara com humildade. No dia seguinte, Cysania deixou o lar, a riqueza, os servos, os pais e o noivo para se mudar para uma pequena casa fria, que constituía a origem do novo templo que Elistan planejava construir em Palanthas.

Agora, dois anos mais tarde, Cysania era uma Venerável Filha de Paladine, uma das poucas escolhidas e consideradas com o devido valor para conduzir a igreja com os seus anseios vigorosos e crescentes. Era bom para a igreja poder dispor deste sangue forte e jovem. Elistan já lhe dera muita da sua vida e energia. Agora, segundo parecia, o deus que ele servia tão fielmente não tardaria a chamar o seu clérigo para junto de si. E, quando esse triste acontecimento ocorresse, Cysania acreditava que muitos prosseguiriam o seu trabalho.

Seguramente que Cysania sabia que estava preparada para aceitar a liderança da igreja, mas seria isso suficiente? Tal como dissera a Astinus, a jovem eclesiástica sentia há muito que o seu destino era prestar um grande serviço ao mundo. Conduzir a igreja através das suas rotinas diárias, agora que a guerra terminara, parecia tarefa enfadonha e mundana. Orava todos os dias a Paladine para que lhe confiasse tarefas árduas. Sacrificaria tudo, prometera solenemente, mesmo a sua própria vida, ao serviço do seu adorado deus.

Foi então que a resposta que esperava chegou.

Aguardava agora, numa ânsia que mal conseguia conter. Não estava assustada, nem pelo fato de ir se encontrar com este homem,

que constava ser a força mais poderosa a serviço do mal que existia atualmente à superfície de Krynn. Se a sua educação o tivesse permitido, o seu lábio teria se contorcido num riso desdenhoso e de escárnio. Que mal poderia resistir à poderosa espada da sua fé? Que mal poderia penetrar na sua brilhante armadura?

Como um cavaleiro dirigindo-se para um duelo, enfeitado com as grinaldas do seu amor, sabendo que nunca poderia perder com tais insígnias esvoaçando pelo ar, Crysania manteve o olhar fixo na porta, aguardando impacientemente os primeiros golpes do torneio. Quando a porta se abriu, as suas mãos, até agora calmamente juntas, bateram uma na outra de excitação.

Bertrem entrou. Os seus olhos dirigiram-se a Astinus, sentado imóvel como um pilar de pedra numa cadeira dura e desconfortável, junto da lareira.

— O mago, Raistlin Majere — disse Bertrem. A sua voz falhou as últimas sílabas. Talvez estivesse pensando na última vez que anunciara este visitante, a altura em que Raistlin quase morrera, vomitando sangue nos degraus da grande biblioteca. Astinus franziu as sobrancelhas perante a falta de autocontrole de Bertrem, e o estético desapareceu pela porta, com a maior rapidez permitida pelas suas vestes esvoaçantes.

Inconscientemente, Crysania susteve a respiração. A princípio não conseguiu avistar nada, apenas uma sombra de escuridão na zona da porta, como se a noite propriamente dita tivesse adquirido forma e configuração para lá da entrada. A escuridão parou aí.

— Entre, velho amigo — disse Astinus, na sua voz profunda e impassível.

A sombra foi acesa por uma luz fraca de calor, o brilho da fogueira incidiu sobre vestes negras de veludo suave, e depois por cintilações pequenas, à medida que a luz refletia fios prateados, símbolos mágicos bordados em redor de um capuz de veludo. A sombra transformou-se em figura, vestes negras cobrindo por completo o corpo. Por breves instantes, o único membro humano da figura que podia ser avistado fora uma mão fina, quase esquelética, segurando um bastão de madeira. O bastão tinha no cimo uma bola

de cristal, segura pelo aperto de uma garra de dragão esculpida em ouro.

Quando a figura penetrou no aposento, Cysania sentiu o arrepio de frio do desapontamento. Pedira a Paladine uma tarefa difícil! Que grande mal haveria naquilo para combater? Agora que o conseguia descortinar com clareza, avistou um homem frágil e magro, ombros levemente inclinados para a frente, que se apoiava no bastão ao caminhar, como se estivesse fraco demais para se mover sem o seu auxílio. Ela sabia a idade dele, deveria ter agora uns 28 anos. No entanto, movimentava-se como um ser humano de 90, os passos lentos e deliberados, mesmo cambaleantes.

— O que pode significar, como teste à minha fé, conquistar esta desgraçada criatura? — inquiriu Cysania amargamente a Paladine — Não tenho necessidade de combatê-lo. Está sendo devorado por dentro pelo seu próprio mal!

Encarando Astinus e de costas para Cysania, Raistlin puxou o capuz para trás.

— Saúdo-o de novo, imortal — disse para Astinus, numa voz suave.

— Saudações, Raistlin Majere — respondeu Astinus sem se erguer. A sua voz revelava um leve tom sarcástico, como se partilhasse uma piada privada com o mago. Astinus gesticulou — Permita-me que lhe apresente Cysania, da casa de Tarinius.

Raistlin voltou-se.

Cysania sentiu faltar-lhe a respiração, uma terrível dor no peito, fazendo com que a sua garganta se fechasse, e, por momentos, não conseguiu respirar. Alfinetes finos e latejantes picavam-lhe as pontas dos dedos, o frio subia-lhe pelo corpo. Inconscientemente, recostou-se na cadeira, as mãos apertando-se, as unhas enterrando-se na sua carne entorpecida.

Tudo o que conseguia ver na sua frente eram dois olhos dourados, brilhando das profundezas da escuridão. Os olhos eram como um espelho em ouro, plano, refletor, nada revelando da alma no seu interior. As pupilas: Cysania fitou as pupilas negras num terror absoluto. As pupilas dentro dos olhos dourados tinham a forma de ampulhetas! E o rosto, contraído pelo sofrimento, marcado

pela dor da existência torturada que o homem jovem levava durante sete anos, desde que os testes cruéis na torre da alta feitiçaria lhe destroçaram o corpo e tingiram a pele de dourado; o rosto do mago era uma máscara metálica, impenetrável, insensível como a garra do dragão de ouro no topo do seu bastão.

— Venerável Filha de Paladine — disse, numa voz suave, cheia de respeito e até reverência.

Crysanía ficou espantada, olhando para ele com surpresa. Não fora certamente isto que esperara.

Contudo, não conseguia se mover. O olhar dele mantinha-a imóvel e, interrogou-se em pânico, se ele lhe teria lançado algum feitiço. Parecendo pressentir o medo dela, o homem atravessou a sala para se colocar na sua frente, numa atitude simultaneamente condescendente e tranqüilizadora. Olhando para cima, Crysanía podia ver o latejar flamejante nos olhos dourados dele.

— Venerável Filha de Paladine — disse Raistlin de novo, a voz suave envolvendo Crysanía como a negridão aveludada das suas vestes — Espero vir encontrá-la bem.

Mas, agora, ela escutava um sarcasmo amargo e cínico nessa voz. Isto esperava, para isto estava preparada. O anterior tom respeitoso dele apanhara-a de surpresa, admitiu a si mesma com irritação, mas a sua primeira fraqueza desvanecera-se. Erguendo-se e nivelando os seus olhos com os dele, segurou inconscientemente na mão o medalhão de Paladine. O toque do metal frio conferiu-lhe coragem.

— Não acredito que necessitemos de trocar cortesias sociais sem significado — afirmou Crysanía ríspidamente, o rosto recuperando a sua suavidade e frieza — Estamos mantendo Astinus afastado dos seus estudos. Ficará satisfeito se terminarmos rapidamente os nossos assuntos.

— Estou inteiramente de acordo — disse o mago de vestes negras, torcendo levemente o lábio fino no que podia ser interpretado como um sorriso — Vim em resposta à sua solicitação. O que pretende de mim?

Crysanía sentiu que ele se ria dela. Acostumada unicamente ao mais alto respeito, a sua atitude intensificou a sua ira. Fitou-o com

olhos cinzentos gélidos.

— Vim para avisá-lo, Raistlin Majere, de que os seus projetos demoníacos são do conhecimento de Paladine. Acautele-se, ou ele o destruirá...

— Como? — inquiriu Raistlin subitamente, e os seus olhos peculiares reluziram com uma luz estranha e intensa — Como pode ele me destruir? — repetiu — Lançando relâmpagos? Com ondas de fogo? Talvez mais uma montanha ardente?

Deu mais um passo na direção dela. Crysania afastou-se friamente dele, apenas para regressar à cadeira. Agarrando com firmeza nas costas de madeira rija, contornou-a, virando-se depois para enfrentá-lo.

— É da sua própria maldição que está zombando — replicou, tranqüilamente.

O lábio de Raistlin contorceu-se ainda mais, mas continuou falando, como se não tivesse escutado as palavras dela.

— Elistan? — A voz de Raistlin transformou-se num sussurro — Ele enviará Elistan para me destruir? — O mago encolheu os ombros — Mas não, seguramente que não. De acordo com as informações, o grande e santo clérigo está cansado, débil, moribundo...

— Não! — gritou Crysania, e depois mordeu o lábio, irritada por este homem lhe ter obrigado a revelar os seus sentimentos. Fez uma pausa, respirando fundo — Os processos de Paladine não são para ser interrogados ou gozados — disse, com uma calma fria, mas não conseguiu evitar que a sua voz se suavizasse quase imperceptivelmente — E o estado de saúde de Elistan não lhe diz respeito.

— Talvez eu me interesse mais pela saúde dele do que lhe possa parecer — replicou Raistlin com, o que era para Crysania, um sorriso caçador.

Crysania sentiu o sangue ferver-lhe nas têmporas. Ao falar, o mago contornara a cadeira, aproximando-se da jovem mulher. Estava tão perto dela agora que Crysania podia sentir um estranho e invulgar calor irradiando deste corpo, através das vestes negras. Podia cheirar nele um aroma levemente enjoativo mas agradável. Os seus ingredientes de feitiço, compreendeu ela subitamente. Tal

pensamento a fez ficar doente e enfasiada. Segurando o medalhão de Paladine na mão, sentindo os seus contornos suavemente cinzelados morderam-lhe na carne, afastou-se mais uma vez dele.

— Paladine veio até mim num sonho... — disse, com altivez.

Raistlin riu-se.

Poucos podiam afirmar ter ouvido o mago rir-se, e aqueles que o ouviram nunca o esqueceriam, ressonando nos seus sonhos mais negros. Era fino e cortante como uma lâmina. Renegava toda a bondade, zombava de tudo o que era certo e verdadeiro, e rasgou a alma de Crysania.

— Muito bem — disse Crysania, fitando-o com um desprezo que endureceu os seus olhos cinzentos para um azul aço —, fiz o melhor que estava ao meu alcance para desviá-lo deste curso. Avisei-o devidamente. A sua destruição está agora nas mãos dos deuses.

Subitamente, apercebendo-se talvez da intrepidez com que ela o confrontava, o riso de Raistlin cessou. Observando-a intensamente, os seus olhos dourados contraíram-se. Depois sorriu, um sorriso secreto interior com tanto e tão estranho regozijo que Astinus, assistindo à troca de palavras entre os dois, se levantou. O corpo do historiador tapou a luz da fogueira. A sua sombra caiu sobre os dois. Raistlin assustou-se, quase alarmado. Virando-se em parte, fitou Astinus com um olhar ardente, perigoso.

— Tenha cuidado, velho amigo — avisou o mago —, ou você interferiria com a história?

— Eu não interfiro — replicou Astinus —, como bem sabe. Sou um observador; apenas faço registros. Em todas as coisas, sou neutro. Conheço os vossos esquemas, os vossos planos, tal como conheço os esquemas e os planos de todos aqueles que respiram hoje. Por isso, escute-me, Raistlin Majere, e considere este aviso. Esta é adorada pelos deuses, tal como se infere do seu nome.

— Adorada pelos deuses? Isso somos todos nós, não é verdade, Venerável Filha? — inquiriu Raistlin, voltando-se mais uma vez para Crysania. A sua voz era suave como o veludo das suas vestes — Não se encontra isso escrito nos discos de Mishakal? Não é isso o que o devoto Elistan ensina?

— Sim — afirmou Crysania lentamente, olhando-o com suspeita e esperando mais escárnio. Mas o rosto metálico revelou-se sério, adquirindo repentinamente a aparência de um sábio, inteligente e sábio — Assim está escrito — Sorriu friamente — Fico satisfeita por ter lido os discos sagrados, embora não tenha, obviamente, aprendido nada com eles. Não se lembra do que é dito no...

Foi interrompida por Astinus, resfolegando.

— Já fui mantido afastado dos meus estudos por muito tempo — O historiador atravessou o chão de mármore até à porta da antecâmara — Toquem para chamar Bertrem quando estiverem preparados para partir. Adeus, Venerável Filha. Adeus... velho amigo.

Astinus abriu a porta. O silêncio pacífico da biblioteca invadiu o aposento, banhando Crysania com uma frescura refrescante. Sentiu-se controlada e descontraíu-se. A mão libertou o medalhão. Com formalidade e graciosidade, fez uma reverência de despedida a Astinus, o mesmo fazendo Raistlin. Depois, a porta fechou-se atrás do historiador. Ficaram os dois sozinhos.

Por largos instantes, nenhum deles falou. Depois Crysania, sentindo o poder de Paladine a atravessá-la, virou-se para enfrentar Raistlin.

— Tinha-me esquecido de que fora você, e aqueles que o acompanhavam, quem recuperou os discos sagrados. Claro que tinham de lê-los. Gostaria de discuti-los mais em pormenor consigo mas, doravante, em quaisquer futuros contatos que possamos vir a ter, Raistlin Majere — proferiu, na sua voz gélida —, pedirei que fale sobre Elistan com maior respeito. Ele...

Parou espantada, observando com alarme quando o corpo delgado do mago pareceu desintegrar-se perante os seus olhos.

Contorcido por espasmos de tosse, agarrando o peito, Raistlin tentava respirar. Cambaleou. Se não fosse o bastão a que se encontrava apoiado, teria caído para o chão. Esquecendo a sua aversão e repulsa, reagindo sob instinto, Crysania estendeu as mãos, posicionou-as sobre os ombros dele, murmurando uma oração de cura. Sob as suas mãos, as vestes negras eram macias e quentes.

Podia sentir os músculos de Raistlin contorcendo-se em espasmos, sentir a sua dor e sofrimento. A compaixão encheu-lhe o coração.

Raistlin repudiou o toque dela, empurrando-a para o lado. O ataque de tosse foi aliviando gradualmente. Conseguindo respirar livremente de novo, olhou para ela com desprezo.

— Não desperdice as suas orações comigo, Venerável Filha — disse, amargamente. Retirando um pano macio das vestes, levou-o aos lábios e Crysania viu que ficou manchado de sangue — Não existe cura para a minha doença. Isto é o sacrifício, o preço que paguei pela minha magia.

— Não compreendo — murmurou ela. As suas mãos contraíram-se ao recordar-se vivamente da suavidade aveludada das vestes negras, ao mesmo tempo que agarrava os dedos inconscientemente, por detrás das costas.

— Não? — perguntou Raistlin, fitando profundamente a alma dela com os seus olhos estranhos e dourados — Qual foi o sacrifício que fez para adquirir o *seu* poder?

Um leve corar, quase invisível à luz da fogueira que morria, manchou as faces de Crysania com sangue, tanto quanto os lábios do mago estavam manchados. Alarmada perante esta invasão do seu ser, desviou o rosto, os olhos fitando de novo através da janela. A noite caíra sobre Palanthas. A lua prateada, Solinari, constituía um rasgo de luz no céu negro. A lua vermelha, sua gêmea, ainda não se erguera. “A lua negra”, interrogou-se Crysania, “onde estaria? Poderia ele realmente vê-la?”

— Tenho de partir — disse Raistlin, a respiração provocando ruídos na sua garganta — Estes espasmos enfraqueceram-me. Necessito de repouso.

— Certamente.

Crysania sentiu-se outra vez calma. Com todas as suas emoções extremas reposicionadas adequadamente no seu lugar, virou-se para enfrentá-lo de novo.

— Agradeço-lhe por ter vindo...

— Mas o nosso assunto não está concluído — disse Raistlin, suavemente — Gostaria de dispor de uma oportunidade para lhe provar que todos esses receios do seu deus são infundados. Tenho

uma sugestão a fazer-lhe. Venha visitar-me na torre da alta feitiçaria. Aí me verá entre os meus livros e compreenderá os meus estudos. Quando o fizer, o seu espírito ficará tranqüilo. Tal como é revelado nos discos, só receamos aquilo que desconhecemos — Deu um passo na direção dela.

Surpreendida com a proposta dele, os olhos de Crysania alargaram-se. Tentou afastar-se dele, mas, inadvertidamente, deixara-se encurralar pela janela.

— Não poderei ir... à torre — hesitou, enquanto a proximidade dele a abafava, lhe roubava a respiração. Tentou passar em redor dele, mas o homem moveu ligeiramente o bastão, bloqueando-lhe o caminho. Finalmente, prosseguiu: — Os feitiços lançados sobre ela, mantêm afastados todos...

— Com exceção daqueles a quem *eu* permito a entrada — murmurou Raistlin. Dobrando o pano manchado de sangue, voltou a guardá-lo numa algibeira secreta das suas vestes. Depois, estendendo a mão, pegou na de Crysania.

— Como é corajosa, venerável irmã — comentou — Não estremece perante o meu toque demoníaco.

— Paladine está comigo — replicou Crysania, com desdém.

Raistlin sorriu, um sorriso caloroso, negro e secreto, um sorriso destinado apenas aos dois. Daí fascinou Crysania. Puxou-a mais para junto dele. Depois, largou-lhe a mão. Encostando o bastão à cadeira, segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos, colocando os dedos por cima do capuz branco que ela usava. Agora, Crysania estremeceu perante o toque dele, mas não conseguia se mover, não conseguia falar ou fazer qualquer outra coisa que não fosse fitá-lo com um receio desenfreado, o qual não tinha poder para suprimir ou compreender.

Segurando-a firmemente, Raistlin baixou-a e roçou os lábios raiados de sangue pela frente dela. Ao fazê-lo, murmurou estranhas palavras. Depois libertou-a.

Crysania vacilou e quase caiu. Sentia-se fraca e atordoada. Levou a mão à testa, onde o toque dos lábios dele lhe queimava a pele com uma dor penetrante.

— O que fez? — gritou, desesperada — Não pode fazer-me um feitiço! A minha fé protege...

— É claro — Raistlin suspirou de cansaço e revelou uma expressão de mágoa no rosto e voz, a mágoa de alguém de quem se suspeita constantemente, de quem é incompreendido — Limitei-me a transmitir-lhe forças mágicas que lhe permitirão atravessar o bosque de Shoikan. O caminho não será fácil — O seu sarcasmo regressara — Mas, sem sombra de dúvida, a sua fé a sustentará!

Descendo um pouco o capuz o mago fez uma reverência em silêncio para Crysania, que apenas podia olhar para ele, caminhando de seguida para a porta com passos lentos e vacilantes. Estendendo uma mão esquelética, puxou o cordão da campainha. A porta abriu-se e Bertrem entrou de forma tão rápida e repentina que Crysania compreendeu que deveria ter sido colocado a postos lá fora. Os seus lábios comprimiram-se. Lançou ao esteta um olhar tão furioso e imperioso que o homem empalideceu visivelmente, embora sem consciência de que pudesse ter cometido qualquer crime, limpando a testa húmida com a manga das suas vestes.

Raistlin preparou-se para partir, mas Crysania o fez parar.

— Eu... eu peço desculpa pelo fato de não ter confiado em ti, Raistlin Majere — disse, suavemente — E, mais uma vez, agradeço-lhe por ter vindo.

Raistlin virou-se.

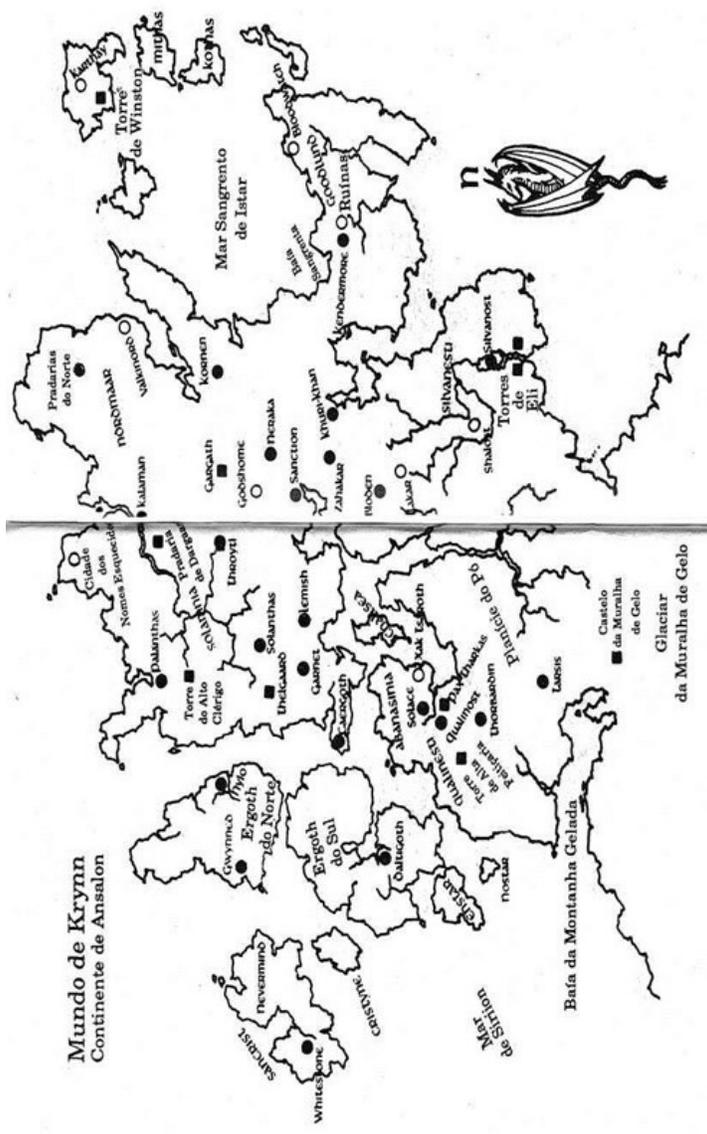
— E eu peço desculpa pela minha língua afiada — disse — Adeus, Venerável Filha. Se efetivamente não receia o conhecimento, venha então à torre dentro de duas noites a partir desta, quando Lunitari fez o seu primeiro aparecimento no céu.

— Lá estarei — respondeu Crysania firmemente, notando, com prazer, o olhar de horror chocado de Bertrem. Inclinando a cabeça em forma de despedida, pousou a mão levemente sobre as traseiras da cadeira de madeira esculpida.

O mago saiu do aposento, Bertrem seguiu-o, fechando a porta atrás de si.

Permanecendo só na sala quente e silenciosa, Crysania caiu de joelhos diante da cadeira.

— Oh, obrigada, Paladine! — afirmou — Aceito o teu desafio. Consequirei alcançar os teus propósitos! Não falharei!



Mundo de Krynn
Continente de Ansalon

Glaciar da Muralha de Gelo

Bacia da Montanha Gelada

Sarnak

Whitespire

Castylve

Mar de Estilon

Bacia da Montanha Gelada

Laosis

Castelo da Muralha de Gelo

Glaciar da Muralha de Gelo



Mar Sangrento de Istar

Torre de Winstor
muyhas
koyhas

Pradarias do Norte

Yuanan

koenen

Gaeath

Goohome

Picraaka

Sancton

Zahakao

RUOON

Jasar

Shakao

SIVADRETI

Torres do Sul

Sivanost

Clas de las

Nomea Espectada

Damanthas

Terre de Alto Clergo

Imoydi

Solanthas

Dhicoambo

Garnet

Lemish

Castylve

Kak Eslooth

Platice do Po

Castelo da Muralha de Gelo

Laosis

Gwynnco

Ergoth do Norte

Ergoth do Sul

Quatcooth

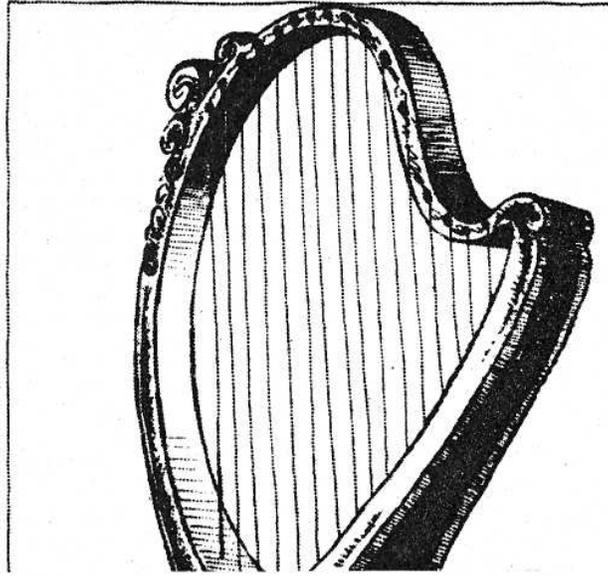
Castylve

Devenumb

Castylve

LIVRO UM





CAPÍTULO 1

Atrás dela, podia escutar o som de pés com garras, raspando através das folhas da floresta. Tika ficou tensa, mas atuou como se nada ouvisse, tentando assim enganar a criatura. Agarrou com firmeza a espada na mão. O coração batia-lhe fortemente. Os passos aproximavam-se cada vez mais e podia escutar a forte respiração. O toque de uma mão com garras fez-se sentir sobre o seu ombro. Virando-se repentinamente, Tika vibrou a espada e... derrubou uma bandeja cheia de canecas, com um ruído estrondoso.

Dezra gritou e deu um salto para trás, alarmada. Patronos sentados no bar começaram a rir. Tika sabia que o seu rosto devia estar tão vermelho quanto o seu cabelo. O coração batia desordenadamente, as mãos tremiam.

— Dezra — disse, friamente —, tem a graciosidade e a esperteza de um anão bobo. Talvez fosse melhor você e Raf trocarem de lugares. *Você* leva o lixo e deixarei que *e/le* sirva às mesas!

Dezra olhou para cima de onde se encontrava ajoelhada, apanhando os cacos do chão, onde flutuavam num mar de cerveja.

— Talvez fosse melhor! — gritou a empregada, atirando os fragmentos de novo para o soalho — Sirva você mesma às mesas... ou tal não combina contigo, Tika Majere, heroína de Lance?

Depois de Tika lhe ter lançado um olhar magoado e de repreensão, Dezra, ergueu-se, deu um pontapé na louça de barro e saiu da estalagem.

Quando a porta foi aberta repentinamente, bateu com força, fazendo com que Tika esboçasse um careta desagradável ao prever estragos na madeira. Palavras duras surgiram-lhe nos lábios, mas mordeu a língua e evitou que fossem proferidas, sabendo que mais tarde as lamentaria.

A porta permaneceu aberta, permitindo que a luz da tarde que morria inundasse a estalagem. O brilho rubro do sol poente reluziu na superfície de madeira recentemente polida do bar e cintilou nos copos. Dançava mesmo no barro espalhado pelo chão. Tocou nos caracóis rubros de Tika de forma gozadora, como se fosse a mão de um amante, fazendo com que muitos dos patronos que riam em silêncio se calassem e admirassem demoradamente a atraente mulher.

Tika não reparou em tal fato. Envergonhada agora com a sua irritação, espreitou pela janela, por onde conseguiu avistar Dezra, secando os olhos com um avental. Um cliente entrou pela porta aberta, fechando-a atrás de si. A luz desapareceu, deixando de novo a estalagem mergulhada numa semi-escuridão fria.

Tika passou uma mão pelos seus próprios olhos. “E que tipo de monstro estou me tornando?”, perguntou a si mesma, com remorsos. Afinal de contas, a culpa não fora de Dezra. É esta horrível sensação dentro de mim! Quase desejava que voltasse a haver draconianos para combater. Ao menos assim saberia o que temia, pelo menos poderia lutar contra isso com as minhas próprias mãos! Como posso combater contra algo a que nem sei o que chamar?

Vozes penetraram nos seus pensamentos, exigindo cerveja e comida. O riso cresceu, ecoando através da estalagem Last Home.

Foi isto que encontrei ao regressar. Tika fungou e limpou o nariz com um pano do bar. Este é o meu lar. Esta gente é tão certa, bonita e calorosa quanto o sol que se põe. Encontro-me rodeada pelos sons do amor: riso, boa camaradagem, um cão fiel...

Cão fiel! Tika suspirou e apressou-se saindo detrás do balcão.

— Raf! — exclamou, desesperada, fitando o anão.

— Cerveja derramada. Eu limpar — disse, olhando para ela e passando alegremente a mão pela boca.

Muitos dos clientes habituais riram, mas alguns, novos na estalagem, fitavam o anão com desprezo.

— Usa este pano para limpar! — disse Tika, pelo canto da boca, ao mesmo tempo que sorria levemente para os clientes, em forma de desculpa. Atirou o pano ao anão e este apanhou-o. Mas limitou-se a segurá-lo na mão, fitando-o com uma expressão confusa.

— O que fazer eu com isto?

— Limpa o que foi entornado! — zangou-se Tika, tentando, sem sucesso, mantê-lo fora de vista dos clientes com a sua longa saia ondeante.

— Oh! Eu não precisar disso — afirmou Raf solenemente — Eu não sujar pano limpo! — Entregando o pano de novo a Tika, o anão colocou-se mais uma vez de quatro e começou a lamber a cerveja derramada, agora misturada com lama.

Com o rosto fervendo, Tika puxou Raf pelo colarinho, abanando-o.

— Use o pano! — murmurou, furiosa — Os clientes estão perdendo o apetite! E, quando acabar essa tarefa, quero que vá levantar aquela mesa grande junto da lareira. Estou à espera de amigos... — Tika parou.

Raf fitava-a, de olhos muito abertos, tentando absorver as complicadas instruções. Ele era invulgar, tal como era próprio de qualquer anão bobo. Só se encontrava ali há apenas três semanas e Tika já lhe ensinara a contar até três (poucos anões bobos passavam do dois) e libertara-se finalmente do mau cheiro. Esta recém-descoberta proeza intelectual, combinada com a limpeza, o teria tornado um rei num reino de anões bobos, mas Raf não possuía tais

ambições. Sabia que nenhum rei vivia como ele vivia, “limpando” cerveja derramada (se fosse rápido) e “levando para fora” o lixo. Mas havia limites para os talentos de Raf, e Tika acabara de descobri-los.

— Estou à espera de amigos e... — começou ela de novo, mas depois desistiu — Oh, deixa lá. Apenas limpe isto, *com o pano* — acrescentou severamente —, e depois venha falar comigo para saber o que deve fazer em seguida.

— Eu não beber? — começou Raf, mas reparou no olhar furioso de Tika — Eu fazer.

Suspirando de desapontamento, o anão bobo pegou no pano e passou com ele no chão, murmurando sobre “desperdiçar boa cerveja”. Depois apanhou alguns pedaços das canecas partidas e, depois de mirá-los por momentos, sorriu e enfiou-os nas algibeiras da camisa.

Tika interrogou-se por instantes acerca do que ele planejava fazer com eles, mas sabia que o melhor seria não perguntar. Regressando ao balcão, pegou em mais umas canecas e encheu-as, tentando não reparar que Raf se cortara em alguns dos pedaços mais afiados e que se sentara sobre as pernas observando, com profundo interesse, o sangue pingando-lhe da mão.

— Tem... uh... visto Caramon? — perguntou Tika ao anão, casualmente.

— Não — Raf esfregava a mão ensangüentada no cabelo — Mas eu saber onde ir ver. Pôs-se de pé com um salto.

— Eu ir procurar?

— Não! — disse Tika, franzindo a sobrancelha — Caramon está em casa.

— Eu não pensar que sim — afirmou Raf, abanando a cabeça — Não depois do sol se pôr...

— Está em casa! — rosou Tika tão irritada que o anão bobo se afastou dela, estremecendo.

— Quer apostar? — murmurou Raf, mas muito baixinho.

Nos dias que corriam, o temperamento de Tika estava tão ardente como o seu cabelo ruivo.

Felizmente para Raf, Tika não o ouviu. Acabou de encher as canecas de cerveja e levou-as sobre uma bandeja para um grupo de duendes sentados junto da porta.

Estou à espera de amigos, disse para si mesma, aborrecida. Queridos amigos. Outrora, sentira-se tão ansiosa por se encontrar com Tanis e Riverwind. Agora... Suspirou, passando as canecas de cerveja sem perfeita consciência do que estava fazendo. Em nome dos verdadeiros deuses, rezou, eles que venham e partam rapidamente! Se ficassem... se descobrissem...

O coração de Tika afundou-se perante tal pensamento. O seu lábio superior estremeceu. Se ficassem, seria o fim. Puro e simples. A sua vida terminaria. Subitamente, não conseguiu suportar a dor. Pousando apressadamente a última caneca de cerveja, Tika deixou os duendes, pestanejando rapidamente. Não reparou nos olhares perturbados que os duendes trocaram entre si ao fitarem as canecas de cerveja, e ela nunca se recordou que todos tinham pedido vinho.

Meio cega devido às lágrimas, Tika só pensava em escapar para a cozinha onde poderia chorar sem ser vista. Os duendes olharam em redor em busca de uma outra empregada, e Raf, suspirando de contentamento, voltou a colocar-se de quatro, lambendo com prazer o resto da cerveja.

Tanis Semiduende encontrava-se no fundo de uma pequena elevação, fitando a longa, direita e lodosa estrada que se estendia na sua frente. A mulher que escoltava e as suas montadas aguardavam a alguma distância dali. A mulher precisara de um pouco de repouso, tal como os cavalos. Embora o seu orgulho a tivesse impedido de proferir uma palavra, Tanis vira que o rosto dela estava cinzento e abatido de fadiga. Na verdade, durante a viagem desse dia, adormecera sobre a cela e teria caído se não fosse o forte braço de Tanis. Assim, embora estivesse ansiosa por alcançar o seu destino, não protestara quando Tanis afirmou que desejava ir sozinho à frente para verificar a estrada. Ajudou-a a descer do cavalo e viu-a instalar-se numa moita escondida.

Não se sentia muito satisfeito por deixá-la só, mas pressentia que as negras criaturas que os seguiam tinham ficado muito para trás. A insistência dele em relação à velocidade tinha revelado o seu

proveito, embora, quer ele quer a mulher, estivessem doloridos e exaustos. Tanis desejou conseguir manter-se à frente das coisas até poder entregar a sua companheira à única pessoa em Krynn em condições de auxiliá-la.

Cavalgavam desde o amanhecer, fugindo a um horror que os seguira desde que deixaram Palanthas. De que se tratava exatamente, Tanis, com toda a sua experiência durante as guerras, não podia saber com certeza. E isso tornava tudo muito mais assustador. Nunca surgia quando confrontado, era apenas visível pelo canto do olho que mirava qualquer outra coisa. A sua companheira também o sentira, podia afirmá-lo, embora, o que era característico da sua personalidade, ela fosse muito orgulhosa para admitir o medo.

Afastando-se da moita, Tanis sentiu-se culpado. Não a deveria deixar sozinha, sabia-o. Não deveria estar desperdiçando tempo precioso. Todos os seus sentidos de guerreiro protestaram. Mas havia algo que tinha de fazer, e tinha de fazê-lo a sós. Atuar de outra forma teria parecido sacrilégio.

Assim, Tanis encontrava-se no fundo da colina, reunindo coragem para avançar. Qualquer pessoa que olhasse para ele poderia pensar que se preparava para lutar contra um ogre. Mas tal não era o caso. Tanis Semiduende regressava a casa. E ele ansiava e temia, simultaneamente, aquilo que iria ver.

O sol da tarde iniciava a sua viagem descendente em direção à noite. Seria já escuro quando alcançasse a estalagem, e receava percorrer as estradas de noite. Mas, uma vez lá, esta horrível viagem terminaria. Deixaria a mulher em mãos capazes e seguiria caminho para Quali-nesti. Mas, primeiro, havia algo que tinha de enfrentar. Com um suspiro profundo, Tanis Semiduende puxou o capuz verde para cima da cabeça e começou a subir.

Alcançando o topo, o seu olhar caiu sobre um enorme rochedo, coberto de musgo. Por momentos, foi invadido pelas suas recordações. Cerrou os olhos, sentindo as lágrimas sobre as pálpebras.

“Luta estúpida”, ouviu a voz do anão ecoar na sua memória. “Foi a coisa mais idiota que jamais fiz!”

Flint! Meu velho amigo!

“Não posso prosseguir”, pensou Tanis. “É muito doloroso. Para que fui concordar em regressar? De nada me serve agora... nada a não ser a dor de velhas feridas. Pelo menos, a minha vida é boa. Encontro-me finalmente em paz, feliz. Porquê... por que lhes disse que viria?”

Soltando um profundo suspiro, abriu os olhos e fitou o rochedo. Há dois anos atrás, faria três neste Outono, escalara esta elevação e encontrara-se com o seu amigo de longa data, o anão, Flint Fireforge, sentado naquele rochedo, esculpindo madeira e lamentando-se, como era habitual. Esse encontro pusera em movimento acontecimentos que abalaram o mundo, culminando com a guerra de Lance, a batalha que enviara a Rainha das Trevas de novo para o abismo e recuperara o poder dos grão-lordes do dragão.

“Agora sou um herói”, pensou Tanis, olhando tristemente para a vistosa armadura de cavaleiro que usava: peito de armas de um cavaleiro de Solamnia; faixa verde acetinada, marca dos Wildrunners de Silvanesti, as legiões de maior nobreza dos duendes; o medalhão de Kharas, a mais alta honra dos anões; para além de uma série de outras condecorações. Ninguém, humano, duende ou semi-duende, recebera tantas honras. Era irônico. Ele que detestava armaduras, que detestava cerimoniais, via-se agora forçado a usá-la, tal como era imposto pela sua posição. Como o velho anão teria rido.

“Você, um herói!”, quase podia ouvir o anão zombar. Mas Flint tinha morrido. Morrera fizera esta Primavera dois anos, nos braços de Tanis.

“Para quê a barba?”, podia jurar mais uma vez que escutava a voz de Flint, as primeiras palavras que dissera quando vira o semiduende na estrada. “Já era suficientemente feio.”

Tanis sorriu e coçou a barba que nenhum duende em Krynn podia deixar crescer, barba essa que constituía o sinal extrínseco e visível da sua herança meio humana.

“Flint conhecia muito bem os motivos da barba”, pensou Tanis, fitando carinhosamente o rochedo aquecido pelo sol. Conhecia-me melhor do que eu conhecia a mim mesmo. Estava ao corrente do

caos que agitava a minha alma. Sabia que eu tinha uma lição para aprender.

— E aprendi-a — murmurou Tanis para o amigo que estava com ele apenas espiritualmente — Aprendi-a, Flint. Mas... oh, como foi penosa!

Chegou até Tanis o cheiro de fumaça de madeira. Isso e os raios inclinados do sol. O frio do ar primaveril o fez recordar que ainda tinha uma certa distância a percorrer. Voltando-se, Tanis Semiduende olhou para baixo para o vale onde passara os anos amargo-doces da sua mocidade. Virando-se, Tanis Semiduende fitou Solace, em baixo.

Era Outono da última vez que vira a pequena cidade. As árvores no vale tinham adquirido as cores da estação, os brilhantes vermelhos e dourados desfalecendo para o purpúreo dos cumes das montanhas Kharolis à distância, o profundo azul-celeste do céu espelhando-se nas águas tranqüilas do Lago Crystalmir. Havia então fumaça sobre o vale, a fumaça de fogueiras de casas ardendo na pacífica cidade que outrora se empoleirava nas árvores como pássaros felizes. Ele e Flint tinham observado as luzes acenderem-se, uma a uma, nas casas que se espalhavam por entre as folhas das grandes árvores. Solace, cidade de árvores, uma das belezas e maravilhas de Krynn.

Por momentos, Tanis visionou a imagem de forma tão clara como há dois anos atrás. Depois, a visão desvaneceu-se. Nessa altura era Outono. Agora era Primavera. A fumaça permanecia lá, a fumaça das lareiras das casas. Mas, agora provinha sobretudo de casas construídas no chão. Havia o verde da vida, das coisas que cresciam, mas parecia apenas enfatizar, na mente de Tanis, as cicatrizes negras sobre a terra; cicatrizes que nunca poderiam ser integralmente eliminadas, embora, aqui e ali, avistasse as marcas da agricultura por cima delas.

Tanis abanou a cabeça. Toda a gente pensara que, com a destruição do templo maldito da rainha Neraka, a guerra tinha terminado. Toda a gente ansiava por lavrar por cima da terra negra e queimada, chamuscada pelo fogo dos dragões, e por esquecer a sua dor.

Os seus olhos focaram o enorme círculo negro que existia no centro da cidade. Aqui, nada cresceria. Nenhuma planta podia revolver o solo atacado pelo fogo dos dragões e infiltrado com o sangue de inocentes, assassinados pelas tropas dos grão-lordes do dragão.

Tanis sorriu tristemente. Podia imaginar como a visão daquele local devia irritar os que trabalhavam para esquecer. Sentia-se satisfeito por aquela marca lá se encontrar. Desejou que aí permanecesse, para sempre.

Suavemente, repetiu palavras que ouvira Elistan proferir, quando o clérigo dedicou, numa cerimônia solene, a Torre de Alto Clerist à memória dos cavaleiros que ali pereceram.

“Temos de nos lembrar ou cairemos na complacência, tal como já fizemos antes, e o mal regressará de novo.”

“Se não estiver já sobre nós”, pensou Tanis amargamente. E, com esse pensamento, voltou-se e desceu rapidamente a colina.

A estalagem Last Home estava repleta nessa noite.

Embora a guerra trouxesse a devastação e a destruição aos residentes de Solace, o final da mesma proporcionara tal prosperidade que havia já quem afirmasse que não fora “uma coisa assim tão má”. Solace era, desde há muito, o caminho de passagem para viajantes através das terras de Abanasínia. Mas, nos dias que antecederam a guerra, o número de viajantes era relativamente pequeno. Os anões, com exceção de alguns renegados como Flint Fireforge, tinham-se encerrado no seu reino da montanha de Thorbardin ou barricado nas colinas, recusando-se a ter qualquer tipo de relações com o resto do mundo. Os duendes procederam de igual modo, habitando nas terras bonitas de Qualinesti, no sudoeste, e Silvanesti, na extremidade ocidental do continente de Ansalon.

A guerra alterara tudo isto. Duendes, anões e humanos viajavam agora com frequência, as suas terras e reinos abertos a todos. Mas quase fora necessário a aniquilação total para o surgimento deste frágil estado de fraternidade.

A estalagem Last Home, sempre popular entre os viajantes devido à boa bebida e às famosas batatas condimentadas de Otik, tornou-se ainda mais popular. As bebidas continuavam boas e as

batatas ainda melhores, embora Otik se tivesse retirado, mas o verdadeiro motivo para o aumento de popularidade da estalagem foi o fato de ter se tornado num local de renome. Os heróis de Lance, como agora eram chamados, tinham freqüentado esta estalagem em tempos passados, segundo se afirmava.

Na verdade, antes de se retirar, Otik pensara seriamente na hipótese de colocar uma placa por cima da mesa junto da lareira, talvez qualquer coisa como "Tanis Semiduende e os seus companheiros beberam aqui". Mas Tika opusera-se à idéia com tal veemência (o mero pensamento do que Tanis diria se avistasse tal coisa fazia arder as faces de Tika) que Otik não pensou mais no assunto. Mas o rotundo estalajadeiro nunca se cansava de contar aos seus clientes a história da noite em que a mulher bárbara cantara a sua estranha canção e curara Hoderick, *o Teocrata*, com o seu bastão azul de cristal, fornecendo a primeira prova da existência dos antigos e verdadeiros deuses.

Tika, que assumira a gestão da estalagem depois da retirada de Otik e que esperava poupar o dinheiro suficiente para comprar o negócio, desejava ardentemente que Otik se contivesse e não contasse essa história de novo esta noite. Mas teria sido melhor se tivesse depositado as suas esperanças noutras coisas.

Estavam presentes diversos grupos de duendes que viajaram desde Silvanesti para assistir ao funeral de Solos-taran, orador dos Sóis e governador das terras dos duendes de Qualinesti. Não só incentivaram Otik a contar a sua história, como também contaram algumas suas, acerca da visita dos heróis à terra deles e de como a libertaram do dragão demoníaco, Cyan Bloodbane.

Tika viu Otik olhar ansiosamente na direção dela quando ouviu estes pedidos. Tika fora, afinal de contas, um dos membros do grupo que estivera em Silvanesti. Mas esta silenciou-o com um furioso abanar da cabeleira ruiva. *Essa* era uma das partes da jornada deles que ela sempre se recusava a relatar ou mesmo a discutir. Na verdade, rezava de noite para esquecer os hediondos pesadelos dessa terra torturada.

Tika cerrou os olhos por momentos, desejando que os duendes mudassem de assunto. Tinha agora os seus próprios

pesadelos. Não necessitava de pesadelos passados para a atormentarem. “Deixa apenas que eles cheguem e partam rapidamente”, disse suavemente para si mesma e para qualquer deus que a pudesse estar ouvindo.

O sol acabara de se pôr. Os clientes não paravam de entrar, exigindo comida e bebida. Tika pedira desculpas a Dezra; as duas amigas partilharam juntas algumas lágrimas e mantinham-se agora ocupadas da cozinha para o bar e do bar para as mesas. Tika assustava-se cada vez que a porta se abria, e franziu a sobrancelha irritada quando ouviu a voz de Otik sobrepor-se ao ruído de canecas e línguas.

— ... uma linda noite de Outono, tanto quanto me lembro, e eu estava, obviamente, mais ocupado que um sargento draconiano comandando as tropas.

Isto surtia sempre gargalhadas. Tika rangeu os dentes. Otik dispunha de uma assistência interessada e estava plenamente empenhado. Não havia agora qualquer processo de pará-lo.

— Nessa época, a estalagem ficava nas árvores do vale, tal como o resto da nossa adorável cidade antes de os dragões a destruírem. Ah, como era bonita naqueles velhos tempos.

Suspirou. Suspirava sempre neste ponto, e limpou uma lágrima. Elevou-se um murmúrio de simpatia vindo da assistência.

— Onde eu estava?— Assoou o nariz, outra parte da sua representação — Ah, sim. Ali estava eu, por detrás do bar, quando a porta se abriu...

A porta abriu-se. Podia ter sido consequência de uma deixa, tão perfeita foi a sincronização. Tika afastou para trás uma mecha de cabelo ruivo de cima da fronte transpirada e olhou com nervosismo. Um silêncio súbito encheu a sala. Tika ficou tensa, as unhas cravando-se nas mãos.

Um homem alto, tão alto que teve que se abaixar para entrar na sala, parara na entrada. O cabelo era escuro, o rosto rígido e austero. Embora envolto em peles, era óbvio, pelo andar e porte, que o seu corpo era forte e musculoso. Lançou um olhar rápido ao redor da estalagem, apreciando os que se encontravam presentes, consciente e precavido contra o perigo.

Mas tratava-se apenas de um ato instintivo pois, quando o seu olhar penetrante e sombrio repousou em Tika, o rosto austero descontraíu-se num sorriso e abriu os braços.

Tika hesitou, mas a visão do seu amigo encheu-a subitamente de alegria e de uma estranha onda de nostalgia. Dirigindo-se a ele através da multidão, foi apanhada no seu braço.

— Riverwind, meu amigo! — murmurou, com a voz incerta.

Apertando a jovem mulher nos braços, Riverwind ergueu-a sem esforço, como se se tratasse de uma criança. A multidão lançou vivas, batendo com as canecas sobre a mesa. A maioria não conseguia acreditar na sua sorte. Ali estava um herói de Lance em pessoa, como que trazido nas asas da história de Otik. E mantinha ainda esse aspecto! Estavam encantados.

Depois de ter libertado Tika, o homem alto retirou o abrigo de peles de cima dos ombros. Agora todos podiam avistar o manto de chefe de tribo que o homem das planícies usava, as suas secções em forma de V de peles e couro trabalhado, cada uma representando uma das tribos das planícies que ele governava. O seu rosto esbelto, embora mais envelhecido e preocupado do que da última vez que Tika o vira, estava bronzeado devido ao sol e aos elementos atmosféricos, e havia uma alegria interior nos olhos do homem que demonstrava que encontrara, na sua vida, a paz que buscava há anos.

Tika sentiu uma sensação de aperto na garganta e virou-se rapidamente, mas não com a rapidez suficiente.

— Tika — disse, a pronúncia acentuada, motivada pela nova convivência com o seu povo — é bom ver-te bem e ainda bonita. Onde está Camaron? Estou ansioso por vê-lo... Mas, Tika, o que se passa?

— Nada, nada — afirmou Tika bruscamente, abanando os caracóis ruivos e pestanejando — Vem comigo, reservei um lugar para você perto da lareira. Deve estar exausto e esfomeado.

Conduziu-o por entre a multidão, falando sem parar, nunca permitindo que ele proferisse uma palavra. Inadvertidamente, a multidão auxiliou-a, mantendo Riverwind ocupado ao reunirem-se em redor dele para tocarem e se maravilharem com o seu manto de

peles, ou tentando apertar-lhe a mão (costume esse que os homens das planícies consideravam bárbaro) ou pondo-lhe bebidas à sua frente.

Riverwind aceitou tudo isto estoicamente, ao seguir Tika por entre a gente excitada, aproximando mais de si a bonita espada de duende. O seu rosto austero escureceu levemente, e espreitava com freqüência pelas janelas, como se desejasse já escapar desta sala barulhenta e quente e regressar ao ar livre que adorava. Mas Tika afastava habilmente os clientes e não tardou que ela e o seu velho amigo se encontrassem sentados junto da lareira, numa mesa isolada perto da porta da cozinha.

— Volto já — disse ela, oferecendo-lhe um sorriso e desaparecendo na cozinha antes que ele pudesse abrir a boca.

O som da voz de Otik ergueu-se de novo, acompanhado por fortes pancadas. Como a sua história tinha sido interrompida, Otik servia-se da bengala, uma das armas mais temíveis em Solace, para repor a ordem. O estalajadeiro tinha agora uma perna aleijada e também gostava de contar essa história, como ele ficara ferido durante a queda de Solance, quando, por sua própria iniciativa e completamente só, dispersou os exércitos invasores de draconianos.

Agarrando num tacho cheio de batatas condimentadas e apressando-se a regressar para junto de Riverwind, Tika mirou Otik com irritação. Ela estava ao ciente da verdadeira história, como ele ferira a perna ao ser arrastado para fora do esconderijo onde se enfiara, por baixo do chão. Mas nunca o contou. No íntimo, gostava do velho homem como de um pai. Otik acolhera-a e criara-a, quando o seu próprio pai desaparecera, dando-lhe um trabalho honesto quando podia ter-se virado para o roubo. Além do mais, o simples fato de lhe lembrar que *ela* sabia a verdade ajudava a evitar que os grandes contos de Otik atingissem termos inadmissíveis.

A clientela estava relativamente tranqüila quando Tika voltou, dando-lhe oportunidade para conversar com o velho amigo.

— Como está Goldmoon e o seu filho? — perguntou com animação, reparando que Riverwind a fitava e estudava atentamente.

— Ela está bem e manda saudações — respondeu Riverwind, na sua voz profunda e baixa — O meu filho (*os seus olhos brilharam de orgulho*) está quase um homem, pois já tem esta altura e monta um cavalo melhor do que muitos guerreiros.

— Estava à espera que Goldmoon viesse contigo — disse Tika com um suspiro que não queria que Riverwind tivesse ouvido.

O alto homem das planícies comeu por momentos em silêncio, antes de responder.

— Os deuses abençoaram-nos com mais duas crianças — disse, fitando Tika com uma estranha expressão nos olhos negros.

— Duas? — Tika mostrou um ar espantado e depois disse: — Oh, gêmeos! — gritou, com vivacidade — Como Caramon e Rais... — Parou abruptamente, mordendo o lábio.

Riverwind franziu a sobancelha e fez o sinal que afastava o mal. Tika corou e desviou o rosto. Sentiu um ruído intenso nos ouvidos. Ficou estonteada devido ao calor e ao barulho. Engolindo o sabor amargo na boca, esforçou-se por perguntar mais sobre Goldmoon e, passado algum tempo, conseguiu começar a ouvir a resposta de Riverwind.

— ... há ainda poucos clérigos na nossa terra. Há muitos convertidos, mas os poderes dos deuses chegam de forma lenta. Trabalha duramente, muito para o meu gosto, mas cada dia está mais bonita. E os bebês, as nossas filhas, têm ambas cabelo prateado-dourado...

Bebês... Tika sorriu tristemente. Vendo a expressão dela, Riverwind ficou em silêncio, terminou de comer e afastou o prato.

— Nada me daria mais prazer do que continuar esta visita — afirmou, lentamente —, mas não posso estar muito tempo afastado do meu povo. Conhece a urgência da minha missão. Onde está Cara...

— Tenho que ir verificar o seu quarto — disse Tika, erguendo-se de forma tão repentina que abanou a mesa, derramando a bebida de Riverwind — Aquele anão bobo deve estar fazendo a cama. O mais provável é encontrá-lo dormindo profundamente...

Afastou-se rapidamente. Mas não subiu as escadas para os quartos. Saindo pela porta da cozinha, permaneceu ali, sentindo o

vento noturno esfriando-lhe as faces escaldantes e fitando a escuridão.

— Permita que ele vá embora! — murmurou — Por favor...



CAPÍTULO 2

Talvez acima de tudo, Tanis temesse a sua primeira visão da estalagem Last Home. Fora aqui que tudo começara, fazia agora três anos, neste Outono. Ele, Flint e o irreprimível *kender*, Tasslehoff Burrfoot, tinham vindo ali naquela noite para se encontrarem com velhos amigos. Aqui, o seu mundo virara-se de pernas para o ar, para nunca mais voltar ao normal.

Mas, ao cavalgar em direção à estalagem, os seus receios foram diminuindo. Esta mudara tanto que era como chegar a um local desconhecido, a um local que não lhe trazia recordações. Erguia-se no chão e não nos ramos de uma grande árvore. Havia novos anexos e mais quartos para albergar todos os viajantes, além de um novo telhado, num estilo muito mais moderno. Todas as cicatrizes da guerra foram apagadas, tal como as recordações.

Então, no preciso momento em que Tanis se preparava para descontrair, a porta principal da estalagem abriu-se. A luz projetou-se para o exterior, formando um caminho dourado de boas-vindas, e o aroma de batatas condimentadas e o som de risos chegou através

da brisa da noite. As recordações regressaram de imediato, e Tanis baixou a cabeça, dominado.

Mas, talvez por sorte, não dispôs de tempo para reviver o passado. Quando ele e a sua companheira se aproximaram da estalagem, um rapaz do estábulo correu para agarrar nas rédeas dos cavalos.

— Comida e água — disse Tanis, escorregando cansado da sela e atirando uma moeda ao rapaz. Espreguiçou-se para descontraír os músculos — Mandei uma mensagem com antecedência para avisar que precisava de um cavalo fresco à minha espera. Chamo-me Tanis Semiduende.

O rapaz abriu os olhos de espanto. Já observara a brilhante armadura e o rico manto que Tanis usava. Agora, a sua curiosidade fora substituída por reverência e admiração.

— S-sim, *sir* — gaguejou, envergonhado por tal herói se dirigir a ele — O-o cavalo está pronto, de-devo trazê-lo ag-agora, *sir*?

— Não — Tanis sorriu — Primeiro vou comer. Traga-o dentro de duas horas.

— D-duas horas. Sim, *sir*. Obrigado, *sir* — Acenando a cabeça, o rapaz tirou as rédeas da mão insensível de Tanis e ficou ali, inerte, esquecendo-se por completo das suas tarefas, até que o cavalo impaciente se encostou a ele e quase o derrubou.

Quando o rapaz se afastou apressadamente, o semi-duende virou-se para auxiliar a sua companheira a descer da sela.

— Você deve ser feito de ferro — disse ela, olhando para Tanis enquanto este a ajudava a descer — Pretende realmente prosseguir viagem esta noite?

— Para ser franco, doem-me todos os ossos do corpo — começou Tanis, mas depois estacou, sentindo-se desconfortável. Era incapaz de se sentir à vontade junto desta mulher.

Tanis podia avistar o rosto dela refletido à luz quevinha da estalagem. Viu fadiga e dor. Os olhos dela estavam pálidos e as faces encovadas. Vacilava ao caminhar sobre o solo e Tanis apressou-se a dar-lhe o braço para se apoiar. Ela assim o fez, mas apenas por alguns instantes. Depois, recompondo-se, afastou-o de

forma gentil mas firme e caminhou sozinha, olhando em redor sem interesse.

Cada movimento magoava Tanis, e podia imaginar como esta mulher deveria se sentir, pouco acostumada a exercícios físicos ou a provações; Tanis viu-se forçado a encará-la com grande admiração. Não se lamentara nem uma única vez durante a longa e assustadora viagem. Acompanhara-o sempre, nunca ficando para trás e obedecendo sempre às instruções dele sem nunca as questionar.

Então por que razão, interrogou-se, não conseguia sentir nada por ela? O que haveria nela que o irritava e aborrecia? Olhando para rosto da mulher, Tanis obteve a resposta. O único sinal de calor que viu foi o que provinha da luz da estalagem. O rosto dela propriamente dito, mesmo exausto, era frio, impassível, destituído de... de quê? Humanidade? Revelara-se sempre assim ao longo desta longa e perigosa viagem. Oh, ela mostrara-se friamente cortês, friamente agradecida, friamente distante e remota. “Provavelmente, teria me sepultado friamente”, pensou Tanis severamente. Depois, como que censurando-se pelos seus pensamentos irreverentes, o seu olhar foi atraído pelo medalhão que ela usava em volta do pescoço, o dragão de platina de Paladine. Recordou-se das palavras de Elistan ao partir, proferidas em privado, momentos antes de iniciarem a viagem.

— Faz sentido que seja você a acompanhá-la, Tanis — disse o clérigo — De certa forma, ela inicia uma viagem muito semelhante à tua, realizada anos atrás, em busca de conhecimento próprio. Não, tem razão, ela ainda não sabe disso — Isto em resposta ao olhar dúbio de Tanis — Ela caminha em frente com os olhos fixos nos céus — Elistan sorriu tristemente — Ainda não aprendeu que, ao fazê-lo, uma pessoa acaba por tropeçar. A menos que aprenda, a queda dela pode ser dura — Abanando a cabeça, murmurou uma prece suave — Mas temos de depositar a nossa confiança em Paladine.

Tanis franzira a sobrancelha nessa altura e o mesmo acontecia agora, ao pensar nisso. Embora tivesse adquirido uma forte crença nos verdadeiros deuses, mais através do amor por Laurana e da sua fé do que por qualquer outro motivo, não se sentia à vontade para lhes confiar a sua vida e ficava impaciente com pessoas como Elistan

que, segundo parecia, atiravam um fardo muito pesado para os deuses. “Que o homem seja responsável por si mesmo, para variar”, pensou Tanis irritado.

— O que se passa, Tanis?— inquiriu Crysania friamente.

Apercebendo-se de que a estivera fitando durante todo este tempo, Tanis tossiu de embaraço, resfolegou, e desviou o olhar. Felizmente, o rapaz regressou para vir buscar o cavalo de Crysania, poupando a Tanis a necessidade de responder. Gesticulou em direção à estalagem, para onde se encaminharam.

— Na verdade — afirmou Tanis, quando o silêncio se tornou desconfortável —, gostaria muito de ficar aqui e visitar os meus amigos. Mas tenho de estar em Qualinesti depois de amanhã e só viajando sem parar conseguirei chegar a tempo. As minhas relações com o meu cunhado não são tão boas que me possa dar ao luxo de ofendê-lo, faltando ao funeral de Solostaran — E acrescentou, com um sorriso austero: — Quer política, quer pessoalmente, se compreende onde quero chegar.

Crysania retribuiu-lhe o sorriso, mas, Tanis reparou, não se tratava de um sorriso de compreensão. Era um sorriso de tolerância, como se estes assuntos de política e família estivessem abaixo dela.

Tinham alcançado a porta da estalagem.

— Além do mais — acrescentou Tanis suavemente —, sinto saudades de Laurana. Engraçado, não é? Quando ela está ao pé de mim e nos encontramos envolvidos nas nossas tarefas, passamos às vezes dias com apenas um sorriso ou um toque rápido e depois desaparecemos nos nossos mundos. Mas, quando estou longe dela, é como se subitamente despertasse e encontrasse o meu braço direito amputado. Posso ir para a cama pensando no meu braço direito, mas, quando desaparece...

Tanis parou abruptamente, sentindo-se um perfeito idiota, com receio de parecer um adolescente perdido de amores. Mas compreendeu que, aparentemente, Crysania não lhe prestava a mínima das atenções. Quanto muito, o seu rosto macio de mármore tornara-se ainda mais frio, de tal forma que, em comparação, a luz prateada da lua parecia transmitir mais afetividade. Abanando a cabeça, Tanis abriu a porta.

“Não invejo Caramon e Riverwind”, pensou severamente.

Os sons e odores calorosos e familiares da estalagem invadiram Tanis e, por longos momentos, tudo não passou de uma neblina. Aqui estava Otik, mais velho e gordo, se é que era possível, apoiando-se a uma bengala e batendo-lhe nas costas. Aqui estavam pessoas que não via há anos, que nunca tiveram nada a ver com ele, apertando-lhe a mão e aclamando a sua amizade. Aqui estava o velho bar, ainda brilhantemente polido e, de alguma forma, conseguiu pisar um anão bobo...

E depois, ali estava um homem alto com um manto de peles, e Tanis foi envolvido pelo caloroso abraço do seu amigo.

— Riverwind — sussurrou roucamente, apertando com força o homem das planícies.

— Meu irmão — disse Riverwind em Que-shu, a língua do seu povo. A clientela da estalagem regozijava-se estrondosamente, mas Tanis não os escutava, porque uma mulher de cabelo ruivo flamejante e sardas pousara uma mão no seu braço. Estendendo a mão, ainda abraçando Riverwind, Tanis puxou Tika para junto deles e, por largos instantes, os três amigos ficaram muito juntos, unidos pela mágoa, a dor e a glória.

Riverwind os fez voltar à realidade. Pouco acostumado a tais demonstrações de emoção em público, o alto homem das planícies adquiriu de novo a sua compostura, tossiu e endireitou-se, pestanejando rapidamente e franzindo a sobancelha para o teto até se sentir, de novo, senhor de si mesmo. Tanis, com a barba ruiva húmida das suas próprias lágrimas, deu mais um abraço a Tika e olhou depois em redor.

— Onde está o grande brutamontes do teu marido? — inquiriu, alegremente — Onde está Caramon?

Tratava-se de uma pergunta simples e Tanis estava totalmente desprevenido para a resposta. A multidão ficou de imediato em silêncio; parecia que alguém os tinha encerrado num barril. O rosto de Tika revelou um corar feio, murmurou algo incompreensível e, baixando-se, apanhou um anão bobo do chão e abanou-o de tal forma que os dentes estalaram na cabeça dele.

Espantado, Tanis olhou para Riverwind, mas o homem das planícies limitou-se a encolher os ombros e a erguer as negras sobranceiras. O semi-duende virou-se para perguntar a Tika o que se passava mas, nesse momento, sentiu um toque gelado no braço. Crysania! Esquecera-se dela por completo!

Corando, também ele, procedeu às apresentações.

— Permitam-me que vos apresente Crysania de Tarinius, Venerável Filha de Paladine — disse Tanis formalmente — *Lady Crysania*, Riverwind, chefe das tribos dos homens das planícies, e Tika Waylan Majere.

Crysania desapertou o agasalho de viagem e puxou o capuz para trás. Ao fazê-lo, o medalhão de platina que usava em redor do pescoço reluziu com a forte luz das velas da estalagem. As vestes de pura lã branca da mulher surgiram através das pregas do manto. Um murmúrio, simultaneamente de reverência e de respeito, percorreu a multidão.

— Uma eclesiástica sagrada!

— Perceberam o nome dela? Crysania! A seguir em linha...

— A sucessora de Elistan...

Crysania inclinou a cabeça. Riverwind inclinou-se, o rosto solene, e Tika, de rosto ainda tão corado que parecia febril, empurrou Raf apressadamente para trás do bar, fazendo de seguida uma profunda reverência.

Ao ouvir o nome de casada de Tika, Majere, Crysania olhou para Tanis de forma interrogadora e recebeu a sua anuência em resposta.

— Sinto-me honrada — afirmou Crysania com a sua voz rica e calma —, por conhecer duas pessoas cujos feitos corajosos brilham como um exemplo para todos nós.

Tika corou de embaraço, embora satisfeita. O rosto austero de Riverwind não mudou de expressão, mas Tanis apercebeu-se quanto o elogio da eclesiástica representou para o profundamente religioso homem das pradarias. Os clientes soltaram vivas ruidosos perante esta honra aos seus e não pararam de expressar o seu contentamento. Otik, com a devida cerimônia, conduziu os seus convidados para uma mesa que os aguardava, radiante com os

heróis, como se tivesse arranjado toda a guerra especialmente para benefício deles.

Sentando-se, Tanis sentiu-se, ao princípio, perturbado com a confusão e ruído, mas depressa decidiu que isso até era benéfico. Pelo menos poderia conversar com Riverwind sem o receio de ser ouvido por outros. Mas, primeiro, tinha de descobrir onde estava Caramon?

Mais uma vez, preparou-se para fazer a pergunta, mas Tika, depois de vê-los sentados e ocupados com Crysania como se fossem mães galinhas, viu-o abrir a boca e, virando-se abruptamente, desapareceu na cozinha.

Tanis abanou a cabeça, intrigado, mas, antes que pudesse pensar mais no assunto, Riverwind começou a fazer-lhe perguntas. Os dois não tardaram a embrenhar-se na conversa.

— Toda a gente pensa que a guerra terminou — disse Tanis, suspirando — E tal fato coloca-nos em maior perigo do que antes. As fortes alianças existentes entre os duendes e os humanos quando os tempos eram negros começaram a derreter-se com o sol. Laurana está agora em Qualinesti, assistindo ao funeral do pai e tentando de igual modo conseguir um acordo com aquele cabeça dura do irmão, Porthios, e com os cavaleiros de Solamnia. O único raio de esperança é a mulher de Porthios, Alhana Starbree-ze — Tanis sorriu — Nunca pensei que acabaria por ver aquela mulher duende demonstrar tolerância pelos humanos ou outras raças, mais do que isso, dando-lhes o seu apoio contra o intolerante marido.

— Estranho casamento — comentou Riverwind. Tanis concordou. Os pensamentos de ambos os homens estavam com o seu amigo, o cavaleiro Sturm Brightblade, agora morto, herói da Torre do Alto Clerist. Ambos sabiam que o coração de Alhana fora aí sepultado na escuridão, com Sturm.

— Seguramente não se tratou de um casamento de amor — Tanis encolheu os ombros — Mas pode ser um casamento que ajude a restaurar a paz no mundo. Agora, o que me conta de você, meu amigo? O seu rosto está abatido com novas preocupações, ao mesmo tempo que reluz de alegria. Goldmoon mandou dizer a Laurana sobre as gêmeas.

Riverwind sorriu brevemente.

— Tem razão. Lamento cada momento em que estou distante — disse o homem das planícies com voz profunda —, embora o fato de te ver outra vez, meu irmão, alivie o peso do meu fardo. Mas deixei duas tribos à beira da guerra. Até aqui, tenho conseguido que mantivessem as conversações e ainda não houve derramamento de sangue. Mas sei que há pessoas descontentes agindo contra mim, por detrás das minhas costas. Cada minuto que estou distante dá-lhes mais uma oportunidade de fazer renascer velhas hostilidades sangrentas.

Tanis agarrou-lhe o braço.

— Lamento, meu amigo, e estou satisfeito por ter vindo — Suspirou novamente e olhou para Crysania, apercebendo-se de que tinha novos problemas — Estava esperançado que poderia oferecer a sua orientação e proteção a esta senhora — A sua voz não passava de um murmúrio — Ela viaja para a Torre da Alta Feitiçaria, na floresta de Wayreth.

Os olhos de Riverwind esbugalharam-se de alarme e desaprovação. O homem das planícies não confiava em magos nem em nada relacionado com eles.

Tanis assentiu.

— Pelo que vejo, ainda se recorda das histórias de Caramon, da altura em que ele e Raistlin viajaram até lá. E *eles* tinham sido convidados. Esta senhora vai sem ser convidada, para procurar o conselho do mago acerca...

Crysania lançou-lhe um olhar agudo e imperioso. Franzindo a sobrancelha, abanou a cabeça. Tanis, mordendo o lábio, acrescentou:

— Esperava que lhe pudesse servir de escolta...

— Já o receava — disse Riverwind —, quando recebi a tua mensagem, e foi por esse motivo que senti necessidade de vir: para te oferecer uma explicação quanto à minha recusa. Se fosse noutra altura qualquer, sabe que teria o maior prazer em te ajudar e, em particular, me sentiria honrado por oferecer os meus serviços a alguém tão vulnerável — Fez uma leve reverência a Crysania, que aceitou a sua homenagem com um sorriso que desapareceu

instantaneamente quando o seu olhar regressou a Tanis. Uma linha pequena e profunda surgiu por entre as suas sobrancelhas.

Riverwind prosseguiu.

— Mas há muitas coisas em jogo. A paz que estabeleci entre as tribos, muitas das quais estiveram em guerra durante anos, é bastante frágil. A nossa sobrevivência como nação e povo depende da nossa união e estamos trabalhando em conjunto para reconstruir a nossa terra e as nossas vidas.

— Compreendo — disse Tanis, tocado pela infelicidade óbvia de Riverwind por ter de recusar o seu pedido de ajuda. Contudo, o semi-duende reparou no olhar de desagrado de Lady Crysania e voltou-se para ela com solene cortesia — Tudo correrá bem Venerável Filha — disse, falando com uma paciência estudada — Caramon irá guiá-la, e ele vale por três de nós, mortais. Estou certo, Riverwind?

O homem das planícies sorriu, ao ser assolado por velhas recordações.

— Não há dúvida de que consegue comer por três vulgares mortais. E é forte como três ou mais. Lembra-se, Tanis, quando ele levantava William, *Cara-de-Porco*, no ar, quando representavam aquele espetáculo... onde era... em Flotsam?

— E daquela vez em que matou dois draconianos esmagando-lhes a cabeça uma contra a outra — Tanis riu-se, sentindo que a escuridão do mundo desaparecia ao partilhar aqueles velhos tempos com o amigo — E lembra-se de quando estávamos num reino de anões e Caramon se esgueirou por detrás de Flint e... — Inclinando-se para a frente, Tanis murmurou qualquer coisa no ouvido de Riverwind. O rosto do homem das planícies abriu-se numa risada. Contou outra história e os dois homens prosseguiram com episódios sobre a força de Caramon, sobre a sua habilidade com a espada, a sua coragem e honra.

— E a sua gentileza — acrescentou Tanis, após um momento de reflexão — Até parece que estou vendo-o, tratando de Raistlin tão pacientemente, segurando o irmão nos braços quando aqueles ataques de tosse quase despedaçavam o mago...

Foi interrompido por um grito reprimido, um baque e uma pancada surda. Voltando-se espantado, Tanis viu Tika olhando para ele, o rosto branco, os olhos verdes luzindo com lágrimas.

— Parte já! — apelou com lábios pálidos — Por favor, Tanis! Não faça perguntas! Limite-se a partir! — Agarrou no braço dele, as unhas penetrando dolorosamente na carne.

— Mas, Tika, o que se passa? Em nome do abismo! — inquiriu Tanis desesperado, erguendo-se e fitando-a.

Em resposta, chegou-lhe aos ouvidos um som de alguma coisa partindo-se em pedaços. A porta da estalagem abriu-se, impulsionada de fora por uma força tremenda. Tika deu um salto para trás, o rosto convulsionado de tal receio e horror ao mirar a porta que Tanis se virou rapidamente, de mão na espada, e Riverwind se pôs de pé.

Uma sombra larga encheu a entrada, parecendo espalhar uma mortalha sobre a sala. O barulho alegre e o riso da multidão estacou abruptamente, transformando-se num sussurrar baixo e irado.

Lembrando-se das coisas negras e más que os tinham perseguido, Tanis sacou a espada, colocando-se entre a escuridão e Lady Crysania. Embora não pudesse ver, pressentia a presença pujante de Riverwind por detrás dele, protegendo-o.

“Então, sempre nos conseguiu apanhar”, pensou Tanis, quase agradecendo a oportunidade de combater este terror vago e desconhecido. Fitou a porta sombriamente, observando a figura inchada e grotesca que penetrou na luz.

Era um homem, pelo que Tanis viu, um homem enorme, mas, ao observar com maior atenção, viu que era um homem cuja cintura gigantesca se tornara flácida. Um ventre inchado que pendia sobre perneiras de couro fortemente apertadas. Uma camisa nojenta abria-se junto do umbigo, onde sobrava pouca camisa para cobrir tanta carne. O rosto do homem, parcialmente obscurecido por uma barba de três dias, estava corado e manchado de forma pouco natural, o cabelo gorduroso e mal tratado. Os seus trajes, embora de boa qualidade e bem feitos, estavam sujos e cheiravam fortemente a vômito e ao licor puro conhecido como bebida alcoólica dos anões.

Tanis baixou a espada, sentindo-se um perfeito idiota. Não passava de um pobre embriagado, provavelmente o palhaço da cidade, servindo-se da sua enorme altura para intimidar os cidadãos. Olhou para o homem com piedade e repugnância, pensando, mesmo assim, que havia nele algo de estranhamente familiar. Tratava-se provavelmente de alguém que conhecera quando viveu em Solace há muito tempo atrás, alguma pobre alma que caíra na má vida.

O semi-duende começou a voltar-se, reparando então, para sua surpresa, que toda a gente na estalagem olhava para ele com expectativa.

“Que querem eles que eu faça”, pensou Tanis, com uma ira súbita. “Que o ataque? Que bonito herói haveria de parecer, atacando o bêbado da cidade!”

Escutou então um soluço junto do seu cotovelo.

— Bem te disse para ir embora — gemeu Tika, afundando-se numa cadeira. Escondendo o rosto nas mãos e começou a chorar como se tivesse o coração despedaçado.

Cada vez mais confuso, Tanis olhou para Riverwind mas era óbvio que o homem das planícies pouco mais compreendia do que ele. Entretanto, o homem embriagado penetrara na sala e olhava em redor, irritado.

— Que é isstto? Uma festa? — rosnou — E ninguém con... con... convidou o velho amigo... con... convidou-me?

Ninguém respondeu. Ignoravam voluntariamente o desleixado homem, os olhos deles ainda fixos em Tanis. Naquele momento, também a atenção do bêbado se voltou para o semi-duende. Tentando focá-lo, o bêbado fitou Tanis com uma irritação intrigada, como que acusando-o de ser o motivo de todos os seus problemas. Depois, subitamente, os olhos do homem embriagado alargaram-se, o rosto abriu-se num sorriso idiota e lançou-se para frente, de braços abertos.

— Tanis... meu ami...

— Em nome dos deuses — bramiu Tanis, reconhecendo-o por fim.

O homem lançou-se para frente e tropeçou numa cadeira. Por alguns instantes, balançou vacilante, como uma árvore cortada e

prestes a cair. Os seus olhos rolaram para trás na cabeça, as pessoas afastaram-se do seu caminho. Então, com um baque que fez estremecer a estalagem, Caramon Majere, herói de Lance, desmaiou aos pés de Tanis.



CAPÍTULO 3

— Em nome dos deuses — repetiu Tanis com pesar, ao ajoelhar-se junto do guerreiro inerte — Caramon...

— Tanis... — A voz de Riverwind fez com que o semi-duende olhasse rapidamente para cima. O homem das planícies tinha Tika nos seus braços; tanto ele quanto Dezra tentavam confortar a destroçada jovem. Mas as pessoas iam se aproximando tentando fazer perguntas a Riverwind ou pedindo a benção a Crysania. Outros exigiam mais cerveja ou limitavam-se a circular, conversando.

Tanis ergueu-se rapidamente.

— A estalagem vai fechar esta noite — gritou.

A multidão demonstrou o seu desagrado, com exceção de alguns clientes sentados ao fundo da sala, que pensaram que ele estava pagando uma rodada.

— Não, estou falando sério — afirmou Tanis com firmeza, a sua voz elevando-se por cima do barulho. A multidão aquietou-se — Agradecemos muito a todos os presentes pelas calorosas boas-vindas. Não lhes consigo exprimir o que significa para mim regressar

à minha terra natal. Mas, os meus amigos e eu gostaríamos de ficar agora a sós. Por favor, já é tarde...

Ouviram-se murmúrios de simpatia e algumas palmas bem intencionadas. Só poucos franziram as sobrancelhas e sussurraram comentários de que, quanto mais valente fosse o cavaleiro, mais a sua própria armadura reluzia aos seus próprios olhos (um velho ditado dos tempos em que os cavaleiros Solamnicos eram ridicularizados). Riverwind, deixando Tika aos cuidados de Dezra, avançou para estimular aqueles que partiram do princípio que Tanis se referia a toda a gente menos a eles. O semi-duende montou guarda a Caramon, que ressonava no chão, evitando que as pessoas pisassem o grande homem. Trocou olhares com Riverwind quando o homem das planícies passou, mas nenhum dispôs de tempo até a estalagem estar vazia.

Otik Sandeth permanecia junto à porta, agradecendo a todos os clientes por terem vindo e assegurando a todos que a estalagem estaria aberta de novo na noite seguinte. Depois de todos os clientes terem partido, Tanis dirigiu-se ao proprietário retirado, sentindo-se embaraçado. Mas Otik o fez parar antes que pudesse falar.

Apertando a mão de Tanis, o homem idoso murmurou:

— Sinto-me satisfeito por ter voltado. Feche tudo quando terminar — Olhou para Tika e chamou o semi-duende para perto de si, confidenciando-lhe: — Tanis — disse-lhe num sussurro —, se vir Tika tirar alguma coisa da caixa do dinheiro, não preste atenção. Ela um dia há de devolvê-lo. Eu limito-me a fingir que não reparo — O seu olhar passou para Caramon e abanou a cabeça, tristemente — Sei que serão capazes de ajudar — murmurou. Depois cumprimentou-os com um aceno e penetrou na noite, apoiando-se à bengala.

“Ajudar!”, pensou Tanis desconcertado. “Nós viemos em busca do auxílio dele.” Caramon ressonou de forma particularmente forte, quase despertou a si mesmo, arrotou uma baforada de álcool e ajeitou-se para voltar a dormir. Tanis olhou para Riverwind e depois abanou a cabeça, em desespero.

Crysanía fitava Caramon com piedade, misturada com repugnância.

— Pobre homem — disse, suavemente. O medalhão de Paladine reluziu à luz das velas — Talvez eu...

— Não há nada que possa fazer por ele — gritou Tika amargamente — Ele não precisa ser curado. Está bêbado, não consegue perceber? Completamente embriagado!

O olhar perplexo de Crysania voltou-se para Tika, mas, antes que a eclesiástica pudesse dizer fosse o que fosse, Tanis apressou-se a regressar para junto de Caramon.

— Ajude-me Riverwind — disse, baixando-se — Vamos levá-lo para cas...

— Oh, deixem-no! — disse Tika asperamente, limpando os olhos com a ponta do avental — Já passou muitas noites no chão de barro. Mais uma não lhe fará mal.

— Voltou-se para Tanis — Quis avisar-te. Francamente que sim. Mas pensei... tinha sempre a esperança... Ficou excitado quando a sua carta chegou. Ficou... bem, mais parecido com o que era e como já não o via há muito tempo. Pensei que as coisas iriam melhorar. Que ele pudesse mudar. Por isso te deixei vir — Cobriu o rosto com as mãos — Desculpa...

Tanis permanecia junto do enorme guerreiro, irresoluto.

— Não compreendo. Há quanto tempo...

— Foi por isso que não pudemos ir ao teu casamento, Tanis — replicou Tika, retorcendo o avental — Eu queria ir, tanto! Mas... — Começou a chorar de novo. Dezra abraçou-a.

— Sente-se, Tika — murmurou Dezra, ajudando-a a sentar-se num banco de madeira de costas altas.

Tika deixou-se cair na cadeira, as pernas perdendo subitamente a força, e escondeu a cabeça nos braços.

— Vamos todos nos sentar — disse Tanis firmemente —, e conversar sobre a questão. Você aí — o semi-duende dirigia-se ao anão que espreitava para eles por baixo do bar de madeira —, traga-nos um jarro de cerveja e algumas tigelas, vinho para Lady Crysania, algumas batatas condimentadas...

Tanis parou. O confuso anão fitava-o com os olhos esbugalhados e a boca aberta, de confuso que estava.

— Talvez seja melhor eu ir buscar as coisas, Tanis — ofereceu Dezra, sorrindo — Acabaria recebendo um jarro de batatas se Raf fosse buscar tudo o que pediu.

— Eu ajudar! — protestou Raf indignado.

— Você leva o lixo lá para fora! — rosnou Dezra.

— Eu ser grande ajuda... — resmungou Raf, desconsolado, ao sair, dando pontapés nas pernas da mesa para aliviar os seus sentimentos feridos.

— Os vossos quartos ficam na nova ala da estalagem — murmurou Tika — Vou lhes mostrar...

— Havemos de encontrá-los mais tarde — afirmou Riverwind austeramente, mas, ao fitar Tika, os seus olhos estavam cheios de suave simpatia — Sente-se e fale com Tanis. Ele tem que partir em breve.

— Raios! O meu cavalo! — disse Tanis, levantando-se subitamente — Pedi ao rapaz para trazê-lo...

— Vou até lá dizer que esperem — ofereceu Riverwind.

— Não, eu vou. Não demoro nada...

— Meu amigo — disse Riverwind suavemente ao passar por ele —, preciso ir apanhar ar fresco! Virei ajudar se... — Moveu a cabeça em direção a Caramon, que ressonava. Tanis voltou a sentar-se, aliviado. O homem das planícies partiu. Crysania sentou-se perto de Tanis, do lado oposto da mesa, fitando Camaron com perplexidade. Tanis continuou a falar com Tika sobre questões insignificantes até que esta conseguiu sentar-se e até sorrir levemente. Quando Dezra regressou com as bebidas, Tika parecia mais descontraída, embora o seu rosto ainda estivesse crispado. Tanis reparou que Crysania mal tocou no vinho. Permanecia apenas sentada, olhando ocasionalmente para Caramon, a linha escura surgindo-lhe de novo entre as sobancelhas. Tanis sabia que lhe devia explicar o que estava se passando, mas queria que alguém explicasse a ele primeiro.

— Quando é que isto... — começou, hesitante.

— Começou? — Tika suspirou — Cerca de seis meses depois de termos regressado — O seu olhar voltou — se para Caramon — Ao princípio sentia-se tão feliz. A cidade estava num caos completo,

Tanis. O Inverno tinha sido terrível para os sobreviventes. A maior parte deles passava necessidades, não tinham de comer, pois os draconianos e os soldados *goblin* levaram tudo. Aqueles, cujas casas foram destruídas, viviam em qualquer abrigo que conseguissem encontrar: grutas, telheiros. Os draconianos já tinham abandonado a cidade quando regressamos, e as pessoas começavam a reconstrução. Receberam Caramon como um herói. Os bardos já tinham estado aqui, cantando as suas canções sobre a derrota da rainha.

Os olhos de Tika estremeceram com lágrimas e recordaram com orgulho.

— Ele sentiu-se tão feliz por algum tempo, Tanis. As pessoas precisavam dele. Trabalhava de dia e de noite, cortando árvores, trazendo madeira das colinas, erguendo casas. Fez até algum trabalho de ferreiro, uma vez que Theros tinha partido. Oh, não era grande coisa nesse ofício — Tika sorriu tristemente — Mas estava feliz e ninguém se importava realmente. Fez pregos, ferraduras e rodas para carroças. Esse primeiro ano foi bom para nós, verdadeiramente bom. Estávamos casados e Caramon pareceu esquecer sobre... sobre...

Tika engoliu em seco. Tanis acariciou-lhe a mão e, depois de comer qualquer coisa e de beber um pouco de vinho em silêncio, Tika sentiu-se em condições de prosseguir.

— Fez na Primavera passada um ano que tudo começou a alterar-se. Algo aconteceu a Caramon. Não sei bem o quê. Tinha qualquer coisa a ver com... — Interrompeu-se, abanando a cabeça — A cidade prosperava. Um ferreiro que estivera preso em Pax Tharkas mudou-se para cá e tomou conta do negócio. Oh, claro que as pessoas ainda necessitavam das casas construídas, mas não havia pressa. Comecei a gerir a estalagem — Tika encolheu os ombros.

— Penso que Caramon dispunha de muito tempo para si mesmo.

— Ninguém precisava dele — disse Tanis tristemente.

— Nem sequer eu... — afirmou Tika, secando os olhos — Talvez a culpa seja minha...

— Não — disse Tanis, com os seus pensamentos e as suas recordações muito distantes — A culpa não foi sua, Tika. Penso que sabemos de quem é a culpa.

— De qualquer forma — Tika respirou fundo —, tentei ajudar, mas tinha aqui tanto trabalho. Sugeri uma série de coisas em que ele poderia ocupar-se e Caramon tentou, é verdade. Auxiliou o condestável local a localizar draconianos desertores. Foi, durante uns tempos, guarda-costas, contratado por pessoas que viajavam para Haven. Mas nunca ninguém o contratava duas vezes — A voz dela enfraqueceu — Então, um dia, no Inverno passado, o grupo que ele deveria ter protegido regressou, arrastando-o num trenó. Estava perdido de bêbado. Acabaram por ser *eles a proteger ele!* Desde esse dia, tem passado todo o seu tempo ou dormindo, ou comendo, ou acompanhando uns tais ex-mercenários no Trough, aquele lugar nojento do outro lado da cidade.

Desejando que Laurana estivesse ali para discutir tais questões, Tanis sugeriu suavemente:

— Talvez um... bebê?

— Fiquei grávida, no Verão passado — disse Tika, pousando a cabeça sobre a mão — Mas não por muito tempo. Abortei espontaneamente. Caramon nem chegou a saber. Desde então... — baixou os olhos para a mesa de madeira —, bem, não temos dormido no mesmo quarto.

Corando de embaraço, Tanis só conseguiu fazer-lhe uma festa na mão e apressar-se a mudar de assunto.

— Disse, há momentos atrás, que tinha qualquer coisa a ver com... com o quê?

Tika estremeceu e bebeu mais um trago de vinho.

— Começaram então a ouvir-se rumores, Tanis — disse, em voz baixa — Rumores negros. Pode calcular sobre quem eram!

Tanis assentiu.

— Caramon escreveu-lhe, Tanis. Vi a carta. Era... despedaçou-me o coração. Nem uma palavra de culpa ou reprovação. Transbordava de amor. Implorou ao irmão que regressasse e viesse viver conosco. Pediu-lhe que voltasse as costas à escuridão.

— Que aconteceu? — inquiriu Tanis, embora já calculasse qual fosse a resposta.

— Foi devolvida — murmurou Tika — sem ter sido aberta. O selo não estava sequer quebrado. E, por fora, estava escrito: “Não tenho nenhum irmão. Não conheço ninguém de nome Caramon.” E estava assinado, *Raistlin!*

— Raistlin! — Crysania olhou para Tika, como se a visse pela primeira vez. Os seus grandes olhos cinzentos abriram-se de espanto ao saltarem da jovem mulher de cabelo ruivo para Tanis, depois para o enorme guerreiro no chão, que arrotava confortavelmente no seu sono embriagado — Caramon... Este é *Caramon Majere*? Este é o irmão dele? O gêmeo sobre o qual me falou? O homem que poderia me conduzir...

— Lamento, Venerável Filha — disse Tanis, corando.

— Não fazia idéia de que ele...

— Mas Raistlin é tão... inteligente, poderoso. Pensei que o seu irmão gêmeo fosse semelhante. Raistlin é sensível, exerce um controle tão forte sobre si mesmo e aqueles que o servem. É um amante da perfeição, enquanto este — Crysania gesticulou —, este coitado patético, embora merecedor da nossa piedade e orações, é...

— O seu “sensível e inteligente amante da perfeição” deu uma mãozinha para tornar Caramon neste “coitado patético” que aqui vê, Venerável Filha — afirmou Tanis com azedume, mantendo com cuidado a sua irritação sob controle.

— Talvez fosse exatamente o contrário — disse Crysania, olhando para Tanis friamente — Talvez fosse por falta de amor que Raistlin virou as costas à luz para caminhar para a escuridão.

Tika olhou para Crysania, com uma expressão estranha nos olhos.

— Falta de amor? — repetiu, gentilmente. Caramon gemeu no seu sono e começou a deslocar-se no chão. Tika ergueu-se rapidamente.

— É melhor levá-lo para casa — Viu a alta figura de Riverwind aparecer na entrada e depois voltou-se para Tanis — Vejo-te amanhã de manhã, não vejo? Não poderia ficar... apenas por esta noite?

Tanis mirou os olhos suplicantes dela e sentiu vontade de arrancar a língua antes de responder. Mas não podia fazer nada.

— Lamento, Tika — disse, segurando-lhe as mãos — Quem me dera poder ficar, mas tenho de partir. A distância daqui a Qualinost ainda é grande, e não me atrevo a chegar tarde. O destino de dois reinos depende da minha presença nesse local.

— Compreendo — disse Tika suavemente — De qualquer forma, este problema não é seu. Cá me arranjarei.

Tanis podia ter arrancado a barba de frustração. Desejava ficar e ajudar, se é que podia fazê-lo. Pelo menos poderia conversar com Caramon, tentar meter-lhe algum juízo naquela cabeça dura. Mas Porthios tomaria como uma afronta pessoal que Tanis não assistisse ao funeral, o que afetaria não só as suas relações com o irmão de Laurana como também o tratado de aliança em negociações entre Qualinesti e Solamnia.

Então, o seu olhar pousou em Crysania e Tanis compreendeu que tinha outro problema. Não poderia levá-la a Qualinost. Porthios não gostava de clérigos humanos.

— Escuta — disse Tanis, surgindo-lhe repentinamente uma idéia —, volto depois do funeral — Os olhos de Tika brilharam. Voltou-se para Lady Crysania — Vou deixá-la aqui, Venerável Filha. Ficará em segurança nesta cidade, na estalagem. Depois posso escoltá-la de novo para Palanthas, uma vez que a sua viagem foi um insucesso...

— A minha viagem não foi um insucesso — afirmou Crysania com determinação — Prosseguirei tal como comecei. Pretendo ir à Torre de Alta Feitiçaria em Way-reth, para aí me reunir com Par-Salian das vestes brancas.

Tanis abanou a cabeça.

— Não posso levá-la lá — disse — E, obviamente, Caramon não se encontra em condições. Portanto, sugiro...

— Sim — interrompeu Crysania complacentemente — Caramon está claramente incapacitado. Portanto, esperarei que o seu amigo *kender* se encontre comigo aqui, com a pessoa que foi enviado para procurar, prosseguindo depois sozinha.

— Completamente fora de questão! — gritou Tanis. Riverwind ergueu a sobancelha, lembrando a Tanis a quem ele estava se dirigindo. Com esforço, o semi-duende recuperou o controle — Minha senhora, não faz idéia do perigo! Para além daquelas coisas negras que nos perseguem, e penso que todos sabemos quem as enviou, conheço as histórias que Caramon contava sobre a floresta de Wayreth. É ainda mais escura! Regressaremos a Palanthas onde encontrarei alguns cavaleiros...

Pela primeira vez, Tanis viu uma pálida mancha de cor nas faces de mármore de Crysania. As suas negras sobancelhas contraíram-se enquanto parecia pensar. Depois, o seu rosto suavizou-se. Olhando para Tanis, sorriu.

— Não há perigo — disse — Estou nas mãos de Paladine. As negras criaturas podem ter sido enviadas por Raistlin, mas não têm poder para *me* afetar! Limitaram-se a fortalecer a minha resolução — Vendo o rosto de Tanis ficar ainda mais austero, suspirou — Posso prometer isto. Pensarei no assunto. Talvez tenha razão. Talvez a viagem seja muito arriscada...

— É uma perda de tempo! — murmurou Tanis, a mágoa e a exaustão fazendo-o falar asperamente sobre o que ele pensava desde sempre sobre o louco empreendimento desta mulher — Se Par-Salian pudesse ter destruído Raistlin, há muito que o teria feito...

— Destruir! — Crysania fitava Tanis chocada, os olhos cinzentos gélidos — Eu não procuro a sua destruição.

Tanis mirou-a, espantado.

— Pretendo regenerá-lo — prosseguiu Crysania — Irei agora para os meus aposentos, se alguém tiver a amabilidade de me guiar até eles.

Dezra avançou de imediato. Crysania deu calmamente as boas-noites a todos e depois acompanhou Dezra. Tanis seguiu-a com o olhar, sem saber o que dizer. Ouviu Riverwind murmurar qualquer coisa em Que-shu. Depois, Caramon gemeu de novo. Riverwind fez sinal a Tanis. Juntos, baixaram-se sobre o corpo inerte de Caramon e, com algum esforço, puseram o enorme homem de pé.

— Em nome do abismo! O homem é pesado! — afirmou Tanis, vacilando sob o peso morto do homem, ao mesmo tempo em que os

braços flácidos de Caramon ficaram suspensos sobre os seus ombros. O cheiro pútrido da bebida dos anões por pouco não o fez vomitar.

— Como é que ele consegue beber aquela porcaria? — disse Tanis para Riverwind ao arrastarem o homem embriagado para a porta. Tika seguia-os ansiosamente.

— Uma vez vi um guerreiro ser vítima de tal maldição — grunhiu Riverwind — Morreu, atirando-se de um penhasco, perseguido por criaturas que apenas existiam no espírito dele.

— Eu deveria ficar... — murmurou Tanis.

— Não pode lutar em vez de outra pessoa — disse Riverwind firmemente — Sobretudo quando esta batalha é travada entre um homem e a sua própria alma.

Passava já da meia-noite quando Tanis e Riverwind chegaram com Caramon a casa e o despejaram sem qualquer cerimônia, para a cama dele. Tanis nunca se sentira tão cansado na sua vida. Doíam-lhe os ombros por ter carregado o peso morto do guerreiro gigante. Estava exausto e sentia-se impotente. As recordações do passado, outrora agradáveis, eram agora como velhas feridas, abertas e sangrando. E tinha ainda à sua frente horas de viagem a cavalo antes do amanhecer.

— Quem me dera poder ficar — repetiu mais uma vez para Tika quando se juntaram com Riverwind fora da porta, olhando para a cidade adormecida e tranqüila de Solace — Sinto-me responsável...

— Não, Tanis — afirmou Tika calmamente — Riverwind tem razão. Não pode lutar *esta* guerra. Tem agora a sua própria vida para viver. Além do mais, nada pode fazer. Poderia até tornar as coisas ainda piores.

— É possível — Tanis franziu a sobrancelha — De qualquer forma, regressarei dentro de cerca de uma semana. Nessa altura falarei com Caramon.

— Será simpático da tua parte — Tika suspirou e, depois de uma pausa, mudou de assunto — A propósito, o que quis dizer Lady Crysania sobre o fato de um *kender* vir aqui? Tasslehoff?

— Sim — disse Tanis, coçando a barba — Tem algo a ver com Raistlin, embora eu não saiba propriamente o quê. Encontramos Tass em Palanthas. Iniciou uma das suas histórias, alertei-a de que apenas metade do que ele afirmava era verdade e que, mesmo essa metade, não passava de gabarolice, mas, provavelmente, convenceu-a a enviá-lo atrás de alguém que ela pensa poder ajudar a *regenerar* Raistlin!

— A mulher pode ser uma eclesiástica sagrada de Paladine — disse Riverwind com severidade —, e que os deuses me perdoem se digo mal de um dos seus escolhidos. Mas penso que ela é doida — Tendo proferido o seu ponto de vista, preparou-se para partir.

Tanis abanou a cabeça. Colocando um braço em redor de Tika, beijou-a.

— Receio que Riverwind tenha razão — disse-lhe suavemente — Mantém Lady Cysania sob vigilância enquanto estiver aqui. Falarei com Elistan sobre ela quando regressarmos. Pergunto a mim mesmo o que saberia ele sobre este estranho projeto. Oh, e se Tasslehoff realmente aparecer, não o deixe sair daqui, está bem? Não quero que ele vá até Qualinost! Já vou ter suficientes problemas com Porthios e os duendes!

— Claro, Tanis — disse Tika suavemente. Por momentos, enroscou-se a ele, deixando-se reconfortar pela força e compaixão que podia sentir no toque e voz dele.

Tanis hesitou, abraçando-a, relutante em deixá-la partir. Olhando para o interior da pequena casa, podia ouvir Caramon gritar no seu sono.

— Tika... — começou. Mas ela afastou-se.

— Parte agora, Tanis — disse, firmemente — Tem uma longa cavalgada à sua frente.

— Tika. Gostaria... — Mas nada do que ele dissesse poderia ajudar, e ambos o sabiam.

Virando-se lentamente, seguiu caminho atrás de Riverwind.

Vendo-os partir, Tika sorriu.

— É muito sensato, Tanis Semiduende. Mas, desta vez, está enganado — disse para si mesma, sozinha junto ao portal — Lady Cysania não está louca. Está apaixonada.



CAPÍTULO 4

Um exército de anões marchava em redor do quarto, as botas com pontas de aço fazendo THUD, THUD, THUD. Cada anão empunhava um martelo e, sempre que um deles passava pela cama, martelava contra a cabeça de Caramon. Este rosnava e agitava as mãos.

— Vão-se embora! — murmurou — Vão-se embora!

Mas os anões só responderam erguendo a cama com os seus fortes ombros e fazendo-a rodar num ritmo rápido, ao mesmo tempo em que continuavam a marchar, as botas batendo no chão de madeira THUD, THUD, THUD.

Caramon sentiu o estômago girando. Depois de diversas tentativas desesperadas, conseguiu saltar da cama rotativa e dar uns passos incertos para o vaso, no canto do quarto. Depois de vomitar, sentiu-se melhor. A cabeça ficou mais leve. Os anões desapareceram, embora suspeitasse que estavam escondidos por debaixo da cama, à espera que ele se deitasse de novo.

Em vez de se deitar, abriu uma gaveta de uma mesinha de cabeceira onde guardava o pequeno frasco com a bebida alcoólica

dos anões. Não estava! Caramon franziu a sobancelha. Então Tika estava outra vez brincando com *isto*, não era? Sorrindo com astúcia, Caramon cambaleou para a enorme arca de roupas do outro lado da sala. Levantou a tampa e vasculhou por entre túnicas, calças e camisas que já não serviam no seu corpo obeso. Ali estava, enfiado numa bota velha.

Caramon sacou a tampa com ternura, bebeu um trago do líquido ardente, arrotou e soltou um suspiro. Pronto, o martelar na cabeça desaparecera. Olhou em redor do quarto. Os anões que ficassem debaixo da cama. Não se importava.

Ouviu o tinido de louça no outro quarto. Tika! Apressadamente, Caramon bebeu outro trago, tapou o frasco e voltou a guardá-lo dentro da bota. Fechando a tampa com muito, muito cuidado, endireitou-se, passou uma mão pelo cabelo emaranhado e preparou-se para sair para a principal área habitacional. Foi então que reparou na sua imagem ao passar por um espelho.

— Muda de camisa — murmurou.

Depois de muito esforço, conseguiu sair de dentro da nojenta camisa que vestia e atirou-a para um canto. E se se lavasse? Bah! O que era ele, um maricas? Cheirou a si mesmo e o seu cheiro pareceu-lhe másculo. Muitas mulheres gostavam desse odor, achavam-no atraente, achavam-no *a e/e* atraente! Nunca se queixavam ou recusavam, não eram como Tika. Por que não haveria ela de aceitá-lo tal como era? Enfiou uma camisa limpa que encontrou aos pés da cama e começou a sentir muita pena de si mesmo. Ninguém o compreendia... a vida era dura... estava passando agora uma má fase... mas isso iria mudar... era apenas uma questão de tempo... um dia destes... talvez amanhã...

Saindo atrapalhadamente do quarto, tentando parecer indiferente, Caramon atravessou com pouca segurança a impecável e limpa sala de estar e deixou-se cair numa cadeira junto à mesa onde comiam. A cadeira estalou com o seu enorme peso. Tika virou-se.

Captando o olhar dela, Caramon suspirou. Tika estava outra vez zangada. Tentou sorrir para ela, mas era um sorriso doentio e

não resultou. Com os caracóis ruivos oscilando de raiva, virou-se e desapareceu através da porta da cozinha. Caramon estremeceu quando ouviu bater pesados tachos de ferro. O ruído fez regressar os anões e os martelos. No espaço de alguns minutos, Tika voltou, trazendo um enorme prato de *bacon*, bolos de milho frito e ovos. Atirou o prato para a frente dele com tal força que os bolos saltaram uns 90 cm no ar.

Caramon estremeceu de novo. Ponderou brevemente a hipótese de comer, considerando o estado do seu estômago, mas depois lembrou ao estômago quem é que mandava. Estava esfomeado, nem se lembrava quando comera pela última vez. Tika sentou-se numa cadeira junto dele. Levantando a cabeça, viu os olhos verdes dela ardendo. As sardas sobressaíam-lhe claramente na pele, sinal inequívoco de fúria.

— Muito bem — resmungou Caramon, enfiando comida na boca — Que fiz agora?

— Não se lembra — Era uma afirmação.

Caramon pesquisou nas regiões nebulosas da sua mente. Algo se agitou vagamente. Parece que tinha estado num lugar qualquer a noite passada. Permanecera em casa todo o dia, preparando-se. Prometera a Tika... mas ficara com sede. O frasco estava vazio. Fora apenas ao Through para beber um copo, depois para... onde... mas...

— Tive coisas para fazer — disse Caramon, evitando o olhar de Tika.

— Sim, *nós* vimos o que tinha para fazer — afirmou Tika, rispidamente — Coisas essas que te fizeram desmaiar mesmo aos pés de Tanis!

— *Tanis!* — Caramon deixou cair o garfo — Tanis... a noite passada... — Com um gemido, o grande homem deixou a cabeça dolorida afundar-se nas suas mãos.

— Fez uma bonita figura — prosseguiu Tika, de voz presa — Em frente de toda a cidade, para além de metade dos duendes de Krynn. Já para não mencionar os nossos velhos amigos — Chorava agora em silêncio — Os nossos melhores amigos...

Caramon gemeu de novo. Agora, também ele chorava.

— Porquê? Porquê? — balbuciou — Ainda por cima perante Tanis... — As suas auto-recriminações foram interrompidas por um bater na porta da frente.

— Que foi agora? — murmurou Tika, levantando-se e limpando as lágrimas com a manga da blusa — Talvez seja Tanis, afinal de contas — Caramon ergueu a cabeça.

— Tenta, ao menos, *parecer* o homem que fora outrora — afirmou Tika, dirigindo-se para a porta.

Tirando a tranca, abriu-a.

— Otik? — disse, espantada — O que é... Para quem é essa comida?

O estalajadeiro rotundo e idoso permanecia na entrada, com um prato de comida fumegante nas mãos. Olhou para trás de Tika.

— Ela não está aqui? — perguntou, surpreendido.

— Quem é que não está aqui? — replicou Tika, confusa — Não está ninguém aqui.

— Oh! — O rosto de Otik ficou confuso. Absorto, começou a comer a comida do prato — Então, nesse caso, receio que o rapaz do estábulo tenha razão. Ela foi-se embora. E logo agora que eu tinha preparado este magnífico pequeno-almoço.

— Quem é que se foi embora? — perguntou Tika desesperada, pensando que talvez ele se referisse a Dezra.

— Lady Crysania. Não está no quarto. As coisas dela também não estão lá. E o rapaz do estábulo disse que esta manhã ela lhe pediu que selasse o cavalo e partiu. Pensei...

— Lady Crysania! — Tika respirou com dificuldade.

— Partiu, completamente só. Claro, ela...

— O quê? — inquiriu Otik, ainda mastigando.

— Nada — disse Tika, de rosto pálido — Nada, Otik. Uh, é melhor regressar à estalagem. Eu... sou capaz de chegar um pouco tarde hoje.

— Claro, Tika — afirmou Otik suavemente, depois de ver Caramon debruçado sobre a mesa — Vai quando puder— Levantou-se e foi comendo enquanto caminhava. Tika fechou a porta.

Vendo Tika regressar e sabendo que ia receber uma bronca, Caramon ergueu-se, vacilando.

— Não estou me sentindo muito bem — disse. Arrastando-se pelo chão, entrou no quarto e fechou a porta atrás dele. Tika podia escutar o som de soluços vindo de dentro.

Sentou-se à mesa, pensando. Lady Crysania partira e ia encontrar a floresta de Wayreth pelos seus próprios meios. Ou melhor, partira em busca dela. Nunca ninguém a encontrara, segundo a lenda. *Era ela* quem *nos* encontrava! Tika estremeceu, lembrando-se das histórias de Caramon. A temível floresta constava dos mapas mas, quando comparados, nenhum mapa concordava na sua localização. E existia sempre um símbolo de aviso junto dela. No centro, erguia-se a Torre da Alta Feitiçaria de Wayreth, onde todo o poder dos magos de Ansalon se concentrava. Bem, praticamente todos...

Com uma resolução súbita, Tika ergueu-se e abriu para trás a porta do quarto. Entrando, encontrou Caramon sobre a cama, soluçando e chorando como uma criança. Endurecendo o coração contra esta visão de fazer dó, Tika caminhou com passos firmes para a arca da roupa. Ao abrir a tampa e ao começar a procurar por entre a roupa, localizou o frasco, mas limitou-se a atirá-lo para um canto do quarto. Então, mesmo no fundo, deparou com aquilo que buscava.

A armadura de Caramon.

Içando um coxote pela correia de couro, Tika levantou-se e, virando-se, arremessou o metal polido direta-mente para Caramon.

Foi atingi-lo no ombro e depois caiu no chão, com barulho.

— Ai! — gritou o homem enorme, sentando-se — Em nome do abismo, Tika! Deixe-me em paz por...

— Vai atrás dela — disse Tika friamente, retirando outra peça da armadura — Vai atrás dela, nem que eu tenha que te arrastar daqui para fora num carrinho de mão!

— Ah, perdão — disse um *kender* a um homem que vadiava do lado da estrada nos arredores de Solace. O homem pousou de imediato a mão sobre a bolsa — Estou à procura da casa de um amigo meu. Bem, para ser mais preciso, de dois amigos meus. Um é

uma mulher, bonita, com caracóis ruivos. O nome dela é Tika Waylan...

Fitando o *kender*, o homem estendeu um dedo.

— Fica lá para baixo.

Tas olhou.

— Ali? — disse, apontando, impressionado — Aquela casa verdadeiramente magnífica no novo bosque?

— O quê? — O homem soltou um riso breve e agudo — Do que é que lhe chamou? Verdadeiramente magnífica? Essa é boa — Ainda rindo furtivamente, seguiu caminho, rindo-se e contando ao mesmo tempo as moedas da sua bolsa.

“Que homem rude!”, pensou Tas, enfiando distraído a navalha de bolso do homem numa das suas algibeiras. Depois, esquecendo prontamente o incidente, o *kender* dirigiu-se à casa de Tika. O seu olhar observava com prazer cada pormenor da bonita casa aninhada em segurança nos ramos da árvore ainda em crescimento.

— Fico tão satisfeito por Tika — afirmou Tas para o que parecia ser um monte de roupas com pés que caminhava ao seu lado — E também por Caramon — acrescentou — Mas Tika nunca teve um verdadeiro lar. Como deve estar orgulhosa!

Ao aproximar-se da casa, Tas reparou que era um dos melhores edifícios de toda a cidade. Fora construído segundo os moldes das velhas tradições de Solace. As curvas delicadas das arestas arqueadas foram moldadas de forma a parecerem fazer parte da própria árvore. Cada divisão partia do corpo principal da casa, a madeira das paredes era esculpida e polida para se assemelhar ao tronco da árvore. A estrutura adequava-se com a forma da árvore, existindo uma harmonia pacífica entre o trabalho do homem e o da natureza, por forma a criar uma unidade agradável. Tas sentiu um certo calor no coração, ao pensar nos seus dois amigos trabalhando e vivendo numa habitação tão encantadora. Então...

— Engraçado — disse Tas para si mesmo —, gostaria de saber por que razão não há telhado.

Ao aproximar-se, analisando mais detalhadamente a casa, reparou que faltava uma série de coisas, entre elas um telhado. As

grandes arestas arqueadas não serviam para outra coisa senão para formar a estrutura de um telhado que não existia. As paredes das divisões só existiam numa parte do edifício. O chão era constituído por uma simples plataforma.

Quando se encontrou por baixo dela, Tas espreitou para cima, interrogando-se com o que estaria se passando. Podia avistar martelos, machados e serras espalhados no chão. Pelo aspecto, não tinham sido utilizados há meses. A própria estrutura revelava os efeitos da longa exposição aos elementos atmosféricos. Tas puxou o seu topete, pensativamente. O edifício preenchia todas as exigências para ser a mais magnífica estrutura em toda a cidade de Solace, se alguma vez fosse terminado!

Depois, Tas alegrou-se. Uma seção da casa *estava* terminada. Os vidros tinham sido cuidadosamente colocados nas armações das janelas, as paredes estavam intactas, um telhado protegia a divisão dos elementos. “Pelo menos, Tika dispunha de um aposento”, pensou o *kender*. Mas, ao analisar com mais atenção esse aposento, o seu sorriso desvaneceu-se. Por cima da porta, podia ver distintamente, apesar de um pouco desgastada pelo tempo, a marca cuidadosamente feita que denotava tratar-se da residência de um feiticeiro.

— Devia ter desconfiado — disse Tas, abanando a cabeça. Olhou em redor — Bom, seguramente Tika e Caramon não devem viver aqui. Mas o homem disse... Oh!

Ao contornar a enorme árvore, deparou com uma pequena casa, quase perdida no meio de ervas muito crescidas, oculta pela sombra da árvore. Obviamente construída apenas para servir de residência temporária, tinha o aspecto de ter se tornado muito permanente. Se alguma vez um edifício tivera um ar infeliz, ponderou Tas, fora este sem dúvida. As arestas curvavam numa carranca. A pintura estava estalada e caindo. Mesmo assim, havia flores nos vasos das janelas e cortinas aos folhos. O *kender* suspirou.

Era então esta a casa de Tika, construída na sombra de um sonho.

Aproximando-se da pequena casa, ficou parado junto à porta, escutando com atenção. Vinha do interior uma estranha agitação. Podia ouvir pancadas surdas, vidros partindo-se e gritos.

— Penso que é melhor esperar aqui fora — disse Tas para o monte de roupa.

O monte resmungou e estatelou-se confortavelmente na estrada lamacenta no exterior da casa. Tas olhou para aquilo, pouco seguro, mas depois encolheu os ombros e dirigiu-se para a porta. Colocando a mão no puxador da porta, voltou-o e deu um passo em frente, esperando entrar de imediato. Em vez disso, esmagou o nariz contra a madeira. A porta estava trancada.

— Estranho — disse Tas, retrocedendo e olhando em redor — Em que estará Tika pensando? Portas trancadas! Que coisa bárbara. E ainda por cima com um ferrolho. Tenho a certeza de que estão à minha espera... — Olhou para o ferrolho pensativamente. Os gritos continuavam no interior. Pareceu-lhe ouvir a voz profunda de Caramon.

— As coisas parecem interessantes lá dentro — Tas olhou em redor e sentiu-se de novo animado — A janela! Claro!

Mas, depois de correr para a janela, Tas viu que também esta estava trancada.

— Nunca esperei tal coisa de Tika, sobretudo dela — afirmou o *kender* tristemente, para si mesmo. Estudando o ferrolho, reparou que era bastante simples e que se abriria com facilidade. Do conjunto de ferramentas que retirou da bolsa, Tas retirou um dispositivo para abrir fechaduras, o qual constituía um direito inato de qualquer *kender*. Inserindo-o, conferiu-lhe um toque de profissional e teve a satisfação de ouvir o ferrolho estalar. Sorrindo feliz, abriu a porta de vidro e entrou. Pisava o chão sem fazer qualquer ruído. Espreitando para trás, pela janela, avistou o monte disforme dormindo na sarjeta.

Aliviado quanto a esse aspecto, Tasslehoff fez uma pausa para olhar em redor da casa, os seus olhos atentos assimilando tudo, as mãos tocando em tudo.

— Nossa, que coisa interessante — prosseguiu Tas com os seus comentários, ao dirigir-se para a porta por onde vinham os

rúidos de algo partindo-se — Tika não há de se importar que o estude por uns instantes. Voltarei a pô-lo onde estava — O objeto foi parar à sua algibeira — E olhem para isto! Hu-oh, está rachado. Há de agradecer-me por avisá-la sobre isso — Mais um objeto deslizou para outra algibeira — E o que é que o prato da manteiga está fazendo aqui? Tenho certeza que Tika o guarda na despensa. É melhor colocá-lo no seu devido lugar — O prato da manteiga descansou num terceiro bolso.

Nesta altura, Tas alcançara já a porta fechada. Voltando a maçaneta (ficou agradecido pelo fato de Tika não a ter trancado também!), entrou.

— Olá — disse, alegremente — Lembram-se de mim? Isto parece estar divertido! Posso participar? Dá-me algo que eu possa também atirar contra ele, Tika. Puxa, Caramon — Tas penetrou no quarto e dirigiu-se para onde Tika se encontrava, com uma couraça na mão, fitando-o com perfeita surpresa — O que se passa contigo? Está com um aspecto *horrível*, simplesmente *horrível!* Diz-me, Tika, por que está atirando a armadura contra Caramon? — inquiriu Tas, pegando numa cota de malha e voltando-se de frente para o grande guerreiro, que se barricara atrás da cama — Isto é algo que vocês dois façam regularmente? Ouvi dizer que os casais fazem coisas estranhas, mas isso parece realmente pouco vulgar...

— Tasslehoff Burrfoot! — Tika recuperou o poder de falar — O que fazes aqui, em nome dos deuses?

— Mas, tenho a certeza de que Tanis te disse que eu vinha — afirmou Tas, arremessando a cota de malha de Caramon — Ah! Isto é realmente divertido! Deparei com a porta da frente trancada — Tas lançou a Tika um olhar de reprovação — Na verdade, tive que entrar por uma janela — disse, severamente — Acho que devia mostrar um pouco mais de consideração. De qualquer forma, fiquei de me encontrar aqui com Lady Crysania e...

Para espanto de Tas, Tika largou a couraça, começou a chorar e deixou-se cair no chão. O *kender* olhou para Caramon, que se erguia detrás do painel de madeira como um espírito erguendo-se de uma sepultura. Caramon ficou olhando para Tika com uma expressão perdida e melancólica. Depois, abrindo caminho por entre

as peças da armadura que se encontravam espalhadas pelo chão, ajoelhou-se ao lado dela.

— Tika — murmurou pateticamente, fazendo-lhe festas no ombro — Desculpa. Não queria dizer nada daquilo que disse, sabe que não! Amo-te! Sempre te amei. É que... não sei o que fazer!

— Sabe bem o que fazer! — gritou Tika. Afastando-o, ergueu-se — Acabei de te dizer! Lady Crysania está em perigo. Tem que ir procurá-la!

— Quem é esta Lady Crysania? — gritou também Caramon — Por que raios haveria de me importar se ela está em perigo ou não?

— Escuta-me, pelo menos uma vez na tua vida — rosnou Tika por entre dentes cerrados, a ira secando-lhe as lágrimas — Lady Crysania é uma poderosa eclesiástica de Paladine, uma das mais poderosas do mundo, depois de Elistan. Foi avisada em sonho que o mal de Raistlin poderia destruir o mundo. Ela dirige-se à Torre da Alta Feitiçaria em Wayreth para falar com Par-Salian para...

— Para arranjar auxílio para destruí-lo, não é assim? — rosnou Caramon.

— E se ajudassem? — respondeu-lhe Tika — Será que ele merece viver? Ele te mataria sem pensar duas vezes!

Os olhos de Caramon reluziram de forma perigosa e o seu rosto corou. Tas retrocedeu vendo o homem cerrar o punho, mas Tika caminhou com firmeza até ele. Embora a cabeça dela mal chegasse ao queixo do marido, Tas pensou que o homem se acalmasse perante tal irritação dela. A mão de Caramon abriu-se, fracamente.

— Mas não, Caramon — disse Tika severamente —, ela não quer destruí-lo. É tão idiota quanto você. Ama o seu irmão, que os deuses a ajudem. Quer salvá-lo, fazê-lo virar as costas ao mal.

Caramon fitou Tika, em interrogação. A sua expressão suavizou-se.

— É verdade? — perguntou.

— Sim, Caramon — afirmou Tika, cansada — Foi por isso que veio aqui, para te ver. Pensou que poderia ajudá-la. Depois, quando te viu a noite passada...

A cabeça de Caramon inclinou-se. Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Uma mulher, uma estranha, quer ajudar Raist. E arrisca a vida para fazê-lo. — Começou a choramingar de novo.

Tika fitou-o, desesperada.

— Oh, pelo amor de... Vai atrás dela, Caramon! — gritou, batendo com o pé no chão — Ela nunca alcançará a torre pelos seus próprios meios. Sabe disso! Já estive na floresta de Wayreth.

— Sim — afirmou Caramon, fungando — Fui com Raist. Levei-o lá, para que ele pudesse encontrar a torre e fazer o teste. Aquele maldito teste! Servi-lhe de guarda. Ele necessitava de mim... nessa altura.

— E Crysania precisa de você agora! — afirmou Tika severamente. Caramon permanecia imóvel, irresoluto, e Tas viu o rosto de Tika adquirir linhas firmes e duras — Não dispõe de muito tempo para perder, se quiser apanhá-la. Lembra-se do caminho?

— Eu me lembro! — gritou Tas, excitado — Isto é, tenho um mapa — Tika e Caramon viraram-se para fitar o *kender* com grande surpresa. Ambos tinham se esquecido da sua presença.

— Não sei — replicou Caramon, observando Tas dubiamente — Lembro-me bem dos seus mapas. Um deles conduziu-nos a um porto que não tinha nenhum mar!

— Isso não foi culpa minha! — gritou Tas indignado — Até Tanis admitiu. O meu mapa foi desenhado antes de o Cataclismo ter arrastado o mar. Mas *tem* que me levar contigo, Caramon! Fiquei de me encontrar com Lady Crysania. Ela enviou-me numa busca, numa verdadeira busca. E eu finalizei-a. Encontrei... — Um movimento súbito despertou a atenção de Tas — Oh, aqui está ela.

Acenou com a mão e Tika e Caramon voltaram-se para ver o disforme monte de roupas na entrada do quarto. Só que, agora, o monte adquirira dois olhos negros e desconfiados.

— Ter fome — disse o monte para Tas, em tom de acusação — Quando comeremos?

— Fui em busca de Bupu — afirmou Taslehoff Burrfoot com orgulho.

— Mas, em nome do abismo, para que quer Lady Crysania uma anã boba? — disse Tika, confusa. Levava Bupu para a cozinha, dera-lhe um bocado de pão seco e metade de um queijo, mandando-a depois de novo para a rua, o cheiro da anã não melhorava em nada o conforto da pequena casa. Bupu regressou feliz para a sarjeta, onde completou a refeição bebendo água de uma poça na rua.

— Oh, prometi que nada diria — afirmou Tas, com importância. O *kender* auxiliava Caramon a apertar as correias da armadura, tarefa bastante difícil, pois o grande homem estava consideravelmente maior do que da última vez que a usara. Quer Tika quer Tas esforçaram-se até transpirarem, apertando as correias, empurrando e enfiando gordura acumulada por debaixo do metal.

Caramon resmungou e gemeu, mais parecendo um homem sendo estendido por cima de uma roda de tortura. A língua do enorme homem lambia os lábios e o seu olhar cobiçoso atravessou mais de uma vez o quarto até ao pequeno frasco que Tika lançara para um canto.

— Oh, então, Tas — pediu Tika, sabendo que o *kender* não conseguia guardar um segredo nem para salvar a própria vida — Tenho certeza de que Lady Crysania não se importaria...

O rosto de Tas retorcia-se com o sofrimento.

— Ela... ela fez-me prometer e jurar por Paladine, Tika! — O rosto do *kender* tornou-se solene — E sabe que Fizban, quer dizer, Paladine e eu somos amigos pessoais. — O *kender* fez uma pausa — Mete a barriga para dentro, Caramon — ordenou, irritado — Afinal, como é que chegou a este estado?

Apoiando um pé contra a coxa do grande homem, Tas puxou. Caramon gritou de dor.

— Estou em perfeita forma — murmurou o grande homem irritado — É da armadura. Parece que encolheu, ou qualquer coisa assim.

— Não sabia que este tipo de metal encolhia — afirmou Tas com interesse — Aposto que tem de ser aquecido! Como fez isso? Deve ter feito muito, muito calor por aqui.

— Oh, cale-se! — rosou Caramon.

— Estava unicamente tentando ajudar — disse Tas, ofendido — De qualquer forma, acerca de Lady Crysania — o seu rosto adquiriu um ar grandioso —, dei o meu juramento sagrado. O que posso dizer é que ela queria que lhe contasse tudo aquilo de que me lembrasse sobre Raistlin. Assim fiz. E isto tem a ver com isso. Lady Crysania é, sem sombra de dúvida, uma pessoa maravilhosa, Tika — prosseguiu Tas solenemente — Pode não ter reparado, mas não sou muito religioso. Regra geral, os *kender* não são. Mas não é necessário ser religioso para saber que há algo de *verdadeiramente bom* em Lady Crysania. E também é esperta. Talvez ainda mais esperta do que Tanis.

Os olhos de Tas reluziam de mistério e importância.

— Acho que posso contar isto — afirmou, num sussurro — Ela tem um plano! Um plano para tentar salvar Raistlin! Bupu faz parte do plano. Ela vai levá-la a Par-Salian!

Mesmo Caramon ficou com certas dúvidas em relação a isto e, só para si, Tika começava a pensar que talvez Riverwind e Tanis tivessem razão. Talvez Lady Crysania estivesse louca. Mesmo assim, qualquer coisa que pudesse ajudar Caramon, que lhe pudesse conferir alguma esperança...

Mas, aparentemente, Caramon também refletira no assunto.

— Sabem, a culpa foi toda deste Fis-Fistandoodle, ou como é que ele se chamava — disse, puxando as correias de couro onde estas mordiam na sua carne balofa — Aquele mago, sobre quem Fizban... uh... Paladine nos contou. E Par-Salian também sabe alguma coisa sobre isso! — O seu rosto iluminou-se — Havemos de conseguir. Trarei Raistlin para cá, tal como planejamos, Tika! Pode mudar-se para o quarto que preparamos para ele. Cuidaremos dele, você e eu. Na nossa nova casa. Vai tudo correr bem, mesmo bem! — Os olhos de Caramon brilhavam. Tika não conseguia olhar para ele. Parecia-se tanto com o antigo Caramon, o Caramon que ela amara...

Mantendo uma expressão austera, voltou-se abruptamente e dirigiu-se para o quarto.

— Vou buscar o resto das suas coisas...

— Espera! — Caramon fê-la parar — Não, uh... obrigado, Tika. Eu trato disso. E se fosse... uh... arranjar-nos qualquer coisa para

levarmos de comer?

— Eu ajudo — ofereceu-se Tas, encaminhando-se avidamente para a cozinha.

— Muito bem — disse Tika. Estendendo a mão, agarrou no *kender* pelo cabelo que lhe caía pelas costas — Só um momento, Tasslehoff Burrfoot. Não vai a lado nenhum sem se sentar e esvaziar cada uma das suas algibeiras!

Tas gemeu em protesto. Aproveitando-se da confusão, Caramon apressou-se regressando ao quarto e fechou a porta. Sem parar, foi direito ao canto e pegou no frasco. Abanando-o, verificou que estava meio cheio. Sorrindo para si mesmo de satisfação, atirou-o para dentro do seu saco, enchendo-o depois com mais umas peças de roupa por cima.

— Estou pronto! — gritou alegremente para Tika — Estou pronto — repetiu Caramon desconsolado, do portal.

Constituía uma visão ridícula. A armadura de dragão roubada, que usara durante os últimos meses da campanha, fora completamente renovada pelo grande guerreiro depois de regressar a Solace. Retirara as mossas, limpou, poliu e transformara-a de tal maneira que deixara de parecer-se com a original. Tivera o maior cuidado com ela e depois guardara-a, carinhosamente. Estava ainda em excelentes condições. Só que agora, infelizmente, havia um espaço enorme entre a brilhante cota de malha negra que cobria o seu peito e o grande cinto que circundava a sua rotunda cintura. Nem ele nem Tas conseguiram apertar as placas de metal que protegiam as pernas em redor das coxas gordas. Guardara-as dentro do seu saco. Gemeu quando ergueu o escudo e olhou para ele com ar desconfiado, como se estivesse certo que alguém o enchera com pesos de chumbo durante os dois últimos anos. O talim não entrava no ventre inchado. Corando furioso, enfiou a espada na velha bainha, colocando-a às costas.

Neste preciso momento, Tas foi obrigado a olhar para o outro lado. O *kender* pensou que ia rir mas ficou admirado quando deu consigo prestes a chorar.

— Pareço um idiota — murmurou Caramon, vendo Tas desviar rapidamente o olhar. Bupu fitava-o com olhos tão grandes como

xícaras, a boca pendendo, aberta.

— Ele parecer mesmo meu Highbulp, Phudge I — suspirou Bupu.

A recordação viva do rei gordo e desleixado do clã de anões bobos de Xak Tsaroth surgiu na mente de Tas. Agarrando na anã boba, enfiou-lhe um pedaço de pão na boca para calá-la. Mas os estragos já tinham sido feitos. Aparentemente, também Caramon se recordava.

— Está decidido — rosnou, corando e arremessando o escudo para o átrio de madeira, onde este provocou um ruído estrondoso — Não vou! De qualquer forma, não passava de uma estúpida idéia! — Olhou em tom acusador para Tika e depois, voltando-se, encaminhou-se para a porta. Mas Tika pôs-se à sua frente.

— Não — afirmou ela, calmamente — Não vai regressar à minha casa, Caramon, até regressar como uma pessoa íntegra.

— Ele parecer mais *duas* pessoas — murmurou Bupu numa voz abafada. Tas enfiou-lhe mais pão na boca.

— Só diz besteiras! — afirmou Caramon malevolamente, pousando a mão no ombro dela — Sai da minha frente, Tika!

— Escuta-me, Caramon — disse Tika. A voz era suave, mas penetrante; os olhos dela conseguiram captar e sustentar a atenção do grande homem. Pôs a mão no peito dele e olhou para o marido com ansiedade — Uma vez ofereceu-se para seguir Raistlin até às trevas. Recorda-se?

Caramon engoliu em seco e concordou. O seu rosto empalideceu.

— Ele recusou — prosseguiu Tika calmamente —, dizendo que isso representaria a sua morte. Mas, não compreende, Caramon, *você seguiu-o* até às trevas! E está morrendo aos poucos! O próprio Raistlin te disse para seguir o teu caminho e deixar que ele seguisse o seu. Mas você não o fez! Está tentando seguir os dois caminhos, Caramon. Metade de você vive nas trevas e a outra metade está tentando afogar na bebida a dor e o horror que lá vê.

— A culpa é minha! — começou Caramon a balbuciar, a voz quebrando-se — A culpa é minha por ele se ter voltado para as

vestes negras. Fui eu quem o conduziu a isso! Foi o que Par-Salian tentou fazer-me ver...

Tika mordeu o lábio. Tas viu que o rosto dela ficou ainda mais triste e austero devido à ira, mas ela nada exteriorizou.

— Talvez — foi tudo o que disse. Depois, respirou fundo — Não vai voltar para mim como marido, ou mesmo como amigo, até regressar em paz contigo mesmo.

Caramon fitou-a, olhando para ela como se a visse pela primeira vez. O rosto de Tika mostrava-se resoluto e firme, os seus olhos verdes límpidos e frios. Tas lembrou-se subitamente de vê-la combatendo draconianos no templo de Neraka, naquela última e horrível noite da guerra. A expressão era exatamente a mesma.

— Talvez tal nunca venha a acontecer — disse Caramon asperamente — Já alguma vez tinha pensado nisso, minha linda senhora?

— Sim — replicou Tika com firmeza — Já pensei nisso. Adeus, Caramon.

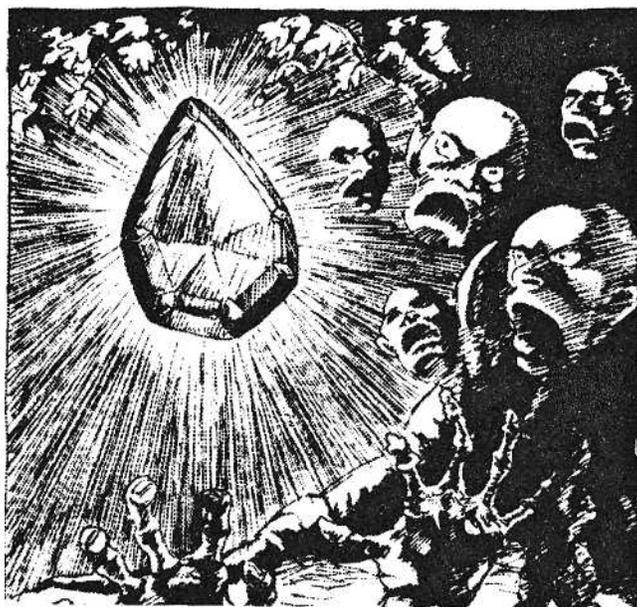
Virando as costas ao marido, Tika dirigiu-se à porta da casa e fechou-a. Tas ouviu o ferrolho sendo fechado. Caramon também ouviu e recuou perante o som. Cerrou os enormes punhos e, por instantes, Tas receou que ele fosse derrubar a porta. Depois, as mãos dele voltaram ao normal. Irritado e tentando recuperar a dignidade abalada, Caramon desceu do portal.

— Hei de mostrar-lhe — murmurou, ao partir com a armadura estalando e rangendo — Voltarei dentro de três ou quatro dias com essa Lady Cryse-não-sei-o-quê. Depois falaremos sobre os acontecimentos de hoje. Não pode me fazer isto! Não, por todos os deuses! Três, quatro dias, e há de suplicar para que eu venha para casa. Mas talvez venha, ou talvez não...

Tas ficou imóvel, sem saber o que fazer. Atrás dele, no interior da casa, os seus bons ouvidos de *kender* escutavam soluços dilacerantes. Sabia que Caramon, no meio das suas próprias lamúrias e enfiado na armadura nada conseguia ouvir. Mas, o que poderia ele fazer?

— Eu cuido dele, Tika! — gritou Tas, agarrando em Bupu e apressando-se a seguir o grande homem. Tas suspirou. De todas as

aventuras em que participara, esta era, certamente, a que começava pior.



CAPÍTULO 5

Palanthas: a lendária cidade da beleza.

Cidade que voltou as costas ao mundo e que mira agora, com olhos de admiração, o seu próprio espelho.

“Quem a descrevera assim?” Refletia Kitiara, sentada às costas do seu dragão azul, Skie, ao voar com as muralhas da cidade à vista. O falecido e não chorado grão-lorde do dragão Ariakas, talvez. Soava a algo realmente pretensioso, a algo que ele diria. Mas Kit viu-se forçada a admitir que ele tinha razão em relação aos palanthianos. Ficaram tão aterrorizados ao ver a sua adorada cidade arruinada que negociaram uma paz em separado com os grão-lordes. Tal só aconteceu pouco antes da guerra terminar, quando era óbvio que já não tinham nada a perder, unindo-se relutantemente aos outros para combater o poder da Rainha das Trevas.

Graças ao sacrifício heróico dos cavaleiros de Solamnia, a cidade de Palanthas fora poupada à destruição que caíra sobre outras cidades, tais como Solace e Tarsis. Kit, voando ao alcance das flechas disparadas das muralhas, sorriu desdenhosamente. Agora, e

mais uma vez, Palanthas voltara os olhos para o seu espelho, servindo-se do novo influxo de prosperidade para melhorar o seu já lendário encanto.

Ao pensar nisto, Kitiara riu-se em voz alta ao reparar na agitação nas muralhas da velha cidade. Há dois anos que um dragão azul não sobrevoava as muralhas. Podia imaginar o caos, o pânico. Vagamente, no tranqüilo ar da noite, podia escutar o bater dos tambores e o chamamento claro dos clarins.

Também Skie podia escutar. O seu sangue agitou-se com os sons da guerra, e voltou um olho vermelho para Kitiara, rogando-lhe que reconsiderasse.

— Não, meu animalzinho — afirmou Kitiara, estendendo a mão para lhe acariciar o pescoço — Agora não é a hora! Mas, em breve... se tivermos sucesso! Dentro em breve, prometo-te!

Skie viu-se forçado a contentar-se com isso. Contudo, sentiu uma certa satisfação ao lançar uma nuvem de raios das mandíbulas abertas, escurecendo a muralha de pedra ao elevar-se, mantendo-se apenas fora do alcance das setas. As tropas dispersaram como formigas ao vê-lo aproximar-se, invadidos pelo receio dos dragões.

Kitiara voou lenta e ociosamente. Ninguém se atrevia a tocar nela; existia um estado de paz entre os seus exércitos de Sanction e os palanthianos, embora alguns cavaleiros tentassem persuadir os povos livres de Ansalon a unirem-se e a ataquem Sanction, para onde Kitiara se retirara depois da guerra. Mas os palanthianos não podiam ser incomodados. A guerra terminara e o tratado ficara sem efeito.

— E, em cada dia que passa, a minha força e poder aumentam — disse Kit para eles ao sobrevoar a cidade, reparando em tudo, armazenando-o na sua mente para futura referência.

Palanthas está construída como uma roda. Todos os edifícios importantes, o palácio do lorde reinante, os departamentos governamentais e as antigas casas dos nobres, localizam-se no centro. A cidade desenvolve-se a partir deste núcleo. No círculo seguinte, erguem-se as casas dos abastados homens das guildas, os "novos" ricos, e as casas de Verão daqueles que vivem fora das muralhas da cidade. Aqui ficam também os centros educativos,

incluindo a grande biblioteca de Astinus. Por fim, junto das muralhas da velha cidade, a praça do mercado e lojas de todos os tipos.

Oito largas avenidas estendem-se a partir do centro da velha cidade, como raios de uma roda. Há árvores ao longo destas avenidas, árvores encantadoras, cujas folhas são como renda dourada ao longo de todo o ano. As avenidas conduzem ao porto do mar, ao norte, e aos sete portões da muralha da grande cidade.

Rodeando a muralha, Kit avistou a nova cidade, construída exatamente como a velha cidade, com o mesmo padrão circular. Não existem muralhas à volta da nova cidade, uma vez que as muralhas “desvalorizam o projeto geral”, tal como afirmou um dos lordes.

Kitiara sorriu. Não via onde estava a beleza da cidade. As árvores não tinham qualquer significado para ela. Podia olhar de cima, para as maravilhas dos sete portões, sem sentir nenhuma emoção; bem, talvez um pouco. “Como seria fácil de capturar”, pensou com um suspiro.

Houve ainda dois edifícios que lhe despertaram a atenção. Um estava a ser construído no centro da cidade, um templo, dedicado a Paladine. O outro edifício era o local para onde se dirigia. E, sobre este, o seu olhar repousou pensativamente.

Erguia-se do solo, fazendo tal contraste com a beleza da cidade ao seu redor que até o olhar frio e insensível de Kitiara o notou. Elevando-se das sombras que o cercavam como o osso de um dedo descorado, tinha uma fealdade escura e retorcida, tanto mais horrível quanto, outrora, devia ter constituído o edifício mais magnífico de Palanthas: a antiga Torre da Alta Feitiçaria.

As sombras cercavam-na de dia e de noite, dado que era guardada por um bosque de enormes carvalhos, as maiores árvores que cresciam em Krynn e as mais faladas, com terror, por toda a gente. Ninguém podia saber com absoluta certeza, porque não havia ninguém, mesmo da *raça kender*, cujos elementos poucas coisas receiam neste mundo, que pudesse andar por entre as trevas pavorosas destas árvores.

— O bosque de Shoikan — murmurou Kitiara para um companheiro invisível — Nenhum ser vivente, seja de que raça for, se atreve a entrar lá. Pelo menos até *ele* chegar: o *mestre do*

passado e do presente — Se proferiu estas palavras com escárnio na voz, foi um escárnio que se desvaneceu quando Skie começou a circular cada vez mais perto daquele retalho de trevas.

O dragão azul pousou nas ruas desertas e abandonadas perto do bosque de Shoikan. Kit esforçara-se por conseguir que Skie a levasse por cima do bosque até à própria torre. Mas Skie, embora fosse capaz de derramar o seu sangue até à última gota pela sua senhora, recusou-se a fazê-lo. Estava para além do seu poder. Nenhum ser mortal, nem mesmo um dragão, conseguia entrar naquele anel amaldiçoado de guardiões de carvalhos.

Skie olhou o bosque com ódio, os olhos vermelhos ardendo, enquanto as patas raspavam nervosas o pavimento de pedras. Deveria ter evitado que a sua senhora entrasse, mas já conhecia Kitiara. Uma vez que estivesse empenhada numa coisa, nada podia detê-la. Assim, Skie envolveu as grandes e coriáceas asas em redor do corpo e observou a bonita cidade, enquanto a sua mente pensava com prazer em chamas, fumaça e morte.

Kitiara desmontou lentamente da sela do dragão. A lua prateada, Solinari, era uma cabeça pálida e severa no céu. A sua gêmea, a lua vermelha de Lunitari, mal acabara de subir e reluzia agora no horizonte como o pavio de uma vela em extinção. A luz suave de ambas as luas refletia-se na armadura à escala de dragão de Kitiara, dando-lhe uma cor fantasmagórica semelhante ao sangue.

Kit estudou o bosque com atenção, deu um passo na sua direção e depois estacou, nervosa. Atrás dela, escutou um ruído: as asas de Skie que procurava alertá-la.

— *Vamos fugir deste lugar de maldição, senhora! Fugamos enquanto temos vida!*

Kitiara engoliu em seco. Tinha a língua seca e inchada. Os músculos do estômago contraíam-se dolorosamente. Recordações vivas da sua primeira batalha regressaram-lhe à memória. Lembrou-se da primeira vez que enfrentara um inimigo e soubera que tinha de matar aquele homem ou ela própria morreria. Depois entregara-se à conquista com o manejo hábil da sua espada. Mas, isto?

— Tenho andado por muitos locais de trevas por esse mundo fora — disse Kit para a sua companhia invisível, numa voz profunda e baixa —, e nunca conheci o medo. Mas não consigo entrar aqui.

— Levanta bem na sua mão a jóia que ele te deu — disse-lhe o companheiro, materializando-se na noite — Os guardiões do bosque ficarão impotentes para te molestar.

Kitiara olhou para o denso anel de árvores altas. Os seus ramos, vastos e difusos, bloqueavam a penetração da luz das luas e estrelas à noite, e do sol, de dia. Em redor das raízes, a noite era perpétua. Nenhuma brisa suave tocava nos seus braços velhos, nenhum vento forte agitava os grandes membros. Dizia-se que, mesmo durante os dias horríveis que antecederam o Cataclismo, quando tempestades como nunca antes tinham sido sentidas em Krynn varreram a terra, só as árvores do bosque de Shoikan não vergaram à ira dos deuses.

Mas, mais aterrorizador do que a sua escuridão eterna, era o eco da vida eterna que pulsava dentro dele. Vida eterna, miséria e tormento eternos...

— A minha cabeça acredita no que diz — respondeu Kitiara, estremecendo —, mas não o meu coração, Lorde Soth.

— Nesse caso, volta atrás — retorquiu o cavaleiro da morte, encolhendo os ombros — Mostra-lhe que o mais poderoso grão-lorde do Dragão do mundo é um covarde.

Kitiara fitou Soth através das ranhuras oculares do capacete de dragão. Os seus olhos castanhos reluziram e a sua mão cobriu, num espasmo, o punho da sua espada. Soth retribuiu-lhe o olhar, a chama cor-de-laranja brilhando nos globos oculares em medonho escárnio. E, se os olhos *dele* riam dela, o que revelariam os olhos dourados do mago? Não seria riso, mas triunfo!

Comprimindo fortemente os lábios, Kitiara levou a mão à corrente que tinha ao pescoço, onde pendia o amuleto que Raistlin lhe enviara. Agarrando na corrente, deu-lhe um esticão rápido e soltou-a facilmente. Colocou então a jóia na mão enluvada.

Negra como o sangue dos dragões, a jóia era fria ao toque, irradiando uma corrente de ar frio mesmo através das pesadas luvas de couro. Sem ser polida, sem ser bonita, pesava na sua palma.

— Como podem vê-la os guardiões? — inquiriu Kitiara, fazendo incidir nela a luz das luas — Veja, não brilha nem cintila. Parece que a única coisa que tenho na mão é um pedaço de carvão.

— Não pode ver a lua que brilha sobre a jóia da noite, o mesmo acontecendo com toda a gente, com exceção daqueles que a idolatram — replicou Lorde Soth — Esses, e os mortos que, como eu, foram condenados à vida eterna. *Nós* podemos vê-la! Para nós, o seu brilho é mais intenso do que qualquer outra luz no céu. Levanta-a bem alto, Kitiara, levanta-a bem e avança. Os guardiões não te farão parar. Retira o capacete, para que possam ver o seu rosto e a luz da jóia refletida nos seus olhos.

Kitiara hesitou longamente. Depois, pensando no riso de escárnio de Raistlin ecoando nos ouvidos, o grão-lorde do Dragão retirou da cabeça o capacete de dragão com chifres. Permaneceu imóvel, olhando em redor. Nenhum vento lhe agitou os caracóis negros. Sentiu suores frios deslizarem pela testa. Irritada, passou a luva pela face, a fim de removê-lo. Atrás dela, podia ouvir o dragão em lamúria, um som estranho, como nunca ouvira a Skie. A sua determinação vacilou. A mão que segurava a jóia estremeceu.

— Eles alimentam-se do medo, Kitiara — disse Lorde Soth suavemente — Eleva a jóia bem alto, deixa que eles a vejam refletida nos seus olhos!

Mostra-lhe que é uma covarde! Essas palavras ecoavam na sua cabeça. Agarrando na jóia da noite e erguendo-a bem acima da cabeça, Kitiara penetrou no bosque de Shoikan.

As trevas desceram, caindo tão repentinamente sobre ela que Kitiara pensou, por um momento horrível e paralisante, que tinham cegado-a. Só a visão dos olhos flamejantes de Lorde Soth reluzindo no rosto pálido e esquelético a tranqüilizou. Esforçou-se por permanecer calma, deixando que o momento debilitante de medo se desvanecesse. Reparou então, pela primeira vez, que uma luz brilhava da jóia. Era uma luz incomparável a qualquer outra que já tivesse visto. Não iluminava tanto as trevas que permitisse a Kitiara distinguir tudo o que vivia dentro da escuridão a partir da própria escuridão.

Através do poder da jóia, Kitiara conseguiu começar a vislumbrar os troncos das árvores vivas. Avistava agora um caminho que se formava aos seus pés. Como um rio de noite, fluía em direção às árvores e teve a estranha sensação de flutuar ao longo dele.

Fascinada, observou os seus pés moverem-se, transportando-a para frente sem a sua intervenção. O bosque tentara mantê-la afastada, compreendeu, horrorizada. Agora, arrastava-a para dentro dele!

Desesperadamente, esforçou-se por recuperar o controle do seu próprio corpo. Por fim, ganhou, ou foi essa a sua impressão. Pelo menos, deixou de se mover. Mas, agora, nada podia fazer a não ser permanecer imóvel naquelas trevas movediças e tremer, o corpo abalado por espasmos de medo. Os ramos estalaram por cima dela. Folhas roçaram-lhe o rosto. Freneticamente, Kit tentou afastá-las, mas depois parou. O toque delas era frio, mas não desagradável. Era quase como uma carícia, um gesto de respeito. Fora reconhecida, tomada como um deles. De imediato, Kit viu-se senhora de si mesma de novo. Erguendo a cabeça, obrigou-se a olhar para o caminho.

Não se movia. Tal fora uma ilusão criada pelo seu próprio terror. Kit sorriu severamente. Até as próprias árvores se movimentavam! Desviavam-se do caminho para a deixarem passar. A confiança de Kitiara aumentou. Seguiu pelo caminho com passos firmes e chegou a voltar-se para olhar, com ar triunfante, para Lorde Soth, que caminhava alguns passos atrás dela. Contudo, o cavaleiro da morte parecia não reparar nela.

— Está prestes a comunicar com os espíritos seus companheiros — disse Kit para si mesma com um riso que se transformou, subitamente, num grito de verdadeiro terror.

Algo lhe agarrara o tornozelo! Um frio de gelar os ossos penetrava lentamente no seu corpo, transformando o seu sangue e nervos em gelo. A dor era intensa. Gritou com o sofrimento. Agarrando-se à perna, Kitiara viu o que a tinha apertado: uma mão branca! Erguendo-se do solo, os dedos ossudos envolviam firmemente o seu tornozelo. Sugava-lhe a vida, apercebeu-se Kit,

sentindo todo o calor do seu corpo apagar-se. Então, horrorizada, viu o pé começar a desaparecer no solo lodoso.

O pânico varreu-lhe a mente. Freneticamente, deu pontapés na mão, tentando quebrar o seu aperto de gelo. Mas esta prendia-a com força e não tardou que uma outra mão se erguesse do caminho negro e lhe agarrasse o outro tornozelo. Gritando de terror, Kitiara perdeu o equilíbrio e estatelou-se no chão.

— Não deixe cair a jóia — disse-lhe a voz sem vida de Lorde Soth —, senão eles arrastam-te para debaixo da terra!

Kitiara segurou bem na jóia, agarrando-a na mão ao mesmo tempo em que lutava e se contorcia, tentando escapar ao aperto mortal que a arrastava lentamente para baixo, para partilhar da sua sepultura.

— Ajude-me! — gritou, ao mesmo tempo que o seu olhar confuso de terror procurava Soth.

— Não posso — respondeu o cavaleiro da morte, sombriamente — A minha magia não funciona aqui. A força da sua própria vontade é tudo o que pode te salvar agora, Kitiara. Lembre-se da jóia...

Por momentos, Kitiara permaneceu imóvel, estremecendo com o toque gelado. Então, a ira trespassou-lhe o corpo. “Como se atreve ele a fazer isto a mim!”, pensou, vendo mais uma vez os olhos dourados de escárnio gozando de sua tortura. A irritação dissolveu o frio do medo e fez desaparecer o pânico. Já estava calma. Sabia o que tinha que fazer. Lentamente, foi se erguendo do solo lodoso. Depois, fria e deliberadamente, baixou a jóia até à mão esquelética e, estremecendo, tocou com ela na carne pálida.

Uma imprecação abafada ressoou das profundezas do solo. A mão agitou-se, libertou o tornozelo e deslizou de volta para as folhas apodrecidas.

Rapidamente, Kitiara tocou com a jóia na outra mão que a agarrava. Também esta desapareceu. O grão-lorde do Dragão pôs-se de pé e olhou em redor. Depois ergueu a jóia no ar.

— Vêem isto, suas criaturas amaldiçoadas de morte viva? — gritou, de forma penetrante — Vocês não me impedirão! Passarei! Estão me ouvindo? *Passarei!*

Não obteve resposta. Os ramos deixaram de estalar, as folhas permaneceram imóveis. Depois de escoar mais alguns momentos de silêncio, de jóia na mão, Kitiara prosseguiu a sua caminhada, amaldiçoando Raistlin entre dentes. Sentia a presença de Lorde Soth próximo dela.

— Já não falta muito — disse ele — Mais uma vez, Kitiara, foi digna da minha admiração.

Kitiara não respondeu. A ira tinha desaparecido, deixando um buraco vazio no seu estômago, que se voltava a encher rapidamente com medo. Não confiava nela própria para falar. Mas continuou andando, os olhos fitando severamente o caminho na sua frente. Em toda a sua volta, podia avistar os dedos escavando através do solo, buscando a carne viva que simultaneamente desejavam e odiavam. Rostos pálidos e encovados miravam-na por entre as árvores, coisas negras e disformes esvoaçavam junto dela, enchendo o ar frio e viscoso com um aroma putrefato de morte e decadência.

Mas, embora a mão enluvada que continha a jóia tremesse, nunca hesitou. Os dedos sem carne não conseguiram detê-la. Os rostos de bocas abertas bramiam em vão pelo seu sangue quente. Lentamente, os carvalhos continuavam afastando-se perante Kitiara, os ramos abrindo-se para lhe permitir a passagem.

Ali, no fim do caminho, estava Raistlin.

— Devia matar-te, seu grande filho da mãe! — afirmou Kitiara por entre os lábios entorpecidos, a mão no punho da espada.

— Também estou extremamente feliz por te ver, minha irmã — replicou Raistlin na sua voz suave.

Era a primeira vez que o irmão e a irmã se viam desde há dois anos. Agora que se encontrava fora das trevas das árvores, Kitiara conseguiu avistar o irmão, sob a luz pálida de Solinari. Raistlin usava vestes do melhor veludo preto. Pendendo dos seus ombros finos e levemente curvados, caíam em suaves pregas em redor do corpo magro. Costurados no capuz que lhe cobria a cabeça, estavam símbolos prateados; o seu rosto permanecia nas sombras, com exceção dos olhos dourados. O símbolo maior localizava-se no centro: uma ampulheta. Outros símbolos prateados reluziram à luz das luas, nos punhos das mangas largas e cheias. Apoiou-se ao seu

bastão de Magius, o seu cristal, que só refletia a luz com o comando de Raistlin, negro e frio, esculpido numa garra dourada de um dragão.

— Devia matar-te! — repetiu Kitiara e, antes de se aperceber bem do que fizera, lançou um olhar ao cavaleiro da morte, que pareceu adquirir forma no meio das trevas do bosque. Não foi um olhar de comando mas de convite, um desafio não expresso.

Raistlin sorriu, o sorriso raro que poucos tinham visto. Ficou, no entanto, perdido nas sombras do seu capuz.

— Lorde Soth — disse voltando-se para cumprimentar o cavaleiro da morte.

Kitiara mordeu o lábio quando os olhos de ampulheta de Raistlin estudaram a armadura do cavaleiro não morto. Ali estavam ainda gravados os símbolos de um cavaleiro de Solamnia (a Rosa, o Pica-Peixe e a Espada), mas estavam todos enegrecidos como se a armadura tivesse sido queimada.

— Cavaleiro da Rosa Negra — prosseguiu Raistlin —, que morreu em chamas no Cataclismo antes da maldição da donzela duende que você enganou ao ter arrastado para uma vida amarga.

— Essa é a minha história — disse o cavaleiro da morte sem se mover — E você é Raistlin, senhor do passado e do presente, o que foi anunciado.

Ficaram os dois imóveis, olhando um para o outro, ambos se esquecendo de Kitiara que, sentindo o desafio silencioso e mortal entre os dois, se esqueceu da sua própria ira, sustendo a respiração para testemunhar o que iria acontecer.

— A sua magia é forte — comentou Raistlin. Um vento suave agitou os ramos dos carvalhos e acariciou as pregas negras das vestes do mago.

— Sim — respondeu Lorde Soth calmamente — Posso matar com uma única palavra. Posso lançar uma bola de fogo para o meio dos meus inimigos. Comando um esquadrão de esqueletos guerreiros que podem destruir com um simples toque. Posso criar uma parede de gelo para proteger aqueles a quem sirvo. O invisível é discernível aos meus olhos. Feitiços vulgares não resultam na minha presença.

Raistlin anuiu, as pregas do seu capuz movendo-se suavemente.

Lorde South fitou o mago sem falar. Caminhando na direção de Raistlin, parou apenas a alguns centímetros do frágil corpo do mago. A respiração de Kitiara acelerou-se.

Depois, com um gesto cortês, o amaldiçoado Cavaleiro de Solamnia colocou a mão sobre a parte da sua anatomia que contivera o seu coração.

— Mas, curvo-me com reverência na presença de um mestre — disse Lorde Soth.

Kitiara mastigou o lábio, lançando uma exclamação. Raistlin olhou para ela rapidamente, com escárnio brilhando nos seus olhos dourados de ampulheta.

— Desapontada, querida irmã?

Mas Kitiara estava já acostumada aos ventos de mudança do destino. Analisara o inimigo e descobrira o que necessitava de saber. Podia agora levar avante a sua batalha.

— Claro que não, irmãozinho — respondeu ela com um sorriso que muitos achavam encantador — Afinal, foi a você que vim visitar. Há muito que não nos víamos. Está com bom aspecto.

— Ah, isso estou, querida irmã — disse Raistlin. Avançando, pousou a pequena mão sobre o braço dela. Kitiara sobressaltou-se com o toque: a carne dele estava quente, como se estivesse ardendo em febre. Mas, reparando nos olhos atentos com que ele a observava, notando cada uma das suas reações, não vacilou. Ele sorriu.

— Passou tanto tempo desde a última vez que nos vimos. Dois anos, não foi? Na verdade, faz agora na Primavera dois anos — continuou, em tom de conversa ocasional, mantendo o braço de Kitiara sob a sua mão. A sua voz estava cheia de ironia — Foi no templo da Rainha das Trevas, em Neraka, aquela noite fatal em que a minha rainha encontrou a sua perdição e foi banida do mundo...

— Muito obrigada pela sua traição — disse Kitiara rudemente, tentando, sem sucesso, libertar-se do aperto dele. Raistlin mantinha a mão sobre o braço de Kitiara. Embora fosse mais alta e forte do que o frágil mago, e parecendo ser capaz de parti-lo em dois só com

um golpe de mãos, Kitiara, mesmo assim, desejava intensamente afastar-se daquele toque ardente, mas não se atreveu a mover-se.

Raistlin riu e, arrastando-a com ele, conduziu-a para os portões exteriores da Torre de Alta Feitiçaria.

— Vamos falar de traição, querida irmã? Não ficou delirante quando utilizei a minha magia para destruir o escudo de proteção de Lorde Ariakas, fornecendo a Tanis Semiduende a oportunidade de enfiar a espada no corpo do *seu* senhor e amo? Não fui eu quem, com essa ação, te tornou no mais poderoso grão-lorde do dragão de Krynn?

— De grande coisa me serviu! — retorquiu-lhe Kitiara, amargamente — Quase fui mantida prisioneira em Sanction pelos cavaleiros de Solamnia, que cercam o território por todos os lados! Guardada noite e dia por dragões dourados, cada movimento controlado. Os meus exércitos dispersaram-se, vagueando pelo país...

— Contudo, veio até aqui — disse Raistlin simplesmente — Os dragões dourados impediram-te? Os cavaleiros sabem que partiu?

Kitiara parou no caminho que conduzia à torre, fitando o irmão com espanto.

— Foi obra sua?

— Claro! — Raistlin encolheu os ombros — Mas falaremos sobre estas questões mais tarde, querida irmã — afirmou, enquanto caminhavam — Está com frio e com fome. O bosque de Shoikan mexe com os nervos dos mais audaciosos. Só uma outra pessoa passou com sucesso através dos seus limites, com o meu auxílio, obviamente.

Esperava que se saísse bem, mas devo admitir que fiquei um pouco surpreendido com a coragem de Lady Crysania...

— Lady Crysania! — repetiu Kitiara, atordoada — Uma Venerável Filha de Paladine! Permitiu a entrada dela... aqui?

— Não só permiti a entrada dela como a convidei a vir aqui — respondeu Raistlin imperturbável — Sem esse convite e um amuleto, nunca teria passado.

— E ela veio?

— Oh, e com bastante ansiedade, devo dizer-te — Foi a vez de Raistlin parar. Permaneciam à entrada da Torre de Alta Feitiçaria. A luz dos archotes proveniente das janelas incidiu no seu rosto. Kitiara pôde vê-lo claramente. Os lábios estavam retorcidos num sorriso, os seus olhos planos e dourados reluziam frios e frágeis como a luz de um sol de Inverno — Com bastante ansiedade — repetiu, suavemente.

Kitiara começou a rir.

Mais tarde, nessa noite, depois de as duas luas terem desaparecido no céu, nas horas ainda escuras que antecediavam o amanhecer, Kitiara encontrava-se sentada no estúdio de Raistlin, um copo de vinho tinto nas mãos, as sobrancelhas franzidas.

O estúdio era confortável, ou pelo menos assim parecia. Havia cadeiras largas do melhor material e requintada construção sobre carpetes de lã fabricadas à mão, que só as pessoas mais abastadas de Krynn tinham posses para adquirir. Estava decorado com pinturas em tela de extravagantes bestas e flores coloridas que despertavam a atenção, tentando o observador a perder-se por longas horas na sua beleza. Aqui e ali, mesas de madeira esculpidas, objetos raros e lindos, ou raros e espectrais, ornamentavam a divisão.

Mas a sua característica predominante eram os livros. A toda a volta existiam prateleiras fundas de madeira, com centenas e centenas de livros. Muitos tinham uma aparência muito semelhante, todos encadernados a azul-escuro, decorados com símbolos em prata. Era uma sala confortável, mas apesar de um lume que ardia numa enorme lareira numa das extremidades do estúdio, havia no ar um frio que fazia estremecer os ossos. Kitiara não estava muito certa, mas tinha a sensação que esse ar frio provinha dos livros.

Lorde Soth manteve-se bem longe da luz da fogueira, oculto nas sombras. Kit não podia vê-lo, mas tinha a percepção da sua presença, o mesmo acontecendo com Raistlin. O mago encontrava-se sentado em frente da meia-irmã, numa enorme cadeira por detrás de uma gigantesca mesa de madeira negra, esculpida de forma tão hábil que as criaturas que a decoravam pareciam observar Kitiara com os seus olhos de madeira.

Sorrindo desconfortavelmente, bebeu o vinho, muito depressa. Embora estivesse acostumada a bebidas fortes, começava a sentir-se tonta e detestava essa sensação. Significava que estava perdendo o controle. Irritada, arremessou o copo para longe dela, determinada a não beber mais.

— Esse seu plano é de doidos! — disse a Raistlin, irritada. Não lhe agradando sentir os seus olhos dourados sobre ela, Kitiara ergueu-se e começou a andar pelo estúdio — Não faz sentido! Uma perda de tempo. Com a sua ajuda, poderíamos governar Ansalon, você e eu. Na verdade...

— Kitiara voltou-se repentinamente, o rosto aceso de impetuosidade —, com o seu poder poderíamos governar o mundo! Não precisamos de Lady Crysania ou do nosso desajeitado irmão...

— Governar o mundo — repetiu Raistlin suavemente, com os olhos em fogo — Governar o *mundo*? Continua sem compreender, não é, querida irmã? Deixe-me esclarecer da forma mais clara que conseguir — Foi agora a sua vez de se levantar. Comprimindo as pequenas mãos sobre a mesa, inclinou-se para ela, como uma cobra — Pouco me interessa o mundo! — disse, suavemente — Poderia governá-lo amanhã, se desejasse! Não quero.

— Não quer o mundo — Kit encolheu os ombros, a voz azeda de sarcasmo — Nesse caso, só resta...

Kitiara quase mordeu a língua. Fitou Raistlin em interrogação. Nas sombras do estúdio, os olhos flamejantes de Lorde Soth reluziram de forma mais brilhante do que o próprio fogo.

— Agora compreende — Raistlin sorriu de satisfação e voltou a sentar-se — Vê agora a importância desta Venerável Filha de Paladine! Foi o destino quem a trouxe a mim, precisamente quando se aproximava a altura da minha viagem.

Kitiara só conseguiu olhar para ele, horrorizada. Por fim, encontrou a voz.

— Como... como pode saber que ela te seguirá? Certamente que não contou a ela!

— Apenas o suficiente para plantar a semente no peito dela — Raistlin sorriu, pensando nesse encontro. Recostando-se, levou os dedos magros aos lábios — A minha representação foi, muito

honestamente, espetacular. Falei com relutância, as palavras retiradas de mim pela bondade e pureza dela. Foram saindo, manchadas de sangue, e ela era minha... perdida devido à sua própria piedade — Voltou ao presente, repentinamente — Ela virá — disse, com frieza, inclinando-se novamente para a frente — Ela e aquele idiota do meu irmão. Ele me servirá sem qualquer propósito, é claro. Mas, também, é assim que ele faz tudo.

Kitiara levou a mão à cabeça, sentindo o sangue pulsar. Não era efeito do vinho, estava agora completamente sóbria. Era fúria e frustração. “Ele poderia ajudar-me!”, pensou, irritada. É realmente tão poderoso quanto dizem. Ainda mais! Mas é perfeitamente doido. Perdeu o juízo... Depois, espontaneamente, uma voz falou para ela de algum lugar no seu íntimo: “E se ele não estiver doido? E se ele realmente pretende avançar com isto?”

Friamente, Kitiara ponderou o plano dele, considerou-o cuidadosamente de todos os ângulos. O que viu horrorizou-a. Ele não poderia ganhar! E, o que era pior, a arrastaria com ele!

Estes pensamentos passaram rapidamente pela mente de Kit, e nenhum deles foi revelado no seu rosto. Na verdade, o seu sorriso intensificou-se. Muitos foram os homens que morreram tendo, como última visão, esse sorriso.

Raistlin poderia estar considerando isso quando olhou para ela intensamente.

— Pode escolher o lado da vitória para variar, minha irmã.

A convicção de Kitiara vacilou. Se ele *conseguisse* concretizar o plano, isso representaria a glória! Glória! Krynn seria dela.

Kit olhou para o mago. Há vinte e oito anos ele não passava de um bebê recém-nascido, doente e fraco, um frágil sócia do seu forte e robusto irmão gêmeo.

— Ele que morra. Será o melhor, a longo prazo — dissera a parteira. Nessa altura, Kitiara era uma adolescente. Aterrorizada, ouvira a mãe concordar, chorando.

Mas Kitiara recusara. Algo dentro dela respondera ao desafio. O bebê havia de viver! Ela *faria* com que ele vivesse, quer ele quisesse ou não. “A minha primeira luta”, costumava dizer orgulhosa às pessoas, “foi com os deuses. E ganhei!”

E agora! Kitiara estudou-o. Viu o homem. Viu, na sua mente, aquele frágil bebê. Abruptamente, virou-se.

— Tenho que regressar — afirmou, calçando as luvas.

— Contacte-me depois de voltar?

— Se for bem sucedido, não haverá necessidade de te contactar — respondeu Raistlin suavemente — Saberá!

Kitiara quase riu de escárnio, mas conteve-se rapidamente. Olhando para Lorde Soth, preparou-se para sair do estúdio.

— Então adeus, meu irmão — Embora controlada, não conseguiu evitar a expressão de ira na voz — Lamento que não partilhe do meu desejo em relação às coisas boas *desta* vida! Poderíamos ter alcançado grandes feitos, você e eu!

— Adeus, Kitiara — disse Raistlin, a mão pequena solicitando a presença das formas sombrias daqueles que o serviam para que conduzissem os seus convidados à porta.

— Oh, a propósito — acrescentou, quando Kit já se encontrava prestes a sair —, devo-lhe a vida, querida irmã. Pelo menos foi o que me disseram. Só gostaria que soubesse que com a morte de Lorde Ariakas, que teria, sem dúvida, conseguido tirar-lhe a vida, considero a minha dívida paga. Não lhe devo nada!

Kitiara fitou os olhos dourados do mago, em busca de uma ameaça, uma promessa... o que seria? Mas nada encontrou. Absolutamente nada. Então, num instante, Raistlin proferiu uma palavra mágica e desapareceu da vista dela.

A saída do bosque de Shoikan não foi difícil. Os guardiões não queriam saber daqueles que deixavam a torre. Kitiara e Lorde Soth caminharam juntos, o cavaleiro da morte movendo-se silenciosamente através do bosque, os seus pés não deixando qualquer marca sobre as folhas que jaziam mortas e apodreciam no solo. A Primavera não chegava ao bosque de Shoikan.

Kitiara só falou quando alcançaram o perímetro exterior das árvores e se encontraram no sólido pavimento de pedra da cidade de Palanthas. O sol erguia-se, o céu passara do azul profundo da noite para um cinzento-pálido. Aqui e ali, passavam os palanthianos cujos negócios exigiam que se levantassem cedo. Mais ao fundo da rua, para lá dos edifícios abandonados que rodeavam a torre, Kitiara

ouviu passos de marcha. Era o render da guarda na muralha. Encontrava-se de novo entre os vivos.

Respirou fundo e disse para Lorde Soth:

— Ele tem que ser impedido.

O cavaleiro da morte não fez qualquer comentário. Não disse que sim nem que não.

— Não será fácil, eu sei — disse Kitiara, colocando o capacete de dragão na cabeça e caminhando apressadamente para Skie, que erguera a cabeça em triunfo ao vê-la aproximar-se. Fazendo carinho no pescoço do seu dragão, Kitiara virou-se para enfrentar o cavaleiro da morte.

— Mas não temos necessidade de nos confrontarmos diretamente com Raistlin. O projeto dele depende de Lady Crysania. É só tirá-la do caminho e o faremos parar. Na verdade, nem sequer precisará de vir a saber que tive alguma coisa a ver com isso. Muitos morreram ao tentarem penetrar na floresta de Wayreth. Não é verdade?

Lorde Soth concordou, os olhos ardentes reluzindo levemente.

— Você trata disso. Faça com que pareça ser... o destino — disse Kitiara — Aparentemente, o meu irmãozinho acredita nisso — Montou no dragão — Quando era pequeno, ensinei-lhe que recusar-se a obedecer-me significava ser chicoteado. Parece que precisa aprender a lição de novo!

Ao comando dela, as poderosas pernas traseiras de Skie afundaram-se no pavimento, estalando e partindo as pedras. Saltou para o ar, abriu as asas e penetrou no céu da manhã. As pessoas de Palanthas sentiram uma sombra erguer-se dos seus corações, mas foi tudo o que perceberam. Poucos foram os que viram o dragão, ou quem o montava, partir.

Lorde Soth permaneceu junto do limite do bosque de Shoikan.

— Também eu acredito no destino, Kitiara — murmurou o cavaleiro da morte — O destino é o próprio homem quem o faz.

Olhando para cima, para as janelas da Torre de Alta Feitiçaria, Soth viu a luz extinguir-se da sala onde tinham estado. Por um breve instante, a torre ficou envolta nas perpétuas trevas que pareciam pairar sobre ela, trevas essas que a luz do sol não conseguia

penetrar. Então, uma luz acendeu, numa das divisões no alto da torre.

O laboratório do mago, a divisão escura e secreta onde Raistlin trabalhava com a sua magia.

— Quem irá ensinar a lição, pergunto a mim mesmo? — murmurou Soth. Encolhendo os ombros, desapareceu, fundindo-se nas sombras à medida que a luz do dia se aproximava.



CAPITULO 6

— Vamos parar neste lugar — disse Caramon, dirigindo-se para um edifício quase em ruínas que se encontrava um pouco afastado do caminho, espreitando da floresta como uma fera — Talvez ela tivesse passado aqui.

— Ponho as minhas sérias dúvidas — afirmou Tas, observando dubiamente o letreiro que pendia suspenso apenas por uma correia por cima da porta — *A Cracked Mug* não me parece propriamente o local...

— Disparate — resmungou Caramon, tal como resmungara mais vezes nesta viagem, de tal forma que Tas perdera a conta —, ela tem que comer. Mesmo as eclesiásticas de grande nível têm que comer. Ou talvez alguém aqui presente tenha visto qualquer sinal dela no caminho. *Nós* não estamos com sorte.

— Não — murmurou Tasslehoff por entre dentes —, mas poderíamos ter mais sorte se procurássemos na estrada e não em tabernas.

Andavam na estrada há já três dias, e as apreensões de Tas em relação a esta aventura tinham provado ser verdadeiras.

Regra geral, os *kender* são viajantes entusiastas. Todos os *kender* se sentem atraídos pelo desejo de viajar quando rondam o seu vigésimo ano. Nesta altura, partem alegremente para partes desconhecidas, com a única intenção de encontrar aventura e quaisquer objetos belos, horríveis ou curiosos, que possam, por mero acaso, cair nas suas algibeiras. Completamente imunes à emoção do medo, angustiados por uma curiosidade incansável, a população *kender* de Krynn não era muito vasta, fato muito apreciado em todo o Krynn.

Tasslehoff Burrfoot, que se aproximava agora do seu trigésimo ano (pelo menos, tanto quanto se lembrava) era, na maioria dos aspectos, um *kender* típico. Viajara pelo continente de Ansolan, primeiro com os seus pais, antes de estes se instalarem definitivamente em Kenderhome. Quando alcançou a idade própria, viajou sozinho até conhecer Flint Fireforge, o anão ferreiro e o seu amigo, Tanis Semiduende. Depois de Sturm Brightblade, cavaleiro de Solamnia, e os gêmeos, Caramon e Raistlin, se terem juntado a eles, Tas ficou envolvido na mais maravilhosa aventura da sua vida, a guerra de Lance.

Mas, noutros aspectos, Tasslehoff não *era* um *kender* típico, muito embora ele negasse se alguém mencionasse tal fato. A perda de duas pessoas de quem ele muito gostava, Sturm Brightblade e Flint, afetou profundamente o *kender*. Conhecera a emoção do medo, não o medo por si, mas medo e preocupação por aqueles de quem gostava. A sua inquietação por Caramon, naquele preciso momento, era forte, e aumentava em cada dia que passava.

No início, a viagem fora divertida. Logo que Caramon ultrapassou a sua mágoa no respeitante ao coração endurecido de Tika e à incapacidade do mundo em geral para compreendê-lo, bebera alguns tragos do frasco e sentira-se melhor. Depois de mais alguns tragos, começou a contar histórias sobre os dias em que prestou auxílio na perseguição de draconianos. Tas achou isto divertido e interessante. Embora tivesse de vigiar Bupu

constantemente para não deixá-la ser atropelada por uma carroça ou entrar numa poça de lama, gostou da manhã.

Quando a tarde chegou, já o frasco estava vazio, mas Caramon continuava de bom humor, prestando-se mesmo a escutar algumas das histórias de Tas, que o *kender* nunca se cansava de relatar. Infelizmente, logo na melhor parte, quando ele escapava com o enorme mamute e os feiticeiros lançavam relâmpagos contra ele, Caramon deparou com uma taberna.

— Vou só encher o frasco — disse e entrou.

Tas ia segui-lo quando viu Bupu fitando, de boca aberta, a forja quente de ferreiro, do outro lado da estrada. Compreendendo que ela poderia queimar-se ou lançar fogo à cidade, ou as duas coisas, e sabendo que não a poderia levar para a taberna (recusavam-se a servir anões bobos), Tas decidiu ficar cá fora a vigiá-la. Afinal, Caramon só ia demorar alguns minutos...

Duas horas mais tarde, o grande homem saiu, com passos pouco firmes.

— Em nome do abismo, onde esteve? — inquiriu Tas, atirando-se a Caramon como um gato.

— Tomei apenas... apenas... — Caramon oscilava — uma para a... viagem.

— Estou empenhado numa busca! — gritou Tas, desesperado — A minha primeira busca, que me foi confiada por uma pessoa importante, que pode estar em perigo. E fiquei aqui detido por duas horas com um anão bobo! — Tas apontou para Bupu, que dormia numa vala — Nunca estive tão aborrecido, e você está encharcado em bebida!

Caramon olhou para ele, com os lábios cerrados.

— Sabe uma coisa? — disse o enorme homem ao caminhar vacilante pela estrada — Começa a se parecer muito com Tika...

A partir daqui, as coisas começaram rapidamente a correr mal. Nessa noite, alcançaram a encruzilhada.

— Vamos por aqui — disse Tas, apontando — Seguramente que Lady Crysania sabe que as pessoas vão tentar impedi-la. Há de tomar uma estrada pouco freqüentada para tentar enganar os seus

perseguidores. Acho que devemos tomar o mesmo caminho que seguimos há dois anos atrás, quando deixamos Solace...

— Disparate! — grunhiu Caramon — É uma mulher e, para mais, uma eclesiástica. Deve ter tomado o caminho mais fácil. Vamos por Haven.

Tas tivera as suas dúvidas em relação a esta decisão e as incertezas acabaram por transformar-se em certezas. Algumas milhas mais à frente, chegaram a uma outra taberna.

Caramon entrou para descobrir se alguém vira uma pessoa que correspondesse à descrição de Lady Crysania, deixando Tas, mais uma vez, com Bupu. Uma hora mais tarde o grande homem apareceu, com o rosto corado e alegre.

— Então, alguém a viu? — inquiriu Tas irritado.

— Viu quem? Oh... ela. Não.

E agora, dois dias depois, estavam apenas a meio caminho de Haven. Mas o *kender* poderia ter escrito um livro descrevendo as tabernas existentes ao longo do percurso.

— Nos velhos tempos — fumegou Tas —, poderíamos ter ido e regressado a Tarsis levando este tempo!

— Nessa altura, era mais jovem e imaturo. O meu corpo amadureceu, e tenho que ir desenvolvendo a minha força — disse Caramon com arrogância —, pouco a pouco.

— Ele está desenvolvendo-se pouco a pouco — disse Tas para si mesmo, severamente —, a força é que não!

Caramon não conseguia caminhar muito mais do que uma hora antes de se ver forçado a sentar-se e a descansar. Por vezes, deitava-se no chão, gemendo de dor, com a transpiração cobrindo-lhe o rosto. Era preciso Tas, Bupu e o frasco de bebida para o pôr de pé de novo. Lamentava-se amarga e continuamente. A armadura provocava-lhe calor, tinha fome, o sol estava muito quente, tinha sede. À noite, insistia que parassem numa estalagem reles. Tas desfrutava então do prazer de observar o grande homem beber até ficar inconsciente. Tas e o empregado arrastavam-no depois para o quarto, onde dormia até ao meio da manhã.

Depois do terceiro dia (e da vigésima taberna) e ainda sem sinais de Lady Crysania, Tasslehoff começava a pensar seriamente

em regressar a Kenderhome, comprar uma casita jeitosa e despedir-se das aventuras.

Era perto de meio-dia quando chegaram à Cracked Mug. Caramon desapareceu de imediato no interior. Recebendo um sinal que provinha dos dedos dos pés, no interior dos seus sapatos novos e verdes. Tas ficou junto de Bupu, olhando para o exterior do local degradado, em silêncio severo.

— Eu já não gostar disto — anunciou Bupu. Fitava Tas com ar acusador — Você dizer que nós encontrar homem bonito com vestes vermelhas. Tudo o que encontrar ser um bêbado gordo. Eu ir para casa, para Highbulp, Phudge I.

— Não, não vá embora! Ainda não! — gritou Tas desesperado — Havemos de encontrar o... uh... homem bonito. Ou, pelo menos, uma mulher bonita que quer ajudar o homem bonito. Talvez... talvez consigamos saber alguma coisa aqui.

Era óbvio que Bupu não acreditava nele. Nem o próprio Tas acreditava.

— Escuta — disse —, espera aqui por mim. Não devemos estar longe. Já sei, vou trazer qualquer coisa para comer. Promete que não vai embora?

Bupu mordeu o lábio e olhou para Tas desconfiada.

— Eu esperar — disse, sentando-se na estrada lamacenta — Pelo menos até depois do almoço.

Tas, com o queixo saliente espetado com firmeza, seguiu Caramon para o interior da taberna. Ele e Caramon iam ter uma pequena conversa...

Contudo, tal não foi necessário.

— A vossa saúde, cavalheiros — disse Caramon, erguendo um copo aos clientes desleixados que se reuniam no bar. Não havia muitos: um par de anões viajantes, sentados perto da porta, e um grupo de humanos, vestidos à guardas-florestais, que levantaram as canecas, retribuindo o brinde de Caramon.

Tas sentou-se junto de Caramon, tão deprimido que chegou a devolver uma bolsa que as suas mãos (sem que se apercebesse disso) retiraram do cinto de um dos anões por quem passara.

— Penso que deixou cair isto — murmurou Tas, entregando-a ao anão, que o fitou surpreso.

— Andamos à procura de uma jovem senhora — disse Caramon, instalando-se para passar a tarde. Recitou a descrição dela, tal como o fizera em cada taberna, desde que saíram de Solace — Cabelo preto, baixa, delicada, rosto pálido, vestes brancas. E uma ecle...

— Sim, nós a vimos — disse um dos guardas-florestais. A cerveja saltou da boca de Caramon.

— Viram? — conseguiu proferir, engasgado. Tas empertigou-se.

— Onde? — inquiriu, ansiosamente.

— Andava pelos bosques, a leste daqui — disse o guarda, apontando o dedo.

— Sim? — afirmou Caramon, com ar desconfiado. — O que andavam vocês fazendo pelos bosques?

— À caça de gnomos. Há uma recompensa por eles em Haven.

— Três moedas de ouro em troca de orelhas de gnomos — disse o amigo, com um sorriso sem dentes —, se quiser tentar a sua sorte.

— E quanto à mulher? — inquiriu Tas.

— Cá para mim, é doida — O homem abanou a cabeça.

— Dissemos que as terras por ali estavam cheias de gnomos e que não deveria continuar só. Limitou-se a responder que estava nas mãos de Paladine, ou um nome qualquer assim, e que ele cuidaria dela.

Caramon soltou um suspiro e levou a bebida aos lábios.

— Não há dúvida que parece ser ela... Levantando-se, Tas retirou o copo da mão do enorme homem.

— Que... — Caramon olhou para ele irritado.

— Vamos! — disse Tas, puxando por ele — Temos que partir! Muito obrigado pela ajuda — agradeceu, arrastando Caramon para a porta — Onde é que disse que a viu?

— A cerca de dez milhas a leste daqui. Encontram uma trilha nas traseiras da taberna. Parte da estrada principal. Sigam-na, e ela

leva-os através da floresta. Costumava ser um atalho para Gateway, antes de ter se tornado muito perigoso.

— Obrigado, mais uma vez! — Tas puxou Caramon, que continuava a protestar pela porta fora.

— Que diabo, qual é a pressa? — rosnou Caramon irritado, libertando-se das mãos de Tas — Podíamos ao menos ter jantado...

— Caramon! — disse Tas agitado, quase aos saltos.

— Pensa! Lembre-se! Não compreende onde ela está? Dez milhas a leste daqui! Vê... — Abrindo uma das suas algibeiras, Tas retirou uma série de mapas. Apressadamente, passou a vista por eles, deixando-os cair no chão com a pressa — Vê — repetiu finalmente, desenrolando um e atirando-o contra o rosto corado de Caramon.

O grande homem olhou para ele, tentando focar a visão.

— Huh?

— Oh, por... Vê, aqui é onde estamos, tanto quanto posso precisar. E aqui fica Haven, ainda a sul de nós. Deste lado fica Gateway. Aqui está a trilha a que eles se referiam e aqui... — o dedo de Tas apontou.

Caramon pestanejou.

— Flor... flo... flo... floresta sombria. Parece-me familiar...

— Claro que te parece familiar! Quase morremos lá! — gritou Tas, acenando os braços — Foi preciso Raistlin para nos salvar...

Vendo Caramon franzir a sobrancelha, Tas apressou-se a continuar.

— E se ela anda por lá sozinha? — inquiriu, em tom solícito.

Caramon fitou a floresta, os olhos turvos espreitando a trilha estreita e a vegetação densa. Franziu ainda mais a sobrancelha.

— Penso que está à espera que eu a impeça de ir — resmungou.

— Bom, naturalmente que temos que impedi-la! — começou Tas, mas depois parou — Nunca teve essa intenção — disse o *kender* suavemente, fitando Caramon — Desde o início que nunca pretendia ir atrás dela. Ia apenas passar por aqui uns dias, tomar umas bebidas, rir um pouco e depois voltar para Tika, dizer-lhe que

era um autêntico falhado, partindo do princípio que ela te recebia de volta, tal como é costume...

— E então, o que esperavas que fizesse — disse Caramon, desviando-se do olhar reprovador de Tas — Como posso eu ajudar esta mulher a encontrar a Torre de Alta Feitiçaria, Tas? — Começou a choramingar — Não a *quero* encontrar! Jurei que nunca mais me aproximaria daquele lugar maldito! Eles destruíram-no lá, Tas. Quando saiu de lá, a pele dele tinha aquela estranha cor dourada. Deram-lhe aqueles olhos amaldiçoados e tudo o que ele agora vê é morte. Destruíram-lhe o corpo. Não podia respirar sem tossir. E obrigaram-no... obrigaram-no a matar-me! — Caramon sufocou e enterrou o rosto nas mãos, soluçando de dor e estremecendo de terror.

— Ele... ele não te matou, Caramon — disse Tas, sentindo-se completamente indefeso — Tanis contou-me. Tratava-se apenas de uma imagem sua. E ele estava doente, amedrontado e sofrendo bastante dentro de si. Não sabia o que fazia...

Mas Caramon limitou-se a abanar a cabeça. E o *kender*, comovido, não conseguia censurá-lo. “Não admira que não queira voltar lá”, pensou Tas com remorsos. Talvez fosse melhor levá-lo para casa. Nas condições em que está, não servirá certamente de grande ajuda a ninguém. Mas depois, Tas lembrou-se de Lady Crysania, completamente só, penetrando na floresta sombria...

— Uma vez falei com um espírito — murmurou Tas —, mas não tenho certeza de que se lembrem de mim. E há gnomos por aí. Embora não tenha medo deles, não creio que me saia muito bem lutando com mais de três ou quatro.

Tasslehoff sentia-se perdido. Se ao menos Tanis estivesse ali! O semi-duende sabia sempre o que dizer, o que fazer. Faria com que Caramon desse ouvidos à razão. Mas Tanis não se encontrava ali, proferiu uma voz austera dentro do *kender* que, por vezes, suspeitava parecer-se com a de Flint. Terá você mesmo que resolver o assunto!

Não quero ser eu a resolver o assunto! — respondeu fracamente Tas, aguardando uns instantes para ver se a voz respondia. Não o fez. Estava só.

— Caramon — afirmou Tas, tornando a sua voz o mais profunda possível e esforçando-se por imitar Tanis —, escuta, só vem conosco até o limite da floresta de Wayreth. Depois pode ir para casa. Provavelmente ficaremos em segurança a partir daí...

Mas Caramon não o escutava. Afundado em bebida e auto-compaixão, caiu no chão. Encostando-se a uma árvore, balbuciou coisas incoerentes sobre horrores anônimos, implorando a Tika que o recebesse de novo.

Bupu levantou-se e colocou-se na frente do grande guerreiro.

— Eu ir — disse, com desprezo — Se eu quiser bêbados gordos e chorosos, encontrar muitos na minha terra — Ergueu a cabeça e começou a percorrer a estrada. Tas correu atrás dela, apanhou-a e arrastou-a de volta.

— Não, Bupu! Não pode ir! Estamos quase lá! Subitamente, a paciência de Tasslehoff esgotou-se.

Tanis não estava ali. Não havia ninguém que pudesse ajudá-lo. Era exatamente como na vez em que ele quebrara a orbe do dragão. Talvez a sua atuação não estivesse correta, mas era a única solução que antevia.

Tas aproximou-se de Caramon e deu-lhe um pontapé nas canelas.

— Al! — gritou Caramon. Surpreendido, olhou para Tas, com uma expressão intrigada no rosto — Para que fez isso?

Em resposta, Tas deu-lhe novo pontapé, com força. Rosnando, Caramon agarrou na perna.

— Eh, até que enfim nos divertimos um pouco — disse Bupu. Correndo para frente com entusiasmo, bateu em Caramon na outra perna — Eu ficar agora.

O grande homem rugiu. Agitando os pés, fitou Tas.

— Raios, Burrfoot, se este é um dos seus jogos...

— Não se trata de um jogo, seu grande animal! — gritou o *kender* — Decidi enfiar algum juízo nessa cabeça, nem que seja a pontapé, é só isso! Estou farto das suas lamúrias! Tudo o que fez, todos estes anos, foi lamentar-se! O nobre Caramon, sacrificando tudo pelo seu ingrato irmão. Querido Caramon, pondo sempre Raistlin em primeiro lugar! Bem... talvez o fizesse e talvez não.

Começo a pensar que sempre pôs Caramon em primeiro lugar! E talvez Raistlin soubesse, bem no seu íntimo, o que começo a perceber agora! Só o fez porque *te* fazia sentir bem! Raistlin não precisava de você, você é que precisava dele! Viveu a vida dele porque tinha muito medo para viver a sua própria!

Os olhos de Caramon reluziram fervorosamente, o rosto empalideceu de ira. Ergueu-se lentamente, de punhos cerrados.

— Foi longe demais, seu desgraçado...

— Fui? — Tas gritava, saltitando para cima e para baixo — Bem, escuta isto, Caramon! Anda sempre lamentando-se de que ninguém precisa de você. Já alguma vez parou para pensar que Raistlin precisa mais de você do que jamais precisou? E Lady Crysania também necessita de você! E aí está você, um monte de banhas, com o cérebro ensopado e com conversas patéticas!

Tasslehoff pensou por momentos que *fora* realmente longe demais. Caramon deu um passo vacilante para frente, o rosto manchado, sarapintado e feio. Bupu deu um grito e enfiou-se atrás de Tas. O *kender* manteve-se firme, exatamente como atuara quando os furiosos lordes duendes estavam prestes a cortá-lo em dois por ter quebrado a orbe dragão. Caramon fitou-o severamente, o hálito transbordante de álcool quase fazendo Tas vomitar. Involuntariamente, fechou os olhos. Não por medo, mas pela terrível angústia e irritação visível no rosto de Caramon.

Permaneceu imóvel, à espera do golpe que, provavelmente, levaria o seu nariz até ao outro lado da cabeça.

Mas o golpe nunca chegou a ser desferido. Ouvia-se o som de ramos de árvores a serem partidos, e de uns pés enormes pisando densos arbustos.

Cautelosamente, Tas abriu os olhos. Caramon desaparecera, esmagando tudo no seu caminho através da trilha que conduzia à floresta. Suspirando, Tas seguiu atrás dele. Bupu apareceu de onde se escondera.

— Foi divertido — anunciou — Eu ficar, afinal de contas. Talvez brincarmos outra vez?

— Não me parece, Bupu — disse Tas, em tom miserável — Anda daí. Acho que é melhor irmos atrás dele.

— Oh, está bem — refletiu a anã, filosoficamente — Pode aparecer outro jogo, tão divertido como este.

— Sim — concordou Tas, absorto. Virando-se, com receio de que alguém na estalagem tivesse ouvido a conversa e pudesse causar problemas, os olhos do *kender* abriram-se de espanto.

A taberna Cracked Mug desaparecera. O edifício arruinado, o letreiro balançando numa só corrente, os anões, os guardas florestais, o estalajadeiro, mesmo o copo que Caramon levava aos lábios. Tudo desaparecera no ar do fim de tarde como um mau sonho depois do despertar.



CAPÍTULO 7

*Canta quando os espíritos te agitam,
Canta para os seus olhos que duplicam,
A simples Jane transforma-se em adoráveis lindas
Quando seis luas brilham no céu.
Canta à coragem de um marinheiro,
Canta enquanto os cotovelos se dobram,
Um porto de rubi como teu ancoradouro,
Iça três lençóis ao vento.
Canta enquanto o coração é cordial,
Canta ao absinto de inquietações,
Canta aquele que busca a estrada imaginada,
E o cão, e cada um dos seus pêlos.
Todas as servas te amam,
Cada cão teu amigo é,
O que quer que digas é apenas aquilo que sentes,
Por isso, iça três lençóis ao vento.*

Quando a noite chegou, Caramon estava perdido de bêbado.

Tasslehoff e Bupu apanharam o grande homem quando este se encontrava no meio da trilha, bebendo a última gota do frasco. Inclinou a cabeça para trás, sacudindo-o para não perder nem um pingo. Quando finalmente baixou o frasco, foi para espreitar para o interior, com desapontamento. Oscilando de pé, abanou-o.

— Foi-se tudo — ouviu-o Tas dizer, em tom infeliz. O *kender* sentiu-se subitamente desanimado — Agora é que vão ser elas — afirmou Tas para si mesmo, destroçado — Não lhe posso contar sobre a estalagem desaparecida. Sobretudo nas condições em que está, só iria tornar as coisas piores!

Mas não se apercebera quão piores as coisas iriam ficar até se aproximar de Caramon e lhe tocar no ombro. O grande homem deu meia volta, em alarme embriagado.

— Que é? Quem está aí? — Olhou rapidamente em redor da floresta que escurecia.

— Eu, aqui em baixo — disse Tas, em voz baixa — Eu... eu só queria dizer que estou arrependido, Caramon, e...

— Uh? Oh... — Retorcendo vacilante, Caramon fitou-o e depois sorriu como um palerma — Oh, olá, pequenino. Um *kender* — o seu olhar passou para Bupu — e uma anã bo-bo-bo-boba — terminou, rapidamente — Como se chamam?

— O quê? — inquiriu Tas.

— Como se chamam? — repetiu Caramon com dignidade.

— Você me conhece, Caramon — disse Tas, surpreendido — Sou o Tasslehoff.

— Eu Bupu — respondeu a anã, o rosto alegrando-se, sem dúvida esperando que se tratasse de um outro jogo — Quem, ser tu?

— Sabe quem ele é — começou Tas irritado, mas quase engoliu a língua quando Caramon interrompeu.

— Chamo-me Raistlin — disse o grande homem solenemente, fazendo uma reverência com pouca firmeza — Um-um grande e po-po-poderoso mago.

— Oh, deixe disso, Caramon! — replicou Tas com desprezo — Já disse que te pedia desculpas, por isso não...

— Caramon? — Os olhos do homem enorme abriram-se muito e depois cerraram-se astutamente — Caramon está morto. Eu matei-o. Há muito tempo atrás, na Tor... na Torre... na Torre de Alta Feitiçaria.

— Pela barba de Reorx! — afirmou Tas.

— Ele não ser Raistlin! — salientou Bupu. Fez então uma pausa, olhando-o com dúvida — Ser?

— N-não! Claro que não — retorquiu Tasslehoff.

— Não ser jogo divertido! — disse Bupu com firme decisão — Não gostar! Ele não ser homem bonito para mim. Ele gordo bêbado. Eu ir para casa — Olhou em redor.

— Para onde ser casa?

— Agora não, Bupu! — O que estaria acontecendo? Tas interrogou-se. Segurando no seu topete, puxou o cabelo com força. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos e o *kender* suspirou de alívio. Por momentos, pensara que adormecera sem saber e andava girando num sonho estranho.

Mas, aparentemente, era tudo real, muito real. Ou, pelo menos, para ele. No que dizia respeito a Caramon, a história era completamente diferente.

— Observa — dizia Caramon com ar solene, oscilando para trás e para frente — Vou lançar um feitiço.

— Erguendo a mão, balbuciou uma série de disparates.

— Comopoeirademão e ninhosderatos! Burrung! — Apontou para uma árvore — Poof — murmurou, inclinando-se para trás — Lança-te em chamas! Vamos! Vamos! Ardendo, ardendo, ardendo... exatamente como o pobre Caramon — Avançou, cambaleando pela trilha.

“Todas as servas te amam”, cantava. “Cada cão é teu amigo. O que quer que diga é apenas aquilo que sen-sente...”

Torcendo as mãos, Tas correu atrás dele. Bupu seguiu-o também.

— Árvore não queimar — disse para Tas, severamente.

— Eu sei! — resmungou Tas — É que... ele pensa...

— Ele ser mau mágico. Minha vez — Enfiando a mão no enorme saco que a fazia constantemente tropeçar, Bupu soltou um

grito triunfante e retirou um rato muito endurecido e muito morto.

— Agora não, Bupu... — começou Tas, sentindo que o que lhe restava da sua sanidade começava a se esgotar. Caramon, na frente deles, deixara de cantar e gritava qualquer coisa sobre cobrir a floresta de teias de aranha.

— Vou dizer palavra mágica secreta — declarou Bupu — Você não escutar. Estragar segredo.

— Não ouvirei — afirmou Tas, impacientemente, tentando acompanhar Caramon que, apesar de oscilar, se movimentava a um passo bastante largo.

— Você ter ouvido? — perguntou Bupu, seguindo atrás dele.

— Não — disse Tas, suspirando.

— Por que não?

— Disse-me para não ouvir! — gritou Tas, desesperado.

— Mas como saber se não ouvir se não ouvir? — inquiriu Bupu, zangada — Você tentar roubar a palavra mágica secreta! Eu ir para casa.

A anã estacou, virou-se e começou a descer a trilha. Tas parou. Podia avistar Caramon subindo uma árvore, invocando dragões, por aquilo que pensou ouvir. O grande homem não poderia sair dali, pelo menos por algum tempo. Praguejando baixo, o *kender* virou-se e correu atrás da anã.

— Pára, Bupu! — gritou freneticamente, agarrando numa série de trapos que pensou tratar-se do ombro dela.

— Juro, nunca roubaria a sua palavra mágica secreta!

— Você roubar! — gritou, acenando-lhe com o rato morto — Você dizer!

— Disse o quê? — perguntou Tasslehoff, completamente confuso.

— Palavra mágica secreta! Você dizer! — Bupu gritava de raiva — Vê! Olha! — Levantando o rato morto, apontou para frente deles na trilha e gritou — Eu dizer agora palavra mágica secreta: *palavra mágica secreta!* Pronto. *Agora* vemos alguma magia quente.

Tas levou as mãos à cabeça. Sentia-se tonto.

— Olha! Olha! — gritou Bupu em tom triunfante, apontando um dedo sujo — Ver? Eu começar fogo. Palavra mágica secreta

nunca falhar. *Umphf*. Maus mágicos... ele.

Olhando para baixo para a trilha, Tas pestanejou. Na verdade, havia chamas mais à frente.

— Vou definitivamente regressar a Kenderhome... — afirmou Tas em tom suave para si mesmo — Arranjo uma casinha... ou talvez vá morar durante uns meses com a família, até me sentir melhor.

— Quem está aí? — chamou uma voz clara e cristalina. Tas sentiu-se invadir por uma sensação de alívio.

— É a fogueira de um acampamento! — balbuciou, quase histérico de tanta alegria. E a voz! Apressou-se a avançar, correndo através das trevas em direção à luz — Sou eu... Tasslehoff Burrfoot. Eu... oof!

O "oof" foi ocasionado pelo ato de Caramon ter levantado o *kender* do chão, erguendo-o nos seus braços fortes, e colocando a mão sobre a boca de Tas.

— Shhhh — murmurou Caramon junto do ouvido de Tas. Os odores que vinham da boca dele fizeram a cabeça do *kender* girar — Está alguém ali!

— Mpf blsxtchscat! — Tas retorcia-se freneticamente, tentando libertar-se do aperto de Caramon. O *kender* estava sendo lentamente asfixiado até à morte.

— Era exatamente quem eu pensava — sussurrou Caramon para si mesmo, ao mesmo tempo em que a sua mão apertava com mais força a boca de *kender*.

Tas começou a ver brilhantes estrelas azuis. Debatia-se desesperadamente, puxando as mãos de Caramon com toda a força, mas teria sido o fim da breve mas excitante vida do *kender* se Bupu não aparecesse de súbito aos pés de Caramon.

— Palavra mágica secreta! — gritou, atirando o rato morto contra o rosto de Caramon. A distante fogueira refletiu-se nos olhos negros do cadáver e reluziu nos dentes afiados num sorriso perpétuo.

— Aiiii! — gritou Caramon, largando o *kender*. Tas caiu pesadamente no solo, tentando respirar.

— Que se passa aí? — disse uma voz fria,

— Viemos... socorrê-la... — disse Tasslehoff, erguendo-se, tonto.

Uma figura de vestes brancas com um agasalho de peles apareceu na trilha à frente deles. Bupu mirou a figura com profunda suspeita.

— Palavra mágica secreta — disse a anã, acenando o rato morto para a Venerável Filha de Paladine.

— Há de perdoar-me por não me mostrar extremamente grata — disse Lady Crysania para Tasslehoff, quando se encontravam sentados em redor da fogueira, mais tarde.

— Eu sei. Lamento — replicou Tasslehoff, numa postura de miserável — Estraguei tudo. Geralmente é o que me acontece — prosseguiu, angustiado — Pergunte a quem quer que seja. Já me disseram várias vezes que faço as pessoas ficarem malucas, mas esta é a primeira vez que isso acontece realmente!

Fanhoso, o *kender* lançou um olhar ansioso a Caramon. O grande homem estava sentado junto da fogueira, embrulhado na capa. Ainda sob a influência da potente bebida, umas vezes julgava-se Caramon outras Raistlin. Como Caramon, comia com sofreguidão, enfiando comida na boca sem parar. Depois, regalou-os com diversas baladas obscenas, para deleite de Bupu, que o acompanhava fora de tempo e elevava a voz no coro. Tas via-se dividido entre a vontade de rir perdidamente ou rastejar para debaixo de uma rocha e morrer de vergonha.

Mas, decidiu o *kender* com um arrepio, Caramon acabaria por vencer com cantigas obscenas e tudo, sobre o Caramon/Raistlin. A transformação ocorreu repentinamente, na verdade, mesmo no meio de uma canção. A armação do grande homem derrubou-se para frente, Caramon começou a tossir e depois, olhando para eles com olhos meio cerrados, ordenou friamente a si próprio que se calasse.

— Não foi você quem lhe fez isto — disse Lady Crysania para Tas, observando Caramon com um olhar frio — É da bebida. Ele é grosseiro, teimoso e, obviamente, um homem sem domínio de si. Permitiu que os seus apetites o governassem. Estranho, não é, que ele e Raistlin sejam gêmeos? O irmão dele é *tão* controlado, *tão* disciplinado, inteligente e fino.

Ela encolheu os ombros.

— Oh, não há dúvida que este pobre homem é digno de grande piedade — Levantando-se, dirigiu-se ao local onde o seu cavalo estava preso e começou a desapertar o saco-cama que se encontrava atrás da sela — Hei de lembrar-me dele nas minhas orações a Paladine.

— Tenho certeza de que as orações não farão mal — afirmou Tas com grandes dúvidas —, mas creio que um chá forte é o que ele necessita neste momento.

Lady Crysania voltou-se e fitou o *kender* com um olhar de reprovação.

— Tenho a certeza de que não quis blasfemar. Portanto, tomarei as suas palavras com o sentido com que foram proferidas. No entanto, e por favor, esforce-se por levar as coisas com uma atitude mais séria.

— Eu *estava* falando a sério — protestou Tas — Tudo o que Caramon precisa é de algumas canecas de um bom chá forte...

As sobancelhas de Lady Crysania ergueram-se de tal forma que Tas ficou em silêncio, embora não fizesse a mínima idéia do que dissera para aborrecê-la daquela forma. Começou também a tirar os seus cobertores, sentindo-se mais abatido que nunca. Sentia-se exatamente do mesmo modo quando cavalgara nas costas de um dragão, com Flint, durante a batalha das planícies de Estwilde. O dragão lançara-se para as nuvens, mergulhando depois, rodopiando de um lado para o outro. Por alguns momentos, o alto era o baixo, o céu estivera por baixo, a terra por cima, e depois: uuupa! para o interior de uma nuvem, e tudo se perdeu na neblina.

Sentia a mente como naquela vez. Lady Crysania admirava Raistlin e tinha dó de Caramon. Tas não estava certo, mas parecia tudo ao contrário. Depois, foi o caso de Caramon que era Caramon e que deixou de ser Caramon.

Estalagens que existiam num dado momento e que desapareciam de seguida. Uma palavra mágica secreta que lhe disseram para escutar quando sabia que não o deveria fazer. Depois, fizera uma sugestão perfeitamente lógica e de senso comum sobre chá e fora repreendido por blasfemar!

— Afinal — murmurou para si mesmo, sacudindo os cobertores —, Paladine e eu somos amigos pessoais *íntimos*. *Ele saberia* o que eu quis dizer.

Suspirando, o *kender* pousou a cabeça sobre um manto enrolado. Bupu, agora perfeitamente convencida de que Caramon era Raistlin, dormia profundamente, enroscada, com a cabeça deitada com adoração sobre o pé do grande homem. O próprio Caramon estava agora sentado tranqüilamente, de olhos cerrados, murmurando uma canção para si mesmo. De vez em quando tossia e, a dado momento, exigiu em voz alta que Tas lhe trouxesse os seus livros de feitiços para que pudesse estudar a sua magia. Mas parecia bastante calmo. Tas esperava que ele não tardasse a adormecer, passando-lhe assim o efeito da bebida.

A fogueira foi se extinguindo. Lady Crysania estendeu os cobertores sobre uma cama de folhas que reunira para evitar a umidade. Tas bocejou. Ela estava saindo-se melhor do que ele esperara. Selecionara uma localização perfeita e sensata para acampar, próximo da trilha, com um riacho de água corrente e límpida por perto. Como seria conveniente, por forma a não ter que penetrar nesta floresta escura e assustadora...

Floresta assustadora... o que é que isso lhe recordava? Isto fê-lo despertar quando estava prestes a adormecer. Algo importante. Floresta assustadora. Assombrações... falar com assombrações...

— Floresta sombria! — disse alarmado, sentando-se imediatamente.

— O quê? — perguntou Lady Crysania, embrulhando-se no manto e preparando-se para se deitar.

— Floresta sombria! — repetiu Tas, alarmado. Estava agora totalmente desperto — Estamos perto da floresta sombria. Viemos para avisá-la! Trata-se de um lugar horrível. Podia ter entrado lá inadvertidamente. Talvez já estejamos lá...

— Floresta sombria? — Os olhos de Caramon abriram-se. Olhou à sua volta vagamente.

— Disparate — disse Lady Crysania confortavelmente instalada, ajustando, por baixo da cabeça, uma pequena almofada de viagem que trouxera com ela — Não estamos na floresta

sombria, pelo menos por enquanto. Ainda fica a cinco milhas de distância. Amanhã alcançaremos uma trilha que nos conduzirá até lá.

— Você... você *quer* ir lá! — disse Tas, ofegante.

— É claro — afirmou Lady Crysania friamente — Vou lá para procurar auxílio do senhor da floresta. Levaria longos meses para viajar daqui até à floresta de Wayreth, mesmo a cavalo. Na floresta sombria, vivem dragões prateados com o senhor da floresta. Me levarão em vôo até meu destino.

— Mas os espectros, o antigo rei morto e os seus seguidores...

— ...foram libertados do seu terrível cativeiro quando responderam à chamada para lutar contra os grão-lordes do dragão — replicou Lady Crysania, com certa dureza — Deveria realmente estudar a história da guerra, Tasslehoff. Sobretudo quando estive envolvido nela. Quando as forças de humanos e duendes se combinaram para recapturar Qualinesti, os espectros da floresta sombria lutaram com eles, quebrando assim o feitiço negro que os ligava a uma vida terrível. Deixaram este mundo, para nunca mais serem vistos.

— Oh — afirmou Tas estupidamente. Depois de olhar em redor por momentos, sentou-se no saco-cama — Falei com eles — prosseguiu, pensativamente — Foram muito simpáticos; um pouco bruscos nas suas idas e vindas, mas muito simpáticos. Torna-se um pouco triste pensar...

— Estou bastante cansada — interrompeu Lady Crysania — E amanhã tenho um longo caminho a percorrer. Levarei a anã e seguirei caminho para a floresta sombria. Pode acompanhar o seu amigo embriagado de volta para casa, onde encontrará, assim espero, o auxílio de que necessita. Agora, vá dormir.

— Não seria melhor que um de nós... ficasse de vigia? — perguntou Tas, hesitante — Aqueles guardas florestais disseram... — Parou subitamente. Aqueles "guardas florestais" estiveram na estalagem que já não existia.

— Que disparate. Paladine vigiará o nosso descanso — disse Lady Crysana rispidamente. Fechando os olhos, começou a recitar palavras suaves de oração.

Tas engoliu em seco.

— Pergunto a mim mesmo se conhecemos o mesmo Paladine?
— inquiriu, pensando em Fizban e sentindo-se muito só. Mas fez a pergunta em voz baixa, pois não queria ser acusado outra vez de blasfemar. Deitando-se, contorceu-se nos cobertores, mas não conseguiu sentir-se confortável. Por fim, ainda bem acordado, sentou-se e encostou-se ao tronco de uma árvore. A noite primaveril estava fria, mas a frieza não era desagradável. O céu estava limpo e não havia vento. As árvores sussurravam com as suas próprias conversas, sentindo vida nova correndo nos troncos, despertando do seu longo sono de Inverno. Passando a mão sobre o solo, Tas sentiu a relva nova desabrochar por debaixo das folhas velhas.

O *kender* suspirou. Estava uma noite agradável. Por que razão se sentia ele pouco à vontade? Aquilo foi um ruído? Um ramo partindo-se? Tas olhou em volta, sustentando a respiração para escutar melhor. Nada. Silêncio. Olhando para cima para o céu, avistou a constelação de Paladine, o dragão de platina, circundando a constelação de Gilean, as escalas de balança. Do lado oposto de Paladine, cada uma vigiando cuidadosamente a outra, encontrava-se a constelação da Rainha das Trevas: Takhisis, o dragão de cinco cabeças.

— Está muito distante aí em cima — disse Tas para o dragão de platina — E tem um mundo inteiro para vigiar, não apenas a nós. Tenho a certeza de que não se importa se *eu* vigiar também o nosso descanso esta noite. Sem qualquer desrespeito, claro. É que tenho a sensação de que mais alguém aí em cima está também observando esta noite, se é que me entende — O *kender* estremeceu — Não sei por que me sinto tão esquisito assim de repente. Talvez seja por estar tão próximo da floresta sombria e... bem, aparentemente, sou responsável por toda a gente!

Era um pensamento desconfortável para um *kender*. Tas estava acostumado a ser responsável por si mesmo mas, quando viajou com Tanis e com os outros, sempre houvera qualquer outra pessoa responsável pelo grupo. Havia então guerreiros fortes e hábeis...

Que foi aquilo? *Desta vez*, ouvira efetivamente qualquer coisa! Dando um salto, Tas ficou em silêncio, fitando a escuridão. Ouviu-se

silêncio, depois um ruído, e então...

Um esquilo. Tas libertou um suspiro que lhe veio dos pés.

— Já que estou de pé, vou pôr mais lenha na fogueira — disse para si mesmo. Avançando, olhou para Caramon e sentiu um aperto no coração. Seria muito mais fácil ficar de guarda na escuridão se soubesse que podia contar com o braço forte de Caramon. Em vez disso, o guerreiro caíra de costas, de olhos fechados, de boca aberta, ressonando com contentamento embriagado. Enroscada na bota de Caramon, a cabeça sobre o pé dele, o ressonar de Bupu fundia-se com o dele. Do lado oposto, o mais longe possível, Lady Crysania dormia pacificamente, a face suave repousando sobre as mãos dobradas.

Com um suspiro, Tas lançou mais lenha na fogueira. Vendo-a atear, instalou-se sentado para observar, fitando intensamente as árvores cobertas pela noite, cujas palavras sussurrantes possuíam agora um tom agourento. Então, lá estava o ruído de novo.

— Esquilo! — murmurou Tas resoluto.

Estaria aquela coisa movendo-se nas sombras? Ouviu-se um estalar distinto — como um ramo partindo-se em dois. Nenhum esquilo faria isso! Tas pesquisou a algibeira até que a sua mão se fechou sobre uma pequena navalha.

A floresta movia-se! As árvores aproximavam-se!

Tas tentou gritar um aviso, mas um ramo fino agarrou-lhe no braço...

— Aiiii — gritou Tas, libertando-se e esfaqueando o ramo com a navalha.

Ouviu-se praguejar e um grito de dor. O ramo largou-o e Tas soltou um suspiro. Nenhuma árvore que ele conhecesse gritava de dor. O que quer que estivessem enfrentando era vivo, respirava...

— Ataque! — gritou o *kender*, caindo para trás — Caramon! Ajuda-me! Caramon...

Dois anos antes, o grande guerreiro teria se levantado instantaneamente, a mão fechando-se sobre o punho da espada, alerta e pronto para lutar. Mas Tas, arrastando-se para ficar de costas para a fogueira, a pequena navalha constituindo a única coisa que mantinha o que quer que fosse afastado, viu a cabeça de

Caramon virar-se para um dos lados, com a satisfação própria da embriaguez.

— Lady Crysania! — gritou Tas loucamente, avistando mais formas sombrias saindo da floresta — Acorde! Por favor, acorde!

Podia sentir agora o calor da fogueira. Mantendo sob vigilância as sombras ameaçadoras, Tas estendeu a mão e pegou num pedaço de madeira em chamas, por uma das extremidades, desejou que fosse a extremidade fria. Erguendo-a, segurou-a à sua frente.

Houve movimento quando uma das criaturas mergulhou na direção dele. Tas oscilou a navalha, fazendo-a retroceder. Mas, naquele instante, quando a luz da madeira em brasa reluziu sobre ela, Tas conseguiu avistar do que se tratava.

— Caramon! — gritou — Draconianos!

Lady Crysania estava agora acordada; Tas viu-a sentar-se, olhando em redor em confusão sonolenta.

— A fogueira! — gritou Tas para ela, desesperadamente — Vá para perto do lume! — Tropeçando em Bupu, o *kender* deu um pontapé a Caramon — Draconianos! — gritou de novo.

Um dos olhos de Caramon abriu-se e depois o outro, fitando em redor, estonteado.

— Caramon! Graças aos deuses — afirmou Tas aliviado.

Caramon sentou-se. Espreitando pelo acampamento, completamente desorientado e confuso, era ainda suficientemente guerreiro para se aperceber da presença do perigo. Levantando-se vacilante, agarrou no punho da espada e arrotou.

— Que é? — murmurou, tentando focar a visão.

— Draconianos! — respondeu-lhe Tasslehoff, saltando à volta como um pequeno demônio, vibrando a madeira acesa e a navalha com tal vigor que conseguiu na verdade manter os inimigos afastados.

— Draconianos? — murmurou Caramon, olhando em redor em descrença. Vislumbrou então de relance um rosto retorcido de réptil à luz da fogueira que se extinguiu. Os seus olhos abriram-se muito — Draconianos! — rosnou — Tanis! Sturm! Venham a mim! Raistlin... a sua magia! Vamos dar cabo deles.

Sacando a espada da bainha, Caramon avançou com um grito estrondoso de guerra, e caiu de rosto no chão. Bupu agarrava-se ao pé dele.

— Oh, não! — rosnou Tas.

Caramon estava deitado no chão, pestanejando e abanando a cabeça em interrogação, tentando perceber o que o atingira. Bupu, rudemente despertada, começou a berrar de terror e dor, dando de seguida um pontapé no tornozelo de Caramon.

Tas avançou para auxiliar o guerreiro derrubado, pelo menos para tirar Bupu de perto dele, quando ouviu um grito. Lady Cysania! Raios! Esquecera-se dela! Voltando-se, viu a eclesiástica debatendo-se com um dos homens dragão.

Tas avançou para ele e esfaqueou-o sem piedade. Com um grito, este libertou Cysania, caiu para trás e o seu corpo transformou-se em pedra aos pés de Tas. Mesmo a tempo, o *kender* lembrou-se de retirar a navalha do cadáver em pedra ou já não poderia recuperá-la.

Tas arrastou Cysania com ele para junto de Caramon, caído, que tentava libertar-se da anã, ainda presa à perna dele.

Os draconianos apertaram o cerco. Olhando rapidamente em volta, Tas viu que estavam rodeados pelas criaturas. Mas por que não atacavam eles a toda a força? De que estavam eles à espera?

— Está bem? — conseguiu perguntar a Cysania.

— Sim! — disse ela. Embora muito pálida, parecia estar calma e, se é que estava assustada, mantinha o medo sob controle. Tas viu os lábios dela moverem-se, presumivelmente numa oração silenciosa. Os lábios do próprio *kender* comprimiram-se.

— Tome, senhora — disse, atirando o pedaço de madeira queimando para a mão dela — Acho que terá que combater e orar ao mesmo tempo.

— Elistan fazia-o. Também eu posso fazê-lo — disse Cysania, a voz tremendo-lhe apenas levemente.

Foram gritadas ordens das sombras. A voz não era draconiana. Tas não a percebera muito bem. Apenas sabia que o simples fato de tê-la escutado lhe provocara arrepios. Mas não havia tempo para

pensar nisso agora. Os draconianos, com as línguas esticando-se para fora das bocas, saltaram para cima deles.

Crysanía empunhou o pedaço de madeira em fogo desajeitadamente, mas foi o suficiente para que os draconianos hesitassem. Tas tentava ainda soltar Bupu de Caramon. Mas foi um draconiano que, inadvertidamente, veio no auxílio deles. Empurrando Tas, o draconiano pousou uma mão com garras sobre Bupu.

Os anões bobos eram conhecidos por todo o Krynn pela sua covardia e total incapacidade de lutar em batalha. Mas... quando encostados à parede, lutavam como ratos enfurecidos.

— *Glupsludge!* — gritou Bupu zangada e, deixando de atormentar o tornozelo de Caramon, enfiou os dentes na perna escamosa do draconiano.

Bupu não tinha muitos dentes, mas os que tinha eram afiados; a mordedura foi dada com muita satisfação na carne verde do draconiano pois não tinha comido grande coisa ao jantar.

O draconiano soltou um grito impressionante. Erguendo a espada, estava prestes a terminar com os dias de Bupu sobre Krynn quando Caramon, girando para ver o que estava se passando, amputou acidentalmente o braço da criatura. Bupu sentou-se para trás, lambendo os lábios, e olhou ansiosamente em redor, em busca de outra vítima.

— Viva! Caramon! — animou-se Tas, a sua pequena navalha cortando aqui e ali, de forma tão rápida quanto uma cobra ao ataque. Lady Crysanía deu com a madeira na cabeça de um draconiano, gritando o nome de Paladine. A criatura caiu para frente.

Tanto quanto Tas podia avistar, só restavam uns dois ou três draconianos, e o *kender* começou a sentir-se exuberante. As criaturas emboscavam-se fora do alcance da luz da fogueira, espreitando o grande guerreiro, Caramon, que se punha de pé. Avistado apenas através das sombras, tinha ainda a figura ameaçadora que possuía nos velhos tempos. A lâmina da sua espada reluzia perversamente nas chamas vermelhas.

— Vai apanhá-los, Caramon! — gritou Tas com entusiasmo — Corta-lhes as cabeças...

A voz do *kender* apagou-se quando Caramon se virou lentamente para enfrentá-los, com uma estranha expressão no rosto.

— Não sou Caramon — disse, suavemente — Sou o gêmeo dele, Raistlin. Caramon morreu. Eu matei-o — Olhando para a espada que empunhava, o grande guerreiro largou-a, como se esta o ferisse — O que faço com aço frio nas mãos? — inquiriu, duramente — Não posso lançar feitiços com uma espada e um escudo!

Tasslehoff engoliu em seco, lançando um olhar alarmado aos draconianos. Podia vê-los trocar olhares. Começaram a avançar lentamente, embora todos mantivessem os olhos fixos no grande guerreiro, provavelmente suspeitando de uma armadilha de qualquer tipo.

— Não é Raistlin! É Caramon! — gritou Tas desesperado, embora sem resultado. O cérebro do homem continuava sob o efeito da bebida. Com a mente completamente desarticulada, Caramon fechou os olhos, ergueu as mãos e começou a entoar.

— *Antsnests silverash hookarah* — murmurou, oscilando para frente e para trás.

O rosto sorridente de um draconiano surgiu perante Tas. Houve um reluzir de aço e a cabeça do *kender* pareceu explodir de dor...

Tas caiu no solo. Um líquido quente escorria-lhe pelo rosto, cegando-o de um olho, penetrando na sua boca. Saboreou sangue. Estava cansado... muito cansado...

Mas a dor era terrível. Não o deixava dormir. Receava mover a cabeça, com medo que, se o fizesse, esta se separasse em duas partes. Assim, ficou deitado, completamente imóvel, observando o mundo através de um olho.

Ouviu a anã gritar sem parar, como um animal torturado, quando, subitamente, os gritos cessaram. Escutou um grito profundo de dor, um rosnar abafado e um corpo enorme estatelar-se no solo ao lado dele. Era Caramon, com sangue jorrando da boca e os olhos muito abertos.

Tas não podia sentir tristeza. Não podia sentir nada a não ser a terrível dor de cabeça. Um enorme draconiano parou por cima dele, de espada na mão. Sabia que a criatura ia acabar com ele. Tas não se importava. Acaba-me com a dor, suplicou. Acaba com ela rapidamente.

Depois viu vestes brancas agitarem-se e uma voz clara, dirigindo-se a Paladine. Os draconianos desapareceram abruptamente quando escutaram o som de pés com garras rastejando pelos arbustos. As vestes brancas ajoelharam-se junto dele e Tas sentiu a mão gentil sobre a sua cabeça; escutou, de novo, o nome de Paladine. A dor desapareceu. Olhando para cima, viu a mão da eclesiástica tocar em Caramon e as pálpebras do enorme homem fecharam-se num sono tranqüilo.

“Está tudo bem!”, pensou Tas entusiasmado. Foram-se embora! Vamos ficar todos bem. Depois sentiu a mão estremecer. Recuperando alguns dos seus sentidos enquanto os poderes de sarar da eclesiástica lhe percorriam o corpo, o *kender* levantou a cabeça, espreitando para a frente com o olho não ferido.

Vinha alguma coisa chegando. Algo forçara os draconianos a retirar. Algo caminhava para a luz da fogueira.

Tas tentou gritar em aviso, mas a garganta fechou-se. A sua mente parecia rodar sem parar. Por momentos, muito assustado e tonto para pensar com clareza, pensou que alguém misturara aventuras na cabeça dele.

Viu Lady Crysania pôr-se de pé, as vestes brancas varrendo a poeira junto da cabeça dele. Lentamente, começou a recuar perante a coisa que se aproximava furtivamente. Tas ouviu-a chamar por Paladine, mas as palavras escaparam de lábios entorpecidos pelo terror.

O próprio Tas queria desesperadamente fechar o olho. O medo e a curiosidade combatiam no seu pequeno corpo. A curiosidade acabou por vencer. Espreitando pelo olho não ferido, Tas observou a figura horrível aproximar-se cada vez mais da eclesiástica. A figura estava vestida com a armadura de um cavaleiro solamnico, mas essa armadura estava queimada e escurecida. Ao chegar-se a Crysania, a figura estendeu um braço que não terminava numa mão. Proferiu

palavras que não provinham de uma boca. Os olhos tinham uma cor laranja, as suas pernas transparentes caminharam por cima das cinzas da fogueira. A frieza das regiões onde se via forçado a habitar eternamente fluía do seu corpo, congelando o próprio tutano nos ossos de Tas.

Com receio, Tas ergueu a cabeça. Viu Lady Cysania recuar. Viu o cavaleiro da morte caminhar para ela com passos lentos e firmes.

O cavaleiro levantou a mão direita e apontou para Cysania, com um dedo pálido e emitindo uma luz fraca.

Tas sentiu-se invadir por um súbito terror incontrolado.

— Não! — gemeu, tremendo, embora não fizesse idéia de que coisa horrível estava prestes a acontecer.

O cavaleiro disse uma palavra.

— Morre.

Nesse momento, Tas viu Lady Cysania levantar a mão e agarrar no medalhão que usava à volta do pescoço. Viu um raio de pura luz branca ser emitida através dos seus dedos e depois caiu no chão, como que apunhalada pelo dedo sem carne.

— Não! — ouviu-se Tasslehoff gritar. Viu os olhos cor-de-laranja voltarem-se para ele e, trevas frias e profundas, como as trevas de um túmulo, selaram-lhe os olhos e fecharam-lhe a boca...



CAPÍTULO 8

Dalamar aproximou-se medrosamente da porta do laboratório do mago, passando um dedo nervoso sobre os símbolos de proteção bordados no tecido das suas vestes negras ao ensaiar apressadamente diversos feitiços de defesa na sua mente. Uma certa dose de precaução não deveria ser considerada deslocada para qualquer jovem aprendiz aproximando-se dos aposentos internos e secretos de um poderoso mestre. Mas as precauções de Dalamar eram extraordinárias. E havia boas razões para isso. Dalamar tinha segredos próprios para ocultar, e os olhos dourados e de ampulheta de Raistlin eram o que mais temia neste mundo.

Contudo, mais forte do que o seu receio, uma subcorrente de excitação pulsava no sangue de Dalamar, tal como sempre acontecia sempre que se encontrava junto desta porta. Vira coisas maravilhosas no interior daquele aposento, maravilhosas... temíveis...

Erguendo a mão direita, fez um sinal rápido no ar perante a porta e murmurou algumas palavras na linguagem da magia. Não

houve reação. A porta não tinha qualquer feitiço sobre ela. Dalamar respirou com um pouco mais de facilidade, ou talvez fosse um sinal de desapontamento. O seu mestre não estava envolvido em nenhuma mágica potente e poderosa, senão Raistlin teria elaborado um feitiço para manter a porta fechada. Baixando os olhos para o chão, o duende negro não avistou quaisquer luzes por debaixo da pesada porta de madeira. Não lhe cheirava a nada a não ser aos odores habituais de especiarias e decadência. Dalamar pousou as cinco pontas dos dedos da mão esquerda sobre a porta e aguardou em silêncio.

No espaço de tempo que o duende negro levou respirando fundo, soou a ordem emitida suavemente:

— Entre, Dalamar.

Abraçando-se a si mesmo, Dalamar entrou no aposento quando a porta se abriu silenciosamente na sua frente. Raistlin encontrava-se sentado perante uma enorme e antiga mesa de pedra, tão larga que um dos minotauros de raça alta e de ombros largos, que viviam em Mithas, poderia se deitar sobre ela, estender-se a toda a altura e ainda sobrar espaço. A mesa de pedra e, na verdade, todo o laboratório, faziam parte das mobílias originais que Raistlin descobrira quando declarara a Torre de Alta Feitiçaria, em Palanthas, como sua.

O grande e sombrio aposento parecia muito mais amplo do que poderia possivelmente ser; no entanto, o duende negro nunca conseguia determinar se era o aposento em si que parecia maior ou ele próprio que parecia menor sempre que lá entrava. Havia livros alinhados nas paredes, tal como no estúdio do mago. Símbolos e escritas araneiformes reluziam através da poeira amontoada nas suas lombadas. Em cima de mesas à volta do aposento, havia garrafas de vidro e jarros com formas retorcidas, os seus conteúdos de cores brilhantes emitindo bolhas e fervilhando com poder oculto.

Aqui, neste laboratório, há muito atrás, fora forjada a grande e poderosa magia. Aqui, os feiticeiros de todas as três vestes: o branco do bem, o vermelho da neutralidade, e o negro do mal, uniram-se numa aliança para criar as orbes dragão, uma das quais estava agora na posse de Raistlin. Aqui, as três vestes tinham-se

juntado numa batalha final e desesperada para salvar as suas torres, os baluartes das suas forças, do rei-sacerdote de Istar e dos seus seguidores. Aqui tinham falhado, acreditando que era melhor viver derrotado do que em luta, sabendo que a magia deles poderia destruir o mundo.

Os magos viram-se forçados a abandonar esta torre, levando com eles os seus livros de feitiços e outros bens para a Torre de Alta Feitiçaria, oculta no seio da floresta mágica de Wayreth. Foi quando abandonaram esta torre que Ihe foi lançado um feitiço. O bosque de Shoikan crescera para guardá-la de todas as pessoas até que, como se contava, “o senhor do passado e do presente regressasse com poder”.

E o senhor regressara. Encontrava-se agora sentado no antigo laboratório, agachado por cima da mesa de pedra que fora retirada, há muito tempo atrás, do fundo do mar. Esculpida com símbolos que repeliam todos os encantamentos, foi mantida fora de influências exteriores que pudessem afetar o trabalho do mago. A superfície da mesa era macia e polida de tal forma que quase Ihe dava um acabamento vidrado. Dalamar podia ver as encadernações azul-escuras dos livros de feitiços que se encontravam por cima, refletidos à luz da vela.

Por cima da sua superfície, havia também outros objetos; objetos medonhos e curiosos, horríveis e encantadores: os componentes de feitiços do mago. Era com estes que Raistlin trabalhava agora. Analisava um livro de feitiços, murmurando palavras suaves ao mesmo tempo que esmagava qualquer coisa nos seus dedos delicados, deixando-a escorrer para um frasco que tinha na mão.

— *Shalafi* — disse Dalamar em tom baixo, usando a palavra dos duendes para “mestre”.

Raistlin olhou para cima.

Dalamar sentiu o mirar daqueles olhos dourados penetrarem no seu coração com uma dor indescritível. Um arrepio de medo percorreu o corpo do duende negro, as palavras: *Ele sabe!* fervilhavam no seu cérebro. Mas nenhuma destas emoções foi revelada exteriormente. As bonitas feições do duende negro

permaneceram fixas, inalteradas, frias. Os seus olhos suportaram firmes o olhar de Raistlin. As mãos permaneceram dobradas dentro das vestes, tal como era próprio.

Tão perigoso era este trabalho que, quando *Eles* consideraram necessário implantar um espião nos domínios do mago, solicitaram voluntários, nenhum deles desejando tomar a responsabilidade de ordenar a alguém, a sangue-frio, que aceitasse esta missão suicida. Dalamar dera um passo em frente imediatamente.

A magia constituía o único lar de Dalamar. Oriundo de Silvanesti, não aceitava nem era aceito por essa nobre raça de duendes. Nascido numa casta baixa, fora-lhe ensinado apenas o mais rudimentar das artes mágicas, pois a aprendizagem mais erudita era unicamente destinada aos de sangue nobre. Mas Dalamar provara o poder, e este tornara-se a sua obsessão. Trabalhava em segredo, estudando o proibido, aprendendo prodígios reservados apenas aos magos duendes de elevada patente. As artes negras eram as que mais o impressionavam e assim, quando foi descoberto trajando as vestes negras, que nenhum verdadeiro duende suportava sequer olhar, Dalamar foi expulso de sua casa e da sua nação. E ficou conhecido como um "duende negro", aquele que está fora da luz. Tal fora conveniente para Dalamar, pois descobrira já que havia poder nas trevas.

Desta forma, Dalamar aceitara a missão. Quando lhe perguntaram as razões por que se oferecia voluntariamente para arriscar a vida neste trabalho, respondera friamente:

— Arriscaria a minha alma pela oportunidade de estudar com o maior e mais poderoso da nossa ordem *que jamais* viveu!

— Pode ser exatamente isso o que está fazendo — retorquiralhe uma voz triste.

A recordação dessa voz chegava a Dalamar nos mais estranhos momentos, geralmente na escuridão da noite, que era *tão* escura no interior da torre. Voltara a ouvi-la naquele instante. Dalamar esforçou-se por apagá-la da sua mente.

— Que é? — inquiriu Raistlin gentilmente.

O mago falava sempre de forma gentil e suave; por vezes a sua voz não passava de um sussurro. Dalamar presenciara já

tempestades tremendas assolarem este aposento. Os relâmpagos fulgurantes e trovoadas estridentes deixaram-no parcialmente surdo durante dias. Estivera presente quando o mago convocara criaturas de níveis superiores e inferiores para executarem as suas ordens; os gritos e gemidos e imprecações emitidas por elas soavam ainda nos seus sonhos, à noite. No entanto, apesar de tudo, nunca ouvira Raistlin levantar a voz. Aquele sussurro suave e sibilante penetrava sempre no caos e controlava-o.

— Estão ocorrendo acontecimentos no mundo exterior, *Shalafi*, que requerem a sua atenção.

— Sim? — Raistlin olhou de novo para baixo, absorto no seu trabalho.

— Lady Crysania...

A cabeça encapuzada de Raistlin ergueu-se rapidamente. Dalamar, sentindo-se forçado a pensar numa serpente ao ataque, deu involuntariamente um passo atrás perante aquele intenso olhar.

— Que é? Fala! — Raistlin sibilou a palavra.

— O senhor... o senhor deve vir, *Shalafi* — proferiu Dalamar com dificuldade — Os vivos informaram...

O duende negro falava para o ar. Raistlin tinha desaparecido.

Soltando um suspiro nervoso, o duende negro pronunciou as palavras que o levariam instantaneamente para o lado do seu mestre.

Muito abaixo da Torre de Alta Feitiçaria, localizada nas profundezas da terra, havia uma pequena sala esculpida magicamente na rocha que suportava a torre. Esta sala não existia na torre desde sempre. Conhecida como a câmara da visão, era uma criação de Raistlin.

No centro da pequena sala de pedra fria, existia uma poça perfeitamente redonda de água parada e negra. Do centro desta poça estranha e não natural, brotava um jato de chama azul. Elevando-se até ao teto da câmara, ardia eternamente, de dia e de noite. E, à volta dela, sentavam-se eternamente, os vivos.

Embora sendo o mago mais poderoso que vivia em Krynn, o poder de Raistlin estava longe de ser completo, e ninguém tinha mais noção disso do que o próprio mago. Via-se forçado a lembrar-

se dessa sua fraqueza quando penetrava nesta sala, razão porque a evitava, quando possível. Pois que aqui estavam os símbolos visíveis e corpóreos dos seus insucessos: os vivos.

Criaturas miseráveis erroneamente criadas por magia que corra mal, eram mantidos escravos nesta sala, servindo o seu criador. Aqui viviam as suas vidas torturadas, contorcendo-se em massas disformes em redor da poça ardente. Os seus corpos úmidos e brilhantes constituíam um tapete horrível para o chão, cujas pedras, tornadas escorregadias devido às suas massas líquidas, só poderiam ser avistadas quando as criaturas se afastavam para deixar passar o seu criador.

Contudo, apesar das suas vidas de dor constante, os vivos nunca proferiam uma palavra de queixume. Era bem melhor a sua sina do que daqueles que perambulavam pela torre, os que eram conhecidos como os mortos...

Raistlin materializou-se na câmara da visão, uma sombra negra emergindo das trevas. A chama azul refletia-se nos bordados prateados que decoravam as suas vestes, brilhando no tecido preto. Dalamar surgiu ao seu lado, e os dois caminharam para a plataforma junto da superfície da água parada e negra.

— Onde? — inquiriu Raistlin.

— Aqui, m-mestre — balbuciou um dos vivos, apontando um apêndice disforme.

Raistlin apressou-se a colocar-se ao lado do ser, com Dalamar caminhando junto dele, as vestes negras emitindo um ruído suave e sussurrante sobre o chão de pedra escorregadiço. Fitando a água, Raistlin instruiu Dalamar para proceder da mesma forma. O duende negro olhou para a superfície parada, avistando, por momentos, apenas o reflexo do jato de chama azul. Nessa altura, a chama e a água fundiram-se, depois separaram-se e encontrou-se numa floresta. Um grande macho humano, vestido com uma armadura de dimensões erradas, fitava o corpo de uma jovem fêmea humana, trajando vestes brancas. Um *kender* ajoelhava-se junto do corpo da mulher, segurando a mão dela na sua. Dalamar ouviu o homem grande falar de forma tão clara como se tivesse estado ao lado dele.

— *Ela está morta...*

— *Eu... eu não estou bem certo, Caramon. Penso...*

— *Já vi a morte vezes sem conta, acredita em mim. Está morta. E a culpa é toda minha... toda minha...*

— Caramon, grande imbecil! — rosnou Raistlin com uma imprecisão — O que aconteceu? O que correu mal?

Quando o mago falou, Dalamar viu o *kender* olhar para cima rapidamente.

— *Disse alguma coisa?* — perguntou o *kender* ao grande humano, que trabalhava no solo.

— *Não. Foi apenas o vento.*

— *O que está fazendo?*

— *Cavando uma sepultura. Temos que enterrá-la.*

— Enterrá-la? — Raistlin soltou um riso breve e amargo — Oh, é claro, grande idiota! É a única coisa que te ocorre fazer! — O mago libertou fumaça — Enterrá-la! Tenho que saber o que aconteceu! — Voltou-se para o vivo.

— O que viu?

— E-eles a-acamparam nas á-árvores, m-mestre — Caía espuma da boca da criatura, tornando o seu discurso quase incompreensível — D-draco m-matar...

— Draconianos? — repetiu Raistlin, completamente surpreendido — Perto de Solace? De onde vieram?

— N-não saber! Não saber! — O vivo estava aterrorizado — E-eu...

— Shhh — avisou Dalamar, chamando novamente a atenção do seu mestre para a poça, onde o *kender* discutia.

— *Caramon, não pode enterrá-la! Ela...*

— *Não temos alternativa. Sei que não é adequado, mas Paladine cuidará para que a sua alma viaje em paz. Não podemos nos atrever a construir uma pira funerária, com esses draconianos por aí...*

— *Mas, Caramon, acho realmente que devia olhar para ela! Não há nem uma marca no seu corpo!*

— *Não quero olhar para ela! Está morta! A culpa é minha! Vamos enterrá-la aqui. Depois regressamos a Solace, regressamos para cavar a minha própria sepultura...*

— *Caramon!*

— *Vai buscar umas flores e deixe-me só.*

Dalamar viu o grande homem levantar a terra úmida simplesmente com as mãos, atirando-a para o lado ao mesmo tempo em que as lágrimas lhe deslizavam pelo rosto. O *kender* permaneceu junto do corpo da mulher, indeciso, o rosto coberto de sangue seco e revelando uma expressão mista de pesar e dúvida.

— Nenhuma marca, nenhuma ferida, draconianos surgindo do nada... — Raistlin franziu a sobrancelha, pensativamente. Depois, de súbito, ajoelhou-se junto do vivo, que se afastou dele — Fala. Conte-me tudo. Preciso saber. Por que não fui chamado mais cedo?

— O...os d...draco m...matar, m...mestre — balbuciou a voz do vivo, com grande sofrimento — M...mas o g...grande h...homem m...matar também. D...depois a...aparecer g...grandes t...trevas! O...olhos de f...fogo. E...eu f...ficar com m...medo. F... ficar com m...medo de c... cair na á... água...

— Encontrei o vivo deitado à beira da poça — informou Dalamar, friamente —, quando um dos outros me disse que algo de estranho estava acontecendo. Olhei para a água. Conhecedor do seu interesse nesta fêmea humana, pensei que...

— Muito bem — murmurou Raistlin, interrompendo impacientemente a explicação de Dalamar. Os olhos dourados do mago estreitaram-se e os lábios comprimiram-se. Sentindo a ira dele, o pobre vivo arrastou o corpo para o mais longe possível do mago. Dalamar conteve a respiração. Mas a ira de Raistlin não lhe era dirigida.

— Grandes trevas, olhos de fogo... Lorde Soth! Então, minha irmã, traiu-me — murmurou Raistlin — Cheiro o seu medo, Kitiara! Grande covarde! Poderia ter-te tornado na rainha deste mundo. Poderia ter-te dado riqueza imensurável, poder ilimitado. Mas não. Não passa, afinal, de um reles verme!

Raistlin permaneceu em silêncio, ponderando, fitando a poça de águas paradas. Quando voltou a falar, a sua voz era suave e letal.

— Não me esquecerei disto, minha querida irmã. Tem a felicidade de eu ter agora em mãos assuntos mais urgentes e importantes, ou estaria habitando com o lorde fantasma que te

serve! — O punho fraco de Raistlin cerrou-se, mas depois, com um esforço óbvio, conseguiu descontraí-lo — Mas, agora, o que fazer quanto a isto? Tenho que agir de alguma forma antes que o meu irmão plante a eclesiástica numa cama de flores!

— *Shalafi*, o que aconteceu? — aventurou Dalamar, com grande ousadia — Esta... mulher. O que representa ela para você? Não compreendo.

Raistlin olhou para Dalamar irritado e parecia ir repreendê-lo pela sua impertinência. Depois, o mago hesitou. Os seus olhos dourados reluziram com uma luz interior que fez Dalamar estremecer, antes de voltarem à sua expressão impassiva.

— Claro, aprendiz. Há de ficar sabendo de tudo. Mas, primeiro...

Raistlin parou. Uma outra figura entrara em cena na floresta que observavam com tanta atenção. Era uma anã boba, revestida de trapos brilhantes e esfarrapados, arrastando atrás de si um enorme saco ao caminhar.

— Bupu! — murmurou Raistlin, o sorriso raro tocando-lhe nos lábios — Excelente. Mais uma vez irá me servir, minha pequenina.

Estendendo a mão, Raistlin tocou na água parada. Os vivos em redor da poça gritaram horrorizados, pois viram já muitos da sua espécie caírem naquela água escura apenas para murchar e definharem, tornando-se em nada mais do que uma coluna de fumaça, erguendo-se no ar com um grito. Mas Raistlin limitou-se a murmurar palavras suaves, retirando depois a mão. Os dedos estavam brancos como o mármore e um espasmo de dor rasgou-lhe o rosto. Apressadamente, enfiou a mão numa algibeira das suas vestes.

— Observe — sussurrou, excitado.

Dalamar fitou a água, vendo a anã aproximar-se da forma imóvel sem vida da mulher.

— *Eu ajudar.*

— *Não, Bupu!*

— *Você não gostar da minha magia! Eu ir para casa. Mas primeiro eu ajudar linda senhora.*

— Mas o que, em nome do abismo... — murmurou Dalamar.

— Observe! — comandou Raistlin.

Dalamar viu a pequena e imunda mão da anã mergulhar no saco que trazia ao seu lado. Depois de remexer no interior durante alguns momentos, emergiu com um objeto repugnante: um lagarto morto com uma tira de couro à volta do pescoço. Bupu aproximou-se da mulher e, quando o *kender* tentou impedi-la, ameaçou-o com o pequeno punho cerrado. Com um suspiro e um olhar lateral para Caramon, que escavava furiosamente, com o rosto transformado numa máscara de pesar e sangue, o *kender* deu um passo atrás. Bupu saltou para o lado da forma sem vida da mulher e, cuidadosamente, colocou o lagarto morto sobre o peito imóvel.

Dalamar tossiu.

O peito da mulher moveu-se e as vestes brancas estremeeceram.

Começou a respirar, profunda e tranqüilamente.

O *kender* soltou um grito.

— *Caramon! Bupu curou-a! Está viva! Olha!*

— *Mas o que...* — O grande homem parou de cavar e avançou, fitando a anã boba com espanto e receio.

— *Lagarto curar* — disse Bupu em triunfo — *Funciona sempre.*

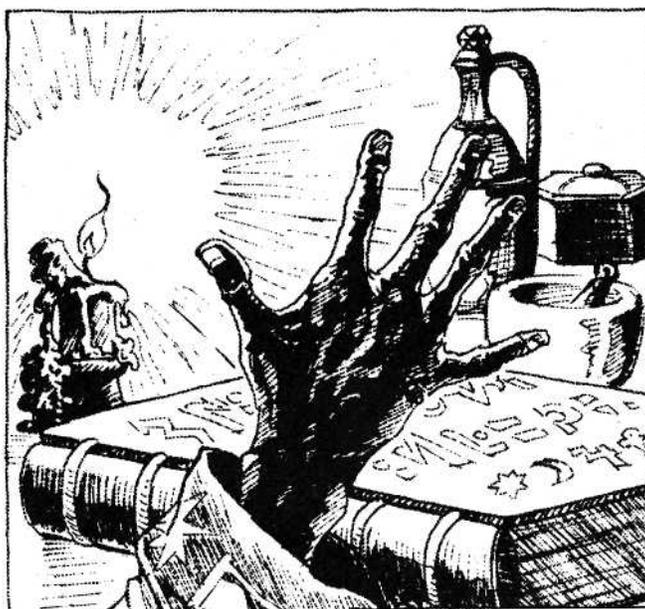
— Sim, minha pequenina — disse Raistlin ainda sorrindo — Também resulta bem com tosses fortes, tanto quanto me recordo — Acenou a mão por cima da água parada. A voz do mago tornou-se num cantar de embalar — E agora dorme, meu irmão, antes que faça mais alguma coisa estúpida. Dorme, *kender*, dorme, pequena Bupu. E durma também, Lady Crysania, no reino onde Paladine a protege.

Ainda cantando, Raistlin fez um gesto com a mão.

— E agora vem, floresta de Wayreth. Rasteja para cima deles enquanto dormem. Canta-lhes a sua cantiga mágica. Atrai-os para os seus caminhos secretos.

O feitiço estava terminado. Levantando-se, Raistlin voltou-se para Dalamar.

— E você vem também, aprendiz — Havia um leve sarcasmo na voz dele que fez o duende negro estremeecer — Vem ao meu estúdio. Chegou a hora de conversarmos.



CAPÍTULO 9

Dalamar sentou-se na mesma cadeira que Kitiara ocupara durante a sua visita. O duende negro estava muito menos confortável, muito menos seguro do que Kitiara estivera. Contudo, os seus receios mantinham-se bem contidos. Por fora, parecia descontraído, à vontade. As cores mais carregadas sobre as suas feições de duende poderiam ser atribuídas, talvez, à sua excitação pelo fato de ter merecido a confiança do seu mestre.

Dalamar já estivera no estúdio por diversas vezes, embora não na presença do seu mestre. Raistlin passava aqui as noites sozinho, lendo, estudando tomos que enchiam as paredes. Nessas ocasiões, ninguém se atrevia a perturbá-lo. Dalamar só entrava no estúdio durante o dia, e só quando Raistlin estava ocupado num outro lado qualquer. Nessas horas, o duende negro aprendiz tinha permissão, mais, era-lhe exigido, que estudasse ele próprio os livros de feitiços, isto é, alguns deles. Fora-lhe proibido abrir, ou sequer tocar, naqueles que possuíam a encadernação azul-escura.

Dalamar fizera-o uma vez, é claro. A encadernação tinha um toque intensamente frio, tão frio que lhe queimou a pele. Ignorando a dor, conseguiu abrir a capa mas, depois de uma espreitadela, apressou-se a fechá-lo. As palavras no interior estavam numa linguagem inarticulada, incompreensível. E conseguira detectar o feitiço de proteção lançado sobre eles. Qualquer pessoa que olhasse para os livros durante muito tempo sem a chave adequada para traduzi-los, enlouqueceria.

Vendo a mão ferida de Dalamar, Raistlin perguntara-lhe como é que isso acontecera. O duende negro respondera calmamente que derramara um pouco de ácido de um componente de feitiço que estivera preparando. O mago supremo sorriu e nada dissera. Não havia necessidade. Ambos compreenderam.

Mas, agora, encontrava-se no estúdio de Raistlin a seu convite, sentando-se aqui numa base mais ou menos igual à do seu mestre. Mais uma vez, Dalamar sentiu o velho receio originado pela excitação intoxicante.

Raistlin estava sentado na sua frente na mesa de madeira esculpida, com uma mão pousada sobre um espesso livro de feitiços de encadernação azul-escura. Os dedos do mago supremo acariciavam distraídos o livro, percorrendo os símbolos prateados sobre a capa. Os olhos de Raistlin fitavam Dalamar fixamente. O duende negro não se moveu nem se agitou perante aquele intenso e penetrante olhar.

— Era muito novo para ter feito o teste — disse Raistlin, abruptamente, na sua voz suave.

Dalamar pestanejou. Não era disto que estava à espera.

— Não era tão novo quanto o senhor, *Shalafi* — respondeu o duende negro — Estou na casa dos 90, o que dá cerca de 25 dos vossos anos humanos. O senhor, creio, tinha apenas 21 quando fez o teste.

— Sim — murmurou Raistlin, e uma sombra passou pela pele tingida de dourado do mago — Eu tinha... 21.

Dalamar viu a mão pousada sobre o livro de feitiços contorcer-se numa dor súbita; viu os olhos dourados reluzirem. O jovem aprendiz não ficou nada surpreendido perante esta revelação de

emoção. O teste é exigido a qualquer mago que procure praticar as artes da magia num nível avançado. Administrado na Torre de Alta Feitiçaria de Wayreth, é conduzido pelos chefes das três vestes. Pois, há muito tempo atrás, os utilizadores de magia de Krynn aperceberam-se do que escapara aos clérigos. Para que o equilíbrio do mundo fosse mantido, o pêndulo deveria oscilar livremente para trás e para frente entre os três: bem, mal, neutralidade. Se um deles crescesse de forma mais poderosa, qualquer deles, o mundo começaria a tender para a sua destruição.

O teste é brutal. Os níveis mais elevados de magia, onde o verdadeiro poder é conseguido, não são para os inaptos. O objetivo do teste é precisamente livrar-se desses, permanentemente: a morte constitui a pena para o insucesso. Dalamar ainda tinha pesadelos sobre o seu próprio teste, por isso podia compreender bem a reação de Raistlin.

— Eu passei — murmurou Raistlin, os olhos fitando esse tempo longínquo — Mas, quando saí daquele lugar terrível, estava como me vê agora. A minha pele tinha esta coloração dourada, o cabelo branco, e os meus olhos... — Regressou ao presente, para olhar fixamente para Dalamar — Sabe o que vejo com estes olhos de ampulheta?

— Não, *Shalafi*.

— Vejo o tempo tal como ele afeta todas as coisas — replicou Raistlin — A carne humana definha perante estes olhos, as flores secam e morrem, as próprias rochas desfazem-se quando as observo. Na minha visão é sempre Inverno. Mesmo você, Dalamar... — os olhos de Raistlin captaram e cativaram o jovem aprendiz no seu horrível olhar —, até a carne dos duendes, que envelhece tão lentamente com a passagem dos anos, é como um aguaceiro na Primavera. Mesmo no seu jovem rosto, Dalamar, vejo a marca da morte!

Dalamar estremeceu e, desta vez, não conseguiu ocultar as suas emoções. Involuntariamente, encolheu-se para trás nos almofadões da cadeira. Um feitiço de proteção veio-lhe de imediato à mente, tal como, espontaneamente, um feitiço com o intuito de

ferir e não de defender. Idiota! Criticou-se, controlando-se rapidamente; que feitiço meu poderia matar *a ele*?

— É verdade, é verdade — murmurou Raistlin, respondendo aos pensamentos de Dalamar, tal como fazia freqüentemente — Não existe ninguém em Krynn com poder para me molestar. E seguramente que não é você, aprendiz. Mas é bravo. Tem coragem. Esteve muitas vezes ao meu lado no laboratório, enfrentando aqueles que tenho arrastado dos níveis das suas existências. Sabia que, bastava eu respirar na hora indevida e eles arrancariam os corações vivos dos nossos corpos e os devorariam, enquanto definhávamos perante eles em tormento.

— Foi um privilégio — murmurou Dalamar.

— Sim — replicou Raistlin absorto, os pensamentos muito longe dali. Depois, ergueu uma sobrancelha — E sabia, não é verdade, que se tal acontecesse, eu me salvaria a mim mas não a você?

— Claro, *Shalafi* — respondeu Dalamar com firmeza — Compreendo e aceito o risco — Os olhos do duende negro reluziram. Esquecendo-se dos seus receios, a excitação o fez inclinar-se na cadeira — Não, *Shalafi*, eu *convido* os riscos! Sacrificaria tudo pela...

— Magia — terminou Raistlin.

— Sim! Pela magia! — gritou Dalamar.

— E pelo poder que ela confere — assentiu Raistlin — É ambicioso. Mas... quão ambicioso, pergunto a mim mesmo? Procura, talvez, governar os homens da sua raça? Ou talvez um reino em qualquer lugar, mantendo o monarca como seu servo enquanto desfruta da riqueza das terras dele? Ou talvez uma aliança com algum lorde negro, tal como foi feito nos dias dos dragões, não há muito tempo atrás. A minha irmã, Kitiara, por exemplo, achou-te bastante atraente. Ela gostaria de te ter por perto. Sobretudo se tiver algumas artes mágicas que possa praticar no quarto...

— *Shalafi*, eu nunca profanaria...

Raistlin acenou uma mão.

— Estava brincando, aprendiz. Mas percebe o que quero dizer. Algum deles reflete os seus sonhos?

— Bem, claro que sim, *Shalafi* — Dalamar hesitou, confuso. Onde estaria conduzindo tudo aquilo? Para algumas informações que pudesse comunicar, desejou, mas, quanto poderia revelar de si mesmo? — Eu...

Raistlin interrompeu-o.

— Sim, já vejo que cheguei perto da marca. Descobri as alturas da sua ambição. Nunca adivinhou a minha?

Dalamar sentiu uma emoção de alegria percorrer-lhe o corpo. Fora para descobrir *isto* que o tinham enviado. O jovem mago respondeu lentamente.

— Já tenho me interrogado muitas vezes, *Shalafi*. É tão poderoso... — Dalamar fez sinal para a janela, através da qual se podiam avistar as luzes de Palanthas, reluzindo na noite — ...esta cidade, esta terra de Solamnia, este continente de Ansalon poderiam ser seus.

— Este *mundo* poderia ser meu! — Raistlin sorriu, os lábios finos parcialmente separados — Já avistamos as terras para lá dos mares, não é assim, aprendiz? Quando olhamos através da água flamejante, podemos vê-las e àqueles que lá habitam. Controlá-los seria a própria simplicidade em si mesma...

Raistlin levantou-se. Caminhando para a janela, fitou a cidade cintilante espalhada perante si. Sentindo a excitação do seu mestre, Dalamar deixou a cadeira e seguiu-o.

— Poderia dar-te aquele reino, Dalamar — disse Raistlin suavemente. Puxou a cortina com a mão, os seus olhos repousando sobre as luzes que brilhavam com mais calor do que as estrelas no céu — Poderia dar-te não só o governo dos miseráveis homens da sua raça, mas também o controle de todos os *kenders* de Krynn — Raistlin encolheu os ombros — Poderia dar-te a minha irmã.

Voltando-se da janela, Raistlin enfrentou Dalamar, que o observava ansiosamente.

— Mas nada disso me interessa — gesticulou Raistlin, deixando cair a cortina —, nada. A minha ambição é muito mais vasta.

— Mas, *Shalafi*, não sobra muita coisa para se recusar o mundo — Dalamar não compreendia — A menos que tenha visto mundos para lá deste, invisíveis aos meus olhos...

— Mundos para lá deste? — ponderou Raistlin — Pensamento interessante. Talvez um dia deva considerar essa possibilidade. Mas não, não era a isso que me referia — O mago fez uma pausa e, com um movimento da mão, chamou Dalamar para mais perto de si — Já viu a grande porta mesmo nas traseiras do laboratório? A porta de aço, com símbolos de prata e ouro incrustados? A porta sem fechadura?

— Sim, *Shalafi* — replicou Dalamar, sentindo um arrepio de frio percorrê-lo, que nem o calor do corpo de Raistlin, tão próximo dele, conseguiu dispersar.

— Sabe onde conduz essa porta?

— Sim... *Shalafi* — Um murmúrio.

— E sabe por que não está aberta?

— Não consegue abri-la, *Shalafi*. Só uma pessoa de grande e poderosa magia e outra com verdadeiros poderes sagrados podem abrir, em conjunto... — Dalamar parou, a garganta cerrando-se de medo, impedindo-o de falar.

— Sim — murmurou Raistlin —, entendeu. “Uma pessoa com verdadeiros poderes sagrados.” Agora sabe por que preciso *dela*! Agora compreende as alturas e as profundezas da minha ambição.

— Isso é loucura! — conseguiu proferir Dalamar, baixando depois os olhos, envergonhado — Perdoe-me, *Shalafi*, não quis faltar-lhe ao respeito.

— Não, e está certo. É loucura, com os meus poderes limitados — Notava-se um tom de amargura na voz do mago — É por essa razão que vou fazer uma viagem.

— Viagem? — Dalamar olhou para cima — Onde?

— Não é onde... é quando — corrigiu Raistlin — Tem me ouvido falar de Fistandantilus?

— Muitas vezes, *Shalafi* — disse Dalamar, com voz quase de reverência — O maior da nossa ordem. Aqueles são os seus livros de feitiços, os que possuem a encadernação azul-escura.

— Inadequados — afirmou Raistlin, revelando quase desprezo perante toda a biblioteca com um gesto — Já li todos, muitas vezes nestes anos que passaram, desde que obtive a chave dos seus segredos da própria Rainha das Trevas. Mas eles só servem para me

frustrar! — Raistlin cerrou a mão magra — Leio estes livros de feitiços e detecto grandes lapsos, faltam volumes inteiros! Talvez tivessem sido destruídos no Cataclismo ou, mais tarde, nas guerras de Dwargate que provaram ter sido a causa da destruição de Fistandantilus. Esses volumes que faltam, este conhecimento que foi perdido, me fornecirão o poder de que necessito!

— E assim, a sua viagem o levará... — Dalamar parou, em descrença.

— Atrás, no tempo — afirmou Raistlin calmamente — De volta aos dias que antecederam o Cataclismo, quando Fitandantilus estava no auge do seu poder.

Dalamar sentia-se tonto, os pensamentos agitando-se em confusão. O que *diriam eles?* Com todas as suas especulações, seguramente não tinham previsto isto!

— Tenha calma, meu aprendiz — A voz suave de Raistlin parecia chegar a Dalamar de muito longe — Isto te perturbou. Quer um pouco de vinho?

O mago dirigiu-se a uma mesa. Erguendo a garrafa, encheu um pequeno copo com um líquido cor de sangue e passou-o ao duende negro. Dalamar aceitou-o com gratidão, ao começar a ver a mão tremendo. Raistlin serviu-se também de um pequeno copo.

— Não bebo com frequência este estranho vinho, mas, esta noite, penso que devemos celebrar. Um brinde à... como disse?. Pessoa de verdadeiros poderes sagrados. Ou seja, à Lady Crysania!

Raistlin bebeu o vinho em pequenos tragos. Dalamar despejou o copo de uma só vez. O líquido ardente provocou-lhe uma forte impressão na garganta. Tossiu.

— *Shalafi*, se o vivo informou corretamente, Lorde Soth lançou um feitiço de morte sobre Lady Crysania. Contudo, ela ainda vive. Concedeu-lhe a vida de novo?

Raistlin abanou a cabeça.

— Não, limitei-me a dar-lhe sinais visíveis de vida para que o meu querido irmão não a enterrasse. Não posso ter a certeza do que aconteceu, mas não é difícil de adivinhar. Vendo o cavaleiro da morte perante ela e sabendo qual seria o seu destino, a Venerável Filha combateu o feitiço com a única arma que possuía, e se era

poderosa: o medalhão sagrado de Paladine. O deus protegeu-a, transportando a alma dela para os reinos onde os deuses vivem, deixando o seu corpo apenas como uma carcaça sobre o solo. Não existe ninguém, nem mesmo eu, que consiga juntar de novo a alma e o corpo. Só um supremo clérigo de Paladine tem esse poder.

— Elistan?

— Bah, o homem está doente, moribundo...

— Nesse caso, está perdida para si!

— Não — afirmou Raistlin suavemente — Não consegue compreender, aprendiz. Através da desatenção, perdi o controle. Mas recuperei-o rapidamente. Não apenas isso, tomarei este trabalho em meu benefício. Neste preciso momento, eles aproximam-se da Torre de Alta Feitiçaria. Crysania ia para lá, buscando o auxílio dos magos. Quando chegar, encontrará esse auxílio, tal como o meu irmão.

— *Quer* que eles a ajudem? — inquiriu Dalamar, confuso — Ela está planejando destruí-lo!

Raistlin bebericou o seu vinho em silêncio, observando atentamente o jovem aprendiz.

— Pensa bem, Dalamar — disse, suavemente —, pensa bem e há de compreender. Mas... — o mago pousou o copo vazio... — já te retive tempo suficiente.

Dalamar olhou pela janela. A lua vermelha, Lunitari, começava a ficar fora de vista, afundando-se por detrás dos cumes negros das montanhas. A noite atingia o seu ponto médio.

— Tem que fazer a *sua* viagem e regressar antes de eu partir de manhã — prosseguiu Raistlin — Haverá sem dúvida instruções de última hora, para além de muitas coisas que quero deixar ao seu cuidado. Ficará gerindo tudo, é claro, enquanto eu estiver fora.

Dalamar assentiu e depois franziu a sobancelha.

— Falou na *minha* viagem, *Shalafi*? Não vou a lado nenhum... — O duende negro parou ao recordar-se que, com efeito, tinha onde ir, um relatório a apresentar.

Raistlin observou o jovem duende em silêncio, o aspecto de compreensão horrorizada que caiu sobre o rosto de Dalamar refletindo-se nos olhos espelhados do mago.

Depois, lentamente, Raistlin avançou para o jovem aprendiz, as vestes negras roçando-lhe gentilmente pelos tornozelos. Paralisado pelo terror, Dalamar não conseguia se mover. Não conseguia proferir feitiços de proteção. A sua mente não conseguia pensar em nada, ver nada, com exceção de dois olhos planos, insensíveis e dourados.

Lentamente, Raistlin ergueu a mão e pousou-a com suavidade sobre o peito de Dalamar, tocando nas vestes negras do jovem com as pontas dos cinco dedos.

A dor constituiu um verdadeiro suplício. O rosto de Dalamar ficou branco, os seus olhos abriram-se muito, tossiu de agonia. Mas o duende negro não conseguia afastar-se daquele toque terrível. Capturado pelo olhar de Raistlin, Dalamar nem tinha possibilidades de gritar.

— Conte-lhes exatamente aquilo que acabei de te transmitir — murmurou Raistlin —, e aquilo que possa ter adivinhado. E apresenta os meus cumprimentos a Par-Salian... aprendiz

O mago retirou a mão.

Dalamar caiu desfalecido no chão, apertando o peito, gemendo. Raistlin contornou-o, sem lhe lançar sequer um olhar. O duende negro pôde ouvi-lo saindo do aposento, o roçar suave das vestes negras, a porta abrindo-se e fechando-se.

Num arrebatamento de dor, Dalamar rasgou as vestes. Cinco fios de sangue, vermelhos e brilhantes, escorriam-lhe pelo peito, encharcando o tecido negro, jorrando de cinco orifícios que tinham sido queimados na sua carne.



CAPÍTULO 10

— Caramon! Levante-se! Acorda!

Não. Estou na minha sepultura. Aqui está quente, por baixo do solo, quente e seguro. Não pode me despertar, não pode chegar até mim. Estou escondido na lama, não pode me encontrar.

— Caramon, tem que ver isto! Acorda!

Uma mão dispersou a escuridão e tocou nele.

Não, Tika, vai embora! Já me restituiu a vida uma vez, de volta para a dor e sofrimento. Devia ter me deixado no doce reino das trevas por baixo do Mar Sangrento de Istar. Mas, por fim, encontrei a paz. Cavei a minha sepultura e enterrei-me.

— *Eh, Caramon, é melhor acordar e ver isto!*

Aquelas palavras! Eram familiares. Claro, eu próprio as afirmei! Disse-as a Raistlin há muito tempo atrás, quando ele e eu viemos a floresta pela primeira vez. Então, como posso estar a ouvi-las? A menos que eu seja Raistlin... Ah, isso é...

Uma mão mexeu-lhe na pálpebra! Dois dedos estavam a abri-la! Perante o toque, o medo percorreu a circulação sanguínea de

Caramon, fazendo o seu coração começar a bater aceleradamente.

— Ahhhh! — Caramon rosnou alarmado, tentando rastejar pelo solo quando aquele olho aberto à força avistou um rosto gigantesco espreitando por cima dele, o rosto de uma anã boba!

— Ele estar acordado — informou Bupu — Toma — disse para Tasslehoff —, segura este olho. Eu abrir outro olho.

— Não! — gritou Tas apressadamente. Arrastando Bupu para longe do guerreiro, Tas puxou-a para trás dele.

— Uh... vai buscar um pouco de água.

— Boa idéia — observou Bupu e afastou-se.

— Está... está tudo bem, Caramon — afirmou Tas, ajoelhando-se ao lado do grande homem e uns tapinhas para sossega-lo — Era apenas Bupu. Desculpa, mas eu estava... uh... olhando para... bem, você verá, e esqueci-me de tomar conta dela.

Resmungando, Caramon cobriu o rosto com a mão. Com a ajuda de Tas, conseguiu sentar-se.

— Sonhei que estava morto — disse, pesadamente.

— Depois vi aquele rosto e soube que estava tudo acabado. Eu estava no abismo.

— Quem te dera estar — afirmou Tas sombriamente. Caramon olhou para cima perante o tom involuntariamente sério do *kender*.

— Porquê? O que quer dizer? — inquiriu, severamente. Em vez de responder, Tas perguntou.

— Como se sente?

Caramon carregou a sobrancelha.

— Estou sóbrio, se é isso que quer saber — murmurou o grande homem — E bem, pedi aos deuses para não estar. Pronto.

Tasslehoff fitou-o Pensativamente por alguns instantes e depois, lentamente, enfiou a mão na algibeira e retirou uma garrafa revestida de couro.

— Toma, Caramon — disse, em tom calmo —, se realmente pensa que precisa disso.

Os olhos do grande homem reluziram. Com ansiedade, estendeu uma mão que tremia e pegou na garrafa. Tirou a rolha, cheirou-a, sorriu e levou-a aos lábios.

— Pára de olhar para mim! — ordenou a Tas.

— Des... desculpa — Tas corou. Levantou-se — V... vou procurar Lady Crysania...

— Crysania... — Caramon baixou a garrafa, sem prová-la. Esfregou os olhos — É verdade. Esqueci-me dela. Boa idéia, vá procurá-la. Pegue ela e leve-a daqui. Você e aquela sua anã! Vão-se embora e deixem-me só! — Levando de novo a garrafa aos lábios, Caramon bebeu um longo trago. Tossiu, baixou a garrafa e limpou a boca com a palma da mão — Então, vai-te — repetiu, olhando para Tas aborrecido —, sai daqui! Todos vocês! Deixem-me só!

— Lamento, Caramon — disse Tas em tom tranqüilo — Bem desejava poder fazê-lo. Mas não podemos.

— Porquê? — resmungou Caramon. Tas respirou fundo.

— Porque, se bem me recordo das histórias que Raistlin me contou, penso que a floresta de Wayreth nos encontrou.

Por momentos, Caramon fitou Tas, os olhos raiados de sangue muito abertos.

— Isso é impossível — disse, após alguns momentos, as palavras não passando de um sussurro — Estamos a milhas de lá! Levou a mim e a Raist... demoramos dois meses para encontrar a floresta! E a torre situa-se muito a sul daqui! Fica muito para lá de Qualinesti, de acordo com o seu mapa — Caramon olhou para Tas malignamente — Não é o mesmo mapa que mostrou Tarsis junto do mar, não é?

— Pode ser — esquivou-se Tas, enrolando apressadamente o mapa e escondendo-o atrás das costas — Tenho tantos... — Mudou rapidamente de assunto — Mas Raistlin disse que era uma floresta mágica, pelo que penso pode ter nos encontrado, se tal fosse o seu objetivo.

— É uma floresta mágica — murmurou Caramon, a voz profunda e tremendo — É um lugar de horror — Fechou os olhos e abanou a cabeça, depois, subitamente, olhou para cima, o rosto cheio de astúcia — Trata-se de um truque, não é? Um truque para evitar que beba! Bem, não vai resultar...

— Não é nenhum truque, Caramon — Tas suspirou. Depois, apontou — Olha para ali. É exatamente como Raistlin me descreveu uma vez.

Voltando a cabeça, Caramon viu e estremeceu, quer perante a visão, quer perante as amargas memórias do seu irmão que lhe surgiram.

O local onde estavam acampados era uma pequena clareira coberta de relva, a alguma distância da trilha principal. Estava rodeada de bordos, pinheiros, nogueiras e mesmo alguns choupos. As árvores começavam a desabrochar. Caramon olhara para elas enquanto cavava a sepultura de Crysania. Os ramos brilhavam com a luz do sol do início da manhã, com o leve reluzir amarelo-esverdeado da Primavera. Flores silvestres brotavam nas suas raízes, as primeiras flores da Primavera: açafreão e violetas.

Ao olhar em redor, Caramon viu que estas mesmas árvores ainda os cercavam, de três lados. Mas, agora, no outro lado, o lado sul, as árvores tinham mudado.

Estas árvores, na sua maioria mortas, erguiam-se lado a lado, alinhadas de forma regular, fila após fila. Aqui e ali, quando se olhava mais para o interior da floresta, podia ser avistada uma árvore viva, vigiando como um oficial as fileiras silenciosas das suas tropas. O sol não brilhava nesta floresta. Uma neblina espessa e nociva libertava-se das árvores, obscurecendo a luz. As próprias árvores eram horríveis, retorcidas e disformes, os ramos mais parecendo grandes garras arrastando o solo. Os ramos não se moviam, nenhum vento agitava as suas folhas mortas. Mas, o mais horroroso, as coisas no interior da floresta moviam-se. Enquanto Caramon e Tas observavam, puderam ver sombras esvoaçando por entre os troncos, esquivando-se por entre os arbustos espinhosos mais baixos.

— Olha para isto — disse Tas. Ignorando o grito alarmado de Caramon, o *kender* correu em direção à floresta. Ao fazê-lo, as árvores afastaram-se! Abriu-se um caminho largo, conduzindo diretamente ao coração negro da floresta — Já viu uma coisa assim? — gritou Tas pasmado, estacando antes de pisar o caminho — E, quando retrocedo...

O *kender* caminhou para trás, afastando-se das árvores, e os troncos voltaram a unir-se, fechando fileiras, apresentando uma barreira sólida.

— Está certo — disse Caramon roucamente — É mesmo a floresta de Wayreth. Assim nos apareceu a nós, uma manhã — Baixou a cabeça — Eu não queria entrar. Tentei impedir Raist. Mas ele não estava com medo! As árvores afastaram-se para ele e entrou. “Fica junto de mim, meu irmão”, disse-me, “e impedirei que algum mal te aconteça”. Quantas vezes *Ihe* dissera eu essas palavras? Ele não estava com medo! Eu sim!

De súbito, Caramon ergueu-se.

— Vamos embora daqui! — Agarrando freneticamente no sacocama com as mãos tremendo, entornou o conteúdo da garrafa por cima do cobertor.

— Não adianta — disse Tas laconicamente — Já tentei. Observe.

Voltando as costas para as árvores, o *kender* caminhou para norte. As árvores não se mexeram. Mas, inexplicavelmente, Tasslehoff caminhava novamente na direção da floresta. Por mais que tentasse, para onde se virasse, acabava sempre caminhando em direção à neblina das árvores, às fileiras do pesadelo.

Suspirando, Tas veio para junto de Caramon. O *kender* fitou solenemente os olhos turvos de lágrimas e vermelhos do grande homem e estendeu uma pequena mão, pousando-a no braço antes forte do guerreiro.

— Caramon, é o único que já atravessou a floresta! É o único que sabe o caminho. E ainda há outro pormenor — Tas apontou. Caramon virou a cabeça — Perguntou sobre Lady Crysania. Ali está ela. Está viva, mas está morta ao mesmo tempo. A pele dela parece gelo. Os seus olhos fixam algo de terrível. Respira, o coração bate, mas é como se *Ihe* corresse no corpo aquela coisa feita de especiarias que os duendes utilizam para preservarem os seus mortos! — O *kender* respirou fundo.

— Temos que arranjar auxílio para ela, Caramon. Talvez ali... — Tas apontou para a floresta — ...os magos possam auxiliá-la! Eu não posso transportá-la — Ergueu as mãos, num gesto de desalento — Preciso de você, Caramon! Ela precisa de você! Acho que *Ihe* deve ao menos isso.

— Dado que a culpa é minha por ter-lhe acontecido aquilo? — murmurou Caramon rudemente.

— Não, não me referia a isso — disse Tas, baixando a cabeça e passando a mão pelos olhos — Acho que a culpa não foi de ninguém.

— Não, a culpa é minha — replicou Caramon. Tas olhou para ele, escutando um tom na voz de Caramon que já não ouvia há muito tempo. O homem enorme pôs-se de pé, fitando a garrafa na mão — Está na hora de enfrentar a minha situação. Tenho culpado toda a gente: Raistlin, Tika... Mas sempre soube, bem no íntimo, que o culpado era eu. Chegou até mim, naquele sonho. Estava deitado no fundo de uma sepultura e apercebi-me, isto é o fundo! Não posso descer mais. Ou permaneço aqui e permito que joguem a terra em cima de mim, tal como eu ia enterrar Crysania, ou saio daqui para fora — Caramon suspirou, um suspiro longo e fundo. Depois, com súbita resolução, colocou a rolha na garrafa e devolveu-a a Tas — Toma — disse, suavemente — Vai ser uma escalada longa, e vou precisar de ajuda, assim espero. Mas não desse tipo de ajuda.

— Oh, Caramon! — Tas enroscou os braços em redor da cintura do grande homem, abraçando-o fortemente — Eu não estava com medo daquela floresta mal-assombrada, palavra que não. Mas não sabia como iria atravessá-la sozinho. Já para não falar em Lady Crysania e... Oh, Caramon! Estou tão feliz por ter voltado! Eu...

— Pronto, pronto — murmurou Caramon, corando de vergonha e afastando Tasslehoff gentilmente — Está tudo bem. Não sei exatamente que tipo de ajuda posso prestar. Senti um medo de morte da primeira vez que penetrei naquele lugar. Mas tem razão. Talvez eles possam ajudar Crysania — O rosto de Caramon endureceu — Talvez possam também responder a algumas perguntas que tenho para fazer a respeito de Raist. Agora, para onde foi aquela anã? E... — olhou para o seu cinto — onde está a minha adaga?

— Qual adaga? — inquiriu Tas, olhando em redor para a floresta.

Estendendo a mão, de rosto austero, Caramon apanhou o *kender*. O seu olhar focou o cinto de Tas. Este seguiu-lhe o olhar. Os seus olhos abriram-se de espanto.

— Referia-se a *esta* adaga? Com os diabos, como terá ela ido parar aí? — disse, pensativamente — Aposto que a deixou cair, durante a luta.

— Sim — murmurou Caramon. Resmungando, puxou a adaga e estava a colocá-la de novo na sua bainha quando escutou um ruído atrás dele. Virando-se rapidamente em alarme, recebeu um balde cheio de água gelada na cara.

— Ele estar acordado agora — anunciou Bupu complacentemente, largando o balde.

Enquanto secava as roupas, Caramon sentou-se estudando as árvores, o rosto contorcido devido à dor das recordações. Por fim, soltando um suspiro, vestiu-se, verificou as armas e levantou-se. De imediato, Tasslehoff deslocou-se para o seu lado.

— Vamos! — disse, ansioso. Caramon estacou.

— Para a floresta? — inquiriu, nova voz desamparada.

— Mas, é claro! — disse Tas, estupefato — Para onde haveria de ser?

Caramon franziu a sobancelha, depois suspirou e abanou a cabeça.

— Não, Tas — afirmou, asperamente — Você fica aqui com Lady Crysania. Escute-me — disse, em resposta ao olhar de protesto indignado do *kender* —, vou só entrar na floresta para... eh... dar uma olhada.

— Acha que há alguma coisa lá, não é verdade? — Tas acusou o grande homem — É por isso que quer que fique de fora! Vai penetrar ali e haverá um grande combate. Provavelmente dará cabo do que estiver lá e eu não assistirei a nada!

— Duvido — murmurou Caramon. Olhando com apreensão para a floresta coberta de neblina, apertou o cinto da espada.

— Pelo menos podia me dizer o que pensa que é — afirmou Tas — E, Caramon, o que devo fazer se *ela* te matar? Depois posso entrar? Quanto tempo devo esperar? Poderá matar-te em, digamos, cinco minutos? Não que eu acredite que isso aconteça —

acrescentou, rapidamente, vendo os olhos de Caramon abrirem-se muito — Mas deveria realmente saber, isto é, já que vai me deixar aqui em comando.

Bupu estudou o guerreiro, profundamente concentrada.

— Eu dizer... dois minutos. Ela mata-o em dois minutos. Quer fazer aposta? — Olhou para Tas.

Caramon olhou severamente para os dois e depois libertou outro suspiro. Tas estava apenas a ser lógico, afinal de contas.

— Não sei bem o que me espera — murmurou Caramon.

— Lembro-me que, da última vez, nós... nós encontramos uma coisa... uma aparição. Essa coisa... Raist... — Caramon ficou em silêncio — Não sei o que devem fazer — disse, após alguns momentos. De ombros abatidos, virou-se e começou a caminhar lentamente em direção à floresta — O melhor que puderem, acho.

— Eu ter bonita cobra aqui, eu dizer dois minutos — afirmou Bupu para Tas, remexendo no saco — O que por em jogo?

— Shhh — disse Tas suavemente, observando Caramon a afastar-se. Depois, abanando a cabeça, foi-se sentar ao lado de Crysania, deitada no chão, os olhos sem visão fitando o céu. Gentilmente, Tas puxou o capuz branco da eclesiástica por cima da cabeça dela, encobrindo-a dos raios solares. Tentara, sem êxito, fechar aqueles olhos abertos, mas era como se a carne dela tivesse se tornado mármore.

Raistlin parecia caminhar ao lado de Caramon a cada passo que este dava ao penetrar na floresta. O guerreiro quase podia ouvir o leve roçar das vestes vermelhas do irmão, nessa época eram vermelhas! Podia escutar a voz do irmão, sempre gentil, sempre suave, mas com aquele leve toque de sarcasmo que tantas vezes ofendera os seus amigos. Mas nunca incomodara Caramon. Compreendera ou, de qualquer forma, pensara que compreendera.

As árvores na floresta moveram-se subitamente perante a aproximação de Caramon, tal como acontecera quando *o kender* se aproximara.

“Tal como se moveram quando nos aproximamos... há quantos anos”, pensou Caramon? “Sete? Só se tinham passado sete anos?”

Não, apercebeu-se tristemente. Fora uma vida inteira, uma vida para ambos.

Quando Caramon alcançou o limite da floresta, o nevoeiro pairava ao longo do solo, arrefecendo-lhe os tornozelos com um frio que penetrava através da carne até os ossos. As árvores fitavam-no, os ramos retorcendo-se em agonia. Lembrou-se dos bosques torturados de Silvanesti e isso trouxe-lhe mais recordações do irmão. Caramon ficou imóvel por instantes, fitando a floresta. Podia avistar as formas negras e sombrias à sua espera. E Raistlin não estava presente para mantê-las afastadas. Desta vez não.

— Nunca tive medo de nada até ter entrado na floresta de Wayreth — disse Caramon para si mesmo em voz baixa — Só lá entrei da última vez porque estava comigo, meu irmão. Só a sua coragem me fez avançar. Como posso agora entrar ali sem você? Trata-se de magia. Eu não entendo nada de magia! Não sei como combater contra ela! Que hipóteses tenho eu? — Caramon tapou os olhos com as mãos para apagar a visão horrível — Não posso penetrar aí — disse, destroçado — É pedir-me muito!

Puxando a espada de dentro da bainha, empunhou-a. As mãos tremiam-lhe de tal maneira que quase deixou cair a arma.

— Hah! — disse, amargamente — Vê? Não conseguiria lutar com uma criança. É-me exigido muito. Não há esperança. Não há esperança...

"É fácil ter-se esperança na Primavera, guerreiro, quando o tempo está quente e as árvores vallenwoods verdes. É fácil ter-se esperança no Verão, quando as vallenwoods reluzem de ouro. É fácil ter esperança no Outono, quando as vallenwoods estão tão vermelhas quanto sangue vivo. Mas, no Inverno, quando o ar é duro e frio e os céus estão cinzentos, será que a vallenwood morre, guerreiro?"

— Quem falou? — gritou Caramon, olhando em redor, enlouquecido, agarrando na espada, com a mão tremendo.

"Que faz a vallenwood no Inverno, guerreiro, quando tudo está imerso nas trevas e mesmo o sol está gelado? Cava mais fundo, guerreiro. Manda as suas raízes para baixo, para baixo, para o interior do solo, para baixo para o calor do coração do mundo. Aí,

bem no fundo, a vallenwood encontra o seu alimento para ajudá-la a sobreviver às trevas e ao frio, por forma a poder desabrochar de novo na Primavera”.

— E então? — perguntou Caramon em tom desconfiado, retrocedendo um passo e olhando em redor.

“Então, você está agora no Inverno mais negro da sua vida, guerreiro. E também você terá que cavar bem fundo para encontrar o calor e a força que te ajudarão a sobreviver ao frio intenso e às terríveis trevas. Já não dispõe do desabrochar da Primavera nem do vigor do Verão. Terá que encontrar a força de que necessita no seu coração, na sua alma. Então, tal como as vallenwoods, crescerá novamente”.

— As suas palavras são bonitas... — começou Caramon, franzindo a sobrancelha, não confiando nesta conversa de Primavera e árvores. Mas não conseguiu terminar, a respiração conteve-se na sua garganta.

A floresta alterava-se perante os seus olhos.

As árvores retorcidas e decadentes endireitaram-se enquanto olhava para elas, erguendo os ramos para os céus, crescendo, crescendo, crescendo. Inclinou de tal maneira a cabeça para trás que quase perdeu o equilíbrio, mas mesmo assim, não conseguia avistar o cume das árvores. Eram árvores *vallenwood*! Exatamente como as que havia em Solace antes da chegada dos dragões. Ao observá-las com espanto, viu que a vida surgia dos ramos secos: brotaram botões verdes, floriram em folhas verdes reluzentes e adquiriram um tom dourado de Verão. As estações iam mudando ao ritmo da sua respiração.

O nevoeiro desapareceu, sendo substituído por uma fragrância adocicada oriunda das bonitas flores que se entrelaçaram por entre as raízes das *vallemwoods*. A escuridão na floresta desapareceu, o sol derramou a sua luz forte sobre as árvores oscilantes. E, no momento em que a luz do sol tocou nas folhas das árvores, o canto dos pássaros encheu o ar perfumado.

*Tranquila está a floresta, tranquilas as suas perfeitas mansões
Onde já não crescemos nem nos degradamos, as nossas
árvores*

*[sempre verdes,
A fruta madura cai, riachos calmos e transparentes
Como vidro, como o coração em repouso neste dia perpétuo.
Debaixo destes ramos a submissão condescendente do
movimento,*

*As questões de chilreios, de amor, deixadas nas fronteiras Com
todas as febres, os insucessos de memória.*

Tranqüila está a floresta, tranqüilas as suas perfeitas mansões.

E luz após luz, luz que dissipa as trevas,

Por debaixo destes ramos nenhuma sombra, pois a sombra

[foi esquecida

No calor da luz e no odor frio das folhas

*Onde crescemos e nos degradamos; nunca mais, pois as
nossas*

[árvores estarão sempre verdes.

Aqui há tranqüilidade, e a música surge após o silêncio,

Aqui, no fim do mundo imaginado, onde a claridade

*Completa os sentidos, há muito perpetuado onde
observávamos*

Fruta madura que nunca cai, riachos calmos e transparentes.

*Onde as lágrimas são secadas dos nossos rostos, ou
apaziguadas,*

Calmas como um riacho em perfeitos países de paz,

E o viajante abre, permitindo a viagem da luz

Como ar, como o coração em repouso neste dia perpétuo.

Tranqüila está a floresta, tranqüilas as suas perfeitas mansões

Onde já não crescemos nem nos degradamos, as nossas

[árvores sempre verdes,

A fruta madura que nunca cai, riachos calmos e transparentes

Como o ar, como o coração em repouso neste dia perpétuo.

Os olhos de Caramon encheram-se de lágrimas. A beleza da canção trespassou-lhe o coração. Havia esperança!

No interior da floresta, encontraria todas as respostas! Encontraria o auxílio que buscava.

— Caramon! — Tasslehoff saltava para cima e para baixo de excitação — Caramon, que maravilha! Como conseguiu? Ouve os pássaros? Vamos! Depressa.

— Crysania... — disse Caramon, começando a voltar para trás — Teremos de improvisar uma padiola. Terá que ajudar... — Mas, antes que pudesse terminar, parou, fitando, espantado, duas figuras de vestes brancas que saíam dos bosques dourados. Os seus capuzes estavam puxados para cima da cabeça, ocultando-lhes o rosto. Ambos lhe fizeram uma reverência solene, atravessando depois a clareira para o local onde Crysania dormia o seu sono de morte. Erguendo o corpo dela com facilidade, carregaram-na para junto de Caramon. Pararam quando alcançaram o limite da floresta, voltando as cabeças encapuzadas e olhando para ele com expectativa.

— Penso que estão à espera que entre primeiro, Caramon — disse Tas alegremente — Vai à frente, vou buscar Bupu.

A anã permanecia no centro da clareira, mirando a floresta com profunda suspeita, que Caramon, olhando para as duas figuras de vestes brancas, depressa partilhou.

— Quem são vocês? — perguntou.

Não responderam. Ficaram imóveis, aguardando.

— Que importa quem eles são! — disse Tas, agarrando impacientemente em Bupu e arrastando-a, com o saco a bater-lhe nos pés.

Caramon franziu a sobancelha.

— Vão vocês à frente — Gesticulou para as figuras de vestes brancas. Eles nada disseram nem se moveram.

— Por que estão à espera que penetre nessa floresta? — Caramon deu um passo atrás — Vão à frente — gesticulou —, levem-na para a torre. Vocês podem ajudá-la. Não precisam de mim...

As figuras não falaram, mas uma ergueu a mão, apontando.

— Vamos, Caramon — disse Tas — Olha, parece que está nos convidando!

— *Eles não nos molestarão, irmão... Fomos convidados!* — As palavras de Raistlin, proferidas há sete anos atrás.

— Magos nos convidando. Não confio neles — Caramon repetiu suavemente a resposta que dera naquela altura.

De súbito, o ar encheu-se de riso, um riso estranho, sinistro, murmurado. Bupu lançou os braços em redor da perna de Caramon, agarrando-se a ele aterrada. Mesmo Tasslehoff parecia um pouco perturbado. Então surgiu uma voz, tal como a que Caramon escutara há sete anos atrás.

— *Isso inclui a mim, querido irmão?*



CAPÍTULO 11

A aparição horrível aproximava-se cada vez mais. Crysania via-se possuída por um medo como nunca antes sentira, um medo que nunca acreditara que pudesse existir. Ao retroceder perante ela, Crysania, pela primeira vez na sua vida, enfrentou a morte: a sua própria morte. Não era a transição tranqüila para um reino abençoado que ela sempre acreditara existir. Era dor impiedosa e trevas assustadoras, dias e noites eternos invejando os vivos.

Tentou gritar por ajuda, mas a voz falhou-lhe. De qualquer forma, nada podia ajudá-la. O guerreiro embriagado estava estendido na sua própria poça de sangue. As suas artes de cura tinham-no salvo, mas iria dormir durante muitas horas. Nada podia auxiliar contra esta...

A figura negra ia avançando, cada vez mais. "Corre!", gritou-lhe a mente. Os membros não lhe obedeciam. Tudo o que conseguiu foi dar uns passos atrás e, então, o seu corpo pareceu mover-se por sua própria vontade e não de acordo com o seu comando. Nem

conseguia desviar o olhar dele. As luzes cintilantes cor-de-laranja que via nos seus olhos mantinham-na presa.

Ele ergueu uma mão, uma mão espectral. Cysania podia ver através dela; na verdade, podia ver através dele as árvores obscurecidas pela noite. A lua prateada estava no céu, mas não era o seu brilhante luar que reluzia da armadura antiga de um cavaleiro solamnico há muito falecido. A criatura emitia uma luz maléfica, brilhando com energia da sua decadência corrupta. A mão dele ergueu-se cada vez mais e Cysania sabia que, quando a mão estivesse ao nível do seu coração, ela morreria.

Através dos lábios entorpecidos pelo medo, Cysania pronunciou um nome, "Paladine", e orou. O medo não a abandonou, não conseguia ainda arrebatá-la a sua alma daquele terrível olhar. Mas a mão foi até à garganta. Agarrando no medalhão, arrancou-o do pescoço. Sentindo as suas forças esgotarem-se, a consciência decair, Cysania ergueu a mão. O medalhão de platina apanhou a luz de Solinari e reluziu com um tom azul-branco. A terrível aparição disse: "*Morre!*"

Cysania sentiu-se cair. O seu corpo atingiu o solo, mas o solo não a apanhou. Caía através dele, ou para longe dele. Caindo... caindo... fechando os olhos... dormindo... sonhando...

Encontrava-se num bosque de carvalhos. Mãos brancas agarravam-lhe os pés, bocas abertas tentavam beber-lhe o sangue. As trevas eram intermináveis, as árvores zombavam dela, os ramos rangentes riam de forma horrível.

— Cysania — disse uma voz suave e murmurante.

Que era aquilo, que pronunciara o seu nome das sombras dos carvalhos? Podia avistá-lo, numa clareira, vestido de negro.

— Cysania — repetiu a voz.

— Raistlin! — Soluçou de agradecimento. Saindo do bosque de carvalhos aterrorizador, afastando as mãos de ossos brancos que queriam arrastá-la para que se juntasse ao seu tormento interminável. Cysania sentiu uns braços finos apoiá-la. Sentiu o estranho toque ardente de dedos magros.

— Descanse em paz, Venerável Filha — disse a voz suavemente. Tremendo nos seus braços, Cysania fechou os olhos —

As suas provações terminaram. Atravessou o bosque em segurança. Não tinha nada a recear, senhora. Possuía a minha proteção.

— Sim — murmurou Cysania. A sua mão tocou na testa, onde os lábios dele tinham se comprimido contra a sua pele. Depois, apercebendo-se do que passara e apercebendo-se também que permitira que ele testemunhasse a sua fraqueza, Cysania afastou os braços do mago. Dando uns passos atrás, olhou-o com frieza.

— Por que se faz rodear de coisas tão idiotas? — inquiriu — Por que sente necessidade de ter tais... tais guardiões? — A voz tremia-lhe, embora contra sua vontade.

Raistlin olhou para ela suavemente, os olhos dourados brilhando à luz do bastão.

— De que tipo de guardiões se rodeia você, Venerável Filha? — perguntou — Que tormentos teria de enfrentar se pusesse pé nos terrenos sagrados do templo?

Cysania abriu a boca para uma resposta seca, mas as palavras morreram-lhe nos lábios. Na verdade, o templo era solo sagrado. Sagrado como era Paladine, se algum dos que adoravam a Rainha das Trevas entrasse nos seus limites, sentiria a ira de Paladine. Cysania viu Raistlin sorrir, os lábios finos retorcidos. Sentiu a sua pele corar. Como era ele capaz de fazer isto com ela? Nunca nenhum homem a conseguira humilhar tanto! Nunca nenhum homem lhe perturbara tanto a mente!

Desde a noite em que conhecera Raistlin, na casa de Astinus, Cysania não conseguira expulsá-lo dos seus pensamentos. Estava ansiosa por visitar a torre esta noite. Sentia-se simultaneamente ansiosa e amedrontada. Contara a Elistan toda a conversa que tivera com Raistlin, tudo, isto é, exceto a "proteção" que ele lhe dera. De alguma forma, não se viu capaz de contar a Elistan que Raistlin lhe tocara, que a... Não, nunca o poderia mencionar.

Elistan já ficara bastante aborrecido. Conhecia Raistlin, conhecia-o desde há longa data. O mago encontrava-se entre os companheiros que libertaram o clérigo da prisão de Verminaard, em Pax Tharkas. Elistan nunca gostara ou confiara em Raistlin mas, também, nunca ninguém confiara. O clérigo não ficara surpreendido quando soube que o jovem mago vestira as vestes negras. Não ficou

surpreendido quando ouviu Crysania falar do aviso de Paladine. Estava, *isso sim*, surpreendido com a reação de Crysania para se encontrar com Raistlin. Ficou surpreendido, e alarmado, quando ouviu dizer que Crysania fora convidada a visitar Raistlin na torre, local onde batia agora o coração do mal em Krynn. Elistan teria proibido Crysania de ir, mas o livre arbítrio constituía um dos ensinamentos dos deuses.

Comunicou a Crysania os seus pensamentos e ela escutou-os respeitosamente. Mas partira para a torre, arrastada por um chamariz que ela não conseguia compreender, embora tivesse dito a Elistan que se tratava de “salvar o mundo”.

— O mundo não está com grandes problemas — replicara Elistan, gravemente.

Mas Crysania não quis escutar.

— Entre — disse Raistlin — Um pouco de vinho fará desaparecer as más recordações daquilo que teve de enfrentar — Observava-a atentamente — É muito corajosa, Venerável Filha — afirmou, e Crysania não sentiu qualquer sarcasmo na sua voz — Poucos há que conseguem sobreviver ao terror do bosque.

Virou-se então de costas para ela e Crysania ficou satisfeita por ele o ter feito. Sentia-se corar com o elogio dele.

— Fique perto de mim — avisou ao caminhar na sua frente, as vestes negras roçando suavemente nos tornozelos — Mantenha-se sob a luz do meu bastão.

Crysania procedeu como lhe foi pedido, reparando, ao caminhar perto dele, como a luz do bastão fazia com que as suas vestes brancas brilhassem de forma tão fria como a luz da lua prateada, um forte contraste com o estranho calor que a lua derramava sobre as suaves vestes negras aveludadas de Raistlin.

Conduziu-a através dos temíveis portões. Fitou-os com curiosidade, lembrando-se da assustadora história do mago diabólico que se atirara para cima deles, amaldiçoando-os ao morrer. *Coisas* murmuravam e tagarelavam à sua volta. Mais do que uma vez se voltara para o som, sentindo dedos frios sobre o pescoço ou o toque de uma mão gelada sobre a sua. Mais do que uma vez, viu movimento pelo canto do olho mas, quando olhava, nunca via nada.

Uma neblina erguia-se do solo, com o cheiro da decomposição, fazendo-lhe doer os ossos. Começou a tremer de forma incontrolável e quando, de súbito, olhou para trás e avistou dois olhos separados de qualquer corpo a fitá-la, deu um passo apressado para frente e enfiou a mão em redor do braço magro de Raistlin.

Ele fitou-a com curiosidade e um suave divertimento que a fez corar de novo.

— Não há necessidade de estar com medo — disse, simplesmente — Aqui sou o mestre. Não deixarei que nenhum mal lhe aconteça.

— E... eu não estou com medo — replicou, embora soubesse que ele podia sentir o seu corpo tremendo — Eu... sentia-me apenas... insegura dos meus passos, é só isso.

— Peço desculpa, Venerável Filha — disse Raistlin e, agora, ela não tinha a certeza se havia sarcasmo na voz dele ou não — Foi indelicadeza da minha parte fazê-la caminhar por este lugar desconhecido sem lhe ter oferecido os meus préstimos. Acha que o caminho agora é mais fácil?

— Sim, muito — respondeu ela, corando profundamente devido àquele estranho olhar.

Ele nada disse, limitando-se a sorrir. Ela baixou os olhos, incapaz de enfrentá-lo e recomeçaram a andar. Crysania repreendeu-se pelo medo que sentiu durante todo o percurso até à torre, mas não retirou a mão do braço do mago. Nenhum deles voltou a falar até alcançarem a porta da torre. Era uma porta simples de madeira, com símbolos esculpido do lado de fora da sua superfície.

Raistlin não proferiu palavra, não fez qualquer movimento que Crysania pudesse ver mas, quando se aproximaram, a porta abriu-se lentamente. A luz jorrou para o exterior e Crysania sentiu-se tão encantada com a sua claridade e calor acolhedor que, por instantes, não avistou a silhueta de uma outra figura que se recortava contra a luz.

Quando reparou, estacou e retrocedeu, alarmada.

Raistlin tocou-lhe na mão, com os seus dedos finos e ardentes.

— É apenas o meu aprendiz, Venerável Filha — disse — Dalamar é de carne e osso, caminha entre os vivos, pelo menos por

enquanto.

Crysanía não compreendeu a última observação, nem lhe prestou grande atenção, mesmo quando ouviu o riso contido na voz de Raistlin. Estava muito espantada pelo fato de pessoas vivas *habitarem* ali. Que estupidez, disse a si mesma. Que tipo de monstro pensei eu que este homem era? É um homem, mais nada. É humano, é de carne e osso. Este pensamento a fez sentir-se aliviada e sentiu-se mais descontraída. Entrando, quase se sentiu ela mesma. Estendeu a mão ao jovem aprendiz, tal como teria feito a um novo acólito.

— O meu aprendiz, Dalamar — disse Raistlin, gesticulando na direção dele —, Lady Crysanía, Venerável Filha de Paladine.

— Lady Crysanía — disse o aprendiz com a solenidade apropriada, aceitando a mão dela e levando-a aos lábios, fazendo uma pequena reverência. Ergueu depois a cabeça e o capuz negro que lhe ocultava o rosto caiu para trás.

— Um duende! — afirmou Crysanía. A mão dela permaneceu na dele — Mas, isso não é possível — começou, confusa — Servindo o mal...

— Sou um duende negro, Venerável Filha — disse o aprendiz e sentiu uma certa amargura na voz dele — Pelo menos, é isso o que o meu povo chama.

Crysanía murmurou, embaraçada.

— Peço desculpa. Não quis...

Ficou em silêncio, não sabendo para onde olhar. Quase podia sentir Raistlin rindo-se dela. Mais uma vez, ele apanhara-a um pouco descontrolada. Irritada, retirou a mão do aperto frio do aprendiz e puxou a outra mão do braço de Raistlin.

— A Venerável Filha teve uma viagem muito cansativa — disse Raistlin — Por favor, leva-a ao meu estúdio e serve-lhe um copo de vinho. Com a sua permissão, Lady Crysanía — o mago fez uma reverência —, há algumas questões que exigem a minha atenção. Dalamar, qualquer coisa que a senhora solicitar, será feita de imediato.

— Certamente, *Shalafi* — respondeu Dalamar respeitosamente.

Crysanía ficou em silêncio enquanto Raistlin partia, sentindo-se subitamente aliviada e extremamente cansada. Deveria ser assim que o guerreiro se sentia, batalhando pela sua vida contra um oponente hábil, observou em silêncio ao seguir o aprendiz por umas escadas estreitas em espiral.

O estúdio de Raistlin não era nada do que ela estava à espera.

De que *estava* eu à espera, perguntou a si mesma. Seguramente que não era deste aposento agradável com estranhos e fascinantes livros. O mobiliário era atraente e confortável, uma lareira acesa no centro, enchendo a sala de um calor que era bem-vindo depois do frio que passara caminhando para a torre. O vinho que Dalamar serviu era delicioso. O calor da fogueira pareceu penetrar no seu sangue ao tomar um pequeno trago.

Dalamar trouxe uma pequena mesa de madeira esculpida, que posicionou à direita dela. Sobre ela, colocou uma taça de frutos e um pão ainda quente.

— Que fruta é esta — inquiriu Crysanía, pegando numa peça e examinando-a com curiosidade — Nunca vi nada parecido.

— Com efeito, Venerável Filha — respondeu Dalamar, sorrindo. Ao contrário de Raistlin, reparou Dalamar, o sorriso do jovem aprendiz refletia-se nos seus olhos.

— *Shalafi* manda-os buscar à ilha de Mithas

— Mithas? — repetiu Crysanía, espantada — Mas isso fica do outro lado do mundo! Os minotauros vivem aí! Não permitem que ninguém penetre no reino deles! Quem os traz?

Teve uma visão súbita e terrível do servo que podia ter sido convocado para trazer tais delícias, a tal mestre. Apressadamente, voltou a colocar a fruta na taça.

— Experimente, Lady Crysanía — disse Dalamar sem qualquer indício de malícia na voz — Verá que é realmente deliciosa. A saúde do *Shalafi* é delicada. Existem poucas coisas que ele consegue tolerar. Subsiste com pouco mais do que com esta fruta, pão e vinho.

O medo de Crysanía desvaneceu-se.

— Sim — murmurou, os olhos desviando-se para a porta, involuntariamente — Ele é terrivelmente fraco. E aquela tosse

horrível... — A voz dela era suave de piedade.

— Tosse? Oh, sim — afirmou Dalamar—, a... tosse dele — Não continuou e, se Cysania achou esse fato estranho, depressa o esqueceu, ao contemplar o aposento.

O aprendiz ficou imóvel por alguns instantes, à espera de saber se ela necessitava de qualquer outra coisa. Vendo que Cysania não falava, fez uma reverência.

— Se não precisa de mais nada, senhora, vou-me retirar. Tenho de continuar os meus próprios estudos.

— Claro. Ficarei bem aqui — respondeu Cysania, regressando dos seus pensamentos — Então, ele é o seu professor — afirmou, percebendo de súbito desse fato. Era agora a sua vez de olhar atentamente para Dalamar.

— Ele é bom professor? Aprende com ele?

— É o mais dotado de todos na nossa ordem, Lady Cysania — disse Dalamar suavemente — É brilhante, hábil, controlado. Só houve uma pessoa de iguais poderes: o grande Fistandantilus. E o meu *Shalafi* é jovem, tem apenas 28 anos. Se viver, pode bem...

— Se viver? — repetiu Cysania, sentindo-se de imediato irritada consigo mesma por ter deixado escapar um tom de preocupação na voz. Estava certo sentir preocupação, disse a si mesma. Afinal, ele é uma das criaturas de Deus. E a vida é sagrada.

— A arte acarreta muitos perigos, minha senhora — dizia Dalamar — E agora, se me der licença...

— Certamente — murmurou Cysania.

Fazendo nova reverência, Dalamar saiu em silêncio do aposento, fechando a porta atrás de si. Brincando com o copo de vinho, Cysania fitou as chamas dançando, perdida em pensamentos. Não ouviu a porta abrir-se, se é que realmente se abriu. Sentiu dedos tocarem-lhe no cabelo. Estremecendo, virou-se, apenas para ver Raistlin sentado numa cadeira de madeira de costas altas, por detrás da sua mesa.

— Quer que mande buscar mais alguma coisa? Está tudo do seu agrado? — inquiriu, educadamente.

— S...sim — afirmou Cysania com determinação, pousando o copo de vinho para que ele não visse a sua mão tremer — Está tudo

perfeito. Mais do que perfeito, para ser sincera. O seu aprendiz... Dalamar? É encantador.

— É verdade — disse Raistlin secamente. Juntou as pontas dos cinco dedos de cada mão e pousou-as sobre a mesa.

— Que mãos maravilhosas você tem — afirmou Crysania, sem pensar — Como os dedos são delgados e flexíveis, e tão delicados — Apercebendo-se, de súbito, do que acabara de dizer, corou e disse, vigorosamente: — M... mas e... eu penso que tal é um requisito para a sua arte...

— Sim — respondeu Raistlin, sorrindo e, desta vez, Crysania pensou ver realmente prazer no sorriso dele. Ergueu a mão à luz emitida pelas chamas — Quando eu era criança, espantava e deleitava o meu irmão com os truques que estas mãos podiam executar, mesmo naquela época — Retirando uma moeda de ouro de uma das algibeiras secretas das suas vestes, Raistlin colocou a moeda em cima dos nós da mão. Sem qualquer esforço, a fez dançar, rodopiar e girar pela mão. Brilhava dentro e fora dos seus dedos. Voando para o ar, desapareceu, voltando a aparecer na sua outra mão. Crysania estava francamente encantada. Raistlin olhou para ela e a mulher avistou o sorriso de prazer transformar-se num de dor amarga.

— Sim — disse —, era a minha habilidade, o meu talento. Divertia as outras crianças. Por vezes evitava que me magoassem.

— O magoassem? — inquiriu Crysania com hesitação, impressionada pela dor que transparecia na sua voz.

Ele não respondeu de imediato, os olhos fixos na moeda de ouro que continha ainda na mão. Depois, respirou fundo.

— Posso imaginar a sua infância — murmurou ele — Vêm de uma família abastada, pelo que me disseram. Deve ter sido amada, abrigada, protegida. Devem ter-lhe dado tudo o que queria. Foi admirada, procurada e, mais tarde, amada.

Crysania não conseguiu responder. Sentiu-se dominada por um sentimento de culpa.

— Como a minha infância foi diferente — De novo, o sorriso de dor amarga — O meu apelido era o *Fininho*. Era magro e fraco. E muito esperto. Eram uns perfeitos idiotas! As suas ambições eram

tão tolas. Era o que acontecia com o meu irmão, que nunca pensou com maior profundidade do que quando considerava o seu prato de comida! Ou a minha irmã, que viu que o único processo de atingir os seus fins era a espada. Sim, era fraco. Sim, eles protegiam-me. Mas, um dia, jurei que não necessitaria da proteção deles! Eu próprio me tornaria alguém, utilizando o meu dom, *a minha magia!*

As mãos cerraram-se e a pele tingida de dourado empalideceu. Subitamente, começou a tossir, retorcendo-se, tosse essa que agitava o seu corpo frágil. Crysania levantou-se, o coração doendo-lhe de ver tamanho sofrimento. Mas ele fez-lhe sinal para que se sentasse. Puxando um lenço do interior de uma algibeira, limpou o sangue dos lábios.

— E este foi o preço que paguei pela minha magia — disse, quando se sentiu em condições de falar novamente. A sua voz não passava de um suspiro — Despedaçaram-me o corpo e deram-me esta visão amaldiçoada, para que tudo o que avistasse perante os meus olhos estivesse morrendo. Mas valeu a pena, valeu mesmo a pena! Pois tenho aquilo que desejava: poder. Não preciso deles, de nenhum deles, nunca mais.

— Mas esse poder é mau! — disse Crysania, inclinando-se para a frente na cadeira e fitando Raistlin com ansiedade.

— Será? — inquiriu Raistlin subitamente. A voz era suave — A ambição é má? A busca do poder para controlar os outros é má? Se assim é, receio, Lady Crysania, que terá de trocar essas vestes brancas por outras negras.

— Como se atreve? — gritou Crysania, chocada — Eu não...

— Ah, mas o fato é que o fez — replicou Raistlin com um encolher de ombros — Não teria trabalhado tão duramente para se encontrar na posição elevada de que dispõe na igreja sem a sua quota de ambição, de desejo de poder — Era agora a vez dele de se inclinar para frente — Não tem dito sempre a si mesma que há algo de *notável* que está destinada a fazer? “A *minha* vida será diferente da dos outros. *Eu* não me satisfaço em ficar sentada vendo o mundo passar. Quero dar-lhe forma, controlá-lo moldá-lo!”

Cativada pelo olhar ardente de Raistlin, Crysania não conseguia se mover ou proferir uma palavra. Como podia ele saber?

perguntou a si mesma, aterrorizada. Conseguirá ler os segredos do meu coração?

— Isso é mau, Lady Crysania? — repetiu Raistlin gentil e insistentemente.

Lentamente, Crysania abanou a cabeça. Lentamente, levou a mão às têmporas que latejavam. Não, não era mau. Pelo menos na maneira como ele colocou a questão, embora houvesse algo que não estava bem certo. Não conseguia pensar. Estava muito confusa. Tudo o que lhe passava na mente era: "*Como somos parecidos, ele e eu!*"

Raistlin ficou em silêncio, à espera que ela falasse. Tinha que dizer alguma coisa. Pegou apressadamente no copo de vinho, para ter tempo de reunir os seus pensamentos dispersos.

— Talvez tenha esses desejos — disse Crysania, esforçando-se por encontrar as palavras —, mas, se assim é, a ambição não é para mim mesma. Utilizo as minhas faculdades e talentos para os outros, para auxiliar os outros. Utilizo-os para a igreja...

— Para a igreja! — zombou Raistlin.

A confusão de Crysania desvaneceu-se, sendo substituída por uma irritação fria.

— Sim — replicou ela, sentindo-se em terreno seguro e firme, rodeada pela força da sua fé — Foi o poder do bem, o poder de Paladine, que erradicou o mal do mundo. É esse poder que procuro. Esse poder que...

— Erradicou o mal? — interrompeu Raistlin.

Crysania pestanejou. Tinha sido levada pelos seus pensamentos. Não sabia exatamente o que estava dizendo.

— Mas, claro...

— Contudo, o mal e o sofrimento ainda permanecem no mundo — persistiu Raistlin.

— Devido a pessoas como você! — gritou Crysania com fervor.

— Ah, não, Venerável Filha — disse Raistlin — Tal não é devido a nenhum dos meus atos. Veja... — Fez sinal com uma mão para que ela se aproximasse enquanto com a outra, procurava outra vez qualquer coisa nas algibeiras secretas das suas vestes.

Com cautela e suspeita súbita, Crysania não se moveu, fitando o objeto que ele retirou para fora. Era uma pequena peça redonda de cristal, reluzindo com muitas cores, muito semelhante a uma bola de gude de uma criança. Levantando um suporte de prata, que se encontrava num dos cantos da sua mesa, Raistlin colocou a bola por cima. A coisa parecia cômica, muito pequena para o suporte ornamentado. Depois, Crysania quase sentiu a respiração falhar-lhe. O bola crescia! Ou talvez ela estivesse encolhendo! Não podia estar bem certa. Mas o globo de vidro tinha agora o tamanho certo e repousava confortavelmente sobre o suporte de prata.

— Olhe para ele — disse Raistlin suavemente.

— Não — Crysania afastou-se para trás, olhando com receio para o globo — O que é isso?

— Um orbe dragão — replicou Raistlin, com um olhar que a cativou — É o único que resta em Krynn. Obedece aos meus comandos. Não permitirá que você venha com maus instintos. Veja no interior do orbe, Lady Crysania, a menos que receie a verdade.

— Como posso ter certeza de que me revelará a verdade? — inquiriu Crysania, com a voz estremecendo — Como posso ter certeza de que não me mostrará apenas aquilo que lhe disser para me mostrar?

— Se conhece o modo como os orbes dragão foram feitos há muito tempo atrás — replicou Raistlin —, saberá que foram criados pelas três vestes, a branca, a negra e a vermelha. Não são ferramentas do mal, não são ferramentas do bem. São tudo e nada. Você usa o medalhão de Paladine — o sarcasmo regressara — e é forte na sua fé. Poderia eu forçá-la a ver aquilo que não quisesse ver?

— Que irei ver? — murmurou Crysania, a curiosidade e um estranho fascínio fazendo-a aproximar-se da mesa.

— Apenas aquilo que os seus olhos já viram, mas se recusaram a encarar.

Raistlin colocou os dedos finos sobre o vidro, entoando palavras de comando. De forma hesitante, Crysania inclinou-se sobre a mesa e olhou para o interior do orbe dragão. De início, não avistou nada dentro do globo de vidro a não ser uma leve cor esverdeada.

Depois, deu um passo atrás. Havia mãos no interior do orbe! Mãos que se estendiam...

— Nada receie — murmurou Raistlin — As mãos dirigem-se a mim.

E, com efeito, ao mesmo tempo em que ele dizia estas palavras, Cysania viu as mãos dentro do orbe esticarem-se e tocarem nas mãos de Raistlin. A imagem desvaneceu-se. Cores vibrantes agitaram-se loucamente por instantes no interior do orbe, fazendo Cysania ficar atordoada com as suas luzes e o seu brilho. Depois, também elas desapareceram. Viu...

— Palanthas — disse, perplexa. Flutuando nas neblinas da manhã, podia ver toda a cidade, reluzindo como uma pérola, estendendo-se perante os seus olhos. Depois, a cidade começou a correr para ela ou talvez ela estivesse caindo para dentro da cidade. Pairava agora sobre a nova cidade, agora sobre a muralha, agora no interior da velha cidade. O templo de Paladine ergueu-se perante ela, os lindos e sagrados terrenos tranqüilos e serenos na luz do sol da manhã. Depois, estava no interior do templo, fitando uma parede alta.

Cysania conseguiu falar.

— Que é isto? — perguntou.

— Nunca o viu? — replicou Raistlin — Este beco tão próximo dos terrenos sagrados?

Cysania abanou a cabeça.

— N...não — respondeu, com voz insegura — E, no entanto, devo ter visto. Vivi em Palanthas toda a minha vida. Conheço tudo o...

— Não, senhora — disse Raistlin, as pontas dos dedos acariciando levemente a superfície cristalina do orbe do dragão — Conhece muito pouco.

Cysania não pôde responder. Aparentemente, ele dizia a verdade, pois não conhecia esta parte da cidade. Cheio de detritos, o beco era escuro e lúgubre. A luz do sol da manhã não encontrava passagem através dos edifícios que se inclinavam sobre a rua, como se não dispusessem de mais energia para se manterem eretos. Cysania reconhecia agora os edifícios. Vira-os do lado da frente.

Eram utilizados para armazenar tudo, desde cereais a pipas de vinho e cerveja. Mas como eram diferentes vistos da frente! E quem eram aquelas pessoas, aquelas pessoas miseráveis?

— Vivem ali — respondeu Raistlin à pergunta não formulada.

— Onde? — inquiriu Crysania, horrorizada — Ali? Porquê?

— Vivem onde podem. Escondendo-se no coração da cidade como larvas, alimentando-se da sua decadência. Quanto a porquê?

— Raistlin encolheu os ombros — Não têm mais lado nenhum para ir.

— Mas isto é terrível! Direi a Elistan. Nós os ajudaremos, daremos dinheiro...

— Elistan sabe — disse Raistlin suavemente.

— Não, não pode saber! Isso é impossível!

— Você sabia. Se não sobre isto, pelo menos estava ao corrente de lugares não tão aprazíveis na sua aprazível cidade.

— Não é verdade... — começou Crysania irritada, mas depois parou. As recordações iam chegando até ela em ondas — A mãe virando-lhe o rosto ao passarem de carruagem por certos locais da cidade, o pai correndo rapidamente as cortinas das janelas da carruagem ou inclinando-se para fora para pedir ao cocheiro que tomasse um caminho diferente.

A cena apagou-se, as cores desvaneceram-se, desapareceram e foram sendo substituídas por outra e depois outra. Crysania observava, com grande sofrimento enquanto o mago retirava a fachada branco-pérola da cidade, revelando a negridão e corrupção que havia por baixo. Bares, bordéis, antros de jogos, os cais, as docas... todos salientavam a sua recusa à miséria e sofrimento perante a visão chocada de Crysania. Já não podia desviar o rosto nem havia cortinas para serem cerradas. Raistlin arrastou-a para dentro, levou-a para junto dos desesperados, dos esfomeados, dos miseráveis, dos esquecidos.

— Não — suplicou, abanando a cabeça e tentando afastar-se da secretária — Por favor, não me mostre mais.

Mas Raistlin revelou-se impiedoso. De novo as cores se desvaneceram e saíram de Palanthas. O orbe do dragão transportou-os em redor do mundo e, para onde quer que Crysania olhasse,

avistava mais horrores. Anões bobos, uma raça rejeitada pelos seus parentes anões, vivendo miseravelmente em qualquer parte de Krynn onde pudessem encontrar o que mais ninguém queria. Humanos levando uma existência de infortúnio em terras onde a chuva deixara de cair. Os duendes Wilder, escravizados pelo seu próprio povo. Clérigos servindo-se do seu poder para enganar e acumular grandes riquezas à custa daqueles que neles depositavam a sua confiança.

Era demais. Com um grito de desespero, Cysania cobriu o rosto com as mãos. A sala oscilou aos seus pés. Vacilou e quase caiu. Depois, sentiu-se rodear pelos braços de Raistlin. Sentiu aquele calor estranho e ardente que provinha do corpo dele e o toque suave do veludo negro. Havia no ar um cheiro de condimentos, pétalas de rosas e outros odores ainda mais misteriosos. Podia escutar a respiração dele agitar-se nos seus pulmões.

Gentilmente, Raistlin conduziu Cysania para a cadeira. Esta sentou-se, libertando-se rapidamente do toque dele. A aproximação do mago era simultaneamente repelente e atraente, fazendo aumentar os seus sentimentos de perda e de confusão. Desejou ardentemente que Elistan ali estivesse. Ele saberia, ele compreenderia. Porque tinha que haver uma explicação! Tal sofrimento terrível, tal mal não deveria ser permitido. Sentindo-se vazia, fitou a fogueira.

— Não somos assim tão diferentes — A voz de Raistlin parecia vir das chamas — Eu vivo na minha torre, devotando-me aos meus estudos. Você vive na sua torre, devotando-se à sua fé. E o mundo gira à nossa volta.

— E isso é um verdadeiro mal — disse Cysania para as chamas — Ficarmos sentados e nada fazermos.

— Compreende agora — proferiu Raistlin — Já não me satisfaço em ficar sentado observando. Estudei durante longos anos por uma razão, com um objetivo. E, agora, tal já se encontra ao meu alcance. Eu *farei* diferença, Cysania. Eu *mudarei* o mundo. Esse é o meu plano.

Cysania olhou para cima rapidamente. A sua fé fora abalada, mas o seu núcleo era forte.

— O seu plano! É o plano sobre o qual Paladine me alertou no meu sonho. Esse plano para alterar o mundo provocará a sua destruição! — A sua mão cerrou-se no regaço — Não deve ir avante com ele! Paladine...

Raistlin fez um gesto de impaciência com a mão. Os seus olhos dourados reluziram por momentos e Crysania retrocedeu, vislumbrando os fogos em combustão dentro do homem.

— Paladine não me impedirá — afirmou Raistlin —, pois pretendo aniquilar o seu maior inimigo.

Crysania fitou o mago, não compreendendo. Que inimigo poderia ser esse? Que inimigo poderia Paladine ter neste mundo? Então, o que Raistlin pretendia tornou-se claro. Crysania sentiu o sangue esvair-se do rosto, um medo frio a fez estremecer convulsivamente. Incapaz de falar, abanou a cabeça. A enormidade da ambição dele e os seus desejos eram muito temíveis, muito impossíveis para poderem sequer ser avaliados.

— Escute — disse ele, suavemente — Tornarei claro...

E contou-lhe os seus planos. Pareceu-lhe ter ficado sentada durante horas a fio perante a fogueira, presa pelo brilho dos seus olhos estranhos e dourados, hipnotizada pelo som da sua voz suave e sussurrante, ouvindo-o falar das maravilhas descobertas em Fistandantilus.

A voz de Raistlin ficou em silêncio. Crysania permaneceu sentada por longos momentos, perdida e vagueando por um reino distante de qualquer um que ela conhecesse. O fogo ardia baixo na hora cinzenta antes da madrugada. A sala ficou com mais claridade. Crysania estremeceu no aposento subitamente frio.

Raistlin tossiu e Crysania olhou para ele, perplexa. Estava pálido de cansaço, os olhos pareciam febris, as mãos tremiam-lhe. Crysania levantou-se.

— Peço desculpa — disse, em tom baixo — Mantive-o acordado a noite toda e você não está bem. Tenho que partir.

Raistlin ergueu-se ao mesmo tempo que ela.

— Não se preocupe com a minha saúde, Venerável Filha — disse, com um sorriso retorcido — O fogo que arde dentro de mim é

combustível suficiente para aquecer este corpo destroçado. Dalamar a acompanhará na travessia do bosque de Shoikan, se quiser.

— Sim, obrigada — murmurou Crysania. Esquecera-se de que tinha de voltar àquele lugar horrível. Respirando fundo, estendeu a mão a Raistlin — Obrigada por se encontrar comigo — disse, em tom formal — Espero...

Raistlin tomou a mão dela na sua e o toque da sua carne suave queimava. Crysania olhou-o nos olhos. Viu-se refletida, uma mulher incolor vestida de branco, o rosto emoldurado por um cabelo negro.

— Não pode me fazer isto — murmurou Crysania — Está errado, tem que ser impedido — Apertou-lhe a mão com força.

— Prove-me que será errado — respondeu Raistlin, puxando-a para si — Mostre-me que é mau. Convença-me de que os processos do bem são a forma de salvar o mundo.

— Me escutará? — inquiriu Crysania ansiosamente — Encontra-se rodeado pelas trevas. Como posso chegar até você?

— As trevas afastaram-se, não foi? — respondeu Raistlin — As trevas afastaram-se e você passou.

— Sim... — Crysania percebeu de súbito o toque da mão dele, do calor do seu corpo. Corando desconfortavelmente, deu um passo atrás. Retirando a mão do aperto dele, esfregou-a inconscientemente, como se doesse.

— Adeus, Raistlin Majere — disse, sem lhe fitar os olhos.

— Adeus, Venerável Filha de Paladine — respondeu ele.

Aporta abriu-se e Dalamar apareceu, embora Crysania não tivesse ouvido Raistlin solicitar a presença do jovem aprendiz. Puxando o capuz branco para cima da cabeça, Crysania voltou as costas a Raistlin e saiu pela porta. Deslocando-se ao longo do corredor cinzento de pedra, podia sentir os olhos dourados dele ardendo através das suas vestes. Quando chegou à estreita escada em espiral que a levaria ao piso inferior, a voz dele chegou até ela.

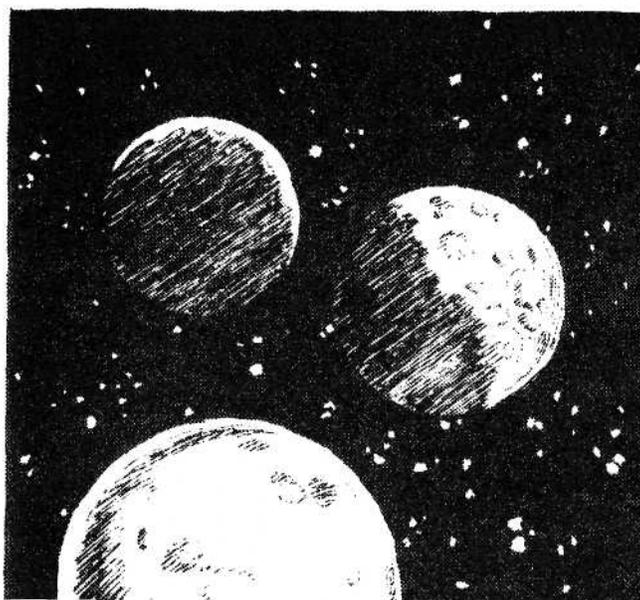
— Talvez Paladine não a tenha enviado para me impedir, Lady Crysania. Talvez a tenha enviado para ajudar.

Crysania parou e olhou para trás. Raistlin desaparecera e o corredor estava deserto. Dalamar encontrava-se junto dela em

silêncio, aguardando.

Lentamente, agarrando nas vestes brancas para não tropeçar, Crysania desceu as escadas.

E continuou a descer... para baixo... para baixo... para um sono interminável.



CAPÍTULO 12

A Torre de Alta Feitiçaria, em Wayreth, fora, durante séculos, o ponto principal de magia em todo o continente de Ansalon. Aqui tinham sido conduzidos os magos, quando o rei sacerdote os convocara das outras torres. Aqui tinham vindo, deixando a torre em Istar, agora sob as águas do Mar Sangrento, deixando a torre amaldiçoada e escurecida em Palanthas.

A torre em Wayreth era uma estrutura imponente, uma visão que não inquietava. As muralhas exteriores formavam um triângulo equilátero. Uma pequena torre erguia-se em cada ângulo da perfeita forma geométrica. No centro elevavam-se as duas torres principais, levemente inclinadas, apenas um pouco retorcidas, o suficiente para fazer o observador pestanejar e dizer para si mesmo, não estão tortas?

As paredes eram construídas em pedra negra. Extremamente polidas, reluziam à luz do sol e, à noite, refletiam a luz de duas luas e espelhavam a escuridão da terceira. Havia símbolos esculpidos na superfície de pedra, símbolos de poder e força, proteção e vigilância;

símbolos que uniam as pedras umas às outras; símbolos que uniam as pedras ao solo. Os cumes das muralhas eram lisos. Não havia ameias para soldados destinados a lutar contra os homens. Não existia essa necessidade.

Distante de quaisquer centros de civilização, a torre de Wayreth encontrava-se cercada pelo seu bosque mágico. Aí não entrava ninguém que não pertencesse à casa; ninguém lá ia sem convite. Desta forma, os magos protegiam o seu último bastião de força, guardando-o bem do mundo exterior.

Sim, a torre não estava desprovida de vida. Ambiciosos aprendizes de utilização de magia vinham de todo o mundo para fazer o rigoroso, e por vezes fatal, teste. Chegavam diariamente feiticeiros de elevado nível, prosseguindo os seus estudos, reuniões, discussões, conduzindo perigosas e delicadas experiências. Para estes, a torre estava aberta de dia e de noite. Podiam entrar e sair a seu belo prazer: vestes negras, vestes vermelhas, vestes brancas.

Embora muito contraditórias nas suas filosofias, nos seus pontos de vista e modo de viver com o mundo, todas as vestes se reuniam em paz na torre. Os debates eram tolerados unicamente porque serviam para fazer avançar a arte. Luta, fosse de que tipo fosse, era proibida, a punição era uma morte rápida e terrível.

A arte. Era o que unia a todos. Era a sua primeira lealdade, independentemente de quem fossem, de quem servissem, da cor das vestes que usassem. Os jovens utilizadores de magia que enfrentavam calmamente a morte quando concordavam em fazer o teste, compreendiam estas regras. Os velhos feiticeiros que vinham até lá para respirar pela última vez e serem sepultados dentro das muralhas que lhes eram familiares, compreendiam estas regras. A arte, magia. Era parente, amante, esposa, criança. Era solo, fogo, ar, água. Era vida. Era morte. Estava para além da morte.

Par-Salian pensava em tudo isto, num dos aposentos da torre localizada mais a norte, observando Caramon e a sua pequena comitiva avançando em direção aos portões.

Enquanto Caramon se lembrava do passado, também Par-Salian o fazia. Alguns tentavam adivinhar se seria com pesar.

Não, disse em silêncio, observando Caramon subindo o caminho, os acessórios de batalha tilintando contra as coxas flácidas. Não lamento o passado. Foi-me dada uma escolha terrível e optei.

Quem questiona os deuses? Eles exigiram uma espada. Encontrei uma. E, tal como todas as espadas, tinha dois gumes.

Caramon e os que o acompanhavam alcançaram o portão exterior. Não havia guardas. Uma pequena campainha de prata tocou nos aposentos de Par-Salian.

O velho mago ergueu a mão. Os portões abriram-se.

Era já crepúsculo quando atravessaram os portões exteriores da Torre de Alta Feitiçaria. Tas olhou em redor, perplexo. Ainda há momentos atrás era manhã. Ou, pelo menos, parecia manhã! Olhando para cima, pode avistar raios vermelhos rasgando o céu, refletindo-se nas paredes de pedra polida da torre.

Tas abanou a cabeça.

— Como é que alguém pode afirmar que horas são por aqui? — perguntou a si mesmo. Encontrava-se num vasto pátio cercado por muralhas exteriores e pelas duas torres interiores. O pátio parecia severo e pobre. Pavimentado com lajes cinzentas, tinha um aspecto frio e pouco acolhedor. Não cresciam flores, nem havia nenhuma árvore que quebrasse a monotonia da pedra cinzenta. E estava vazio, reparou Tas com desapontamento. Não havia absolutamente ninguém por ali, ninguém à vista.

Ou havia? Tas notou um movimento pelo canto do olho, uma figura branca. Contudo, ao virar-se rapidamente, ficou abismado por ver que tinha desaparecido! Não estava ninguém ali. Depois viu, pelo canto do outro olho, um rosto, uma mão e a manga de uma veste vermelha. Olhou para a figura diretamente, e desapareceu! Subitamente, Tas ficou com a impressão de que estava rodeado por pessoas, vindo e indo, falando, ou apenas sentando-se e olhando, mesmo dormindo! Contudo, o pátio continuava silencioso e vazio.

— Estes devem ser magos que vieram fazer o teste! — afirmou Tas com reverência — Raistlin contou-me que eles vinham de toda a parte, mas nunca imaginei nada assim! Será que eles podem me ver? Acha que poderia tocar num, Caramon, se eu... Caramon?

Tas pestanejou. Caramon desaparecera! Bupu desaparecera! As figuras de vestes brancas e Lady Crysania tinham desaparecido. Encontrava-se só!

Não por muito tempo. Avistou-se uma luz amarela, um cheiro horrível, e um mago de vestes negras surgiu na sua frente. O mago estendeu uma mão, uma mão de mulher.

— Foi convocado.

Tas engoliu em seco. Lentamente, estendeu a mão. Os dedos da mulher cerraram-se sobre o seu pulso. Estremeceu perante o toque frio.

— Se calhar vão fazer magia comigo! — disse para si mesmo, esperançoso.

O pátio, as muralhas de pedra negra, os raios vermelhos de luz solar, a laje cinzenta, tudo começou a dissolver-se em redor de Tas, escorrendo pelas extremidades da sua visão como uma pintura molhada pela chuva. Perfeitamente deleitado, o *kender* sentiu as vestes negras da mulher envolverem-no. Ela puxou-o para cima, até chegarem ao queixo dele...

Quando Tasslehoff recuperou os sentidos, estava deitado num chão de pedra muito duro e muito frio. Junto dele, Bupu ressonava ruidosamente. Caramon estava sentado, abanando a cabeça, tentando afastar as teias de aranha.

— Ui — Tas esfregou a parte de trás do pescoço — Que raio de alojamentos, Caramon — resmungou, levantando-se — Era de esperar que conseguissem arranjar umas camas por meio da magia. E se queriam que uma pessoa dormisse uma sesta, por que é que não se limitaram a dizê-lo, em vez de... oh...

Ouvindo Tas parar de falar de forma estranha, Caramon olhou para cima rapidamente. Não se encontravam sós.

— Conheço este local — murmurou Caramon. Estavam numa grande câmara escavada em obsidiana.

Era tão extensa que o seu perímetro se perdia na sombra, tão elevada que o teto estava obscurecido na sombra. Não existiam pilares de suporte nem iluminação. Contudo, havia luz, embora a sua fonte fosse desconhecida. Tratava-se de uma luz pálida e branca e não amarela. Fria e melancólica, não transmitia qualquer calor.

Da última vez que Caramon estivera nesta câmara, a luz brilhava sobre um velho homem, trajando vestes brancas, sentado numa grande cadeira de pedra. Desta vez, a luz incidia sobre o mesmo homem velho, mas já não se encontrava sozinho. Estava rodeado por um semicírculo de cadeiras de pedra, vinte e uma, para ser mais preciso. O homem velho de vestes brancas sentava-se ao centro. A sua esquerda, três figuras indistintas: se eram homens ou mulheres, humanos ou de uma outra raça, era difícil de dizer. Os capuzes estavam puxados para cima dos rostos. Trajavam vestes vermelhas. À esquerda deles, sentavam-se seis figuras, todos vestidos de negro. Uma cadeira entre eles encontrava-se vazia. À direita do homem de idade sentavam-se mais quatro figuras de vestes vermelhas e à direita deles, seis todos vestidos de branco. Lady Crysania encontrava-se deitada no chão perante eles, o corpo sobre um catre branco, coberto por um pano branco.

De toda a assembléia, apenas o rosto do homem velho era visível.

— Boa noite — disse Tasslehoff, fazendo reverências e andando para trás, fazendo mais reverências e andando para trás até ir de encontro a Caramon — Quem *são* estas pessoas? — murmurou o *kender* em voz alta — E o que eles estão fazendo no nosso quarto?

— O velho do centro é Par-Salian — disse Caramon suavemente — E não estamos num quarto. Esta é a câmara central, a câmara dos magos ou qualquer coisa assim. É melhor acordar a anã boba.

— Bupu! — Tas deu um pontapé à anã que ressonava.

— Ir passear — resmungou, voltando-se para o outro lado, de olhos firmemente fechados — Ir embora. Mim dormir.

— Bupu! — Tas estava desesperado; os olhos do velho homem pareciam trespassá-lo — Eh, acorda. Jantar.

— Jantar! — Abrindo os olhos, Bupu deu um salto, pondo-se de pé. Olhando em redor ansiosamente, avistou as vinte figuras de vestes, sentadas em silêncio, os rostos encapuzados invisíveis.

Bupu soltou um grito como um coelho torturado. Com um salto convulsivo, atirou-se para Caramon e envolveu os braços em

redor do tornozelo dele, num aperto mortal. Consciente dos olhos reluzentes pousados sobre ele, Caramon tentou libertar-se dela, mas tal foi impossível. Bupu agarrava-se a ele como um polvo, tremendo, espreitando os magos em terror. Por fim, Caramon desistiu.

O rosto do velho homem revelou o que poderia ter sido um sorriso. Tas viu Caramon olhar para baixo, com consciência, para a sua roupa mal-cheirosa. Viu o grande homem passar a mão pelo rosto não barbeado e pelo cabelo desgrenhado. Embaraçado, corou desconfortavelmente. Depois, a sua expressão endureceu. Quando falou, foi com uma dignidade simples.

— Par-Salian — afirmou Caramon, as palavras ecoando num tom muito alto na câmara vasta e sombria —, recorda-se de mim?

— Recordo-me de ti, guerreiro — disse o mago. A sua voz, embora suave, era, contudo, perfeitamente audível em toda a câmara. Um suspiro moribundo teria sido ouvido em toda a sala.

Nada mais disse. Nenhum dos outros magos falou. Caramon movia-se de forma desconfortável. Por fim, gesticulou para Lady Crysanía.

— Trouxe-a aqui, na esperança de que pudessem auxiliá-la. É possível? Ela ficará bem?

— Se ficará bem ou não, não está em nossas mãos — respondeu Par-Salian — Está para além das nossas possibilidades cuidar dela. Para protegê-la do feitiço que o cavaleiro da morte lançou sobre ela, feitiço esse que, seguramente, teria significado a sua morte, Paladine escutou as suas últimas palavras e enviou a alma dela para habitar nos seus reinos de paz.

A cabeça de Caramon fez uma mesura.

— A culpa é minha — disse, apressadamente — E... eu não estive à altura da confiança que ela depositou em mim. Poderia ter...

— Tê-la protegido? — Par-Salian abanou a cabeça. — Não, guerreiro, não poderia tê-la protegido do cavaleiro da rosa negra. Se o tentasse, teria perdido a sua própria vida. Não é assim, *kender*?

Tas, sentindo sobre si os olhos azuis do velho homem, sentiu o corpo estremecer.

— S... sim — afirmou, com firmeza — E... eu vi o... àquilo — Tasslehoff estremeceu.

— Esta é a resposta de quem não conhece o medo — disse Par-Salian gentilmente — Não, guerreiro, não se culpe por isso. E não perca as esperanças em relação a ela. Embora nem nós próprios consigamos devolver a alma ao seu corpo, sabemos quem pode fazê-lo. Mas, primeiro, diga-me por que nos procurava Lady Crysania. Sabemos que ela andava em busca da floresta de Wayreth.

— Não sei bem porquê — afirmou Caramon.

— Ela veio por causa de Raistlin — respondeu Tas, satisfeito por poder ajudar. A voz dele soou penetrante e destoou no silêncio da câmara. O nome produziu um som estranho. Par-Salian franziu a sobrancelha e Caramon voltou-se para ele. As cabeças encapuzadas dos magos agitaram-se levemente, como se estivessem olhando uns para os outros, e as vestes roçaram um pouco. Tas engoliu em seco e ficou em silêncio.

— Raistlin — o nome foi levemente sibilado através dos lábios de Par-Salian. Fitou Caramon intensamente.

— Que assuntos pode ter uma eclesiástica do bem com o seu irmão? Por que razão fez ela esta perigosa viagem para se encontrar com ele?

Caramon abanou a cabeça, não querendo, ou não conseguindo, falar.

— Conhece o mal que ele segue? — prosseguiu Par-Salian severamente.

Caramon recusou-se teimosamente a responder, o olhar fixo no chão de pedra.

— Eu sei... — começou Tas, mas Par-Salian fez um leve movimento com a mão e o *kender* calou-se.

— Sabe que agora acreditamos que ele pretende conquistar o mundo? — continuou Par-Salian, as suas palavras implacáveis atingindo Caramon como dardos. Tas podia ver o enorme homem recuar — Unido à sua meia-irmã, Kitiara, ou a dama negra, como é conhecida no seio das nossas tropas, Raistlin começou a reunir exércitos. Dispõe de dragões, cidadelas voadoras. E, além do mais, sabemos...

Uma voz de escárnio ecoou na câmara.

— Você não sabe de nada, supremo. Não passa de um idiota!

As palavras caíram como gotas de água sobre um lago tranqüilo, causando ondas de movimento que se difundiram por entre os magos. Perplexo, Tas virou-se, procurando a fonte da estranha voz e viu, por detrás dele, uma figura emergindo das sombras. As suas vestes negras roçaram ao passar por eles para enfrentar Par-Salian. Nesse instante, a figura retirou o capuz.

Tas sentiu Caramon ficar tenso.

— Que é? — murmurou o *kender*, incapaz de ver.

— Um duende negro! — sussurrou Caramon.

— Verdade? — disse Tas, os olhos reluzindo — Sabe, em todos os anos que tenho vivido em Krynn, nunca vi um duende negro — O *kender* avançou, sendo de imediato agarrado pelo colarinho da túnica. Tas remexeu-se irritado quando Caramon o arrastou para trás, mas nem Par-Salian nem a figura de vestes negras pareceram reparar na interrupção.

— Penso que deve se explicar, Dalamar — disse Par-Salian suavemente — Por que sou um idiota?

— Conquistar o mundo! — zombou Dalamar — *Ele* não planeja conquistar o mundo! O mundo não significa nada para ele. Poderia ter o mundo amanhã, esta noite, se assim o desejasse!

— Nesse caso, o que pretende ele? — Esta pergunta foi formulada por um mago de vestes vermelhas sentado junto de Par-Salian.

Tas, espreitando em redor do braço de Caramon, avistou as feições delicadas e cruéis do duende negro descontraírem-se num sorriso, sorriso esse que fez o *kender* estremecer.

— Quer tornar-se num deus — respondeu Dalamar calmamente — Irá desafiar a Rainha das Trevas pessoalmente. Esse é o seu plano.

Os magos nada disseram, não se moveram, mas o silêncio pareceu agitar-se entre eles como se tivesse sido atravessado por correntes de ar, quando fitaram Dalamar com olhos reluzentes e parados.

Então, Par-Salian suspirou.

— Penso que você o valorizou em excesso.

Ouviu-se o som de roupa sendo rasgada. Tas viu os braços do duende negro abrirem-se despedaçando o tecido das suas vestes.

— Será isto valorizá-lo em excesso? — gritou Dalamar. Os magos inclinaram-se para frente, uma respiração ofegante varrendo a vasta câmara como um vento gelado. Tas esforçou-se por ver, mas a mão de Caramon mantinha-o bem preso. Irritado, Tas olhou para cima, para o rosto de Caramon. Não estaria ele curioso? Mas Caramon não parecia minimamente perturbado.

— Que vêem é a marca da mão dele sobre mim — silvou Dalamar — Mesmo agora, a dor é quase insuportável — O jovem duende fez uma pausa, acrescentando depois com os dentes cerrados — Disse-me que lhe enviasse as saudações dele, Par-Salian!

A cabeça do grande mago inclinou-se. A mão que se ergueu para apoiar tremia como que entorpecida. Pareceu velho, fraco, cansado. Por momentos, o mago ficou sentado de olhos cobertos. Depois, levantou a cabeça e olhou intensamente para Dalamar.

— Então... confirmam-se os nossos mais temíveis receios — Os olhos de Par-Salian estreitaram-se de forma inquisidora — Ele sabe, nesse caso, que *nós* te enviamos...

— Para espiá-lo? — Dalamar riu-se, amargamente — Sim, sabe! — O duende negro cuspiu as palavras — Sempre o soube. Tem estado utilizando-me, utilizando-nos a todos, para alcançar os seus próprios objetivos.

— Acho tudo isto muito difícil de acreditar — afirmou o mago de vestes vermelhas, numa voz suave — Todos admitimos que o jovem Raistlin é sem dúvida poderoso, mas acho esta conversa de desafiar uma deusa ridícula... na verdade, bastante ridícula.

Registraram-se sons de concordância vindos de ambas as metades do semicírculo.

— Ah, acha que sim? — perguntou Dalamar, e havia uma suavidade letal na sua voz — Nesse caso, deixem-me dizer-lhes, seus idiotas, que não fazem idéia do significado da palavra *poder*. Não quando se relaciona com ele! Não podem sequer imaginar as profundezas do seu poder ou avistar as alturas a que se eleva: Eu posso! Já assisti — Por instantes, Dalamar parou, a voz perdendo a

irritação e enchendo-se de admiração — Presenciei coisas tais que nenhum de vocês se atreveu a imaginar! Caminhei pelos reinos dos sonhos com os olhos abertos! Vi beleza de fazer despedaçar o coração. Penetrei em pesadelos... testemunhei horrores — estremeceu —, horrores tão inomináveis e terríveis que suplicaria que me matassem para não ter de vê-los de novo! — Dalamar olhou em redor do semicírculo, abrangendo a todos com os seus olhos flamejantes e negros — E todos estes prodígios ele convocou, ele lhes deu vida com a sua magia.

Não houve qualquer som, ninguém se moveu.

— Revela-se sensato por ter receio, supremo — a voz de Dalamar tornou-se num simples murmúrio — Mas, por muito que receie, não o receia o suficiente. Oh, sim, falta-lhe o poder para atravessar aquele temível limiar. Mas irá encontrar esse poder. No preciso momento em que vos conto isto, prepara-se para uma grande viagem. Quando eu regressar, amanhã, ele partirá.

Par-Salian ergueu a cabeça.

— Quando regressará? — inquiriu, chocado — Mas ele sabe quem você é... um espião, enviado por nós, a assembléia, os seus colegas — O olhar do grande mago incidiu na cadeira que permanecia vazia entre os das vestes negras, e depois levantou-se — Não, jovem Dalamar. É muito corajoso, mas não posso permitir que volte para o que seria, sem dúvida, uma morte de tortura às suas mãos.

— Não pode me impedir — disse Dalamar, e não havia qualquer emoção na sua voz — Já o afirmei antes... daria a minha alma para estudar com pessoas como ele. E agora, embora me custe a vida, permanecerei com ele. Está à espera que eu regresse. Vai deixar a Torre de Alta Feitiçaria ao meu cuidado durante a sua ausência.

— Vai deixá-lo vigiando? — disse o mago de vestes vermelhas, em tom dúbio — A você, que o traiu?

— Ele me conhece — respondeu Dalamar rispidamente — Sabe que me aprisionou. Feriu-me o corpo e secou-me a alma e, mesmo assim, voltarei para a teia. Nem serei eu o primeiro — Dalamar fez sinal para a forma imóvel e branca deitada na padiola

na sua frente. Depois, virando-se ligeiramente, o duende negro fitou Caramon — Serei, irmão? — disse, com desprezo.

Por fim, Caramon pareceu adquirir vida. Sacudindo, irado, Bupu do pé, o guerreiro deu um passo em frente, e o *kender* e a anã seguiram-no de perto.

— Quem é este? — inquiriu Caramon, franzindo a sobrancelha para o duende negro — O que se passa aqui? De quem é que estão falando?

Antes que Par-Salian pudesse responder, Dalamar virou-se para enfrentar o enorme guerreiro.

— Chamo-me Dalamar — disse o duende negro friamente — E estou falando do seu irmão gêmeo, Raistlin. Ele é o meu mestre. Eu sou o seu aprendiz. Sou, para além disso, um espião, enviado por esta venerável companhia que tem perante si, para informá-los dos atos do seu irmão.

Caramon não respondeu. Podia nem ter escutado. Os seus olhos, esbugalhados de horror, encontravam-se fixos no peito do duende negro. Seguindo o olhar de Caramon, Tas avistou cinco orifícios queimados e ensangüentados na carne de Dalamar. O *kender* engoliu em seco, sentindo-se subitamente fraco.

— Sim, foi a mão do seu irmão quem fez isto — observou Dalamar, adivinhando os pensamentos de Caramon. Sorrindo severamente, o duende negro agarrou nas extremidades das vestes negras e rasgadas e juntou-as, ocultando as feridas — Não tem importância — murmurou —, não é mais do que aquilo que eu merecia.

Caramon virou a cara, o rosto tão pálido que Tas enfiou a sua mão na do grande homem, com medo que ele caísse ao chão. Dalamar fitava Caramon com desprezo.

— Que se passa? — perguntou — Não o achava capaz de uma coisa destas? — O duende negro abanou a cabeça em descrença, os olhos varrendo a assembléia perante si.

— Não, você é igual aos outros. Idiotas... todos vocês, uns idiotas!

Os magos murmuraram em conjunto, algumas vozes irritadas, outras receosas, a maioria inquisidora. Por fim, Par-Salian levantou a

mão para que se fizesse silêncio.

— Diz-nos, Dalamar, quais são os planos dele. A menos que, obviamente, ele te tenha impedido de falar nisso — Havia um tom de ironia na voz do mago que não escapou ao duende negro.

— Não — Dalamar sorriu — Estou ao corrente dos planos dele. Isto é, de alguns deles. Até me pediu que eles fossem transmitidos com precisão.

Perante isto, foram murmuradas palavras e algumas afirmações de escárnio. Mas Par-Salian pareceu ainda mais preocupado, se é que tal era possível.

— Continua — proferiu, quase sem voz. Dalamar respirou fundo.

— Ele vai viajar atrás no tempo, aos dias que antecederam o Cataclismo, quando o grande Fistandantilus se encontrava no auge do seu poder. É intenção do meu *Shalafi* reunir-se com este grande mago, estudar com ele e recuperar os trabalhos de Fistandantilus que sabemos que foram perdidos durante o Cataclismo. O meu *Shalafi* acredita, por aquilo que tem lido nos livros de feitiços que levou da grande biblioteca em Palanthas, que Fistandantilus aprendeu como atravessar o limite que existe entre Deus e o homem. Desta forma, o grande feiticeiro conseguiu prolongar a sua vida depois do Cataclismo para lutar na guerra dos anões. Desta forma, conseguiu sobreviver à terrível explosão que devastou as terras de Dergoth. Assim, conseguiu viver até ter encontrado um novo esconderijo para sua alma.

— Não compreendo nada disto! Digam-me o que está acontecendo! — exigiu Caramon, avançando irritado — Ou derrubarei este local sobre as vossas miseráveis cabeças! Quem é este Fistandantilus? O que tem ele a ver com o meu irmão?

— Shhh — disse Tas, olhando com apreensão para os magos.

— Nós compreendemos, *kenderken* — replicou Par-Salian, sorrindo gentilmente para Tas — Compreendemos a ira e mágoa dele. E ele está certo, devemos-lhe uma explicação — O velho mago suspirou — Talvez eu tenha feito mal. Mas... teria eu tido outra escolha? Onde estaríamos hoje se não tivesse tomado a decisão que tomei?

Tas viu Par-Salian voltar-se para olhar para os magos que se sentavam à sua volta de ambos os lados e, subitamente, o *kender* compreendeu que a resposta de Par-Salian se destinava tanto a eles como a Caramon. Muitos lançaram os capuzes para trás e Tas podia agora avistar-lhes os rostos. A ira marcava os rostos daqueles que trajavam vestes negras, a tristeza e o receio refletiam-se nos rostos pálidos dos que usavam as brancas. Das vestes vermelhas, um homem em particular despertou a atenção de Tas, sobretudo porque a sua expressão era suave, impassível, embora os olhos se revelassem negros e agitados. Tratava-se do mago que pusera em dúvida o poder de Raistlin. Pareceu a Tas que era para este homem em particular que Par-Salian dirigiu as suas palavras.

— Há sete anos atrás, Paladine apareceu-me — Os olhos de Par-Salian fitavam as sombras — O grande deus alertou-me sobre o enorme terror que iria cair sobre o mundo. A Rainha das Trevas despertara os dragões do mal e preparava-se para lançar a guerra sobre as pessoas, com o intuito de conquistá-las. “Escolha um dos elementos da tua ordem para combater este mal”, disse-me Paladine. “Escolha bem, pois esta pessoa será como uma espada para trespassar a escuridão. Nada lhe poderá contar sobre o futuro porque, dependendo das decisões dele e das decisões de outros, se erguerá ou mergulhará o vosso mundo na noite eterna”.

Par-Salian foi interrompido por vozes zangadas, vindas essencialmente daqueles que trajavam as vestes negras. Par-Salian olhou para eles, os olhos flamejando. Nesse instante, Tas viu revelar-se o poder e autoridade que emanavam do fraco e velho mago.

— Sim, talvez devesse ter trazido a questão perante a assembléia — disse Par-Salian com a voz cortante — Mas, naquela época, senti, tal como sinto agora, que só a mim cabia essa decisão. Sabia bem as horas que a assembléia iria discutir, sabia bem que nenhum de vocês iria concordar! Tomei a minha decisão. Alguém entre vocês põe em causa o meu direito de fazê-lo?

Tas conteve a respiração, sentindo a ira de Par-Salian rolar pela câmara como um trovão. As vestes negras voltaram a sentar-se nos seus bancos de pedra, murmurando. Par-Salian fiou em silêncio

por momentos, voltando-se depois para Caramon; o seu olhar severo suavizou-se.

— Escolhi Raistlin — disse. Caramon franziu a sobancelha.

— Porquê? — inquiriu.

— Tinha as minhas razões — disse Par-Salian gentilmente — Não posso explicar algumas delas, nem mesmo agora. Mas posso dizer-lhe isto — ele nasceu com o dom. E isso é muito importante. A magia vive no íntimo do seu irmão. Sabia que, desde o primeiro dia que Raistlin começou a freqüentar a escola, o seu próprio mestre o receava? Como é possível ensinar um aluno que sabe mais que o professor? E, combinado com o dom da magia está a inteligência. A mente de Raistlin nunca está em descanso. Procura conhecimento, exige respostas. E é corajoso; talvez mais corajoso do que você, guerreiro. Combate a dor em cada dia da sua vida. Enfrentou a morte mais do que uma vez e venceu-a. Nada receia, nem as trevas nem a luz. E a sua alma... — Par-Salian fez uma pausa — A alma dele arde de ambição, de desejo de poder, de desejo de mais conhecimento. Eu sabia que nada, nem mesmo o receio da morte, o impediria de atingir os seus objetivos. E sabia que os objetivos que ele procurava atingir poderiam beneficiar o mundo, mesmo que ele, por si próprio, escolhesse voltar-lhes as costas.

Par-Salian parou. Quando voltou a falar, foi com mágoa.

— Mas, primeiro, teve que fazer o teste.

— Deveria ter previsto os resultados — disse o mago de vestes vermelhas, falando no mesmo tom suave — Todos sabíamos *que* ele estava à espera disso, que...

— Não tive outra alternativa — afirmou Par-Salian de imediato, os olhos azuis flamejando — O tempo esgotava-se. O tempo do mundo esgotava-se. O jovem homem tinha que fazer o teste e assimilar o que aprendera. Eu não podia adiar por mais tempo.

Caramon olhava de um para o outro.

— Sabia que Rais se encontrava em perigo quando o trouxe aqui?

— Há sempre perigo — respondeu Par-Salian — O teste tem como objetivo fazer sobressair aqueles que podem ser inofensivos para si mesmos, para a Ordem, para os inocentes no mundo —

Levou a mão à cabeça, esfregando as fronteiras — Lembre-se ainda que o teste também serve para ensinar. Era nosso desígnio ensinar ao seu irmão a compaixão para abrandar a sua ambição egoísta; esperávamos ensinar-lhe a clemência, a piedade. E foi talvez na minha ânsia de ensinar que cometi um erro. Esqueci-me de Fistandantilus.

— Fistandantilus? — disse Caramon, confuso — Esqueceu-se dele? O que quer dizer com isso? Por aquilo que disse, esse velho mágico está morto.

— Morto? Não — O rosto de Par-Salian tornou-se mais sério — A explosão que matou milhares nas guerras dos anões e deixou sem vida uma terra que ainda hoje se encontra devastada e improdutiva não matou Fistandantilus. A sua magia era suficientemente poderosa para derrotar a própria morte. Deslocou-se para um outro plano de existência, um plano que fica longe daqui, contudo não suficientemente longe. Observava constantemente, ligando o seu tempo, em busca de um corpo que aceitasse a sua alma. E encontrou esse corpo: o do seu irmão.

Caramon escutava num silêncio tenso, o rosto branco de morte. Pelo canto do olho, Tas viu Bupu andando para trás. Agarrou-lhe a mão e segurou-a com força, evitando que a anã aterrorizada saísse correndo da câmara.

— Quem sabe que acordo fizeram os dois durante o teste? Nenhum de nós, provavelmente — Par-Salian sorriu levemente — O que eu sei é isto. Raistlin passou com êxito, mas a saúde dele enfraqueceu. Talvez tivesse sobrevivido ao teste final, a confrontação com o duende negro, se Fistandantilus não o tivesse ajudado. Talvez não.

— O tivesse ajudado? Ele salvou-lhe a vida?

Par-Salian encolheu os ombros.

— Só sabemos isto, guerreiro: não foi nenhum de nós que deixou o seu irmão com aquela pele tingida de dourado. O duende negro lançou-lhe uma bola de fogo e Raistlin sobreviveu. Impossível, é claro...

— Não para Fistandantilus — interrompeu o mago da veste vermelha.

— Não — concordou Par-Salian tristemente —, para Fistandantilus não era impossível. Questionei-me nessa altura, mas não consegui investigar. Os acontecimentos no mundo atingiam o clímax. O seu irmão era ele próprio quando saiu do teste. Mais fraco, obviamente, mas outra coisa não seria de esperar. E eu estava certo — Par-Salian lançou um olhar rápido e triunfante em redor do semicírculo —, *ele era forte na sua magia!* Que outra pessoa poderia ter ganho poder sobre um orbe dragão sem vários anos de estudo?

— É claro — afirmou o mago de vestes vermelhas —, ele teve a ajuda de quem possuía anos de estudo.

Par-Salian franziu a sobrancelha e não respondeu.

— Deixem-me ver se estou compreendendo — disse Caramon para o mago de veste branca — Esse Fistandantilus... apoderou-se da alma de Raistlin? Foi *ele* quem obrigou Raistlin a tomar as vestes negras.

— A decisão coube apenas ao seu irmão — respondeu Par-Salian duramente — Tal como aconteceu a todos nós.

— Não acredito! — gritou Caramon — Não foi Raistlin quem tomou essa decisão. Estão mentindo, todos vocês! Torturaram o meu irmão e depois, um dos seus velhos feiticeiros reclamou o que restava do seu corpo! — As palavras de Caramon estrondaram na câmara, fazendo com que as sombras dançassem, em alarme.

Tas viu Par-Salian olhar para o guerreiro severamente, e o *kender* encolheu-se, à espera do feitiço que reduziria Caramon a um mero frango. Tal nunca aconteceu. O único som era a respiração pesada de Caramon.

— Vou fazê-lo voltar — disse Caramon finalmente, as lágrimas enchendo-lhe os olhos — Se ele pode voltar atrás no tempo para se reunir com esse velho feiticeiro, também eu posso. Vocês podem me mandar. Depois, encontro esse Fistandantilus e mato-o. Então, Raist será... — Dissimulou um soluço, esforçando-se por se controlar — Será Raist de novo. E esquecerá toda essa patetice de desafiar a Rainha das Trevas e... de se tornar num deus.

O semicírculo tornou-se um caos. As vozes ergueram-se de irritação.

— Impossível! Ele alterará a história! Foi longe demais, Par-Salian...

O mago de vestes brancas ergueu-se e, virando-se, fitou cada um dos magos no semicírculo, os seus olhos dirigindo-se a cada um individualmente. Tas podia sentir a comunicação silenciosa, rápida e marcante como um relâmpago.

Caramon limpou os olhos com a mão, fitando os magos em tom desafiador. Lentamente, todos se voltaram sentando nos seus lugares. Mas Tas viu mãos tremerem, viu rostos não convencidos, rostos cheios de irritação. O mago de vestes vermelhas fitava Par-Salian especulativamente, com uma sobrancelha erguida. Depois, também ele se sentou. Par-Salian lançou um olhar final e rápido em redor da assembléia antes de se voltar para Caramon.

— Vamos considerar a sua proposta — disse Par-Salian — É possível que resulte. Seguramente, não é nada de que ele esteja à espera...

Dalamar começou a rir.



CAPÍTULO 13

— Que ele esteja à espera? — Dalamar riu até mal conseguir respirar — *Ele* planejou tudo isto! Acreditam que este grande idiota — acenou para Caramon — poderia ter encontrado o caminho para aqui pelos seus próprios meios? Quando as criaturas das trevas perseguiram Tanis Semiduende e Lady Crysania, perseguiram sem nunca os capturarem, quem pensam que as enviou? Mesmo o encontro com o cavaleiro da morte, encontro esse planejado pela irmã, encontro que poderia ter arruinado os seus planos, o meu *Shalafi* o tomou para seu próprio benefício. Porque, sem dúvida, vocês são tão idiotas que vão mandar esta mulher, Lady Crysania, de volta no tempo para os únicos que a podem curar: o rei-sacerdote e os seus seguidores. Vão mandá-la atrás no tempo para se encontrar com Raistlin! Não apenas isso, vão até fazê-la acompanhar-se deste homem, o irmão dele, como guarda-costas. Exatamente o que o *Shalafi* quer.

Tas viu os dedos de Par-Salian agarrarem-se como garras aos braços da sua cadeira de pedra, os olhos do velho homem reluzindo

perigosamente.

— Já passamos o suficiente com os seus insultos, Dalamar — disse Par-Salian — Começo a pensar que a sua lealdade para com o seu *Shalafi* é muito grande. Se isso é verdade, a sua utilidade para com esta assembléia terminou.

Ignorando a ameaça, Dalamar sorriu amargamente.

— O meu *Shalafi*... — repetiu suavemente e depois suspirou. Um estremecimento convulsionou o seu corpo magro. Depois, agarrando nas roupas rasgadas, fez uma reverência.

— Estou apanhado no meio, como foi o propósito dele — murmurou o duende negro — Já não sei a quem sirvo, se é que sirvo alguém — Levantou os olhos escuros e o seu aspecto assombrado fez doer o coração de Tas — Mas isto sei: se algum de vocês tentasse entrar na torre durante a ausência dele, o mataria. Devo a Raistlin essa lealdade. No entanto, receio-o tanto quanto vocês. Os ajudarei, se puder.

As mãos de Par-Salian descontraíram-se, embora continuasse fitando Dalamar severamente.

— Não consigo perceber por que razão Raistlin te contou os seus planos. Seguramente, sabe que tentaremos qualquer ação para evitar que ele tenha sucesso nas suas ambições aterrorizadoras.

— Porque, tal como a mim, tem-no exatamente onde o quer — disse Dalamar. Subitamente, cambaleou, o rosto pálido de dor e cansaço. Par-Salian fez um gesto e uma cadeira materializou-se no meio das sombras. O duende negro atirou-se para ela — Deve acompanhar os planos dele. Deve mandar este homem atrás no tempo — gesticulou para Caramon —, acompanhado pela mulher. É o único processo que ele possui para obter sucesso...

— E é o único meio que temos para impedi-lo — disse Par-Salian, em voz baixa — Mas, porquê Lady Crysania? Que possível interesse poderá ele ter numa tão boa, tão pura...

— Tão poderosa — disse Dalamar com um sorriso severo — Por aquilo que conseguiu reunir das escritas de Fistandantilus que ainda existem, precisa de um clérigo para ir com ele para enfrentar a terrível rainha. E só um clérigo do bem tem o poder suficiente para desafiar a rainha e abrir a porta das trevas. Oh, Lady Crysania não

foi a primeira escolha do *Shalafi*. Tinha uns planos vagos para se servir do moribundo Elistan, mas isso não interessa. O desenrolar dos acontecimentos, contudo, fez com que Lady Crysania lhe caísse nas mãos. Pode-se afirmar isso literalmente. Ela é boa, forte na sua crença, poderosa...

— E atraída pelo mal como a traça pela chama — murmurou Par-Salian, olhando para Crysania com grande mágoa.

Tas, observando Caramon, tentou adivinhar se o grande homem estaria absorvendo metade do que estava se passando. Revelava uma expressão vaga e distraída, como se não estivesse certo de onde estava ou de quem era. Tas abanou a cabeça, em dúvida. Iam enviá-lo para trás no tempo?

— Raistlin tem outros motivos para querer que esta mulher e o irmão recuem no tempo com ele, disso podem estar certos — afirmou o mago de vestes vermelhas para Par-Salian — Não abriu todo o seu jogo, nem de longe. Contou-nos, através do nosso agente, apenas o suficiente para nos deixar confusos. Digo que devemos contrariar os planos dele!

Par-Salian não respondeu. Mas, erguendo a cabeça, fitou Caramon por longos instantes e os seus olhos eram de uma tristeza tal que despedaçou o coração de Tas. Depois, abanando a cabeça, baixou o olhar, fixando o conjunto das suas vestes. Bupu choramingava e Tas fazia-lhe carinho absorto. O *kender*, pouco à vontade, tentou adivinhar a razão daquele estranho olhar dirigido a Caramon. Seguramente que não o enviariam para uma morte certa. No entanto, não seria isso que iriam fazer se o mandassem embora no estado em que se encontrava agora: doente, deprimido, confuso? Tas apoiou-se ora num pé ora noutro e depois bocejou. Ninguém estava lhe prestando a mínima atenção. Toda esta conversa era aborrecida. Além do mais, tinha fome. Se iam mandar Caramon atrás no tempo, desejou que avançassem com *isso*.

Subitamente, sentiu parte da sua mente (a parte que escutava Par-Salian) arrastar a outra parte. Apressadamente, Tas uniu as duas partes para escutar o que estava sendo dito.

Dalamar falava.

— Ela passou a noite no estúdio dele. Não sei o que foi discutido, mas sei que, quando foi embora de manhã, parecia perturbada e abatida. As últimas palavras que proferiu para ela foram: “Já lhe ocorreu que Paladine não a enviou para me impedir, mas para me ajudar?”.

— E qual foi a resposta dela?

— Não lhe respondeu — replicou Dalamar — Caminhou pela torre e depois pelo bosque como alguém que não consegue ver nem ouvir.

— Que não consigo compreender é o que fez Lady Crysania viajar até aqui para buscar a nossa ajuda para mandá-la de volta. Seguramente que sabia que recusaríamos tal pedido! — afirmou o mago de vestes vermelhas.

— Eu posso responder a isso! — disse Tasslehoff, falando antes de pensar.

Agora Par-Salian prestava-lhe atenção, agora todos os magos do semicírculo lhe prestavam atenção. Todas as cabeças se voltaram na direção dele. Tas falara com espíritos na floresta sombria, falara no conselho da pedra branca mas, por momentos, sentiu-se intimidado perante esta audiência silenciosa e solene. Sobretudo quando lhe ocorreu o que tinha para dizer.

— Por favor, Tasslehoff Burrfoot — Par-Salian falou com grande cortesia —, diga-nos o que sabe — O mago sorriu — Então, talvez possamos encerrar a reunião e você possa jantar.

Tas corou, perguntando a si mesmo se Par-Salian podia ver através da sua cabeça e ler os pensamentos no seu cérebro, como lia palavras impressas em pergaminho.

— Oh, sim, jantar seria uma maravilha. Mas, agora, hum... sobre Lady Crysania — Tas fez uma pausa para reunir os pensamentos, lançando-se de seguida na sua história — Bom, notem que não tenho absoluta certeza sobre isto. Apenas sei pelo pouco que consegui apanhar aqui e ali. Para começar pelo princípio, conheci Lady Crysania quando me encontrava em Palanthas visitando o meu amigo, Tanis Semiduende. Conhecem-no? E Laurana, o general dourado? Combati com eles na guerra do Lance. Ajudei a salvar Laurana da Rainha das Trevas — O *kender* falava

com orgulho — Alguma vez ouviram essa história? Estava no templo, em Neraka...

A sobancelha de Par-Salian ergueu-se apenas levemente e Tas interrompeu-se.

— Uh, b...bem, e...eu conto isso depois. De qualquer forma, encontrei Lady Crysania em casa de Tanis e ouvi os planos deles de viajar para Solace, para verem Caramon. Tal como as coisas aconteceram, e... eu como que... bem, encontrei uma carta que Lady Crysania escrevera a Elistan. Penso que deve ter caído da algibeira dela.

O *kender* parou para respirar. Os lábios de Par-Salian retorceram-se, mas conseguiu evitar sorrir.

— Li-a — continuou Tas, agradando-lhe agora a atenção da sua assistência —, apenas com a intenção de ver se era importante. Afinal de contas, ela podia tê-la jogado fora. Na carta, dizia que estava mais, uh, como é que era, “firmemente convencida do que nunca, depois da minha conversa com Tanis, de que havia bem em Raistlin e de que ele podia ser desviado do caminho do mal. Tenho de convencer os magos disto”. De qualquer forma vi que a carta era importante, pelo que lha fui entregar. Ficou *muito* agradecida por tê-la de volta — afirmou Tas solenemente.

— Não tinham percebido de que a tinha perdido.

Par-Salian colocou os dedos sobre os lábios para controlá-los.

— Disse-lhe que podia contar muitas histórias sobre Raistlin, se as quisesse escutar. Respondeu-me que gostaria muito, pelo que lhe contei todas as histórias em que consegui pensar. Estava particularmente interessada naquelas que lhe contei sobre Bupu...

— Se ao menos conseguisse encontrar a anã boba! — disse-me uma noite — Estou certa de que conseguiria convencer Par-Salian de que há esperança, de que ele pode ser regenerado!

Perante estas palavras, um dos elementos das vestes negras riu-se. Par-Salian olhou duramente nessa direção e os feiticeiros calaram-se. Mas Tas avistou muitos deles, sobretudo os das vestes negras, cruzarem os braços à frente do peito, irritados. Podia avistar os olhos reluzindo nas sombras dos seus capuzes.

— Uh, eu não quis ofender ninguém — afirmou Tas — Sempre pensei que Raistlin ficava melhor vestido de preto, atendendo à pele dourada e tudo isso. Certamente que *eu* não acredito que toda a gente tem que ser boa, é claro. Fizban, ele é todo Paladine, somos grandes amigos *íntimos*, Paladine e eu... De qualquer forma, Fizban dizia que tinha de haver equilíbrio no mundo, que lutávamos para restabelecer o equilíbrio no mundo, que lutávamos para restabelecer o equilíbrio. Então isso quer dizer que tanto tem de haver vestes negras como brancas, não é?

— Sabemos o que quer dizer, *kenderken* — afirmou Par-Salian gentilmente — Os nossos irmãos não ficaram ofendidos com as suas palavras. A ira deles dirige-se a outro lado. Nem toda a gente no mundo é tão sensato como o grande Fizban, *o Fabuloso*.

Tas suspirou.

— Às vezes, sinto a falta dele. Mas, onde eu estava? Ah, sim, Bupu. Foi quando tive a idéia. Talvez se Bupu contasse a sua história, os magos acreditassem nela, disse para Lady Crysania. Ela concordou e ofereci-me para ir procurar Bupu. Não ia a Xak Tsaroth desde que Goldmoon matou o dragão negro e representava apenas um pequeno salto do local onde me encontrava e Tanis disse que não havia problema em relação a ele. Na verdade, ficou bastante satisfeito por me ver partir.

— O *Highpulp* deixou-me trazer Bupu depois de... uh... uma pequena discussão e alguns *itens* interessantes que possuía na minha algibeira. Levei Bupu para Solace, mas Tanis já tinha partido, tal como Lady Crysania. Caramon estava... — Tas parou, ouvindo Caramon tossir atrás dele — Caramon estava... não estava se sentindo muito bem, mas Tika, que é a mulher de Caramon e uma grande amiga minha, de qualquer forma, Tika disse que tínhamos de ir atrás de Lady Crysania, porque a floresta de Wayreth era um local terrível e... sem ofensa, claro, mas alguma vez pararam para pensar que a vossa floresta é realmente assustadora? Quero dizer, *não* é acolhedora — Tas fitou os magos severamente — e não sei como a deixam andar por aí à solta! Penso que se trata de irresponsabilidade!

Os ombros de Par-Salian agitaram-se.

— Bom, é tudo o que sei — afirmou Tas — E ali está Bupu, e ela pode... — Tas parou, olhando à sua volta — Para onde foi ela?

— Aqui está — disse Caramon severamente, arrastando a anã detrás das suas costas, onde esta se encolhera, completamente aterrorizada. Vendo os magos a fitá-la, a anã deu um grito e caiu no chão, um amarfanhado de roupas esfarrapadas estremecendo.

— Acho que é melhor ser você a contar-nos a história dela — disse Par-Salian para Tas — Isto é, se conseguir.

— Sim — replicou Tas, subitamente subjugado — Sei o que Lady Cysania queria que eu contasse. Aconteceu tempos atrás durante a guerra, quando nos encontrávamos em Xak Tsaroth. Os únicos que conheciam alguma coisa daquela cidade eram os anões bobos. Mas a maioria não quis nos ajudar. Raistlin lançou um feitiço de atração sobre um deles: Bupu. Atração não é a palavra apropriada para o efeito provocado em Bupu. Apaixonou-se por ele — Tas fez uma pausa, suspirando, prosseguindo depois num tom de remorso — Alguns de nós achamos a situação engraçada, creio. Mas o mesmo não aconteceu com Raistlin. Foi realmente cordial para ela, chegando ao ponto de salvar-lhe a vida uma vez, quando os draconianos nos atacaram. Bom, depois de deixarmos Xak Tsaroth, Bupu veio conosco. Não suportava a idéia de se separar de Raistlin.

A voz de Tas baixou de tom.

— Uma noite, acordei. Ouvi Bupu chorar. Ia para me dirigir a ela, mas vi que Raistlin também a escutara. Tinha saudades de casa. Queria regressar ao seu povo, mas não conseguia deixá-lo. Não sei o que ele lhe disse, mas o vi colocar a mão sobre a cabeça dela. E pareceu-me que podia ver uma luz reluzindo em redor de Bupu. Depois, mandou-a para casa. Tinha que atravessar uma terra cheia de terríveis criaturas mas, de alguma forma, *eu sabia* que ela estaria em segurança. E estava mesmo — terminou Tas, solenemente.

Registrou-se um momento de silêncio e, de seguida, pareceu que todos os magos começaram a falar ao mesmo tempo. Os das vestes negras abanavam a cabeça. Dalamar sorriu com desprezo.

— O *kender* estava sonhando — escarneceu.

— De qualquer forma, quem acredita em *kenders*? — disse um.

Os que envergavam as vestes vermelhas e as vestes brancas pareciam pensativos e perplexos.

— Se isso é verdade — disse um —, talvez o tivesse julgado mal. Talvez devêssemos tomar esta oportunidade, por muito parca que seja.

Por fim, Par-Salian ergueu uma mão, pedindo silêncio.

— Admito que se trata de um acontecimento em que é difícil acreditar — afirmou, por fim — Não quero com isto ferir a sua susceptibilidade, Tasslehoff Burrfoot — acrescentou gentilmente, sorrindo para o *kender* indignado — Mas todos sabemos que a sua raça tem uma tendência lamentável para, uh, exagerar. Para mim é óbvio que Raistlin se limitou a lançar um encanto sobre esta *criatura* — Par-Salian falou com desprezo —, a fim de utilizá-la e...

— Mim não ser criatura!

Bupu ergueu o rosto manchado de lágrimas e lama do chão, o cabelo eriçado como um gato assanhado. Olhando para Par-Salian, levantou-se e avançou, tropeçando por cima do saco que trazia e estatelou-se no chão. Sem desanimar, a anã levantou-se e enfrentou Par-Salian.

— Mim saber nada sobre grandes e poderosos feiticeiros — Bupu acenou uma mão imunda — Mim saber nada sobre feitiço de atração. Mim saber que magia estar aqui — vasculhou o saco e tirou para fora o rato morto, oscilando-o na direção de Par-Salian —, e saber que o homem que falarem aqui ser bom homem. Ele simpático comigo — Aconchegando o rato morto ao peito, Bupu fitou Par-Salian com lágrimas nos olhos — Os outros, o homem grande, o *kender*, riem-se de Bupu. Olham para mim como se fosse uma espécie de inseto.

Bupu esfregou os olhos. Tas tinha um nó na garganta e sentia-se inferior a um inseto.

Bupu prosseguiu, falando suavemente.

— Mim saber o meu aspecto — As mãos imundas tentaram, em vão, alisar o vestido, deixando rastos de sujeira por toda a parte — Mim saber não ser bonita, como a senhora ali estendida — A anã boba fungou, passou a mão pelo nariz e, erguendo a cabeça, olhou

para Par-Salian em tom desafiador — Mas ele não me chamar “criatura”! Ele chamar-me “pequenina”. Pequenina — repetiu.

Por instantes, ficou em silêncio, recordando. Depois, soltou um suspiro.

— M... mim querer ficar com ele. Mas ele dizer-me “não”. Ele dizer que tinha de percorrer estradas escuras. Ele dizer-me que queria mim em segurança. Ele pousar a mão na minha cabeça — Bupu baixou a cabeça, como que lembrando-se —, e senti um calor dentro de mim. Depois ele dizer-me: “Adeus, Bupu”. Ele chamar-me “pequenina”. — Olhando em redor, Bupu fitou o semicírculo — Ele nunca rir de mim — afirmou, soluçando — Nunca! — Começou a chorar.

Os únicos sons na câmara, por momentos, foram os soluços da anã. Caramon colocou as mãos sobre o rosto, subjugado. Tas respirou fundo e procurou um lenço nas algibeiras. Após alguns instantes, Par-Salian ergueu-se na cadeira de pedra e veio colocar-se na frente da anã boba, que o observava com suspeita e soluçava ao mesmo tempo.

O grande mago estendeu a mão.

— Peço desculpa, Bupu — afirmou, com gravidade —, se te ofendi. Devo confessar que proferi aquelas palavras cruéis com intenção, na esperança que se zangasse o suficiente para contar a sua história. Porque, só assim, poderíamos ter a certeza quanto à verdade — Par-Salian colocou a mão na cabeça de Bupu, o rosto contraído e cansado, mas simultaneamente exuberante — Talvez não tivéssemos falhado, talvez ele tenha aprendido alguma compaixão — murmurou. Gentilmente, afagou o cabelo espesso da anã boba — Não, Raistlin nunca teria rido de você, pequenina. Ele sabia, ele recordava-se. Houve muitas pessoas que riram dele.

Tas não conseguia ver através das lágrimas e escutou Caramon chorar em silêncio junto de si. O *kender* assoou o nariz no lenço e depois foi buscar Bupu, que fazia bolhas na orla da veste branca de Par-Salian.

— Foi então por este motivo que Lady Crysania efetuou esta viagem? — perguntou Par-Salian a Tas, quando o *kender* se aproximou. O mago fitou a forma imóvel, branca e fria estendida por

debaixo do lençol, os olhos dela fitando, sem ver, as trevas sombrias — Ela crê que consegue reacender a centelha de bondade que nós tentamos e falhamos?

— Sim — respondeu Tas, subitamente pouco à vontade perante os olhos azuis penetrantes do mago.

— E por que razão quer ela conseguir isso? — persistiu Par-Salian.

Tas arrastou Bupu até esta ficar de pé e passou-lhe o lenço, tentando ignorar o fato de que ela o fitava espantada, não fazendo, obviamente, idéia do que deveria fazer com ele. Assoou o nariz na orla do vestido.

— Uh, bem, Tika disse... — Tas parou, corando.

— Que disse Tika? — inquiriu Par-Salian suavemente.

— Tika disse — Tas engoliu em seco — Tika disse que ela o fazia... porque ela o amava, a Raistlin.

Par-Salian assentiu. O seu olhar voltou-se para Caramon.

— E quanto a você, gêmeo? — perguntou, subitamente. A cabeça de Caramon ergueu-se e fitou Par-Salian com olhos assombrados.

— Ainda o ama? Disse que voltaria atrás no tempo para destruir Fistantilus. O perigo que irá enfrentar será enorme. Ama o seu irmão o suficiente para efetuar esta arriscada viagem? Para arriscar a sua vida por ele, tal como esta senhora o fez? Lembre-se, antes de responder, que não vai voltar atrás numa demanda para salvar o mundo. Vai voltar atrás numa demanda para salvar uma alma, nada mais. Nada menos.

Os lábios de Caramon moveram-se, mas nenhum som foi emitido por eles. Contudo, o seu rosto iluminava-se de alegria, de uma felicidade que emanava do seu íntimo. Só conseguiu assentir com a cabeça.

Par-Salian virou-se para enfrentar a assembléia reunida.

— Tomei a minha decisão — começou.

Um elemento das vestes negras ergueu-se e puxou o capuz para trás. Tas viu que se tratava da mulher que o trouxera para ali. A irritação ardia-lhe nos olhos. Fez um movimento rápido e cortante com a mão.

— Desafiamos esta decisão, Par-Salian — disse, em tom baixo — E sabe que isso significa que não pode lançar o feitiço.

— O mestre da torre pode lançar o feitiço sozinho, Ladonna — replicou Par-Salian severamente — Esse poder é concedido a todos os mestres. Foi deste modo que Raistlin descobriu o segredo quando se tornou mestre da torre, em Palanthas. Não necessito do auxílio quer de vermelhos quer de negros.

Ouviu-se um burburinho vindo das vestes vermelhas; muitos olhando para as vestes negras e assentindo em concordância. Ladonna sorriu.

— Com efeito, supremo — disse —, estou ao corrente de tal fato. Não precisa de nós para lançar o feitiço, mas, mesmo assim, precisa de nós. Necessita da nossa cooperação, Par-Salian, da nossa cooperação silenciosa, de outra forma, as sombras da nossa magia se erguerão e encobrirão a luz da lua prateada. E você falhará.

O rosto de Par-Salian tornou-se frio e cinzento.

— E quanto à vida desta mulher? — inquiriu, gesticulando para Crysania.

— Que significa para nós a vida de uma eclesiástica de Paladine? — desdenhou Ladonna — As nossas preocupações são muito maiores e não devem ser discutidas em frente de estranhos. Mande estes embora — fez sinal para Caramon — e nos reuniremos em privado.

— Penso que é o mais sensato, Par-Salian — disse o mago de vestes vermelhas suavemente — Os nossos hóspedes estão cansados e com fome, e achariam os nossos desacordos familiares muito aborrecidos.

— Muito bem — afirmou Par-Salian abruptamente.

Mas Tas podia descortinar a ira do mago de vestes brancas quando se virou para eles — Serão convocados mais tarde.

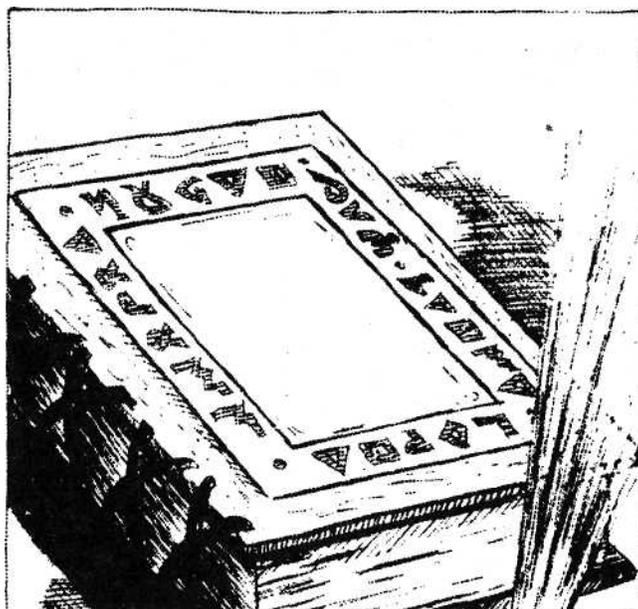
— Espere! — gritou Caramon —, exijo estar presente! Eu...

O grande homem parou, quase estrangulando a si mesmo. A câmara desaparecera, os magos tinham desaparecido, as cadeiras de pedra tinham desaparecido. Caramon gritava para uma parede.

Meio tonto Tas olhou em redor. Ele, Caramon e Bupu encontravam-se num quarto confortável, que poderia ter vindo da

estalagem Last Home. Ardia uma fogueira numa lareira e, num dos lados, existiam camas confortáveis. Uma mesa posta com comida estava perto da lareira, o aroma do pão recentemente cozido e de carne assada fazia-lhes crescer água na boca. Tas suspirou de prazer.

— Penso que este é o local mais maravilhoso no mundo inteiro — disse.



CAPÍTULO 14

O velho mago de vestes brancas encontrava-se num estúdio muito semelhante ao de Raistlin na torre de Palanthas, com a exceção de que os livros existentes nas prateleiras de Par-Salian eram encadernados em couro branco. Os símbolos prateados traçados nas lombadas e nas capas brilhavam à luz de um fogo estaladiço. Para alguém que entrasse, a sala pareceria quente e abafada. Mas Par-Salian sentia o frio da idade penetrando nos seus ossos. Para ele, a sala estava bastante confortável.

Encontrava-se sentado à secretária, os olhos fixos nas chamas. Assustou-se um pouco com um leve bater na porta e, suspirando, disse, suavemente:

— Entre.

Um jovem mago de vestes brancas abriu a porta, fazendo uma reverência ao mago de vestes negras que passou por ele, tal como devia fazer alguém da sua posição. Ela aceitou a homenagem sem comentários. Atirando o capuz para trás, passou por ele e entrou no estúdio de Par-Salian, parando na entrada. O mago de vestes

brancas fechou suavemente a porta, deixando a sós os dois chefes das suas ordens.

Ladonna lançou um olhar rápido e penetrante pela sala. A maior parte encontrava-se mergulhada nas sombras, constituindo a lareira a única fonte de luz. Mesmo se os cortinados tinham sido corridos, bloqueando a passagem do brilho das luas. Erguendo uma mão, Ladonna murmurou algumas palavras suaves. Diversos artigos na sala começaram a brilhar com uma luz estranha e avermelhada, indicando que tinham propriedades mágicas: um bastão encostado a uma parede, um prisma de cristal sobre a secretária de Par-Salian, um candelabro, uma ampulheta gigantesca e diversos anéis nos dedos do homem de idade, entre outros. Estes artigos não pareceram alarmar Ladonna, que se limitou a olhar para cada um deles e a assentir. Depois, satisfeita, sentou-se numa cadeira junto da mesa. Par-Salian observava-a com um leve sorriso no rosto enrugado.

— Não há criaturas do além ocultando-se nos cantos, Ladonna, posso assegurar-te — disse o velho mago secamente — Se quisesse ter-lhe banido deste nível, já o teria feito há muito, minha querida.

— Quando éramos novos? — Ladonna tirou o capuz. O seu cabelo cinzento-metálico penteado numa complicada trança enrolada à volta da cabeça, emoldurava um rosto cuja beleza era realçada pelas rugas da idade, as quais pareciam ter sido desenhadas por um artista de talento, de tal forma salientavam a sua inteligência e sabedoria negra.

— Teria sido uma verdadeira disputa, Supremo.

— Deixa o título, Ladonna — disse Par-Salian.

— Conhecemo-nos há muito tempo para isso.

— Conhecemo-nos há muito tempo e bem, Par-Salian — afirmou Ladonna com um sorriso — Bastante bem — murmurou suavemente, os olhos voltando-se para a fogueira.

— Regressaria à sua juventude, Ladonna? — inquiriu Par-Salian.

Ela não respondeu por momentos. Depois, olhou para ele e encolheu os ombros.

— Trocar o poder, sabedoria e prática por quê? Sangue quente? Não me parece, meu querido. E você?

— Teria respondido o mesmo há vinte anos atrás — disse Par-Salian, esfregando as têmporas — Mas, agora... interrogo-me.

— Não vim aqui para lembrar velhos tempos, por mais agradáveis que sejam — proferiu Ladonna, a voz subitamente severa e fria — Vim para me opor a esta loucura — Inclinou-se para frente, os olhos negros flamejando — Espero que não esteja falando sério, Par-Salian. Nem mesmo você pode ter um coração tão mole ou uma cabeça tão tola, que mande aquele estúpido humano viajar no tempo para tentar impedir Fistantilus? Pensa no perigo! Ele pode alterar a história! Nós podemos deixar de existir!

— Bah! Ladonna, *pensa* você! — interrompeu Par-Salian — O tempo é um grande rio flutuante, mais vasto e mais largo do que qualquer rio que conhecemos. Se atirar uma pedra à água corrente, a água pára subitamente? A corrente começa a correr ao contrário? Muda o seu curso e começa a correr numa outra direção? Claro que não! A pedra cria algumas ondas na superfície, talvez, mas depois afunda-se. O rio segue o seu curso, tal como sempre fez.

— Que está me dizendo? — perguntou Ladonna, olhando com estranheza para Par-Salian.

— Que Caramon e Crysania são pedras, minha querida. Afetarão tanto o fluxo do tempo quanto duas rochas atiradas para o Thon-Tsalarin afetariam o seu curso. São pedras... — repetiu.

— Subestimamos Raistlin, diz Dalamar— interrompeu Ladonna — Ele deve estar fortemente seguro do sucesso que irá ter, ou nunca correria esse risco. Não é nenhum idiota, Par-Salian.

— Está seguro de que adquirirá a magia. Nisso não o poderemos impedir. Mas essa magia não terá significado para ele sem a eclesiástica. Precisa de Crysania — O mago das vestes brancas suspirou — E é por essa razão que necessitamos de mandá-la atrás no tempo .

— Não consigo ver...

— Ela tem que morrer, Ladonna! — afirmou Par-Salian rudemente — Tenho que invocar uma visão para que perceba? Tem que ser enviada para um tempo em que *todos* os clérigos se

transformaram nesta terra. Raistlin disse que teríamos que mandá-la para trás. Não teríamos outra alternativa. Tal como ele próprio afirmou, é esse o processo de que dispomos para contrariar os seus planos! É a sua maior esperança, e o seu maior receio. Precisa levá-la com ele ao portão, mas precisa que ela vá de livre vontade. Desta forma, planeja abalar-lhe a fé, desiludi-la o suficiente para que Crysania trabalhe com ele — Par-Salian acenou a mão, irritado — Estamos perdendo tempo. Ele parte de manhã. Temos que agir de imediato.

— Nesse caso, mantém-na aqui! — disse Ladonna com desdém — Parece-me bastante simples.

Par-Salian abanou a cabeça.

— Ele se limitaria a regressar em busca dela. E, nessa altura, já possuiria a magia. Terá o poder para fazer o que bem quiser.

— Mata-a.

— Isso já foi tentado e falhamos. Além do mais, poderias mesmo você, com as suas artes, matá-la enquanto estivesse sob a proteção de Paladine?

— Nesse caso, talvez o deus evite que ela vá?

— Não. O augúrio que lancei era neutro. Paladine deixou a questão nas nossas mãos. Crysania não passa aqui de um vegetal, e nunca voltará a ser outra coisa, dado que não há ninguém vivo que lhe possa conceder de novo a vida. Talvez Paladine deseje que ela morra num local e tempo onde a sua morte tenha significado, para que possa preencher o seu ciclo de vida.

— Pelo que vai mandá-la para a morte — murmurou Ladonna, olhando para Par-Salian com perplexidade — As suas vestes brancas ficarão manchadas com sangue vermelho, meu velho amigo.

Par-Salian bateu com a mão sobre a mesa, o rosto contorcido com o sofrimento.

— Isto não me agrada, raios! Mas, o que posso fazer? Não percebe a situação em que estou envolvido? Quem se senta agora como chefe das vestes negras?

— Eu — replicou Ladonna.

— Quem se sentará como chefe, se *ele* regressar vitorioso?

Ladonna franziu a sobrancelha e não respondeu.

— Precisamente. Os meus dias estão contados, Ladonna. Eu sei. Oh — gesticulou —, os meus poderes ainda são grandes. Talvez nunca tivessem sido tão grandes. Mas, todas as manhãs quando acordo, sinto o medo. Será hoje o dia em que falhará? Todas as vezes que tenho dificuldade em me lembrar de um feitiço, estremeço. Um dia, bem sei, não conseguirei recordar-me das palavras corretas.

— Fechou os olhos — Estou cansado, Ladonna, muito cansado. Não quero fazer mais nada senão ficar nesta sala, junto da fogueira quente, e registrar o conhecimento que adquiri através dos anos. Contudo, não me atrevo a vacilar agora, pois sei quem tomaria o meu lugar.

O velho mago suspirou.

— Escolherei o meu sucessor, Ladonna — disse, suavemente — Não quero a minha posição arrancada das minhas mãos. O que ponho aqui em jogo é muito mais do que você.

— Talvez não — disse Ladonna, fitando as chamas.

— Se ele regressar vitorioso, deixará de haver uma assembléia. Seremos todos seus servos — As suas mãos cerraram-se — Continuo a opor-me a isto, Par-Salian! O perigo é muito grande! Deixe-a ficar aqui, deixa que Raistlin aprenda o que puder com Fistantilus. Podemos tratar dele quando regressar! É poderoso, é claro, mas serão necessários anos de prática para poder dominar as artes que Fistantilus conhecia quando morreu! Poderemos servir-nos desse tempo para nos armarmos contra ele! Podemos...

Ouviram-se ruídos nas sombras da sala. Ladonna virou-se alarmada, a mão dirigindo-se de imediato a uma algibeira secreta nas suas vestes.

— Tenha calma, Ladonna — disse uma voz suave.

— Não precisa gastar energia num feitiço de proteção. Não sou nenhuma criatura do além, tal como Par-Salian já afirmou — A figura penetrou na luz da fogueira, as vestes vermelhas reluzindo suavemente.

Ladonna voltou a sentar-se com um suspiro, mas havia um brilho de cólera nos seus olhos que teria feito um aprendiz retroceder de medo.

— Não, Justarius — disse, friamente —, não é uma criatura do além. Então conseguiu esconder-se de mim? Como se tornou esperto, veste vermelha — Voltando-se na cadeira, fitou Par-Salian com desprezo — *Está* ficando velho, meu amigo, se pediu ajuda para lidar comigo!

— Oh, estou certo que Par-Salian está tão surpreendido por me ver aqui quanto você, Ladonna — afirmou Justarius. Envolvendo-se nas vestes, caminhou lentamente para frente para se sentar numa outra cadeira diante da mesa de Par-Salian. Coxeava ao caminhar, o pé esquerdo arrastando-se no chão. Raistlin não fora o único mago a ficar ferido no teste.

Justarius sorriu.

— Embora o supremo tenha se tornado bastante hábil a ocultar as suas sensações — acrescentou.

— Sabia da sua presença — afirmou Par-Salian suavemente — Conhece-me melhor do que isso, meu amigo.

Justarius encolheu os ombros.

— Pouco importa. Estava interessado em saber o que tinha para dizer a Ladonna...

— Teria dito o mesmo a você.

— Talvez menos, porque eu não teria discutido como ela. Concordo contigo, desde o início. Mas isso porque sabemos a verdade, você e eu.

— Que verdade? — repetiu Ladonna. O seu olhar ia de Justarius para Par-Salian, os olhos dilatados de ira.

— Terá que lhe mostrar — disse Justarius, ainda no mesmo tom de voz suave — De outro modo, não ficará convencida. Prove-lhe como o perigo é grande.

— Não me mostrarão nada! — disse Ladonna, com voz trêmula — Não acreditaria em nada que vocês dois planejassem...

— Então, permita que seja ela própria a fazê-lo — sugeriu Justarius, encolhendo os ombros.

Par-Salian franziu a sobrancelha e depois, com ar carregado, empurrou o prisma de cristal que estava sobre a secretária na direção dela. Apontou.

— O bastão que se encontra no canto pertencia a Fistantilus, o maior, o mais poderoso feiticeiro que jamais viveu. Lança um feitiço de visão, Ladonna. Olha para o bastão.

Ladonna tocou no prisma com hesitação, o olhar deslocando-se mais uma vez com suspeita de Par-Salian para Justarius e de novo para o prisma.

— Vamos! — afirmou Par-Salian — Não o adulterei — As sobranceiras cinzentas uniram-se — Sabe que não consigo mentir para você, Ladonna.

— Embora possa mentir aos outros — disse Justarius suavemente.

Par-Salian lançou um olhar zangado ao mago de vestes vermelhas, mas não lhe respondeu.

Ladonna pegou no cristal com súbita resolução. Segurando-o na mão, ergueu-o até os olhos, entoando palavras de som duro e agudo. Um arco-íris de luz saiu do prisma para o simples bastão de madeira que se encontrava encostado num canto sombrio do estúdio.

O arco-íris expandiu-se ao jorrar do cristal para cercar todo o bastão. Depois oscilou e aglutinou-se, formando-se à imagem tremeluzente do proprietário do bastão.

Ladonna fitou a imagem por longos momentos, baixando depois o prisma do nível dos olhos. No momento em que lhe retirou a sua concentração, a imagem desapareceu e a luz do arco-íris desvaneceu-se. O rosto dela estava pálido.

— Então, Ladonna? — perguntou Par-Salian calmamente, após alguns instantes — Avançamos?

— Deixe-me ver o feitiço de viagem no tempo — respondeu, a voz insegura.

Par-Salian fez um gesto de impaciência

— Sabes que isso não é possível, Ladonna! Só os mestres da torre podem saber esse feitiço...

— Estou no meu direito de ver a descrição, pelo menos — replicou Ladonna friamente — Oculta da minha visão os componentes e as palavras, se assim quiser. Mas exijo ver os resultados esperados — A sua expressão endureceu — Perdoe-me se

não confio em você, velho amigo, como antes confiaria. Mas as suas vestes parecem estar a tornando-se tão cinzentas quanto o seu cabelo.

Justarius sorriu, como se isto o divertisse.

Par-Salian permaneceu sentado por momentos, sem saber o que fazer.

— Amanhã de manhã, amigo — murmurou Justarius. Irritado, Par-Salian levantou-se. Enfiando a mão por debaixo das vestes, retirou uma chave de prata que usava em redor do pescoço, numa corrente de prata, a chave que apenas o mestre de uma Torre de Alta Feitiçaria podia usar. Antes existiam cinco; agora, só restavam duas. Enquanto Par-Salian retirava a chave do pescoço e a inseria num baú de madeira esculpida que se encontrava junto da mesa, todos os três magos presentes se interrogavam em silêncio se Raistlin estaria, naquele preciso momento, fazendo exatamente a mesma coisa com a chave que *e/e* possuía, talvez até retirando o livro de feitiços, encadernado a prata. Talvez até folheando lentamente e com reverência as mesmas páginas, lançando o olhar aos feitiços conhecidos apenas pelos mestres das torres.

Par-Salian abriu o livro, murmurando primeiro as palavras prescritas que só os mestres conheciam. Se não o tivesse feito, o livro lhe teria desaparecido da mão. Chegando à página correta, levantou o prisma do local onde Ladonna o pousara e colocou-o por cima da página, repetindo as mesmas palavras duras e cortantes que Ladonna utilizara.

A luz de arco-íris saiu do prisma, iluminando a página. Com um comando de Par-Salian, a luz do prisma foi incidir numa parede vazia no lado oposto a eles.

— Vê — disse Par-Salian, a irritação ainda patente na sua voz — Ali na parede. Lê a descrição do feitiço.

Ladonna e Justarius voltaram-se para a parede onde podiam ler as palavras que o prisma lhes apresentava. Nem Ladonna nem Justarius conseguiam ler os componentes necessários ou as palavras exigidas. Pareciam palavras desarticuladas, quer através da arte de Par-Salian quer das condições impostas pelo próprio feitiço. Mas a descrição do feitiço era clara.

A possibilidade de recuar no tempo é acessível a duendes, humanos e ogros, dado que foram estas as raças criadas pelos deuses no princípio dos tempos e, por isso, podem viajar no seu fluxo. O feitiço não pode ser usado por anões, gnomos ou kenders, uma vez que a criação destas raças se tratou de um acidente, não previsto pelos deuses. (Ver a Pedra Cinzenta, de Gargath, supl. G.) A introdução de qualquer destas raças numa época anterior poderia ter sérias repercussões no presente, embora se desconheçam quais possam ser. (Uma anotação na caligrafia vacilante de Par-Salian continha a palavra "draconiano" inserida por entre as raças proibidas.)

Existem, contudo, perigos que aquele que lançar o feitiço deve ter presentes antes de continuar. Se aquele que lançar o feitiço morrer quando se encontrar numa época recuada no tempo, tal não afetará nada no futuro, pois será como se o usuário do feitiço morresse no presente. A morte dele ou dela não afetará nem o passado nem o presente nem o futuro, exceto na forma que os teria normalmente afetado. Por esse motivo, não gastamos energia em qualquer tipo de feitiço de proteção.

Aquele que usa o feitiço não terá capacidade para alterar ou afetar o que ocorreu anteriormente, seja de que forma for. Trata-se de uma precaução óbvia. Desta forma, este feitiço só é realmente proveitoso para estudar. Foi esse o propósito com que foi concebido. (Mais uma anotação, desta vez numa caligrafia muito mais antiga do que a de Par-Salian, acrescenta à margem: "Não é possível evitar o Cataclismo. Assim o aprendemos com grande sofrimento e com grande custo. Que a alma dele repouse com Paladine.")

— Então foi isso o que lhe aconteceu — disse Justarius com um assobio de surpresa — Esse foi um segredo bem guardado.

— Foram loucos por terem chegado a tentá-lo — afirmou Par-Salian —, mas estavam desesperados.

— Tal como nós estamos — acrescentou Ladonna amargamente — Bem, há mais?

— Sim, a página seguinte — replicou Par-Salian.

Se aquele que lançar o feitiço não recuar ele próprio no tempo, mas enviar outra pessoa (favor tomar em atenção as precauções

raciais da página anterior) ele ou ela devem equipar o viajante com um dispositivo que possa ser ativado de livre vontade, fazendo regressar o viajante ao seu próprio tempo. A descrição de tais dispositivos e a sua manufatura é a que se segue...

— E por aí adiante — disse Par-Salian. A luz de arco-íris desapareceu, engolida na mão do mago quando Par-Salian fechou os dedos em seu redor — O resto é a descrição dos detalhes técnicos do fabrico desse dispositivo. Eu tenho um antigo. O darei a Caramon.

A ênfase que conferiu ao nome do homem foi inconsciente, mas todos os presentes na sala o notaram. Ladonna sorriu, as mãos acariciando suavemente as suas vestes negras. Justarius abanou a cabeça. O próprio Par-Salian, apercebendo-se das implicações, afundou-se na sua cadeira, o rosto carregado de preocupação.

— Então Caramon irá utilizá-lo sozinho — disse Justarius — Compreendo por que vamos mandar Crysania. Ela deve voltar atrás no tempo, para nunca mais regressar. Mas, Caramon?

— Caramon é a minha redenção — disse Par-Salian sem olhar para cima. O velho mago fitava as mãos, que repousavam, tremendo, sobre o livro de feitiços aberto — Vai iniciar uma viagem para salvar uma alma, tal como lhe disse. Mas não será a alma do irmão — Par-Salian olhou para cima, os olhos cheios de dor. Fitou primeiro Justarius e depois Ladonna. Ambos se uniram ao olhar, com completo entendimento.

— A verdade pode destruí-lo — afirmou Justarius.

— Existe muito pouco para destruir, se querem a minha opinião — observou Ladonna friamente. Levantou-se. Justarius ergueu-se também, vacilando um pouco até recuperar o equilíbrio sobre a perna aleijada — Desde que te veja livre da mulher, pouco me importa o que faça com o homem, Par-Salian. Se crê que lavará o sangue das suas vestes, nesse caso auxilia-o — Sorriu severamente — De certa forma, acho isto bastante engraçado. Talvez que, ao envelhecermos, não sejamos assim tão diferentes, pois não, meu querido?

— Existem diferenças, Ladonna — disse Par-Salian, sorrindo — São os contornos distintos que começam a turvar-se na nossa visão.

Isso significa que as vestes negras apoiarão a minha decisão?

— Parece que não temos alternativa — respondeu Ladonna sem emoção — Se falhar...

— Goza a minha queda — disse Par-Salian.

— Assim farei — respondeu a mulher suavemente —, tanto mais que será provavelmente a última coisa que gozarei nesta vida. Adeus, Par-Salian.

— Adeus, Ladonna — disse.

— Uma mulher sensata — observou Justarius, quando a porta se fechou atrás dela.

— Uma rival digna de si, meu amigo — Par-Salian regressou ao seu lugar por detrás da secretária — Vou gostar de vê-los debatendo pela minha posição.

— Espero sinceramente que tenha oportunidade para isso — disse Justarius, de mão na porta — Quando vai lançar o feitiço?

— De manhã cedo — respondeu Par-Salian, falando pesadamente — São necessários dias de preparação. Já passei longas horas trabalhando nele.

— E quanto a assistência?

— Não é necessária, nem sequer de um aprendiz. Ficarei exausto no final. Trate da desconvoação da assembléia, por favor, meu amigo.

— Certamente. E quanto ao *kender* e à anã?

— Mande a anã para casa com alguns pequenos tesouros de que ela possa gostar. Quanto ao *kender*... — Par-Salian sorriu — pode mandá-lo para onde ele quiser ir, com exceção das luas, é claro. No respeitante a tesouros, estou certo que *ele* próprio trata de reuni-los antes de partir. Pesquise, sem ele notar, as suas algibeiras mas, se não tiver nada de importante, deixe-o ficar com o que encontrar.

Justarius assentiu.

— E Dalamar?

O rosto de Par-Salian tornou-se severo.

— Sem dúvida que o duende negro já partiu. Ele não podia deixar o seu *Shalafi* à espera — Os dedos de Par-Salian bateram na mesa, e a cara revelava frustração — O charme que Raistlin possui é

bastante estranho! Nunca o conheceu, não é? Não. Eu próprio o senti e não consigo compreender...

— Talvez eu possa — disse Justarius — Todos nós já tivemos uma ocasião na vida em que se riram de nós. Todos nós tivemos ciúmes de um irmão ou irmã. Sentimos dor e sofremos, tal como ele sofreu. E todos nós desejamos possuir, nem que fosse uma única vez, o poder de esmagar os nossos inimigos! Temos pena dele, odiamo-lo. Receamo-lo, tudo porque existe nele um pouco de todos nós, embora só o admitamos na mais completa escuridão da noite.

— Se é que alguma vez o admitimos a nós próprios. Aquela desgraçada eclesiástica! Para que se foi envolver! — Par-Salian apertou a cabeça com as mãos que tremiam.

— Adeus, meu amigo — disse Justarius gentilmente.

— Esperarei por você no exterior do laboratório, para o caso de necessitar de ajuda quando tudo terminar.

— Obrigado — murmurou Par-Salian sem erguer a cabeça.

Justarius saiu do estúdio. Fechando a porta com muita pressa, a orla das suas vestes vermelhas ficou presa e viu-se forçado a abri-la de novo para se libertar. Antes de fechar de novo a porta, ouviu alguém que chorava.



CAPÍTULO 15

Tasslehoff Burrfoot estava aborrecido.

E, como toda a gente sabe, não há nada mais perigoso em Krynn do que um *kender* aborrecido.

Tas, Bupu e Caramon tinham acabado a refeição, uma refeição bastante enfadonha. Caramon, perdido nos seus pensamentos, não proferiu uma palavra; sentou-se envolto num profundo silêncio enquanto, completamente absorto, devorou praticamente tudo o que estava à vista. Bupu nem se sentou. Agarrando numa tigela, levou o conteúdo à boca com as mãos, enfiando-o na boca com uma rapidez há muito aprendida nas mesas de jantar dos anões bobos. Pousando essa, passou para outra e limpou uma travessa de molho de carne, a manteiga, o açúcar e as natas e, por fim, meia travessa de batatas de leite, antes que Tas percebesse o que estava acontecendo. Salvou, mesmo a tempo, um saleiro.

— Bom — disse Tas alegremente. Afastando o prato vazio, tentou ignorar a visão de Bupu agarrando nele e lambendo-o até

ficar limpo — Sinto-me muito melhor. E você, Caramon? Vamos explorar!

— Explorar! — Caramon lançou-lhe um olhar tão horrorizado que Tas foi, momentaneamente, apanhado de surpresa — Está louco? Eu não poria pé fora dessa porta por nenhuma riqueza existente em Krynn!

— A sério? — perguntou Tas ansiosamente — E por que não? Oh, diga-me, Caramon! O que há lá fora?

— Não sei — O grande homem estremeceu — Mas é, seguramente, algo terrível.

— Não vi nenhum guarda...

— Não, e existe uma boa razão para isso — afirmou Caramon — Não são precisos guardas neste local. Estou detectando esse seu olhar, Tasslehoff, e esquece isso imediatamente! Mesmo que conseguisse sair — Caramon lançou um olhar assustado à porta do quarto —, o que duvido, ia provavelmente cair nos braços de um cadáver, ou pior!

Os olhos de Tas abriram-se muito. Conseguiu, contudo, soltar uma exclamação de prazer. Olhando para baixo, para os seus sapatos, murmurou:

— Sim, acho que tem razão, Caramon. Tinha me esquecido onde nos encontrávamos.

— Pareceu-me que sim — respondeu Caramon severamente. Esfregando os ombros doridos, o grande homem gemeu — Estou terrivelmente cansado. Tenho que dormir um pouco. Você e a não-sei-o-quê façam o mesmo. Está bem?

— Claro, Caramon — disse Tasslehoff.

Bupu, arrotando satisfeita, já tinha se envolvido numa manta em frente da lareira, servindo-se dos restos da tigela com batatas de leite como almofada.

Caramon fitou o *kender* com ar desconfiado. Tas assumiu o ar mais inocente que um *kender* poderia assumir, cujo resultado foi Caramon acenar um dedo para ele severamente.

— Promete que não deixará esta sala, Tasslehoff Burrfoot. Promete como prometeria a... digamos, a Tanis, se ele aqui estivesse.

— Prometo — afirmou Tas solenemente — tal como prometeria a Tanis... se ele estivesse aqui.

— Ótimo — Caramon suspirou e deitou-se para cima de uma cama que estalou em protesto, o colchão afundando-se quase até ao soalho devido ao peso do grande homem — Penso que alguém nos acordará quando decidirem o que vão fazer.

— Vai mesmo voltar atrás no tempo, Caramon? — inquiriu Tas, sentando-se na sua própria cama fingindo estar desapertando as botas.

— Sim, claro. Não é nada por aí além — murmurou Caramon sonolento — Agora, vai dormir e... obrigado, Tas. Tem sido... tem sido... uma grande ajuda... — As palavras passaram a um ressonar.

Tas permaneceu completamente imóvel, esperando até que a respiração de Caramon se tornasse regular. Não levou muito tempo, dado que o grande homem estava, quer emocional quer fisicamente, exausto. Olhando para o rosto pálido, preocupado e manchado de lágrimas de Caramon, o *kender* sentiu, por momentos, remorsos. Mas os *kenders* estavam habituados a lidar com remorsos tal como os humanos estavam habituados a lidar com picadas de mosquitos.

— Ele nunca saberá que saí — disse Tas para si mesmo, ao passar, sem qualquer ruído, pela cama de Caramon — E, na verdade, não *lhe* prometi que não iria a lado algum. Prometi a Tanis. E Tanis não está aqui, pelo que a promessa não conta. Além disso, estou certo de que ele haveria de querer explorar, se não estivesse tão cansado.

Quando Tas passou pelo corpo imundo de Bupu, já se convencera firmemente de que Caramon *lhe* ordenara que pesquisasse um pouco antes de ir deitar. Tentou a maçaneta da porta com apreensão, recordando o aviso de Caramon. Mas esta abriu-se facilmente. Nesse caso, *somos* convidados e não prisioneiros. A menos que estivesse um cadáver de guarda lá fora. Tas enfiou a cabeça por fora da porta. Olhou para o corredor, de ambos os lados. Nada. Nem um cadáver à vista. Suspirando um pouco de desapontamento, Tas saiu e fechou a porta suavemente atrás dele.

O corredor alongava-se à sua esquerda e à sua direita, desaparecendo em cantos sombrios em ambas as extremidades. Era frio e vazio. Existiam outras portas que davam para o corredor, todas elas escuras, todas elas fechadas. Não havia decoração de qualquer tipo, nenhuma tapeçaria pendurada nas paredes, nenhum tapete cobrindo o chão de pedra. Não havia sequer luzes, nem tochas, nem velas. Aparentemente, os magos deveriam vir munidos com luz, no caso de percorrerem a escuridão.

Uma janela, numa das extremidades, permitia que a luz de Solinari, a lua prateada, se filtrasse através dos seus painéis de vidro, mas era tudo. O resto do corredor encontrava-se totalmente mergulhado na escuridão. Era muito tarde para que Tas pensasse em voltar ao quarto para ir buscar uma vela. Não. Se Caramon despertasse, poderia não se lembrar que pedira ao *kender* para ir explorar.

— Vou entrar num destes quartos e trago uma vela emprestada — disse Tas para si mesmo — Além disso, é um bom processo para conhecer pessoas.

Deslizando pelo corredor, mais silencioso do que os raios lunares que dançavam no chão, Tas alcançou a porta seguinte.

— Não vou bater, para o caso de estarem dormindo — refletiu e, com cuidado, girou a maçaneta — Ah, trancada! — disse, sentindo-se imensamente entusiasmado. Isso lhe daria alguma coisa para fazer durante alguns momentos, pelo menos. Puxando suas ferramentas, estendeu-as para o luar, selecionando o ferro de dimensões adequadas para esta fechadura.

— Espero que não esteja trancada por magia — murmurou, o pensamento súbito fazendo-o gelar. Sabia que os mágicos por vezes faziam isso, hábito esse que os *kenders* consideravam como muito pouco ético. Mas, talvez, na Torre de Alta Feitiçaria, rodeados de magos, eles não considerassem isso necessário — Quero dizer, poderia aparecer alguém que se limitasse a *deitar* a porta abaixo, raciocinou Tas.

Como seria de esperar, a fechadura abriu-se facilmente. Com o coração batendo de tanta excitação, Tas abriu a porta sem ruído e espreitou para dentro. O quarto estava iluminado apenas com o leve

brilho de uma fogueira em extinção. Pôs-se à escuta. Não conseguia ouvir ninguém lá dentro, nenhum som de ressonar ou respirar, entrou, caminhando suavemente. Os seus olhos perspicazes encontraram a cama. Estava vazia. Não se encontrava ninguém ali.

— Nesse caso não vão se importar que leve a vela emprestada — disse o *kender* para si, feliz. Encontrando um castiçal, acendeu o pavio com um carvão em brasa. Depois, entregou-se aos prazeres de examinar os pertences do ocupante, reparando, ao fazê-lo, que, quem quer que habitasse nesse quarto, *não* era uma pessoa muito arrumada.

Cerca de duas horas e muitos quartos depois, Tas regressava, cansado, ao seu próprio quarto, as algibeiras repletas com os artigos mais fascinantes, que ele estava inteiramente determinado a devolver aos seus proprietários na manhã seguinte. Muitos deles foram apanhados em cima de mesas, para onde tinham, obviamente, sido atirados ao acaso. Encontrou alguns no chão (estava certo de que os proprietários os tinham perdido) e salvara inclusive alguns das algibeiras de vestes que deveriam ir para lavar, pelo que, nestes casos, os artigos teriam se perdido.

Olhando ao longo do corredor, recebeu, contudo, um grande choque, ao avistar luz que incidia por debaixo da porta deles!

— Caramon! — Engoliu em seco, mas, nesse momento, uma centena de desculpas plausíveis por ter saído do quarto penetraram no seu cérebro. Ou, talvez, Caramon não tivesse ainda dado pela falta dele. Talvez estivesse bebendo. Considerando esta possibilidade, Tas caminhou na ponta dos pés para a porta fechada do quarto e encostou o ouvido, à escuta.

Ouviu vozes. Reconheceu de imediato a de Bupu. A outra... franziu a sobrancelha. Parecia-lhe familiar... onde a tinha ouvido?

— Sim, mas mandá-la de volta para Highpulp, se é para aí que quer ir. Mas, primeiro, tem que me dizer onde fica Highpulp.

A voz parecia levemente desesperada. Aparentemente, isto estava passando-se já há algum tempo. Tas espreitou pela fechadura. Podia avistar Bupu, o cabelo manchado com batatas de leite, mirando com desconfiança uma figura de vestes vermelhas.

Tas recordava-se agora onde escutara a voz: era o homem da assembléia, aquele que não parava de questionar Par-Salian!

— Highbulp! — repetiu Bupu indignada — Não Highpulp! É Highbulp é onde vivo. Mande-me para casa.

— Sim, claro. Diga-me então, onde vive?

— Onde fica Highbulp.

— E onde fica Highpulp? — perguntou o mago de vestes vermelhas, em tom de desespero.

— Onde vivo — afirmou Bupu sucintamente — Já tinha dito. Tem ouvidos por debaixo desse capuz? Talvez ser surdo — A anã desapareceu da visão de Tas por momentos, mergulhando para o seu saco. Quando voltou a aparecer, tinha na mão mais um lagarto morto com uma tira de couro em redor da cauda — Eu curar. Enfia a cauda no ouvido e...

— Obrigado — disse o mago apressadamente —, mas posso assegurar-lhe que ouço perfeitamente. Uh, como se chama à sua casa? Qual é o nome?

— O Pitt. Com dois tês. Nome pomposo, huh? — disse Bupu com orgulho — Foi idéia de Highbulp. Ele comer uma vez um livro. Aprender muito. Tudo aqui — Deu leves palmadas no estômago.

Tas colocou a mão sobre a boca para evitar rir. O mago de vestes vermelhas sentia também um problema similar. Tas viu os ombros do homem abanarem por debaixo das vestes vermelhas, e levou algum tempo para responder. Quando o fez, a sua voz transmitia um leve estremecimento.

— Como... como é que os humanos chamam o vosso... ao... uh... Pitt?

Tas viu Bupu franzir o sobrolho.

— Nome estúpido. Parece alguém cuspiendo. Skroth.

— Skroth — repetiu o mago de vestes vermelhas, perplexo — Skroth — murmurou. Depois, estalou os dedos — Já me lembro. O *kender* proferiu-o na assembléia. Xak Tsaroth?

— Mim já ter dito isso. Ter a certeza de que não querer **lagarto** para curar ouvidos? Põe-se a cauda...

Libertando um suspiro de alívio, o mago de vestes vermelhas estendeu a mão por cima da cabeça de Bupu. Soltando o que

parecia ser pó por cima dela (Bupu espirrou violentamente), Tas ouviu o mago entoar estranhas palavras.

— Mim ir agora para casa? — inquiriu Bupu, esperançosamente.

O mago não respondeu. Continuava entoando.

— Ele não querer ser simpático — murmurou para si mesma, espirrando outra vez enquanto o pó lhe ia cobrindo lentamente o cabelo e o corpo — Nenhum deles simpático. Não como o meu homem bonito — Limpou o nariz, fungando — Ele não se rir... ele chamar-me "pequenina".

O pó sobre a anã começou a adquirir um leve brilho amarelo. Tas tossiu levemente. O brilho foi aumentando de intensidade, mudando de cor, tornando-se num amarelo-esverdeado, depois verde, depois verde-azulado, depois azul e, subitamente...

— Bupu! — murmurou Tas. A anã boba desaparecera!

— E o próximo sou eu! — percebeu Tas, horrorizado. Seguramente que o mago de vestes vermelhas atravessava o quarto em direção à cama onde o cuidadoso *kender* simulara o seu vulto para que Caramon não se preocupasse no caso de acordar.

— Tasslehoff Burrfoot — chamou o mago de vestes vermelhas em tom suave. Colocara-se fora de visão de Tas. O *kender* ficou como que petrificado, esperando que o mago descobrisse que ele não se encontrava no quarto. Não que ele receasse ser apanhado. Estava acostumado a ser apanhado e seguramente conseguiria conduzir o assunto de acordo com a sua vontade. Mas *receava* ser mandado para casa! Eles não estavam certamente à espera que Caramon fosse a algum lado sem ele, não é?

— Caramon *precisa* de mim! — murmurou Tas para si mesmo, com grande aflição — Eles não sabem como ele está em má forma. O que lhe teria acontecido se eu não estivesse ao pé dele, para tirá-lo dos problemas?

— Tasslehoff — repetiu a voz do mago de vestes vermelhas. Devia estar aproximando-se da cama.

Apressadamente, a mão de Tas mergulhou na algibeira. Retirando uma série de tralha, esperou encontrar alguma coisa útil. Abrindo a pequena mão, aproximou-a do castiçal. Tirara um anel,

uma uva e um monte de cera para o bigode. A cera e a uva estavam, obviamente, fora de questão. Atirou-as para o chão.

— Caramon! — Tas ouviu o mago de vestes vermelhas chamá-lo severamente. Pôde ouvir Caramon resmungar e roncar e imaginou o mago a abaná-lo — Caramon, acorde. Onde está o *kender*?

Tentando ignorar o que se passava no quarto, Tas concentrou-se no exame do anel. Provavelmente era mágico. Apanhara-o no terceiro quarto à esquerda. Ou teria sido no quarto? E os anéis mágicos habitualmente funcionavam só por serem usados. Tas era perito no assunto. Acidentalmente, colocara uma vez um anel mágico que o teletransportara de imediato para o palácio de um feiticeiro mau. Existiam todas as possibilidades de que este pudesse fazer o mesmo. Não fazia idéia de quais seriam as propriedades do anel.

Talvez houvesse qualquer pista no anel?

Tas voltou-o, quase o deixando cair com a pressa. Graças aos deuses que Caramon era tão difícil de despertar!

Tratava-se de um anel simples, esculpido em marfim, com duas pequenas pedras cor-de-rosa. Havia alguns símbolos traçados na parte interior. Tas lembrou-se dos seus óculos de visão mágicos, mas estavam perdidos em Neraka, a menos que algum draconiano os estivesse usando.

— Qu... qu... — balbuciava Caramon — *Kender*? Disse-lhe... não vá lá fora... cadáveres...

— Raios! — O mago de vestes vermelhas caminhava para a porta.

Por favor, Fizban!, murmurou o *kender*, se ainda se lembra de mim, o que não acredito, embora ainda possa acontecer: eu era aquele que estava sempre encontrando o seu chapéu. Por favor, Fizban! Não deixe que eles mandem Caramon sem mim. Transforma este objeto num anel de invisibilidade. Ou, pelo menos, num anel de qualquer coisa que impeça que eles me capturem!

Cerrando firmemente os olhos para não poder ver qualquer coisa horrível que pudesse ter invocado acidentalmente, Tas pôs o anel no polegar. (No último instante, abriu os olhos, para não perder qualquer coisa horrível que pudesse ter invocado.)

Primeiro, nada aconteceu. Podia escutar os passos do mago de vestes vermelhas aproximando-se cada vez mais da porta.

Depois, algo *estava* acontecendo, embora não propriamente aquilo que Tas esperara. O corredor crescia! Ouviu-se um som nos ouvidos do *kender* e as paredes passaram por ele e o teto afastou-se. De boca aberta, viu a porta crescer cada vez mais, até ficar com dimensões imensas.

“Que fiz?” perguntou-se Tas, alarmado. Terei feito a torre crescer? Acha que alguém vai notar? Se notarem, ficarão muito aborrecidos?

A enorme porta abriu-se com uma rajada de vento que quase derrubou o *kender*. Um enorme mago de vestes vermelhas enchia a entrada.

— Um gigante! — balbuciou Tas — Não só fiz a torre crescer, como fiz crescer os magos! Oh, meus deuses. Acho que vão reparar *nisso!* Pelo menos da primeira vez que tentarem calçar os sapatos! E tenho certeza de que ficarão aborrecidos. Eu ficaria, se tivesse 6 m de altura e a minha roupa deixasse de me servir.

Mas o mago de vestes vermelhas não pareceu nada perturbado pelo fato de ter aumentado, para grande surpresa de Tas. Limitou-se a espreitar para o corredor, gritando:

— Tasslehoff Burrfoot!

Chegou mesmo a olhar para o local onde Tas se encontrava e não o avistou!

— Oh, obrigado, Fizban! — afirmou o *kender*. Depois tossiu. A sua voz tinha um som realmente estranho. Em forma de experiência, repetiu: — Fizban?— De novo tossiu.

Nesse instante, o mago de vestes vermelhas olhou para baixo — Ah, ah! E de que quarto você escapou, meu pequeno amigo? — disse o mago.

Tasslehoff viu, apavorado, uma mão gigantesca estender-se para ele! Os dedos aproximavam-se cada vez mais. Tas estava tão perplexo que não conseguiu correr ou fazer qualquer coisa senão aguardar que aquela mão gigantesca o agarrasse. Depois, tudo terminaria! O mandariam instantaneamente para casa, se não lhe aplicassem um castigo mais severo por aumentar daquela forma a

torre deles quando ele não estava bem certo de que eles a queriam aumentada.

A mão pairou sobre ele e pegou-o pela cauda.

“Pela cauda!”, pensou Tas, desvairado, retorcendo-se no ar quando a mão o levantou do chão. “Não tenho nenhuma cauda! Mas devo ter! A mão agarrou-me por alguma coisa!”

Virando a cabeça, Tas viu que, efetivamente, tinha uma cauda! Não só uma cauda, mas quatro pés cor-de-rosa! Quatro! E, em vez de perneiras azuis brilhantes, tinha pêlo branco!

— Vejamos então — estrondou uma voz severa junto a um dos seus ouvidos —, responda-me, pequeno roedor! É familiar de quem?



CAPÍTULO 16

Familiar! Tasslehoff considerou esta palavra. Familiar... Algumas conversas com Raistlin regressaram à sua mente febril.

— Alguns mágicos têm animais que estão ligados aos seus comandos — dissera-lhe Raistlin uma vez — Estes animais, ou familiares, como são chamados, podem atuar como uma extensão dos próprios sentidos de um mago. Podem ir a locais onde ele não pode entrar, ver coisas que ele é incapaz de ver, escutar conversas que ele não foi convidado a partilhar.

Nessa época, Tasslehoff pensara que era uma idéia estupenda, embora se lembrasse que Raistlin não se sentira impressionado. Parecia considerar tal fato uma fraqueza, estar tão fortemente dependente de um outro ser.

— Então, responda-me? — exigiu o mago de vestes vermelhas, abanando Tasslehoff pela cauda. O sangue corria para a sua cabeça, fazendo-o ficar tonto, para além de que estar preso pela cauda era bastante doloroso, já para não falar de dignidade! Tudo o que pôde fazer, por momentos, foi dar graças por Flint não poder vê-lo.

“Parece”, pensou Tas, “que os familiares podem falar.” Espero que falem a língua vulgar, e não alguma coisa estranha, como a língua dos ratos, por exemplo.

— Eu... eu... uh... pertenco a, qual seria um bom nome para um mago?, Fa... Faikus — disse Tas, lembrando-se de Raistlin usar este nome ligado a um colega estudante, há muito tempo atrás.

— Ah — disse o mago de vestes vermelhas, franzindo a sobancelha —, devia ter percebido. Anda fazendo algum serviço ao seu mestre ou simplesmente passeando?

Felizmente para Tas, o mago segurou o *kender* de outro modo, libertando-lhe a cauda e agarrando-o firmemente na mão. As patas da frente do *kender* repousavam agora no polegar do mago de vestes vermelhas, os seus olhos salientes e de um vermelho vivo fitavam os do mago, frios e negros.

“Que devo responder?” interrogou-se Tas freneticamente. Nenhuma das hipóteses parecia muito boa.

— É... é a minha n...noite de folga — disse Tas, no que esperava ser um tom indignado de guinchar.

— Humpf! — replicou o mago — Tem andado muito tempo com aquele preguiçoso do Faikus, essa é que é a verdade. Falarei com esse jovem pela manhã. Quanto a você, não, não precisa começar a contorcer-se! Esqueceu que o familiar de Sudora ronda os corredores à noite? Poderia ter sido a sobremesa de Marigold! Vem comigo. Depois de terminar os assuntos desta noite, devolvo-lhe ao seu mestre.

Tas, que estava preparado para enfiar os seus afiados pequenos dentes no polegar do mago, pensou melhor na questão. “Terminar os assuntos desta noite!” Claro, tinha que tratar de Caramon! Isto era melhor do que ser invisível! Aproveitaria a carona!

O *kender* pendeu a cabeça no que imaginou ser uma expressão de rato revelando humildade e contrição. Pareceu satisfazer o mago de vestes vermelhas, pois sorriu de forma preocupada e começou a procurar nas algibeiras, em busca de qualquer coisa.

— O que aconteceu, Justarius? — Ali estava Caramon, com ar estonteado e ainda meio adormecido. Espreitou vagamente para um

lado e outro do corredor — Encontrou Tas?

— O *kender*? Não — O mago sorriu de novo, desta vez com algum pesar — Pode demorar algum tempo até o encontrarmos, receio... dado que os *kenders* são muito hábeis em esconder-se.

— Não vão machucá-lo? — perguntou Caramon ansiosamente, tão ansiosamente que Tas sentiu pena do grande homem e desejou poder tranquilizá-lo.

— Não, claro que não — respondeu Justarius, ainda procurando alguma coisa por entre as vestes — Embora, acrescentou, como um segundo pensamento —, ele possa inadvertidamente ferir a si próprio. Há objetos espalhados por aí com que não se deve brincar. Bom, está pronto?

— Na verdade, não gostaria de partir até Tas ter voltado e eu saber que ele está bem — afirmou Caramon com teimosia.

— Receio que não tenha alternativa — disse o mago e Tas ouviu a voz do homem ficar mais fria — O seu irmão vai iniciar a viagem de manhã. Deve preparar-se para ir também nessa hora. São necessárias horas para que Par-Salian memorize e lance este complexo feitiço. Ele já o iniciou. Na verdade, já perdi muito tempo à procura do *kender*. Estamos atrasados. Venha.

— Espere... as minhas coisas... — afirmou Caramon, pateticamente — A minha espada.

— Não precisa se incomodar com nada disso — respondeu Justarius. Aparentemente encontrando aquilo que buscava, retirou um saco de seda do bolso das vestes — Não pode voltar atrás no tempo com qualquer arma ou dispositivo deste período para o qual vai viajar.

Caramon olhou para o seu corpo, espantado.

— Q... quer dizer que terei que trocar de roupa? Não terei uma espada? Que...

“E vocês vão mandar este homem atrás no tempo sozinho!” pensou Tas, indignado. Não duraria mais de cinco minutos. Cinco minutos, se tanto! Não, por todos os deuses, eu...

Exatamente o que o *kender* ia fazer não se sabe, pois foi enfiado de cabeça para baixo no saco de seda!

Tudo ficou escuro. Rolou para o fundo do saco, pés sobre a cauda, aterrando de cabeça. De algum lugar dentro de si provinha um medo horrível de se encontrar de costas, numa posição vulnerável. Freneticamente, esforçou-se para endireitar, esgravatando nos lados escorregadiços do saco com os pés com garras. Por fim, conseguiu ficar direito, e a terrível sensação apaziguou-se.

“Então, esta é a sensação de ser invadido pelo pânico”, pensou Tas com um suspiro. Não me agrada nada, isso é certo. E sinto-me muito satisfeito pelos *kenders* não ficarem assim, regra geral. E agora?

Esforçando-se para se acalmar e parar a aceleração do coração, Tas aconchegou-se no fundo do saco de seda e tentou pensar no que deveria fazer a seguir. Parecia que perdera o que estava se passando quando começou a luta no interior do saco, pois, pondo-se à escuta, pôde ouvir o som de duas pessoas caminhando por um corredor de pedra; os pés pesados e de botas de Caramon, e os passos arrastados do mago. Sentia também um leve movimento oscilante e podia escutar o roçar suave de tecido contra tecido. Ocorreu-lhe subitamente que, sem dúvida, o mago de vestes vermelhas pendurou o saco em que se encontrava no cinto!

— Que devo fazer quando chegar lá? Como vou voltar para cá depois de...

Era a voz de Caramon, um pouco abafada pelo saco de pano mas ainda bastante clara.

— Tudo isso lhe será explicado — A voz do mago revelava grande paciência — Pergunto-me... Está com dúvidas, talvez tenha pensado melhor. Se assim for, deve-nos informar agora...

— Não — A voz de Caramon exprimia firmeza, firmeza como não revelava há muito — Não, não estou com dúvidas. Irei. Levarei Lady Crysania nesta viagem no tempo. É por minha culpa que ela está assim, independentemente do que o velhote diga. Farei tudo ao meu alcance para que ela receba o auxílio de que necessita e cuidarei desse Fistandantilus para vocês.

— M... m... m...

Tas escutou esse “m... m... m...” embora duvidasse que Caramon tivesse ouvido. O grande homem afirmava o que ia fazer a Fistantilus quando o apanhasse. Mas Tas sentiu-se gelar, tal como sentira quando Par-Salian lançou aquele estranho e triste olhar a Caramon na câmara. O *kender*, esquecendo onde se encontrava, guinchou de frustração.

— Shhh — murmurou Justarius, fazendo carícias no saco com a mão — É apenas por algum tempo, depois volta à sua jaula, para comer milho.

— Huh? — disse Caramon. Tas quase conseguia ver a expressão surpreendida do grande homem. O *kender* rangeu os pequenos dentes. A palavra “jaula” avivou-lhe uma imagem medonha na sua mente e um pensamento verdadeiramente alarmante ocorreu-lhe. “E se não consigo voltar a ser quem sou?”

— Oh, não é contigo! — apressou-se a dizer o mago — Estava falando com o meu amigo peludo. Está ficando agitado. Se não estivéssemos atrasados, o levaria de volta neste instante — Tas não se moveu — Bom, parece que ficou mais calmo. O que estava dizendo?

Tas não prestou mais atenção. Miseravelmente, agarrou-se ao saco com os pequenos pés enquanto este balançava para trás e para frente, batendo gentilmente contra a anca do mago, que caminhava coxeando. Seguramente que o feitiço poderia ter o efeito inverso se o anel fosse retirado, não era?

Os dedos de Tas desejavam tentar para ver. O último anel mágico que colocara não saía! E se acontecesse o mesmo com este? Estaria condenado a viver com pêlo branco e pés cor-de-rosa para sempre? Perante este pensamento, Tas envolveu um pé em redor do anel que estava ainda enfiado num dedo e quase conseguiu retirá-lo, apenas para ter certeza.

Mas o pensamento de sair do saco de seda, como um *kender* de tamanho natural, e aterrar aos pés do mago, chegou-lhe à mente. Forçou a sua pequena pata a parar. Não. Ao menos, deste modo, estava sendo levado para o mesmo local para onde conduziam Caramon. Se nada mais fosse possível, voltaria atrás no tempo sob a forma de rato. Podia haver coisas piores...

"*Como ia sair do saco?*"

O coração do *kender* quase lhe caiu aos pés. Claro que sair dali seria fácil se assumisse a sua forma. Só que, depois, apanhavam-no e mandavam-no para casa! Mas, se permanecesse um rato, acabaria comendo milho com Fai-kus! O *kender* grunhiu e baixou-se, enfiando o nariz entre as patas. Esta era, de longe, a pior situação em que jamais se encontrara em toda a sua vida, mesmo contando com a vez em que os dois feiticeiros o apanharam escapando com o seu mamute de lã. Acima de tudo, começava a sentir-se nauseado, devido ao movimento oscilante do saco.

— O verdadeiro erro foi ter feito uma ração a Fizban — disse o *kender* a si mesmo, tristemente — Pode ser Paladine, na realidade, mas aposto que, em algum lugar, o velho mago está divertindo-se muito com tudo isto.

O fato de pensar em Fizban e em como tinha saudades do louco e velho mago não estava ajudando Tas a sentir-se melhor, e tentou, mais uma vez, concentrar-se no local onde se encontrava, na esperança de arranjar um processo de saída. Fitou a escuridão sedosa e, subitamente...

— Grande idiota! — disse para si mesmo, excitado — Que *kender* tão desmiolado, dado que já não sou um *kender*! Sou um rato... e tenho dentes!

Apressadamente, Tas fez uma experiência. No início, não conseguiu agarrar o tecido escorregadiço e mais uma vez se sentiu desesperado.

— Tenta a costura, idiota — repreendeu-se severamente, e enfiou os dentes no local que juntava o tecido. Cedeu quase de imediato quando os dentes afiados a cortaram. Tas rompeu mais alguns pontos e não tardou a avistar qualquer coisa vermelha, as vestes do mago! Apanhou uma lufada de ar fresco (o que *teria* aquele homem ali guardado!) e sentiu-se tão entusiasmado que se apressou a mastigar mais um pouco de tecido.

Depois parou. Se alargasse mais o orifício, cairia. E ainda não estava preparado, pelo menos por enquanto. Pelo menos enquanto não terminassem o que estavam fazendo, fosse o que fosse. Aparentemente, não era longe. Ocorreu a Tas que tinham vindo

subindo uma série de escadas há já algum tempo. Podia ouvir Caramon ofegando devido ao exercício pouco habitual e mesmo o mago de vestes vermelhas parecia um pouco cansado.

— Por que razão não nos transporta através de uma magia para esse laboratório? — grunhiu Caramon, arquejando.

— Não! — respondeu Justarius suavemente, a voz traindo o seu pavor — Posso sentir o próprio ar zunir e estalar com o poder que Par-Salian expande para executar este feitiço. Não permitiria que um pequeno feitiço meu perturbasse as forças que estão operando aqui esta noite!

Tas estremeceu perante estas palavras por debaixo dos seus pêlos e pensou que Caramon podia ter agido de igual forma, pois ouviu o grande homem tossir nervosamente e depois continuar subindo em silêncio. Subitamente, pararam.

— Já chegamos?— inquiriu Caramon, tentando manter uma voz firme.

— Sim — surgiu a resposta murmurada. Tas esforçou-se para ouvir — O conduzirei ao longo destes últimos degraus e depois, quando alcançarmos a porta que existe lá em cima, a abrirei muito suavemente para que entre. Não profira nem uma palavra! Não diga nada que possa perturbar Par-Salian na sua concentração. Este feitiço exige dias de preparação...

— Quer dizer que ele já sabia, há dias, que iria fazer isto? — interrompeu Caramon duramente.

— Chiu! — ordenou Justarius e a sua voz revelou irritação — Claro que ele sabia que essa era uma possibilidade. Tinha que estar preparado. Ainda bem que o fez, pois não fazíamos idéia de que o seu irmão iria atuar tão cedo! — Tas ouviu o homem respirar fundo. Quando falou de novo, foi num tom mais calmo — Agora, repito, quando subirmos estes últimos degraus... não diga nem uma palavra! Compreendido?

— Sim — Caramon parecia subjugado.

— Faça exatamente o que Par-Salian lhe mandar fazer. Não faça perguntas! Limite-se a obedecer. Pode fazer isso?

— Sim — Caramon parecia ainda mais subjugado. Tas detectou um pequeno tremor na resposta do grande homem.

Ele está com medo, apercebeu-se Tas. Pobre Caramon. Por que eles estão fazendo isto? Não compreendo. Há aqui mais qualquer coisa em jogo. Bom, está decidido. Pouco me importa se perturbar a concentração de Par-Salian. Terei que arriscar. De alguma forma, seja como for, vou com Caramon! Ele precisa de mim. Além disso — o *kender* suspirou —, viajar atrás no tempo! Que maravilha...

— Muito bem — Justarius hesitou e Tas sentiu o corpo dele ficar tenso e rígido — Despeço-me aqui, Caramon. Que os deuses o acompanhem. O que vai fazer é perigoso... para todos nós. Nunca conseguiria compreender, nem de longe, o perigo envolvido — Estas últimas palavras foram ditas em voz tão baixa que só Tas as ouviu e as orelhas do *kender* arrebitaram-se em alarme. Depois, o mago de vestes vermelhas suspirou — Desejava poder-lhe dizer que o seu irmão o merece.

— Merece, sim — afirmou Caramon firmemente — Verá.

— Rogo a Gilean para que esteja certo... Agora, está preparado?

— Sim.

Tas ouviu um ruído que lhe pareceu ser o mago encapuzado baixando a cabeça. Depois, começaram a mover-se de novo, subindo as escadas lentamente. O *kender* espreitou pelo buraco no fundo do saco, observando os degraus sombrios passarem por baixo dele. Só disporia de alguns segundos, sabia.

As escadas terminaram. Podia ver um largo patamar de pedra por baixo. "Chegou a hora!" disse a si mesmo, engolindo em seco. Ouviu o mesmo ruído de há pouco e sentiu o corpo do mago mover-se. Uma porta rangeu. Rapidamente, os dentes afiados de Tas cortaram os restantes pontos que mantinham a bainha unida. Escutou os passos lentos de Caramon entrando pela porta. Ouviu a porta começar a fechar-se...

A costura cedeu. Tas caiu do saco. Ocorreu-lhe o pensamento se os ratos caíam sempre de pé, como os gatos. (Uma vez deixara cair um gato do telhado da sua casa para ver se esse velho ditado era verdadeiro. Era, com efeito.) Quando chegou ao chão começou a correr. A porta estava fechada e o mago de vestes vermelhas

voltara-se para descer. Sem parar para olhar em redor, o *kender* lançou-se rápida e silenciosamente pelo soalho. Comprimindo o seu pequeno corpo, penetrou pela fenda entre a porta e o chão e mergulhou, por debaixo de uma estante junto da parede.

Tas parou para respirar e escutar.

E se Justarius descobrisse que ele escapara? Voltaria atrás para procurá-lo?

“Pára com isso”, disse Tas a si mesmo, “severamente. Ele nunca saberá onde cai. De qualquer forma, nunca voltará aqui. Pode perturbar o feitiço.”

Após alguns momentos, o pequeno coração do *kender* abrandou o ritmo, pelo que pôde escutar por cima do sangue que batia nos seus ouvidos. Infelizmente, os seus ouvidos pouco lhe disseram. Podia escutar um leve murmurar, como se alguém estivesse ensaiando para uma peça de rua. Podia ouvir Caramon tentar recuperar o fôlego depois da longa escalada e, mesmo assim, manter uma respiração abafada, de forma a não perturbar o mago. As botas de couro do grande homem estalaram quando começou a apoiar-se, ora num pé ora no outro.

Mas foi tudo.

— Tenho que ver! — disse Tas para si mesmo — De outra forma não saberei o que está se passando.

Rastejando para sair debaixo da estante, o *kender* começou verdadeiramente a sentir o pequeno e singular mundo onde penetrara. Era um mundo de migalhas, um mundo de bolas de poeira e fios, de alfinetes e cinza, de pétalas de rosa secas e folhas de chá úmidas. O insignificante tornou-se, subitamente, num mundo próprio. O mobiliário elevava-se acima dele, como as árvores numa floresta, e servindo o mesmo fim: oferecia-lhe cobertura. A chama de uma vela era o sol e Caramon um gigante monstruoso.

Tas circundou os enormes pés do homem. Captando um movimento pelo canto do olho, avistou um pé com chinelo por debaixo de uma veste branca. Par-Salian. Rapidamente, Tas lançou-se para o lado oposto da divisão, a qual estava, felizmente, apenas iluminada por velas.

Então, Tas estacou. Já estivera uma vez no laboratório de um mago, quando usou aquele maldito anel de teletransporte. As visões estranhas e magníficas que lá vira permaneceram com ele; estacou precisamente antes de pisar o interior de um círculo desenhado no chão de pedra com pó prateado. Dentro do círculo, que reluzia à luz das velas, jazia Lady Cysania, os olhos que não viam ainda fitando o nada, o rosto tão branco quanto o lençol que a cobria.

Seria ali que a magia seria executada!

O pêlo erguendo-se na parte detrás do pescoço, Tas apressou-se recuando, afastando-se do caminho e abrigoando-se no interior de uma bacia derrubado. Fora do círculo estava Par-Salian, as vestes brancas brilhando com uma luz estranha. Nas mãos, tinha um objeto cravejado de jóias que reluziam à medida que o voltava. Parecia-se com um cetro que Tas vira uma vez um rei Nordmaar empunhar; contudo, este objeto parecia muito mais fascinante. Estava facetado e encaixado da forma mais singular. Partes dele moviam-se, como Tas pôde constatar, enquanto, o que era mais extraordinário ainda, outras partes se moviam sem se mover! Enquanto observava, Par-Salian manipulava o objeto com grande destreza, dobrando, inclinando e torcendo, até ficar do tamanho de um ovo. Murmurando estranhas palavras, o mago supremo deixou-o cair no bolso das suas vestes.

Depois, embora Tas pudesse jurar que Par-Salian nunca dera um passo, viu-o no interior do círculo prateado, junto da figura inerte de Cysania. O mago inclinou-se para ela e Tas viu-o colocar qualquer coisa nas pregas das vestes dela. Depois, Par-Salian começou a entoar a linguagem de magia, movendo as mãos envelhecidas sobre ela, em círculos cada vez menores. Olhando rapidamente para Caramon, Tas avistou-o junto do círculo, com uma estranha expressão no rosto. Era a expressão de alguém que era pouco familiar num local mas que, mesmo assim, se sentia completamente em casa.

“É claro”, pensou Tas ansiosamente, “ele crescera com a magia.” Talvez isto fosse como estar de novo com o irmão.

Par-Salian levantou-se e o *kender* ficou chocado com a alteração que ocorrera no homem. O rosto dele envelhecera anos,

apresentava uma cor acinzentada e ele vacilou ao erguer-se. Fez um gesto para Caramon e o homem avançou, pisando cuidadosamente o pó prateado. O rosto fixo num transe de sonho, ficou silencioso ao lado da figura imóvel de Crysania.

Par-Salian retirou o dispositivo do bolso e estendeu-o a Caramon. O grande homem colocou a mão sobre ele e, por momentos, ficaram os dois a segurá-lo. Tas viu os lábios de Caramon moverem-se, embora não escutasse qualquer som. Era como se o guerreiro estivesse lendo para si mesmo, memorizando informações comunicadas através de magia. Depois, Caramon parou de falar. Par-Salian ergueu as mãos e, com o movimento, içou-se do chão e flutuou para fora do círculo, para as trevas sombrias do laboratório.

Tas já não conseguia ver, mas podia escutar a voz dele. A entoação aumentou de intensidade e, de súbito, uma parede de luz prateada jorrou do círculo traçado no chão. Era tão intensa que fez os olhos vermelhos e de rato de Tas arderem, mas o *kender* não podia desviar o olhar. Par-Salian gritava agora, com uma voz tão elevada que até as pedras da sala começaram a responder num coro de vozes que provinha das profundezas do solo.

Tas fiava a brilhante cortina de poder. No interior dela, podia avistar Caramon junto de Crysania, ainda segurando o dispositivo na mão. Depois, Tas soltou um pequeno ruído que não provocou mais barulho na sala do que a respiração de um rato. Podia ainda ver o laboratório através da cortina brilhante, mas agora parecia acender-se e apagar-se, como que lutando pela sua própria existência. E, quando se apagou, o *kender* avistou um outro lugar qualquer! Florestas, cidades, lagos e oceanos passaram diante de si, vindo e indo, pessoas avistadas por instantes e depois desaparecendo, substituídas por outras.

O corpo de Caramon começou a pulsar com a mesma regularidade das estranhas visões ao permanecer no interior da coluna de luz. Também Crysania umas vezes parecia presente, outras não.

Lágrimas rolaram pelo focinho agitado de Tas, deslizando-lhe pelos bigodes.

“Caramon vai iniciar a maior aventura de todos os tempos!” pensou o *kender*. “E vai me deixar para trás!”

Por um instante de tormento, Tas combateu consigo mesmo. Tudo o que no seu íntimo era lógico e consciencioso e semelhante a Tanis dizia-lhe: “Tasslehoff, não seja idiota. Isto é grande magia. E muito provável que estrague tudo!” Tas escutou essa voz, mas estava sendo arrastada pelos cânticos e pelo cantar das pedras e, em breve, desapareceu por completo...

Par-Salian nunca ouviu o pequeno guincho. Perdido lançando o feitiço, captou apenas um leve movimento pelo canto do olho. Muito tarde, avistou o rato saindo do esconderijo, dirigindo-se diretamente para a parede de luz prateada! Horrorizado, Par-Salian parou de entoar e as vozes das pedras morreram. No silêncio, podia agora escutar a voz baixa:

— Não me deixe, Caramon! Não me deixe! Sabe nos problemas em que se meteu sem mim!

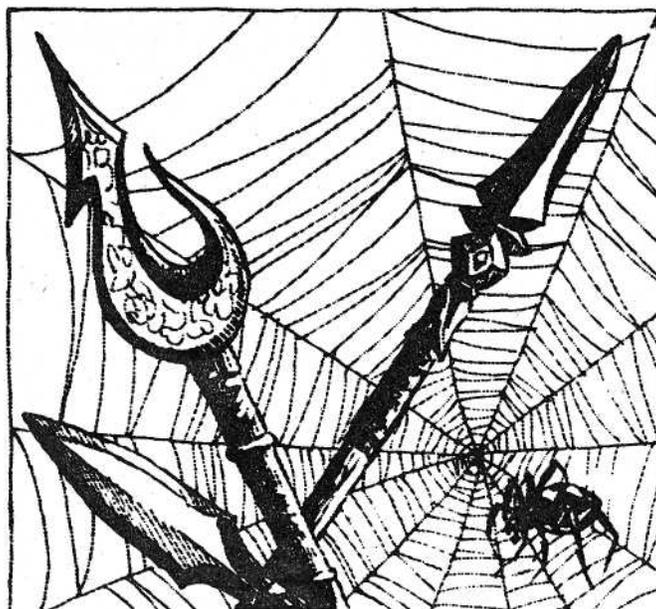
O rato correu através do pó prateado, deixando um rasto brilhante atrás de si e lançou-se para o círculo iluminado. Par-Salian escutou um pequeno ruído metálico e viu um anel rolar sobre o chão de pedra. Avistou uma terceira figura materializar-se no círculo e sentiu-se horrorizado. Depois, as figuras pulsantes desapareceram. A luz do círculo foi absorvida por um grande remoinho e o laboratório ficou mergulhado nas trevas.

Fraco e exausto, Par-Salian caiu no chão. O seu último pensamento, antes de perder a consciência, foi terrível.

Enviara um *kender* através do tempo.

LIVRO DOIS





CAPÍTULO 1

Denubis caminhava com passos lentos ao longo dos corredores largos, graciosos e repletos de luz do Templo dos Deuses, em Istar. Estava abstraído em pensamentos e o seu olhar fixava os padrões intrincados do chão de mármore. Uma pessoa poderia ser levada a pensar, ao vê-lo andar assim sem destino e preocupado, que o clérigo estava insensível ao fato de que caminhava no coração do universo. Mas Denubis não estava insensível a este fato, nem nunca o poderia esquecer. Com receio de que ele o esquecesse, o rei-sacerdote lembrava-o diariamente na sua chamada matinal para as orações.

— Somos o coração do universo — dizia o rei-sacerdote numa voz com uma musicalidade tão bela que, por vezes, as pessoas se esqueciam de escutar as suas palavras. — Istar, cidade adorada pelos deuses, é o centro do universo e nós, encontrando-nos no coração da cidade, somos, por esse fato, o coração do universo. Tal como o sangue flui do coração, trazendo alimento até ao menor dedo, assim a nossa fé e os nossos ensinamentos fluem deste

grande templo para o menor, para o mais insignificante de entre nós. Lembrem-se disto ao efetuarem as vossas tarefas diárias, pois vós que trabalhais aqui sois favorecidos pelos deuses. Tal como aquele que toca no fio mais fino da teia sedosa faz estremecer toda a teia, de igual modo a vossa menor ação poderá causar ondas de estremecimento por todo o Krynn.

Denubis sentiu um arrepio. Desejou que o rei-sacerdote não usasse essa metáfora em particular. Denubis detestava aranhas. Na verdade, detestava todos os insetos; algo que nunca admitira e sobre o qual, honestamente, sentia uma certa culpa. Não lhe era ordenado que amasse todas as criaturas, com exceção, é óbvio, das que tinham sido criadas pela Rainha das Trevas? Isso incluía ogros, gnomos, anões e outras raças más, mas Denubis não estava muito seguro quanto a aranhas. Cada dia que passava tencionava perguntar, mas sabia que isso iria ocasionar uma discussão filosófica que se estenderia por largo tempo entre os Veneráveis Filhos, e ele não achava que fosse motivo para tal. Secretamente, iria continuar a odiar aranhas.

Denubis bateu levemente na sua cabeça calva. Como fora levada a sua mente a pensar em aranhas? «Estou a ficar velho», pensou, com um suspiro. «Não tardarei a ser como o pobre Arabacus, não fazendo outra coisa todo o dia a não ser ficar sentado no jardim e dormir, até que alguém me desperte para jantar.» Perante este pensamento, Denubis suspirou de novo, mas era mais um suspiro de inveja do que de pena. Qual pobre Arabacus! Ao menos ele é poupado de...

— Denubis...

Denubis estacou. Olhando para um lado e para o outro do extenso corredor, não avistou ninguém. O clérigo estremeceu. Teria escutado aquela voz suave, ou seria apenas a sua imaginação?

— Denubis — surgiu de novo a voz.

Desta vez, o clérigo olhou com mais atenção para as sombras formadas pelas enormes colunas de mármore que suportavam o teto dourado. Uma sombra mais escura, um pedaço de negridão dentro das próprias trevas era agora perceptível. Denubis conteve uma exclamação de irritação. Combatendo o segundo estremecimento

que lhe percorreu o corpo, parou a sua caminhada e deslocou-se lentamente para a figura que permanecia nas sombras, sabendo que a figura nunca sairia das sombras para ir ao seu encontro. Não porque a luz fosse pernicioso para aquele que aguardava Denubis, tal como o é para algumas criaturas das trevas. Na verdade, Denubis perguntou a si mesmo se haveria alguma coisa à superfície deste mundo que pudesse ser pernicioso para este homem. Não, simplesmente ele preferia as sombras. «Uma maneira de chamar a atenção», pensou Denubis sarcasticamente.

— Chamou-me, Sr. Negro? — inquiriu Denubis numa voz que se esforçou por fazer soar agradável.

Viu o rosto nas sombras sorrir, e Denubis soube de imediato que todos os seus pensamentos eram bem conhecidos deste homem.

«Com os diabos!», praguejou Denubis em pensamento (hábito esse que o rei-sacerdote detestava mas que Denubis, um homem simples, nunca conseguira superar). «Por que razão o manterá o rei-sacerdote por aqui? Por que não o manda embora, como os outros que baniu?».

Disse estas palavras para si, obviamente, porque, bem no íntimo da sua alma, Denubis sabia a resposta. Este homem era demasiado perigoso, demasiado poderoso. Este não era como os outros. O rei-sacerdote mantinha-o tal como um homem mantém um cão feroz para proteger a sua casa; sabe que o cão atacará quando lhe for dado o comando, mas deve manter-se constantemente seguro de que a trela está bem presa. Se a trela alguma vez quebrassem, o animal atirar-se-ia à sua garganta.

— Lamento incomodá-lo, Denubis — proferiu o homem na sua voz suave —, sobretudo quando vejo que está embrenhado em pensamentos tão profundos. Mas um acontecimento de grande importância está a ocorrer, neste preciso momento. Leve um esquadrão de guardas do Templo e dirija-se à praça do mercado. Aí, na encruzilhada, encontrará uma Venerável Filha de Paladine. Está às portas da morte. E, aí, encontrará também o homem que a atacou.

Os olhos de Denubis abriram-se muito, cerrando-se depois com súbita suspeita.

— Como sabe isso? — inquiriu.

A figura no seio das sombras agitou-se e a linha negra formada pelos lábios finos alargou-se: a aproximação de um sorriso de homem.

— Denubis — admoestou a figura—, já me conhece há anos. Pergunta ao vento por que sopra? Interroga as estrelas para descobrir por que brilham? *Sei*, Denubis. Que isso seja suficiente para si.

— Mas... — Denubis levou a mão à cabeça, confuso. Isto ia requerer explicações, relatórios para as autoridades apropriadas. Uma pessoa não convocava assim tão facilmente um esquadrão dos guardas do Templo!

— Depressa, Denubis — disse o homem gentilmente. — Ela não viverá por muito tempo...

Denubis engoliu em seco. Uma Venerável Filha de Paladine, atacada! A morrer... na praça do mercado! Provavelmente, rodeada pelo povo. O escândalo! O rei-sacerdote iria ficar fortemente descontente...

O clérigo abriu a boca, mas fechou-a de novo. Olhou por momentos para a figura nas sombras e, vendo que não encontrava ali qualquer tipo de auxílio, Denubis deu meia volta e, as vestes esvoaçando, correu pelo corredor na direção de onde tinha vindo, as sandálias de couro estalando no chão de mármore.

Chegando ao aquartelamento central do capitão da guarda, Denubis conseguiu, com dificuldade, exprimir a sua solicitação ao tenente de serviço. Tal como previra, causou todo o tipo de distúrbios. Enquanto esperava que o próprio capitão aparecesse, Denubis atirou-se para uma cadeira e tentou recuperar o fôlego.

«A identidade do criador das aranhas poderia estar aberta a discussão», pensou Denubis com pesar, mas não havia qualquer dúvida na sua mente quanto ao criador *daquela* criatura das trevas que, de certeza, deveria encontrar-se oculta nas sombras, rindo-se dele.

— Tasslehoff!

O *kender* abriu os olhos. Por momentos, não fez idéia de onde se encontrava ou mesmo de quem era. Escutara uma voz chamando um nome que lhe pareceu vagamente familiar. Confuso, o *kender* olhou em redor. Estava por cima de um grande homem, estendido de costas no meio de uma rua. O homem enorme fitava-o com grande perplexidade, talvez porque Tas estava empoleirado em cima do seu grande estômago.

— Tas? — repetiu o grande homem e, desta vez, o rosto revelava surpresa. — Devias estar aqui?

— E... eu não estou bem certo — replicou o *kender*, tentando adivinhar quem seria o «Tas». Depois, tudo regressou à sua mente: ouvir o entoar de Par-Salian, tirar o anel do dedo, a luz ofuscante, as pedras cantantes, o grito horrível do mago...

— Claro que devia estar aqui — afirmou Tas irritado, bloqueando da memória o grito terrível de Par-Salian. — Não achas que te iam deixar vir para cá sozinho, pois não? — O *kender* estava praticamente de nariz encostado ao do grande homem.

O olhar surpreendido de Caramon transformou-se num franzir de testa.

— Não tenho certeza — murmurou —, mas não me parece que tu...

— Bom, agora estou aqui. — Tas rolou de cima do rotundo corpo de Caramon para aterrar nas pedras do pavimento por debaixo deles. — Seja onde for que «aqui» seja — disse, entre dentes. — Deixa-me ajudar-te a levantar — afirmou para Caramon, estendendo a pequena mão, na esperança que esta ação o tirasse da mente de Caramon. Tas não sabia se podia ser mandado de volta ou não, mas não tencionava descobri-lo.

Caramon esforçou-se por se erguer, «mais parecendo, à primeira vista, uma tartaruga virada ao contrário», pensou Tas com uma risada. Foi então que o *kender* reparou que Caramon estava vestido de uma maneira muito diferente de quando deixaram a torre. Nessa altura, ele usava a sua própria armadura (pelo menos os elementos que lhe serviam) e uma túnica larga de tecido fino, costurada com todo o cuidado por Tika.

Mas agora, usava um tecido grosso, cosido desleixadamente. Um colete em couro não tratado pendia-lhe dos ombros. O colete poderia ter tido outrora botões, mas se tal aconteceu, tinham agora desaparecido. «De qualquer forma, não eram necessários botões», pensou Tas, «pois não havia processo de o fazer cobrir o ventre saliente de Caramon». Calças largas de couro e botas também de couro, já remendadas, com um grande buraco por cima de um dedo, completavam o quadro de mau gosto.

— Ufa! — murmurou Caramon, cheirando. — Que cheiro horrível é este?

— És tu — disse Tas, apertando o nariz e acenando a mão, como se tal pudesse dissipar o odor. Caramon tresandava a bebida dos anões! *O kender* observou-o atentamente. Caramon estava sóbrio quando partiram e não havia dúvida que parecia estar sóbrio agora. Os seus olhos, se bem que confusos, mostravam-se límpidos e erguia-se direito, sem vacilar.

O grande homem olhou para baixo e, pela primeira vez, viu-se a si mesmo.

— Quê? Como? — perguntou, espantado.

— Seria de esperar — afirmou Tas severamente, observando as roupas de Caramon com desprezo — que os magos conseguissem arranjar uns trajes com um pouco mais de qualidade! Quero dizer, sei que este feitiço pode ser difícil no que diz respeito a roupa, mas, francamente...

Ocorreu-lhe um pensamento súbito. Receosamente, Tas olhou para baixo para as suas roupas, libertando depois um suspiro de alívio. Nada se modificara nele. Até as suas bolsas estavam com ele, perfeitamente intactas. Uma voz importuna dentro de si afirmava que isso talvez se devesse ao fato de a sua vinda não estar prevista, mas o *kender* limitou-se a ignorá-la.

— Bem, vamos ver onde estamos — disse Tas em tom alegre, unindo a ação às palavras. Tinha já adivinhado onde se encontravam, pelo odor: num beco. O *kender* torceu o nariz. E pensara ele que Caramon cheirava mal! Repleto de lixo e refugo de todos os tipos, o beco era escuro, imerso nas sombras devido a um enorme edifício de pedra. Tas podia afirmar que era de dia, olhando

para o fim do beco, onde podia avistar o que parecia ser uma rua agitada, apinhada de pessoas que andavam de um lado para o outro.

— Penso que é um mercado — afirmou Tas com interesse, começando a caminhar para o fim do beco, a fim de investigar.

— Para que cidade disseste que eles nos mandaram?

— Istar — ouviu Caramon murmurar atrás de si. Depois:

— Tas!

Detectando um tom de receio na voz de Caramon, o *kender* apressou-se a virar-se, levando a mão de imediato à pequena navalha que trazia no cinto. Caramon encontrava-se ajoelhado junto de qualquer coisa que jazia no beco.

— Que é? — chamou Tas, correndo para trás.

— Lady Crysania — disse Caramon, erguendo um manto preto.

— Caramon! — Tas sentiu-se horrorizado. — O que lhe fizeram? Teria a magia deles corrido mal?

— Não sei — afirmou Caramon suavemente —, mas temos de ir buscar auxílio. — Cobriu cuidadosamente o rosto ferido e ensangüentado da mulher com o manto.

— Eu vou — ofereceu-se Tas —, tu ficas aqui com ela. Esta não me parece ser uma zona amigável da cidade, se é que me entendes.

— Sim — respondeu Caramon, suspirando pesadamente.

— Vai correr tudo bem — replicou Tas, dando umas leves palmadas no ombro do grande homem, para o tranqüilizar. Caramon anuiu, mas nada disse. Depois, Tas voltou-se e correu pelo beco, em direção à rua. Chegando ao fim, alcançou o passeio.

— Socor... — começou, mas, nesse instante, uma mão firmou-se sobre o seu braço num aperto de ferro, içando-o do passeio.

— Então — disse uma voz severa —, onde vais?

Tas virou-se e avistou um homem de barbas, o rosto parcialmente oculto pela viseira brilhante do capacete, fitando-o com olhos negros e frios.

Guarda da cidade, apercebeu-se rapidamente o *kender*, pois dispunha já de grande experiência em relação a este tipo de personagem oficial.

— Ia precisamente procurar um guarda — disse Tas, tentando libertar-se e assumir, simultaneamente, um ar inocente.

— *Essa é uma história muito plausível, vinda de um kender!* — O guarda resfolegou, segurando Tas ainda com mais força. — Seria um acontecimento digno de registro em Krynn, se fosse verdade, disso não haveria dúvida.

— Mas, é verdade — replicou Tas, olhando para o homem indignado. — Uma amiga nossa está ali ferida.

Viu o guarda lançar um olhar para um homem em quem não tinha ainda reparado: um clérigo trajando vestes brancas. Tas alegrou-se.

— Oh? Um clérigo? Como...

O guarda tapou a boca do *kender* com a mão.

— Que lhe parece, Denubis? Ali fica o Beco dos Pedintes. Talvez algum deles tenha sido esfaqueado.

O clérigo era um homem de meia-idade, com pouco cabelo e um rosto bastante melancólico e sério. Tas viu-o olhar em redor da praça do mercado e abanar a cabeça.

— O Sr. Negro falou na encruzilhada, e é aqui ou por aqui. É melhor investigarmos.

— Muito bem. — O guarda encolheu os ombros. Destacando dois dos seus homens, viu-os avançarem com precaução pelo beco imundo. Mantinha a mão sobre a boca do *kender* e Tas, que asfixiava lentamente, soltou um som patético e aflitivo.

O clérigo, seguindo ansiosamente os guardas com o olhar, virou-se.

— Deixe-o respirar, capitão — disse.

— Depois teremos que o ouvir a tagarelar — resmungou o capitão irritado, mas retirou a mão da boca de Tas.

— Ele vai ficar calado, não vai? — perguntou o clérigo, fitando Tas com olhos gentis e, de alguma forma, preocupados. — Ele compreende como isto é sério, não compreende?

Sem saber muito bem se o clérigo se dirigia a ele ou ao capitão ou aos dois, Tas pensou que o melhor seria apenas anuir. Satisfeito, o clérigo voltou-se de novo para observar os guardas. Tas conseguiu libertar-se o suficiente do aperto do capitão para que,

também ele, pudesse ver. Viu Caramon levantar-se, gesticulando para o volume escuro e sem forma jazendo junto dele. Um dos guardas ajoelhou-se e puxou o manto para o lado.

— Capitão! — gritou, ao mesmo tempo que o outro guarda prendia imediatamente Caramon. Perplexo e irritado com aquele tratamento, o grande homem libertou-se do guarda. Este gritou e o seu companheiro ergueu-se. Avistou-se o brilho de metal.

— Raios! — praguejou o capitão. — Vigie este filho da mãe, Denubis! — Atirou Tasslehoff na direção do clérigo.

— Eu não deveria ir? — protestou Denubis, segurando em Tas quando o *kender* esbarrou nele.

— Não! — O capitão corria já pelo beco, empunhando a sua própria espada curta. Tas ouviu-o murmurar qualquer coisa como «grande bruto... perigoso».

— Caramon não é perigoso — protestou Tas, olhando preocupado para o clérigo chamado Denubis. — Eles não vão magoá-lo, não? O que se passa?

— Receio que não tardaremos a sabr — respondeu Denubis com voz severa, mas agarrando em Tas com tão pouca força que o *kender* poderia ter-se libertado facilmente. No início, Tas ponderou na hipótese de escapar. Não havia lugar melhor no mundo para uma pessoa se ocultar que uma praça de mercado. Mas o pensamento era apenas um reflexo, tal como a tentativa de Caramon para se libertar dos guardas. Tas não podia deixar o seu amigo.

— Não o magoarão, se ele se entregar pacificamente. — Denubis suspirou. — Contudo, se ele fez... — O clérigo estremeceu e, por momentos, ficou em silêncio. — Bom se ele fez aquilo, poderá encontrar aqui uma morte mais fácil.

— Fez o quê? — Tas estava cada vez mais confuso. Também Caramon parecia confuso, pois Tas viu-o erguer as mãos numa demonstração de inocência.

Mas, enquanto alegava a sua inocência, um dos guardas foi por detrás dele e atingiu-o na parte traseira dos joelhos com o cabo da lança. As pernas de Caramon dobraram-se. Quando vacilou, o guarda na sua frente deitou o grande homem ao chão com um potente soco no peito.

Caramon não atingira ainda o solo e já a ponta da lança estava apontada à sua garganta. Levantou as mãos debilmente, num gesto de rendição. Rapidamente, os guardas fizeram-no rolar sobre o estômago e ataram-lhe as mãos atrás das costas com veloz perícia.

— Faça-os parar! — gritou Tas, avançando. — Eles não podem fazer aquilo...

O clérigo segurou-o.

— Não, pequeno amigo, será melhor para si ficar comigo. Por favor — disse Denubis, agarrando Tas suavemente pelos ombros. — Não pode ajudá-lo, e só o fato de tentar tornará as coisas mais difíceis para si.

Os guardas puseram Caramon de pé e começaram a revistá-lo totalmente, chegando mesmo a introduzir as mãos no interior das calças de couro. Encontraram uma adaga no cinto, que foi entregue ao capitão, além de um frasco. Abrindo-o, cheiraram-no e atiraram-no fora, com repulsa.

Um dos guardas moveu-se para o vulto escuro no pavimento. O capitão ajoelhou-se e ergueu o manto. Tas viu-o abanar a cabeça. Depois o capitão, com o auxílio do outro guarda, levantou cuidadosamente o volume e os dois voltaram-se para sair do beco. Disse qualquer coisa a Caramon ao passar por ele. Tas escutou a palavra obscena com um choque, o mesmo acontecendo, aparentemente, com Caramon, pois o rosto do grande homem ficou mortalmente lívido.

Olhando para Denubis, Tas viu os lábios do clérigo comprimirem-se e os dedos sobre o ombro de Tas estremecerem.

Então, Tas compreendeu.

— Não! — murmurou suavemente com grande aflição. — Oh, não! Não podem pensar isso! Caramon não faria mal a um rato! Não foi ele quem feriu Lady Crysania! Estava apenas a tentar ajudá-la! Foi essa a razão que nos trouxe aqui. Bem, pelo menos uma das razões. Por favor! — Tas virou-se para enfrentar Denubis, unindo as mãos. — Por favor, tem de acreditar em mim! Caramon é um soldado. Já matou coisas, é claro que sim. Mas só coisas más, como draconianos e gnomos. Por favor, por favor, acredite em mim!

Mas Denubis limitou-se a fitá-lo severamente.

— Não! Como pode pensar uma coisa dessas? Detesto este lugar! Quero regressar a casa! — Tas chorava destrozado, vendo a expressão carregada e confusa de Caramon. Lançando-se num choro convulsivo, o *kender* afundou o rosto nas mãos e soluçou amargamente.

Então, Tas sentiu uma mão tocá-lo, hesitar e depois dar-lhe umas leves palmadas.

— Pronto, pronto — disse Denubis. — Terá oportunidade de contar a sua história. O mesmo se passará com o seu amigo. E, se forem inocentes, nada de mal lhes acontecerá. — Mas Tas ouviu o clérigo a suspirar. — O seu amigo tinha estado a beber, não tinha?

— Não! — Tas fungou, olhando para Denubis com uma expressão suplicante. — Nem uma gota, juro ...

A voz do *kender* desfaleceu, contudo, perante a visão de Caramon ao ser conduzido para fora do beco para a rua onde Tas e o clérigo se encontravam. O rosto de Caramon estava coberto de lama e sujidade do beco, e o sangue escorria-lhe de um corte no lábio. Os olhos mostravam-se esbugalhados e raiados de sangue, a expressão do rosto absorta e revelando medo. O legado das muitas rodadas de bebida que já tomara marcava-lhe visivelmente as faces salientes e vermelhas e os membros vacilantes. Uma multidão, que começara a aglomerar-se ao avistar os guardas, começou a escarnecê-lo.

Tas deixou cair a cabeça. «O que estava Par-Salian a fazer?», interrogou-se, confuso. «Teria alguma coisa corrido mal? Estariam mesmo em Istar? Estariam perdidos em algum lugar? Ou talvez isto se tratasse de algum pesadelo terrível...»

— Quem ... O que aconteceu? — perguntou Denubis ao capitão. — O Sr. Negro estava certo?

— Certo? Claro que sim. Alguma vez ouviu dizer que ele se enganava? — retorquiu o capitão. — Quanto a quem... não sei quem ela é, mas trata-se de um membro da sua ordem. Usa o medalhão de Paladine em redor do pescoço. Está bastante ferida. Na verdade, pensei que estivesse morta, mas apanhei um leve sinal de vida no pescoço.

— Acha que ela foi... ela foi... — começou Denubis.

— Não sei — afirmou o capitão severamente. — Mas foi espancada. Teve um tipo qualquer de ataque, parece-me. Tem os olhos bem abertos, mas não parece ver ou ouvir seja o que for.

— Temos de a conduzir de imediato para o templo — disse Denubis rispidamente, embora Tas detectasse um tremor na voz do homem. Os guardas dispersavam a multidão, segurando as lanças na frente e empurrando os curiosos para trás.

— Está tudo sob controle. Dispersem, dispersem. O mercado está prestes a fechar por hoje. É melhor terminarem as vossas compras enquanto têm tempo.

— Eu não a toquei! — afirmou Caramon, desolado. Tremia de terror. — Não a toquei — repetiu, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto.

— Sim, pois! — replicou o capitão. — Levem estes dois para as prisões — ordenou aos guardas.

Tas choramingou. Um dos guardas puxou por ele rudemente, mas o *kender*, confuso e atordoado, segurou-se às vestes de Denubis e recusou-se a soltá-las. O clérigo, a mão pousada sobre a forma sem vida de Lady Crysanía, virou-se quando sentiu as mãos do *kender* agarrarem-se a ele.

— Por favor — suplicou Tas —, por favor, ele está dizendo a verdade.

O rosto endurecido de Denubis suavizou-se.

— É um amigo leal — afirmou, gentilmente. — Característica pouco habitual num *kender*. Espero que a sua fé neste homem seja justificada. — Absorto, o clérigo afagou o topete de cabelo de Tas, com uma expressão triste. — Mas, deve compreender que, por vezes, quando um homem bebe, o álcool faz com que faça coisas...

— Vamos embora! — rosnou o guarda, puxando por Tas. — Deixa-te de representações. Não dará resultado.

— Não deixe que isto o perturbe, Venerável Filho — disse o capitão. — Sabe como são os *kenders*!

— Sim — replicou Denubis, de olhos em Tas, enquanto os dois guardas conduziam o *kender* e Caramon através da multidão na praça do mercado. — Sei exatamente como são os *kenders*. E esse é um muito especial. — Depois, abanando a cabeça, o clérigo voltou

de novo a sua atenção para Lady Crysania. — Se não se importar de continuar a segurá-la, capitão — disse, suavemente —, solicitarei a Paladine que nos conduza para o Templo com toda a velocidade.

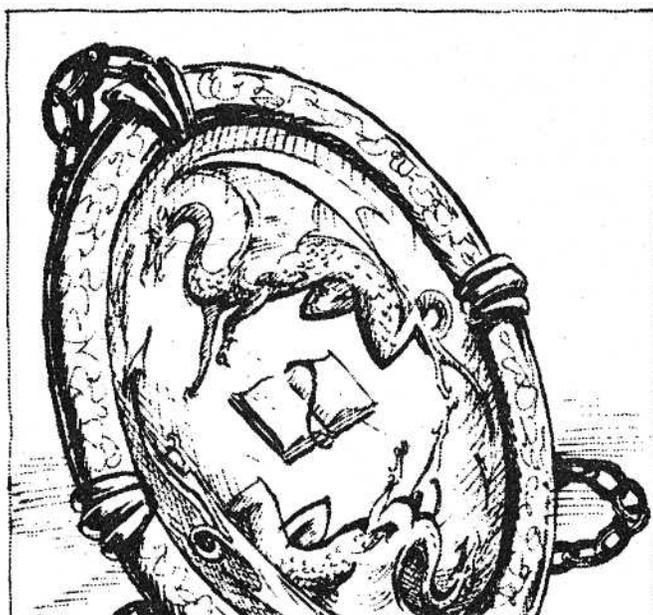
Tas, virando-se com dificuldade devido ao aperto do guarda, avistou o clérigo e o capitão da guarda completamente sós na praça do mercado. Surgiu um reflexo de luz branca e desapareceram.

Tas pestanejou e, esquecendo-se de olhar por onde ia, tropeçou. Caiu no pavimento de pedra, esfolando os joelhos e as mãos. Um aperto firme no colarinho fez com que se pusesse de pé e uma mão firme deu-lhe um empurrão nas costas.

— Vamos embora. Nada de truques.

Tas avançou, demasiado miserável e aborrecido para sequer olhar à sua volta. Virou-se para Caramon e o *kender* sentiu o coração doer-lhe. Subjugado pela vergonha e pelo medo, Caramon caminhava cegamente, com passos vacilantes.

— Não a toquei! — Tas ouviu-o murmurar. — Tem de haver algum engano...



CAPÍTULO 2

As bonitas vozes dos duendes erguiam-se cada vez mais alto, as suas doces notas, movendo-se em espiral pelas oitavas, como se transportassem as suas preces para os céus unicamente por subirem de escala. Os rostos das mulheres duendes, tocadas pelos raios do sol do acaso, penetrando através das elevadas janelas de cristal, estavam tingidos por um delicado rosa e os seus olhos brilhavam com uma inspiração ardente.

Os peregrinos que escutavam, choravam perante tão grande beleza, fazendo com que as vestes brancas e azuis do coro, vestes brancas para as Veneráveis Filhas de Paladine, vestes azuis para as Filhas de Mishakal, se desfocassem na sua visão. Muitos haveriam de jurar mais tarde que tinham visto as mulheres duendes serem transportadas para o céu e serem envolvidas por nuvens macias.

Quando a canção delas se lançou num crescendo de delicadeza, juntou-se a um coro de vozes masculinas profundas, mantendo os que rezavam e que se sentiam elevar-se como pássaros livres, presos ao solo, «apertando as asas, podia-se dizer»,

pensou Denubis carrancudo. Calculou que estivesse saturado. Também ele, quando era jovem, inundara a sua alma de lágrimas quando escutou, pela primeira vez, o *Hino da Noite*. Depois, com a passagem dos anos, tornara-se rotineiro. Recordava-se bem do choque que sentira quando se apercebera de que os seus pensamentos se tinham perdido durante a canção. Agora, era pior do que rotina. Tornara-se numa coisa irritante e maçadora. Na verdade, começara a detestar esta parte do dia e aproveitava todas as oportunidades para escapar.

Porquê? Atribuía muitas das culpas às mulheres duendes. «Discriminação racial», disse consigo mesmo, melancolicamente. Contudo, nada podia fazer contra isso. Todos os anos, um grupo de mulheres duendes, Veneráveis Filhas e outras, viajavam das gloriosas terras de Silvanesti para passarem um ano em Istar, devotando-se à igreja. Tal significava que cantavam o *Hino da Noite* ao fim do dia e passavam o resto do tempo a recordar a todos à sua volta que os duendes eram os favoritos dos deuses, criados primeiro do que qualquer outra raça, abençoados com um tempo de vida de centenas de anos. Contudo, ninguém, com exceção de Denubis parecia ficar ofendido com tal fato.

Esta noite, em particular, o cantar tornava-se irritante para Denubis porque estava preocupado com a jovem mulher que levara para o templo, naquela manhã. Na verdade, quase conseguira evitar vir esta noite, mas fora capturado no último instante por Gerald, um clérigo humano de idade, cujos dias em Krynn estavam contados e que encontrara o seu maior conforto na assistência das Orações da Noite. Provavelmente, refletiu Denubis, devido ao fato de o velho homem ser quase totalmente surdo. Sendo este o caso, tornara-se completamente impossível explicar a Gerald que ele, Denubis, tinha outro lugar para onde ir. Por fim, Denubis desistiu e deu o braço ao velho clérigo, para que este se apoiasse. Agora, Gerald encontrava-se ao seu lado, o rosto enlevado, imaginando, sem dúvida, o bonito nível para onde ele, um dia, haveria de ascender.

Denubis pensava nisto e na jovem mulher, de que não vira nem ouvira nada desde que a levara para o templo naquela manhã, quando sentiu um leve toque no braço. O clérigo deu um salto e

olhou em redor com ar comprometido, interrogando-se se a sua desatenção fora detectada e seria comunicada. No início, não conseguiu perceber quem lhe tocara, pois ambos os seus vizinhos estavam aparentemente perdidos nas suas orações. Então, sentiu de novo o toque e compreendeu que vinha de trás. Olhando nessa direção, viu que uma mão tinha deslizado discretamente através da cortina que separava a galeria, onde se encontravam os Veneráveis Filhos, das antecâmaras em redor da galeria.

A mão retrocedeu e Denubis, perplexo, deixou o seu lugar na linha e tateou desajeitadamente a cortina, tentando sair sem despertar demasiada atenção sobre si. A mão desaparecera e Denubis não conseguia encontrar a separação nas pregas das pesadas cortinas de veludo. Por fim, depois de ter a certeza de que todos os peregrinos tinham os olhos fixos nele com desprezo, encontrou a abertura e atravessou-a.

Um jovem acólito, de rosto suave e plácido, fez uma vênia ao clérigo corado e suado, como se nada fosse inoportuno.

— As minhas desculpas por interromper as suas orações da noite, Venerável Filho, mas o rei-sacerdote pede que o honre com alguns momentos do seu tempo, se isso for conveniente. — O acólito proferiu as palavras prescritas com uma cortesia tão casual que não teria parecido invulgar a qualquer observador se Denubis tivesse respondido: «Não, agora não. Há outras questões a que tenho de dar a minha assistência direta. Talvez mais tarde?»

Denubis, contudo, não disse nada que se parecesse. Empalidecendo visivelmente, murmurou qualquer coisa sobre «a honra ser toda dele», com a voz cada vez mais sumida. O acólito estava, no entanto, habituado a isto e, anuindo compreensivamente, voltou-se e seguiu à sua frente através dos corredores vastos, vazios e ventosos do templo, até aos alojamentos do rei-sacerdote de Istar.

Caminhando com rapidez atrás do jovem, Denubis não precisava de se interrogar sobre o que se trataria. Da jovem mulher, obviamente. Há mais de dois anos que não era chamado à presença do rei-sacerdote, e não poderia tratar-se de uma coincidência que ele fosse chamado no mesmo dia em que encontrara a Venerável Filha às portas da morte num beco.

«Talvez ela tivesse morrido», pensou Denubis tristemente. «O rei-sacerdote vai-me informar pessoalmente.» Seria sem dúvida uma atitude simpática da parte do homem. Não se coadunava com ele, talvez, com um homem que tinha tantos assuntos em mente em relação ao destino das nações, mas, mesmo assim, era uma atitude simpática.

Desejou que ela não tivesse morrido. Não apenas por ela, mas também pelo humano e pelo *kender*. Denubis tinha também pensado muito sobre eles. Sobretudo no *kender*. Como muitos outros em Krynn, Denubis não gostava muito de *kenders*, os quais não nutriam qualquer respeito por regras ou propriedades pessoais, quer suas quer dos outros. Mas este *kender* parecia diferente. A maioria dos *kenders* que Denubis conhecia (ou pensava conhecer) teria escapado ao primeiro sinal de encrenca. Este permanecera junto do enorme amigo com uma lealdade comovedora e chegara mesmo a falar em defesa do amigo.

Denubis abanou a cabeça tristemente. Se a rapariga morresse, eles teriam de enfrentar... Não, não podia pensar nisso. Murmurando uma oração a Paladine para que protegesse todas as pessoas envolvidas (se o merecessem), Denubis tentou libertar a mente destes pensamentos deprimentes e esforçou-se por admirar o esplendor da residência privada do rei-sacerdote do templo.

Tinha-se esquecido da beleza das paredes brancas de leite, reluzindo com uma suave luz própria que provinha, assim contava a lenda, das próprias pedras. Eram tão delicadas na sua forma e entalhe que brilhavam como grandes pétalas de rosas brancas, saltando do chão branco polido. Através delas corriam leves veios de azul-claro, suavizando a dureza do branco rigoroso.

As maravilhas da entrada deram lugar às belezas da antecâmara. Aqui, as paredes elevavam-se para suportarem a cúpula, tal como a prece de um mortal ascendia aos deuses. Havia frescos de deuses pintados em cores suaves. Também eles pareciam reluzir com uma luz própria: Paladine, o Dragão de Platina, Deus do Bem; Gilean do Livro, Deus da Neutralidade; até a Rainha das Trevas estava aqui representada, pois o rei-sacerdote nunca ofenderia expressamente um deus. Estava pintada com um dragão de cinco

cabeças, mas era um dragão tão brando e inofensivo que Denubis se perguntou se ela não se deitaria no chão e lamperia o pé de Paladine.

Contudo, só pensou em tal coisa mais tarde, refletindo. Naquele momento, sentia-se demasiado nervoso para observar sequer aquelas pinturas maravilhosas. O seu olhar estava fixo nas portas de platina cuidadosamente lavradas que davam acesso ao coração do templo propriamente dito.

As portas abriram-se, emitindo uma luz gloriosa. Chegara a altura da sua audiência.

A Câmara de Audiências dava a sensação, àqueles que ali vinham, da sua própria humildade. Este era o coração da bondade. Aqui estava representada a glória e o poder da Igreja. As portas abriam-se para dar lugar a uma enorme sala circular, com pavimento em granito branco polido. O pavimento seguia verticalmente para formar as paredes em pétalas de uma rosa gigantesca, elevando-se para apoiar uma grande cúpula. A própria cúpula era um cristal fosco que absorvia o brilho do sol e das luas. A sua radiação penetrava em todas as partes da sala.

Uma enorme onda arqueada de espuma marítima azul deslizava do centro do pavimento para uma alcova localizada do lado oposto à porta. Aqui, existia um único trono. Mais brilhante do que a luz que jorrava da cúpula, era a luz emanada deste trono.

Denubis entrou na sala de cabeça baixa e as mãos dobradas na sua frente, como exigiam as regras. Era noite e o sol já se tinha posto. A iluminação da câmara onde Denubis entrara era composta apenas por velas. No entanto, como sempre, Denubis sentia a impressão distinta de que entrara num pátio ao ar livre, banhado pela luz do sol.

Com efeito, os seus olhos ficaram momentaneamente ofuscados pelo brilho. Mantendo o olhar baixo, tal como estabelecia o protocolo, até lhe ser dado permissão para o erguer, avistou partes do pavimento e objetos, bem como de pessoas presentes na câmara. Via as escadas ao descê-las. Mas o esplendor que provinha da frente da sala era tão magnífico que ele não reparou literalmente em mais nada.

— Levanta os teus olhos, Venerável Filho de Paladine — proferiu uma voz, cuja musicalidade provocou lágrimas nos olhos de Denubis, aquém a música encantadora das mulheres duendes já não afetava.

Denubis olhou para cima, e a sua alma estremeceu de admiração. Dois anos tinham decorrido desde a última vez que estivera tão perto do rei-sacerdote, e o tempo perturbara-lhe a memória. Como era diferente observá-lo todas as manhãs à distância, vê-lo como se vê o sol aparecendo no horizonte, aquecer-se no seu calor, sentindo-se alegre com a sua luz. Como era diferente ser-se convocado à presença do sol, ficar na sua frente e sentir a alma enlevada pela pureza e claridade da sua luminosidade.

«Desta vez, hei de recordar-me», pensou Denubis severamente. Mas ninguém, depois de uma audiência com o rei-sacerdote, podia afirmar exatamente qual o aspecto dele. Na verdade, parecia sacrilégio sequer tentar fazê-lo, como se pensar nele em termos de mera carne fosse sacrilégio. Tudo o que qualquer pessoa recordava era apenas que tinha estado na presença de alguém incrivelmente belo.

A aura de luz rodeava Denubis e este sentiu-se imediatamente dilacerado pela mais terrível sensação de culpa pelas suas dúvidas, apreensões e interrogações. Em contraste com o rei-sacerdote, Denubis via-se a si mesmo como a criatura mais miserável sobre Krynn. Caiu de joelhos, suplicando perdão, quase totalmente inconsciente do que estava a fazer, sabendo unicamente que era a coisa adequada a fazer.

E o perdão foi concedido. A voz musical falou e Denubis foi de imediato envolvido por uma sensação de paz e tranquilidade. Erguendo-se, enfrentou o rei-sacerdote com uma humildade reverente e pediu para saber em que podia servi-lo.

— Trouxeste esta manhã para o templo uma jovem mulher, uma Venerável Filha de Paladine — disse a voz —, e sabemos que tens estado preocupado com ela, o que é natural e muito apropriado. Pensamos que te daria conforto saber que ela está bem e completamente recuperada das suas terríveis provações. Podes

também tranqüilizar a tua mente, Denubis, amado filho de Paladine, ao saber que não foi maltratada fisicamente.

Denubis ofereceu os seus agradecimentos a Paladine pela recuperação da jovem mulher e preparava-se para se colocar de lado e desfrutar por alguns momentos da luz gloriosa quando o sentido integral das palavras do rei-sacerdote fez eco na sua mente.

— Ela... ela não foi atacada? — conseguiu Denubis proferir.

— Não, meu filho — respondeu a voz, soando a um jovial hino.

— Paladine, na sua sabedoria infinita, apoderara-se da alma dela para ele próprio, e eu consegui, depois de longas horas de preces, rogar-lhe que nos devolvesse tal tesouro, dado que fora retirada, fora de tempo, do seu corpo. A jovem mulher descansa agora num sono restabelecedor de vida.

— Mas, e as marcas no rosto dela? — protestou Denubis, confuso. — O sangue...

— Não havia qualquer marca — afirmou o rei-sacerdote suavemente mas com um toque de reprovação, que fez Denubis sentir-se terrivelmente miserável. — Como te disse, ela não estava fisicamente maltratada.

— Fico inteiramente feliz por saber que estava enganado — respondeu Denubis com sinceridade. — Ainda mais porque tal significa que aquele homem que foi preso está inocente como afirmava e pode agora ser libertado.

— Sinto-me verdadeiramente agradecido, tal como tu estás agradecido, Venerável Filho, por saber que uma criatura neste mundo não cometeu um crime tão hediondo como a princípio receávamos. Contudo, quem entre nós é verdadeiramente inocente?

A voz musical fez uma pausa e parecia estar à espera de uma resposta. E as respostas chegavam. O clérigo escutou vozes murmuradas à sua volta fornecerem a resposta adequada e, pela primeira vez, Denubis teve consciência de que estavam outras pessoas presentes junto ao trono. Tal era a influência do rei-sacerdote que ele quase acreditara encontrar-se só com o homem.

Denubis murmurou a resposta a esta pergunta em conjunto com os outros e compreendeu subitamente, sem que alguém lhe tivesse dito, que estava dispensado da augusta presença. A luz já

não incidia diretamente sobre ele, voltara-se dele para outra pessoa. Sentindo-se como se tivesse passado de um sol brilhante para a sombra, desceu de costas e meio cego, as escadas. Aqui, no piso principal, conseguiu recuperar o fôlego, descontraí-lo e olhar à sua volta.

O rei-sacerdote estava sentado num dos cantos, rodeado de luz. Mas pareceu a Denubis que os seus olhos começavam a ficar acostumados à luz, por assim dizer, pois conseguia por fim reconhecer outros perto dele. Aqui encontravam-se reunidos os chefes das diversas ordens, Os Veneráveis Filhos e as Veneráveis Filhas. Conhecidos, quase em tom de brincadeira como «as mãos e pés do sol», eram estes que tratavam dos assuntos mundanos diários da igreja. Eram estes quem governava, Krynn. Mas estavam outros presentes, para além das altas autoridades da Igreja. Denubis sentiu o seu olhar ser arrastado para um canto da câmara, o único canto, segundo parecia, que se encontrava envolto nas sombras.

Aí estava uma figura vestida de negro, a sua negridão salientada pela luz do rei-sacerdote. Mas Denubis, estremeceu, teve a impressão distinta de que a escuridão estava meramente a aguardar, sabendo que, a seu devido tempo, o sol teria de se pôr.

O fato de descobrir que o Sr. Negro, como Fistandantilus era conhecido ali, tinha permissão para entrar na corte do rei-sacerdote, revelou-se um choque para Denubis. O rei-sacerdote estava a tentar libertar o mundo do mal, que, no entanto, estava aqui presente, na sua corte! Então, um pensamento reconfortante chegou à mente de Denubis: «Talvez, quando o mundo estivesse totalmente liberto do mal, quando a última das raças ogre tivesse sido eliminada, o próprio Fistandantilus fosse derrubado.»

Mas, no preciso momento em que pensava isto e sorria perante esse pensamento, Denubis viu o brilho frio dos olhos do mago voltar-se para ele. Denubis estremeceu e desviou rapidamente o olhar. Que contraste havia entre esse homem e o rei-sacerdote! Quando se encontrava sob a luz do rei-sacerdote, Denubis sentiu-se calmo e tranqüilo. Ao olhar para os olhos de Fistandantilus, sentiu-se forçado a recordar-se das trevas que existiam dentro de si.

E, sob o mirar daqueles olhos, viu-se subitamente a interrogar-se sobre o que o rei-sacerdote teria querido dizer com aquela declaração curiosa, «quem, de entre nós, é verdadeiramente inocente?».

Sentindo-se pouco à vontade, Denubis passou para uma antecâmara onde se encontrava uma gigantesca mesa de banquete.

O cheiro das comidas deliciosas e exóticas, trazidas de todo o Ansalon por peregrinos ou adquiridas nos enormes mercados ao ar livre de cidades tão distantes quanto Xak Tsaroth, fez Denubis recordar-se de que não comia desde a manhã. Indo buscar um prato, rodeou a maravilhosa comida, selecionando isto e aquilo. O prato estava já cheio e ainda só se encontrava a meio da mesa, a qual suspirava literalmente sob o seu peso aromático.

Um servente trouxe copos redondos de vinho aromático de duendes. Pegando num e, colocando o prato cheio numa das mãos e o vinho na outra, Denubis afundou-se numa cadeira e começou a comer com satisfação. Estava precisamente a desfrutar a combinação divinal de faisão assado e do sabor excelso do vinho de duendes quando uma sombra caiu sobre o seu prato.

Denubis olhou para cima, tossiu, engoliu o que tinha na boca e limpou o vinho que lhe escorria pelo queixo, embaraçado.

— Venerável Filho — afirmou com dificuldade, fazendo uma fraca tentativa para se erguer no gesto de respeito que o Chefe dos Irmãos merecia.

Quarath olhou-o com um divertimento sarcástico e acenou uma mão, languidamente.

— Por favor, Venerável Filho, não deixe que eu o perturbe. Não tenho qualquer intenção de interromper o seu jantar. Só queria conversar consigo. Talvez, quando tiver terminado...

— Estou mesmo... mesmo a terminar — apressou-se a afirmar Denubis, entregando o prato quase cheio e o copo a um servente que passava. — Parece que não tenho tanta fome como pensava. — Ao menos isso era verdade. Perdera completamente o apetite.

Quarath sorriu delicadamente, o seu fino rosto de duende, de feições finamente esculpidas, parecia ser feito de frágil porcelana, e

sorria sempre de forma cuidadosa, como se receasse que o rosto se quebrasse.

— Muito bem, se as sobremesas não o tentarem...

— Não, não, de forma alguma. Doces... são maus pa... para a digestão a uma ho... hora tão tardia...

— Nesse caso, acompanhe-me, Venerável Filho. Há muito que não conversamos os dois.

Quarath tomou o braço de Denubis com uma familiaridade casual, embora se tivessem passado meses desde a última vez que o clérigo vira o seu superior.

Primeiro o rei-sacerdote, agora Quarath. Denubis sentiu um nó frio no estômago. No momento em que Quarath o conduzia para fora da câmara de audiências, a voz musical do rei-sacerdote ergueu-se. Denubis olhou para trás, desfrutando por mais um momento daquela luz maravilhosa. Depois, ao desviar o olhar com um suspiro, fitou o mago de vestes negras. Fistandantilus sorriu e anuiu. Estremecendo, Denubis apressou-se a acompanhar Quarath, atravessando a porta.

Os dois clérigos caminharam por corredores suntuosamente decorados até alcançarem uma pequena divisão, a qual pertencia a Quarath. Também esta estava esplendidamente decorada no interior, mas Denubis sentia-se demasiado nervoso para reparar em qualquer pormenor.

— Por favor, sente-se, Denubis. Posso chamar-lhe assim, uma vez que nos encontramos confortavelmente sozinhos.

Denubis não sentia qualquer conforto, mas não havia dúvida de que se encontravam a sós. Sentou-se na extremidade da cadeira que Quarath lhe oferecera, aceitou um pequeno copo de licor que não bebeu, e aguardou. Quarath falou de assuntos insignificantes por alguns momentos, perguntando pelo trabalho de Denubis. Este traduzia passagens dos discos de Mishakal para a sua língua nativa, Solamnico, e outros assuntos nos quais não estava, obviamente, minimamente interessado.

Depois, após uma pausa, Quarath disse, casualmente:

— Não pude deixar de ouvir a pergunta que fez ao rei-sacerdote.

Denubis pousou o licor sobre uma mesa, as mãos tremendo-lhe de tal maneira que quase entornou.

— Eu... eu estava... simplesmente preocupado... acerca... acerca do jovem homem... que prenderam erroneamente — respondeu, com pouco vigor.

Quarath anuiu com gravidade.

— E com muita razão. Muito adequado. Está escrito que nos devemos preocupar com os nossos conterrâneos deste mundo. Fique bem, Denubis, e pode estar certo que registrarei esse fato no meu relatório anual.

— Muito obrigado, Venerável Filho — murmurou Denubis, não muito seguro do que deveria dizer.

Quarath não disse mais nada, ficando sentado a olhar o clérigo que se encontrava na sua frente, com os seus olhos oblíquos de duende.

Denubis limpou o rosto com a manga das suas vestes. Estava um calor inacreditável nesta sala. Os duendes tinham um sangue tão pouco espesso.

— Queria saber mais algum a coisa? — inquiriu Quarath suavemente.

Denubis respirou fundo.

— Senhor — afirmou com veemência —, e quanto ao homem? Será libertado? E o *kender*? — Sentiu-se subitamente inspirado. — Pensei que pudesse ajudar alguma coisa, guiá-los de novo para os caminhos do bem. Dado que o jovem está inocente...

— Quem de nós está verdadeiramente inocente? — interrogou Quarath, olhando para o teto, como se os próprios deuses pudessem escrever aí a resposta à sua pergunta.

— Estou certo de que essa é uma boa pergunta — respondeu Denubis humildemente —, e uma que merece, sem dúvida, ser estudada e discutida, mas este homem está, aparentemente, inocente. Pelo menos, tão inocente como possa estar de qualquer coisa... — Denubis fez uma pausa, levemente confuso.

Quarath sorriu tristemente.

— Ah, está a ver? — disse, abrindo as mãos e voltando o olhar para o clérigo. — A pele do coelho cobre o dente do lobo, como diz

o ditado. — Recostando-se na cadeira, Quarath fixou o teto mais uma vez. — Os dois vão ser vendidos nos mercados de escravos amanhã.

Denubis quase se levantou da cadeira.

— Quê? Meu senhor...

O olhar de Quarath fixou-se instantaneamente no clérigo, fazendo com que o homem ficasse como que petrificado onde se encontrava.

— Mais perguntas? Outra vez?

— Mas... ele está inocente! — foi tudo o que Denubis conseguiu pensar para dizer.

Quarath sorriu de novo, desta vez de forma cansada e indulgente.

— É um bom homem, Denubis. Um bom homem, um bom clérigo. Talvez um homem simples, mas bom. Não se trata de uma decisão tomada levemente. Interrogamos o homem. As suas declarações sobre o local de onde veio e sobre o que fazia em Istar são confusas, para não dizer pior. Se não tiver qualquer responsabilidade em relação aos ferimentos da rapariga, tem, seguramente, outros crimes que lhe rasgam a alma. Pelo menos isso é visível no seu rosto. Não dispõe de meios de subsistência nem foi encontrado dinheiro com ele. Trata-se de um vagabundo e é muito provável que se volte para o roubo se for deixado por sua conta. Estamos a fazer-lhe um favor ao arranjar-lhe um mestre que cuidará dele. Com o tempo, pode vir a ganhar a sua liberdade e, temos esperança, a sua alma será aliviada de todas as suas culpas. Quanto ao *kender*... — Quarath acenou uma mão negligente.

— O rei-sacerdote sabe? — conseguiu Denubis reunir coragem para perguntar.

Quarath suspirou e, desta vez, o clérigo avistou uma leve ruga de irritação aparecer na testa suave do duende.

— O rei-sacerdote tem assuntos de importância mais premente em que pensar, Venerável Filho Denubis — retorquiu, friamente. — Ele é tão bom que a dor do sofrimento deste homem o perturbaria durante dias. Não disse especificamente que o homem deveria ser

libertado, pelo que simplesmente tiramos o peso desta decisão dos seus pensamentos.

Avistando o rosto de Denubis cheio de dúvidas, Quarath sentou-se para a frente, fitando o clérigo com um franzir de testa.

— Muito bem, Denubis, se quer saber, houve circunstâncias muito estranhas em respeito à descoberta da jovem mulher. Ainda por cima, tanto quanto soubemos, foi instigada pelo Sr. de Negro.

Denubis engoliu em seco e voltou a mergulhar na cadeira. A sala já não parecia quente. Tremia.

— Isso é verdade — afirmou, em tom miserável, passando a mão pelo rosto. — Ele encontrou-se comigo...

— Eu sei! — interrompeu Quarath. — Ele contou-me. A jovem mulher ficará aqui conosco. É uma Venerável Filha. Usa o medalhão de Paladine. Também ela está de certa forma confusa, mas tal seria de esperar. Podemos ficar de olho nela. Mas estou certo que compreenderá como é impossível deixarmos assim em liberdade aquele homem. Nos dias de outrora, tê-lo-iam lançado para uma masmorra e não voltariam a pensar no assunto. Nós somos mais iluminados. Trataremos de lhe arranjar um lar apropriado e, simultaneamente, poderemos vigiá-lo.

«Para Quarath, o fato de um homem ser vendido como escravo não passava de um ato de caridade», pensou Denubis confuso. «Talvez fosse. Talvez eu esteja errado. Tal como ele diz, sou um homem simples.» Meio tonto, ergueu-se da cadeira. A comida exótica que comera pesava-lhe no estômago como uma pedra. Murmurando uma desculpa ao seu superior, dirigiu-se para a porta. Quarath também se levantou, com um sorriso conciliatório no rosto.

— Venha visitar-me outra vez, Venerável Filho — disse, junto da porta. — E não receie interrogar-nos. É assim que aprendemos.

Denubis anuiu, entorpecido, e depois fez uma pausa.

— Nesse caso, eu... eu tenho uma outra pergunta — afirmou, hesitante. — Fez referência ao Sr. Negro. O que sabe dele? Quero dizer, por que razão ele está aqui? Ele... assusta-me.

O rosto de Quarath revelou-se grave, mas não pareceu ficar ofendido com a pergunta. Talvez estivesse aliviado por a mente de Denubis se ter voltado para outro assunto.

— Quem sabe seja o que for sobre os meios dos utilizadores de magia — respondeu —, a não ser que os seus meios não são os nossos, nem mesmo os meios dos deuses? Foi por essa razão que o rei-sacerdote se viu forçado a libertar Ansalon dessas pessoas, tanto quanto possível. Agora, vivem encarcerados na sua única Torre de Alta Feitiçaria que lhes resta, naquela floresta de Wayreth. Em breve, até isso desaparecerá, à medida que o seu número decrescer, uma vez que encerramos as escolas. Ouviu cantar sobre a maldição da Torre em Palanthas?

Denubis anuiu em silêncio.

— Que acidente terrível! — Quarath franziu o cenho. — Serve para lhe mostrar como os deuses amaldiçoaram estes feiticeiros, arrastando aquela pobre alma para tal loucura que se lançou sobre os portões, apaziguando a ira dos deuses e encerrando a torre para sempre, assim acreditamos. Mas, o que estávamos nós a discutir?

— Fistandantilus — murmurou Denubis, lamentando o fato de ter levantado a questão. Agora, tudo o que queria era regressar ao seu quarto e tomar o pó para o estômago.

Quarath ergueu o cenho.

— Tudo o que sei dele é que já cá estava quando cheguei, há uns cem anos atrás. É velho, muito mais velho do que muitos dos meus parentes, pois há muito poucos, mesmo dos mais velhos da minha raça, que se recordem de um tempo em que o seu nome não era murmurado. Mas é humano e, portanto, deve servir-se das suas artes mágicas para manter a vida. Como, nem me atrevo a imaginar. — Quarath olhou para Denubis intensamente. — Compreende agora, por certo, por que razão o rei-sacerdote o mantém na corte?

— Teme-o? — inquiriu Denubis inocentemente.

O sorriso de porcelana de Quarath tornou-se fixo por momentos, transformando-se depois num sorriso de um pai explicando uma questão simples a uma criança aborrecida.

— Não, Venerável Filho — disse, pacientemente. — Fistandantilus é de grande utilidade para nós. Quem melhor conhece o mundo? Ele viajou por todo o lado. Conhece as línguas, os costumes, o saber de todas as raças em Krynn. O seu conhecimento é vasto. É útil ao rei-sacerdote, pelo que permitimos que permaneça

aqui, em lugar de o banirmos para Wayreth, tal como banimos os seus companheiros.

Denubis anuiu.

— Compreendo — disse, sorrindo francamente. — E... e agora, devo ir. Obrigado pela sua hospitalidade, Venerável Filho, e por esclarecer as minhas dúvidas. Eu... eu sinto-me muito melhor agora.

— Fico satisfeito por ter podido ajudar — replicou Quarath gentilmente. — Que os deuses lhe confirmem um sono tranqüilo, meu filho.

— E a si também — murmurou Denubis em resposta e saiu, escutando, com alívio, a porta a fechar-se atrás dele.

O clérigo passou com rapidez pela câmara de audiências do rei-sacerdote. A luz jorrava da porta e o som da voz doce e musical arrastava-lhe o coração ao caminhar, mas receou ficar doente e assim resistiu à tentação de regressar.

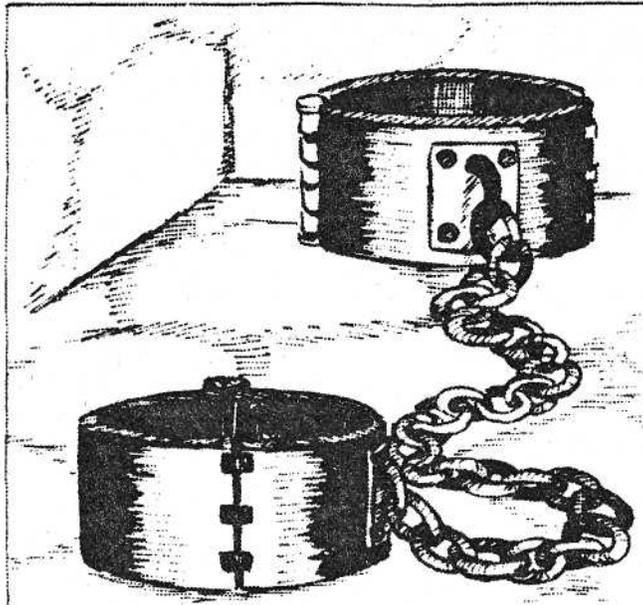
Desejando a paz do seu quarto tranqüilo, Denubis atravessou rapidamente o templo. Perdeu-se uma vez, virando numa curva errada em corredores que se cruzavam. Mas um servo gentil conduziu-o para a direção que ele devia tomar para alcançar a parte do templo onde vivia.

Esta parte era austera, comparada com as instalações onde o rei-sacerdote e a corte residiam, embora estivesse presente o luxo concebível segundo os critérios de Krynn. Mas, ao caminhar pelos corredores, Denubis pensou como seria acolhedor e confortável a suave luz das velas. Outros clérigos passaram por ele com sorrisos e murmurando saudações de boa-noite. Era aqui que ele pertencia. Era simples, tal como ele.

Libertando um outro suspiro de alívio, Denubis chegou ao seu pequeno quarto e abriu a porta (não existia nada trancado no templo, o que seria considerado como desconfiança em relação aos companheiros) e começou a entrar. Depois parou. Pelo canto do olho tinha avistado movimento, uma sombra escura no seio se sombras ainda mais escuras. Fitou o corredor com intensidade. Nada. Estava vazio.

Estou a ficar velho. Os meus olhos estão a pregar-me partidas, disse Denubis a si mesmo, abanando a cabeça. Penetrando no

quarto, as suas vestes brancas sussurrando em redor dos tornozelos, fechou a porta firmemente e foi buscar o pó para o estômago.



CAPÍTULO 3

Uma chave fez ruído na tranca da porta da cela.

Tasslehoff estava sentado direito. Uma luz pálida rastejava para a cela através de uma pequena janela com barras, construída bem alto na parede espessa de pedra. «Amanheceu», pensou, sonolento. A chave provocou novo ruído, como se o carcereiro estivesse com dificuldades em abrir a tranca. Tas lançou um olhar intranquilo a Caramon, que se encontrava do outro lado da cela. O grande homem estava deitado na laje de pedra que constituía a sua cama sem se mover ou sem dar qualquer indício de que escutara o barulho.

«Mau sinal», pensou Tas ansiosamente, sabendo que o guerreiro bem treinado (quando não estava embriagado) teria, noutros tempos, despertado com o som de passos fora da cela. Mas Caramon não se movera nem falara desde que os guardas os trouxeram para ali, no dia anterior. Recusara comida e água (embora Tas lhe tivesse assegurado que era melhor do que a comida de muitas prisões). Limitou-se a ficar deitado na laje de pedra, fitando o

teto, até que anoiteceu. Depois moveu-se, pelo menos um pouco: fechara os olhos.

A chave provocava um ruído mais forte e, a acrescentar a esse ruído, escutava-se o praguejar do carcereiro. Apressadamente, Tas ergueu-se e atravessou o chão de pedra, retirando palha do cabelo e alisando as roupas ao fazê-lo. Localizando um banco envelhecido num dos cantos, o *kender* arrastou-o para a porta, subiu e espreitou, através da janela com barras na porta, para o carcereiro do outro lado.

— Bom dia — afirmou Tas alegremente. — Está com problemas?

O carcereiro deu um salto para trás perante o som inesperado e quase deixou cair as chaves. Era um homem baixo, enfezado e cinzento como as paredes. Olhando para cima, para o rosto do *kender*, através das barras, o carcereiro grunhiu e, inserindo a chave na tranca mais uma vez, empurrou-a e vibrou vigorosamente. Um homem que se encontrava atrás do carcereiro franziu o cenho. Era um homem bem constituído, trajando roupas finas e envolto numa capa de pele de urso, que o protegia do frio da manhã. Na mão tinha uma peça de ardósia com um pedaço de giz preso por um fio de couro.

— Despache-se — resmungou o homem para o carcereiro. — O mercado abre ao meio dia e tenho de ter esta gente lavada e com bom aspecto até lá.

— Deve estar partida — murmurou o carcereiro.

— Oh, não, não está partida — disse Tas, em tom de ajuda. — Na verdade, para ser sincero, acho que a sua chave entraria perfeitamente se o meu gancho não estivesse no caminho.

O carcereiro baixou lentamente as chaves e ergueu os olhos para fitar malignamente o *kender*.

— Tratou-se de um acidente muito estranho — prosseguiu Tas. — Sabe, ontem à noite estava bastante aborrecido. Caramon adormeceu cedo e você tinha-me tirado todas as minhas coisas, por isso, quando por acaso descobri que você não reparara no gancho que guardo na meia, decidi experimentá-lo nesta porta, só para ter qualquer coisa para fazer, compreende, para ver que tipo de cadeias

são construídas por aqui. A propósito, vocês constroem boas cadeias por cá — afirmou Tas solenemente. — Uma das melhores em que jamais estive... Ah, uma das melhores que jamais vi. Já agora, o meu nome é Tasslehoff Burrfoot. — O *kender* introduziu a mão por entre as barras para o caso de algum deles a querer apertar. Não o fizeram. — E sou de Solace. Tal como o meu amigo. Estamos aqui numa espécie de missão, por assim dizer... Oh, sim, a fechadura. Bom, não precisa de olhar desse modo para mim, a culpa não foi *minha*. Na verdade, foi a sua estúpida fechadura que partiu o meu gancho! E, ainda por cima, um dos melhores. Pertencia ao meu pai — afirmou o *kender* tristemente. — Deu-me no dia em que atingi a maioridade. Penso, sinceramente — acrescentou Tas numa voz austera —, que podia ao menos pedir-me desculpa.

Perante isto, o carcereiro emitiu um som estranho, uma espécie de resfolegar e uma explosão. Abanando a enorme argola onde guardava as chaves em direção ao *kender*, disse qualquer coisa incoerente como «apodrecer na cela para sempre» e preparava-se para se ir embora quando o homem de capa de pele de urso o agarrou.

— Onde pensa que vai? Preciso do homem que está lá dentro.

— Eu sei, eu sei — lamentou-se o carcereiro numa voz fina —, mas terá que esperar que o serralheiro...

— Impossível. Tenho ordens para levá-lo hoje para o mercado.

— Bem, nesse caso, é melhor pensar numa maneira de tirá-los dali. — O carcereiro escarneceu. — Arranje um novo gancho ao *kender*. Agora, quer os outros ou não?

Começou a afastar-se, deixando o homem de pele de urso a fitar pensativamente a porta.

— Sabe de onde recebo as minhas ordens — disse, em tom ominoso.

— As minhas ordens vêm exatamente do mesmo local — replicou o carcereiro por cima do ombro ossudo —, e se não lhes agradar a eles, que venham *rezar* para abrir a porta. Se isso não resultar, podem esperar pelo serralheiro, como qualquer outra pessoa.

— Vão libertar-nos? — inquiriu Tas ansiosamente. — Se vêm, podemos dar uma ajuda... — Então, um pensamento súbito passou-lhe pela mente. — Não nos vão executar, pois não? Porque, nesse caso, penso que o melhor é esperarmos pelo serralheiro...

— Executar! — resmungou o homem de pele de urso. — Há dez anos que não há uma execução em Istar. A Igreja proibiu esses atos.

— É, uma morte rápida e limpa era demasiado bom para um homem — troçou o carcereiro, que se virara de novo. — O que quer dizer com dar uma ajuda, sua pequena besta?

— Bom — hesitou Tas —, se não nos vão executar, o que vão então fazer conosco? Por acaso não estão a pensar em nos deixar seguir em liberdade? Afinal de contas, estamos inocentes. Quero dizer, nós não...

— Não vou fazer nada *consigo* — replicou o homem de pele de urso, sarcasticamente. — É o seu amigo que quero. E não, não o vão deixar seguir em liberdade.

— Uma morte rápida e limpa — murmurou o velho carcereiro, sorrindo sem dentes. — E ainda por cima, reunia sempre uma boa multidão para observar. Fazia um homem sentir que a sua morte significava qualquer coisa, o que é precisamente o que Harry Snaggle me disse quando o levaram para ser enforcado. Esperava que houvesse bastante gente a assistir, e havia mesmo. Até lhe fez a lágrima vir ao olho. «Toda esta gente», disse-me ele, «desperdiçando o seu feriado para se virem despedir de mim». Um cavalheiro até ao fim.

— Ele vai para o mercado! — disse o homem de pele de urso em voz alta, ignorando o carcereiro.

— Rápida e limpa. — O carcereiro abanou a cabeça.

— Bem — disse Tas, com dúvidas —, não tenho bem a certeza do que isso quer dizer, mas se vai realmente deixar-nos sair, talvez Caramon possa ajudar.

O *kender* desapareceu da janela e ouviram-no gritar.

— Caramon, acorda! Querem-nos fazer sair e não conseguem abrir a porta e receio que a culpa seja minha, bom, em parte...

— Compreende que vai ter de levar os dois — afirmou o carcereiro astuciosamente.

— Quê? — O homem de pele de urso virou-se para fitar o carcereiro. — Tal nunca foi mencionado...

— Eles devem ser vendidos em conjunto. Essas são as *minhas* ordens e, uma vez que as suas ordens e as minhas ordens têm a mesma origem...

— Isso está escrito? — O homem franziu o cenho.

— É claro. — O carcereiro mostrava-se convencido.

— Vou perder dinheiro! Quem irá comprar um *kender*?

O carcereiro encolheu os ombros. Isso não lhe dizia respeito.

O homem de pele de urso abriu outra vez a boca mas fechou-a em seguida, quando um outro rosto surgiu na porta da cela. Desta vez não era o *kender*. Era o rosto de um humano, de um homem jovem, com cerca de 28 anos. O rosto poderia ter sido bonito outrora, mas agora a linha do queixo estava deformada de gordura, os olhos castanhos sem brilho, o cabelo encaracolado numa massa confusa e emaranhado.

— Como está Lady Crysania?

O homem de pele de urso pestanejou, confuso.

— Lady Crysania. Levaram-na para o templo — repetiu Caramon.

O carcereiro deu uma cotevelada nas costelas do homem de pele de urso.

— Você sabe... a mulher que ele espancou.

— Eu não a toquei — afirmou Caramon calmamente. — Agora, como está ela?

— Isso não lhe diz respeito — respondeu violentamente o homem de pele de urso, recordando-se subitamente das horas. — Você é serralheiro? O *kender* mencionou algo de que você poderia abrir a porta.

— Não sou serralheiro — replicou Caramon —, mas talvez possa abri-la. — Os seus olhos fixaram o carcereiro. — Se não se importar que ela se parta.

— A fechadura já está partida! — respondeu o carcereiro. — Não vejo que danos maiores você possa provocar, a menos que

deitasse a porta abaixo.

— É o que tenciono fazer — disse Caramon friamente.

— Deitar a porta abaixo? — gritou o carcereiro. — É idiota! Como...

— Espere. — O homem de pele de urso avistara os ombros de Caramon e o seu pescoço de touro através das barras na porta. — Vamos ver isto. Se ele o fizer pago os prejuízos.

— Pode apostar que sim! — respondeu o carcereiro. O homem de pele de urso fitou-o pelo canto do olho e o carcereiro ficou em silêncio.

Caramon fechou os olhos e respirou fundo por diversas vezes, expirando lentamente. O homem de pele de urso e o carcereiro afastaram-se da porta. Caramon desapareceu de vista. Ouviram um rosnado e o som de um tremendo golpe atingindo a sólida porta de madeira. Com efeito, a porta estremeceu nas dobradiças, e mesmo as paredes de pedra pareceram vibrar com a força do golpe. Mas a porta manteve-se firme. O carcereiro, contudo, recuou mais um passo, de boca muito aberta.

Soou outro rosnado do interior da cela e, depois, mais um golpe. A porta explodiu com tal força que os únicos fragmentos remanescentes e reconhecíveis eram as dobradiças retorcidas e a fechadura ainda presa à armação da porta. A força desenvolvida por Caramon a fez voar para o corredor. Sons abafados de aclamação podiam ser escutados das celas vizinhas, onde outros prisioneiros tinham os rostos colados às grades.

— Há de pagar isto! — virou-se o carcereiro para o homem de pele de urso.

— Vale cada centavo — disse o homem, ajudando Caramon a levantar-se e a sacudir a poeira de cima dele, ao mesmo tempo que o observava com olhos críticos. — Tem andado a comer demasiado bem, não é? Aposto que também gosta do seu copo? Foi provavelmente o que o trouxe para aqui. Bom, não interessa. Isso será remediado em breve. O nome é... Caramon?

O grande homem anuiu, sombriamente.

— E eu sou Tasslehoff Burrfoot — disse o *kender*, passando pela porta despedaçada e estendendo de novo a mão. — Vou para

todo o lado com ele, absolutamente para todo o lado. Prometi a Tika que assim faria e...

O homem de pele de urso escrevia qualquer coisa na ardósia e limitou-se a olhar para o *kender* distraidamente.

— Mmmmm, compreendo.

— Bom — prosseguiu o *kender*, enfiando a mão na algibeira com um suspiro —, se nos tirar agora estas correntes dos nossos pés, será sem dúvida mais fácil caminhar.

— Não duvido — murmurou o homem de pele de urso, anotando alguns números na ardósia. Somando-os, sorriu. — Vamos então — solicitou o carcereiro. — Vá buscar os outros que tem para mim hoje.

O velho homem seguiu caminho não sem antes lançar um olhar maligno para Tas e Caramon.

— Vocês dois, sentem-se ali junto da parede até estarmos prontos para partir — ordenou o homem de pele de urso.

Caramon agachou-se no chão, esfregando o ombro. Tas sentou-se ao lado dele, com um suspiro de felicidade. O mundo fora da cela da prisão já parecia mais alegre. Tal como dissera a Caramon: «Assim que estivermos fora daqui, teremos uma oportunidade! Não temos oportunidade alguma, aqui encarcerados.»

— Oh, a propósito — disse Tas para o carcereiro que se afastava —, não se importa de tratar para que o meu gancho me seja devolvido? Valor sentimental, sabe.

— Uma oportunidade, huh? — disse Caramon para Tas, quando o ferreiro se preparava para trancar o colar de ferro. Levava algum tempo a encontrar um suficientemente largo e Caramon fora o último dos escravos a ter este sinal de cativo colocado em redor do pescoço. O grande homem estremeceu de dor quando o ferreiro soldou a tranca com um ferro em brasa. Sentiu-se um cheiro a carne queimada.

Tas arrastava miseravelmente o seu colar e estremeceu em simpatia pelo sofrimento de Caramon.

— Lamento — disse, soluçando —, não sabia o que ele queria dizer com «ir para o mercado»! Pensei que seria um local de

encontro, ou qualquer coisa assim. Falam de um modo bastante estranho por aqui. Honestamente, Caramon...

— Não tem importância — replicou Caramon com um suspiro.
— A culpa não é tua.

— Mas a culpa é de alguém — afirmou Tas, Pensativamente, observando com interesse o ferreiro a passar um pouco de gordura por cima da queimadura de Caramon, inspeccionando depois o seu trabalho com olhar crítico. Mais do que um ferreiro em Istar tinha perdido o emprego quando surgia um dono de escravos, exigindo retribuição por um escravo que escapara por ter conseguido abrir o colar.

— Que queres dizer? — murmurou Caramon, o rosto adquirindo aquele aspecto resignado e vazio.

— Bem — sussurrou Tas, olhando para o ferreiro —, pára para pensar. Vê como estavas vestido quando aqui chegamos. Parecias mesmo um desordeiro. Depois apareceu aquele clérigo com os guardas, como se estivessem à nossa espera. E Lady Crysania, com o aspecto com que estava.

— Tens razão — disse Caramon, um lampejo de vida surgindo nos seus olhos mortiços. O brilho tornou-se mais forte, iniciando um autêntico fogo. — Raistlin — murmurou. — Ele sabe que vou tentar impedi-lo. Foi ele o autor disto!

— Não estou assim tão certo — afirmou Tas, após alguma reflexão. — Quero dizer, não teria sido mais provável que fizesse com que te queimassem ou te enforcassem, ou qualquer coisa assim?

— Não! — replicou Caramon, e Tas vislumbrou excitação nos olhos dele. — Não compreendes? *Ele quer* que regresse... para fazer alguma coisa. Ele não nos mataria. Aquele... aquele duende negro que trabalha para ele disse-nos isso, lembra-se?

Tas olhou com certa dúvida e preparava-se para dizer qualquer coisa mas, naquele instante, o ferreiro fez levantar o guerreiro. O homem de pele de urso que estivera a espreitá-los impacientemente da porta da oficina do ferreiro, fez sinal para dois dos seus escravos pessoais. Apressando-se a entrar, agarraram violentamente Caramon e Tas, alinhando-os com os outros escravos. Surgiram mais dois

escravos que começaram a unir as correntes das pernas de todos os escravos. Depois, perante um gesto do homem de pele de urso, a cadeia viva e destroçada de homens, semi-duendes e dois gnomos avançou.

Não tinham dado mais de três passos quando se viram envolvidos uns nos outros devido a Tasslehoff, que, enganando-se, avançara na direção errada.

Depois de muito praguejar e de algumas chicotadas com uma vara de salgueiro (vendo primeiro se havia algum clérigo em redor), o homem de pele de urso pôs a fila em movimento. Tas saltava, tentando colocar-se em fila. Depois de *o kender* ter sido arrastado de joelhos por duas vezes, pondo outra vez o alinhamento em perigo, Caramon decidiu envolver o grande braço em redor da cintura de Tas, erguendo-o, com correntes e tudo, e transportou-o no ar.

— Até foi engraçado — comentou Tas, sem fôlego. — Sobretudo quando caí. Viste a cara daquele homem? Eu...

— Que querias dizer lá atrás? — interrompeu Caramon. — O que te leva a pensar que Raistlin não está por detrás disto?

O rosto de Tas ficou sério e pensativo, coisa pouco habitual nele.

— Caramon — disse, após alguns instantes, colocando os braços em redor do pescoço de Caramon e falando-lhe para o ouvido, por forma a poder ser escutado por cima do barulho das correntes e do ruído das ruas da cidade. — Raistlin deve ter estado terrivelmente ocupado, com essas coisas todas para viajar através do tempo. Pensa bem, levou dias a Par-Salian para lançar o feitiço de viajar no tempo, e ele é um mago realmente poderoso. Por isso, deve ter exigido muito da energia de Raistlin. Como poderia ele ter feito a magia e provocar-nos tudo isto, ao mesmo tempo?

— Bem — disse Caramon, franzindo o cenho. — Se não foi ele, quem foi?

— E que tal... Fistandantilus? — murmurou Tas dramaticamente. Caramon susteve a respiração e o seu rosto tornou-se sombrio.

— Ele... ele é um feiticeiro verdadeiramente poderoso — recordou-lhe Tas —, e, bem, não fizeste qualquer segredo de que vinhas aqui para... uh... bem, lhe tratares da saúde, por assim dizer. Isto é, até disseste isso mesmo na Torre de Alta Feitiçaria. E *sabemos* que Fistandantilus pode andar pela Torre. Foi aí que encontrou Raistlin, não foi? E se ele lá estava nesse momento e te ouviu? Penso que ficaria realmente fulo.

— Bah! Se ele é assim tão poderoso, poderia ter-me liquidado logo ali! — retorquiu Caramon.

— Não, não poderia — disse Tas, com firmeza. — Escuta, já refleti bem no assunto. Ele não pode matar o irmão do seu próprio discípulo. Sobretudo se Raistlin te trouxe aqui por um motivo. Tanto quanto Fistandantilus sabe, Raistlin pode amar-te, bem no seu íntimo.

O rosto de Caramon empalideceu e Tas sentiu imediatamente vontade de morder a própria língua.

— De qualquer forma — apressou-se a continuar —, não se pode livrar de ti já. Tem de fazer com que isto pareça uma situação normal.

— Então?

— Então... — Tas respirou fundo. — Bom, eles não executam pessoas aqui, mas dispõem, obviamente, de outros processos para lidar com aqueles que não querem ver por aqui. Aquele clérigo e o carcereiro disseram ambos que as execuções eram uma morte «fácil» quando comparadas com aquilo que se passa agora.

Uma chicotada nas costas de Caramon pôs fim à conversa. Fitando com fúria o escravo que lhe batera (um fulano insinuante e ranhoso que, sem dúvida, gostava do seu trabalho), Caramon mergulhou num profundo silêncio, pensando no que Tas lhe dissera. Fazia efetivamente sentido. Ele vira o poder e concentração que fora exigido a Par-Salian para lançar este difícil feitiço. Raistlin poderia ser poderoso, mas não tanto assim! Além do mais, ainda se encontrava fisicamente enfraquecido.

Subitamente, Caramon viu tudo com perfeita clareza.

Tasslehoff estava certo! Estamos a cair numa armadilha. Fistandantilus livrar-se-á de mim de qualquer forma e depois

explicará a minha morte a Raistlin como tendo sido um acidente.

Em algum lugar, na mente de Caramon, escutou uma velha voz de duende afirmar: «Não sei qual dos dois é mais idiota, tu ou aquele *kender*! Se algum de vocês sair disto com vida, *eu* ficarei surpreendido!» Caramon sorriu tristemente ao pensar no seu velho amigo. Mas Flint não estava aqui, o mesmo acontecendo com Tanis ou qualquer outra pessoa que o pudesse aconselhar. Ele e Tas dependiam de si mesmos e, se o *kender* não tivesse dado aquele salto impetuoso para o feitiço, poderia muito bem ter viajado através do tempo completamente só! Tal pensamento assustou-o. Caramon estremeceu.

«Tudo isto significa que tenho que apanhar este Fistandantilus antes que ele me apanhe», disse para si mesmo, suavemente.

Os grandes pináculos do templo contemplavam as ruas da cidade, mantidas escrupulosamente limpas; todas, com exceção dos becos traseiros. As ruas estavam apinhadas de gente. Guardas do templo circulavam, mantendo a ordem, sobressaindo da multidão com os seus mantos coloridos e capacetes com plumas. Bonitas mulheres lançavam olhares discretos de admiração para os guardas ao passearem pelos bazares e lojas, os seus agradáveis vestidos roçando o pavimento ao moverem-se. Contudo, existia um local na cidade de onde as mulheres nunca se aproximavam, embora muitas a olhassem furtivamente com curiosidade: a parte da praça onde se desenrolava o mercado de escravos.

Tal como era habitual, o mercado de escravos estava cheio de pessoas. Os leilões eram efetuados uma vez por semana, uma das razões por que o homem de pele de urso se mostrara tão ansioso por tirar das prisões esta quota semanal de escravos. Embora o dinheiro da venda de prisioneiros revertisse para os cofres públicos, era óbvio que o encarregado recebia a sua parte. Esta semana parecia particularmente promissora.

Tal como dissera a Tas, já não ocorriam execuções em Istar ou nas regiões de Krynn que a cidade controlava. Bom, poucas. Os Cavaleiros de Solamnia insistiam ainda em punir os cavaleiros que traíam a sua ordem segundo o velho processo bárbaro: rasgando a garganta do cavaleiro com a sua própria espada. Mas o rei-sacerdote

reunia-se com os cavaleiros e havia esperança de que, dentro em breve, essa horrível prática fosse abolida.

Claro que o fim das execuções em Istar originara outro problema: o que fazer com os prisioneiros, que cresciam em número e criavam um déficit nos cofres públicos? Desta forma, a Igreja efetuou um estudo. Descobriu-se que muitos prisioneiros eram indigentes, sem lar e sem dinheiro. Os crimes que cometiam, roubo, arrombamento, prostituição, e outros no gênero, eram o resultado das condições em que viviam.

— Não é, portanto, lógico — disse o rei-sacerdote para os seus ministros no dia em que fez o anúncio oficial — que a escravidão seja não só a resposta para o problema da sobrelotação das nossas prisões, mas também um processo generoso e beneficente de lidar com esta pobre gente, cujo único crime foi ter sido apanhada na teia da pobreza, da qual não podem escapar?

— É claro que sim. É, portanto, nosso dever auxiliá-los. Como escravos, serão alimentados, vestidos e terão um teto para viver. Disporão de tudo o que lhes faltava e que os fez voltarem-se para uma vida criminosa. Ficaremos encarregados de controlar se são bem tratados, como é óbvio, e permitiremos que, após um certo período de servidão, se se tiverem portado bem, possam comprar a sua própria liberdade. Regressarão depois para nós como membros produtivos da sociedade.

A idéia fora posta em prática de imediato e já se encontrava em vigor há dez anos. Tinham-se registrado problemas. Mas estes nunca chegaram à atenção do rei-sacerdote; não tinham sido suficientemente sérios para requerer a sua preocupação. Sub-ministros encarregaram-se de os resolver eficientemente e, agora, o sistema vigorava sem grandes problemas. A Igreja dispunha de um rendimento estável que provinha do dinheiro recebido pelos escravos da prisão (para os manter separados de escravos vendidos por interesses privados), e a escravatura parecia até atuar como um impedimento ao crime.

Os problemas que surgiram diziam respeito a dois grupos de criminosos: os *kenders* e aqueles criminosos cujos crimes eram particularmente repugnantes. Descobriu-se que era impossível

vender um *kender* a quem quer que fosse, e revelava-se também difícil vender um assassino, um violador, um louco, etc. As soluções foram simples. Os *kenders* ficavam encarcerados durante a noite e eram depois escoltados até às portas da cidade (tal resultou numa pequena procissão, todas as manhãs). Foram criadas instituições para lidar com os criminosos mais graves.

Era como um dirigente anão de uma dessas instituições que o homem de pele de urso conversava animadamente nessa manhã, apontando para Caramon, que se encontrava com os outros prisioneiros num curral nojento e mal-cheiroso, e fazendo um movimento dramático de deitar abaixo uma porta com o ombro.

O dirigente da instituição não pareceu ficar impressionado. Tal fato não era assim tão pouco habitual. Aprendera há muito que mostrar-se impressionado com um prisioneiro, podia fazer o seu preço subir para o dobro. Por isso, o anão franziu o cenho para Caramon, cuspiu no chão, cruzou os braços e, firmando os pés no pavimento, olhou para cima, para o homem de pele de urso.

— Não está em forma, demasiado gordo. Para além disso, é um bêbado, olhe para o nariz dele. — O anão abanou a cabeça. — E não tem ar de mau. O que diz que ele fez? Atacou uma eclesiástica? Humpf! — O anão resfolegou. — A única coisa que ele parece poder atacar é um jarro de vinho!

É claro que o homem de pele de urso estava acostumado a isto.

— Perderia uma oportunidade que só surge uma vez na vida, Rockbreaker — disse, suavemente. — Devia tê-lo visto a derrubar aquela porta. Nunca vi tanta força num homem. Talvez esteja demasiado gordo, mas isso é facilmente remediável. Dê-lhe um bom treino e ficará impecável. As damas vão adorá-lo. Observe só aqueles olhos castanhos e aquele cabelo ondulado. — O homem de pele de urso baixou a voz. — Seria realmente uma pena perdê-lo para ir trabalhar nas minas... Tentei não espalhar muito o que ele fez, mas receio que as notícias já tenham chegado aos ouvidos de Haarold.

O homem de pele de urso e o anão olharam para um humano que se encontrava a alguma distância deles, conversando e rindo

com alguns dos seus guardas corpulentos. O anão afagou a barba, mantendo o rosto impassível.

O homem de pele de urso prosseguiu.

— Haarold jurou que o teria a qualquer custo. Diz que, com ele, conseguirá obter o trabalho realizado por dois homens comuns. Mas, uma vez que você é um cliente especial, tentarei fazer com que as coisas corram para o seu lado...

— Deixe que Haarold fique com ele — rosnou o anão. — Monte de banhas.

Mas o homem de pele de urso viu o anão observar Caramon com um olhar interessado. Sabendo, por larga experiência, quando falar ou quando se manter calado, o homem de pele de urso fez uma vênia ao anão e seguiu caminho, esfregando as mãos.

Escutando esta conversa, e apercebendo-se do olhar do anão a percorrê-lo de cima a baixo como um homem olha para um porco acabado de ganhar, Caramon sentiu o desejo urgente e premente de se libertar das correntes, esmagar na sua frente o curral onde estava encarcerado e estrangular o homem de pele de urso e o anão. O sangue martelava-lhe no cérebro, fazia pressão sobre o que o mantinha preso, os músculos nos seus braços encrespavam-se, visão essa que fez o anão abrir muito os olhos e os guardas em redor do curral sacarem as espadas das bainhas. Mas Tasslehoff deu-lhe subitamente uma cotovelada nas costelas.

— Olha, Caramon! — disse o *kender*, excitado.

Por momentos, Caramon não conseguiu escutar, com tudo aquilo que lhe ia na cabeça. Tas deu-lhe nova cotovelada.

— Olha, Caramon. Ali, para lá da multidão, sem ninguém à sua volta. Vês?

Caramon respirou fundo e esforçou-se por se acalmar. Olhou para o local para onde o *kender* apontava e, subitamente, o sangue quente nas suas veias ficou gelado.

Atrás da multidão, encontrava-se uma figura de vestes negras. Estava só. Na verdade, existia mesmo um círculo largo e vazio em seu redor. Ninguém da multidão se chegava a ele. Muitos desviavam-se, saindo do seu caminho para evitar aproximar-se dele. Ninguém falava com ele, mas todos tinham consciência da sua presença. As

peças que se encontravam mais próximas e que antes conversavam animadamente, caíram num silêncio desconfortável, lançando olhares nervosos na sua direção.

As vestes do homem eram de um negro profundo, sem qualquer ornamento. Nenhum fio dourado reluzia nas suas mangas, nenhuma faixa rodeava o capuz preto que usava puxado para cima do rosto. Não trazia nenhum bastão nem nenhuma pessoa conhecida caminhava ao seu lado. Os outros magos que usassem símbolos de vigilância e proteção, outros magos que carregassem bastões de poder ou possuíssem animais para os servirem. Este homem não necessitava de nada disso. O seu poder jorrava do seu íntimo, tão forte que se estendera ao longo de vários séculos e de vários níveis de existência. Tal podia ser sentido, podia ser vislumbrado ao seu redor, como o calor que emanava da fornalha de um ferreiro.

Era alto e bem constituído; as vestes negras caíam de ombros magros mas musculosos. As mãos brancas, as únicas partes do corpo que eram visíveis, eram fortes, delicadas e flexíveis. Embora fosse tão velho que poucos em Krynn se poderiam aventurar a adivinhar a sua idade, possuía o corpo de uma pessoa jovem e forte. Rumores sombrios contavam como ele se servia da sua magia para ultrapassar as debilidades da idade.

E, assim, permanecia só, como se um sol negro tivesse sido lançado sobre o pátio. Nem mesmo o brilho dos seus olhos podia ser avistado no interior das profundezas negras do seu capuz.

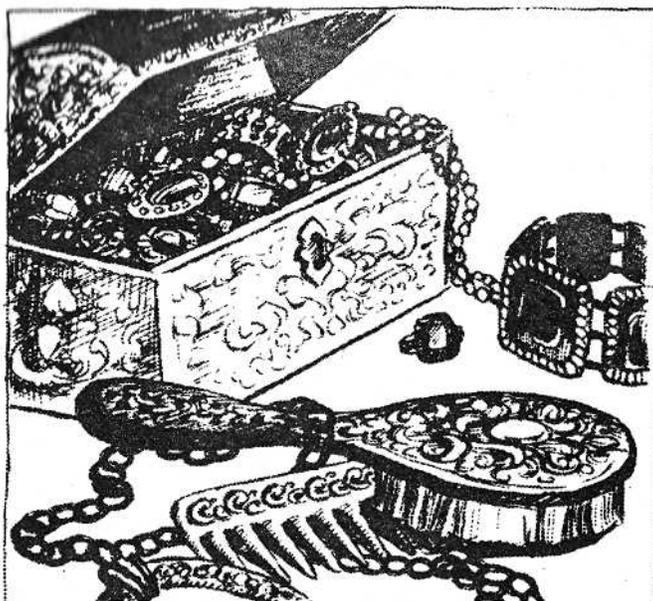
— Quem é? — perguntou Tas a um companheiro, em tom perfeitamente normal, fazendo sinal com a cabeça para a figura de vestes negras.

— Não sabes? — disse o prisioneiro nervoso, como se sentisse relutância em responder.

— Não sou da cidade — desculpou-se Tas.

— É o Sr. Negro, Fistandantilus. Já ouviu falar nele, com certeza?

— Sim — replicou Tas, olhando para Caramon como que afirmando «bem te disse!» — Já ouvimos falar nele.



CAPÍTULO 4

Quando Crysania despertou do feitiço que Paladine lançara sobre ela, revelou-se num tal estado de espanto e confusão que os clérigos se sentiram fortemente preocupados, receando que a situação por que ela passara lhe pudesse ter perturbado a mente.

Crysania falou de Palanthas, pelo que partiram do princípio de que ela devia vir de lá. Mas chamava continuamente pelo chefe da sua ordem, alguém de nome Elistan. Os clérigos conheciam os chefes de todas as ordens que existiam em Krynn, mas deste Elistan nunca tinham ouvido falar. Contudo, ela insistia tanto que, no início, alguns recearam que alguma coisa pudesse ter acontecido ao atual chefe de Palanthas. Foram enviados imediatamente mensageiros.

Depois, Crysania falou também de um templo em Palanthas, onde nenhum templo existia. Por fim, falou com excitação de dragões e do «regresso dos deuses», o que fez com que os presentes na sala — Quarath e Elsa, chefe das Veneráveis Filhas — se fitassem horrorizados e fizessem os sinais de proteção contra a blasfêmia. Foi dada uma poção de ervas a Crysania que a acalmou

e, por fim, adormeceu. Os dois permaneceram com ela por largos instantes depois de ter adormecido, discutindo o seu caso em voz baixa. Então, o rei-sacerdote entrou na sala, vindo para aquietar os seus receios.

— Lancei um augúrio — disse a voz musical —, e foi-me dito que Paladine a chamou a ele para a proteger de um feitiço de magia negra que fora usado nela. Não acredito que nenhum de nós ache difícil acreditar nisso.

Quarath e Elsa abanaram a cabeça, trocando olhares de compreensão. O ódio do rei-sacerdote por utilizadores de magia era bem conhecido.

— Portanto, ela esteve com Paladine, vivendo nesse reino maravilhoso que tentamos recriar neste solo. Sem dúvida que, enquanto lá permaneceu, foi-lhe conferido conhecimento do futuro. Ela fala de um bonito templo que está a ser construído em Palanthas. Não temos nós planos para construir tal templo? Fala deste Elistan, que é provavelmente o clérigo destinado a governar lá.

— Mas... dragões, regresso dos deuses? — murmurou Elsa.

— Quanto aos dragões — disse o rei-sacerdote irradiando um certo calor e diversão —, trata-se talvez de algum conto da sua infância que a atormentou durante a doença, ou talvez tivesse alguma coisa a ver com o feitiço que lhe foi lançado pelo utilizador de magia. — A sua voz tornou-se severa. — Sabem, diz-se que os feiticeiros têm poder para fazer as pessoas verem aquilo que não existe. Quanto à conversa dela sobre «o regresso dos deuses»...

O rei-sacerdote ficou em silêncio por momentos. Quando voltou a falar, foi quase em segredo.

— Vocês os dois, os meus conselheiros mais diretos, conhecem o sonho que existe no meu coração. Sabem que, um dia, e esse dia aproxima-se velozmente, eu irei aos deuses e solicitarei o seu auxílio para combater o mal que está ainda presente entre nós. Nesse dia, o próprio Paladine prestará atenção às minhas preces. Virá para se colocar ao meu lado e, juntos, combateremos as trevas até serem para sempre subjugadas! Foi isto que ela previu! É a isto que ela se refere com «o regresso dos deuses»!

O quarto encheu-se de luz, Elsa murmurou uma prece e mesmo Quarath baixou os olhos.

— Deixem-na dormir — disse o rei-sacerdote. — Ela estará melhor pela manhã. Mencionarei o seu nome nas minhas orações a Paladine.

Deixou o quarto, que escureceu à medida que ele passava.

Elsa ficou a olhar para ele, em silêncio. Depois, quando a porta se fechou, a mulher duende voltou-se para Quarath.

— Terá ele o poder? — perguntou Elsa ao seu companheiro, enquanto este fitava Crysania Pensativamente. — Será que tenciona realmente fazer... o que acabou de dizer?

— Quê? — Os pensamentos de Quarath encontravam-se longe dali. Olhou para o lugar por onde o rei-sacerdote acabara de sair. — Oh, isso? Claro que tem o poder. Viu como curou esta jovem mulher. E os deuses falam com ele através dos augúrios, ou, pelo menos, assim o afirma. Quando foi a última vez que curou alguém, Venerável Filha?

— Nesse caso, acredita em tudo aquilo sobre Paladine se ter apoderado da alma dela e que lhe tivesse permitido ver o futuro? — Elsa pareceu surpreendida. — Crê que ele realmente a curou?

— Creio que existe algo de realmente estranho em relação a esta jovem e àqueles dois que vieram com ela — replicou Quarath gravemente. — Eu cuidarei *deles*. Você fica de olho nela. Quanto ao rei-sacerdote. — Quarath encolheu os ombros. — Deixe que ele chame a este mundo o poder dos deuses. Se eles cá vierem para lutarem com ele, ótimo. Se não, tal não nos diz respeito. Sabemos quem desempenha o trabalho dos deuses em Krynn.

— Tenho algumas dúvidas — observou Elsa, afastando o cabelo preto de Crysania do seu rosto adormecido. — Havia uma jovem na nossa ordem que tinha realmente o poder de curar. Aquela jovem que foi seduzida pelo cavaleiro Solamnico. Como é que ele se chamava?

— Soth — disse Quarath. — Lorde Soth, da Dargaard Keep. Oh, eu não duvido. Por vezes é possível encontrar alguém, sobretudo entre os muito jovens ou os muito idosos, que têm esse poder. Ou pensam possuí-lo. Francamente, estou convencido que,

em grande parte, é apenas o resultado de as pessoas quererem acreditar tão desesperadamente numa coisa que acabam por se convencer a si mesmos de que é verdade. O que não afeta nenhum de nós. Vigie com atenção esta jovem, Elsa. Se continuar a falar de tais coisas quando a manhã chegar, depois de estar restabelecida, talvez seja necessário tomarmos medidas drásticas. Mas, por agora...

Ficou em silêncio. Elsa anuiu. Sabendo que a jovem dormiria profundamente sob o efeito da poção, os dois deixaram Crysania só, adormecida no grande templo de Istar.

Crysania acordou na manhã seguinte com a sensação de que a sua cabeça estava cheia de algodão. Sentia um gosto amargo na boca e tinha muita sede. Um pouco tonta, sentou-se, tentando reunir os seus pensamentos. Nada fazia sentido. Tinha uma recordação vaga e horrível de uma criatura assombrada do além que se aproximara dela. Depois, estivera com Raistlin na Torre de Alta Feitiçaria. Seguiu-se uma diáfana recordação de se encontrar rodeada por magos de vestes brancas, vermelhas e negras e uma impressão de pedras cantantes, para além de uma sensação de ter efetuado uma longa viagem.

Recordava-se também de ter despertado e de se encontrar na presença de um homem cuja beleza era impressionante e cuja voz lhe enchia de paz a mente e a alma. Mas ele dissera que era o rei-sacerdote e que ela estava no templo dos deuses, em Istar. Tal não fazia qualquer sentido. Lembrava-se de ter chamado por Elistan, mas parecia que ninguém ouvira falar nele. Falou-lhes sobre ele, como fora curado por Goldmoon, clérigo de Mishakal, como ele conduzira o combate contra os dragões do mal, e como ele divulgava por entre as pessoas o regresso dos deuses. Mas as suas palavras só fizeram com que os clérigos olhassem para ela com pena e alarme. Por fim, tinham-lhe dado uma poção de gosto estranho e ela adormecera.

Agora, continuava confusa mas ainda determinada a descobrir onde se encontrava e o que se passava. Levantando-se da cama, esforçou-se por se lavar como fazia todas as manhãs, sentando-se depois no estranho toucador, onde, calmamente, escovou e penteou

o longo e preto cabelo. A rotina familiar fê-la sentir-se mais descontraída.

Dedicou ainda alguns instantes a observar o quarto, e não pôde deixar de admirar a sua beleza e esplendor. Pareceu-lhe, contudo, um pouco deslocado num templo devotado aos deuses, se era realmente aí que se encontrava. O seu quarto, na casa dos seus pais em Palanthas não possuía nem metade deste esplendor, e estava mobiliado com todos os luxos que o dinheiro podia adquirir.

A sua mente viajou subitamente para aquilo que Raistlin lhe tinha mostrado, a pobreza e necessidade tão próximas do Templo, e corou, em desconforto.

— Talvez este seja um quarto de hóspedes — disse Crysania a si mesma, falando em voz alta, sentindo-se reconfortada com o som da sua própria voz. — Afinal, os quartos de hóspedes no nosso novo templo pretendem seguramente garantir o máximo conforto aos nossos convidados. Mesmo assim... — franziu o cenho, o seu olhar fixando-se numa dispendiosa estátua em ouro de uma dríade, empunhando uma vela nas mãos douradas —, isto é extravagância. Alimentaria uma família durante meses.

Como se sentia grata pelo fato de ele não poder ver isto!

Falaria com o chefe desta ordem, quem quer que ele fosse. (Seguramente que se enganara, ao pensar que ele dissera ser o rei-sacerdote!)

Decidindo-se a atuar e sentindo a cabeça mais fresca, Crysania despiu as roupas de noite que tinha vindo a usar e colocou as vestes brancas, que encontrou cuidadosamente dobradas aos pés da cama.

Que vestes tão antiquadas, reparou, enfiando-as pela cabeça. Nada parecidas com as vestes brancas, simples e austeras usadas pelos elementos da sua ordem, em Palanthas. Estas eram muito decoradas. Símbolos dourados reluziam nas mangas e orlas, uma fita carmesim e púrpura ornamentava a frente, e um pesado cinto dourado reunia as pregas em redor da sua cintura magra. Mais extravagâncias. Crysania mordeu o lábio em desagrado, mas deu também uma olhada em si mesma no espelho de armação dourada. Ficava-lhe bem, tinha de admitir, alisando as pregas do vestido.

Foi então que sentiu o bilhete na algibeira.

Introduzindo a mão, retirou um pedaço de papel de arroz que fora dobrado em quatro. Fitando-o com curiosidade, tentando adivinhar se a dona das vestes se esquecera dele por acidente, ficou perplexa quando viu que lhe estava dirigido. Intrigada abriu-o.

Lady Crysania:

Sabia que tencionava procurar o meu auxílio para regressar ao passado, num esforço para evitar que o jovem mago, Raistlin, levasse a cabo a missão do mal que planejou. Quando se dirigia a nós, contudo, foi atacada por um cavaleiro da morte. Para a salvar, Paladine conduziu a sua alma para o seu reino dos céus. Não existe ninguém entre nós, nem o próprio Elistan, que a possa fazer regressar. Só os clérigos que vivem no templo do rei-sacerdote dispõem desse poder. Assim, enviamos ao tempo, para Istar, exatamente para o período que antecedeu o cataclismo, na companhia do irmão de Raistlin, Caramon. Enviamo-la para que sejam atingidos dois fins. Primeiro, para sará-la da grave ferida e, em segundo lugar, para permitir que tente ser bem sucedida nos seus esforços de salvar o jovem mago dele mesmo.

Se, nisto, vir a ação dos deuses, talvez então possa considerar os seus esforços abençoados. Aconselhava-lhe apenas o seguinte: os deuses operam de formas estranhas para os mortais, pois apenas podemos ver parte do quadro que está a ser pintado em nosso redor. Tinha a esperança de poder discutir isto consigo pessoalmente, antes de partir, mas tal revelou-se impossível. Só lhe posso pedir que se acautele com uma coisa — tenha o máximo cuidado com Raistlin.

É uma mulher virtuosa, firme na sua fé, e orgulhosa quer da sua virtude quer da sua fé. Esta é uma combinação fatal, minha querida. Ele tornará o maior partido disso.

Lembre-se também disto. Você e Caramon partiram para uma época turbulenta. Os dias do rei-sacerdote estão contados. Caramon tem uma missão que se pode revelar perigosa para a vida dele. Mas você, Crysania, está a colocar simultaneamente em perigo a sua vida e a sua alma. Prevejo que se veja forçada a escolher: para salvar uma, terá de desistir da outra. Existem muitos processos para

abandonar este período de tempo, um dos quais é através de Caramon. Que Paladine esteja consigo.

Par-Salian

Ordem das Vestes Brancas

Torre de Alta Feitiçaria

Wayreth

Crysanía atirou-se para cima da cama, sentindo os joelhos perderem as forças. A mão que continha a carta tremia. Perturbada, fitava-a, lendo-a vezes sem conta sem compreender o que estava escrito. Contudo, alguns instantes depois, começou a acalmar-se e esforçou-se por analisar cada palavra, lendo cada frase de uma só vez até estar certa de que compreendera o seu sentido.

Isto levou cerca de meia hora de leitura e ponderação. Por fim acreditou ter compreendido. Ou, pelo menos, a maior parte do que estava escrito. A memória das razões que a levaram a viajar pela Floresta de Wayreth regressou. Então, Par-Salian soubera. Estivera a espera dela. Ainda bem. E ele estava certo; o ataque a que fora sujeita pelo cavaleiro da morte fora, obviamente, um exemplo da intervenção de Paladine, assegurando-se de que ela viria ao passado. Quanto àquela observação acerca da sua fé e virtude!...

Crysanía ergueu-se. O seu rosto pálido estava fixo numa resolução firme, havia uma leve mancha de cor em cada face, e os seus olhos reluziam de irritação. Só lamentava não ter podido confrontá-lo com isso, pessoalmente! Como se atrevia ele?

Os lábios comprimidos numa linha apertada e direita, Crysanía voltou a dobrar o bilhete, passando rapidamente os dedos por cima dele, como se lhe agradasse rasgá-lo em mil pedaços. Encontrava-se uma pequena caixa dourada, o tipo de caixa utilizado pelas damas da corte para guardarem as jóias, sobre o tocador, ao lado do espelho de armação dourada e da escova. Pegando na caixa, Crysanía retirou a pequena chave da fechadura, colocou a carta no interior e fechou a tampa. Insetiu a chave, deu uma volta e escutou a fechadura a trancar-se. Deixando cair a chave para a algibeira onde encontrara o bilhete, Crysanía voltou a olhar-se no espelho.

Afastou o cabelo preto do rosto, levantou o capuz das vestes e posicionou-o sobre a cabeça. Reparando nas faces coradas, Crysania esforçou-se por se acalmar, permitindo que a sua ira se desvanecesse. O velho mago tinha boas intenções, afinal de contas, lembrou a si mesma. E como poderia uma pessoa ligada à magia compreender uma outra ligada à fé? Poderia ser superior à ira. Afinal, pairava sobre o seu momento de magnificência. Paladine estava com ela. Quase podia sentir a sua presença. E o homem que conhecera era realmente o rei-sacerdote!

Sorriu, lembrando-se da sensação de bondade que ele inspirara. Como podia ter sido ele o responsável pelo Cataclismo? Não, a sua alma recusava-se a acreditar nisso. A história deve ter criado uma má imagem dele. Era verdade que apenas estivera com o rei-sacerdote por alguns segundos, mas, um homem tão bonito, tão bom e tão santo ser o responsável por tantas mortes e destruição? Era impossível! Talvez ela o conseguisse defender. Talvez essa fosse mais uma razão para que Paladine a tivesse trazido para aquela época: para descobrir a verdade!

A alegria invadiu a alma de Crysania. E, nesse momento, sentiu a sua alegria responder, segundo parecia, no repique dos sinos, chamando para as orações da manhã. A beleza da música inundou os seus olhos de lágrimas. O coração batendo forte de excitação e felicidade, Crysania deixou o quarto e penetrou nos magníficos corredores, quase indo de encontro a Elsa.

— Em nome dos deuses — exclamou Elsa, surpreendida —, poderá ser possível? Como se sente?

— Sinto-me muito melhor, Venerável Filha — retorquiu Crysania um pouco confusa, recordando que o que eles a ouviram afirmar na noite anterior devia ter soado extremamente incoerente. — Como... como se tivesse despertado de um estranho sonho real.

— Louvado seja Paladine — murmurou Elsa, observando Crysania com olhos meio cerrados e de forma penetrante.

— Não me descurei para tal, disso pode ter a certeza — afirmou Crysania com sinceridade. No seu êxtase, não reparara no estranho olhar da mulher duende. — Ia para as orações da manhã?

Se assim for, posso acompanhá-la? — Olhou em redor do esplêndido edifício. — Receio que leve algum tempo a conseguir orientar-me.

— Claro — disse Elsa, recompondo-se. — Por aqui. — Começaram a percorrer o corredor.

— Estava também preocupada com o... o jovem homem que... foi encontrado comigo. — Cysania revelou alguma hesitação, pois recordou-se subitamente que pouco sabia acerca das circunstâncias em que aparecera nesta época.

O rosto de Elsa tornou-se frio e severo.

— Ele encontra-se onde será bem tratado, minha querida. É seu amigo?

— Não, claro que não — respondeu Cysania rapidamente, lembrando-se do seu último encontro com Caramon embriagado. — Ele... ele era a minha escolta. Escolta contratada — afirmou sem grande convicção, apercebendo-se de que não era muito boa a mentir.

— Ele está na Escola dos Jogos — replicou Elsa. — É possível mandar-lhe uma mensagem, no caso de se sentir preocupada.

Cysania não fazia idéia de que escola se tratava, e receava fazer demasiadas perguntas. Agradecendo a Elsa, deixou o assunto morrer, com a mente mais tranqüila. Pelo menos sabia agora onde Caramon estava e que se encontrava em segurança. Sentindo-se tranqüilizada, sabendo que dispunha de um processo para regressar ao seu próprio tempo, permitiu-se uma descontração completa.

— Ah, veja, minha querida — disse Elsa —, aqui vem mais uma pessoa para se informar sobre o seu estado de saúde.

— Venerável Filho. — Cysania fez uma vênica em reverência, quando Quarath se aproximou das duas mulheres. Desta forma, não reparou no seu rápido olhar de interrogação e no leve anuir da mulher duende.

— Sinto-me radiante por vê-la bem e já de pé — disse Quarath, tomando a mão de Cysania e falando com tal ternura que a jovem mulher corou de prazer. — O rei-sacerdote passou a noite a orar pela sua recuperação. Esta prova de fé e poder será extremamente gratificante. Vamos apresentá-la a ele formalmente esta noite. Mas, agora... — interrompeu o que quer que fosse que

Crysanía se preparava para dizer — estou a impedi-la de seguir para as suas orações. Por favor, não permita que a detenha por mais tempo.

Fazendo uma vênía graciosa para as duas, Quarath afastou-se pelo corredor.

— Ele não vai assistir aos serviços? — inquiriu Crysanía, seguindo o clérigo com o olhar.

— Não, minha querida — disse Elsa, sorrindo perante a inocência de Crysanía —, ele assiste às cerimônias privadas do rei-sacerdote, bem cedo pela manhã. Afinal, Quarath é o segundo em posição, logo a seguir ao rei-sacerdote, e tem assuntos de grande importância para resolver todos os dias. Pode-se dizer que, se o rei-sacerdote é o coração e alma da Igreja, Quarath é o cérebro.

— Que estranho — murmurou Crysanía, pensando em Elistan.

— Estranho, minha querida? — disse Elsa, com um ar ligeiramente reprovador. — Os pensamentos do rei-sacerdote estão com os deuses. Não se pode esperar que ele resolva tais assuntos mundanos, como as questões diárias da Igreja, pois não?

— Oh, claro que não. — Crysanía corou de embaraço. Como devia parecer provinciana para estas pessoas: simples e retardada. Ao seguir Elsa pelos corredores luminosos e arejados, a música dos sinos e os sons gloriosos de um coro infantil elevou-lhe a alma num êxtase. Crysanía lembrou-se do serviço simples que Elistan executava todas as manhãs. E, para além disso, era ele ainda quem fazia a maior parte do trabalho da Igreja!

Esse serviço religioso parecia-lhe agora apagado e o trabalho de Elistan humilde. Uma coisa que conseguira fora dar cabo da sua saúde. Talvez, refletiu com algum pesar, ele não tivesse encurtado a sua própria vida se se tivesse rodeado de pessoas como estas para o auxiliarem.

Bom, isso poderia mudar, resolveu Crysanía subitamente, compreendendo que esta poderia ser mais uma razão para ter sido enviada para aqui: fora eleita para restaurar a glória da Igreja! Tremendo de excitação, a mente já ocupada com planos para alterações, Crysanía pediu a Elsa que descrevesse os trabalhos

internos da hierarquia da Igreja. Elsa sentiu verdadeiro prazer em falar sobre isso, ao caminharem pelo corredor.

Perdida no interesse pela conversa, atenta a cada palavra de Elsa, Cysania esqueceu-se por completo de Quarath que, naquele preciso momento, abria o quarto dela e entrava.



CAPÍTULO 5

Quarath encontrou a carta de Par-Salian numa questão de momentos. Reparara, quase imediatamente depois de entrar, que a caixa dourada que se encontrava por cima do toucador fora mexida. Depois de uma busca rápida pelas gavetas encontrou-a e, dado que possuía a chave-mestra das fechaduras de cada caixa, gaveta e porta do templo, abriu-a com facilidade.

A carta em si, contudo, não foi facilmente compreendida pelo clérigo. Levou-lhe apenas alguns segundos a absorver o seu conteúdo.

O texto ficaria impresso na sua mente; a fenomenal capacidade de Quarath para memorizar instantaneamente qualquer coisa que via, constituía um dos seus maiores atributos. Desta forma, o texto completo ficou gravado na sua mente em segundos. Mas, apercebeu-se, levar-lhe-ia horas de ponderação para tirar dele qualquer sentido.

Absorto, Quarath dobrou o pergaminho e voltou a guardá-lo na caixa, colocando-a na sua exata posição dentro da gaveta.

Fechou-a com a chave, verificou as outras gavetas com grande interesse e, nada encontrando, deixou o quarto da jovem mulher, perdido em pensamentos.

O conteúdo da carta era de tal forma estranho e perturbador que cancelou as suas tarefas para essa manhã ou passou-as para os ombros dos subalternos. Depois, dirigiu-se para o seu estúdio. Aqui, sentou-se, recordando cada palavra, cada frase.

Por fim, atingiu o seu significado, se não para sua completa satisfação, pelo menos para lhe permitir determinar um curso de ação. Três coisas eram evidentes. Em primeiro lugar, a jovem mulher podia ser uma eclesiástica, mas estava envolvida com utilizadores de magia e era, por tal razão, suspeita. Em segundo lugar, o rei-sacerdote encontrava-se em perigo. Tal fato não era surpreendente, pois os utilizadores de magia tinham boas razões para odiar e recluir o homem. Em terceiro lugar, o homem que fora encontrado com Crysania era, sem sombra de dúvidas, um assassino. A própria Crysania podia ser uma cúmplice.

Quarath sorriu, congratulando-se a si mesmo por ter já medidas apropriadas para lidar com a ameaça. Tratara de tudo para que o jovem homem, aparentemente o seu nome era Caramon, estivesse a cumprir a sua pena num local onde acidentes infelizes ocorriam de tempos em tempos.

Quanto a Crysania, encontrava-se em segurança dentro das paredes do templo, onde podia ser vigiada e interrogada.

Respirando com mais facilidade, o clérigo tocou a sineta para que o servente lhe trouxesse o almoço, agradecido por saber que, pelo menos de momento, o rei-sacerdote estava livre de perigo.

Quarath era um homem incomum em todos os aspectos, já para não dizer que, embora muito ambicioso, sabia reconhecer os limites das suas capacidades. Necessitava do rei-sacerdote e não tinha qualquer intenção de tomar o seu lugar. Quarath contentava-se em se expor à luz do seu mestre, sempre alargando o seu próprio controle, autoridade e poder por todo o mundo, tudo em nome da Igreja.

E, ao alargar a sua própria autoridade, alargava também o poder da sua raça. Inspirados por um sentido de superioridade em

relação aos outros, bem como por um sentido da sua própria bondade inata, os duendes constituíam uma força em movimento por detrás da Igreja.

Fora um fato infeliz, sentia Quarath, que os deuses tivessem considerado apropriada a criação de outras raças mais fracas. Raças como os humanos, os quais, com as suas vidas curtas e desenfreadas, constituíam alvos fáceis para a tentação do mal. Mas os duendes estavam a aprender a lidar com isto. Se não conseguissem erradicar por completo o mal do mundo (e esforçavam-se por fazê-lo), podiam ao menos mantê-lo sob controle. Era a liberdade que originava o mal, a liberdade de escolha. Sobretudo para os humanos, que continuamente abusavam deste dom. O que era necessário era estabelecer-lhes regras firmes, tornar claro o que era correto e o que era errado sem qualquer incerteza e restringir esta liberdade desenfreada que eles tão mal utilizavam. Só assim, acreditava Quarath, os humanos entrariam na linha. Ficariam satisfeitos.

Quanto às outras raças em Krynn, gnomos, anões e (suspiro) *kenders*, Quarath (e a Igreja) estava a forçá-los rapidamente a reunirem-se em pequenos e isolados territórios, onde não provocariam graves problemas e onde, com o desenrolar dos tempos, acabariam provavelmente por sucumbir. (Este plano começava a surtir bons efeitos com os gnomos e com os anões, os quais não serviam para grande coisa em Krynn. Infelizmente, contudo, os *kenders* não obedeciam a estas instruções e percorriam alegremente o mundo, causando encrencas sem fim e gozando plenamente a vida).

Tudo isto passou pela mente de Quarath enquanto almoçava e preparava os seus planos. Não faria nada apressado em relação a esta Lady Cysania. Tal não era o seu modo de atuar, nem o dos duendes. Era necessária paciência para tudo. Observar. Aguardar. Só precisava de uma coisa agora, e isso era mais informação. Com este objetivo, tocou a pequena sineta dourada. O jovem acólito que conduzira Denubis ao rei-sacerdote apareceu, respondendo de forma tão rápida e silenciosa à solicitação, que poderia ter deslizado por debaixo da porta em vez de abri-la.

— Que deseja, Venerável Filho?

— Duas pequenas missões — respondeu Quarath sem olhar para cima, ocupado em escrever um bilhete. — Leva isto a Fistantilus. Há muito que não é meu convidado para jantar, e desejo conversar com ele.

— Fistantilus não está aqui, meu senhor — disse o acólito.
— Na verdade, vinha a caminho para lhe comunicar isso.

Quarath ergueu a cabeça, perplexo.

— Não está aqui?

— Não, Venerável Filho. Partiu a noite passada, ou pelo menos assim pensamos. Foi a última vez que foi avistado por alguém. O quarto dele está vazio e as suas coisas desapareceram. Acredita-se, devido a determinadas coisas que ele disse, que partiu para a Torre de Alta Feitiçaria, em Wayreth. Corre o rumor de que os feiticeiros vão reunir uma assembléia, embora ninguém tenha certeza.

— Uma assembléia — repetiu Quarath, franzindo o cenho. Ficou em silêncio por momentos, batendo no papel com a ponta da pena. Wayreth ficava longe... contudo, talvez não fosse suficientemente longe... Cataclismo... aquela estranha palavra que fora usada na carta. Seria possível que os utilizadores de magia estivessem a arquitetar um plano para uma catástrofe devastadora qualquer? Quarath sentiu-se gelar. Lentamente, amarrotou o convite que estivera a escrever.

— Os movimentos dele foram detectados?

— Claro, Venerável Filho. Tanto quanto é possível, tratando-se dele. Aparentemente, há meses que não deixava o templo. Mas, ontem, foi visto no mercado de escravos.

— No mercado de escravos? — Quarath sentiu o frio espalhar-se pelo corpo. — O que ele foi fazer lá?

— Comprou dois escravos, Venerável Filho. Quarath nada disse, interrogando o clérigo com o olhar.

— Não comprou pessoalmente os escravos, meu senhor. A aquisição foi efetuada através de um dos seus agentes.

— Que escravos? — Quarath sabia a resposta.

— Aqueles que foram acusados de atacarem a eclesiástica, Venerável Filho.

— Dei ordens para que esses fossem vendidos ou aos anões ou para as minas.

— Barak fez tudo ao seu alcance e, com efeito, o anão fez a sua oferta por eles, meu senhor. Mas os agentes do Sr. Negro cobriram todas as ofertas. Barak não pôde fazer nada. Pense no escândalo. Além disso, os agentes dele mandaram os escravos para a escola, de qualquer forma...

— Sim — murmurou Quarath. Então, todas as peças se encaixavam. Fistantilus teve mesmo a ousadia de comprar o homem, o assassino! Depois desaparecera. Partira para apresentar o seu relatório, sem dúvida. Mas, por que razão haveriam os magos de se incomodar com assassinos? O próprio Fistantilus poderia ter assassinado o rei-sacerdote em diversas ocasiões. Quarath tinha a desagradável impressão de que ele, inadvertidamente, passara de um caminho nítido e bem iluminado para uma floresta sombria e traiçoeira.

Permaneceu sentado, num silêncio perturbado, durante tanto tempo, que o jovem acólito tossiu por três vezes para recordar a sua presença, antes que o clérigo reparasse nele.

— Tinha uma outra missão para mim, Venerável Filho?

Quarath anuiu lentamente.

— Sim, e estas notícias tornam esta missão ainda mais importante. Desejo que sejas tu mesmo a executá-la. Tenho de falar com o anão.

O acólito fez uma vênha e partiu. Não havia necessidade de perguntar a quem Quarath se referia: só existia um anão em Istar.

Exatamente quem Arack Rockbreaker era ou de onde ele viera ninguém sabia. Nunca fizera referências ao seu passado e, geralmente, franzia de tal forma o cenho se alguma pessoa levantava a questão, que o tema era de imediato abandonado. Existiam diversas especulações interessantes em relação a isso, sendo a favorita que ele era um proscrito de Thorbardin, antigo lar dos anões da montanha, onde cometera um crime qualquer, o que tivera como resultado o seu exílio. Exatamente o que pudesse ter sido, ninguém sabia. Nem ninguém levava em consideração o fato

de que os anões *nunca* puniam qualquer crime com o exílio, a execução era considerada mais misericordiosa.

Outros rumores insistiam que ele era, na verdade, um *Dewar*, uma raça de anões maus quase exterminados pelos seus primos e forçados agora a viver uma existência amarga em cada entranha do mundo. Embora Arack não tivesse o aspecto ou agisse como um *Dewar*, este rumor era devido ao fato de o companheiro favorito (e único) de Arack ser um ogre. Outro rumor afirmava que Arack nem sequer provinha de Ansalon, mas de algum lugar para lá do mar.

Seguramente, era o elemento da sua raça com o aspecto mais malévolo que alguém jamais se recordava de ter visto. As cicatrizes recortadas, que atravessavam o seu rosto verticalmente, revelavam o que se assemelhava a um perpétuo franzir de cenho. Não era gordo, não havia uma grama desperdiçada na sua estrutura. Movia-se com a graciosidade de um felino e, quando se encontrava de pé, plantava os pés tão firmemente que pareciam fazer parte do solo.

Seja de onde for que tivesse vindo, fizera de Istar a sua casa há já tantos anos que o assunto da sua origem raramente era comentado. Ele e o ogre, cujo nome era Raag, tinham vindo para os Jogos, nos velhos tempos em que os Jogos constituíam uma realidade. Tornaram-se imediatamente grandes favoritos do público. As pessoas de Istar ainda falavam da forma como Raag e Arack derrotaram o poderoso minotauro, Darmoork, em três assaltos. Tudo começou quando Darmoork atirou o anão para fora da arena. Raag, num ataque de irritação, ergueu o minotauro do solo e, ignorando diversas feridas provocadas por uma arma branca, arremessou-o contra o enorme Pináculo da Liberdade, no centro da arena.

Embora nem o anão (que sobreviveu meramente devido ao fato de um clérigo se encontrar na rua quando o anão saiu voando por cima do muro da arena e de ter aterrado praticamente aos seus pés) nem o ogre tivessem ganho a liberdade nesse dia, não havia dúvida quanto ao vencedor do combate. (Na verdade, passaram-se muitos dias até alguém ter alcançado a Chave de Ouro no Pináculo, pois levou todo esse tempo para retirar o que restava do minotauro.)

Arack relatava os detalhes repugnantes desta luta aos seus dois novos escravos.

— Foi assim que arranjei este rosto todo gretado — disse o anão para Caramon ao conduzir o grande homem e o *kender* pelas ruas de Istar. — E foi assim que eu e Raag ganhamos nome nos jogos.

— Que jogos? — inquiriu Tas, tropeçando nas correntes e caindo de cara no chão, para grande prazer da multidão que se reunia na praça do mercado.

Arack franziu o cenho de irritação.

— Tira-lhe aquelas malditas coisas — ordenou para o ogre gigantesco, de pele amarela, que fazia de guarda. — Acho que não vais escapar e deixar o teu amigo, não é? — O anão estudou Tas intensamente. — Não, não me parece que o fizesses. Disseram-me que já tiveste uma oportunidade para fugir e não a aproveitaste. Lembra-te só que não deves fugir de mim! — O franzir de cenho natural de Arack acentuou-se. — Nunca comprei um *kender*, mas não tinha alternativa. *Eles* disseram que vocês dois teriam de ser comprados em conjunto. Põe na tua cabeça que, naquilo que me diz respeito, tu nada vales. Agora, que pergunta idiota estavas a fazer?

— Como é que vão tirar as correntes? Não precisam de uma chave? Oh... — Tas observou, espantado e maravilhado, o ogre pegar nas correntes em cada uma das mãos e, com um esticão rápido, separá-las.

— Viste, Caramon? — perguntou Tas, ao mesmo tempo que o ogre o levantava e punha de pé, dando-lhe um empurrão que quase o fez cair de novo. — Ele é realmente forte! Nunca tinha conhecido um ogre. O que estava eu a dizer? Oh, os jogos. Que jogos?

— Como, que jogos? Os *Jogos!* — rosnou Arack, desesperado.

Tas olhou para Caramon, mas o grande homem encolheu os ombros e abanou a cabeça, franzindo o cenho. Tratava-se, obviamente, de uma coisa que toda a gente conhecia por aqui. Fazer demasiadas perguntas poderia levantar suspeitas. Tas pensou bastante, arrastando cada recordação e cada história que tivesse ouvido acerca dos velhos dias antes do Cataclismo. Subitamente, conteve a respiração.

— Os Jogos! — disse para Caramon, esquecendo-se de que o anão estava a ouvir. — Os grandes Jogos de Istar! Não te lembras?

O rosto de Caramon tornou-se severo.

— Quer dizer que é para aí que vamos? — Tas voltou-se para o anão, os olhos muito abertos. — Vamos ser gladiadores? E lutar na arena, com o público a assistir e tudo! Oh, Caramon, pensa bem! Os grandes Jogos de Istar! Ouvi contar histórias...

— Também eu — replicou o enorme homem lentamente —, e pode esquecer isso, anão. Já matei homens antes, admito... mas apenas quando se tratava da minha vida ou da deles. Nunca gostei de matar. Ainda posso ver o rosto deles por vezes, à noite. Não matarei por esporte!

Afirmou isto com tal convicção que Raag olhou em interrogação para o anão e ergueu o cacete levemente, um olhar impetuoso no rosto amarelo e verrugoso. Mas Arack olhou para ele e abanou a cabeça.

Tas via agora Caramon com um respeito renovado.

— Nunca pensei nisso — afirmou o *kender* suavemente. — Acho que tens razão, Caramon. — Voltou-se de novo para o anão. — Lamento muito, Arack, mas não poderemos lutar para si.

Arack riu-se.

— Há de lutar. E sabes porquê? Porque é o único processo para tirar esse colar do teu pescoço.

Caramon abanou a cabeça, com teimosia.

— Não matarei...

O anão resfolegou.

— Onde têm vivido vocês dois? No fundo de Sirrion? Ou são todos tão idiotas como vocês lá em Solace? Ninguém mais combate para matar na arena. — Os olhos de Arack ficaram enevoados. Esfregou-os com um suspiro. — Esses dias acabaram-se para sempre, o que é uma pena. É tudo fingimento.

— Fingimento? — repetiu Tas, perplexo. Caramon mirou o anão e nada disse, obviamente não acreditando numa palavra.

— Há mais de dez anos que não há um combate a sério na velha arena. Tudo começou com os duendes. — O anão cuspiu no solo. — Há dez anos atrás, os clérigos duendes, que sejam amaldiçoados no Abismo, que é onde pertencem, convenceram o rei-sacerdote a acabar com os Jogos. Chamaram-lhes «bárbaros»!

Bárbaros, ah! — O rosto do anão retorceu-se e depois, mais uma vez, suspirou e abanou a cabeça.

— Todos os grandes gladiadores partiram — disse Arack saudosamente, os seus olhos voltando-se para esse tempo glorioso. — Danark, o *Trasgo*, um lutador como poucos. E o Velho Josepf, *Um-Olho*. Lembras-te dele, Raag? — O ogre anuiu, com tristeza. — Afirmava que era cavaleiro de Solamnia. Combatia sempre com a armação de combate completa. Todos partiram, com exceção de mim e de Raag. — Um brilho apareceu bem no fundo dos olhos frios do anão. — Sabem, não tínhamos para onde ir e, além do mais, sempre senti que os Jogos não tinham terminado. Pelo menos por enquanto.

Arack e Raag permaneceram em Istar. Mantendo os seus alojamentos no interior da arena deserta, tornaram-se, por assim dizer, os zeladores não oficiais. As pessoas que passavam avistavam-nos aí diariamente, Raag vagueando de um lado para o outro, varrendo as passagens com uma vassoura grosseira, ou apenas sentado, fitando a arena onde Arack trabalhava, o anão cuidando com ternura das máquinas dos poços da morte, mantendo-os oleados e em perfeito funcionamento. Os que viam o anão reparavam por vezes num estranho sorriso no seu rosto barbudo e de nariz partido.

Arack estava certo. Jogos ainda não tinham sido banidos há muitos meses quando os clérigos começaram a notar que a sua tranqüila cidade deixara de ser assim tão tranqüila. Surgiam lutas em bares e tavernas com uma freqüência alarmante, havia rixas nas ruas e chegou mesmo a haver um tumulto em larga escala. Os relatórios fornecidos indicavam que os Jogos tinham sido transferidos para cavernas que existiam fora da cidade. A descoberta de diversos corpos maltratados e mutilados confirmou esses relatórios. Por fim, desesperados, um grupo de lordes humanos e duendes enviou uma delegação ao rei-sacerdote, solicitando que os Jogos recomeçassem de novo.

— Tal como um vulcão deve entrar em erupção para permitir que sejam expelidos o vapor e os gases do interior da terra — disse um lorde duende —, de igual forma parece que os humanos, em

particular, utilizam os Jogos como um escape para as suas emoções básicas.

Embora este discurso não fosse nada agradável em relação aos colegas humanos do lorde duende, estes viram-se forçados a admitir que as suas palavras tinham justificativa. No início, o rei-sacerdote nem quis ouvir falar nisso. Sempre detestara as competições brutais. A vida constituía um dom sagrado dos deuses e não algo que se tirasse assim, unicamente para dar prazer a um público sedento de sangue.

— E então fui eu quem lhes revelou a resposta — afirmou Arack, com convicção. — Não iam permitir que eu entrasse no seu bonito templo. — O anão sorriu. — Mas ninguém consegue afastar Raag de onde ele está determinado a ir. Pelo que não tiveram outra alternativa. «Comecem os Jogos outra vez», disse-lhes eu, e olharam para mim com aqueles grandes narizes deles. «Mas não há necessidade de haver mortes», informei-os. «Isto é, mortes de verdade. Agora, escutem-me. Já viram os atores de rua fazerem *Huma*, não é verdade? O cavaleiro cai no chão, sangrando, gemendo e contorcendo-se. Contudo, cinco minutos mais tarde, ele já está de pé, a beber cerveja na taverna do fim da rua. Eu próprio já atuei na rua em tempos e... bem.... observem isto. Vem cá, Raag». «Raag aproximou-se, um grande sorriso no seu rosto feio e amarelo. Dá-me a tua espada, Raag», ordenei. Depois, antes que eles pudessem dizer uma palavra, lancei a espada contra a garganta de Raag. Deviam tê-lo visto. Sangue por todo o lado! Escorrendo pelas minhas mãos, jorrando da boca dele. Soltou um grande urro e caiu no chão, retorcendo-se e gemendo.

— Deviam tê-los ouvido a gritar — disse o duende alegremente, abanando a cabeça com a recordação. — Pensei que íamos ser obrigados a levantar do chão todos aqueles lordes duendes. Assim, antes que chamassem a guarda para me mandarem prender, dei um pontapé no Raag, aqui. «Podes levantar-te agora, Raag», disse. E ele sentou-se, concedendo-lhes um enorme sorriso. — O anão imitou vozes de duendes agitados.

«Espantoso! Como é feito isso? Isto pode ser a resposta...»

— *Como é que fez?* — inquiriu Tas ansiosamente. Arack encolheu os ombros.

— Hão de aprender. Muito sangue de galinha, uma espada com lâmina que recolhe para o cabo... é simples. Foi isso que lhes disse. Além do mais, é fácil ensinar os gladiadores a representarem que estão sendo feridos, mesmo a um burro como o velho Raag.

Tas olhou para o ogre com apreensão, mas Raag limitava-se a sorrir cordialmente para o anão.

— De qualquer forma, a maioria deles apenas simulava os combates para os paspalhos... público, devo dizer. Bom, o rei-sacerdote concordou — o anão mostrou-se inchado de orgulho — e até me tornou chefe. E é esse agora o meu título. Mestre dos Jogos.

— Não compreendo — disse Caramon lentamente. — Quer dizer que as pessoas pagam para serem enganadas? Com certeza que já se aperceberam ...

— Oh, claro que sim. — Arack troçou. — Nunca fizemos grande segredo sobre isso. E, agora, é o esporte mais popular em Krynn. As pessoas viajam centenas de milhas para assistir aos jogos. Os lordes duendes vêm, e mesmo o rei-sacerdote, por vezes. Bom, cá estamos — disse Arack, parando junto de um grande estádio e olhando para ele com orgulho.

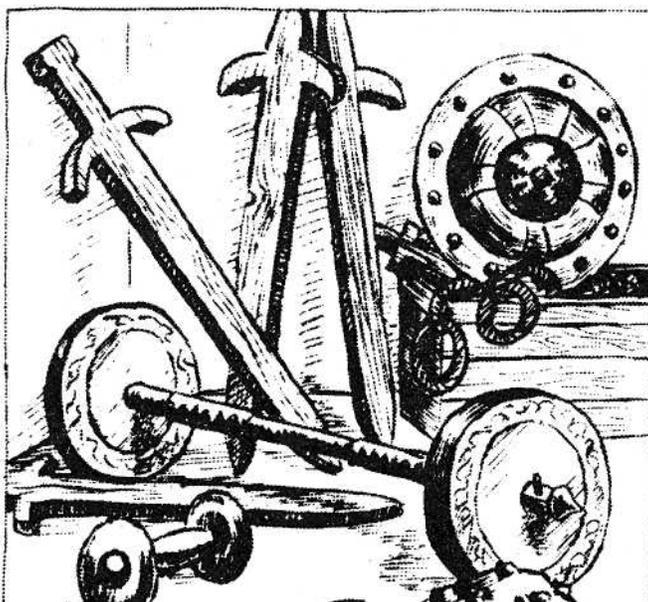
Era feito de pedra e velhíssimo, mas ninguém se recordava da finalidade com que fora construído. Nos dias de Jogos, bandeiras de cores vivas flutuavam do cimo das torres de pedra e encontrar-se-ia apinhado de pessoas. Mas hoje não haveria Jogos, nem haveria até o final do Verão. Parecia cinzento e incolor, com exceção das extravagantes pinturas nos muros, representando grandes acontecimentos da história do esporte. Encontravam-se algumas crianças no exterior, tentando avistar um dos seus heróis. Rosnando para elas, Arack fez sinal a Raag para que abrisse as maciças portas de madeira.

— Quer dizer que ninguém morre — persistiu Caramon, fitando sombriamente a arena com as suas pinturas sangrentas.

Tas reparou que o anão olhou de forma estranha para Caramon. A expressão de Arack tornou-se subitamente cruel e calculista, e as suas sobrancelhas negras e espessas arquearam-se

por cima dos pequenos olhos. Caramon não reparou, pois inspecionava ainda as pinturas murais. Tas provocou um som e Caramon virou-se de imediato para o anão, mas quando o fez, já a expressão de Arack se tinha alterado.

— Ninguém — respondeu o anão com um sorriso, dando leves palmadas no grande braço de Caramon. — Ninguém...



CAPÍTULO 6

O ogre conduziu Caramon e Tas para uma enorme sala. Caramon tinha a impressão de que esta se encontrava cheia de pessoas.

— Ele novo homem — grunhiu Raag, apontando um dedo amarelado e sujo na direção de Caramon, que estava ao seu lado. Era a apresentação de Caramon à «escola». Corando, perfeitamente consciente do colar de ferro em redor do pescoço que lhe conferia a marca de propriedade de alguém, Caramon manteve os olhos baixos, para o chão de madeira coberto de palha. Escutando apenas uma resposta murmurada à declaração de Raag, Caramon ergueu o olhar. Via agora que se encontrava numa cantina. Vinte ou trinta homens de diversas raças e nacionalidades repartiam-se em pequenos grupos, jantando.

Alguns dos homens observavam Caramon com interesse, mas a maioria nem olhava para ele. Alguns anuíram, mas a maior parte continuou a jantar. Caramon não sabia exatamente o que fazer a seguir, mas Raag resolveu o problema. Pousando uma mão no

ombro de Caramon, o ogre empurrou-o rudemente em direção a uma mesa. Caramon tropeçou e quase caiu, conseguindo recuperar o equilíbrio antes de ir de encontro a uma mesa. Virando-se, fitou irado o ogre. Raag permaneceu imóvel a sorrir para ele, retorcendo as mãos.

«Estou a ser provocado», apercebeu-se Caramon, pois vira já aquele olhar muitas vezes em bares, onde havia sempre alguém que tentava levá-lo a lutar. E esta era uma luta que ele sabia não poderia vencer. Embora Caramon tivesse praticamente 2 metros de altura, quase não chegava ao ombro do ogre, enquanto a vasta mão de Raag poderia envolver o largo pescoço de Caramon por duas vezes. Caramon engoliu em seco, esfregou a perna magoada e sentou-se no longo banco de madeira.

Lançando um olhar de troça ao enorme humano, fitou depois duramente todos os presentes na cantina. Com encolheres de ombros e murmúrios baixos de desapontamento, os homens regressaram aos seus jantares. Ouviram risos vindos de uma mesa a um canto, onde se sentava um grupo de minotauros. Sorrindo para eles, Raag deixou o aposento.

Sentindo-se corar, Caramon afundou-se no banco e tentou desaparecer. Encontrava-se alguém sentado na sua frente, mas o grande guerreiro não conseguia suportar o olhar desse homem. Contudo, Tasslehoff não tinha tais inibições. Subindo para o banco, para o lado de Caramon, o *kender* observou-o com interesse.

— Chamo-me Tasslehoff Burrfoot — disse, estendendo a mão a um enorme homem negro, que usava também um colar de ferro, sentado em frente deles. — Eu também sou novo aqui — acrescentou o *kender*, sentindo-se ferido por não ter sido apresentado. O homem negro levantou o olhar da comida, olhou para Tas, ignorou a mão do *kender*, e depois voltou-se para Caramon.

— Vocês são companheiros?

— Sim — respondeu Caramon, agradecido por o homem não ter feito qualquer referência a Raag. Tomou consciência do aroma da comida e cheirou-a esfomeado, sentindo crescer-lhe água na boca. Olhando de forma apreciadora para o prato do homem, que estava

cheio de carne de veado assada, batatas e fatias de pão, suspirou. — Parece que, ao menos, nos alimentam bem.

Caramon viu o homem de cor olhar para a sua barriga redonda e depois trocar olhares divertidos com uma mulher alta e extraordinariamente bonita que se sentara ao lado dele, com o prato também cheio de comida. Olhando para ela, os olhos de Caramon abriram-se muito. Desajeitado, tentou levantar-se para fazer uma vênia.

— Um seu criado, minha senhora... — começou.

— Sente-se, idiota! — respondeu a mulher irritada, a sua pele bronzeada escurecendo. — Ou farás com que todos eles se riam!

Com efeito, alguns dos homens soltaram umas risadas. A mulher virou-se e olhou para eles, levando a mão a uma adaga que trazia no cinto. Perante a visão dos seus olhos verdes reluzindo, os homens engoliram os risos e voltaram-se para a comida. A mulher esperou até que todos estivessem adequadamente sossegados e depois, também ela, voltou a sua atenção para o jantar, lançando-se à carne com arremessos rápidos e irritados com o garfo.

— Peço desculpa — afirmou Caramon, com o enorme rosto muito corado. — Não queria...

— Esquece — disse a mulher, com uma voz gutural. Tinha uma pronúncia estranha, Caramon não conseguia identificá-la. Parecia ser humana, com exceção daquela estranha forma de falar, ainda mais estranha do que a das outras pessoas por ali, e da cor bastante peculiar do seu cabelo, uma espécie de verde-acastanhado. Era espesso e liso, e usava-o numa longa trança. — És novo aqui, aceito. Depressa compreenderás. Tens de me tratar do mesmo modo que tratas os outros. Quer dentro quer fora da arena. Entendido?

— Na arena? — disse Caramon, perplexo. — Tu... és um gladiador?

— E um dos melhores — replicou o homem de pele negra, do outro lado da mesa. — Eu sou Pheragas, de Ergoth do Norte e esta é Kiiri, a ninfa ...

— Uma ninfa! Vinda debaixo do mar? — inquiriu Tas, excitado. — Uma daquelas mulheres que pode mudar de forma e...

A mulher lançou ao *kender* um olhar de tal fúria que Tas pestanejou e ficou em silêncio. Depois, o olhar dela voltou-se para Caramon.

— Achas isso engraçado, *escravo*? — perguntou Kiiri, fitando o novo colar de Caramon.

Caramon levou a mão ao pescoço, corando de novo. Kiiri lançou uma risada curta e amarga, mas Pheragas olhou para ele com pena.

— Há de habituar-se a isso, com o tempo — proferiu, encolhendo os ombros.

— Nunca hei de me habituar a isto! — disse Caramon, cerrando o punho enorme.

Kiiri olhou para ele.

— Tens de te habituar, ou o teu coração não resistirá e acabarás por morrer — afirmou, em tom frio.

«Era tão bonita e de porte tão altivo que o colar de ferro que usava bem podia ser um colar do melhor ouro», pensou Caramon. Ia responder, mas foi interrompido por um homem gordo com um avental branco e gorduroso, que atirou um prato de comida para a frente de Tasslehoff.

— Obrigado — disse o *kender*, educadamente.

— Não se habituem a serem servidos — rosou o cozinheiro. — Depois, serão vocês a irem buscar o vosso prato, como todos os outros. Toma — atirou com um disco de madeira para o *kender* —, aqui está o teu vale de refeição. Mostrem isso, senão não comem. E aqui está o teu — acrescentou, lançando um para Caramon.

— Onde está a minha comida? — inquiriu Caramon, guardando o disco de madeira na algibeira.

Pousando uma tigela na frente do grande homem, o cozinheiro virou-se para se ir embora.

— Que é isto? — rosou Caramon, fitando a tigela. Tas inclinou-se para ver.

— Caldo de galinha — disse, em tom de ajuda.

— Sei *o que é* — respondeu Caramon, com a sua voz profunda. — Quero dizer, o que raio é isto, alguma piada? Porque, se é, não tem graça nenhuma — acrescentou, olhando de soslaio para

Pheragás e Kiiri, que sorriam ambos para ele. Caramon estendeu o braço e agarrou no cozinheiro, puxando-o para trás. — Leve-me esta água de lavar pratos e traga-me alguma coisa que se coma!

Com uma surpreendente rapidez e destreza, o cozinheiro libertou-se de Caramon, torceu o braço do grande homem atrás das suas costas e enfiou-lhe o rosto na tigela de sopa.

— Come, e que faça bom proveito — rosnou o cozinheiro, puxando a cabeça de Caramon, que pingava, de dentro da sopa. — Porque, no que diz respeito a comer, é tudo o que vais ver durante cerca de um mês.

Tasslehoff parou de comer, erguendo o rosto. O *kender* reparou que também todos os presentes na cantina tinham parado de comer, com a certeza de que, desta vez, ia haver luta.

O rosto de Caramon, pingando de sopa, estava mortalmente branco. Havia manchas vermelhas nas faces e os seus olhos brilhavam de forma perigosa.

O cozinheiro fitava-o com presunção, os próprios punhos cerrados.

Ansioso, Tas esperava ver o cozinheiro ser lançado pela sala. Os grandes punhos de Caramon cerraram-se e os nós dos dedos tornaram-se brancos. Uma das grandes mãos ergueu-se e, lentamente, Caramon começou a limpar a sopa do rosto.

Com um riso de escárnio, o cozinheiro virou-se e foi-se embora.

Tas suspirou. «Este não era seguramente o velho Caramon», pensou tristemente, lembrando-se do homem que matara dois draconianos, esmagando-lhes a cabeça um no outro, apenas com as mãos; «o Caramon que uma vez deixara quinze rufias com ferimentos dos mais diversos quando cometeram o erro de tentarem roubar o grande homem». Olhando para Caramon pelo canto do olho, Tas engoliu as palavras duras que tivera na ponta da língua e regressou ao seu jantar, com o coração amargurado.

Caramon comeu lentamente, metendo o caldo na colher e engolindo-o, sem parecer sequer tomar-lhe o gosto. Tas viu a mulher e o homem negro trocarem olhares mais uma vez e, por momentos, o *kender* receou que se rissem de Caramon. Com efeito, Kiiri ia dizer

qualquer coisa mas, ao olhar em frente, fechou a boca abruptamente e regressou à sua refeição. Tas avistou Raag a entrar na cantina, com dois humanos atrás.

Aproximando-se, pararam por detrás de Caramon. Raag bateu no ombro do grande guerreiro.

Caramon virou-se lentamente.

— Que é? — inquiriu numa voz aborrecida, que Tas não reconheceu.

— Tu vens agora — disse Raag.

— Estou a comer — começou Caramon, mas os dois humanos agarraram no enorme homem pelos braços e arrastaram-no para fora do banco antes que ele tivesse sequer oportunidade de terminar a frase. Então, Tas vislumbrou um pouco do velho espírito de Caramon. Com o rosto vermelho, este lançou um golpe desajeitado a um deles. Mas o homem, sorrindo com desprezo, esquivou-se facilmente. O seu companheiro deu um forte pontapé no estômago de Caramon que, gemendo, caiu no chão. Os dois humanos fizeram-no levantar. Com a cabeça a latejar, Caramon deixou-se conduzir.

— Esperem! Onde... — Tas levantou-se, mas sentiu uma mão forte fechar-se sobre a sua.

Kiiri abanou a cabeça em forma de aviso, e Tas voltou a sentar-se.

— Que vão fazer com ele? — perguntou. A mulher encolheu os ombros.

— Acaba a tua refeição — respondeu, numa voz severa. Tas pousou o garfo.

— Não tenho muita fome — murmurou desanimado, a sua mente regressando ao estranho e cruel olhar que o anão lançara a Caramon quando se encontravam no exterior da arena.

O homem negro sorriu para o *kender*, sentado na sua frente.

— Anda daí — disse, levantando-se e estendendo a mão para Tas, de forma amigável —, levo-te ao teu quarto. Todos passamos pelo mesmo no primeiro dia. O teu amigo ficará bem... com o tempo.

— Com o tempo. — Kiiri resfolegou, afastando o prato.

Tas encontrava-se só no quarto que disseram que iria partilhar com Caramon. Não era grande coisa. Localizado por debaixo da arena, parecia mais uma cela de prisão do que um quarto. Mas Kiiri contara-lhe que todos os gladiadores viviam em quartos como aquele.

— São limpos e quentes — disse ela. — Não há muita gente neste mundo que possa dizer o mesmo do lugar onde dorme. Além do mais, se vivêssemos rodeados de luxo, perderíamos a agressividade.

Bem, seguramente que não havia esse perigo, tanto quanto o *kender* podia ver, olhando para as paredes nuas de pedra, o chão coberto de palha, uma mesa com um jarro de água e uma bacia, e as duas pequenas cômodas onde deveriam ser guardados os seus objetos. Uma única janela, bem junto do teto e ao nível do solo, permitia a entrada de um pouco de luz do sol. Deitado na cama dura, Tas observou o sol a viajar através do quarto. O *kender* poderia ter saído para explorar, mas sentia que não se divertiria muito até saber o que tinham feito a Caramon.

A linha do sol no chão tornou-se cada vez mais longa. Uma porta abriu-se e Tas levantou-se ansioso. Afinal, era apenas um outro escravo, atirando com um saco para o chão do quarto e depois fechando outra vez a porta. Tas inspecionou o saco e o seu coração afundou-se. Eram os pertences de Caramon! Tudo o que tinha com ele, incluindo as suas roupas! Tas examinou-as ansiosamente, em busca de manchas de sangue. Nada. Parecia estar tudo em ordem... A mão dele fechou-se sobre qualquer coisa dura, numa algibeira interior e secreta.

Rapidamente Tas atirou-a para fora. O *kender* ficou sem respiração. O dispositivo mágico de Par-Salian! Como poderia aquilo ter-lhes escapado, interrogou-se, maravilhando-se com o bonito pendente com jóias, ao girá-lo na mão. Claro, era mágico, lembrou-se a si mesmo. Agora não parecia outra coisa senão uma bugiganga, mas ele próprio vira Par-Salian transformá-lo, a partir de um objeto parecido com um cetro. Sem dúvida alguma, tinha o poder de evitar a sua descoberta, se não *quisesse* ser descoberto.

Sentindo-o, agarrando-o, observando a luz do sol reluzir nas suas brilhantes jóias, Tas suspirou. Esta era a coisa mais requintada, maravilhosa e fantástica que jamais vira na vida. Desejava-a, com desespero. Sem pensar, o seu pequeno corpo ergueu-se e dirigia-se aos seus sacos quando estacou.

Tasslehoff Burrfoot, disse uma voz que se assemelhava muito à de Flint, estás a meter-te com um assunto sério. Isto é o «regresso para casa». O próprio Par-Salian, o grande Par-Salian, o deu a Caramon numa solene cerimônia. Pertence a Caramon. É dele, não tens qualquer direito a ela!

Tas estremeceu. Seguramente que nunca tivera pensamentos como este na sua vida. Com certas dúvidas, olhou para o dispositivo. Talvez fosse *o objeto* que estava a colocar estes pensamentos desconfortáveis na sua cabeça! Decidiu que não queria envolver-se com aquilo. Apressadamente, levou o dispositivo para a cômoda de Caramon. Depois, com precaução extra, fechou a cômoda à chave e colocou-a nas roupas de Caramon. Ainda mais miserável, regressou à cama.

A luz do sol acabara de desaparecer e o *kender* estava cada vez mais ansioso quando escutou um ruído lá fora. A porta foi violentamente aberta.

— Caramon! — gritou Tas horrorizado, pondo-se de pé com um salto.

Os dois corpulentos humanos arrastaram o enorme homem para o interior do quarto e atiraram-no para cima da cama. Depois, sorrindo, partiram, fechando com força a porta atrás deles. Ouviu-se um leve gemido vindo da cama.

— Caramon! — murmurou Tas. Dirigiu-se rapidamente ao jarro, deitou um pouco de água na bacia e levou-a para junto da cama do grande guerreiro. — O que fizeram eles? — perguntou suavemente, umedecendo os lábios do homem com água.

Caramon gemeu de novo e abanou a cabeça, fracamente. Tas olhou rapidamente para o corpo do grande homem. Não havia feridas visíveis, nenhum sangue, nenhum inchaço, nenhuma nódoa-negra nem marcas de chicote. Contudo, fora torturado, isso era óbvio. O grande homem passava por um grande sofrimento. O corpo

estava coberto de transpiração e os olhos tinham rolado para trás. De vez em quando, diversos músculos no seu corpo retorciam-se em espasmos e um ronco de dor escapava-lhe dos lábios.

— Foi...foi a roda? — perguntou Tas, engolindo em seco.

— Aperto dos dedos? — Nenhum desses deixava marcas no corpo, pelo menos assim ouvira contar. Caramon murmurou uma palavra.

— Quê? — Tas inclinou-se, banhando-lhe o rosto com água. — O que disseste? Cali... cali... o quê? Não entendi. — O *kender* franziu o cenho. — Nunca ouvi falar de uma tortura chamada cali-qualquer-coisa-murmurou. — Pergunto a mim mesmo o que será.

Caramon voltou a repeti-la, gemendo de novo.

— Cali... cali... calistênicos! — afirmou Tas, triunfantemente. Depois, deixou cair o jarro de água no chão. — Calistênicos? Isso não é nenhuma tortura!

Caramon gemeu mais uma vez.

— Isso são exercícios, seu bebê grande! — gritou Tas. — Queres dizer que tenho estado aqui à espera, incrivelmente preocupado, imaginando toda uma série de coisas horríveis, e tu estiveste lá fora a fazer exercícios!

Caramon só teve forças para se levantar da cama. Estendendo uma mão enorme, agarrou em Tas pelo colarinho da camisa e aproximou-o de si para que o fitasse nos olhos.

— Fui uma vez capturado por gnomos — disse Caramon num sussurro rouco —, que me ataram a uma árvore e passaram a noite a atormentar-me. Fui ferido por draconianos em Xak Tsaroth. Bebês dragões mastigaram a minha perna nas masmorras da Rainha das Trevas. E, juro-te, estou com dores como nunca tive na minha vida! Deixe-me sozinho e deixe-me morrer em paz.

Com outro ronco, a mão de Caramon caiu, fraca, para o seu lado. Os seus olhos fecharam-se. Aflorando um sorriso, Tas regressou à sua cama.

— Pensa que está com dores — refletiu o *kender*. — Ele que espere até amanhã.

O Verão ao fim em Istar. Veio o Outono, um dos mais bonitos de que alguém se recordava. O treino de Caramon iniciou-se e o guerreiro não morreu, embora houvesse alturas em que pensava que a morte seria mais fácil. Também Tas se viu tentado, por mais de uma ocasião, a pôr fim à provação do grande e mimado bebê. Uma dessas alturas fora durante a noite, quando Tas foi despertado por um soluço de partir o coração.

— Caramon? — disse Tas sonolento, sentando-se na cama. Nenhuma resposta, apenas outro soluço.

— Que se passa? — inquiriu Tas, subitamente preocupado.

Levantou-se da cama e atravessou o chão frio de pedra. — Tiveste algum sonho?

Pôde ver ao luar o sinal afirmativo de Caramon.

— Era sobre Tika? — perguntou o *kender* de coração mole, sentindo lágrimas nos olhos ao aperceber-se da dor do homem enorme. — Não. Raistlin? Não. Sobre ti? Estás com receio que...

— Sonhei com um bolo! — Caramon soluçou.

— Quê? — perguntou Tas, espantado.

— Com um bolo! — balbuciou Caramon. — Oh, Tas! Estou com tanta fome. E sonhei com um bolo, como aqueles que Tika costumava fazer, todo coberto de mel e pequenas nozes...

Pegando num sapato, Tas atirou-lhe com desprezo e regressou à cama.

Mas, no final do segundo mês de treino rigoroso, Tas olhou para Caramon e teve de admitir que isto era exatamente o que Caramon estava a necessitar. Os rolos de gordura em redor da cintura do grande homem tinham desaparecido, as coxas flácidas estavam de novo rijas e musculosas, e os músculos sobressaíam-lhe nos braços, peito e costas. Os seus olhos estavam brilhantes e alertas, substituindo o olhar aborrecido e vazio. A bebida fora transpirada e expulsa do seu corpo, o vermelho desaparecera-lhe do nariz, e o rosto já não tinha aquele aspecto balofo. O corpo adquirira um tom bronzeado, devido à exposição ao sol. O anão decretara que o cabelo castanho de Caramon podia crescer, uma vez que esse estilo era agora popular em Istar, pelo que se encaracolava em redor do seu rosto e pelas costas.

Além do mais, tornara-se agora num guerreiro com extrema perícia. Embora Caramon já tivesse sido bem treinado, o treino a que antes fora submetido tinha sido informal e as técnicas de armas transmitidas pela sua meia-irmã mais velha, Kitiara. Mas Arack importava treinadores de todas as partes do mundo, e agora Caramon aprendia técnicas com os melhores.

Acima de tudo, viu-se forçado a dar o seu melhor em combates diários com os próprios gladiadores. Outrora orgulhoso das suas artes de luta, Caramon sentira-se profundamente envergonhado ao ser derrubado, apenas ao fim de duas voltas, pela mulher, Kiiri. O homem negro, Pheragas, fez voar a espada de Caramon quase de imediato, batendo-lhe depois na cabeça com o escudo.

Mas Caramon era um discípulo apto e atento. A sua habilidade natural ajudou-o a estudar com rapidez e, algum tempo depois, já Arack observava com orgulho o grande homem derrubar Kiiri com facilidade e depois envolver friamente Pheragas na sua própria rede, aprisionando o homem negro ao chão da arena com o seu próprio tridente.

O próprio Caramon sentia-se feliz como não se sentia há muito tempo. Continuava a detestar o colar de ferro, e raramente passava um dia sem que ele ponderasse primeiro na possibilidade de se libertar e escapar. Mas estes impulsos foram desaparecendo, à medida que se interessava cada vez mais pelos treinos. Caramon sempre gostara da vida militar. Gostava de ter alguém que lhe dissesse o que fazer e quando. O único problema com que se defrontava eram as suas capacidades de representação.

Sempre aberto e honesto, mesmo perante um erro, a pior parte do seu treino era quando tinha de simular que estava a perder. Nessas alturas, tinha de gritar a todos os pulmões numa dor fingida quando Rolf lhe saltava para as costas. Tinha de aprender a cair, como se estivesse horrivelmente ferido, quando o bárbaro se atirava a ele com as falsas espadas.

— Não! Não! Não! Grande idiota! — gritava Arack vezes sem conta. Um dia, praguejando para Caramon, o anão aproximou-se e deu-lhe um soco na cara.

— Arrgh! — gritou Caramon com verdadeira dor, não se atrevendo a responder ao golpe, pois Raag encontrava-se por perto.

— Ora aí está... — disse Arack com orgulho, os punhos cerrados e com sangue nos nós dos dedos. — Lembra-te desse grito. Os espectadores vão adorá-lo.

Mas, no que dizia respeito a representação, Caramon parecia não ter futuro. Mesmo quando chegava a gritar, «mais parecia estar a chamar por alguém do que uma pessoa que estivesse a morrer», disse Arack a Kiiri, com desgosto. Então, um dia, o anão teve uma idéia.

A idéia surgiu-lhe quando observava as sessões de treino daquela tarde. Por acaso estavam a assistir algumas pessoas. Ocasionalmente, Arack permitia a entrada de certos membros do público, depois de ter descoberto que isso era bom para o negócio. Nesta altura, estava a entreter um nobre, que viajara de Solamnia com a família. O nobre tinha duas jovens e bonitas filhas, as quais, desde o momento em que entraram na arena, nunca mais tiraram os olhos de Caramon.

— Por que não o vimos combater na outra noite? — perguntou uma ao pai.

O nobre olhou em interrogação para o anão.

— Ele é novo — replicou Arack. — Ainda está a treinar. Contudo, posso afirmar-vos que está praticamente preparado. Na verdade, estava a pensar em fazê-lo participar... quando disse que regressaria para os Jogos?

— Não vamos voltar — começou o nobre, mas ambas as filhas gritaram de frustração. — Bom — corrigiu —, talvez... se conseguirmos arranjar bilhetes.

As duas raparigas bateram palmas, e olharam de novo para Caramon, que praticava a esgrima com Pheragas. O corpo bronzeado do jovem reluzia com transpiração, o cabelo caía-lhe para o rosto em caracóis úmidos e movimentava-se com a graça de um atleta bem treinado. Reparando no olhar de admiração das raparigas, o anão não pode deixar de admitir que Caramon era, efetivamente, um jovem bastante atraente,

— Ele tem de ganhar — disse uma das raparigas, suspirando.
— Não suportaria vê-lo perder!

— Ele há de ganhar — replicou a outra. — Foi feito para ganhar. Tem ar de conquistador.

— É claro! Isso resolve todos os meus problemas! — disse subitamente o anão, fazendo com que o nobre e a sua família o fitassem, perplexos. — *O Conquistador!* É assim que o vou rotular. Nunca derrotado! Não sabe como perder! Jurou tirar a sua própria vida, se alguma vez alguém o derrotasse!

— Oh, não! — gritaram as duas raparigas, com angústia. — Não nos diga isso.

— É verdade — afirmou o anão, solenemente, esfregando as mãos.

— As pessoas virão de milhas de distância — disse a Raag naquela noite —, na esperança de estarem presentes na noite em que ele perder. E, como é óbvio, não perderá, pelo menos durante muito, muito tempo. Entretanto, será um homem capaz de partir os corações femininos. Isso eu já vejo agora. E tenho exatamente as roupas...

Tasslehoff, entretanto, achava a sua vida na arena bastante interessante. Embora, no início, tivesse ficado deveras magoado quando lhe disseram que não podia ser um gladiador (Tas tinha visões de si mesmo com um segundo Kronin Thistleknot, o herói de *Kenderhome*), Tas vagueara por ali durante uns dias, aborrecido. Tal terminou quando quase foi morto por um minotauro enraivecido, que descobrira o *kender* a passar alegremente pelo seu quarto.

Os minotauros ficaram furiosos. Combatendo na arena unicamente pelo prazer do esporte, consideravam-se uma raça superior, vivendo e comendo longe dos outros. Os seus alojamentos eram sagrados e invioláveis.

Arrastando o *kender* até à presença de Arack, o minotauro exigiu que lhe fosse dada autorização para o abrir ao meio e para lhe beber o sangue. O anão, por si, teria concordado, uma vez que os *kenders* não lhe faziam qualquer falta, mas Arack lembrou-se da conversa que tivera com Quarath logo depois de ter comprado os

dois escravos. Por uma razão desconhecida, a mais alta autoridade da Igreja tinha interesse em que nada acontecesse a estes dois. Viu-se, portanto, forçado a recusar o pedido do minotauro, mas apaziguou-o dando-lhe um javali que poderia sacrificar no desporto. Depois, Arack puxou Tas para um lado, esbofeteou-o por diversas vezes no rosto, e acabou por lhe dar permissão para sair da arena e explorar a cidade, se o *kender* promettesse regressar à noite.

Tas, que já se esgueirara para fora da arena em diversas ocasiões, ficou excitado perante isto e retribuiu a bondade do anão, trazendo-lhe qualquer adorno sem valor de que pensou que Arack pudesse gostar. Apreciando estas atenções, Arack apenas batia no *kender* com uma vara quando apanhava Tas a tentar passar algumas guloseimas a Caramon, em vez de o chicotear, como teria feito em condições normais.

Desta forma, Tas circulava por Istar a seu bel prazer, aprendendo rapidamente a esquivar-se dos guardas da cidade, que nutriam uma aversão pouco razoável pelos *kenders*. E foi assim que Tas conseguiu penetrar no próprio templo.

Apesar dos treinos, dieta e outros problemas, Caramon nunca perdeu de vista o seu objetivo. Recebera uma mensagem fria e concisa de Lady Crysania, pelo que sabia que ela se encontrava bem. Mas era tudo. De Raistlin, nem sinal.

No início, Caramon sentia-se desesperado, pois não poderia encontrar o seu irmão nem Fistandantilus, dado que não lhe era permitido sair da arena. Mas depressa se apercebeu de que Tas poderia ir a lugares e ver coisas de forma muito mais fácil do que ele, mesmo que se encontrasse em liberdade. As pessoas tinham tendência para tratar os *kenders* da mesma forma que tratavam as crianças: como se não estivessem presentes. E Tas era ainda mais habilidoso do que a maioria dos *kenders* a disfarçar-se nas sombras, a infiltrar-se por detrás de cortinas ou a esgueirar-se silenciosamente através de corredores.

Além do mais, havia a vantagem de o próprio templo ser tão vasto e tão cheio de pessoas, entrando e saindo a praticamente todas as horas, que um *kender* era facilmente ignorado ou, quanto muito, apenas lhe pediam, de forma irritada, que saísse do caminho.

Tal foi se tornado ainda mais fácil pelo fato de haver diversos escravos *kender* a trabalhar nas cozinhas e mesmo alguns clérigos *kender*, que entravam e saíam livremente.

Tas teria gostado imensamente de fazer amigos entre estes e de lhes perguntar sobre a sua terra, sobretudo aos clérigos *kender*, dado que não sabia que eles existiam. Mas não se atreveu a tal. Caramon alertara-o para o perigo de conversar demasiado e, pelo menos desta vez, Tas levou a sério o seu aviso. Achando que era uma coisa de arrasar os nervos, estar constantemente preocupado em não falar sobre dragões ou o Cataclismo ou qualquer coisa que fizesse as pessoas ficarem aborrecidas, decidiu que o melhor seria evitar a tentação por completo. Pelo que se contentou em bisbilhotar pelo templo e em reunir informações.

— Vi Crysania — relatou a Caramon uma noite, depois de regressarem do jantar e de um jogo de braço de ferro com Pheragas. Tas estava deitado na cama, enquanto Caramon praticava com uma clava e uma corrente no centro do quarto. Arack queria que ele adquirisse experiência com outras armas, para além da espada. Vendo que Caramon ainda necessitava de muita prática, Tas colocou-se na extremidade mais afastada da cama, bem longe de alguns dos arremessos de maior violência do grande homem.

— Como está ela? — inquiriu Caramon, olhando para o *kender* com interesse.

Tas abanou a cabeça.

— Não sei. Acho que está com bom aspecto. Pelo menos não tem ar de doente. Mas também não tinha aspecto de feliz. Tem o rosto pálido e, quando tentei falar com ela, limitou-se a ignorar-me. Não me parece que me tenha reconhecido.

Caramon franziu o cenho.

— Vê se consegues descobrir o que se passa — disse. — Lembre-se que ela também anda à procura de Raistlin. Talvez tenha alguma coisa a ver com ele.

— Está bem — replicou o *kender*, afundando-se no momento em que a clava assobiou junto da sua cabeça. — Eh, tem cuidado! Chega um pouco para trás. — Levou ansiosamente a mão ao topete para se certificar de que o cabelo estava intacto.

— Por falar em Raistlin — disse Caramon, numa voz subjugada. — Também não descobriste nada hoje?

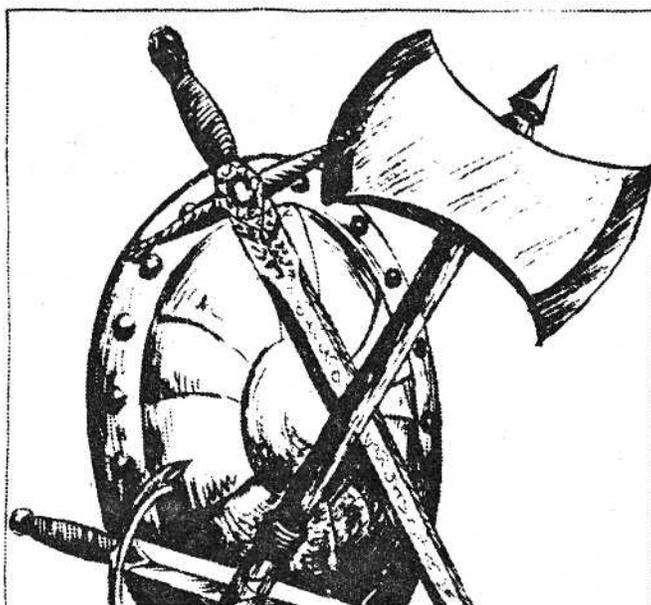
Tas abanou a cabeça.

— Fiz perguntas e mais perguntas. Fistantilus tem aprendizes que vão e vêm às vezes. Mas ninguém viu qualquer pessoa que correspondesse à descrição de Raistlin. E, sabes, pessoas com pele dourada e olhos de ampulheta têm a tendência para sobressair numa multidão. Mas — o *kender* mostrou-se confiante —, é possível que descubra qualquer coisa dentro em breve. Ouvi dizer que Fistantilus tinha regressado.

— Sim? — Caramon parou de oscilar a clava e virou-se para Tas.

— É verdade. Não o vi, mas alguns dos clérigos estavam a conversar sobre isso. Parece que reapareceu a noite passada, bem no meio da sala de audiências do rei-sacerdote. Assim... puf! Ali estava ele. Um grande ato.

— Sim — rosou Caramon. Oscilando a clava pensativamente, ficou em silêncio durante tanto tempo que Tas bocejou e preparou-se para dormir. A voz de Caramon fê-lo regressar à consciência num repente.



CAPÍTULO 7

A afirmação fria de Caramon acordou rapidamente o *kender*.

— A... assassinar! Eu... ah... acho que devias refletir sobre isso, Caramon — disse Tas, com dificuldade. — Quero dizer, pensa bem. Este Fistandantilus é um bom, muito *bom*, qu... quero dizer, *talentoso* utilizador de magia. Melhor ainda do que Raistlin e Parsalian juntos, se o que dizem é verdade. Uma pessoa não se aproxima e mata assim um tipo como este. Sobretudo quando essa pessoa nunca assassinou ninguém antes! Não quero com isto dizer que tenhamos que praticar, veja bem, mas...

— Ele tem de dormir, não tem? — perguntou Caramon.

— Bem..., penso que sim. Todo mundo tem de dormir, acho, mesmo os utilizadores de magia...

— Sobretudo os utilizadores de magia — interrompeu Caramon friamente. — Lembra-se como Raist ficava fraco quando não dormia? E essa é a realidade de todos os feiticeiros, mesmo dos mais poderosos. Essa foi uma das razões porque perderam as grandes batalhas, as Batalhas Perdidas. Necessitavam de descansar. E para

de falar em «nós». *Eu* é que o farei. Tu nem precisas vir. Descobre apenas onde fica o quarto dele, de que tipo de defesas ele dispõe e quando vai para a cama. A partir daí, o assunto está nas minhas mãos.

— Caramon — começou Tas, hesitantemente —, achas que está certo? Quero dizer, sei que foi por isso que os magos te fizeram voltar atrás no tempo. Pelo menos, *penso* que foi para isso. Ficou tudo um pouco estranho no fim. E sei que este Fistandantilus tem a reputação de ser um a pessoa verdadeiramente *má* e usa as vestes negras e tudo isso, mas estará certo assassiná-lo? Quero dizer, no meu entender, esse ato tornar-nos-á tão maus como ele, não é assim?

— Pouco me interessa — afirmou Caramon sem emoção, os olhos postos na clava que oscilava lentamente para a frente e para trás. — É a vida dele ou a de Raistlin, Tas. Se eu matar agora Fistandantilus, agora nesta época, ele não poderá no futuro apoderar-se de Raistlin. Posso libertar Raistlin daquele corpo despedaçado, Tas, e torná-lo num homem novo! Assim que conseguir libertá-lo do mal deste homem saberei que voltará a ser o velho Raist de sempre. O pequeno irmão que eu amava. — A voz de Caramon tornou-se melancólica e os olhos úmidos. — Poderia ir viver conosco, Tas.

— E Tika? — inquiriu Tas, com hesitação. — Como é que ela vai reagir quando souber que assassinaste alguém?

Os olhos de Caramon reluziram de irritação.

— Já te tinha pedido antes... não fales sobre ela, Tas!

— Mas, Caramon...

— Estou falando sério, Tas!

E, desta vez, a voz do grande homem revelava um tom que Tas sabia significar que fora longe demais. O *kender* sentou-se miseravelmente na sua cama. Olhando para ele, Caramon suspirou.

— Escuta, Tas — disse, em tom calmo —, vou explicar-te de uma vez por todas. Eu... eu não tenho sido muito bom para Tika. Estava certa quando me pôs para fora, vejo isso agora, embora houvesse um tempo em que pensei que nunca lhe perdoaria. — O grande homem ficou em silêncio por alguns instantes, alinhando os

seus pensamentos. Depois, com um outro suspiro, prosseguiu: — Disse-lhe uma vez que, enquanto Raistlin vivesse, ele seria o primeiro nos meus pensamentos. Pedi-lhe que encontrasse alguém que lhe pudesse dar todo o seu amor. Pensei, no início, que *eu* o poderia fazer, quando Raistlin partiu para a sua vida. Mas — abanou a cabeça —, não sei. Não deu certo. Agora, tenho de fazer isto, entende? E não posso pensar em Tika! Ela... ela só se intromete no meu caminho...

— Mas Tika ama-te tanto! — foi tudo o que Tas conseguiu dizer. E, claro, foi exatamente aquilo que não deveria ter dito. Caramon franziu o cenho e começou a oscilar a clava mais uma vez.

— Está bem, Tas — disse, numa voz tão profunda que podia vir debaixo dos pés do *kender* —, acho que isto significa adeus. Pede ao anão um outro quarto. Vou para a frente com o plano e, se alguma coisa correr mal, não quero que fiques metido em encrencas...

— Caramon, sabes bem que não quis dizer que não te ajudava — murmurou Tas. — Precisas de mim!

— Sim, acho que é verdade — murmurou Caramon, corando. Depois, olhando para Tas, sorriu, em forma de desculpa. — Lamento. Simplesmente, não volte a falar em Tika, está bem?

— Está bem — replicou Tas, infeliz. Retribuiu o sorriso a Caramon, vendo o grande homem guardar as armas e preparar-se para deitar. Mas era um sorriso forçado e, quando Tas se enroscou na sua cama, sentiu-se mais deprimido e infeliz do que quando Flint morrera.

«*Ele não teria aprovado, disso tenho certeza*», disse Tas para si mesmo, pensando no velho anão. «*Parece que o estou a ouvir. Kender estúpido e insensato!*», diria. «*Assassinar feiticeiros! Por que não poupas aborrecimentos a muita gente e te pões a andar!* E quanto a Tanis», pensou Tas, ainda mais miserável. «Nem consigo imaginar o que ele diria!» Deitando-se de lado, Tas puxou os cobertores até ao queixo. «Quem me dera que ele estivesse aqui! Quem me dera que estivesse aqui *alguém* para nos ajudar! Caramon não está a pensar corretamente, sei que não está! Mas, o que posso

eu fazer? Tenho que o ajudar. É meu amigo. E, o mais provável, é que se meta em grandes encrencas sem mim!»

O dia seguinte era o primeiro dia de Caramon nos Jogos. Tas fez a sua visita ao templo de manhã bem cedo e regressou a tempo de assistir ao combate de Caramon, que teria lugar nessa tarde. Sentado na cama, balançando as pernas para a frente e para trás, o *kender* fez o seu relato, enquanto Caramon circulava nervoso pelo quarto, aguardando que o anão e Pheragas lhe trouxessem as roupas de combate.

— Estavas certo — admitiu Tas com relutância. — Aparentemente, Fistandantilus precisa de dormir bastante. Vai todas as noites para a cama bem cedo e dorme o sono dos mortos... quero dizer... — Tas engasgou-se —, dorme profundamente até de manhã.

Caramon olhou para ele severamente.

— Guardas?

— Não — disse Tas, encolhendo os ombros. — Nem sequer tranca a porta. Ninguém tranca as portas no templo. Afinal de contas, trata-se de um lugar sagrado, e acho que, ou todos confiam uns nos outros, ou não têm nada para guardar. Sabes — disse o *kender* em reflexão —, sempre detestei portas trancadas, mas agora decidi que a vida sem elas seria um verdadeiro aborrecimento. Já estive em alguns quartos do templo. — Tas ignorou o olhar horrorizado de Caramon. — Acredita, nem valeu o trabalho. Seria de se esperar que um utilizador de magia fosse diferente, mas Fistandantilus não guarda lá nenhum dos seus ingredientes de magia. Penso que só utiliza o quarto para passar a noite quando está de visita à corte. Além disso — salientou o *kender* com um brilhante rasgo de lógica —, *ele* é a única pessoa má na corte, pelo que não teria que se proteger de mais ninguém a não ser dele próprio!

Caramon, que há muito deixara de escutar, murmurou qualquer coisa e continuou a andar de um lado para o outro. Tas franziu o cenho, desconfortavelmente. Ocorreu-lhe subitamente que ele e Caramon estavam agora envolvidos com utilizadores de magia ligados ao mal. Isto fez com que se decidisse.

— Lamento muito, Caramon — disse Tas, após alguns momentos. — Mas não me parece que te possa ajudar, afinal de contas. Os *kenders* não são muito esquisitos, por vezes, com as suas próprias coisas, ou mesmo com as das outras pessoas, mas não creio que algum *kender* tenha jamais *assassinado* alguém na sua vida! — suspirou e prosseguiu numa voz agitada. — E, tenho de pensar em Flint e... e Sturm. Sabes que Sturm não aprovaria! Era tão honrado. Não está certo, Caramon! Torna-nos tão maus quanto Fistandantilus. Ou talvez piores.

Caramon abriu a boca e estava prestes a responder quando a porta se abriu de repente e Arack entrou.

— Que tal nos sentimos, matulão? — disse o anão, espreitando Caramon. — Grande mudança, desde que vieste para cá, não é verdade? — Deu umas palmadas nos músculos rijos do grande homem de forma apreciativa e depois, cerrando o punho, esmagou-o subitamente contra o ventre de Caramon. — Duro como aço — disse, sorrindo e abanando a mão dolorida.

Caramon olhou para baixo com desprezo para o anão, fitou Tas e depois suspirou.

— Onde está a minha roupa? — resmungou. — Está quase na hora.

O anão estendeu um saco.

— Está aqui dentro. Não te preocupes, não vai levar muito tempo para a vestires.

Agarrando no saco com nervosismo, Caramon abriu-o.

— Onde está o resto? — perguntou a Pheragas, que acabara de entrar no quarto.

— Está tudo aí! — retorquiu Arack. — Bem te disse que não ias levar muito tempo a vestir-te!

O rosto de Caramon ficou profundamente vermelho.

— Eu... eu não posso usar... apenas isto... — balbuciou, fechando rapidamente o saco. — Disse que iam estar senhoras presentes...

— Que vão adorar cada centímetro desse corpo bronzeado! — troçou Arack. Depois, o sorriso desapareceu do rosto desfeito do anão, sendo substituído pelo franzir de olhos sombrio e ameaçador.

— Veste isso, grande idiota. O que te parece que eles pagam para ver? Uma escola de dança? Não... pagam para ver corpos cobertos de suor e sangue. Quanto mais corpo, mais suor e mais sangue, sangue verdadeiro, melhor!

— Sangue *verdadeiro*? — Caramon olhou para cima, os olhos castanhos reluzindo. — O que quer dizer? pensei que tinha dito...

— Bah! Prepara-o, Pheragas. E, enquanto te encarregas disso, explica os fatos da vida a esse pateta. Está na hora de cresceres, meu pequeno boneco. — Com estas palavras e uma gargalhada o anão saiu.

Pheragas deu um salto para o lado a fim de permitir a passagem do anão e depois entrou no pequeno quarto. O seu rosto, normalmente jovial e alegre, não passava de uma máscara indecifrável. Não havia qualquer expressão nos seus olhos e evitava olhar diretamente para Caramon.

— Que quis ele dizer? Crescer? — perguntou Caramon. — Sangue verdadeiro?

— Vamos — disse Pheragas mal-humorado, ignorando a pergunta. — Eu ajudo-te com estas fivelas. É difícil uma pessoa habituar-se a elas de início. Não passam de ornamentos, próprias para se partirem facilmente. O público adora ver uma peça a partir-se ou cair.

Tirou uma proteção de ombro ornamentada de dentro do saco e começou a colocá-la em Caramon, posicionando-se por detrás dele, mantendo os olhos fixos nas fivelas.

— Isto é feito de ouro — disse Caramon lentamente. Pheragas rosou.

— A manteiga evitaria mais facilmente uma faca do que este material — prosseguiu Caramon, apalpando-o. — E olhem para estes espalhafatosos ornamentos! A ponta de uma espada penetra sem dificuldade dentro deles.

— Sim. — Pheragas riu-se, mas foi um riso forçado. — Como podes ver, era preferível estar nu a usar estas coisas.

— Nesse caso, não tenho muito com que me preocupar — observou Caramon sobriamente, retirando a tanga de couro que era o único objeto que se encontrava ainda no interior do saco, além de

um capacete ornamentado. Também a tanga tinha adornos dourados e mal cobria as suas partes íntimas de forma decente. Quando ele, com o auxílio de Pheragas, acabou de se vestir, até o *kender* corou perante a imagem de Caramon visto por trás.

Pheragas preparava-se para ir embora, mas Caramon fê-lo parar, colocando-lhe a mão no braço.

— É melhor contares-me, meu amigo. Isto é, se ainda és meu amigo.

Pheragas fixou Caramon intensamente e depois encolheu os ombros.

— Pensei que já tivesses percebido. Usamos armas afiadas. Oh, as espadas continuam a ser falsas — acrescentou, vendo os olhos de Caramon estreitarem-se. — Mas, se fores atingido, sangras... de verdade. Foi por isso que treinamos tanto os teus golpes.

— Queres dizer que as pessoas vão ficar realmente feridas? Posso magoar alguém? Alguém como Kiiri, ou Rolf, ou o Bárbaro? — A voz de Caramon cresceu de irritação. — O que mais pode acontecer? O que mais não me contaste... amigo?

Pheragas olhou para Caramon friamente.

— Onde pensas que arranjei estas cicatrizes? A brincar com a minha ama? Escuta, um dia há de entender. Não há tempo para explicar agora. Limita-te a confiar em nós, em Kiiri e em mim. Segue os nossos comandos. E... fica de olho nos minotauros. Eles lutam para eles próprios, não para um mestre ou dono. Não têm de responder perante ninguém. Oh, concordaram em obedecer às regras, viram-se obrigados a fazê-lo, ou o rei-sacerdote mandava-os de volta para Mithas. Mas... bem, são os favoritos perante o público. As pessoas gostam de vê-los a provocar sangue. E são tão bons a receber como a dar.

— Sai daqui! — rosnou Caramon.

Pheragas ficou a observá-lo por instantes e começou a dirigir-se para a porta. Contudo, quando lá chegou, estacou.

— Escuta, amigo — afirmou, severamente —, estas cicatrizes que ganho na arena são insígnias de honra, tão valiosas quanto as esporas que um cavaleiro qualquer ganha num torneio! É o único

tipo de honra que podemos retirar de um espetáculo de farsa como este! A arena possui o seu próprio código, Caramon, e não tem nada a ver com esses malditos cavaleiros e nobres que ficam ali sentados a assistirem, enquanto nós, os escravos, sangramos para seu divertimento. Eles falam da *honra* deles. Bom, nós também temos a nossa. É isso que nos mantém vivos. — Ficou em silêncio. Parecia que ia dizer mais qualquer coisa, mas os olhos de Caramon estavam fixos no chão. O grande homem recusando-se, teimosamente, a acusar as suas palavras ou presença.

Por fim, Pheragas disse:

— Tens cinco minutos — e partiu, fechando com força a porta ao sair.

Tas desejava poder dizer alguma coisa mas, ao ver o rosto de Caramon, mesmo o *kender* compreendeu que era altura de ficar calado.

Quem vai para uma batalha com mau sangue, vê-o derramado ao cair da noite. Caramon não conseguia recordar-se qual fora o velho comandante que lhe dissera isto, mas sempre o achara um bom axioma. A vida de uma pessoa dependia, freqüentemente, da lealdade daqueles com quem se combatia. Era uma boa idéia deixar resolvidas quaisquer divergências que pudessem existir. Também não gostava de guardar ressentimentos. A única coisa que ganhava com isso eram problemas de estômago.

Foi por isso fácil apertar a mão de Pheragas quando o homem negro lhe começou a virar as costas, antes de entrar na arena, e de lhe apresentar as suas desculpas. Pheragas aceitou-as calorosamente, enquanto Kiiri, a quem, obviamente, Pheragas contara todo o episódio, exprimiu a sua aprovação com um sorriso. Exprimiu de igual forma a sua aprovação pelo traje de Caramon; olhou para ele com tal admiração, não dissimulada nos seus reluzentes olhos verdes, que Caramon corou, embaraçado.

Os três conversavam nos corredores que existiam por debaixo da arena, aguardando a sua altura de entrar. Com eles encontravam-se os outros gladiadores que combateriam naquele dia: Rolf, o *Bárbaro*, e o Minotauro Vermelho. Acima deles, podiam escutar manifestações ocasionais por parte do público, mas o som chegava

abafado. Esticando o pescoço, Caramon podia ver para lá da porta. Desejou que já fossem horas de começar. Raramente se sentira assim tão nervoso, mais nervoso do que quando ia participar numa batalha, apercebeu-se.

Também os outros sentiam a tensão. Tal era óbvio no riso de Kiiri, demasiado estridente e alto, e na transpiração que escorria pelo rosto de Pheragas. Mas era um bom tipo de tensão, misturada com excitação. E, subitamente, Caramon compreendeu que estava ansioso por participar nos Jogos.

— Arack está a chamar pelos nossos nomes — disse Kiiri. Ela, Pheragas e Caramon avançaram. O anão decidira que, uma vez que tinham trabalhado bem em conjunto, deveriam combater em grupo. (Esperava de igual modo que os dois profissionais disfarçassem qualquer erro cometido por Caramon!)

A primeira coisa de que Caramon se apercebeu quando entrou na arena foi do barulho. Embatia nele como ondas poderosas, umas a seguir das outras, as quais pareciam surgir do céu repleto de sol por cima dele. Por momentos, sentiu-se perdido e confuso. A arena, que se tornara já familiar, onde trabalhara e praticara tão arduamente nos últimos meses, tornara-se, subitamente, num local estranho. O seu olhar dirigiu-se às grandes filas circulares que rodeavam a arena, e sentiu-se subjugado perante a visão das milhares de pessoas, todas, ao que parecia, de pé, gritando.

As cores dançavam nos seus olhos: alegres bandeiras flutuantes anunciando um dia de jogos, estandartes de seda de todas as famílias nobres de Istar, e as bandeiras mais humildes daqueles que vendiam tudo, desde gelo com sabor a fruta, a chá, dependendo da estação do ano. E tudo parecia estar em movimento, fazendo-o ficar tonto e repentinamente nauseado. Depois, sentiu a mão fria de Kiiri sobre o braço. Voltando-se, viu-a sorrir para ele, de forma tranqüilizadora. Viu a arena familiar por detrás dela, viu Pheragas e os seus outros amigos.

Sentindo-se melhor, voltou rapidamente a sua atenção para a ação. O melhor seria manter a mente ocupada com aquilo que tinha que fazer, disse a si mesmo, severamente. Se lhe falhasse um só que fosse dos movimentos ensaiados, não só faria figura de idiota como

poderia também magoar alguém. Lembrou-se das recomendações especiais de Kiiri em relação ao tempo correto para arremessar a espada. «Agora», pensou tristemente, «percebia porquê».

Mantendo os olhos nos seus parceiros e na arena, ignorando o barulho e a multidão, tomou o seu lugar, pronto a começar. De alguma forma, a arena parecia diferente e, por alguns momentos, não conseguiu compreender a razão. Apercebeu-se depois que, tal como eles estavam trajados, o anão decorara também a arena. Permaneciam as mesmas plataformas cobertas de serragem onde combatia todos os dias, mas estavam agora disfarçados com símbolos representando os quatro cantos do mundo.

Ao redor destas quatro plataformas, brilhavam as brasas quentes, o fogo bramia, o óleo fervia e borbulhava. Pontes de madeira ligavam os assim chamados Poços da Morte, unindo as quatro plataformas. No início, estes poços alarmaram Caramon. Mas descobrira que o seu único fim era criar efeito. O público adorava quando um lutador era conduzido da arena para as pontes. Ficaram delirantes quando o *Bárbaro* segurou em Rolf pelos tornozelos por cima do óleo fervente. Depois de ter assistido a tudo isto nos ensaios, Caramon sentia vontade de se rir com Kiiri perante a expressão aterrorizada de Rolf e dos frenéticos esforços que fazia para se salvar, o que resultava, como sempre, numa pancada na cabeça do *Bárbaro* através de um golpe desferido pelos braços poderosos de Rolf.

O sol atingiu o zênite e um brilho dourado conduziu os olhos de Caramon para o centro da arena. Aqui erguia-se o Pináculo da Liberdade, uma estrutura alta feita de ouro, tão delicada e ornamentada que parecia deslocada naquelas imediações tão grosseiras. No seu cimo, pendia uma chave, chave essa que abriria a fechadura de qualquer um dos colares de ferro. Caramon vira já o pináculo por diversas vezes enquanto praticava, mas nunca vira a chave, que era guardada no escritório de Arack. Só o fato de olhar para ela fazia com que o colar em redor do seu pescoço parecesse particularmente pesado. Os seus olhos encheram-se de lágrimas repentinas. Liberdade... Acordar de manhã e ter a possibilidade de atravessar uma porta, ir a qualquer lugar neste grande mundo, se

assim o desejasse. Era uma coisa tão simples. Agora, como sentia a falta dela!

Depois, ouviu Arack chamar pelo seu nome, viu-o apontar para eles. Agarrando na sua arma, Caramon virou-se para enfrentar Kiiri, a visão da Chave Dourada ainda na sua mente. No final do ano, qualquer escravo que se tivesse saído bem nos Jogos poderia lutar pelo direito de escalar aquele pináculo e pegar na chave. Tratava-se de pura dissimulação, obviamente. Arack selecionava sempre aqueles que garantiam a atração do público. Caramon nunca pensara nisso antes, dado que a sua única preocupação era o irmão e Fistandantilus. Mas, agora, apercebeu-se de que tinha um novo objetivo. Com um grito selvagem, ergueu bem alto a falsa espada, em cumprimento.

Caramon não tardou a descontrair-se e a desfrutar do combate. Descobriu que lhe agradavam as vivas e aplausos da multidão. Apanhado na excitação dos presentes, descobriu que representava para eles, tal como Kiiri lhe dissera que aconteceria. Os poucos ferimentos que sofreu não foram importantes, meros arranhões. Nem conseguia sentir a dor. Riu-se de si mesmo por se ter preocupado. Pheragas estava certo por não ter mencionado uma coisa tão idiota. Lamentava ter dado tanta importância a essa questão.

— Eles estão a gostar de ti — disse Kiiri, sorrindo para ele durante um dos períodos de descanso. Mais uma vez, os seus olhos percorreram o corpo musculoso e praticamente nu de Caramon. — E dou-lhes razão. Estou ansiosa pelo nosso combate de luta livre.

Kiiri riu-se quando o viu corar, mas Caramon leu nos olhos dela que Kiiri não estava a brincar, sentindo-se repentinamente consciente da sua feminilidade, algo que nunca lhe ocorrera durante os treinos. Talvez isso se devesse ao traje escasso que habitualmente ela usava, o qual parecia ter o objetivo de revelar tudo, ocultando, no entanto, tudo o que era mais desejável. O sangue de Caramon ferveu, quer de paixão quer do prazer que sempre sentia em combate. Recordações confusas de Tika chegaram-lhe à mente, e apressou-se a desviar o olhar de Kiiri,

apercebendo-se de que já dissera mais com os olhos do que realmente pretendia.

Este ato foi apenas em parte sucedido, pois viu-se a fitar as bancadas, diretamente nos olhos de muitas mulheres bonitas que, obviamente, tentavam despertar a atenção dele.

— Estão a chamar-nos de novo — disse-lhe Kiiri, e Caramon regressou agradecido à arena.

Sorriu para o *Bárbaro*, quando o homem alto avançou. Este era o melhor número deles e ele e Caramon tinham-no praticado várias vezes. O *Bárbaro* pestanejou para Caramon quando se encontraram frente a frente, os seus rostos retorcidos em expressões de ódio feroz. Rosnando e rugindo como animais, os dois homens baixaram-se, circulando e fitando-se em redor da arena por um período de tempo adequado para criar emoção. Caramon quase se viu a sorrir e teve de recordar a si mesmo que tinha de mostrar uma expressão malévola. Gostava do *Bárbaro*. Era um homem das planícies, e recordava-lhe, de diversas formas, Riverwind: alto, cabelo escuro, embora não tão sério quanto o seu amigo.

O *Bárbaro* era também um escravo, mas o colar de ferro em redor do seu pescoço estava velho e desgastado devido a inúmeros combates. Seria um dos escolhidos para ter acesso à chave dourada, isso era certo.

Caramon arremessou-se para a frente, com a sua espada articulada. O *Bárbaro* desviou-se facilmente e apanhando Caramon com o pé, fê-lo tropeçar. Caramon caiu com um rugido. O público gemeu (as mulheres suspiraram), mas escutaram-se muitos vivas para o *Bárbaro*, que era um dos favoritos. O *Bárbaro* lançou-se para Caramon debruçado com uma lança. As mulheres gritaram de terror. No último instante, Caramon rolou para o lado e, agarrando no pé do *Bárbaro*, derrubou-o para a plataforma coberta de serragem.

A multidão vibrou. Os dois homens debatiam-se no chão da arena. Kiiri apressou-se a ir socorrer o companheiro derrubado e o *Bárbaro* libertou-se dos dois, para deleite do público. Depois Caramon, com um gesto galante, ordenou a Kiiri que regressasse à sua posição, atrás da linha. Tornou-se óbvio para a assistência que ele próprio cuidaria deste opositor insolente.

Kiiri deu uma palmada na nádega de Caramon (tal não fazia parte dos ensaios e quase fez Caramon esquecer-se do movimento seguinte), e depois correu dali para fora. *O Bárbaro* saltou para Caramon, que puxou da adaga articulada. Tal iria constituir o final do espetáculo, tal como tinham planejado. Mergulhando por debaixo do braço erguido do *Bárbaro* numa hábil manobra, Caramon enfiou a falsa adaga no ventre de *Bárbaro*, onde uma bolsa com sangue de galinha se encontrava perfeitamente dissimulada por baixo da couraça com penas.

Deu resultado! O sangue de galinha jorrou para cima de Caramon, escorrendo-lhe pela mão e braço. Caramon olhou para o rosto do *Bárbaro*, esperando mais um pestanejar de triunfo...

Algo estava errado.

Os olhos do homem tinham-se aberto muito, tal como planejado. Mas tinham-se esbugalhado em verdadeira dor e em choque. Avançou vacilante — também isso fora ensaiado —, mas não a respiração penosa de agonia. Quando Caramon o apanhou, apercebeu-se, horrorizado, que o sangue que corria pelo seu braço estava quente!

Retirando a adaga, Caramon fitou-a, ao mesmo tempo que tentava segurar o *Bárbaro*, que caía sobre ele. A lâmina era verdadeira!

— Caramon... — O homem soluçou. Sangue jorrava da sua boca.

A multidão lançava vivas. Há meses que não assistiam a efeitos especiais como estes!

— *Bárbaro!* Eu não sabia! — gritou Caramon, fitando com horror a adaga. — Juro!

Então, Pheragas e Kiiri vieram para junto deles, ajudando a deitar no solo da arena o *Bárbaro* moribundo.

— Continua a representar! — afirmou Kiiri severamente.

Caramon quase lhe bateu no seu acesso de raiva, mas Pheragas segurou-lhe no braço.

— A tua vida, as nossas vidas, dependem disso! — disse o homem negro entre dentes. — *E a vida do teu amiguinho!*

Caramon fitou-os, confuso. O que queriam eles dizer? O que estavam eles a dizer? Acabara de matar um homem, um amigo! Rosnando, afastou-se de Pheragas e ajoelhou-se junto do *Bárbaro*. Muito ao longe, podia escutar a multidão exuberante e sabia, algum lugar no seu íntimo, que devoravam tudo isto. O conquistador prestava homenagem ao «morto».

— Perdoa-me — disse ao *Bárbaro*, que anuiu.

— A culpa não é tua — murmurou o homem. — Não te culpes... — Os olhos fixaram-se e sangue libertou-se dos seus lábios.

— Temos que o levar da arena — sussurrou Pheragas rudemente para Caramon —, e tirar o melhor partido disto. Tal como ensaiamos. Compreendes?

Caramon anuiu, absorto. «*A tua vida... a vida do teu amiguinho*. Sou um guerreiro. Já matei antes. A morte não é nada de novo. *A vida do seu amiguinho*. Obedecer às ordens. Estou habituado a isso. Obedecer às ordens, depois hei de pensar nas respostas.»

Repetindo isto vezes sem conta, Caramon conseguiu subjugar a parte da sua mente que ardia de raiva e dor. Fria e calmamente, auxiliou Kiiri e Pheragas a erguer o corpo «sem vida» do *Bárbaro*, tal como fizeram repetidas vezes nos ensaios. Conseguiu mesmo arranjar forças para se virar e enfrentar a assistência, fazendo uma vênia. Pheragas, com um movimento hábil do braço esquerdo, fez com que parecesse que o *Bárbaro* «morto» estava também a fazer uma vênia. O público adorou e manifestou-se ruidosamente. Depois, os três amigos arrastaram o cadáver para fora do palco, levando-o para os corredores escuros por baixo.

Uma vez aí, Caramon ajudou-os a deitarem o *Bárbaro* sobre a pedra fria. Ficou a observar o cadáver por largos instantes, pouco consciente da presença dos outros gladiadores que aguardavam a sua entrada na arena, olhando para o corpo sem vida e regressando depois às sombras.

Lentamente, Caramon ergueu-se. Voltando-se, agarrou em Pheragas e, com todas as forças, levantou e encostou o homem negro contra a parede. Puxando da adaga manchada de sangue do seu cinto, Caramon colocou-a em frente dos olhos de Pheragas.

— Foi um acidente — disse Pheragas através de dentes cerrados.

— Armas afiadas! — gritou Caramon, atirando a cabeça de Pheragas contra a parede de pedra. — Sangrar um pouco! Diz-me agora! O que é que se passa aqui, em nome do Abismo?

— Foi um acidente, pateta — ouviu-se uma voz de escárnio. Caramon virou-se. O anão encontrava-se na sua frente, o seu corpo gordo formando uma sombra baixa e retorcida no corredor sombrio e úmido por baixo da arena.

— E agora, vou falar-te de acidentes — disse Arack, a voz suave e malévola. Por detrás dele surgiu a figura gigantesca de Raag, a clava na sua mão enorme. — Liberta Pheragas. Ele e Kiiri têm de regressar à arena e receber os agradecimentos. Todos vocês foram hoje os vencedores.

Caramon olhou para Pheragas por momentos e depois deixou cair a mão. A adaga escorregou dos seus dedos nervosos para o chão e ele encostou-se à parede. Kiiri olhava para Caramon em mútua simpatia, pousando a mão sobre o seu braço. Pheragas suspirou, lançou um olhar venenoso ao anão e depois, seguido de Kiiri, deixou o corredor. Contornaram o cadáver do *Bárbaro* que permanecia no chão, sem ter sido tocado.

— Disse-me que ninguém morreria! — afirmou Caramon numa voz sufocada pela ira e dor.

O anão aproximou-se do grande homem.

— Tratou-se de um acidente — repetiu Arack. — Por vezes acontecem acidentes por aqui. Sobretudo a pessoas que não tomam os devidos cuidados. Podem acontecer-te a ti, se não fores cuidadoso. Ou ao teu amiguinho. Agora, quanto ao *Bárbaro*, não teve cuidado. Ou melhor o seu dono não teve cuidado.

Caramon levantou a cabeça, fitando o anão, os olhos esbugalhados de choque e horror.

— Ah, vejo que finalmente entendeste. — Arack anuiu.

— Este homem morreu porque o seu dono aborreceu alguém — disse Caramon suavemente.

— Sim. — O anão sorriu e acariciou a barba. — Civilizado, não achas? Nada que se pareça aos velhos tempos. E ninguém é

culpado. Exceto o dono dele, é claro. Vi o rosto dele esta tarde. Soube-o, assim que golpeaste o *Bárbaro*. Foi como se tivesses enfiado a adaga nele mesmo. Percebeu bem a mensagem.

— Isto foi um aviso? — inquiriu Caramon. O anão anuiu de novo e encolheu os ombros.

— Quem? Quem era o dono dele?

Arack hesitou, olhando de soslaio para Caramon. Este quase o podia ver a calcular, tomando consciência de quanto podia ganhar pelo fato de dizer, quanto podia ganhar pelo fato de nada contar. Aparentemente, o dinheiro adicionou rapidamente na coluna do «dizer», pois não hesitou por muito tempo. Fazendo sinal a Caramon para se abaixar, murmurou um nome ao seu ouvido.

Caramon parecia intrigado.

— Um alto clérigo, um Venerável Filho de Paladine — acrescentou o anão. — O braço direito do rei-sacerdote. Mas ele fez um mau inimigo, um mau inimigo. — Arack abanou a cabeça.

Ouviu-se, de forma abafada, a multidão a gritar por cima deles. O anão olhou para cima e depois de novo para Caramon.

— Tens de ir lá acima, para agradecer. Estão à espera que o faças. És um vencedor.

— E ele? — perguntou Caramon, o seu olhar fixando-se no *Bárbaro*. — Ele não vai subir. As pessoas não se interrogarão?

— Uma ruptura de ligamentos. Acontece com freqüência. Não pode apresentar-se para esta vênua final — respondeu o anão, em tom casual. — Vamos lançar o boato de que ele se retirou, de que lhe foi concedida a liberdade.

Concedida a liberdade! As lágrimas turvaram-lhe os olhos. Desviou o olhar, para o corredor. O público manifestava-se de novo. Teria de ir. *A tua vida. As nossas vidas. A vida do teu amiguinho.*

— Foi por isso — afirmou Caramon com rispidez —, foi por isso que fez com que fosse eu a matá-lo! Porque, agora, tem-me nas mãos! Sabe que não falarei...

— Isso eu já sabia — disse Arack, sorrindo malevolamente. — Digamos que, o fato de teres sido tu a matá-lo, foi apenas um toque extra. Os clientes gostam disso, mostra que eu me interesso. Sabes, foi o *teu* dono quem enviou este aviso! Pensei que ele havia de

gostar, fazendo o seu próprio escravo tratar da questão. Claro que isso te coloca nalgum perigo. A morte do *Bárbaro* terá de ser vingada. Mas, eu farei milagres pelo negócio, assim que o rumor se espalhar.

— O *meu* dono! — Caramon ficou sem fala. — Mas, foi você quem me comprou! A escola...

— Ah, atuei apenas como agente. — O anão riu-se. — Pensei que talvez não soubesses!

— Mas, quem é o meu... — Então Caramon soube a resposta. Nem escutou as palavras que o anão proferiu. Não as podia escutar por cima do ruído que ecoava no seu cérebro. Foi invadido por um fluxo vermelho de sangue, que o sufocou. Doíam-lhe os pulmões, o estômago latejava e sentiu perder as forças nas pernas.

Quando voltou a si, estava sentado no corredor, o ogre segurando-lhe a cabeça para baixo, entre os joelhos. A tontura passou. Caramon tossiu e ergueu a cabeça, afastando o ogre.

— Estou bem — disse, por entre lábios lívidos.

Raag olhou para ele, e depois para o anão.

— Não o podemos levar lá para fora nestas condições — afirmou Arack, fitando Caramon com desprezo. — Não com este aspecto de quem acabou de acordar de uma ressaca. Leva-o para o quarto.

— Não — disse uma pequena voz, vinda das trevas. — Eu... eu cuidarei dele.

Tas saiu das sombras, o seu rosto quase tão pálido quanto o de Caramon.

Arack hesitou; depois, resmungou qualquer coisa e virou-se. Com um gesto para o ogre, apressou-se a afastar-se, subindo as escadas para premiar os vencedores.

Tasslehoff ajoelhou-se junto de Caramon, a sua mão no braço do grande homem. O olhar do *kender* voltou-se para o cadáver que jazia esquecido no chão de pedra. O olhar de Caramon seguiu-o. Avistando a dor e angústia nos olhos dele, Tas sentiu um nó na garganta. Não conseguia dizer uma palavra, limitava-se apenas a acariciar o braço de Caramon.

— Que é que ouviste? — perguntou Caramon.

— O suficiente — murmurou Tas. — Fistandantilus.

— Ele planejou isto desde o princípio. — Caramon suspirou e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos, exausto. — É assim que ele vai se ver livre de nós. Nem terá de ser ele próprio a fazê-lo. É só deixar este... este clérigo...

— Quarath.

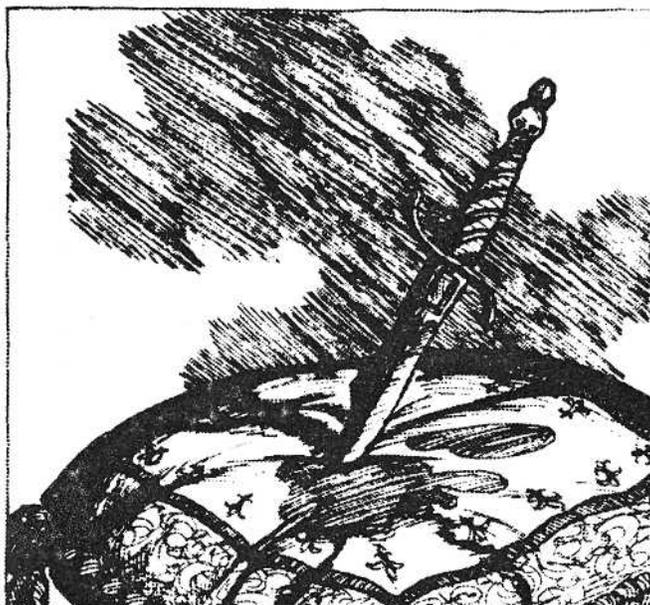
— Sim, ele vai permitir que esse Quarath nos mate. — Os punhos de Caramon cerraram-se. — As mãos do feiticeiro ficarão limpas! Raistlin nunca suspeitará. E, a partir de agora, em cada combate que participar, ficarei na expectativa. Será verdadeira a adaga que Kiiri empunhará? — Abrindo os olhos, Caramon olhou para o *kender*. — E tu, Tas. Tu também estás metido nisto. Foi o que o anão disse. Eu não posso ir embora, mas tu podes! Tens que abandonar este local!

— Para onde eu iria? — perguntou Tas, desesperado. — Ele haveria de me encontrar, Caramon. É o utilizador de magia mais poderoso que jamais existiu. Nem mesmo os *kenders* se podem ocultar de pessoas como ele.

Por momentos, os dois permaneceram sentados em silêncio, a exuberância da multidão ecoando por cima deles. Então, os olhos de Tas captaram o reluzir de metal do outro lado do corredor. Reconhecendo o objeto, ergueu-se e foi buscá-lo.

— Posso fazer com que nós dois entremos no templo — disse, respirando fundo, tentando manter a voz firme. Pegando na adaga manchada de sangue, entregou-a a Caramon.

— Posso fazer com que nós dois entremos esta noite.



CAPÍTULO 8

A lua prateada, Solinari, reluzia no horizonte. Erguendo-se por cima da torre central do templo do rei-sacerdote, a lua parecia a chama de uma vela ardendo num alto candelabro. Solinari estava cheia e brilhante esta noite, tão brilhante que os serviços dos iluminadores não eram necessários e os rapazes que ganhavam a sua vida acompanhando grupos de pessoas de uma casa para a outra com as suas singulares lanternas prateadas, passaram a noite em casa, amaldiçoando o forte luar que lhes roubava o sustento.

A gêmea de Solinari, a Lunitari vermelha cor de sangue, não se tinha erguido, tal acontecendo apenas dali a algumas horas, inundando as ruas com o seu estranho brilho purpúreo. Quanto à terceira lua, a negra, o seu vulto escuro por entre as estrelas era notado por um homem, que a fitou por breves instantes ao despir as vestes negras, pesadas, com componentes de feitiços, vestindo em seguida a camisa de dormir negra, mais simples e mais suave. Puxando o capuz negro para cima da cabeça, de forma a resguardar-se da luz fria e penetrante de Solinari, deitou-se na cama

e mergulhou num sono tranqüilo, tão necessário para ele e para a sua arte.

Pelo menos, foi isso que Caramon imaginou vê-lo fazer, ao caminhar com o *kender* pelas ruas banhadas pelo luar e apinhadas de gente. A noite estava animada. Passaram por diversos grupos de pessoas que se divertiam, grupos de homens que riam alto e discutiam os jogos; grupos de mulheres que seguiam juntas e miravam com alguma timidez Caramon pelos cantos dos olhos. Os seus vestidos finos flutuavam em redor delas na brisa suave, que era ainda pouco fria para um fim de Outono. Um desses grupos reconheceu Caramon, e o grande homem quase correu, com receio que chamassem os guardas para o levarem de volta à arena.

Mas Tas, mais sensato em relação aos métodos do mundo, fê-lo ficar. O grupo estava encantado com ele. Tinham-no visto a combater naquela tarde e conquistara já os seus corações. Fizeram perguntas sem sentido acerca dos Jogos, mas nem escutaram as suas respostas, e ainda bem. Caramon estava tão nervoso que as suas palavras mal faziam sentido. Por fim, seguiram caminho, rindo e desejando-lhe boa fortuna. Caramon olhou de forma interrogadora para Tas, mas este limitou-se a abanar a cabeça.

— Por que pensas que te pedi para te vestires bem? — perguntou brevemente a Caramon.

Na verdade, Caramon já tinha refletido sobre esse pormenor. Tas insistira para que ele usasse a capa dourada de seda que costumava usar na arena, para além do capacete que utilizara essa tarde. Não parecia nada adequado para penetrar em templos de forma dissimulada; Caramon imaginava que faria a sua entrada através de esgotos ou escalando telhados. Mas, quando se opusera, os olhos de Tas ficaram gelados. Ou Caramon fazia como ele lhe pedia ou então esquecia tudo, dissera, severamente.

Caramon, suspirando, vestiu-se como lhe fora solicitado, colocando a capa por cima da vulgar camisa larga e calças de couro. Guardou a adaga manchada de sangue no cinto. Por força do hábito, começara a limpá-la, mas depois parara. Não, seria mais adequada desta forma.

Fora uma questão simples para o *kender* destrancar a porta, depois de Raag os ter fechado para a noite, e os dois tinham percorrido silenciosamente a secção do dormitório dos gladiadores, sem qualquer acidente; a maioria dos lutadores ou estava a dormir ou, como era o caso dos minotauros, roncando com as bebedeiras.

Ambos caminhavam pelas ruas como vulgares, para grande desconforto de Caramon. Mas o *kender* parecia imperturbável. Taciturno e calado, o que era pouco habitual nele, Tas ignorava continuamente as perguntas de Caramon. Aproximavam-se cada vez mais do templo. Surgiu na frente deles com todo o seu brilho de pérola e prata e, por fim, Caramon estacou.

— Espera um pouco, Tas — disse, suavemente, puxando o *kender* para um canto sombrio —, exatamente, como estás a planejar levar-nos lá para dentro?

— Pelas portas da frente — respondeu Tas.

— Pelas portas da frente? — repetiu Caramon, perfeitamente perplexo. — Estás doido? Os guardas! Eles impedir-nos-ão...

— É um templo, Caramon — disse Tas com um suspiro. — Um templo erigido aos deuses. As coisas más não entram.

— Fistandantilus entra — resmungou Caramon.

— Mas só porque o rei-sacerdote o permite — retorquiu Tas, encolhendo os ombros. — De outra forma, ele *não* poderia lá entrar. Os deuses não o consentiriam. Pelo menos foi isso o que um dos clérigos me disse, quando lhe perguntei.

Caramon franziu o cenho. A adaga no seu cinto parecia-lhe pesada, o metal quente contra a sua pele. É apenas imaginação minha, disse a si mesmo. Afinal de contas, já usara adagas antes. Enfiando a mão por debaixo da capa, tocou nela para se tranqüilizar. Depois, os seus lábios comprimiram-se fortemente e começou a caminhar em direção ao templo. Depois de um momento de hesitação, Tas seguiu-o.

— Caramon — disse o *kender* em voz baixa. — Acho que sei o que estás a pensar. Tenho estado a pensar o mesmo. E se os deuses não permitem a *nossa* entrada?

— A nossa missão é destruir o mal — respondeu Caramon, de mão no punho da adaga. — Vão-nos ajudar, e não impedir. Verás.

— Mas, Caramon... — Era agora a vez de Tas fazer perguntas e a vez de Caramon de ignorá-las severamente. Acabaram por chegar aos magníficos degraus que conduziam ao templo.

Caramon estacou, fitando o edifício. Sete torres erguiam-se para os céus, como que louvando os deuses pela sua criação. Mas uma erguia-se acima de todas as outras. Reluzindo à luz de Solinari, parecia não louvar os deuses, mas antes, rivalizar com eles. A beleza do templo, o seu mármore cor de pérola e rosa brilhando suavemente ao luar, os seus tranqüilos lagos refletindo as estrelas, os seus vastos jardins de bonitas e bem-cheirosas flores, as suas decorações em prata e ouro, tudo fez com que Caramon ficasse sem respiração, despedaçando-lhe o coração. Não conseguia mover-se, como aprisionado pelo feitiço da beleza.

Então, no fundo da sua mente, ergueu-se uma sensação de horror. Eleja vira isto antes! Só que o vira num pesadelo, as torres retorcidas e destruídas... Confuso, fechou os olhos. Onde? Como? Foi então que se recordou. O Templo de Neraka, onde estivera prisioneiro! O Templo da Rainha das Trevas! Fora neste mesmo templo, pervertido pelo seu mal, corrompido, transformado num objeto de horror. Caramon estremeceu. Subjugado por esta terrível recordação, interrogando-se pelo significado do seu presságio, pensou por momentos em dar meia volta e escapar.

Então, sentiu Tas puxar-lhe pelo braço.

— Vamos continuar! — ordenou o *kender*. — Estás com ar desconfiado!

Caramon abanou a cabeça, limpando-a das estúpidas recordações que nada significavam, disse a si mesmo. Aproximaram-se os dois dos guardas na porta.

— Tas! — disse Caramon subitamente, segurando no *kender* pelo ombro com tal força que este gemeu de dor. — Tas, isto é um teste! Se os guardas nos deixarem entrar, saberei que estamos a fazer aquilo que deve ser feito! Teremos a benção deles!

Tas parou.

— Achas que sim? — inquiriu, hesitante.

— É claro! — Os olhos de Caramon reluziram no brilhante luar de Solinari. — Vais ver. Anda daí. — Recuperando a confiança, o

grande homem subiu as escadas. Era uma figura imponente, com a capa dourada em seda flutuando em seu redor, o capacete dourado brilhando ao luar. Os guardas pararam de falar e voltaram-se para observá-lo. Um deu um toque ao outro, dizendo qualquer coisa e fazendo um movimento rápido com a mão. O outro guarda sorriu e abanou a cabeça, mirando Caramon com admiração.

Caramon compreendeu imediatamente o que representava a pantomima e quase parou de andar, sentindo mais uma vez o sangue quente espalhar-se pela sua mão e escutando as últimas palavras do *Bárbaro*. Mas chegara demasiado longe para desistir. E, talvez, também isto representasse um sinal, disse a si próprio. O espírito do *Bárbaro*, próximo dele, ansioso pela sua vingança.

Tas olhou para ele com ansiedade.

— É melhor deixares que seja eu a falar — murmurou o *kender*.

Caramon anuiu, engolindo em seco de nervosismo.

— Saudações, gladiador — disse um dos guardas. — É novo nos jogos, não é? Estava a dizer ao meu companheiro aqui de guarda que perdeu um belo combate hoje. E não foi só isso, fez-me ganhar também seis peças de prata. Como é que lhe chamam?

— Ele é o *Conquistador* — respondeu Tas, com lisonja. — E hoje foi só o início. Nunca foi derrotado numa batalha, nem nunca será.

— Quem és tu, batedor de carteiras? O *manager* dele?

Isto foi seguido de fortes gargalhadas por parte do outro guarda e de um riso nervoso de Caramon. Depois, olhou para Tas e apercebeu-se de imediato que estavam metidos em encrencas. O rosto de Tas revelou-se pálido. Batedor de carteiras! O pior dos insultos, a coisa mais horrível no mundo que se podia chamar a um *kender*! A grande mão de Caramon tapou a boca de Tas. As orelhas de Tasslehoff, a única parte visível por cima da larga mão de Caramon.

— Claro — disse Caramon, mantendo um aperto firme no *kender* agitado —, e ainda por cima é bom.

— Bem, fique de olho nele — acrescentou o outro guarda, rindo-se ainda mais. — Não queremos ver gargantas cortadas... nem

algibeiras!

— Acho que é melhor entrarmos — afirmou o grande guerreiro, perguntando a si mesmo quanto tempo poderia segurar Tas.

— Estamos atrasados.

Os guardas pestanejaram um para o outro em forma de compreensão, e um deles abanou a cabeça de inveja.

— Vi as mulheres a observarem-no hoje — disse, o seu olhar fixando os ombros largos de Caramon. — Deveria ter adivinhado que seria convidado hoje para vir aqui... ah... jantar.

De que estavam eles a falar? O olhar intrigado de Caramon provocou ainda mais riso nos guardas.

— Em nome dos deuses! — afirmou um deles. — Olhem para ele! Ele é realmente novo!

— Avancem — acenou-lhes o outro guarda. — Bom apetite!

Mais gargalhadas. Corando fortemente, sem saber o que dizer e tentando ainda segurar em Tas, Caramon penetrou no templo. Mas, ao caminhar, escutou piadas que iam passando de guarda em guarda, fazendo-o compreender subitamente o seu significado. Arrastando o *kender* agitado por um corredor, avançou para a primeira esquina que lhe apareceu. Não tinha a mínima idéia de onde se encontrava.

Mal os guardas ficaram fora de visão e deixaram de poder escutar, libertou Tas. O *kender* estava pálido, os olhos dilatados.

— Mas, aqueles... aqueles... eu... Hão de lamentar...

— Tas! — Caramon abanou-o. — Pára com isso. Lembra-te por que estamos aqui!

— Batedor de carteiras! Como se eu fosse um ladrão vulgar! — Tas quase que espuma. — Eu...

Caramon olhou para ele e o *kender* calou-se. Controlando-se, respirou fundo e expirou lentamente.

— Já estou bem — afirmou. — Já disse que estou bem — retorquiu, dado que Caramon continuava a olhá-lo com dúvida.

— Bom, já entramos, embora não exatamente como eu esperava — murmurou Caramon. — Ouviste o que eles estavam a dizer?

— Não, sobretudo depois de bate... batedor... depois daquela palavra. Tinhas parte da tua mão sobre os meus ouvidos — disse Tas, em tom acusador.

— Pareciam querer dizer que... que as mulheres convidavam os ho... homens para aqui para... para... tu sabes...

— Escuta, Caramon — disse Tas, desesperado. — O sinal já te foi transmitido. Deixaram-nos entrar. Provavelmente estavam apenas a meter-se contigo. Sabes como és ingênuo. Acreditas em tudo! Tika está sempre a dizer isso.

A recordação de Tika chegou à mente de Caramon. Podia ouvi-la dizer essas mesmas palavras, rindo-se. Cortaram-no como uma faca. Pitando Tas, afastou imediatamente essa recordação.

— Sim — replicou amargamente, corando —, é provável que tenhas razão. Estavam a divertir-se comigo. E eu acreditei! Mas — ergueu a cabeça e, pela primeira vez, olhou em redor para o esplendor do templo. Começou a tomar consciência do local onde se encontrava neste local sagrado, neste palácio dos deuses. Sentiu de novo a reverência e a admiração que já experimentara ao observá-lo, banhado pela radiante luz de Solinari — tens razão, os deuses concederam-nos o nosso sinal!

Existia um corredor no templo freqüentado por poucas pessoas e, aquelas que lá iam, não o faziam voluntariamente. Se forçados a vir até ali nalguma missão, resolviam a questão rapidamente e partiam, logo que possível.

O corredor em si não tinha nada de especial. Ostentava o esplendor de todos os outros corredores e átrios do templo. Bonitas tapeçarias feitas em cores pouco vivas enfeitavam as paredes, carpetes suaves cobriam o chão de mármore, graciosas estátuas enchiam os seus nichos sombrios. Portas de madeira esculpida davam acesso a eles, conduzindo depois a quartos decorados de forma tão agradável quanto os outros quartos no templo. Mas as portas já não se abriam. Encontravam-se todas trancadas. Todos os quartos estavam vazios, com exceção de um.

Esse quarto localizava-se na extremidade mais afastada do corredor, o qual era sombrio e silencioso mesmo durante q dia.

Era como se o ocupante deste quarto em especial tivesse lançado uma mortalha por cima do chão que pisava, no próprio ar que respirava. Aqueles que penetravam neste corredor queixavam-se de se sentirem sufocados. Ansiavam por ar, como alguém morrendo no interior de uma casa em chamas.

Este quarto era o quarto de Fistantilus. Era dele desde há anos, desde que o rei-sacerdote assumira o poder e escorraçara os utilizadores de magia da sua torre em Palanthas, a torre onde Fistantilus governara como chefe da assembléia.

Qual teria sido o acordo arranjado entre eles, os principais poderes do bem e do mal no mundo? Que contrato teria sido feito que permitia que o Sr. Negro vivesse no interior do local mais bonito e mais sagrado de Krynn? Ninguém o sabia e muitos tentavam adivinhá-lo. A maioria acreditava que fora por bondade do rei-sacerdote, um nobre gesto perante um adversário derrotado.

Mas até ele, mesmo o próprio rei-sacerdote, não percorria este corredor. Aqui, pelo menos, o grande mago reinava nas trevas e em supremacia aterrorizadora.

Na extremidade mais afastada do corredor, erguia-se uma enorme janela. Pesadas cortinas estavam corridas sobre ele, impedindo a entrada da luz do sol durante o dia e dos raios lunares à noite. Raramente a luz penetrava por entre os espessos folhos das cortinas. Mas, esta noite, talvez porque os serventes tivessem sido solicitados para limparem e varrerem o corredor, as cortinas encontravam-se levemente afastadas, permitindo que o brilho prateado de Solinari se infiltrasse no corredor vazio. Os raios da lua, a quem os anões chamavam a Vela da Noite, rasgavam a escuridão como uma longa e fina lâmina de aço reluzente.

«Ou talvez o dedo magro e branco de um cadáver», pensou Caramon, olhando para aquele corredor silencioso. Apunhalando através do vidro, o dedo do luar percorria a extensão do chão e, seguindo todo o comprimento do corredor, tocava no local onde ele se encontrava, na outra extremidade.

— Aquela é a porta dele — disse o *kender* num murmúrio tão abafado que Caramon mal conseguiu ouvi-lo por cima do bater do seu próprio coração. — À esquerda.

Caramon enfiou de novo a mão por debaixo da capa, em busca do punho da adaga e da sua presença reconfortante. Mas o punho da adaga estava frio. Estremeceu ao tocar nele e retirou rapidamente a mão.

Parecia um a coisa fácil, caminhar por este corredor. Contudo, não se conseguia mexer. Talvez devido à enormidade do que se propunha fazer, tirar a vida a um homem, não em batalha, mas enquanto dormia. Matar um homem no seu sono, de todas as possibilidades, precisamente na altura em que uma pessoa se encontra mais indefesa, quando nos colocamos na mão dos deuses. Existiria um crime mais hediondo, mais covarde?

«Os deuses deram-me um sinal», lembrou Caramon a si mesmo, e, severamente, esforçou-se por evocar a imagem do *Bárbaro* moribundo. Lembrou-se do tormento do seu irmão na torre. Lembrou-se como era poderoso este mago malévolo quando se encontrava desperto. Caramon respirou fundo e segurou firmemente o punho da adaga. Mantendo a mão sobre ele, embora não a retirasse do cinto, começou a caminhar pelo corredor deserto, parecendo que o luar o chamava.

Sentiu uma presença por detrás dele, tão perto que, quando parou, Tas embateu nele.

— Fica aqui — ordenou Caramon.

— Não... — Tas começou a protestar, mas Caramon fê-lo calar.

— Tens de ficar. Alguém tem de ficar de guarda nesta extremidade do corredor. Se alguém se aproximar, faz um barulho ou qualquer coisa.

— Mas...

Caramon olhou para baixo para o *kender*. Perante a visão da expressão severa do grande homem e do seu olhar frio e insensível, Tas engoliu em seco e anuiu.

— Vou ficar ali, naquela sombra. — Apontou e afastou-se.

Caramon guardou até se certificar que Tas não o seguiria «acidentalmente». Mas o *kender* agachou-se miseravelmente na sombra de uma enorme árvore num vaso, a qual morrera há meses. Caramon virou-se e prosseguiu caminho.

Junto do esqueleto, cujas folhas secas estremeciam quando o *kender* se movia, Tas observou Caramon seguir pelo corredor. Viu o grande homem chegar ao fim, estender uma mão e envolvê-la em redor da maçaneta da porta. Viu Caramon empurrá-la ligeiramente. Cedeu à sua pressão e abriu-se silenciosamente. Caramon desapareceu no interior do quarto.

Tasslehoff começou a estremecer. Uma sensação horrível e doentia dispersava-se do seu estômago através de todo o corpo, um gemido escapou dos seus lábios. Colocando a mão sobre a boca para que não gritasse, o *kender* comprimiu-se contra a parede e pensou em morrer, sozinho, na escuridão.

Caramon esgueirou o seu corpo enorme em redor da porta, abrindo-a apenas um pouco, não fossem as dobradiças guinchar. Mas o silêncio era completo. Tudo no quarto estava em silêncio. Nenhum ruído proveniente de qualquer local do templo penetrava no quarto, como se a própria vida tivesse sido engolida pelas trevas envolventes. Caramon sentia os pulmões a arderem, e recordou com estranha força a ocasião em que quase se afogara no Mar Sangrento de Istar. Firmemente, resistiu à tentação de respirar com violência, em busca de ar.

Parou por momentos na entrada, tentando acalmar o coração acelerado, e olhou em redor do quarto. A luz de Solinari penetrava por uma pequena abertura nas pesadas cortinas que cobriam a janela. Uma fina faixa de luz prateada cortava a escuridão, rasgando através dela num corte estreito que conduzia diretamente à cama, do outro lado do quarto.

O aposento estava parcamente mobiliado. Caramon avistou o monte sem forma de umas pesadas vestes negras por cima de uma cadeira de madeira. Botas de couro leve encontravam-se junto desta. Não ardia nenhuma fogueira na lareira, dado que a noite estava demasiado quente. Agarrando no punho da adaga, Caramon puxou-a levemente e atravessou o quarto, guiado pela luz prateada da lua.

«Um sinal dos deuses», pensou quase sufocado pelo bater do seu coração. Sentiu medo, medo como raramente sentira na sua vida, um medo arrebatador, que lhe agitava as entranhas, lhe

contraía os músculos e lhe secava a garganta. Desesperadamente, forçou-se a engolir em seco para não tossir e acordar o homem que dormia.

«Tenho de fazer isto rapidamente!», disse a si mesmo, receando que pudesse desmaiar ou ficar nauseado. Atravessou o quarto, a suave carpete abafando as suas pisadas rápidas. Podia agora avistar a cama e a figura adormecida. Podia avistar a figura distintamente, o luar cortando uma linha perfeita através do chão, por cima da cama, por cima da coberta, firmando-se na cabeça deitada sobre a almofada, o capuz puxado para cima do rosto para bloquear a luz.

— Assim os deuses apontam o meu caminho — murmurou Caramon, inconsciente de que estava a falar. Colocando-se ao lado da cama, estacou, de adaga na mão, escutando a respiração tranqüila da sua vítima, tentando detectar qualquer alteração no ritmo profundo e regular, o que lhe revelaria que fora descoberto.

Para dentro e para fora... para dentro e para fora... a respiração era forte, profunda, tranqüila. A respiração de um homem jovem. Caramon estremeceu, lembrando-se de como este feiticeiro deveria ser velho, lembrando-se das histórias obscuras que escutara sobre como Fistandantilus renovava a sua juventude. A respiração do homem era firme, regular. Não havia interrupções nem agitações. O luar jorrava para o interior do aposento, frio, resolutivo, um sinal...

Caramon ergueu a adaga. Um só golpe, rápido e certo, bem fundo no peito e tudo estaria terminado. Avançando, Caramon hesitou. Não, antes de golpear teria de ver o rosto, o rosto do homem que torturara o seu irmão.

«Não! Idiota!», gritou uma voz dentro de Caramon. «Esfaqueia agora, rápido!» Caramon chegou a erguer de novo a adaga, mas a mão tremia-lhe. *Tinha* de ver o rosto! Estendendo uma mão que tremia, tocou gentilmente no capuz negro. O material era suave e não resistente. Puxou-o para trás.

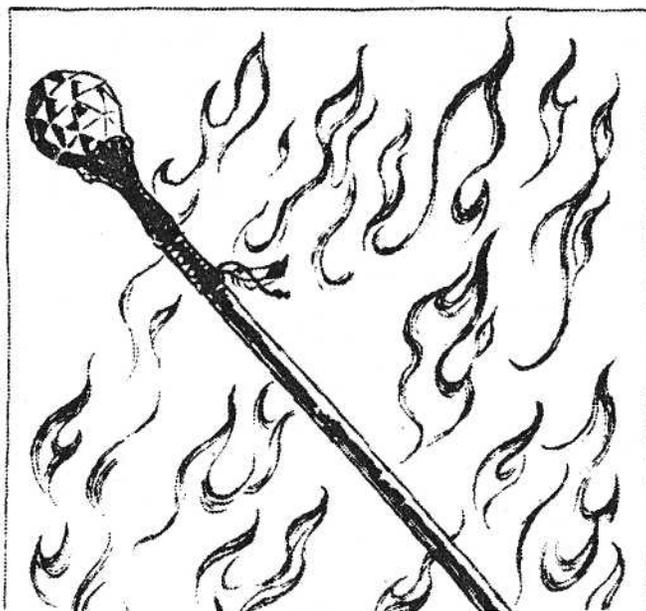
O luar prateado de Solinari tocou na mão de Caramon, depois no rosto do mago adormecido, banhando-o de esplendor. A mão de Caramon ficou petrificada, tornando-se pálida e fria como se de a mão de um cadáver se tratasse, ao fixar o rosto sobre a almofada.

Não era o rosto de um velho e malévolos feiticeiro, cicatrizado por inúmeros pecados. Não era sequer o rosto de um qualquer ser atormentado, cuja vida lhe fora roubada do corpo para manter vivo o mago moribundo.

Era o rosto de um jovem utilizador de magia, exausto de longas noites de estudo dos seus livros, mas agora descontraído, tendo encontrado um repouso bem-vindo. Era o rosto de alguém cuja resistência persistente à dor constante estava marcada nas linhas firmes em redor da boca. Era um rosto tão familiar para Caramon quanto o seu próprio, um rosto que contemplara a dormir vezes sem conta, um rosto que refrescara com água fria...

A mão que empunhava a adaga caiu, enfiando a adaga no colchão. Ouviu-se um grito abafado e aterrorizado e Caramon caiu de joelhos junto da cama, agarrando na coberta com dedos cerrados pelo sofrimento. O seu grande corpo agitava-se convulsivamente, despedaçado por soluços dilacerantes.

Raistlin abriu os olhos e sentou-se, pestanejando com a brilhante luz de Solinari. Puxou de novo o capuz por cima dos olhos e, suspirando de irritação, estendeu a mão e, com cuidado, retirou a adaga da mão nervosa do irmão.



CAPITULO 9

— Isto foi realmente estúpido, meu irmão — disse Raistlin, voltando a adaga nas mãos magras, estudando-a sem grande interesse. — Custa-me a acreditar, mesmo vindo de ti.

Ajoelhado no chão junto à cama, Caramon levantou os olhos para o seu gêmeo. O seu rosto estava perturbado, exausto e mortalmente pálido. Abriu a boca.

— Não compreendo, Raist — choramingou Raistlin, troçando dele.

Caramon cerrou os lábios, o rosto endurecendo numa máscara severa. Os seus olhos focaram a adaga que o irmão ainda segurava.

— Talvez tivesse sido melhor se eu não tivesse puxado o capuz para trás — murmurou.

Raistlin sorriu, embora o irmão não o tivesse visto.

— Não tinhas alternativa — replicou. Depois suspirou e abanou a cabeça. — Meu irmão, pensaste honestamente que seria assim tão

simples entrares no meu quarto e assassinares-me enquanto dormia? Sabes como tenho um sono leve, como sempre tive.

— Não, não era a ti! — gritou Caramon, erguendo o olhar. — Pensei... — Não podia prosseguir.

Raistlin fitou-o, intrigado por momentos, começando depois a rir-se. Era um riso horrível, feio e tenso, e Tasslehoff, que permanecia ainda na outra extremidade do corredor, colocou as mãos sobre os ouvidos perante o som, ao mesmo tempo que começava a avançar para se inteirar do que acontecia naquele quarto.

— Ias assassinar Fistantilus! — disse Raistlin, fitando o irmão com divertimento. Riu-se de novo com tal pensamento. — Querido irmão — disse —, esquecera-me como podes ser divertido.

Caramon corou e levantou-se, vacilando.

— Ia fazê-lo... por ti — replicou. Caminhando para a janela, afastou a cortina e olhou taciturno para o pátio do templo que reluzia de pérola e prata à luz de Solinari.

— Claro que sim — afirmou Raistlin com dureza, um traço da velha crueldade revelando-se na voz. — O que te leva sempre a agir, a não ser por minha causa?

Proferindo uma impetuosa palavra de comando, Raistlin fez com que uma luz brilhante iluminasse o quarto, reluzindo do Bastão de Magius, encostado à parede, num dos cantos. O mago atirou a coberta para trás e levantou-se da cama. Aproximando-se da lareira, disse outra palavra e chamas romperam da pedra vazia. A sua cor alaranjada incidu sobre o rosto pálido e magro dele, sendo depois refletida nos olhos límpidos e castanhos.

— Bem, chegas atrasado, meu irmão — prosseguiu Raistlin, estendendo as mãos para aquecê-las no calor da fogueira, movimentando e exercitando os dedos flexíveis. — Fistantilus morreu. Nas minhas mãos.

Caramon virou-se repentinamente, de forma a fitar o irmão, surpreendido pelo estranho tom na voz de Raistlin. Mas o irmão permanecia junto da fogueira, observando as chamas.

— Pensaste em entrar aqui e esfaqueá-lo enquanto dormia — murmurou Raistlin, um leve sorriso nos lábios finos. — O maior

mágico que jamais viveu, até agora.

Caramon viu o irmão encostar-se à pedra da lareira, como que subitamente fraco.

— Ficou surpreso por me ver — afirmou Raistlin suavemente. — E troçou de mim, tal como troçou de mim na torre. Mas estava com medo. Detectei-o nos olhos dele. «Então, magozinho», escarneceu Fistantilus, «como é que chegaste aqui? Foi o grande Par-Salian quem te enviou?» «Vim pelos meus próprios meios», disse-lhe. «Sou agora o Mestre da Torre.» Ele não estava à espera daquilo. «Impossível», replicou, rindo-se. «Eu sou aquele a quem a profecia vaticinou. *Eu* sou o senhor do passado e do presente. Quando estiver preparado, regressarei àquilo que me pertence.» Mas o receio crescia-lhe nos olhos ao falar, pois leu os seus pensamentos. «Sim», respondi às suas palavras não ditas, «a profecia não teve o desfecho que esperava. Você tencionava viajar do passado para o presente, servindo-se da força de vida que me arrancou para se manter vivo. Mas esqueceu-se, ou talvez não tivesse levado a sério, que eu poderia tirar-lhe a sua *força espiritual!* Tinha que me manter vivo para que pudesse continuar a sugar os meus sucos de vida. E, para esse fim, deu-me a conhecer as palavras e ensinou-me a usar o orbe dragão. Quando me encontrava moribundo aos pés de Astinus, insuflou ar para este corpo despedaçado que torturou. Levou-me à Rainha das Trevas e implorou-lhe que me desse a Chave para decifrar os mistérios dos velhos textos de magia que eu não conseguia compreender. E, quando por fim se encontrasse preparado, tencionava entrar na carcaça desfeita do meu corpo e tomá-lo para si». Raistlin virou-se para enfrentar o irmão, e Caramon deu um passo para trás, assustado com o ódio e fúria que lhe via arder nos olhos, mais brilhantes do que as chamas que dançavam na lareira.

— Pelo que pensou em manter-me fraco e frágil. Mas lutei contra ele! Lutei contra ele! — repetiu Raistlin suave e intensamente, os olhos perdendo-se ao longe. — Servi-me dele! Servi-me do espírito dele, vivi com a dor e superei-a! «Você é o senhor do passado», disse-lhe, «mas falta-lhe a força para regressar ao

presente. *Eu* sou o senhor do presente, prestes a tornar-me o senhor do passado!»

Raistlin suspirou, deixou cair a mão, a luz reluziu nos seus olhos e morreu, deixando-os negros e assombrados.

— Matei-o — murmurou —, mas foi uma dura batalha.

— Mataste-o? Eles... eles disseram que tinhas regressado para aprenderes com ele — afirmou Caramon, vacilante, a confusão contorcendo-lhe o rosto.

— E aprendi — replicou Raistlin suavemente. — Passei longos meses com ele, sob outra aparência, revelando-me a ele apenas quando me encontrava preparado. Desta vez, *ficou* completamente seco!

Caramon abanou a cabeça.

— Isso é impossível. Partiste na mesma altura que nós, naquela noite... Pelo menos foi o que o duende negro disse...

Raistlin abanou a cabeça, irritado.

— O tempo para ti, meu irmão, é uma viagem desde o amanhecer ao anoitecer. O tempo para aqueles como nós que somos conhecedores dos seus segredos, é uma viagem para lá dos sóis. Os segundos tornam-se anos, horas, milênios. Há meses que caminho ao lado de Fistantilus por estes corredores. Nas últimas semanas, viajei por todas as torres de Alta Feitiçaria, isto é, por aquelas que ainda se mantêm erguidas, com o fim de estudar e aprender. Estive com Lorac, no reino dos duendes, e ensinei-o a usar o orbe dragão, um presente mortal, para alguém tão fraco e fútil como ele. Há de traí-lo, mais tarde. Passei longas horas com Astinus, na Grande Biblioteca. E, antes disso, estudei com o grande Fistantilus. Visitei outros lugares, tendo assistido a horrores e maravilhas como não podes imaginar. Mas, em Dalamar, por exemplo, não estive mais do que um dia e uma noite. Tal como tu.

Isto era demais para Caramon. Desesperadamente, tentou agarrar em qualquer fração de realidade.

— Então... isso quer dizer que tu... estás bem agora? Quero dizer no presente? No nosso tempo? — Gesticulou. — A tua pele já não é dourada, perdeste os olhos de ampulheta. Tens o aspecto...

que tinhas quando eras novo e quando fomos à torre, há sete anos atrás. Estarás assim quando regressarmos?

— Não, meu irmão — disse Raistlin, falando com a paciência que é necessária para explicar as coisas a uma criança. — Par-Salian não te explicou? Bom, talvez não. O tempo é um rio. Eu não alterei o curso do seu fluxo. Limitei-me a saltar para dentro dele num ponto mais acima. Ele transporta-me ao longo do seu curso. Eu...

Raistlin parou subitamente, lançando um olhar duro para a porta. Depois, com um movimento rápido da mão, fez com que a porta se abrisse e Tasslehoff Burrfoot entrou a cambalear, caindo de rosto para o chão.

— Oh, olá — disse Tas, erguendo-se alegremente do assoalho. — Ia precisamente bater à porta. — Escovando-se, virou-se ansioso para Caramon. — *Eu* entendi tudo! Compreendes: ora era Fistantilus que se tornava em Raistlin ou este que se tornava em Fistantilus. Só que agora é Fistantilus, tornando-se em Raistlin que se torna em Fistantilus, e depois voltando a ser Raistlin. Percebes?

Não, Caramon não compreendia. Tas voltou-se para o mago.

— Não é assim, Raist...

O mago não respondeu. Fitava Tasslehoff com uma expressão tão perigosa refletida nos olhos que o *kender* fitou Caramon desconfortavelmente e deu um ou dois passos na direção do guerreiro, só para o caso de Caramon necessitar de ajuda, obviamente. De súbito, a mão de Raistlin gesticulou de forma rápida, leve e convocadora. Tasslehoff não sentiu qualquer sensação de movimento, mas registrou-se uma agitação no quarto por uma fração de segundo e, quando se apercebeu, estava a ser segurado pelo colarinho, a apenas alguns centímetros do rosto magro de Raistlin.

— Por que razão Par-Salian *te* mandou para cá? — inquiriu Raistlin numa voz suave que «estremeceu» a pele do *kender*, como Flint costumava dizer.

— Bem, ele pensou que Caramon pudesse precisar de ajuda, é claro e... — O aperto de Raistlin tornou-se mais forte e os seus olhos cerraram-se, Tas ficou constrangido. — Uh, na verdade, não creio

que ele, uh, tencionasse mandar-me. — Tas tentou rodar a cabeça para olhar para Caramon em busca de auxílio, mas o aperto de Raistlin era forte e poderoso, quase sufocando o *kender*. — Tr... tratou-se, mais ou menos, de um acidente, acho, pelo menos no que diz respeito a Par-Salian. E... eu poderia f... falar melhor se me deixasse respirar... de vez em quando.

— Continua! — ordenou Raistlin, abanando Tas ligeiramente.

— Raist, pára... — começou Caramon, dando um passo na direção dele, o cenho franzido.

— Cala-te — ordenou Raistlin furioso, nunca desviando os olhos ardentes do *kender*. — Continua.

— H... havia um anel que alguém deixara cair... bem, talvez não tivesse deixado cair... — Tas gaguejava, suficientemente alarmado pela expressão nos olhos de Raistlin para contar a verdade, ou tanto quando era possível para um *kender* fazê-lo. — A... acho que eu andava pelo quarto de uma pessoa, e foi c... cair de... dentro da minha bolsa, parece-me, porque não sei como lá foi parar, mas quando o... o homem de vestes vermelhas mandou Bupu para casa, eu sabia que era a seguir. E não podia deixar Caramon! Por isso, eu... eu fiz uma prece a F... Fizban, quero dizer a Paladine, e coloquei o anel e... pás! — Tas levantou as mãos — tornei-me num rato!

O *kender* fez uma pausa neste momento dramático, à espera de receber uma resposta adequadamente surpreendida por parte da sua assistência. Mas os olhos de Raistlin apenas se dilataram de impaciência e a sua mão torceu o colarinho do *kender* um pouco mais, pelo que Tas se apressou a continuar, debatendo-se com imensas dificuldades para respirar.

— Assim consegui esconder-me — guinchou, como o rato que antes fora — e introduzir-me no lavatório-laboratório de Par-Salian: estava a fazer as coisas mais espantosas e as pedras cantavam e Crysania jazia no chão toda pálida e Caramon estava aterrorizado e eu *não* podia deixá-lo partir sozinho. Por isso... por isso... — Tas encolheu os ombros e olhou para Raistlin com inocência desarmante —, aqui estou...

Raistlin continuou a segurá-lo por momentos, devorando-o com os olhos, como se lhe pudesse despir a pele dos ossos e ver dentro da sua própria alma. Depois, aparentemente satisfeito, o mago largou o *kender* para o chão e voltou-se para fitar de novo a lareira, perdido em pensamentos.

— Que significa isto? — murmurou. — Um *kender...* proibido por todas as leis da magia! Quererá isto dizer que o curso do tempo pode ser alterado? Estará ele a contar a verdade? Ou será uma trama deles para me impedir?

— Que disse? — perguntou Tas com interesse, olhando para cima, de onde se encontrava sobre a carpete, tentando recuperar o fôlego. — O curso do tempo alterado? Por *mim*? Quer dizer que eu podia...

Raistlin rosnou, olhando para o *kender* de forma tão malévola que Tas fechou a boca e começou a retroceder para junto de Caramon.

— Fiquei realmente surpreendido por encontrar o teu irmão. Tu não ficaste? — perguntou Tas a Caramon, ignorando o espasmo de dor que rasgava o rosto de Caramon. — Raistlin também ficou surpreendido por me ver, não ficou? É estranho, porque o vi no mercado de escravos e parti do princípio que ele também nos vira...

— No mercado de escravos! — disse Caramon subitamente. Chegava destas conversas sobre rios e tempo. Isto era algo que ele conseguia compreender! — Raist... disseste que já cá estavas há meses! Isso quer dizer que foste *tu* quem os fez pensar que eu ataquei Crysania! Foste tu quem me comprou! Foste tu quem me mandou para os Jogos!

Raistlin fez um gesto de impaciência, irritado por se ver interrompido nos seus pensamentos. Mas Caramon persistiu.

— Porquê?! — inquiriu, irado. — Porquê para aquele lugar? — Oh, em nome dos deuses, Caramon!

Raistlin virou-se de novo, os olhos gélidos.

— Que utilidade poderias ter para mim nas condições em que te encontravas quando chegaste? Necessito de um guerreiro forte para onde vamos de seguida, não de um bêbado obeso.

— E... e ordenaste a morte do *Bárbaro*? — perguntou Caramon, com os olhos a brilhar. — Mandaste o aviso ao... como é que ele se chama... Quarath?

— Não sejas inocente, meu irmão — afirmou Raistlin severamente. — O que me podem interessar estas intrigas de corte? Os seus jogos mesquinhos? Se me quisesse livrar de um inimigo, a sua vida seria extinta numa questão de segundos. Quarath lisonjeia-se a si mesmo pensando que eu me interessaria tanto por ele.

— Mas o anão disse...

— A única coisa que o anão escuta é o som do dinheiro a cair em suas mãos. Mas, acredita no que bem entenderes. — Raistlin encolheu os ombros. — A mim pouca diferença me faz.

Caramon ficou em silêncio por largos instantes, ponderando. Tas abriu a boca. Tinha pelo menos uma centena de perguntas que estava a morrer por fazer a Raistlin, mas Caramon olhou para ele e o *kender* fechou-a de imediato. Caramon, passando lentamente na sua mente tudo o que o irmão lhe dissera, levantou subitamente o olhar.

— Que queres dizer com «para onde vamos em seguida»?

— O segredo ficará comigo — replicou Raistlin. — Saberás a seu devido tempo, por assim dizer. O meu trabalho aqui está a progredir, mas não propriamente terminado. Há aqui uma outra pessoa para além de ti que precisa de ser trabalhada e colocada em forma.

— Crysania — murmurou Caramon. — Isto tem alguma coisa a ver com chamar a Rainha das Trevas, não tem? Tal como eles disseram? Precisas de um clérigo...

— Estou muito cansado, meu irmão — interrompeu Raistlin. Com um gesto seu, as chamas da lareira desapareceram. Com uma palavra, a luz do Bastão desvaneceu-se. Trevas, frio e vazio desceram sobre os três que se encontravam naquele quarto. Até o luar de Solinari se foi, depois de a lua se ter afundado por detrás dos edifícios. Raistlin atravessou o quarto, dirigindo-se à cama. As suas vestes negras emitiam um ruído suave. — Deixem-me com o meu descanso. De qualquer forma, não devem permanecer aqui por muito tempo. Tenho a certeza de que os espiões já foram informar sobre a vossa presença, e Quarath pode ser um inimigo mortal.

Tentem evitar serem mortos. Ficaria muito aborrecido por ter de treinar um outro guarda-costas. Adeus, meu irmão. Mantém-te preparado. Não tardarei a chamar por ti. Lembra-te da data.

Caramon abriu a boca, mas viu-se a falar com uma porta. Ele e Tas estavam fora do quarto, no corredor agora escuro.

— É realmente incrível! — disse o *kender*, suspirando de prazer. — Nem sequer me senti mexer, e tu? Num minuto estávamos lá dentro, no outro aqui fora. Apenas com um acenar de mão. Deve ser fascinante ser-se mago — replicou Tas pensativamente, fitando a porta fechada. — Passar através do tempo e do espaço e de portas fechadas.

— Vamos — disse Caramon abruptamente, voltando-se e seguindo pelo corredor.

— Diz-me, Caramon — afirmou Tas suavemente, correndo atrás dele. — O que Raistlin quis dizer com «lembra-te da data»? Vem aí o Dia da Dádiva de Vida ou quê? Tens de lhe dar algum presente?

— Não — resmungou Caramon. — Não sejas idiota.

— Não estou a ser idiota — protestou Tas, ofendido. — Afinal de contas, o Natal é daqui a algumas semanas e provavelmente ele está à espera de um presente. Pelo menos, acho que celebram o Natal do mesmo modo que celebrávamos na nossa época. Parece-te que...

Caramon estacou.

— Que é? — inquiriu Tas, alarmado com a expressão horrorizada que detectou no rosto do grande homem. O *kender* apressou-se a olhar em redor, levando a mão à pequena navalha que enfiara no seu próprio cinto. — O que estás a ver? Eu não...

— A data! — gritou Caramon. — A data, Tas! O Natal! Em Istari — Girando, agarrou o *kender* surpreendido. — Em que ano estamos? Em que ano?

— Mas... — Tas gaguejou, tentando pensar. — Parece-me que estamos, sim, alguém me disse... em 962.

Caramon rosnou, as suas mãos largaram Tas e seguraram a sua própria cabeça.

— Que é? — perguntou Tas.

— Pensa, Tas, pensa! — murmurou Caramon. Depois, sentindo-se completamente perdido, o grande homem caminhou cegamente pelo corredor, na escuridão. — O que eles querem que eu faça? O que posso eu fazer?

Tas seguiu mais lentamente.

— Vejamos. Estamos no Natal, no ano 962 LA. Que ridículo número tão alto. Por alguma razão, parece-me familiar. Natal, 962... Oh, já me lembro! — disse em triunfo. — Foi o último Natal antes... antes...

O pensamento fez com que o *kender* ficasse sem respiração.

— Antes do Cataclismo! — murmurou.



CAPÍTULO 10

Denubis pousou a pena e esfregou os olhos. Encontrava-se sentado no silêncio da sala de transcrição, a mão sobre os olhos, esperando que um breve momento de repouso o ajudasse. Mas tal não aconteceu. Quando voltou a abrir os olhos e pegou na pena para retomar o trabalho, as palavras que tentava traduzir continuavam a martelar no seu cérebro, num amontoado sem sentido.

Severamente, repreendeu-se e ordenou a si mesmo que se concentrasse e, por fim, as palavras começaram a fazer sentido e a separarem-se. Mas era difícil prosseguir. Doía-lhe a cabeça. Parecia-lhe que já lhe doía há dias, numa dor constante e perturbadora, presente até nos seus sonhos.

— E deste tempo estranho — dizia a si próprio repetidamente. — Está demasiado calor para o começo da época do Natal.

E *estava* demasiado calor, um calor estranho. E o ar estava espesso de umidade, pesado e opressor. As brisas frescas pareciam ter sido engolidas pelo calor. A umas cem milhas de Kathay, segundo

ouvira dizer, o oceano apresentava-se plano e tranqüilo sob o sol abrasador, tão calmo que os navios não conseguiam navegar. Permaneciam ancorados no porto, os seus capitães praguejando, as suas cargas apodrecendo.

Limpando a testa, Denubis tentou continuar a trabalhar com diligência, traduzindo os discos de Mishakal para Solamnico. Mas a sua mente divagava. As palavras fizeram-no lembrar de uma história que ouvira alguns cavaleiros Solamnicos discutirem a noite passada, uma história medonha que Denubis tentava banir da sua mente.

Um cavaleiro chamado Soth seduzira uma jovem eclesiástica e depois desposara-a, levando-a para o seu castelo em Dargaard Keep como sua noiva. Mas este Soth já fora casado, pelo que os cavaleiros contavam, e existia mais do que uma razão para acreditar que a sua primeira mulher tivera um fim horrível.

Os cavaleiros tinham enviado uma delegação com o fim de prender Soth e de o levar a tribunal, mas Dargaard Keep, segundo se dizia, era agora uma fortaleza armada e os próprios cavaleiros fiéis a Soth defendiam o seu senhor. O que tornava a história tão arrepiante era que a mulher duende, que o lorde enganara, permanecia com ele, firme no seu amor e lealdade ao homem, muito embora a sua culpa tivesse sido provada.

Denubis estremeceu e tentou afastar o pensamento. «Pronto! Cometera um erro. Assim não era possível!» Preparava-se para pousar a pena de novo quando ouviu a porta da sala de transcrição abrir-se. Apressadamente, pegou na pena e começou a escrever com rapidez.

— Denubis — disse uma voz suave e hesitante. O clérigo olhou para cima.

— Cysania, minha querida — disse, com um sorriso.

— Estou a perturbar o seu trabalho? Posso regressar...

— Não, não — assegurou-lhe Denubis. — Estou satisfeito por vê-la. Muito satisfeito. — O que era efetivamente verdade. Cysania fazia-o sentir-se calmo e tranqüilo. Mesmo a dor de cabeça pareceu melhorar. Deixando a cadeira de costas altas, arranjou uma cadeira para ela e outra para ele, sentou-se junto dela e interrogou-se por que razão ela teria vindo.

Como que respondendo, Crysania olhou em redor da sala tranqüila e sossegada, e sorriu.

— Gosto deste local — afirmou. — É tão tranqüilo e, bem, privado. — O sorriso desvaneceu-se. — Por vezes fico cansada com... com tantas pessoas — disse, os olhos fixando-se na porta que conduzia à parte principal do templo.

— Sim, é muito tranqüilo — replicou Denubis. — Pelo menos agora. Não o era, há anos atrás. Quando vim para cá, esta sala estava repleta de escrivões, traduzindo as palavras dos deuses para línguas que toda a gente conseguisse entender. Mas o rei-sacerdote não considerou que tal fosse necessário e, um a um, todos partiram, encontrando coisas mais importantes para fazer. Exceto eu. — Suspirou. — Acho que sou velho demais — acrescentou, de forma suave, em tom de desculpa. — Tentei pensar em algo de importante para fazer, mas não encontrei nada. Pelo que fiquei por aqui. Ninguém pareceu importar-se... muito.

Não conseguiu evitar franzir o cenho ligeiramente, recordando-se das longas conversas com o Venerável Filho, Quarath, incentivando-o a fazer qualquer coisa de si próprio. Por fim, o supremo clérigo desistiu, dizendo a Denubis que ele era um desastre. Desta forma, Denubis regressara ao seu trabalho, passando os dias sentado numa solidão tranqüila, traduzindo os rolos de papel e os livros, enviando-os em seguida para Solamnia, onde eram colocados, sem serem lidos, numa grande biblioteca.

— Mas, já chega de falar sobre mim — acrescentou, vendo o rosto triste de Crysania. — O que se passa, minha querida? Não se sente bem? Desculpe, mas não consegui deixar de reparar como se tem mostrado infeliz nestas últimas semanas.

Crysania fitou as mãos em silêncio, voltando depois a olhar para o clérigo.

— Denubis — começou, hesitante —, considera... considera que a Igreja é... o que deveria ser?

Denubis não estava à espera de uma semelhante questão. Crysania tinha mais o aspecto de uma jovem enganada por um amante.

— Mas, claro que sim — afirmou Denubis, algo confuso.

— Honestamente? — levantando o olhar, fitou-o nos olhos com tal intensidade que Denubis estacou. — Já faz parte da Igreja há muito tempo, antes da chegada do rei-sacerdote e de Quar... e dos seus ministros. Você fala dos tempos antigos. Assistiu à sua mudança. Alterou-se para melhor?

Denubis abriu a boca para dizer, certamente que sim, estava melhor. Como poderia ser de outra forma, com um homem tão bom e sagrado como o rei-sacerdote à sua frente? Mas os olhos cinzentos de Lady Cysania fitavam a sua própria alma, apercebeu-se subitamente, sentindo-os iluminarem todos os recantos escuros onde ele costumava ocultar determinadas coisas, como ele bem sabia, há diversos anos. Teve de se recordar, desconfortavelmente, de Fistandantilus.

— Eu... bem... claro que sim... é apenas... — Estava com rodeios e sabia-o. Corando, ficou em silêncio. Cysania anuiu gravemente, como se já esperasse esta resposta.

— Não, não está melhor — disse Denubis firmemente, não desejando ver a jovem fé dela magoada, como acontecera com a dele. Tornando-lhe a mão, inclinou-se para a frente. — Só que sou um homem de meia-idade, minha querida. E os homens de meia-idade não gostam de alterações. É só isso. Para nós, tudo era melhor antigamente. Veja só — riu-se —, até parece que a água era melhor. Não estou habituado aos processos modernos. Torna-se difícil para mim compreender. A Igreja está a cumprir o seu papel a favor do bem, minha querida. Está a levar a ordem ao território e a estrutura à sociedade...

— Quer a sociedade o deseje ou não — murmurou Cysania, mas Denubis ignorou-a.

— Está a erradicar o mal — prosseguiu e, de súbito, a história daquele cavaleiro, o tal Lorde Soth, flutuou para a sua mente, sem ser desejada. Apagou-a apressadamente, mas não antes de ter perdido o fio ao seu ponto de vista. Tentou recomeçar, mas era já demasiado tarde.

— Será que está? — perguntava-lhe Lady Cysania. — Está realmente a erradicar o mal? Ou seremos nós como crianças, deixadas sozinhas à noite em casa, que acendem velas atrás de

velas para afastarem a escuridão? Nós não consideramos que as trevas tenham uma finalidade, embora não o possamos compreender, pelo que, com o nosso terror, acabamos por lançar fogo à casa!

Denubis pestanejou, não entendendo nada; mas Crysania prosseguiu, revelando-se cada vez mais inquieta ao falar. Era óbvio, apercebeu-se Denubis desconfortavelmente, que ela guardava, há semanas, toda esta tensão dentro de si.

— Não tentamos auxiliar aqueles que perderam o seu caminho a encontrá-lo de novo! Viramos-lhe as costas, afirmamos que não são merecedores, ou livramo-nos deles! Sabia — voltou-se para Denubis — que Quarath propôs libertar o mundo das raças ogre?

— Mas, minha querida, os ogres são, afinal de contas, uma raça de assassinos, vilões... — aventurou-se Denubis a protestar debilmente.

— Criada pelos deuses, tal como nós — replicou Crysania. — Teremos o direito, na nossa compreensão imperfeita do grande esquema das coisas, de destruir qualquer coisa que os deuses , criaram?

— Até aranhas? — perguntou Denubis, sem pensar. Vendo a expressão irritada dela, sorriu. — Não ligue. São divagações de um homem velho.

— Vim para cá, convencida de que a Igreja constituía todo o bem e a verdade, e agora eu... eu... — Levou as mãos à cabeça.

O coração de Denubis doía-lhe quase tanto quanto a cabeça. Estendendo uma mão que tremia, afagou suavemente o cabelo negro macio, reconfortando-a como teria reconfortado a filha que nunca teve.

— Não sinta vergonha pelas suas dúvidas, criança — disse, tentando esquecer que, também ele, se sentira envergonhado. — Vá falar com o rei-sacerdote. Ele dar-lhe-á as respostas de que necessita. Tem mais sabedoria do que eu.

Crysania levantou o olhar, com esperança.

— Acha que...

— Seguramente. — Denubis sorriu. — Esteja com ele esta noite, minha querida. É noite de audiência. Não tenha receio. Tais

perguntas não o irritam.

— Muito bem — disse Crysania, o rosto revelando determinação. — O senhor está certo. Fui idiota tentar resolver estas dúvidas sozinha, sem ajuda. Farei as perguntas ao rei-sacerdote. Com certeza ele fará estas trevas iluminarem-se.

Denubis sorriu e ergueu-se, quando Crysania o fez. Num impulso, inclinou-se para a frente e beijou-o gentilmente na face.

— Obrigada, meu amigo — disse, suavemente. — Deixo-o com o seu trabalho.

Vendo-a sair da sala tranqüila e iluminada pelo sol, Denubis sentiu uma tristeza súbita e inexplicável, seguida de um grande receio. Era como se ele se encontrasse num local cheio de luz, vendo-a caminhar para uma escuridão vasta e terrível. A luz em seu redor foi aumentando de intensidade, enquanto as trevas à volta dela se tornavam mais horríveis, mais densas.

Confuso, Denubis levou a mão aos olhos. A luz era real! Penetrava nesta sala, banhando-o com uma irradiação tão brilhante e bonita que não conseguia olhar para ela. A luz penetrava no seu cérebro e a dor de cabeça tornou-se num verdadeiro tormento. Mas, mesmo assim, pensou desesperadamente: «tinha de avisar Crysania, tinha de impedi-la».

A luz envolveu-o, enchendo-lhe a alma com o seu brilho resplandecente. Então, subitamente, a luz desapareceu. Encontrava-se de novo na sala iluminada pelo sol. Mas não estava só. Pestanejando, esforçando-se por acostumar os olhos à escuridão, olhou em redor e avistou um duende, que o observava friamente. O duende era idoso, careca, com uma longa barba branca, meticulosamente aparada. Vestia longas vestes brancas e o medalhão de Paladine pendia-lhe do pescoço. A expressão no rosto do duende era de tristeza, uma tal tristeza que Denubis se viu a chorar, embora sem saber porquê.

— Peço desculpa — apressou-se a dizer Denubis. Levando a mão à cabeça, apercebeu-se subitamente que esta já não lhe doía. — Eu... eu não o vi entrar. Posso ajudá-lo? Está à procura de alguém?

— Não, já encontrei aquele que procurava — respondeu o duende calmamente, mas ainda com a expressão triste —, se o seu nome é Denubis.

— Sou Denubis — replicou o clérigo, confuso. — Mas, peço-lhe que me desculpe, não creio que o conheça...

— O meu nome é Loralon — disse o duende.

Denubis engoliu em seco. Sendo o maior de todos os clérigos duendes, Loralon opusera-se, há anos atrás, à subida ao poder de Quarath. Mas Quarath era demasiado forte. Fora apoiado por forças poderosas. As palavras de Loralon de reconciliação e paz não foram apreciadas. Lamentando tal fato, o idoso clérigo regressara para junto do seu povo, para a maravilhosa terra de Silvanesti que ele adorava, jurando nunca mais voltar a ver Istar.

Que estaria ele a fazer aqui?

— Certamente que procura o rei-sacerdote — afirmou Denubis, vacilante —, eu...

— Não, só existe uma pessoa no templo que eu procuro, e essa pessoa é você, Denubis — afirmou Loralon. — Venha. Temos uma longa jornada à nossa frente.

— Jornada! — repetiu Denubis estupidamente, imaginando que estava a enlouquecer. — Isso é impossível. Nunca deixei Istar desde que para aqui vim, há trinta anos...

— Vamos, Denubis — replicou Loralon gentilmente.

— Para onde? Como? Não compreendo... — gritou Denubis. Viu Loralon no centro da sala iluminada pelo sol e sossegada, observando-o, ainda com a mesma expressão de tristeza profunda e imutável. Erguendo a mão, Loralon tocou no medalhão que usava em redor do pescoço.

Então, Denubis compreendeu. Paladine concedera o poder de visão ao seu clérigo. Viu o futuro. Horrorizado, abanou a cabeça.

— Não — murmurou. — Isso é demasiado terrível.

— Ainda não está tudo decidido. As escalas do equilíbrio oscilam, mas ainda não foram perturbadas. Esta viagem pode ser apenas temporária, ou pode prolongar-se por tempo indefinido. Venha, Denubis, já não é necessário aqui.

O grande clérigo duende estendeu a mão. Denubis sentiu-se abençoado por uma sensação de tranquilidade e compreensão como nunca antes sentira, nem na presença do rei-sacerdote. Fazendo uma vênia, aproximou-se e tomou a mão de Loralon. Mas, ao fazê-lo, não conseguiu evitar que as lágrimas caíssem pelo seu rosto.

Crysanía estava sentada num dos cantos da suntuosa sala de audiências do rei-sacerdote, as mãos repousando no seu regaço, o rosto pálido mas composto. Olhando para ela, ninguém suspeitaria do tumulto que lhe agitava a alma. Ninguém talvez, com exceção de um homem que entrara na sala de forma despercebida e que permanecia agora num recanto sombrio, observando Crysanía.

Ali sentada, escutando a voz musical do rei-sacerdote, ouvindo-o discutir importantes questões de Estado com os seus ministros, ouvindo-o falar desde política a grandes mistérios do universo com outros ministros, Crysanía chegou a corar ao pensar que chegara a pensar incomodá-lo com as suas questões menores.

Palavras de Elistan vieram-lhe à mente. «Não procures nos outros as respostas. Vê no teu coração, procura na tua própria fé. Encontrarás a resposta ou verificarás que a resposta só cabe aos deuses, e não ao homem.»

E assim Crysanía se sentava, preocupada com os seus pensamentos, pesquisando o seu coração. Infelizmente, não conseguiu encontrar a paz que desejava. Talvez não houvesse respostas para as suas perguntas, decidiu, abruptamente. Foi então que sentiu uma mão no braço. Surpreendida olhou para cima.

— *Existem* respostas para as suas perguntas, Venerável Filha — disse uma voz, que ela reconheceu, chocada, e que fez estremecer os seus nervos —, existem respostas, mas recusa-se a escutá-las.

Ela conhecia a voz, mas — olhando ansiosamente para as sombras do capuz, não conseguiu reconhecer o rosto. Olhou para a mão sobre o seu ombro, pensando que reconheceria a mão. Esta estava coberta por vestes negras, e o seu coração começou a bater aceleradamente. Mas estas vestes não apresentavam símbolos prateados, como as *dele*. Voltou a olhar para o rosto. Tudo o que

conseguia avistar era o brilho de olhos ocultos, uma pele lívida... Depois, a mão deixou-lhe o ombro e, erguendo-se, puxou para trás a frente do capuz.

No início, Crysania sentiu-se desapontada. Os olhos do jovem não eram dourados nem tinham a forma de ampulheta, que se tinham tornado no seu símbolo. A pele não estava tingida de dourado, o rosto não era frágil. O rosto deste homem era pálido, como se tivesse dedicado longas horas ao estudo, mas era saudável, até mesmo bonito, com exceção do olhar de cinismo perpétuo e amargo. Os olhos eram castanhos, límpidos e frios como o vidro, refletindo unicamente o preto, nada revelando do seu íntimo. O corpo do homem era magro, mas bem delineado. As vestes negras e não adornadas que usava revelavam o contorno de ombros fortes, e não o corpo destroçado do mago. Então, o homem sorriu, os lábios finos abrindo-se levemente.

— É realmente você! — afirmou Crysania, erguendo-se da cadeira.

O homem voltou a colocar a mão sobre o ombro dela, exercendo uma suave pressão para a forçar a sentar-se.

— Por favor, permaneça sentada, Venerável Filha — disse. — Eu farei o mesmo. O local é sossegado e podemos conversar sem interrupções. — Virando-se, fez um gesto gracioso e uma cadeira, que antes se encontrava do outro lado da sala, estava agora junto dele. Crysania tossiu ligeiramente e olhou ao redor da sala. Mas, se alguém reparara, todos se esforçavam por ignorar o mago. Olhando para trás, Crysania viu Raistlin a observá-la com divertimento, e sentiu a pele ficar quente.

— Raistlin — disse, formalmente, por forma a encobrir a sua confusão —, estou satisfeita por vê-lo.

— E eu estou satisfeito por vê-la, Venerável Filha — afirmou ele com aquela voz trocista que agitava os nervos dela. — Mas o meu nome não é Raistlin.

Ela fitou-o, corando ainda mais agora devido ao seu constrangimento.

— Peço desculpa — respondeu, olhando atentamente para o rosto dele —, mas recorda-me alguém que eu conheço, que conheci.

— Talvez isto esclareça o mistério — afirmou suavemente. — O meu nome, para as pessoas daqui, é Fistandantilus.

Crysanía estremeceu involuntariamente, e as luzes da sala pareceram escurecer.

— Não — disse, abanando lentamente a cabeça —, não pode ser! Você regressou... para aprender com ele!

— Regressei para me *tornar* nele — replicou Raistlin.

— Mas... ouvi contar histórias. Ele é mau, infame... — Afastou-se de Raistlin, o seu olhar fixo nele, horrorizado.

— O mal já não existe — respondeu Raistlin. — Está morto.

— Foi você? — Estas palavras não passaram de murmúrios.

— Ele teria me matado, Crysanía — disse Raistlin simplesmente —, tal como assassinou outros tantos sem conta. Era a minha vida ou a dele.

— Trocamos um mal por outro — respondeu Crysanía em voz triste. Virou a cara.

«Estou a perdê-la!», apercebeu-se Raistlin de imediato. Em silêncio, observou-a. Mudara de posição na cadeira, voltando o rosto. Podia ver o seu perfil, frio e puro como a luz de Solinari. Estudou-a, tal como estudava os pequenos animais que colocava debaixo da sua navalha, quando testava os segredos da própria vida. Assim como lhes retirava a pele para ver os corações a bater por baixo, de igual forma retirou as defesas exteriores de Crysanía para observar a sua alma.

Ela escutava a bonita voz do rei-sacerdote e, no seu rosto, havia uma expressão de profunda tranquilidade. Mas Raistlin lembrou-se do rosto dela tal como o vira quando entrara. Há muito acostumado a observar os outros e a decifrar as emoções que eles pensavam ocultar, avistara a pequena ruga surgir entre as negras sobrancelhas dela e vira os seus olhos cinzentos ficarem perturbados. Crysanía mantivera as mãos no regaço, mas ele avistara os dedos retorcerem o tecido das suas vestes. Estava à par da conversa dela com Denubis. Sabia que ela tinha dúvidas, que a sua fé estava abalada, que se encontrava à beira do precipício. Pouco seria necessário para empurrá-la para o abismo. E, com um

pouco de paciência da parte dele, seria até possível que ela saltasse por sua livre vontade.

Raistlin lembrava-se de como ela ficara sobressaltada quando lhe tocara. Aproximando-se mais dela, estendeu a mão e pegou-lhe no pulso. Cysania foi apanhada de surpresa e tentou, quase de imediato, libertar-se. Mas o aperto dele era firme. Cysania fitou os olhos dele e não conseguiu se mover.

— É realmente essa a opinião que tem de mim? — perguntou Raistlin numa voz de quem já sofrera muito e que depois tomara consciência de que fora tudo em vão. Viu que a sua tristeza despedaçava o coração dela. Cysania tentou falar, mas Raistlin continuou, retorcendo a faca na alma dela.

— Fistandantilus planejava regressar ao nosso tempo, destruir-me, apoderar-se do meu corpo, e retomar o que fora deixado pela Rainha das Trevas. Conspirava colocar os dragões do mal sob o seu controle. Os lordes do Dragão, como a minha irmã, Kitiara, ter-se-iam unido a ele. O mundo seria mergulhado na guerra, mais uma vez. — Raistlin fez uma pausa. — Essa ameaça terminou agora — disse, suavemente.

Os seus olhos aprisionavam Cysania, tal como a sua mão prendia o pulso dela. Fitando no interior deles, podia ver-se refletida na sua superfície semelhante a um espelho. E viu-se não como a eclesiástica pálida, estudiosa e severa como algumas vezes lhe chamavam, mas como alguém bonito e que se preocupava. Este homem viera ter com ela numa base de confiança e ela decepcionara-o. A dor refletida na voz dele era insuportável e Cysania tentou mais uma vez falar, mas Raistlin prosseguiu, puxando-a ainda mais para si.

— Sabe quais são as minhas ambições — disse. — Para si, abri o coração. É meu intento recomeçar a guerra? É meu intento conquistar o mundo? A minha irmã, Kitiara, veio ter comigo para me pedir isso, para que a auxiliasse. Recusei e você, receio bem, pagou as conseqüências. — Raistlin suspirou e baixou os olhos. — Falei-lhe de si, Cysania, e do seu bem e do seu poder. Ficou irritada e mandou o seu cavaleiro da morte para a destruir, pensando, desta forma, pôr fim à sua influência sobre mim.

— Nesse caso, tenho alguma influência sobre si? — inquiriu Crysania suavemente, deixando de tentar libertar-se do aperto de Raistlin. A voz dela tremia de alegria. — Posso ter a esperança de que você tenha visto os caminhos da Igreja e...

— Os caminhos *desta* Igreja? — perguntou Raistlin, a voz de novo amarga e trocista. Retirando a mão abruptamente, recostou-se na cadeira, reunindo as vestes negras à sua volta e olhando para Crysania com um sorriso de escárnio.

O embaraço, a ira e o sentimento de culpa mancharam as faces de Crysania de um leve rosa, os seus olhos cinzentos escureceram para um azul profundo. A cor nas suas faces espalhou-se para os lábios e, repentinamente, ela *era* bonita, algo em que Raistlin reparou involuntariamente. Esse pensamento aborreceu-o fortemente, ameaçando romper a sua concentração. Irritado, apagou-o da sua mente.

— Conheço as suas dúvidas, Crysania — prosseguiu abruptamente. — Sei o que viu. Na sua opinião, a Igreja preocupa-se muito mais em governar o mundo do que em ensinar os caminhos dos deuses. Viu os seus clérigos dedicarem-se a negociações, à política, gastando dinheiro em espetáculos que podia ter alimentado os pobres. Pensou defender a Igreja, quando voltou atrás no tempo; para descobrir que outros fizeram com que os deuses, na sua ira justa, lançassem a montanha em fogo sobre aqueles que renunciaram a eles. Pensou deitar as culpas aos... utilizadores de magia, provavelmente.

Crysania ficou ainda mais corada. Não conseguia enfrentá-lo, então voltou o rosto, mas a sua dor e humilhação eram óbvias. Raistlin continuou, sem piedade.

— A altura do Cataclismo aproxima-se. Os verdadeiros clérigos já abandonaram o território... Sim, não o sabia? O seu amigo, Denubis, partiu. Você, Crysania, é a única verdadeira eclesiástica que permanece aqui.

Crysania fitou Raistlin chocada.

— Isso é... impossível — murmurou. Os seus olhos observaram a sala. E podia escutar, pela primeira vez, as conversas daqueles que se reuniam em grupo, afastados do rei-sacerdote. Ouviu falar dos

Jogos, ouviu discussões sobre a distribuição dos fundos públicos, da derrota de exércitos, dos melhores processos para controlar um território em rebeldia, tudo em nome da Igreja.

Então, como que para apagar as outras vozes duras, a voz doce e musical do rei-sacerdote inundou-lhe a alma, acalmando-lhe o espírito perturbado. O rei-sacerdote ainda lá se encontrava. Virando-se das trevas, olhou na direção da luz dele e sentiu a sua fé, de novo forte e pura, erguer-se para defendê-lo. Friamente, olhou para Raistlin.

— Ainda existe o bem no mundo — afirmou, severamente. Levantando-se, preparou-se para sair. — Enquanto aquele homem sagrado, que é seguramente abençoado pelos deuses, governar, não posso acreditar que os deuses tenham lançado a sua ira sobre a Igreja. Digamos antes que esta foi lançada sobre o mundo, por ignorar a Igreja — continuou, a voz baixa e impetuosa. Raistlin levantara-se também e, olhando para ela intensamente, aproximou-se mais.

Crysanía pareceu não reparar, mas prosseguiu.

— Ou por ignorar o rei-sacerdote! Ele deve prevê-lo! Talvez até neste preciso momento ele esteja a tentar impedi-lo! Rogando aos deuses para que tenham misericórdia!

— Olhe para este homem — murmurou Raistlin —, «abençoado» pelos deuses. — Estendendo as mãos, o mago forçou Crysanía a enfrentar o rei-sacerdote. Subjugada pela culpa de ter duvidado e irritada consigo mesma por ter permitido que Raistlin olhasse dentro do seu íntimo, Crysanía tentou, irada, libertar-se, mas o aperto dele era firme, os dedos queimando-lhe a pele.

— Olhe! — repetiu. Abanando-a ligeiramente, obrigou-a a levantar a cabeça para olhar diretamente para a luz e glória que rodeavam o rei-sacerdote.

Raistlin sentiu o corpo que mantinha junto do seu a começar a tremer e sorriu de satisfação. Aproximando a cabeça com o capuz negro para junto da dela, Raistlin murmurou-lhe ao ouvido, a sua respiração tocando-lhe na face.

— Que vê, Venerável Filha?

A única resposta que obteve foi um gemido destroçado.

O sorriso de Raistlin acentuou-se.

— Diga-me — persistiu.

— Um homem — disse Crysania com dificuldade, o seu olhar chocado fixo no rei-sacerdote. — Apenas um humano. Parece cansado e... assustado. A pele está flácida, não dorme há várias noites. Os olhos azuis pálidos refletem receio... — Apercebendo-se subitamente do que estivera a dizer. Com perfeita consciência da proximidade de Raistlin, do calor e da sensação do corpo forte e musculoso por debaixo das vestes negras suaves, Crysania libertou-se do seu aperto.

— Que feitiço lançou sobre mim? — inquiriu irritada, voltando-se para se confrontar com ele.

— Não se trata de nenhum feitiço, Venerável Filha — afirmou Raistlin suavemente. — Quebrei o feitiço que ele tece à sua volta com o receio que tem. Será esse receio que provará a sua má atuação e que ocasionará a destruição do mundo.

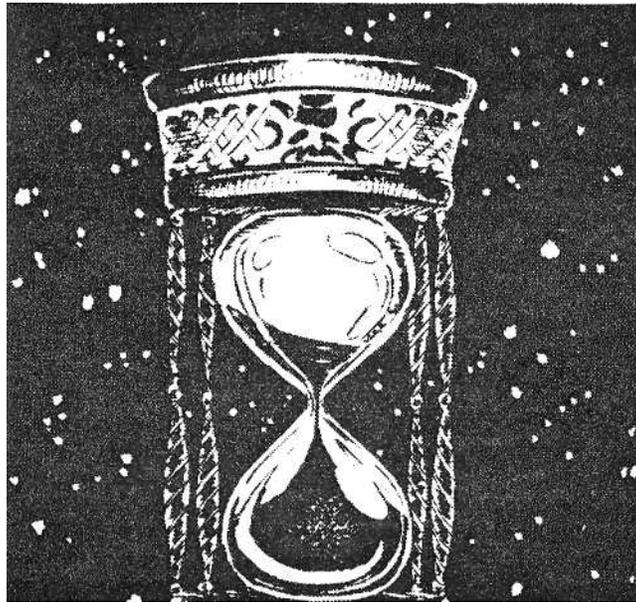
Crysania fitou Raistlin com desespero. Queria que ele estivesse a mentir, desejou que ele estivesse a mentir. Mas depois apercebeu-se de que, mesmo que ele estivesse a mentir, pouco importava. Não podia continuar a mentir a si própria.

Confusa, assustada e desnorteada, Crysania virou-se e, meio cega pelas lágrimas, saiu a correr da sala de audiências.

Raistlin viu-a partir, não sentindo nem júbilo nem satisfação perante a sua vitória. Afinal, era exatamente o que ele esperava. Sentando-se de novo, junto da lareira, selecionou uma laranja de uma taça com fruta sobre uma mesa e começou a retirar a casca, ao mesmo tempo que fitava pensativamente as chamas.

Uma outra pessoa viu Crysania sair a correr da sala. Observou Raistlin comer a laranja, sorvendo primeiro o sumo do fruto e depois devorando a polpa.

O rosto pálido de ira e receio, Quarath deixou a sala de audiências, regressando ao seu quarto, onde andou de um lado para o outro até amanhecer.



CAPÍTULO 11

Ficou para sempre conhecida na história como a Noite da Maldição, a noite em que os verdadeiros clérigos abandonaram Krynn. Para onde foram e qual foi o seu destino, nem mesmo Astinus o registrou. Alguns afirmam que foram avistados durante os tristes dias da Guerra de Lance, trezentos anos mais tarde. Muitos duendes juram, por tudo o que consideram de mais sagrado, que Loralon, o maior e mais devoto dos clérigos duendes, caminhou pelas terras torturadas de Silvanesti, sofrendo com a desgraça que sobre elas se abatera e abençoando os esforços daqueles que davam o seu esforço para auxiliar na sua reconstrução.

Mas, a maioria dos habitantes de Krynn não se apercebeu da passagem dos verdadeiros clérigos. Contudo, essa noite, para muitos outros, foi uma Noite de Maldição, sob diversas formas.

Crysanía saiu a correr da sala de audiências do rei-sacerdote confusa e amedrontada. A sua confusão era facilmente explicável. Vira o melhor de todos os seres, o rei-sacerdote, o homem que mesmo os clérigos da sua própria época ainda veneravam, como um

humano receoso da sua própria sombra, um homem que se ocultava por detrás de feitiços e que deixava que outros governassem por si. Todas as dúvidas e desconfianças que se criaram nela acerca da Igreja e do seu objetivo em Krynn regressaram.

Quanto ao que ela receava, isso não conseguia, ou não queria, definir.

Quando saiu da sala, caminhou cegamente, sem qualquer idéia para onde ia ou do que estava a fazer. Procurou refúgio num canto, secou as lágrimas e compôs-se. Envergonhada pela sua momentânea falta de controle, soube de imediato o que tinha a fazer.

Tinha de encontrar Denubis. Provaria que Raistlin estava enganado.

Percorrendo os corredores vazios iluminados pelo esbatido luar de Solinari, Cysania dirigiu-se aos aposentos de Denubis. Esta história de clérigos que desapareciam não podia ser real. Na verdade, Cysania nunca acreditara nas velhas lendas da Noite de Maldição, considerando-as histórias para crianças. Agora, continuava a não acreditar. Raistlin estava... enganado.

Seguia apressadamente sem parar, pois estava familiarizada com o caminho. Visitara Denubis nos seus aposentos por diversas vezes para discutir teologia ou história, ou para ouvi-lo contar episódios da sua terra natal. Bateu à porta.

Não obteve resposta.

— Está a dormir — disse Cysania para si mesma, irritada com o estremecimento súbito que lhe agitou o corpo. — É claro, já é muito tarde. Voltarei de manhã.

Mas voltou a bater e chegou mesmo a gritar em tom baixo: «Denubis.»

Mesmo assim, nenhuma resposta.

— Voltarei. Afinal de contas, ainda há poucas horas estive com ele — disse novamente para si, mas, vendo a mão na maçaneta da porta, rodou-a gentilmente. — Denubis? — murmurou, o coração batendo com força na garganta. O quarto estava às escuras; como dava para um pátio interior, a janela não permitia a entrada do luar. Por momentos, Cysania sentiu a vontade escapar-lhe. — Isto é

ridículo! — repreendeu-se a si própria, prevendo já o embaraço de Denubis, e o seu, se o homem acordasse e desse com ela a entrar no quarto, no silêncio da noite.

Firmemente, Crysania abriu a porta para trás, permitindo que a luz dos archotes no corredor penetrasse no pequeno quarto. Estava exatamente como ele o deixara: arrumado, em ordem... e vazio.

Bem, não propriamente vazio. Os livros do homem, as suas penas, mesmo as suas roupas ainda lá se encontravam, como se ele tivesse saído por apenas alguns instantes, com a intenção de regressar logo em seguida. Mas o espírito do quarto desaparecera, deixando-o frio e vazio como a cama ainda feita.

Por momentos, as luzes do corredor toldaram a visão de Crysania. Sentiu as pernas fracas e encostou-se à porta. Depois, tal como há pouco, esforçou-se por se acalmar, por pensar racionalmente. Com firmeza, fechou a porta e, cada vez mais firme, obrigou-se a caminhar pelos corredores adormecidos em direção ao seu próprio quarto.

Muito bem, chegara a Noite de Maldição. Os verdadeiros clérigos tinham partido. Estavam quase no Natal. Treze dias depois do Natal, ocorreria o Cataclismo. Esse pensamento fê-la estacar. Sentindo-se fraca e agoniada, encostou-se a uma janela e fitou, sem ver, um jardim banhado pelo luar branco. Isto significava então o fim dos seus planos, dos seus sonhos, dos seus objetivos. Seria forçada a regressar à sua própria época para nada contar a não ser um triste fracasso.

O jardim prateado oscilava na sua visão. Encontrara a Igreja corrupta e o rei-sacerdote aparentemente culpado da terrível destruição do mundo. Fracassara inclusive no seu intento original, isto é, de libertar Raistlin das garras das trevas. Ele nunca lhe daria ouvidos. Provavelmente, ele estaria naquele preciso momento a rir-se dela, com aquele riso terrível e de escárnio...

— Venerável Filha? — ouviu-se uma voz. Secando apressadamente os olhos, Crysania virou-se.

— Quem está aí? — perguntou, tentando nada revelar na voz.

Pestanejando rapidamente, fitou a escuridão. Quase ficou sem respiração quando uma figura de vestes negras emergiu das sombras. Não conseguia falar, pois faltava-lhe a voz.

— Estava a caminho dos meus aposentos quando a avistei aí — disse a voz, que não se revelou nem risonha nem trocista. Era uma voz fria e cínica, mas havia nela uma estranha qualidade, um certo calor, o que fez Crysania estremecer.

— Espero que não esteja doente — disse Raistlin, aproximando-se dela. Crysania não lhe conseguia ver o rosto, oculto pelas sombras do capuz negro. Mas podia ver-lhe os olhos, reluzindo, límpidos e frios ao luar.

— Não — murmurou Crysania confusa e voltou-lhe o rosto, desejando ardentemente que todos os vestígios de lágrimas tivessem desaparecido. Mas de pouco lhe serviu. Foi subjugada pelo cansaço, pela pressão e pela sua própria fraqueza. Embora tentasse desesperadamente controlá-las, as lágrimas voltaram, deslizando-lhe pelo rosto.

— Vá-se embora, por favor — disse, fechando os olhos com força, engolindo as lágrimas como de um remédio amargo se tratasse.

Sentiu um calor envolvê-la e a suavidade das vestes de veludo preto roçarem no seu braço nu. Cheirou o perfume doce de especiarias e pétalas de rosas e um aroma vagamente enjoativo de deterioração, asas de morcego, talvez, a caveira de algum animal, essas coisas misteriosas que os mágicos utilizam nos seus feitiços. Depois, sentiu uma mão tocar-lhe na face, dedos magros, sensíveis e fortes e ardentes com aquele estranho calor.

Ou os dedos afastaram as lágrimas ou estas secaram perante o seu toque ardente; Crysania não estava certa. Em seguida, os dedos ergueram-lhe o queixo e viraram-lhe a cabeça, que olhava para o luar. Crysania não conseguia respirar, o bater do seu coração sufocava-a. Manteve os olhos fechados, com receio do que pudesse ver. Mas podia sentir o corpo magro de Raistlin, rijo por baixo das vestes suaves, comprimir-se contra o seu. Podia sentir aquele calor terrível...

Crysanía desejou subitamente que as trevas dele a envolvessem, a escondessem, a confortassem. Queria que aquele calor destruísse o frio que sentia por dentro. Ansiosa, ergueu os braços e estendeu as mãos... e ele desaparecera. Podia escutar o roçar das suas vestes retrocederem na quietude do corredor.

Espantada, Crysanía abriu os olhos. Depois, chorando mais uma vez, comprimiu a face contra o vidro frio. Mas estas eram lágrimas de alegria.

— Paladine — murmurou —, obrigada. O meu caminho revela-se agora distintamente. Não falharei!

Uma figura de vestes negras caminhava com passos largos pelos corredores do templo. Quem quer que se encontrasse com ela afastava-se aterrorizado, afastava-se da ira que podia ser sentida, se não mesmo vista, no rosto encapuzado. Por fim, Raistlin entrou no seu próprio corredor deserto, bateu a porta com tal violência que esta quase se despedaçou, e fez com que as chamas se erguessem na lareira com pouco mais do que um olhar. O fogo elevou-se pela chaminé e Raistlin caminhou de um lado para o outro, amaldiçoando-se a si mesmo até se sentir demasiado exausto para andar. Afundou-se então numa cadeira e fitou a lareira, com um olhar fervente.

— Idiota! — repetiu. — Deveria ter previsto isto! — Cerrou o punho. — Deveria ter sabido. Este corpo, apesar de toda a sua força, possui a grande fraqueza comum à humanidade. Pouco importa a inteligência, a disciplina da mente, o controlo das emoções, *aquilo* aguarda nas sombras como uma grande besta, pronta a saltar e a revelar-se. — Rosnou de irritação e cravou as unhas na palma da mão até esta sangrar. — Ainda estou vendo-a! A pele de marfim, os lábios pálidos e macios. Posso sentir o cheiro do seu cabelo e as suaves curvas do seu corpo próximo do meu!

— Não! — Isto foi mais um grito. — Isto não pode, não será permitido que aconteça! Ou talvez... — Um pensamento. — E se eu a seduzisse? Isso não a colocaria mais sob o meu poder? — O pensamento era mais do que tentador e originou uma tal sensação de desejo no jovem que todo o seu corpo estremeceu.

Mas a parte fria, calculista e lógica da mente de Raistlin assumiu o controle.

— Que sabes tu sobre os jogos de amor? — perguntou a si mesmo com um riso de escárnio. — De sedução? Neste campo, és uma criança, mais estúpida do que o idiota do teu irmão.

Recordações da sua juventude chegaram até ele. Frágil e doente, conhecido pelo seu sarcasmo cortante e métodos ardilosos, Raistlin seguramente nunca atraía a atenção das mulheres, de forma alguma como o seu atraente irmão. Absorvido e obcecado pelos estudos de magia, nunca sentira a falta... muito. Oh, uma vez experimentara. Uma das namoradas de Caramon, aborrecida com a conquista fácil, pensou que o irmão gêmeo do grande homem se poderia revelar mais interessante. Picado pelo escárnio do irmão e dos seus companheiros, Raistlin levava avante as aventuras com ela. Revelou-se uma experiência desconcertante para ambos. A garota regressara agradecida aos braços de Caramon. Para Raistlin, apenas provaria o que ele há muito suspeitava: que só encontrava o puro êxtase na sua magia.

Mas este corpo, mais jovem, mais forte, mais parecido com o do seu irmão, doía-lhe com uma paixão como nunca antes sentira. Contudo, não podia ceder-lhe.

— Ainda acabava por me destruir — previu, com fria clareza — e, longe de me fazer alcançar os meus objetivos, poderia muito bem prejudicá-los. Ela é virgem, pura de mente e corpo. Essa pureza constitui a sua força. Preciso manchá-la, mas preciso dela intata.

Depois de tomar firmemente esta resolução e estando há muito habituado a praticar um controle mental severo sobre as suas emoções, o jovem descontraíu-se e recostou-se na cadeira, permitindo que o cansaço se apoderasse dele. O lume da lareira abrandou e os seus olhos fecharam-se no repouso que renovaria o seu poder.

Mas, antes de adormecer, ainda sentado na cadeira, viu de novo, com uma clareza não desejada, uma lágrima solitária brilhando ao luar.

A Noite de Maldição continuou. Um acólito foi despertado de um sono profundo e pediram-lhe que se apresentasse a Quarath. Encontrou o clérigo duende sentado nos seus aposentos.

— Mandou chamar-me, senhor? — perguntou o acólito, tentando reprimir um bocejo. Estava com aspecto sonolento e amarrotado. Na verdade, as vestes exteriores tinham sido colocadas ao contrário, na pressa de responder ao chamado que surgira tão tarde na noite.

— Que significa este relatório? — inquiriu Quarath, indicando uma folha de papel sobre a secretária.

O acólito inclinou-se para ver, afastando o sono o suficiente para tornar a escrita coerente.

— Oh, isso — disse, após alguns instantes. — Apenas o que aí diz, senhor.

— Que Fistantilus não foi o responsável pela morte do meu escravo? Custa-me muito a acreditar.

— De qualquer forma, o senhor pode interrogar o anão. Ele confessou, depois de uma grande persuasão monetária, que fora na realidade contratado pelo lorde aí mencionado, o qual estava aparentemente enraivecido pelo fato de a Igreja se ter apropriado dos seus domínios nas redondezas da cidade.

— Eu sei com o que ele está enraivecido! — afirmou Quarath rudemente. — E matar o meu escravo é mesmo um tipo de ação própria de Onygion, traiçoeira e ardilosa. Não se atreve a enfrentar-me diretamente.

Quarath sentou-se, pensativo.

— Então, por que foi aquele escravo corpulento quem executou a tarefa? — perguntou subitamente, lançando um olhar severo ao acólito.

— O anão afirmou que isso foi qualquer coisa arranjada em particular entre ele e Fistantilus. Aparentemente, o primeiro «trabalho» desta natureza que surgisse, deveria ser entregue ao escravo, Caramon.

— Isso não consta do relatório — disse Quarath, fitando com dureza o jovem.

— Não — admitiu o acólito, corando. — Eu... eu realmente não gosto de colocar nada... sobre o utilizador de magia... por escrito. Qualquer coisa como isso, onde ele possa ler...

— Sim, na verdade não te censuro por isso — murmurou Quarath. — Muito bem, podes ir.

O acólito anuiu, fez uma vênia e regressou agradecido à sua cama.

No entanto, passaram-se muitas horas até que Quarath fosse para a cama, permanecendo sentado no seu escritório, lendo vezes sem conta o relatório. Depois, suspirou.

«Estou a ficar tão mal quanto o rei-sacerdote, saltando perante sombras que nem sequer existem. Se Fistandantilus quisesse livrar-se de mim, fá-lo-ia numa questão de segundos. Devia ter-me apercebido, este não é o seu estilo.» Finalmente, levantou-se. «Contudo, estive com ela esta noite. O que poderá isso significar? Talvez nada. Talvez o homem seja mais humano do que eu supunha. Seguramente que o corpo em que ele surgiu neste tempo é melhor do que aquele a que estava acostumado.»

O duende sorriu para si mesmo ao arrumar a secretária, guardando o relatório cuidadosamente em lugar seguro.

«Vem aí o Natal. Tirarei isto da cabeça até a estação natalícia ter terminado. Afinal de contas, aproxima-se com rapidez a altura em que o rei-sacerdote apelará aos deuses que erradiquem o mal da face de Krynn. Isso levará este Fistandantilus e aqueles que o seguem de novo para as trevas.»

Bocejou depois e espreguiçou-se.

«Mas, primeiro, vou tratar de Lorde Onygion.»

A Noite de Maldição estava praticamente terminada. A manhã iluminou o céu quando Caramon se encontrava deitado na sua cela, fitando a luz cinzenta. Amanhã haveria um novo jogo, o primeiro desde o «acidente».

A vida não fora agradável para o grande guerreiro nos últimos dias. Exteriormente, nada se alterara. Os outros gladiadores eram velhos companheiros, a maioria deles, há muito habituados aos processos do Jogo.

— Não é um mau sistema — dissera Pheragas com um encolher de ombros quando Caramon o encontrara no dia seguinte ao seu regresso do templo. — Certamente melhor do que um milhar de homens matando-se uns aos outros nos campos de batalha. Aqui, se um nobre se sente ofendido por um outro, a disputa entre eles é travada em segredo e em privado para satisfação de todos.

— Com exceção do homem inocente que morre por uma causa que não lhe diz respeito e que nem sequer compreende! — afirmara Caramon, irritado.

— Não sejas tão criança! — replicara Kiiri, polindo uma das suas adagas articuladas. — Por tua conta, fizeste algum trabalho de mercenário. Nessa altura, compreendias ou preocupavas-te com a causa. Não combatias e matavas porque estavas a ser bem pago? Terias lutado se não estivesses a receber? Não vejo qual seja a diferença.

— A diferença é que eu tinha hipótese de escolha! — respondera Caramon. — Eu sabia por que causa estava a combater! Nunca teria combatido para alguém que eu não acreditasse que estava com a razão! Pouco importa o dinheiro que me pagavam! O meu irmão sentia da mesma forma. Ele e eu... — Caramon ficara subitamente em silêncio.

Kiiri olhara para ele de forma estranha, abanando depois a cabeça com um sorriso.

— Além disso — acrescentara —, cria um verdadeiro clima de tensão. Vais lutar melhor a partir de agora. Verás.

Pensando nesta conversa deitado na escuridão, Caramon tentou refletir sobre ela, no seu modo lento e metódico. Talvez Kiiri e Pheragas estivessem certos, talvez *ele estivesse* a comportar-se como uma criança, chorando porque o brinquedo brilhante e reluzente com o qual estivera a brincar o cortara subitamente. Mas, considerando o assunto de todas as formas possíveis, continuava a não conseguir acreditar que estivesse correto. Um homem tinha direito à escolha, de optar pela sua forma de vida, pela sua forma de morrer. Mais ninguém tinha o direito de determinar isso por ele.

Então antes do amanhecer, um peso esmagador pareceu cair sobre Caramon. Sentou-se, apoiando-se num dos cotovelos, fitando

sem ver o teto cinzento. Se isso era verdade, se cada homem merecia escolher, então, e o seu irmão? Raistlin fizera a sua escolha: percorrer os caminhos da noite e não os do dia. Teria Caramon o direito de arrastar o irmão desses caminhos?

A sua mente regressou àqueles dias que involuntariamente recordara quando conversara com Kiiri e Pheragas, àqueles dias que antecederam o teste, àqueles dias foram os mais felizes da sua vida, os dias de trabalho de mercenário com o irmão.

Os dois combatiam bem juntos, e eram sempre bem recebidos pelos nobres. Embora os guerreiros fossem tão comuns como as folhas das árvores, utilizadores de magia que pudessem, e quisessem, unir-se ao combate era uma coisa completamente distinta. Embora muitos nobres sentissem algumas dúvidas quando viam a aparência frágil e adoentada de Raistlin, não tardavam a ficar impressionados pela sua coragem e perícia. Os irmãos eram bem pagos e não tardaram a ser muito solicitados.

Mas eles selecionavam sempre a causa pela qual combatiam com extrema precaução.

— Isso era obra de Raist — murmurou Caramon para si mesmo, pensativamente. — Eu teria combatido para qualquer um, pois a causa pouco me importava. Mas Raistlin insistia que a causa tinha de ser justa. Viramos as costas a mais do que um trabalho porque ele dizia que esse trabalho significava que havia um homem forte que tentava ficar mais forte pelo processo de devorar outros...

— Mas isso é o que Raistlin está a fazer! — disse Caramon suavemente, olhando para o teto. — Ou não será? É o que eles *dizem* que ele está a fazer, aqueles utilizadores de magia. Mas, poderei eu confiar neles? Foi Par-Salian quem o meteu nisto, ele próprio o admitiu! Raistlin libertou o mundo daquela criatura: Fistandantilus. Sob todos os aspectos, trata-se de uma coisa boa. E Raist disse-me que não tinha nada a ver com a morte do *Bárbaro*. Pelo que não fez efetivamente nada de errado. Talvez o tivéssemos julgado mal... Talvez não tenhamos o *direito* de tentar forçá-lo a mudar...

Caramon suspirou.

— Que devo fazer? — Fechando os olhos extremamente cansado, adormeceu, e o aroma de bolos quentes acabados de fazer não tardou a encher a sua mente.

O sol iluminou o céu. A Noite de Maldição terminou. Tasslehoff levantou-se da cama, saudando ansiosamente o novo dia, e decidiu que ele, ele pessoalmente, iria impedir o Cataclismo.



CAPÍTULO 12

— Alterar o tempo! — afirmou Tasslehoff, escalando por cima do muro do jardim para a área sagrada do templo e aterrando no meio de um canteiro de flores. Alguns clérigos caminhavam no jardim, conversando entre si sobre a alegria da estação natalícia que se aproximava. Em vez de interromper a conversa deles, Tas tomou a atitude que considerou mais educada e deitou-se por entre as flores até se afastarem, embora isso significasse que iria ficar com as pernas azuis todas sujas.

Era uma sensação bastante agradável, estar deitado no meio das vermelhas rosas de Natal, assim chamadas porque só desabrochavam durante esta estação. O tempo estava quente, demasiado quente, segundo as pessoas diziam. Tas sorriu. Os humanos eram incorrigíveis. Se o tempo estivesse frio, como era habitual no Natal, também se queixariam. Pensou para consigo que o calor era ótimo. Tornava-se um pouco difícil respirar com aquele ar pesado, talvez, mas, afinal de contas, não se podia ter tudo.

Tas escutou os clérigos com interesse. «As festas de Natal deviam ser esplêndidas», pensou, e, por alguns instantes, considerou a possibilidade de assistir a elas. A primeira teria lugar esta noite: As boas-vindas ao Natal. Iria terminar cedo, pois toda a gente queria dormir bastante, preparando-se desta forma para as festas de Natal propriamente ditas, que se iniciariam na alvorada do dia seguinte e que se prolongariam durante dias, a última celebração antes do início do Inverno duro e cinzento.

«Talvez assista a essa festa de amanhã», pensou Tas. Teria suposto que uma festa de boas-vindas ao Natal no templo seria solene e grandiosa e, por tal fato, verdadeiramente aborrecida, pelo menos do ponto de vista de um *kender*, mas, pelo modo como estes clérigos falavam, parecia que iria ser bastante animada.

Caramon estaria a combater no dia seguinte: os Jogos constituíam um dos pontos altos da estação natalícia. O combate iria determinar quais as equipas que teriam direito de disputar entre si na Contenda Final, o último jogo do ano antes de o Inverno forçar ao encerramento da arena. Os vencedores deste último jogo ganhariam a sua liberdade. É claro que estava pré-determinado quem ganharia os próximos jogos: a equipa de Caramon. Por razões que desconhecia, estas notícias tinham provocado em Caramon uma melancólica depressão.

Tas abanou a cabeça. Nunca iria compreender aquele homem, decidiu. Tanta questão por causa da honra. Afinal, tratava-se meramente de um jogo. De qualquer forma, tornava as coisas mais fáceis. Seria mais simples para Tas escapar e divertir-se.

Mas, depois, o *kender* suspirou. Não, tinha coisas sérias para fazer: impedir o Cataclismo era mais importante do que uma festa, talvez mais do que uma festa. Sacrificaria o seu divertimento em prol desta grande causa.

Sentindo-se muito correto e nobre (e subitamente bastante aborrecido), o *kender* olhou irritado para os clérigos, desejando que se apressassem. Estes entraram por fim, deixando o jardim vazio. Soltando um suspiro de alívio, Tas levantou-se e sacudiu a terra. Apanhando uma rosa de Natal, enfiou-a no botão superior para

decoreção em honra da época, esgueirando-se depois para o interior do templo.

Também este estava decorado para a estação do Natal, e a beleza e esplendor fez com que o *kender* ficasse sem respiração. Olhou em redor deliciado, maravilhando-se com as milhares de rosas de Natal que tinham sido plantadas em jardins por todo o Krynn e levadas para ali para encherem os corredores do templo com a sua doce fragrância. Grinaldas de verduras adicionavam um aroma forte, a luz do sol refletindo das suas folhas pontiagudas e polidas, entrelaçadas com veludo vermelho e penas de cisnes. Praticamente em cada mesa, havia um cesto com frutos raros e exóticos, oferendas vindas de todo o Krynn, para serem desfrutadas por toda a gente no templo. Ao seu lado, pratos com bolos saborosos e guloseimas. Pensando em Caramon, Tas encheu por completo as suas bolsas, imaginando já o prazer do grande homem. Nunca vira Caramon deprimido na presença de um bolo de amêndoa com açúcar cristalizado.

Tas percorreu os corredores, perdido em felicidade. Quase se esquecera porque viera e teve de se recordar repetidamente da sua importante missão. Ninguém lhe prestava a mínima atenção. Todos por quem passava estavam empenhados na celebração que se avizinhava ou nas questões de gestão do governo ou da Igreja, ou de ambos. Poucos olhavam sequer duas vezes para Tas. Por vezes, um guarda olhava severamente para ele, mas Tas limitava-se a sorrir alegremente, acenava e prosseguia caminho. Havia um velho provérbio *kender* que dizia: «*Não mudes de cor para te iguares com as paredes. Assume o ar de quem faz parte do local e as paredes mudarão de cor para se iguares contigo.*»

Por fim, depois de muitas curvas (e diversas paragens para investigar objetos interessantes, alguns dos quais caíram por mero acaso nas bolsas do *kender*), Tas encontrou-se no único corredor que *não* estava decorado, que *não* estava cheio de pessoas alegres ocupadas com os preparativos para a festa, em que não ecoavam os sons dos coros praticando os seus hinos de Natal. Neste corredor, as cortinas permaneciam corridas, negando a entrada do sol. Era frio,

escuro e repugnante, ainda mais devido ao contraste com o resto do mundo.

Tas percorreu o corredor, caminhando suavemente sem ter para isso nenhuma razão particular; no entanto, o corredor estava imerso num silêncio tão austero e tão sombrio que parecia esperar que qualquer um que nele entrasse assumisse a mesma característica, ficando fortemente ofendido se tal não acontecesse. A última coisa que Tas desejava era ofender o corredor, disse a si mesmo, pelo que andou sem fazer barulho. A possibilidade de ver Raistlin sem que o mago se apercebesse e de dar uma mirada a uma experiência mágica qualquer seguramente nunca passou pela mente do *kender*.

Aproximando-se da porta, ouviu Raistlin falar e, pelo tom de voz, parecia que tinha um visitante.

«Raios», foi o primeiro pensamento de Tas. «Agora tenho de esperar que esta pessoa saia para falar com ele. E eu também estou a desempenhar uma importante missão. Que falta de consideração. Será que vão demorar muito tempo?»

Levando o ouvido ao buraco da fechadura, para ver se poderia calcular quanto tempo a pessoa ainda tencionava ficar, Tas ficou surpreendido por escutar a voz de uma mulher responder ao mago.

«Esta voz parece-me familiar», disse o *kender* para si, aproximando-se mais para ouvir. «É claro! Crysania! O que estará ela a fazer aqui?»

— Você tem razão, Raistlin — Tas ouviu-a dizer, com um suspiro —, aqui é muito mais tranquilo do que aqueles pomposos corredores. Quando vim aqui pela primeira vez, estava assustada. Estás a sorrir! Mas é verdade. Admito-o. Este corredor parecia tão sombrio, desolado e frio. Mas agora, os corredores do templo estão cheios de um calor opressor e sufocante. Até as decorações de Natal me deprimem. Detecto tanto desperdício, dinheiro esbanjado que poderia auxiliar os necessitados.

Parou de falar e Tas ouviu o roçar de roupa. Dado que ninguém estava a falar, o *kender* deixou de ouvir e espreitou pelo buraco da fechadura. Podia avistar o interior do quarto com bastante clareza. As pesadas cortinas estavam corridas, mas o quarto

encontrava-se iluminado por uma luz suave de velas. Crysania estava sentada numa cadeira, de frente para ele. O roçar que ele ouvira fora, aparentemente, de ela se ter agitado, de impaciência ou frustração. Pousava a cabeça sobre a mão, e a expressão do seu rosto era de confusão e perplexidade.

Mas não foi isso que fez os olhos do *kender* esbugalharem-se. Crysania tinha mudado! As vestes brancas simples e não adornadas tinham sido substituídas, bem como o penteado austero. Encontrava-se vestida como as outras eclesiásticas com vestes brancas, mas estas estavam decoradas com finos bordados. Os braços estavam nus, embora adornados por um aro dourado, o que realçava a brancura pura da sua pele. O cabelo caía-lhe de uma parte central, cobrindo-lhe o ombro com uma suavidade de pena. As suas faces tinham um tom rosado, e os olhos calorosos fitavam a figura de vestes negras sentada na sua frente, de costas para Tas.

— Humpf— disse o *kender* com interesse. — Tika tinha razão.

— Não sei por que vim aqui — ouviu Crysania dizer depois de uma pausa.

«Eu sei», pensou o *kender* alegremente, movendo rapidamente a orelha de novo para o buraco da fechadura, por forma a ouvir melhor.

A voz dela continuou.

— Sinto-me invadir por tanta esperança quando o venho visitar, mas saio sempre deprimida e infeliz. Tenciono mostrar-lhe os caminhos da retidão e da verdade, provar-lhe que, unicamente seguindo estes caminhos poderá trazer paz para o nosso mundo. Mas você sempre dá volta às minhas palavras.

— As questões são formuladas por si mesmas — ouviu Raistlin dizer, e ouviu-se um novo roçar de roupa, como se o mago se tivesse aproximado da mulher. — Limite-me a abrir-lhe o coração para que as possa escutar. Seguramente que Elistan se insurge contra a fé cega...

Tas detectou um tom de sarcasmo na voz do mago, mas, aparentemente, Crysania não o percebeu, pois respondeu rápida e sinceramente.

— Claro que sim. Encoraja-nos a questionar e conta-nos muitas vezes o exemplo de Goldmoon; como as suas interrogações conduziram ao regresso dos verdadeiros deuses. Mas as interrogações devem conduzir a pessoa a um melhor entendimento, e as suas perguntas só me fazem ficar confusa e miserável!

— Como conheço bem essa sensação — murmurou Raistlin tão baixo que Tas mal o conseguiu ouvir. O *kender* escutou Crysania mover-se na cadeira e arriscou-se a lançar uma espreitadela rápida. O mago encontrava-se junto dela, com uma mão no seu braço. Quando ele proferiu aquelas palavras, Crysania aproximou-se mais, colocando impulsivamente a mão sobre ele. Quando ela voltou a falar, havia tanta esperança, amor e alegria na sua voz que Tas sentiu um certo calor envolvê-lo.

— Está a ser sincero? — perguntou Crysania ao mago. — As minhas pobres palavras tocam-lhe nalguma parte? Não, não desvie o olhar! Posso ver pela sua expressão que pensou e ponderou nelas. Somos tão parecidos! Soube-o logo na primeira vez que o conheci. Ah, sorri de novo, troça de mim. Ria à vontade. *Eu* sei a verdade. Disse-me o mesmo, na torre. Disse-me que era tão ambiciosa quanto você. Pensei nisso, e tinha razão. As nossas ambições têm formas diferentes, mas talvez não sejam tão contrárias como eu antes acreditava. Ambos levamos vidas solitárias, dedicadas aos nossos estudos. Não abrimos os corações a ninguém, nem àqueles que nos são mais chegados. Você rodeia-se de trevas, mas, Raistlin, já vi para além disso. O calor, a luz...

Tas voltou a espreitar pelo buraco da fechadura. «Ele vai beijá-la!», pensou, extremamente excitado. «Isto é maravilhoso! Esperem só até eu contar a Caramon.»

— Vamos, idiota! — instruiu a Raistlin impacientemente, enquanto o mago permanecia sentado, de mãos sobre os braços de Crysania. — Como consegue ele resistir? — murmurou o *kender*, fitando os lábios entreabertos da mulher e os seus olhos brilhantes.

Repentinamente, Raistlin tirou as mãos de Crysania e desviou o olhar, erguendo-se da cadeira.

— É melhor ir-se embora — afirmou, numa voz ríspida. Tas suspirou e afastou-se da porta, desconcertado. Encostando-se à

parede, abanou a cabeça.

Ouviu tossir com força e a voz de Crysania, gentil e cheia de preocupação.

— Não é nada — disse Raistlin ao abrir a porta. — Há vários dias que não me sinto bem. Não consegue adivinhar o motivo? — inquiriu, estacando com a porta meio aberta. Tas comprimiu-se contra a parede para que não pudessem vê-lo, não querendo interromper (ou perder) nada. — Não o sentiu?

— Senti qualquer coisa — murmurou Crysania, mal respirando. — Que quer dizer?

— A ira dos deuses — respondeu Raistlin e tornou-se óbvio para Tas que esta não era a resposta que Crysania esperava. Pareceu desfalecer. Raistlin não reparou e prosseguiu. — A fúria deles é descarregada em mim, como se o sol se aproximasse cada vez mais deste planeta miserável. Talvez seja por isso que se sente deprimida e infeliz.

— Talvez — murmurou Crysania.

— Amanhã é Natal — continuou Raistlin suavemente. — Treze dias depois, o rei-sacerdote fará o seu pedido. Ele e os seus ministros já estão a planejar. Os deuses sabem. Enviaram-lhe um aviso: o desaparecimento dos clérigos. Mas ele não prestou atenção. Todos os dias, a partir do Natal, os sinais de aviso serão intensificados, tornados mais claros. Alguma vez leu as *Crônicas dos Últimos Treze Dias*, de Astinus? Não constituem uma leitura agradável e serão uma experiência ainda menos agradável de se viver.

Crysania olhou para ele, de rosto alegre.

— Nesse caso, regresse conosco antes disso — afirmou, ansiosamente. — Par-Salian entregou a Caramon um dispositivo mágico que nos levará de novo à nossa época. O *kender* disse-me...

— Que dispositivo mágico? — perguntou Raistlin subitamente, e o estranho tom da sua voz fez o *kender* arrepiar-se e Crysania espantar-se. — Qual é o aspecto dele? Como funciona? — Os olhos dele ardiavam febrilmente.

— Eu... eu não sei — respondeu Crysania com dificuldade.

— Oh, eu posso dizer-lhe — ofereceu-se Tas, afastando-se da parede. — Oh, peço desculpa. Não quis assustá-los. Só que não pude deixar de ouvir. Um feliz Natal para ambos, a propósito. — Tas estendeu a pequena mão, que ninguém apertou.

Quer Raistlin quer Cysania olhavam para ele com a mesma expressão que uma pessoa revelaria ao ver uma aranha cair subitamente na sua sopa ao jantar. Sem se desencorajar, Tas continuou, enfiando a mão na algibeira.

— De que estavam a falar? Oh, do dispositivo mágico. Sim, bem — Tas prosseguiu agora mais apressadamente, vendo os olhos de Raistlin estreitarem-se de forma alarmante —, quando não está dobrado, tem a forma de um... um cetro e possui... uma bola numa das extremidades, toda revestida com pedrarias. Tem aproximadamente este tamanho. — O *kender* estendeu as mãos cerca de um braço de comprimento. — Isto quando está estendido. Depois, Par-Salian fez-lhe qualquer coisa...

— Caiu sobre ele próprio — terminou Raistlin — até que vocês o pudessem transportar na algibeira.

— Mas... sim! — afirmou Tas excitado. — É verdade! Como é que sabia?

— Conheço o objeto — replicou Raistlin, e Tas notou de novo um som estranho na voz do mago, um... medo agitado, tenso? Ou satisfação? O *kender* não conseguiu perceber. Cysania também reparou.

— Que se passa? — perguntou ela.

Raistlin não respondeu de imediato, e o seu rosto tornou-se uma máscara indecifrável, impassível, gelada.

— Tenho certas hesitações — disse-lhe. — Preciso de estudar o assunto. — Lançando um olhar ao *kender*, perguntou: — O que queres? Ou estás apenas a escutar pelos buracos das fechaduras?

— Certamente que não! — replicou Tas, sentindo-se insultado. — Vim para falar consigo, isto é, se já tiver terminado com Lady Cysania — emendou apressadamente, fitando Cysania.

Ela fitou-o com uma expressão pouco amigável, segundo o *kender* considerou, e virou-se para Raistlin.

— Vê-lo-ei amanhã? — perguntou.

— Creio que não — respondeu ele. — Eu não assistirei, como é óbvio, à festa de Natal.

— Oh, mas eu também não quero ir... — começou Crysania.

— Estarão à sua espera — afirmou Raistlin abruptamente. — Além disso, tenho vindo a negligenciar os meus estudos em favor da sua companhia.

— Compreendo — disse Crysania. A sua própria voz era fria e distante e, Tas podia afirmá-lo, doída e desapontada.

— Adeus, meus senhores — disse ela após alguns instantes, quando se tornou evidente que Raistlin não ia acrescentar mais nada. Fazendo uma leve vênia, voltou-se e seguiu pelo corredor, as vestes brancas parecendo levar consigo a luz, à medida que se afastava.

— Direi a Caramon que lhe manda cumprimentos — disse Tas para ela, mas Crysania não se virou. O *kender* voltou-se para Raistlin com um suspiro. — Receio que Caramon não a tivesse impressionado grande coisa. Mas, também, ele estava completamente transtornado por causa da bebida...

Raistlin tossiu.

— Vieste aqui para discutir o meu irmão? — interrompeu friamente. — Se foi para isso, podes ir-te embora...

— Oh, não! — apressou-se a dizer Tas. Depois, sorriu para o mago. — Vim para impedir o Cataclismo!

Pela primeira vez na vida, o *kender* teve a satisfação de ver as suas palavras abismarem Raistlin por completo. Contudo, não foi uma satisfação que pudesse gozar por muito tempo. O rosto do mago ficou lívido e inflexível, os seus olhos semelhantes a um espelho pareceram estilhaçar-se, permitindo que Tas visse no seu interior, naquelas profundezas obscuras e ardentes que o mago mantinha ocultas. Mãos tão fortes quanto as garras de uma ave de rapina afundaram-se nos ombros do *kender*, magoando-o. No espaço de alguns segundos, Tas viu-se atirado para o interior do quarto de Raistlin. A porta fechou-se violentamente.

— Onde foste buscar essa idéia? — inquiriu Raistlin.

Tas recuou, espantado, e olhou em redor do quarto pouco à vontade, os seus instintos de *kender* dizendo-lhe que seria melhor

encontrar um local para se ocultar.

— Uh... foi você — disse Tas, com dificuldade. — Bem, não propriamente. Mas referiu qualquer coisa sobre a minha vinda para esta época e a ser capaz de alterar o tempo. Assim, pensei, que... que impedir o Cataclismo seria uma boa ação...

— E como tencionavas fazê-lo? — perguntou Raistlin, e os seus olhos ardiam com um fogo quente que fez Tas transpirar só de olhar para ele.

— Bom, primeiro tencionava discutir isso consigo, é claro — disse o *kender*, esperando que Raistlin ainda fosse sensível à adulação —, e depois pensei, se o senhor dissesse que poderia avançar, ir falar com o rei-sacerdote e dizer-lhe que estava a cometer um grande erro, um dos maiores erros de todos os tempos, se compreende o que quero dizer. E, tenho a certeza de que, uma vez que eu lhe explicasse isso, ele me escutaria...

— Tenho certeza — replicou Raistlin, e a sua voz era fria e controlada. Mas Tas pensou ter detectado, o que era estranho, um tom de grande alívio. — Então... — o mago virou-se — tencionas falar com o rei-sacerdote. E se ele se recusar a ouvir? O que farias depois?

Tas fez uma pausa, de boca aberta.

— Parece-me que não considerarei essa hipótese — afirmou o *kender*, após alguns instantes. Suspirou e depois encolheu os ombros. — Voltamos para casa.

— Existe um outro processo — disse Raistlin suavemente, sentando-se na sua cadeira e mirando o *kender* com os seus olhos semelhantes a um espelho. — Um processo mais seguro! Um processo através do qual podes impedir o Cataclismo sem falhar.

— Existe? — disse Tas ansiosamente. — Qual é?

— O dispositivo mágico — respondeu Raistlin, abrindo as mãos magras. — O seu poder é enorme, muito maior do que Par-Salian contou ao idiota do meu irmão. Ativado na Dia do Cataclismo, a sua magia destruirá a montanha ardente bem acima do mundo, de tal forma que não molestará ninguém.

— Verdade? — Tas quase ficou sem fôlego. — Isso é ótimo. — Depois, franziu o cenho. — Mas, como posso ter a certeza? Suponha

que não dê certo...

— Que tens a perder? — perguntou Raistlin. — Se, por alguma razão falhar, coisa de que verdadeiramente duvido. — O mago sorriu perante a ingenuidade do *kender*. — Afinal, foi criado por utilizadores de magia do mais alto nível...

— Como os orbes dragão? — interrompeu Tas.

— Como os orbes dragão — afirmou Raistlin, rispidamente, irritado pela interrupção. — Mas, se falhar, poderás sempre servir-te dele para escapar no último instante.

— Com Caramon e Crysania — acrescentou Tas. Raistlin não respondeu, mas *o kender* nem reparou, no seu entusiasmo. Então, ocorreu-lhe uma possibilidade.

— E se Caramon decidir partir antes? — perguntou, com receio.

— Não decidirá — respondeu Raistlin suavemente. — Confia em mim — acrescentou, vendo Tas prestes a contestar.

O kender ponderou de novo e depois suspirou.

— Acabei de pensar numa coisa. Não creio que Caramon me entregue o dispositivo. Par-Salian disse-lhe que o guardasse com a vida. Nunca o perde de vista e tranca-o à chave quando tem de sair. E tenho certeza de que ele nunca acreditaria em mim se lhe tentasse explicar a razão porque preciso dele.

— Não lhe contes. O dia do Cataclismo é o dia em que ocorrerá a Contenda Final — afirmou Raistlin, encolhendo os ombros. — Se desaparecer por um curto período de tempo, nunca chegará a dar por falta dele.

— Mas, isso seria roubar! — disse Tas, chocado. Os lábios de Raistlin retorceram-se.

— Digamos que será... tomar emprestado — emendou o mago, suavemente. — Será para uma causa tão valiosa! Caramon não ficará aborrecido. Conheço o meu irmão. Pensa como ele ficará orgulhoso de ti!

— Tem razão — disse Tas, com os olhos a brilhar. — Eu seria um verdadeiro herói, ainda mais importante do que o próprio Kronin Thistleknot! Como vou descobrir como ele funciona?

— Eu lhe darei instruções — disse Raistlin, erguendo-se. Recomeçou a tossir. — Volta... dentro de três dias. E agora... tenho de descansar.

— Claro — disse Tas alegremente, erguendo-se. — Espero que se sinta melhor. — Dirigiu-se para a porta. Contudo, ao chegar junto dela, hesitou. — Oh, não tenho nenhum presente para si. Lamento...

— Já me deste um presente — replicou Raistlin —, um presente de valor inestimável. Obrigado.

— Já dei? — disse Tas, abismado. — Oh, deve estar a referir-se ao fato de impedir o Cataclismo. Bom, não me agradeça. Eu...

Tas encontrou-se subitamente no meio do jardim, fitando as roseiras e um clérigo extremamente surpreendido que vira o *kender* materializar-se aparentemente do nada, bem no meio do caminho.

— Pelas barbas de Reorx! Quem me dera saber fazer isto — disse Tasslehoff pensativamente.



CAPÍTULO 13

No dia de Natal surgiu a primeira do que seria mais tarde conhecida como as Treze Calamidades (Astinus registra-as nas *Crônicas* como os Treze Avisos).

O dia amanheceu quente e sem qualquer aragem. Era o dia de Natal mais quente de que alguém, mesmo os duendes, se recordava. No templo, as rosas de Natal secaram e murcharam, o que restava das verduras lançava um cheiro como se estas tivessem sido cozidas no forno, o gelo que refrescava o vinho em tigelas de prata derreteu tão rapidamente que os servos não fizeram outra coisa durante o dia a não ser correr para trás e para a frente das profundezas das caves talhadas na rocha para as salas onde decorriam as festas, transportando baldes de gelo parcialmente derretido.

Raistlin despertou nessa manhã, na hora que antecedeu o amanhecer, tão doente que não conseguiu levantar-se da cama. Ficou deitado nu, banhado em transpiração, devido às alucinações febris que o tinham obrigado a despir a roupa e a libertar-se das

cobertas da cama. Os deuses estavam efetivamente próximos, mas era a proximidade de um deus em particular, a sua deusa, a Rainha das Trevas, que o afetava. Podia sentir a ira dela, tal como podia pressentir a ira de todos os deuses devido à tentativa do rei-sacerdote de destruir o equilíbrio que eles procuravam alcançar no mundo.

Desta forma sonhara com a sua Rainha, mas ela optara por não lhe aparecer na sua ira, como seria de esperar. Não sonhara com o terrível dragão de cinco cabeças, o Dragão de Todas as Cores e de Nenhuma que tentaria escravizar o mundo nas Guerras de Lance. Não a vira como a Guerreira das Trevas, conduzindo as suas legiões para a morte e destruição. Não, ela aparecera-lhe como a Tentação das Trevas, a mais linda de todas as mulheres, a mais sedutora e, desta forma, passara a noite com ele, atormentando-o com a fraqueza, a glória da carne.

Cerrando os olhos, estremecendo no quarto que se encontrava quente apesar do frio lá fora, Raistlin visionou mais uma vez o perfumado cabelo negro pendendo sobre ele; sentiu o toque dela, o seu calor. Erguendo as mãos, deixando-se afundar no seu feitiço, tinha afastado o cabelo e avistado o rosto de Crysania!

O sonho terminou, despedaçado quando a sua mente assumiu de novo o controle. Permanecia agora deitado e desperto, radiante com a sua vitória, sabendo, no entanto, o preço que esta custara. Como que para o recordar, foi assaltado por um violento ataque de tosse.

— Não cederei — murmurou quando conseguiu respirar. — Não me vencerá assim tão facilmente, minha Rainha. — Erguendo-se da cama, tão fraco que teve de parar mais de uma vez para descansar, colocou as vestes negras e dirigiu-se à secretária. Amaldiçoando a dor no peito, abriu um texto antigo sobre acessórios mágicos e iniciou a sua laboriosa pesquisa.

Também Crysania passara uma má noite. Tal como Raistlin, sentiu a proximidade de todos os deuses mas, sobretudo, do seu deus, Paladine. Sentiu a sua ira, mas esta misturava-se com uma pena tão profunda e devastadora que Crysania não conseguiu suportá-la. Subjugada pelo sentimento de culpa, virou as costas ao

rosto gentil e começou a correr. Correu e correu, chorando, incapaz de ver por onde ia. Tropeçou e viu-se cair no nada, a alma atormentada de medo. Então, foi apanhada por braços fortes. Foi rodeada por vestes negras suaves e sentiu a proximidade de um corpo musculoso. Dedos magros afagavam-lhe o cabelo, acalmando-a. Olhou um rosto...

Sinos. Sinos quebraram o silêncio. Surpreendida, Crysania sentou-se na cama, olhando freneticamente à sua volta. Depois, recordando-se do rosto que vira, e recordando o calor do corpo dele e o conforto que nele encontrara, levou as mãos à cabeça dolorida e chorou.

Enquanto caminhava, Tasslehoff sentiu-se no início desapontado. Hoje era Natal, lembrou-se, e igualmente o dia no qual Raistlin dissera começariam a acontecer coisas terríveis. Olhando em redor na luz cinzenta que penetrava através da janela deles, a única coisa terrível que Tas avistou foi Caramon, sobre o chão, fazendo os seus exercícios matinais.

Embora os dias de Caramon fossem preenchidos com o treino das armas com os membros da sua equipe, desenvolvendo novas partes da sua rotina, o grande homem continuava a debater-se seriamente com o seu peso. Tinham-lhe retirado a dieta e permitido que comesse os mesmos alimentos que os outros. Mas o anão de olhos afiados não tardou a reparar que Caramon estava a comer cinco vezes mais do que qualquer outra pessoa!

Em tempos passados, o grande homem comeria por prazer. Agora, nervoso e infeliz, obcecado com a preocupação pelo irmão, Caramon procurava consolo na comida tal como qualquer outro procurava consolo na bebida. (Na verdade, Caramon tentara fazê-lo uma vez, ordenando a Tas que lhe arranjasse uma garrafa de bebida. Mas, já desabituaado do álcool forte, a sua ingestão fê-lo ficar muito doente, para grande alívio secreto do *kender*).

Desta forma, Arack decretara que Caramon só poderia comer se executasse uma série de exercícios puxados todos os dias. Caramon perguntava-se freqüentemente como poderia o anão saber se ele falhasse um dia, dado que os fazia de manhã bem cedo, antes

de qualquer um acordar. Mas, de alguma forma, Arack *sabia*. Na única manhã em que Caramon escapara dos exercícios, fora-lhe negado o acesso à mesa por um Raag sorridente e de bastão em punho.

Aborrecido por ouvir as lamentações e blasfêmias de Caramon, Tas subiu para uma cadeira, espreitando pela janela para ver se alguma coisa terrível estava a acontecer no exterior. Sentiu-se imediatamente animado.

— Caramon! Venha ver! — chamou, excitado. — Alguma vez viste o céu com esta cor?

— Noventa e nove, cem — bufou o grande homem. Depois, Tas escutou um enorme «ooof». Com um baque que fez estremecer o quarto, Caramon deixou-se cair no chão sobre a barriga dura como uma rocha, para descansar. Em seguida, o grande homem ergueu-se do chão de pedra e veio espreitar pela janela com grades, secando a transpiração do corpo com uma toalha.

Lançando um olhar aborrecido para fora, não esperando outra coisa que não fosse um nascer do sol comum, o grande homem pestanejou, e os seus olhos ficaram esbugalhados.

— Não — murmurou, pondo a toalha em redor do pescoço e colocando-se por detrás de Tas. — Nunca vi. E já vi coisas estranhas na minha vida.

— Oh, Caramon! — gritou Tas. — Raistlin estava certo. Ele disse...

— Raistlin!

Tas engoliu em seco. Não tinha tenções de levantar esse assunto.

— Onde viste Raistlin? — inquiriu Caramon, a voz profunda e severa.

— No templo, é claro — respondeu Tas, como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Não mencionei que tinha ido lá ontem?

— Sim, mas tu...

— Bom, por que outro motivo teria ido lá, se não fosse para ver os nossos amigos?

— Tu nunca...

— Vi Lady Cysania e Raistlin, tenho certeza que te contei. Nunca ouves aquilo que te digo, sabes — lamentou-se Tas, ferido —, ficas sentado naquela cama, todas as noites, falando contigo mesmo. Eu poderia dizer «Caramon, o teto está a desabar» que tu responderias, «ainda bem, Tas».

— Escuta, *kender*, eu sei que se tivesses mencionado...

— Lady Cysania, Raistlin e eu tivemos uma conversa muito agradável — apressou-se Tas a continuar —, sobre o Natal. A propósito, Caramon, devias ver como decoraram tão bem o templo! Está cheio de rosas e de verdura e, já agora, lembrei-me de te dar aquele doce? Espera, está ali na minha bolsa. Espera um minuto — o *kender* tentou saltar da cadeira, mas Caramon não o permitiu —, bem, acho que pode esperar. Onde eu estava? Ah, sim — vendo Caramon franzir o cenho — Raistlin, Lady Cysania e eu estivemos a falar e, oh, Caramon! É tão excitante. Tika tinha razão, está apaixonada pelo teu irmão.

Caramon pestanejou, tendo perdido por completo o fio da conversa, o que Tas, sendo tão descuidado com a utilização dos pronomes, não ajudou.

— Não, não quis dizer que Tika está apaixonada pelo teu irmão — emendou Tas, apercebendo-se da confusão de Caramon. — O que quis dizer é que Lady Cysania está apaixonada pelo teu irmão! Foi muito divertido. Eu estava como que encostado à porta fechada de Raistlin, repousando, esperando que eles terminassem a conversa, e aconteceu espreitar pelo buraco da fechadura e ele quase a beijou, Caramon! O teu irmão! Podes imaginar? Mas não o fez. — O *kender* suspirou. — Quase gritou para que ela saísse. Ela foi-se embora, mas contra vontade, bem pude ver. Estava toda arranjada e muito bonita.

Vendo o rosto de Caramon assumir uma expressão de profunda preocupação, Tas começou a respirar com um pouco mais de facilidade.

— Acabamos por falar do Cataclismo e Raistlin mencionou que coisas terríveis começariam a acontecer hoje, Natal, pois os deuses iriam alertar as pessoas para a necessidade de mudarem.

— Apaixonada por ele? — murmurou Caramon. Franzindo o cenho, voltou-se, permitindo que Tas descesse da cadeira.

— Certo. Sem qualquer dúvida — afirmou o *kender* com loquacidade, dirigindo-se apressadamente à sua bolsa e rebuscando no interior os pedaços de guloseimas que trouxera. Estavam meio derretidos, aglomerados numa massa, e tinham adquirido um revestimento exterior de diversos bocados da bolsa do *kender*, mas Tas tinha a certeza absoluta de que Caramon nunca iria reparar. E estava certo. O grande homem aceitou a oferta e começou a comer sem sequer olhar.

— Raistlin precisa de um clérigo, segundo eles dizem — murmurou Caramon, de boca cheia. — Estariam certos, afinal de contas? Será que ele vai levar o seu plano avante? Será que devo deixá-lo? Será que devo impedi-lo? Terei o direito de impedi-lo? Se ela decidir ir com ele, não será opção sua? Talvez isso fosse o melhor para ele — disse Caramon suavemente, lambendo os dedos pegajosos. — Talvez, se ela o amar o suficiente...

Tasslehoff suspirou de alívio e deitou-se na cama, aguardando a chamada para o café da manhã. Caramon não pensara em perguntar *por que razão* ele fora visitar Raistlin. E Tas tinha a certeza de que, agora, já não se lembraria de fazê-lo. O seu segredo estava em segurança...

O céu estava transparente nesse dia de Natal, tão transparente que parecia que uma pessoa podia olhar através da vasta cúpula que cobria o mundo e avistar reinos para lá dela. Mas, embora todos olhassem para cima, poucos se incomodavam em fixar a vista o suficiente para ver fosse o que fosse. Pois o céu apresentava, efetivamente, uma «tonalidade peculiar», tal como Tas afirmara: estava verde.

Um verde estranho, desagradável e feio que, combinado com o calor sufocante e o ar pesado e difícil de respirar, absorvia efetivamente a alegria e divertimento do Natal. Os que eram forçados a sair para a rua para assistir as festas, caminhavam apressadamente através das ruas abafadas, falando com irritação do estranho tempo, considerando-o como um insulto pessoal. Mas

conversavam em vozes baixas, cada um sentindo um pouco de medo atormentando o seu espírito natalício.

A festa no templo foi, de certa forma, mais animada, efetuada nos aposentos do rei-sacerdote, fechados ao mundo exterior. Ninguém podia avistar o estranho céu, e todos aqueles que vinham à presença do rei-sacerdote sentiam a irritação e o medo desvanecerem-se. Longe de Raistlin, Crysania estava de novo sob o feitiço do rei-sacerdote e sentou-se junto dele bastante tempo. Não falou, limitou-se a deixar que a sua presença radiante a confortasse e banisse os seus pensamentos negros e soturnos. Mas, também ela, vira o céu verde. Recordando-se das palavras de Raistlin, tentou lembrar-se do que ouvira dizer sobre os Treze Dias.

Mas, tudo o que lhe veio à mente foram as histórias para crianças, que se misturaram com os sonhos que tivera na noite anterior. «Seguramente», pensou, «o rei-sacerdote há de reparar! Há de prestar atenção aos avisos...» Desejou que o tempo mudasse ou, se tal não fosse possível, desejou que o rei-sacerdote estivesse inocente. Sentada ao alcance da sua luz, baniu da mente a imagem do mortal assustado de olhos azul-pálidos. Avistava agora um homem forte, denunciando os seus ministros que o tinham enganado, uma vítima inocente da traição deles...

A multidão reunida na arena nesse dia era escassa, pois a maioria não queria sentar-se sob o céu verde, cuja cor se foi intensificando de forma cada vez mais assustadora à medida que o dia passava.

Os próprios gladiadores não se sentiam à vontade, estavam nervosos e efetuavam as suas atuações de forma pouco convincente. Os espectadores presentes estavam mal-humorados, recusando-se a incentivar, assobiando mesmo para os seus favoritos.

— Costumam ter este tipo de céu por aqui? — perguntou Kiiri, olhando para cima com um estremecimento, quando ela, Caramon e Pheragas se encontravam nos corredores, aguardando a sua vez na arena.—Se assim é, agora sei por que o meu povo decidiu viver por baixo do mar!

— O meu pai viajou pelo mar — replicou Pheragas —, tal como aconteceu com o meu avô antes dele, e como eu, antes de tentar

enfiar um pouco de juízo na cabeça do primeiro imediato com um gancho, e de ter sido enviado para aqui como punição. E nunca vi um céu com esta cor. Nem nunca ouvi falar. Sinto que é um mau presságio.

— Não tenhas dúvida — disse Caramon pouco à vontade. O grande homem começou a compenetrar-se de que faltavam apenas treze dias para o Cataclismo! Treze dias... e estes dois amigos, que se tornaram tão queridos para ele quanto Sturm e Tanis, estes dois amigos pereceriam! Os outros habitantes de Istar pouco representavam para ele. Por aquilo que vira, eram uma cambada de egoístas, vivendo sobretudo para o prazer e para o dinheiro (embora não conseguisse olhar para as crianças sem uma forte pena), mas estes dois...Tinha que os avisar, de alguma forma. Se deixassem a cidade, poderiam escapar.

Perdido nos seus pensamentos, prestava pouca atenção ao combate na arena. Era travado entre o Minotauro Vermelho, assim chamado porque o pêlo que cobria a sua face de besta era de um vermelho-acastanhado, e um jovem lutador, um homem novo, que chegara há apenas algumas semanas. Caramon tinha observado o treino do jovem homem com um certo divertimento.

Mas depois sentiu Pheragas, que se encontrava ao seu lado, ficar tenso. O olhar de Caramon fixou-se imediatamente na arena.

— Que é?

— Aquele tridente — afirmou Pheragas —, alguma vez viste algum igual na sala de armas?

Caramon olhou atentamente para a arma do Minotauro Vermelho, pestanejando devido ao sol intenso que reluzia no céu verde. Lentamente, abanou a cabeça, sentindo a ira crescer dentro de si. O homem jovem estava em completa desvantagem em relação ao minotauro, que já lutava há meses na arena e que, na verdade, se iria confrontar com a equipe de Caramon para o campeonato. A única razão por que o jovem homem tinha durado tanto tempo devia-se ao fato de o minotauro querer fazer sobressair as suas qualidades de ator, apresentando uma falsa violência em combate, a qual arrancou algumas gargalhadas da assistência.

— Um tridente verdadeiro. Arack tenciona pôr fim ao jovem homem, não há dúvida — murmurou Caramon. — Olha, eu tinha razão — disse, apontando para três arranhões em sangue que surgiram subitamente no peito do homem jovem.

Pheragas nada disse, olhando unicamente para Kiiri, que estremeceu.

— Que se passa? — gritou Caramon por cima do rui do da multidão. O Minotauro Vermelho acabara de ganhar, depois de ter lançado o seu opositor ao chão e comprimido o tridente em redor do seu pescoço.

O homem jovem levantou-se, simulando vergonha, ira e humilhação, tal como fora ensinado. Chegou mesmo a abanar o punho fechado para o seu oponente antes de sair da arena. Mas, em vez de sorrir ao passar por Caramon e pela sua equipe, gozando de uma brincadeira partilhada com a assistência, o jovem parecia estranhamente preocupado e nunca olhou para eles. Tinha o rosto pálido, tal como Caramon pôde constatar, e a testa banhada de transpiração. O seu rosto estava contorcido de dor, e as mãos cobriam as feridas em sangue.

— O homem de Lorde Onygion — disse Pheragas calmamente, pousando uma mão sobre o braço de Caramon. — Considera-te com sorte, meu amigo. Não precisas de te preocupar mais.

— Quê? — Caramon olhou para os dois, confuso. Foi então que ouviu um grito terrível e uma pancada surda vinda do túnel subterrâneo. Dando meia volta, Caramon viu o jovem cair no chão, agarrando-se ao peito e gritando de dor.

— Não! — comandou Kiiri, segurando Caramon. — Somos a seguir. Olha, o Minotauro Vermelho já está a sair.

O minotauro passou por eles, ignorando-os como aquela raça ignora tudo o que considera abaixo dela. O Minotauro Vermelho passou igualmente pelo jovem moribundo sem lhe lançar um olhar. Arack apareceu no túnel seguido por Raag. Com um gesto, o anão ordenou ao ogre que removesse o corpo agora sem vida.

Caramon hesitou, mas Kiiri enfiou-lhe as unhas no braço, arrastando-o para fora, para o sol medonho.

— As contas em relação ao *Bárbaro* estão quites — afirmou pelo canto da boca.—Aparentemente, o teu dono não teve nada a ver com o assunto. O culpado foi Lorde Onygion e, agora, ele e Quarath ajustaram contas.

A multidão começou a soltar vivas e as restantes palavras de Kiiri perderam-se. Os espectadores começaram a esquecer a sua opressão ao avistarem o seu trio favorito. Mas Caramon não os escutava. Raistlin contara-lhe a verdade! Não tivera nada a ver com a morte do *Bárbaro*. Tratara-se de uma coincidência ou, talvez, de uma idéia perversa do anão. Caramon sentiu uma sensação de alívio percorrê-lo.

Podia ir para casa! Por fim tinha-o compreendido. Raistlin tentara dizer-lhe isso. Os seus caminhos eram diferentes, mas o irmão tinha o direito de seguir por aquele que bem entendesse. Caramon estava errado, os utilizadores de magia estavam errados. Lady Cysania estava errada. Voltaria para a sua época e explicaria. Raistlin não estava a fazer mal a ninguém, não constituía uma ameaça. Queria simplesmente prosseguir os seus estudos em paz.

Caminhando para a arena, Caramon retribuiu com júbilo a saudação da assistência.

O grande homem chegou até a apreciar o combate desse dia. A contenda não passou de um a farsa, obviamente, para que a sua equipe ganhasse, preparando assim a última batalha entre eles e o Minotauro Vermelho no dia do Cataclismo. Mas Caramon não precisava de se preocupar com isso. Nessa altura já teria partido há muito, para junto de Tika. Primeiro avisaria os seus dois amigos, é claro, pedindo-lhes que abandonassem esta cidade condenada. Depois, pediria desculpas ao irmão, dir-lhe-ia que compreendia, levaria Cysania e Tasslehoff de volta ao seu tempo, e recomeçaria a sua vida de novo. Partiria amanhã, ou talvez no dia a seguir.

Mas foi nesse momento, quando Caramon e a sua equipe apresentavam as suas vênias depois de um combate bem representado, que o ciclone se abateu sobre o Templo de Istar.

O céu verde tinha escurecido, e adquirira uma cor de água negra e estagnada quando surgiram as nuvens em turbilhão, esgueirando-se do vasto vazio para envolver as suas espirais

sinuosas em redor de uma das sete torres do templo e arrancá-la das suas fundações. Elevando-a no ar, o ciclone quebrou o mármore em fragmentos pequenos como granizo, arremessando-os sobre a cidade numa chuva atormentadora.

Ninguém ficou seriamente ferido, embora alguns sofressem pequenos cortes provocados pelos afiados pedaços de rocha. A parte do templo que fora destruída era utilizada para o estudo e para o trabalho da igreja. Encontrava-se, felizmente, vazia, devido às festas natalícias. Mas os habitantes do templo e a própria cidade foram invadidos pelo pânico.

Receando que os ciclones começassem a surgir por todo o lado, as pessoas fugiram da arena e encheram as ruas, num esforço aterrorizado para alcançarem as suas casas. No interior do templo, a voz musical do rei-sacerdote ficou em silêncio, e a luz diminuiu de intensidade. Depois de avaliarem os estragos, ele e os seus ministros, Os Veneráveis Filhos e Filhas de Paladine, desceram para um santuário interior afim de discutirem a questão. Todos os outros corriam de um lado para o outro, tentando colocar as coisas no seu devido lugar, pois o vento voltara mobílias, derrubara pinturas da parede e lançara nuvens de poeira por cima de tudo.

«Isto é o início», pensou Crysania com receio, tentando que as suas mãos deixassem de tremer ao apanhar fragmentos de uma boa louça de porcelana, na sala de jantar. «Isto é apenas o início...»

E o que se diga era ainda pior.



CAPÍTULO 14

— São as forças do mal, atuando para me derrotarem — gritou o rei-sacerdote, a sua voz musical enviando um grito de coragem para as almas daqueles que o escutavam. — Mas eu não cederei! Nem vocês o podem fazer. Temos de ser fortes na presença desta ameaça...

— Não — murmurou Crysania para si mesma, em desespero. — Não, a sua leitura está completamente errada! Não compreende! Como pode ser tão cego!

Encontrava-se sentada a assistir às orações matinais, doze dias depois do primeiro dos Treze Avisos ter sido dado, sem que lhe tivesse sido dada a mínima das atenções. Desde então, tinham chegado relatórios de todas as partes do continente, relatando os outros estranhos acontecimentos, um novo cada dia.

— O rei Lorac informa que, em Silvanesti, as árvores choraram sangue durante um dia inteiro — comunicava o rei-sacerdote, a voz dorida com o pavor e horror dos acontecimentos que relatava. — A

cidade de Palanthas encontra-se coberta por um denso nevoeiro branco, tão espesso que as pessoas se perdem quando saem à rua.

— Em Solamnia, os fogos não ardem. Os fornos encontram-se frios e estéreis. As fundições foram encerradas, e o carvão bem podia ser gelo, pois não fornece nenhum calor. Contudo, nas planícies de Abanasinia, a vegetação está em chamas. As labaredas estão incontroláveis, enchendo os céus de fumo negro e arrastando os homens da planície para longe dos seus locais de habitação.

— Ainda esta manhã, os grifos trouxeram notícias de que a cidade duende de Qualinost está a ser invadida pelos animais da floresta, os quais se tornaram subitamente estranhos e selvagens...

Crysanía já não conseguia agüentar. Embora as mulheres olhassem para ela chocadas quando se levantou, ignorou os seus olhares e deixou os serviços, escapando para os corredores do templo.

Um relâmpago cegou-a e o terrível estalar do trovão que se seguiu de imediato fê-la cobrir o rosto com as mãos.

— Isto tem de terminar, de outra forma ficarei louca — murmurou em desalento, agachando-se num canto.

Durante doze dias, desde que ocorrera o ciclone, uma violenta tempestade fustigava Istar, inundando a cidade com chuva e granizo. Os relâmpagos e trovões eram quase contínuos, abalando o templo, destruindo o sono e bombardeando a mente. Tensa, entorpecida de fadiga, esgotamento e terror, Crysanía afundou-se numa cadeira, de mãos na cabeça.

Um toque suave no seu braço fê-la dar um salto, alarmada. Enfrentou um jovem alto e bonito, envolto numa capa molhada. Podia ver os contornos de ombros fortes e musculados.

— Peço desculpa, Venerável Filha, não queria assustá-la — disse ele numa voz profunda que lhe era tão vagamente familiar quanto o seu rosto.

— Caramon! — afirmou Crysanía com alívio, agarrando-se a ele como algo de real e sólido. Houve outro relâmpago e nova explosão. Crysanía fechou os olhos, comprimindo os dentes, sentindo mesmo o corpo forte e musculado de Caramon ficar nervosamente tenso. Este tentou acalmá-la.

— T... tive de ir às orações matinais — disse Crysania quando pode ser ouvida. — Deve estar horrível lá fora. Está molhado até aos ossos!

— Há dias que estou a tentar vê-la... — começou Caramon. — Eu... eu sei — disse Crysania com dificuldade. — Lamento. É que t... tenho estado ocupada...

— Lady Crysania — interrompeu Caramon, tentando manter a voz firme. — Não estamos a falar sobre um convite para uma festa de Natal. Amanhã esta cidade deixará de existir! Eu...

— Xiu! — ordenou Crysania. Nervosa, olhou em redor. — Não podemos conversar aqui! — O brilho de um relâmpago e um forte trovão fizeram-na estremecer, mas recuperou o controlo quase de imediato. — Venha comigo.

Caramon hesitou e, franzindo o cenho, seguiu-a pelo templo, para uma das diversas salas escuras e interiores. Aqui, pelo menos, os relâmpagos não podiam penetrar e os trovões eram abafados. Fechando cuidadosamente a porta, Crysania sentou-se numa cadeira e fez um gesto para que Caramon fizesse o mesmo.

Caramon permaneceu em pé por alguns instantes, sentando-se depois, pouco à vontade, perfeitamente consciente das circunstâncias do seu último encontro, quando a sua embriaguez quase provocou a morte de todos. Era possível que Crysania também estivesse a pensar nisto. Fitava-o com olhos frios e cinzentos como a alvorada. Caramon corou.

— Fico satisfeita por verificar que a sua saúde melhorou — disse Crysania, tentando não revelar severidade na voz, mas falhando completamente.

Caramon corou ainda mais. Baixou os olhos para o chão.

— Peço desculpa-afirmou Crysania abruptamente. — Por favor, desculpe-me. Eu... eu não durmo há diversas noites, desde que tudo isto começou. — Levou uma mão que tremia à testa. — Não consigo pensar — acrescentou, roucamente. — Este ruído incessante...

— Eu compreendo — disse Caramon, olhando para ela. — E tem todo o direito de me desprezar. Eu desprezo-me a mim mesmo por aquilo que fui. Mas isso pouco importa agora. Temos de partir, Lady Crysania!

— Sim, tem razão. — Crysania respirou fundo. — Temos de sair daqui. Só dispomos de algumas horas para escapar. Tenho perfeita consciência disso, acredite em mim.—Suspirando, baixou os olhos para as mãos. — Fracassei — disse. — Tive sempre a esperança, até este último instante, de que, de alguma forma, as coisas pudessem alterar-se. Mas o rei-sacerdote está cego! Cego!

— Contudo, não é por isso que me tem evitado, pois não? — perguntou Caramon, a voz inexpressiva. — Evitando que eu partisse?

Foi a vez de Crysania corar. Olhou para as mãos, que se contorciam no seu regaço.

— Não — disse em tom tão baixo que Caramon mal ouviu. — Não, eu... eu não queria partir sem... sem...

— Raistlin — terminou Caramon. — Lady Crysania, ele possui a sua própria magia. Foi ela que o trouxe aqui, logo no início. Ele fez a sua opção. Consegui perceber isso. Deveríamos partir...

— O seu irmão tem estado terrivelmente doente — replicou Crysania abruptamente.

Caramon olhou para cima rapidamente, revelando preocupação no rosto.

— Há dias que tenho tentado vê-lo, desde o Natal, mas ele não recebe ninguém, nem mesmo a mim. E, hoje, mandou chamar-me — prosseguiu Crysania, sentindo o rosto arder sob o olhar penetrante de Caramon. — Vou falar com ele, persuadi-lo a vir conosco. Se a sua saúde estiver debilitada, não terá forças para usar a sua magia.

— Sim — murmurou Caramon, pensando na dificuldade envolvida no lançamento de um feitiço tão poderoso e complexo. Levava dias a Par-Salian e este encontrava-se de boa saúde. — O que se passa com Raistlin? — perguntou, subitamente.

— A proximidade dos deuses o afeta — replicou Crysania —, tal como acontece com outros, embora se recusem a admiti-lo. — A sua voz diminuiu de sofrimento, mas comprimiu os lábios por momentos, continuando de seguida. — Temos de estar preparados para atuarmos rapidamente, se ele concordar vir conosco...

— E se ele não concordar? — interrompeu Caramon. Crysania corou.

— Penso... que concordará — disse, confusa, os seus pensamentos regressando à altura, nos aposentos dele, em que, em que Raistlin estivera tão próximo dela, a expressão de ânsia e desejo nos seus olhos, a admiração. — Já... conversei com ele... como estão errados os seus caminhos.

Já lhe mostrei como o mal nunca pode construir ou criar, como pode apenas destruir e voltar-se contra si mesmo. Ele admitiu a validade dos meus argumentos e prometeu-me pensar neles.

— E ele ama-a — disse Caramon suavemente. Crysania não conseguiu enfrentar o olhar do homem. Não conseguiu responder. O coração batia-lhe de tal forma que não conseguiu, por momentos, ouvir por cima do pulsar do seu sangue. Podia sentir os olhos negros de Caramon fitarem-na firmemente, ao mesmo tempo que os trovões explodiam e abanavam o templo. Crysania agarrou nas mãos para evitar que tremessem. Apercebeu-se então que Caramon se levantara.

— Minha senhora — disse, numa voz solene —, se estiver certa, se a sua bondade e o seu amor conseguirem desviá-lo desses caminhos das trevas que ele percorre e que o conduzem, por sua livre escolha, em direção à luz, eu... eu — Caramon não conseguiu continuar e apressou-se a voltar a cabeça.

Escutando tanto amor na voz do grande homem e vendo as lágrimas que ele tentava ocultar, Crysania foi invadida pela dor e pelo remorso. Pensou que talvez o tivesse julgado mal. Erguendo-se, tocou gentilmente no enorme braço do homem, sentindo os grandes músculos ficarem tensos enquanto Caramon se esforçava por se controlar.

— Tem medo de regressar? Não pode ficar...

— Não. — Caramon abanou a cabeça. — Tenho de ir buscar Tas e o dispositivo que Par-Salian me deu. Está escondido. E depois, tenho amigos... Tenho estado a tentar convencê-los a abandonar a cidade. Possivelmente é tarde demais, mas tenho de fazer mais uma tentativa...

— Certamente — disse Crysania. — Compreendo. Regresse assim que possa. Encontre-se comigo... encontre-se comigo nos aposentos de Raistlin.

— Assim farei, minha senhora — replicou ferverosamente. — Agora, tenho de ir, antes de os meus amigos partirem para o treino. — Tomando a mão dela na sua, apertou-a firmemente e depois saiu. Crysania viu-o caminhar pelo corredor, cujos archotes brilhavam na escuridão. Caramon movia-se com rapidez e segurança, não vacilando sequer quando passou por uma janela no fundo do corredor que foi subitamente iluminada por um brilhante relâmpago. Era a esperança que ancorava o seu espírito atormentado, a mesma esperança que Crysania sentiu de súbito inundar-lhe o seu íntimo.

Caramon desapareceu na escuridão e Crysania, levantando as vestes brancas numa mão, virou-se rapidamente e subiu as escadas que conduziam à parte do templo onde se encontrava alojado o mago de vestes negras.

A sua boa disposição e esperança diminuíram um pouco quando penetrou naquele corredor. Aqui parecia concentrar-se toda a fúria da tempestade. Nem mesmo as cortinas pesadas conseguiam impedir a visão dos relâmpagos que cegavam, nem as paredes espessas conseguiam abafar o ribombar dos trovões. Talvez devido a alguma janela mal colocada, pois até o vento parecia ter penetrado pelas paredes do templo. Aqui, nenhum archote arderia; não que fossem necessários, tão constantes eram os relâmpagos.

O cabelo negro de Crysania esvoaçava-lhe nos olhos e as suas vestes flutuavam em redor. À medida que se aproximava do quarto do mago, no fim do corredor, podia escutar a chuva a bater no vidro. O ar estava frio e úmido. Estremecendo, apressou os passos e, quando se preparava para bater à porta, o corredor sibilou com um raio azul-esbranquiçado. A explosão simultânea do trovão lançou Crysania contra a porta. Esta abriu-se e encontrou-se nos braços de Raistlin.

Era como no seu sonho. Quase soluçando de terror, encostou-se à suavidade do veludo das vestes negras e aqueceu-se com o calor do corpo dele. No início, aquele corpo junto do dela estava tenso, mas depois descontraíu-se. Os braços apertaram-se em redor

dela quase convulsivamente, uma mão afagou-lhe o cabelo, acalmando, reconfortando.

— Pronto, pronto — murmurou Raistlin, como faria com uma criança assustada — não receie a tempestade, Venerável Filha. Regozije-se com ela! Saboreie o poder dos deuses, Crysania! É desta forma que eles atemorizam os insensatos. Não nos podem magoar, pelo menos se assim o escolher.

Gradualmente, os soluços de Crysania foram diminuindo. As palavras de Raistlin não eram os murmúrios gentis de uma mãe. Apercebeu-se subitamente do seu significado. Levantou a cabeça, olhando para ele.

— Que quer dizer? — disse, com dificuldade, repentinamente assustada. Surgira uma fenda nos olhos de Raistlin tipo espelho, permitindo que ela avistasse a alma ardente dentro dele.

Involuntariamente, Crysania começou a afastar-se mas ele estendeu as mãos que tremiam e, afastando-me o cabelo negro do rosto, murmurou:

— Venha comigo, Crysania! Venha comigo para uma época do tempo em que será a única eclesiástica existente no mundo, para a época onde podemos entrar no portal e desafiar os deuses, Crysania! Pense nisso! Governar, mostrar ao mundo um poder como esse!

Raistlin libertou o seu aperto. Erguendo os braços, as vestes negras esvoaçando em seu redor enquanto os relâmpagos brilhavam e os trovões ribombavam, riu-se. Foi então que Crysania reparou no brilho febril nos olhos dele e nas brilhantes manchas de cor no rosto mortalmente pálido. Estava magro, muito mais magro do que a última vez que ela o vira.

— Está doente — disse, recuando, de mãos atrás das costas, estendendo-se para a porta. — Vou buscar ajuda...

— Não! — O grito de Raistlin foi mais alto do que um trovão. Os seus olhos recuperaram a superfície espelhada, o rosto ficou frio e composto. Estendendo a mão, agarrou-lhe no pulso com um aperto doloroso e puxou-o para o quarto. A porta fechou-se atrás dela. — Estou doente — disse, mais calmo —, mas ninguém me pode ajudar, não existe cura para a minha doença a não ser escapar

desta demência. Os meus planos estão praticamente completos. Amanhã, o último dia do Cataclismo, a atenção dos deuses estará voltada para a lição que têm de infringir a estes pobres coitados. A Rainha das Trevas não poderá impedir-me quando eu fizer atuar a minha magia e me transportar para o único período de tempo na história em que ela está vulnerável ao poder de um verdadeiro clérigo!

— Deixe-me! — gritou Crysania, a dor e o ultraje submergindo o medo. Irritada, libertou o braço. Mas recordava-se ainda do seu abraço, do toque da sua mão... Ferida e envergonhada, Crysania voltou-se. — Terá de prosseguir o seu mal sem mim — disse, a voz sufocada pelas lágrimas. — Não irei consigo.

— Nesse caso morrerá — afirmou Raistlin severamente. — Atrave-se a ameaçar-me! — gritou Crysania, voltando-se para o enfrentar, o choque e a fúria secando-lhe os olhos.

— Oh, não será às minhas mãos — replicou Raistlin com um estranho sorriso. — Morrerá às mãos daqueles que a enviaram para cá.

Crysania pestanejou, perplexa. Mas depressa recuperou a compostura.

— Mais um truque seu? — perguntou friamente, afastando-se dele, a dor que sentia no coração quase insuportável devido à decepção que ele lhe provocara. Desejava apenas partir antes que Raistlin notasse como a conseguira magoar...

— Não se trata de nenhum truque, Venerável Filha — afirmou ele simplesmente. Gesticulou para um livro de capa vermelha que se encontrava aberto sobre a secretária. — Veja por si mesma. Há muito que estudo... — Passou a mão pelas filas de livros que alinhavam a parede. Crysania engoliu em seco. Estes não estavam ali da última vez. Olhando para ela, anuiu. — Sim, trouxe-os de locais muito distantes. Viajei até paragens distantes em busca de muitos deles. Este, acabei por encontrá-lo na Torre de Alta Feitiçaria, em Wayreth, como sempre suspeitei. Venha, olhe para ele.

— Que é? — Crysania fitava o volume, como se fosse uma serpente enrolada e venenosa.

— Um livro, nada mais. — Raistlin sorriu estranhamente. — Posso assegurar-lhe que não se irá transformar num dragão e que não sairá por aí sob o meu comando. Repito, trata-se de um livro, uma enciclopédia, se quiser. É bastante antigo, foi escrito durante a Era dos Sonhos.

— Por que razão quer que eu o veja? O que tem ele a ver comigo? — inquiriu Crysania, desconfiada. Mas deixara de caminhar para a porta. O tom calmo de Raistlin conferiu-lhe confiança. Nem reparava, naquele momento, nos relâmpagos e na tempestade que se agitava no exterior.

— É uma enciclopédia de dispositivos mágicos produzidos durante a Era dos Sonhos — prosseguiu Raistlin imperturbável, nunca desviando os olhos de Crysania, parecendo arrastá-la para mais perto da secretária. — Leia...

— Não consigo ler a linguagem da magia — disse Crysania, franzindo o cenho; depois, o seu rosto suavizou-se. — Ou vai «traduzir» para mim? — inquiriu, em tom arrogante.

Os olhos de Raistlin reluziram numa ira rápida, mas a ira foi quase de imediato substituída por um olhar de tristeza e cansaço que foi direito ao coração de Crysania.

— Não está escrito na linguagem da magia — disse, suavemente. — De outra forma, não lho teria pedido. — Olhando para as suas vestes negras, sorriu de forma estranha e amarga. — Há já muito tempo, paguei o preço de livre vontade. Não sei por que tive a esperança de que *você* iria confiar em mim.

Mordendo o lábio, sentindo-se profundamente envergonhada sem saber porquê, Crysania atravessou o quarto em direção ao lado oposto da secretária. Ficou aí, hesitante. Sentando-se, Raistlin chamou-a e ela deu um passo para ficar perto do livro aberto. O mago proferiu uma palavra de comando e o bastão, que se encontrava apoiado à parede junto da Crysania, emitiu uma luz amarela, assustando-a quase tanto quanto a luz.

— Leia — disse Raistlin, indicando a página.

Tentando recompor-se, Crysania olhou para baixo, analisando a página, embora não soubesse o que buscava. Então, a sua atenção foi captada. *Dispositivo Para Viagens no Tempo*, dizia uma

das entradas e, ao lado, havia uma imagem de um dispositivo semelhante ao que o *kender* descrevera.

— É isto? — perguntou, olhando para Raistlin. — O dispositivo que Par-Salian deu a Caramon para nos fazer regressar?

O mago anuiu, os seus olhos refletindo a luz amarela do bastão.

— Leia — repetiu, suavemente.

Curiosa, Crysania analisou o texto. Havia pouco mais do que um parágrafo, descrevendo o dispositivo, o grande mago, há muito esquecido, que o concebera e o construía, as exigências para a sua utilização. Não entendeu grande parte da descrição, pois esta relacionava-se com coisas enigmáticas. Mas compreendeu alguns dos acessórios...

[...] transportará a pessoa, que se encontra já sob o efeito do feitiço do tempo, quer para o futuro quer para o passado [...] deve ser montado corretamente e as facetas voltadas na ordem recomendada [...] transportará apenas a pessoa a quem for dado na altura em que o feitiço for efetuado [...] o uso do dispositivo encontra-se restrito a duendes, humanos, ogres [...] não é necessária qualquer palavra de feitiço [...]

Crysania chegou ao fim e olhou para Raistlin pouco segura. Ele fitava-a com um olhar estranho e expectante. Havia ali qualquer coisa que ele esperava que ela descobrisse. E, bem fundo, no seu íntimo, sentia uma inquietação, um medo, um entorpecimento, como se o seu coração entendesse o texto de forma mais rápida do que o seu cérebro.

— Mais uma vez — disse Raistlin.

Tentando concentrar-se, embora se apercebesse de novo da tempestade lá fora que parecia aumentar de intensidade, Crysania olhou de novo para o texto.

E, ali estava. As palavras saltavam para ela, atingindo-lhe a garganta, sufocando-a.

Transportará apenas uma pessoa... Transportará apenas uma pessoa!

As pernas de Crysania cederam. Felizmente, Raistlin colocou uma cadeira para trás, de outra forma teria caído no chão.

Durante largos instantes fitou o quarto. Embora iluminado pelos relâmpagos e pela luz mágica do bastão, ficar a, par a ela, subitamente mais escuro.

— Ele sabe? — acabou por perguntar, através de lábios entorpecidos.

— Caramon? — troçou Raistlin.-Claro que não. Se lhe tivessem dito, teria partido o pescoço idiota tentando entregá-lo a si e rogado de joelhos para que você o utilizasse e lhe concedesse o privilégio de morrer no seu lugar. Poucas coisas me ocorrem que o pudessem tornar mais feliz. Não, Lady Cysania, ele teria utilizado o dispositivo com confiança, sem dúvida consigo e o *kender* ao seu lado. E ficaria destroçado quando lhe explicassem por que razão regressara sozinho. Pergunto a mim mesmo como iria Par-Salian explicar isso — acrescentou Raistlin com um sorriso. — Caramon era muito capaz de lhes partir aquela torre em cima das cabeças. Mas isso não é nem aqui nem lá.

O seu olhar captou o dela, embora Cysania o tivesse evitado.

Ele forçou-a, através da força da sua vontade, a fitar os olhos dele. E, mais uma vez, se viu a si mesma, mas, desta vez, completamente só e terrivelmente assustada.

— Eles mandaram-na para cá para morrer, Cysania — disse Raistlin numa voz que não passava de um sopro, penetrando, contudo, bem no núcleo de Cysania, ecoando mais alto na sua mente do que os trovões. — É este o bem de que me fala? Bah! Eles vivem em receio, tal como acontece com o rei-sacerdote! Receiam-na a si tal como me receiam. O único caminho para o bem, Cysania, é o meu caminho! Ajude-me a derrotar o mal. Preciso de si...

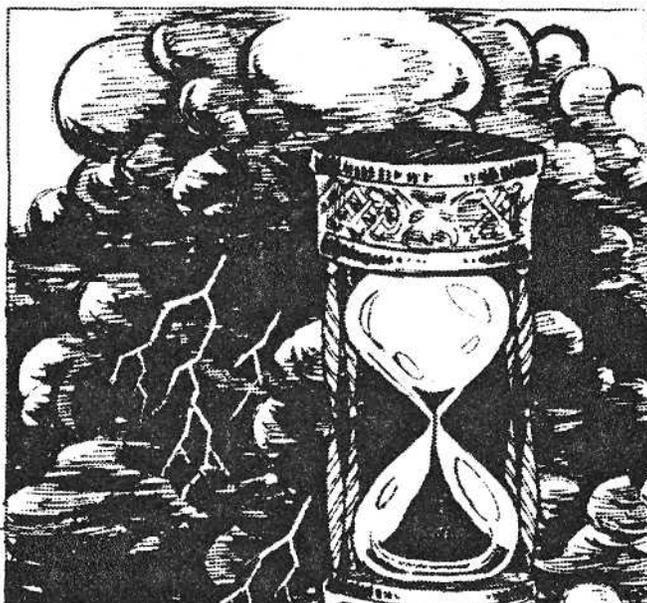
Cysania fechou os olhos. Podia ver de novo, com grande nitidez, a caligrafia de Par-Salian no bilhete que encontrara: *a sua vida ou a sua alma, ganhando uma perderá a outra! Dispõe de muitos processos para regressar, um dos quais é através de Caramon.* Ele enganara-a voluntariamente! Que outro processo existiria que não fosse o de Raistlin? Seria isto o que o mago queria dizer? Quem lhe poderia responder? Haveria alguém, neste mundo condenado e desolado, em quem pudesse confiar?

Os músculos contraindo-se, Crysania ergueu-se da cadeira. Não olhou para Raistlin, fitava em frente, nada vendo.

— Tenho de ir... — murmurou, destrojada—, preciso de pensar...

Raistlin não tentou impedi-la. Nem sequer se levantou. Não proferiu qualquer palavra, até que ela alcançou a porta.

— Amanhã — murmurou. — Amanhã...



CAPÍTULO 15

Foi necessária toda a força de Caramon, mais a de dois guardas, para forçarem as grandes portas do templo a abrirem-se e a permitir que ele penetrasse na tempestade. O vento impelia-o com toda a força, empurrando o grande homem contra a parede de pedra e encurralando-o aí por alguns instantes, como se não fosse maior que Tas. Debatendo-se, Caramon acabou por ganhar, o temporal cedendo o suficiente para que pudesse descer as escadas.

A fúria da tempestade reduziu um pouco ao caminhar por entre os altos edifícios da cidade, embora constituísse ainda uma luta difícil. A água corria nalguns lugares com uma altura de 30 cm, enroscando-se nas suas pernas, ameaçando mais de uma vez fazê-lo perder o equilíbrio. Os relâmpagos quase que o cegavam e os trovões eram ensurdecedores.

Escusado será dizer que avistou pouca gente. Os habitantes de Istar protegiam-se em casa, alternando entre a maldição e o apelo aos deuses. Qualquer um por quem ocasionalmente passasse, levado para a tempestade sabe-se lá por que razão desesperada,

encostava-se aos edifícios e acolhia-se miseravelmente em vãos de portas.

Mas Caramon prosseguia, ansioso por regressar à arena. O seu coração estava repleto de esperança, e a disposição era boa, apesar da tempestade. Ou talvez devido à tempestade. Seguramente que Kiiri e Pheragas lhe dariam ouvidos em vez de lhe lançarem olhares estranhos e frios quando tentava persuadi-los a fugir de Istar.

— Não vos posso dizer como é que sei, é tudo! — suplicara. — Vem aí uma catástrofe, posso cheirá-la!

— E perder a contenda final? — dissera Kiiri friamente. — Não a irão efetuar com este tempo! — Caramon acenara com os braços.

— Nenhuma tempestade deste tipo se prolonga por muito tempo! — dissera Pheragas. — Há de acabar por se ir embora, e teremos um belo dia. Além disso — os seus olhos tinham-se estreitado —, o que farias sem nós na arena?

— Ora, lutaria sozinho, se necessário — dissera Caramon, um pouco desconcertado. Planeara ter já partido nessa altura-ele e Tas, Crysania e talvez... talvez...

— Se necessário... — repetira Kiiri num tom estranho e duro, trocando olhares com Pheragas. — Obrigada por pensares em nós, amigo — dissera, olhando com desprezo para o colar de ferro que Caramon usava, colar esse igual ao dela —, mas não, obrigada. As nossas vidas ficariam estragadas: escravos fugitivos! Quanto tempo achas que sobreviveríamos por aí?

— Pouco importará, sobretudo depois... depois... — Caramon suspirara e abanara a cabeça, com tristeza. O que poderia ele dizer? Como poderia fazê-los compreender? Mas eles não tinham dado a oportunidade de fazê-lo. Tinham-se ido embora sem mais uma palavra, deixando-o sozinho na cantina.

Mas, certamente que agora o escutariam! Acabariam por perceber que esta não era uma tempestade vulgar. Teriam ainda tempo para escapar em segurança? Caramon franziu o cenho e desejou, pela primeira vez, ter prestado mais atenção aos livros. Não fazia idêia de qual seria a área atingida pelo efeito devastador da montanha em fogo. Talvez fosse já demasiado tarde.

Bem, tentara, disse a si mesmo, patinando na água. Afastando da mente o compromisso para com os seus amigos, esforçou-se por pensar em coisas mais agradáveis. Não tardaria a estar longe deste terrível lugar. Em breve, tudo isto não passaria de um pesadelo.

Estaria de volta em casa, com Tika. Talvez com Raistlin!

— Acabarei de construir a nova casa — disse, pensando com pesar em todo o tempo que perdera. Veio-lhe uma imagem à mente. Podia ver-se a si mesmo, sentado junto da lareira na nova casa deles. A cabeça de Tika repousando no seu regaço. Contar-lhe-ia todas estas aventuras. Raistlin estaria presente, à noite; lendo, estudando, usando vestes brancas...

— Tika não acreditará nem numa palavra — disse Caramon para si mesmo. — Mas pouco importará. Terá consigo de novo o homem por quem se apaixonou. E, desta vez, ele não a abandonará, por nada! — Suspirou, sentindo os caracóis ruivos dela em redor dos dedos, vendo-os brilhar à luz da lareira.

Estes pensamentos transportaram Caramon através da tempestade e para a arena. Deslocou o bloco no muro que era usado pelos gladiadores nas suas evasões noturnas. (Arack tinha conhecimento da sua existência mas, por um acordo tácito, fingia que não sabia, desde que não abusassem desse privilégio.) Não se encontrava ninguém na arena como era óbvio. As sessões de treino tinham sido canceladas. Toda a agente estava no interior, amaldiçoando o mau tempo e fazendo apostas sobre se combateriam no dia seguinte.

Arack estava com uma disposição tão má quanto os elementos atmosféricos, contando sem parar as moedas de ouro que lhe escapariam dos dedos se tivesse de cancelar a contenda final, o acontecimento desportivo do ano em Istar. Tentava alegrar-se com o pensamento de que *e/e* lhe prometera bom tempo, e *e/e* tinha obrigação de saber. Contudo, o anão olhava carrancudo para o exterior.

No ponto em que se encontrava, numa janela localizada bem acima dos terrenos na torre da arena, avistou Caramon esgueirando-se pelo muro de pedra.

— Raag! — Apontou. Olhando para baixo, Raag anuiu em compreensão e, agarrando no enorme bastão, esperou que o anão guardasse os seus livros de contabilidade.

Caramon caminhou apressado para a cela que partilhava com o *kender*, ansioso por lhe contar sobre Crysania e Raistlin. Mas, quando entrou, o pequeno aposento estava vazio.

— Tas? — disse, olhando em redor para se assegurar que este não se encontrava nas sombras. Mas um relâmpago iluminou o quarto, de forma mais intensa do que a própria luz do dia. Não havia sinal do *kender*.

— Tas, aparece! Não é altura para brincadeiras! — ordenou Caramon severamente. Tasslehoff quase o assustara uma vez escondendo-se debaixo da cama, surgindo depois quando Caramon estava de costas voltadas. Acendendo um archote, o grande homem ajoelhou-se, resmungando, e fez incidir a luz por baixo da cama. Tas não estava lá.

— Espero bem que o pequeno pateta não tivesse tentado sair com esta tempestade! — disse Caramon para si mesmo, a irritação transformando-se em súbita preocupação. — Teria sido arrastado para Solace. Ou talvez esteja na cantina, à minha espera. Talvez esteja com Kiiri e Pheragas. É isso! Vou só buscar o dispositivo e depois irei ter com ele...

Falando consigo mesmo, Caramon dirigiu-se ao pequeno baú de madeira onde guardava a armadura. Abrindo-o, tirou para fora as vestes douradas e vistosas. Lançando-lhes um olhar de desprezo, atirou-as para o chão.

— Pelo menos, não vou ter de as usar mais — disse, agradecido. — Embora — sorriu, de certa forma envergonhado-vá ser engraçado ver a reação de Tika quando as vestir! Não se irá rir? Mas aposto que vai gostar, de qualquer forma. — Assobiando alegremente, Caramon tirou rapidamente tudo para fora do baú e, servindo-se da ponta de uma das adagas articuladas, fez saltar o falso botão que lá inserira.

O assobio morreu nos seus lábios.

O baú estava vazio.

Freneticamente, Caramon apalpou o interior do baú, embora fosse evidente que um pendente com as dimensões do dispositivo mágico nunca poderia ter escorregado por qualquer fenda existente. O coração batendo fortemente de medo, Caramon levantou-se e começou a procurar no quarto, incidindo o archote em cada canto, espreitando de novo sob as camas. Chegou mesmo a rasgar o colchão de palha e preparava-se para fazer o mesmo ao de Tas quando reparou de súbito em algo.

Não fora só o *kender* que desaparecera, o mesmo acontecera com as suas bolsas e com todos os seus queridos pertences. Tal como a capa.

Foi então que Caramon percebeu. Fora Tas quem se apoderara do dispositivo.

Mas, para quê?... Caramon sentiu-se por momentos como se tivesse sido atingido por um relâmpago, a súbita compreensão escapando-lhe do cérebro para o corpo, com um choque que o paralisou.

Tas estivera com Raistlin, contara isso a Caramon. Mas, o que estivera Tas a fazer? *Por que razão* fora ver Raistlin? Caramon percebeu de súbito que o *kender* desviara arditamente a conversa desse ponto.

Caramon rosnou. O *kender* curioso tinha, obviamente, feito perguntas sobre o dispositivo, mas Tas parecera satisfeito com as respostas de Caramon. Seguramente, ele nunca lhe mexera. Ocasionalmente, Caramon verificava se o mesmo se encontrava no seu devido lugar. Isso tornava-se hábito, quando se vivia com um *kender*. Mas, se Tas sentisse uma verdadeira curiosidade sobre o dispositivo, tê-lo-ia levado a Raistlin... Fizera coisas do gênero freqüentemente nos velhos tempos, quando encontrava algo mágico.

Ou talvez Raistlin o tivesse enganado para que Tas lho levasse! Se ele estivesse de posse do dispositivo, Raistlin poderia *forçá-los* a ir com ele. Teria ele planeado tudo isto? Teria iludido Tas e Crysania? A mente de Caramon estava imersa em confusão. Ou talvez...

— Tas! — gritou Caramon, decidido a atuar de forma firme e positiva. — Tenho de encontrar Tas! Tenho de o impedir!

Febrilmente, o grande homem pegou na capa encharcada. Lançava-se através da porta quando uma enorme sombra negra lhe bloqueou o caminho.

— Sai do meu caminho, Raag — rosnou Caramon, esquecendo-se por completo, na sua ansiedade, onde se encontrava.

Raag recordou-o instantaneamente, a sua mão gigante fechando-se sobre o ombro largo de Caramon.

— Onde vais, escravo?

Caramon tentou libertar-se do aperto do ogre, mas a mão de Raag limitou-se a apertá-lo com mais força. Ouviu-se um som de algo a estalar e Caramon gritou de dor.

— Não o magoes, Raag — surgiu uma voz de algum lugar perto das joelheiras de Caramon. — Tem de lutar amanhã. Mais ainda, tem de ganhar!

Raag arremessou Caramon de volta para a cela, com o mesmo esforço dispendido por um adulto que empurra uma criança. O grande guerreiro recuou, caindo pesadamente no chão de pedra.

— Não há dúvida de que hoje andas muito atarefado — disse Arack em tom de conversa, entrando na cela e atirando-se para cima da cama.

Sentando-se, Caramon esfregou o ombro dorido. Lançou um olhar rápido a Raag, ainda de pé, bloqueando a porta. Arack prosseguiu.

— Já saíste uma vez com este mau tempo e agora preparaste para sair outra vez? — O anão abanou a cabeça.-Não, não. Não o posso permitir. Podes apanhar frio...

— Eh — disse Caramon, sorrindo fracamente e lambendo os lábios secos.-Ia apenas à cantina para procurar Tas... — Estremeceu involuntariamente quando um relâmpago explodiu lá fora. Ouviu-se crepitar e um súbito odor de madeira a arder.

— Esquece. O *kender* saiu — disse Arack, encolhendo os ombros —, e, para mim, parece que saiu de vez. Levou tudo o que lhe pertencia.

Caramon engoliu em seco.

— Nesse caso, deixe-me ir procurá-lo... — começou.

O sorriso de Arack transformou-se subitamente num olhar maldoso.

— Pouco me importo com esse bastardo! Com o que ele roubou para mim, já recuperei o dinheiro que gastei com ele. Mas tu... Fiz um investimento bastante grande contigo. O teu plano para escapar fracassou, escravo.

— Escapar? — Caramon riu-se. — Eu nunca... Não compreende...

— Então não compreendo? — troçou Arack. — Não compreendo que tens vindo a tentar que dois dos melhores lutadores escapem daqui? Estás a tentar arruinar-me, não é verdade? — A voz do anão tornou-se num grito que se sobrepôs ao uivar do vento lá fora. — Quem te encarregou disso? — A expressão de Arack ficou subitamente sagaz e manhosa. — Não foi o teu dono, por isso não mintas. Ele esteve comigo.

— Raist... uh... Fis-Fistandantil... — disse Caramon sem convicção, o queixo pendendo-lhe.

O anão sorriu astutamente.

— Sim. E Fistandantilus avisou-me que eras capaz de tentar qualquer coisa como esta. Disse que te deveria vigiar cuidadosamente. Chegou mesmo a sugerir um castigo apropriado. O combate final amanhã não será entre a tua equipe e os minotauros. Serás tu contra Kiiri e Pheragas e o Minotauro Vermelho! — O anão inclinou-se para a frente, falando perto do rosto de Caramon. — E as armas dele serão reais!

Caramon fitou Arack sem compreender, por momentos. Depois:

— Porquê? — murmurou. — Por que me quer ele matar?

— Matar-te? — O anão riu-se. — Ele não te quer matar! Ele pensa que tu vais ganhar! «Trata-se de um teste», disse-me ele, «não quero um escravo que não seja o melhor! E esta será a prova. Caramon mostrou-me do que era capaz contra o *Bárbaro*. Esse foi o seu primeiro teste. Vamos fazer com que este teste seja difícil para ele», disse. Oh, é uma pessoa rara, o teu dono!

O anão riu-se, batendo nos joelhos perante esse pensamento, e até Raag soltou um rosnando que poderia ter sido indicativo de

divertimento.

— Não lutarei — disse Caramon, o rosto endurecendo em rugas firmes e severas. — Mate-me! Não lutarei contra os meus amigos. E eles não lutarão contra mim!

— Ele disse que tu dirias isso! — rosnou o anão. — Não foi, Raag? Essas mesmas palavras. Pelos deuses, ele conhece-te bem! Uma pessoa até é levada a pensar que vocês possam ser parentes! «Por isso», disse-me ele, «se ele se recusar a lutar, o que acontecerá, não tenho dúvidas, então diga-lhe que os seus amigos lutarão no lugar dele, só que combaterão o Minotauro Vermelho e será o minotauro quem possuirá as armas verdadeiras».

Caramon recordou o jovem homem contorcendo-se na agonia no chão de pedra, enquanto o veneno do tridente do minotauro penetrava no seu corpo.

— Quanto aos teus amigos lutarem contra ti — o anão olhou-o com desprezo. — Fistandantilus também se encarregou disso. Depois do que ele lhes disse, acho que estão ansiosos por se encontrarem contigo na arena!

A cabeça de Caramon pendeu-lhe para o peito. Começou a tremer. O seu corpo encheu-se de arrepios, o estômago agitou-se violentamente. A enormidade do mal do seu irmão subjugou-o, a sua mente encheu-se de trevas e desespero.

Raistlin ludibriou-nos a todos, enganou Crysania, Tas e a mim! Foi Raistlin quem me fez matar o *Bárbaro*. Mentiu-me! E mentiu também a Crysania. É tão capaz de a amar quanto a lua negra é capaz de iluminar os céus da noite. Está a servir-se dele! E Tas? Tas! Caramon fechou os olhos. Recordou-se do olhar de Raistlin quando descobriu o *kender*, das suas palavras: «os *kenders* podem alterar o tempo... é assim que eles tencionam impedir-me?» Tas constituía um perigo para ele, uma ameaça! Não tinha agora dúvidas para onde Tas fora...

O vento lá fora assobiava e gritava, mas não tão alto quanto a dor e a angústia na alma de Caramon. Doente e nauseado, agitado por espasmos gelados de dor afiada como uma agulha, o grande guerreiro perdeu completamente qualquer compreensão do que passava ao seu redor. Não viu o gesto de Arack, nem sentiu as

enormes mãos de Raag agarrarem-no. Nem sequer sentiu as amarras nos pulsos...

Só mais tarde, quando as sensações horríveis de enjôo e horror passaram, se apercebeu do que o rodeava. Encontrava-se numa pequena cela sem janela e subterrânea, provavelmente por baixo da arena. Raag apertava-lhe uma corrente ao colar de ferro que tinha ao pescoço e aferrolhava essa corrente a uma argola na parede de pedra. Depois, o ogre atirou-o para o chão e verificou as amarras de couro que uniam os punhos de Caramon.

— Muito apertadas não — ouviu Caramon a voz do anão alertar —, ele tem de combater amanhã...

Soou o ribombar de um trovão, audível mesmo àquela profundidade no solo. Ao escutar o ruído, Caramon olhou para cima, com esperança. «Não poderemos lutar com este tempo...»

O anão sorriu ao sair com Raag pela porta de madeira. Preparava-se para fechá-la, mas depois espetou a cabeça pelo canto, a barba vibrando de divertimento ao ver a expressão no rosto de Caramon.

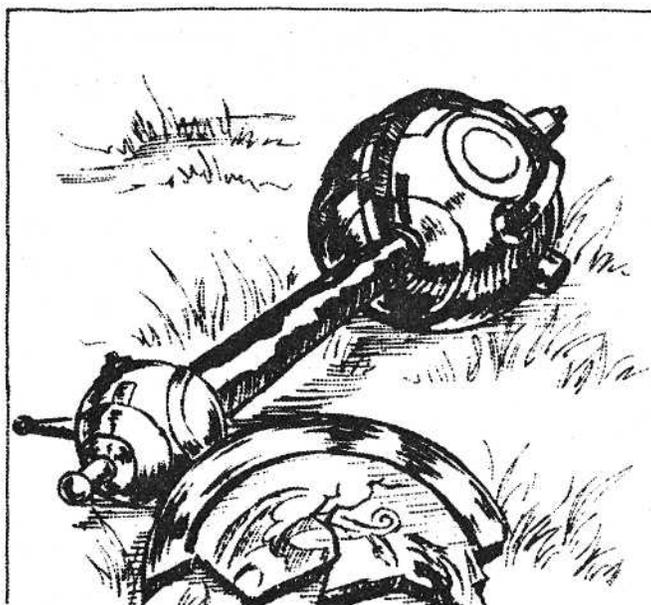
— Oh, a propósito. Fistantilus diz que amanhã vai estar um lindo dia. Um dia que toda a gente em Krynn recordará por muito tempo...

A porta foi fechada e trancada.

Caramon ficou sentado nas trevas densas e úmidas. A mente estava calma, depois do enjôo e o choque a terem aclarado e destituído de qualquer sensação, de qualquer emoção. Estava só. Até Tas tinha partido. Não se podia voltar para ninguém em busca de auxílio, não havia ninguém que tomasse as decisões por ele. Então, apercebeu-se, não necessitava de ninguém. Não para a decisão que ia tomar.

Agora sabia, agora compreendia. Era por *isto* que os magos o tinham feito regressar atrás no tempo. Eles conheciam a verdade. Queriam que ele aprendesse por si mesmo. O seu irmão gêmeo estava perdido, e nunca mais seria reclamado.

Raistlin tinha de morrer.



CAPÍTULO 16

Ninguém conseguia dormir em Istar naquela noite.

A tempestade aumentou a sua fúria, de tal forma que até parecia que tinha de destruir tudo o que encontrava no seu caminho. O uivar do vento era como o gemido mortal da fada que prediz a morte de alguém, chegando a trespassar o contínuo ribombar dos trovões. Raios estilhaçados dançavam pelas ruas e árvores explodiam ao seu toque ardente. O granizo matraqueava e batia violentamente nas ruas, quebrando tijolos e pedras de casas, partindo o vidro mais espesso, permitindo que o vento e a chuva penetrassem nos lares, quais conquistadores selvagens. Enchentes de água arremessavam-se pelas ruas, levando consigo as bancas do mercado, a cerca do mercado dos escravos, carroças e carruagens.

Contudo, ninguém ficou ferido.

Parecia que os deuses, nesta última hora, estendiam as mãos para proteger os vivos; com esperança, rogando-lhes que prestassem atenção aos avisos.

De madrugada, a tempestade cessou. O mundo ficou imerso num profundo silêncio. Os deuses aguardavam, não se atrevendo sequer a respirar; contudo, não lhes passou despercebido o choro do menor, o que poderia ainda salvar o mundo.

O sol nasceu num céu azul pálido e aquoso. Nenhum pássaro cantou para lhe dar as boas-vindas, nenhuma folha se agitou na brisa da manhã. O ar estava parado e mortalmente calmo. Elevava-se fumo em linhas direitas para os céus, proveniente das árvores em chamas, as águas das enchentes decresceram rapidamente, como que conduzidas para um enorme canal. As pessoas saíram de casa, olhando em redor, mal acreditando que não tivessem sido provocados maiores danos e depois, exaustas devido às noites sem sono, regressaram às suas camas.

Mas houve, afinal de contas, uma pessoa em Istar que dormiu tranqüilamente toda a noite. Na verdade, o súbito silêncio fê-lo despertar.

Tal como Tasslehoff Burrfoot gostava de contar, falara com fantasmas na Floresta Sombria, encontrara diversos dragões (voou em dois deles), esteve *muito* perto do amaldiçoado Bosque Shoikan (cada vez que contava a história estava mais perto), partiu um orbe dragão, e fora pessoalmente responsável pela derrota da Rainha das Trevas (com alguma ajuda). Uma mera tempestade, mesmo uma com a intensidade daquela que se vivia agora, não o iria assustar, muito menos perturbar o seu sono.

Fora uma tarefa fácil apoderar-se do dispositivo. Tas abanou a cabeça perante o orgulho ingênuo de Caramon em relação à eficácia do seu esconderijo. Tas nunca contara ao grande homem, mas o falso botão poderia ter sido detectado por qualquer *kender* com mais de três anos.

Tas retirou ansiosamente o dispositivo mágico do interior da caixa, observando-o maravilhado. Esquecera-se de como era encantador e bonito, dobrado num pendente oval. Parecia impossível que as suas mãos o fossem transformar num dispositivo que iria executar tal milagre!

Apressadamente, Tas lembrou as instruções de Raistlin. O mago dera-lhe essas instruções apenas alguns dias antes e obrigara-

o a decorá-las, calculando que Tas perderia de imediato quaisquer instruções escritas, tal como Raistlin lhe dissera sarcasticamente.

Não eram difíceis, e Tas recordou-as de imediato.

O teu corpo a ti te pertence

Embora tu viajes através dele.

Vês as suas extensões

Para sempre em turbilhão,

Não obstruas o seu curso.

Agarra firmemente o fim e o princípio,

Volta-os para que fiquem ao contrário, e

E tudo o que está solto ficará seguro.

O destino terminará sobre a tua própria cabeça.

O dispositivo era tão bonito que Tas sentiu que poderia ficar ali por largos instantes, a admirá-lo. Mas não dispunha de largos instantes, pelo que o atirou apressadamente para uma das suas bolsas, pegou nas outras (só para o caso de encontrar qualquer coisa que valesse a pena levar consigo, ou de alguma coisa o encontrar a ele), vestiu a capa e saiu. Pelo caminho, pensou na última conversa que tivera com o mago, apenas alguns dias antes.

— Toma o objeto emprestado na noite anterior — aconselhara-lhe Raistlin. — A tempestade será assustadora e Caramon poderá meter na cabeça que tem de partir. Além disso, será mais fácil para ti infiltrares-te sem seres notado na sala conhecida como a Câmara Sagrada do Templo enquanto estiver a decorrer a tempestade. Esta terminará de manhã e então o rei-sacerdote e os seus ministros iniciarão o procecionário. Irão para a Câmara Sagrada e será aí que o rei-sacerdote fará as suas exigências aos deuses.

— Tens de estar na câmara e deves ativar o dispositivo no preciso momento em que o rei-sacerdote parar de falar...

— Como é que ele o impedirá? — interrompeu Tas ansioso. — Verei o dispositivo a lançar um raio de luz para o céu ou qualquer coisa assim? Derrubará o rei-sacerdote para o chão?

— Não — respondeu Raistlin, tossindo levemente — não... hum... derrubará o rei-sacerdote para o chão. Mas estás certo em relação à luz.

— Estou? — A boca de Tas abriu-se muito. — Adivinhei apenas. É fantástico! Devo estar a ficar bom em relação a estas coisas de magia.

— Sim — replicou Raistlin secamente. — Agora, continuando onde fui interrompido...

— Lamento, não voltará a acontecer — desculpou-se Tas, fechando depois a boca quando Raistlin olhou para ele.

— Tens de entrar na Câmara Sagrada durante a noite. A área por detrás do altar está coberta por cortinas. Esconde-te aí e não serás descoberto.

— Depois, ponho fim ao Cataclismo, volto para junto de Caramon e conto-lhe tudo! Serei um herói... — Tas parou, ocorrendo-lhe subitamente um pensamento. — Mas, como posso ser herói se impedir uma coisa que nunca começou? Quero dizer, como poderão eles saber que fiz qualquer coisa se eu não...

— Oh, eles saberão — disse Raistlin suavemente.

— Saberão? Mas não vejo como... Oh, calculo que esteja ocupado. Devo ir-me embora? Está bem. Diga-me uma coisa, você vai-se embora quando tudo isto estiver terminado — afirmou Tas, ao mesmo tempo que era conduzido firmemente para a porta com mão de Raistlin no seu ombro. — Para onde vai?

— Para onde me apetecer — disse Raistlin.

— Posso ir consigo? — inquiriu Tas ansiosamente.

— Não, tu vais ser preciso na tua própria época — respondeu Raistlin, fitando o *kender* de forma bastante estranha, ou pelo menos Tas assim pensou nessa altura — para cuidares de Caramon...

— Sim, acho que tem razão. — O *kender* suspirou. — Ele realmente necessita que olhem por ele. — Chegaram à porta. Tas olhou para ela por momentos e depois fitou Raistlin. — Será que você podia... mandar-me assim para qualquer lado, como fez da última vez? É muito divertido...

Reprimindo um suspiro, Raistlin servilmente «mandou» o *kender* para uma lagoa de patos, para grande divertimento de Tas. Na verdade, o *kender* nunca se recordava de Raistlin ter sido tão simpático com ele.

Deve ser por eu ir impedir o Cataclismo, decidiu Tas. Provavelmente está-me muito agradecido, só que não sabe como expressá-lo devidamente. Ou talvez não lhe seja permitido que ele me esteja agradecido, dado que ele é mau.

Esse foi um pensamento interessante sobre o qual Tas ponderou ao sair da lagoa, pingando, de regresso à arena.

Tas recordou-o de novo ao deixar a arena na noite anterior ao Cataclismo que nunca iria acontecer, mas estes pensamentos sobre Raistlin foram rudemente interrompidos. Não se apercebera como a tempestade evoluíra e sentiu-se de certa forma perplexo com a ferocidade do vento que literalmente o levantava no ar e o esmagava contra o muro de pedra da arena quando chegou ao exterior. Depois de parar por um momento para recuperar o fôlego e verificar se não tinha partido nada, recomeçou a caminhada para o templo, com o dispositivo mágico firmemente seguro na mão.

Desta vez, teve a presença de espírito suficiente para seguir colado aos edifícios, depois de descobrir que o vento não o perturbava tanto desta forma. Na verdade, caminhar através da tempestade revelou-se uma experiência bastante hilariante. Numa dada altura, um raio atingiu uma árvore perto dele, despedaçando-se em mil pedaços. Numa outra ocasião, calculou mal a profundidade da água que corria na rua e viu-se arrastado pelo quarteirão a uma velocidade estonteante. Isto fora divertido e teria sido ainda mais engraçado se ele tivesse conseguido respirar. Por fim, a água despejou-se um pouco abruptamente num beco, onde conseguiu levantar-se e prosseguir caminho.

Tas quase sentiu pena quando chegou ao templo, depois de tantas aventuras, mas, recordando-se da sua importante missão, percorreu às escondidas o jardim e entrou no edifício. Uma vez lá dentro, foi fácil perder-se na confusão criada pela tempestade, tal como Raistlin previra. Os clérigos corriam por todo o lado, tentando apanhar água e os vidros estilhaçados de janelas partidas, voltando a acender archotes apagados, confortando aqueles que já não conseguiam suportar a tensão.

Não fazia a mínima idéia onde se localizava a câmara sagrada, mas a coisa que ele mais gostava era de deambular por locais

estranhos. Duas ou três horas mais tarde (e depois de ter enchido as bolsas por diversas vezes), deu com um a sala que correspondia precisamente à descrição de Raistlin.

A sala não se encontrava iluminada por archotes; não estava em utilização naquele momento, mas os relâmpagos alumiam-na o suficiente para o *kender* ver o altar e as cortinas que Raistlin descrevera. Nesta altura, sentindo-se bastante fatigado, Tas ficou satisfeito por poder descansar. Depois de investigar a sala e achando-a aborrecidamente vazia, passou pelo altar (também vazio) e enfiou-se por detrás das cortinas, na esperança (mesmo estando cansado) de encontrar um tipo qualquer de caverna secreta onde o rei-sacerdote executasse rituais sagrados, proibidos aos olhos de homens mortais.

Olhando em redor, suspirou. Nada. Apenas uma parede, coberta por cortinas. Sentando-se atrás destas, Tas estendeu a capa para que secasse, torceu a água do topete e, à luz dos relâmpagos que penetrava através das janelas de vitrais, começou a analisar os objetos interessantes que tinham entrado para as suas bolsas.

Passado algum tempo, os seus olhos ficaram demasiado pesados para permanecerem abertos e os bocejos começavam a magoar-lhe as m axilas. Enroscando-se no chão, adormeceu, apenas levemente irritado com o ribombar dos trovões. O seu último pensamento foi se Caramon teria já dado por falta dele e, no caso de isso ter acontecido, se estaria muito zangado?...

A próxima coisa de que Tas teve consciência foi do silêncio. Mas, a razão porque esse fato o fez despertar de um sono profundo constitui para ele, no início, um mistério. Era igualmente um mistério o local onde se encontrava, exatamente, mas depois recordou-se.

Oh, sim. Estava na câmara sagrada do templo do rei-sacerdote, em Istar. Hoje era o dia do Cataclismo, ou teria sido. Talvez, para ser mais preciso, hoje *não era* o dia do Cataclismo. Ou hoje fora o dia do Cataclismo. Achando tudo isto muito confuso, alterar o tempo era muito aborrecido, Tas decidiu não pensar nisso e tentar descobrir, antes, por que razão estava tudo tão silencioso.

Depois, ocorreu-lhe. A tempestade cessara! Tal como Raistlin dissera que iria acontecer. Erguendo-se, espreitou por entre as

cortinas para a câmara sagrada. Pelas janelas, podia avistar um sol radioso. Tas ficou excitado.

Não fazia idéia que horas eram mas, pelo brilho do sol, deveria ser o meio da manhã. O processionário começaria dentro em breve, recordou, e levaria algum tempo a percorrer o templo. O rei-sacerdote apelaria aos deuses na alta vigília, quando o sol alcançava o seu zênite no céu.

Confirmando os seus pensamentos, Tas escutou o repicar dos sinos, bem acima dele, segundo parecia, o ruído assustando-o mais do que os trovões. Por momentos, julgou que estava condenado a levar a vida a escutar sons deste tipo ressoando nos seus ouvidos. Depois, os sinos na torre pararam e, alguns instantes depois, o mesmo aconteceu com os sinos na sua cabeça. Libertando um suspiro de alívio, espreitou de novo pelas cortinas para a câmara e tentou adivinhar se existiria a possibilidade de alguém entrar ali para limpar quando avistou uma figura sombria penetrar na sala.

Tas retrocedeu. Mantendo as cortinas ligeiramente abertas, espreitou com um único olho. A cabeça da figura estava inclinada e os seus passos eram lentos e incertos. Parou por momentos para se encostar a um dos bancos de pedra que flanqueavam o altar, como se estivesse demasiado cansada para avançar, colocando-se depois de joelhos. Embora envergasse vestes brancas, como praticamente toda a gente no templo, Tas pensou que esta figura lhe parecia familiar, pelo que, quando teve perfeita certeza de que a atenção da figura não se centrava nele, arriscou-se a alargar a abertura.

— Crysania! — disse para si mesmo com interesse. — Por que estará ela aqui tão cedo? — Foi depois invadido por um súbito desapontamento. E se ela também ali estivesse para impedir o Cataclismo? — Raios! Raistlin disse que podia ser eu a fazê-lo — murmurou Tas.

Apercebeu-se de que ela falava, ou consigo mesmo ou rezando, Tas não sabia bem. Aproximando-se o mais possível das cortinas, escutou as palavras que ela pronunciava em voz baixa.

— Paladine, o maior e mais sábio deus da eterna bondade, escuta a minha voz no dia mais trágico de todos os dias. Sei que não posso impedir o que está prestes a acontecer. E talvez represente

falta de fé que eu questione os teus atos. Tudo o que peço é que me ajudes a compreender! Se é verdade que tenho de morrer, deixa-me saber porquê. Deixa-me compreender que a minha morte servirá algum fim. Revela-me que não fracassei totalmente naquilo que aqui procurei fazer. Concede-me que possa permanecer aqui, sem ser vista, e escutar aquilo que nenhum mortal jamais ouviu e viveu para contar: as palavras do rei-sacerdote. Ele é um bom homem, demasiado bom, provavelmente. — A cabeça de Cysania afundou-se nas suas mãos. — A minha fé está pendente por uma linha — disse, tão baixo que Tas mal conseguiu escutar. — Mostra-me alguma justificação para este terrível ato. Se for o teu desejo caprichoso, morrerei, tal como é o meu destino, talvez, entre aqueles que há muito perderam a fé nos verdadeiros deuses...

— Não diga que eles perderam a fé, Venerável Filha — surgiu uma voz do ar, a qual assustou tanto o *kender* que este quase caiu através das cortinas. — Diga, antes, que a fé que tinham nos verdadeiros deuses foi substituída por um a fé em falsos deuses: dinheiro, poder, ambição...

Cysania ergueu a cabeça com uma respiração ofegante que Tas conseguiu ouvir, mas foi a visão do rosto da eclesiástica, e não a visão de uma figura de branco materializando-se ao lado dela, que fez o *kender* conter a respiração. Era óbvio que Cysania já não dormia há várias noites: tinha os olhos negros e afundados no rosto. As faces estavam encovadas, os lábios secos e gretados. Não se preocupara em escovar o cabelo que lhe caía para o rosto como uma teia de aranha preta, ao fitar, receosa e alarmada, a figura estranha e fantasmagórica.

— Quem... quem é o senhor? — disse, com dificuldade.

— O meu nome é Loralon. E vim para levá-la. O seu destino não era morrer, Cysania. É agora o único verdadeiro clérigo em Krynn e pode juntar-se a nós, àqueles que partiram há muitos dias atrás.

— Loralon, o grande clérigo de Silvanesti — murmurou Cysania. Fitou-o por longos instantes e depois, baixando a cabeça, voltou-se, olhando na direção do altar. — Não posso ir-disse, firmemente, as mãos unidas nervosamente enquanto permanecia

ajoelhada. — Ainda não. Tenho de ouvir o rei-sacerdote. Preciso de compreender...

— Não compreende já o suficiente? — perguntou Loralon severamente. — O que sentiu esta noite na sua alma?

Crysanía engoliu em seco, afastando depois o cabelo com uma mão que tremia.

— Pavor, humilhação — murmurou. — Seguramente, todos devem sentir isso ante o poder dos deuses...

-Nada mais?-persistiu Loralon.-Inveja, talvez? Um desejo de os imolar? De existir no mesmo nível?

— Não! — respondeu Crysanía irritada. Corou de seguida, ocultando o rosto.

— Venha comigo agora, Crysanía — insistiu Loralon. — Uma fé verdadeira não necessita de demonstrações, nem de justificação para acreditar naquilo que sabe no seu coração estar correto.

— As palavras que o meu coração procura não encontram eco na minha mente — replicou Crysanía. — Não passam de sombras. Tenho que ver a verdade, brilhando à luz clara do dia! Não, não partirei consigo. Ficarei para ouvir o que ele tem para dizer! Saberei se os deuses têm justificação!

Loralon encarou-a com um olhar que revelava mais piedade do que irritação.

— Você não olha para o interior da luz, fica na frente dela. A sombra que vê na sua frente é a sua própria. Só voltará a ver com mais clareza, Crysanía, quando ficar cega pelas trevas... pelas trevas intermináveis. Adeus, Venerável Filha.

Tasslehoff pestanejou e olhou em redor. O velho duende desaparecera! Será que estivera realmente ali?-interrogou-se o *kender*, pouco à vontade. Mas esteve certamente, porque Tas ainda se recordava das suas palavras. Sentiu-se frio e confuso. O que teria ele querido dizer? Tudo parecia tão estranho. E o que queria Crysanía dizer com... ter sido enviada para ali para morrer?

Depois, o *kender* animou-se. Nenhum deles sabia que o Cataclismo não iria acontecer. Não admirava que Crysanía se sentisse tão deprimida.

— É provável que ela se sinta outra quando descobrir que, afinal, o mundo não vai ser destruído — disse Tas para si mesmo.

Nesse instante, o *kender* escutou vozes distantes que cantavam. O processionário! Estava a começar. Tas quase deu um salto de excitação. Receando ser descoberto, cobriu rapidamente a boca com as mãos. Depois, espreitou mais uma vez Crysania. Estava sentada com ar desamparado, encolhendo-se com o som da música. Distorcida pela distância, chegava aguda, dissonante e sem beleza. O rosto dela estava tão pálido que, momentaneamente, Tas se sentiu alarmado; depois, viu-a comprimir os lábios firmemente e os olhos dela escureceram. Pitava, sem ver, as mãos entrelaçadas.

— Em breve, sentir-se-á melhor — disse-lhe Tas em silêncio. De seguida, voltou-se para pegar no maravilhoso dispositivo mágico, que retirou da bolsa. Sentando-se, segurou o dispositivo nas mãos e aguardou.

O processionário demorou uma eternidade, pelo menos assim sentiu o *kender*. Bocejou. Não havia dúvida de que as importantes missões eram de fato aborrecidas, decidiu irritado, e esperou que alguém viesse a dar valor ao que ele estava a passar quando tudo terminasse. Teria adorado brincar com o dispositivo mágico, mas Raistlin deixara bem claro que *não deveria mexer nele* até ao momento oportuno, devendo posteriormente *seguir as instruções à letra*. A expressão no rosto de Raistlin fora tão intensa e a voz tão iria que penetrara até na maneira de ser descuidada do *kender*. Tas permanecia sentado com o objeto mágico nas mãos, quase receando mover-se.

Então, quando se preparava para desistir em desespero (e o seu pé esquerdo perdia lentamente toda a sensação), ouviu um conjunto de bonitas vozes fora da sala! Uma luz brilhante atravessou as cortinas. O *kender* combateu a curiosidade, mas acabou por não resistir a dar só uma olhadela. Afinal, nunca vira o rei-sacerdote. Dizendo a si mesmo que precisava de ver o que se passava, voltou a espreitar por entre as cortinas.

A luz quase o cegou.

— Grande Reorx! — murmurou o *kender*, cobrindo os olhos com as mãos. Lembrava-se de ter olhado para o sol quando era

criança, tentando verificar se este *era* realmente uma moeda de ouro gigante e, se fosse, como a poderia tirar do céu. Fora forçado a permanecer na cama por três dias, com panos frios sobre os olhos.

— Como será que ele consegue fazer aquilo? — perguntou Tas, atrevendo-se a espreitar outra vez pelos dedos. Fitou o coração da luz tal como fitara o sol. E viu a verdade. O sol não era uma moeda de ouro. O rei-sacerdote não passava de um homem.

O *kender* não se apercebeu do choque terrível que Crysania sentiu quando viu, através da ilusão, o verdadeiro homem. Talvez porque Tas nunca tentara imaginar qual *deveria* ser o aspecto do rei-sacerdote. Os *kenders* nunca consideravam que alguém ou qualquer coisa fosse estranho (embora, Tas tinha de admitir, se sentisse pouco confortável quando o cavaleiro da morte, Lorde Soth, se encontrava por perto). Desta forma, ficou apenas um pouco surpreendido ao verificar que o santo rei-sacerdote era simplesmente um humano de meia-idade, calvo, com olhos azul-pálidos e o olhar aterrorizado de um veado apanhado numa armadilha. Tas ficou surpreendido e desapontado.

«Passei por estes trabalhos todos por nada», pensou o *kender* irritado. «Não vai haver nenhum Cataclismo. Não acredito que este homem me conseguisse zangar o suficiente para lhe atirar com uma torta, quanto mais toda uma montanha em fogo.»

Mas Tas não tinha mais nada para fazer (e estava ansioso por ativar o dispositivo mágico), pelo que decidiu ficar por ali, para observar e escutar. Afinal, alguma coisa podia acontecer. Tentou ver Crysania, interrogando-se sobre o que ela estaria a sentir, mas a auréola de luz que circundava o rei-sacerdote era tão intensa que não conseguia avistar mais nada na câmara.

O rei-sacerdote caminhou para a frente do altar, movendo-se lentamente, os olhos fitando a esquerda e a direita. Tas perguntou a si mesmo se o rei-sacerdote detectaria Crysania mas, aparentemente, ele próprio estava ofuscado pela sua própria luz, pois os seus olhos passaram diretamente por ela. Chegando ao altar, não se ajoelhou para rezar, tal como Crysania fizera. Tas pensou que ele se preparava para isso, mas o rei-sacerdote abanou a cabeça irritado e permaneceu de pé.

Do ponto em que estava, por detrás e um pouco à esquerda do altar, Tas podia avistar perfeitamente o rosto do homem. Excitado, o *kender* agarrou mais uma vez no dispositivo mágico. Pois o aspecto de profundo terror nos olhos aquosos tinham estado ocultos por uma máscara de arrogância.

— Paladine — pronunciou o rei-sacerdote em voz alta, e Tas ficou com a impressão de que o homem estava a conversar com um subalterno. — Paladine, vês o mal que me rodeia! Poste testemunha das calamidades a que Krynn esteve sujeito nestes últimos dias. Sabes que este mal é dirigido contra mim, pessoalmente, porque sou o único que o combate! Certamente que tens consciência de que esta doutrina de equilíbrio não resultará!

A voz do rei-sacerdote perdeu o tom duro e tornou-se suave.

— Compreendo, é claro. Tiveste de usar esta doutrina nos velhos tempos, quando eras fraco. Mas tens-me a mim agora, o teu braço direito, o teu verdadeiro representante em Krynn. Com o nosso poder combinado, posso erradicar o mal deste mundo! Destruir as raças ogre! Meter humanos desordeiros na linha! Encontrar novos locais distantes onde os anões, os *kenders* e os gnomos possam viver, raças essas que não foram criadas por ti...

«Que grande insulto!», pensou Tas, ofendido. «Estou a um passo de deixar que eles lancem uma montanha sobre ele!»

— E eu governarei em glória — ergueu-se a voz do rei-sacerdote, criando uma era que poderá mesmo ser comparada à lendária Era dos Sonhos! — O rei-sacerdote abriu os braços. — Concedeste isso e muito mais a Huma, Paladine, que não passava de um cavaleiro renegado de nascimento humilde! Exijo que me concedas também o poder para afastar as sombras do mal que escurecem esta terra!

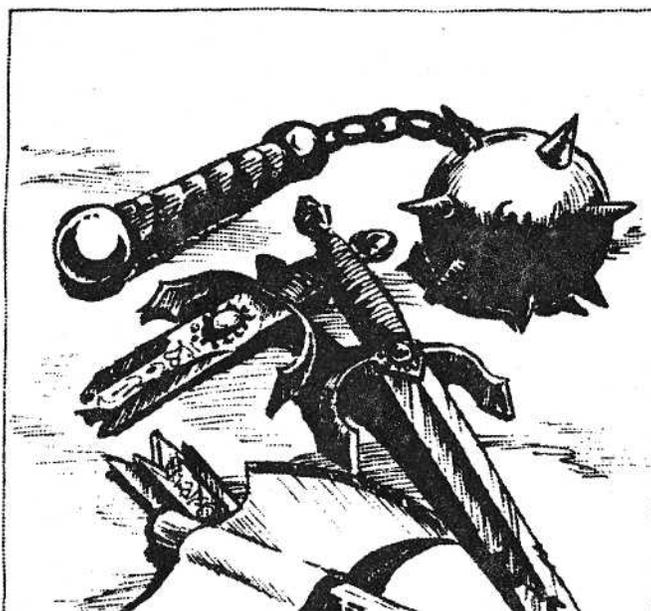
O rei-sacerdote ficou em silêncio, de braços erguidos.

Tas conteve a respiração, aguardando também, agarrando o dispositivo mágico nas mãos.

Então, o *kender* sentiu-o, chegou a resposta. Foi invadido pelo horror, por um medo como nunca antes sentira, nem sequer na presença de Lorde Soth ou do Bosque Shoikan. Tremendo e soluçando, o *kender* ajoelhou-se e baixou a cabeça, rogando

piedade e perdão a uma força invisível. Podia escutar os seus próprios murmúrios ecoando para lá das cortinas e soube que Cysania se encontrava ali e que, também ela, sentia a terrível ira quente que rolou sobre ele, como os trovões da tempestade.

Mas o rei-sacerdote não proferiu uma palavra. Permaneceu imóvel, fitando em expectativa os céus que não podia ver através das vastas paredes e tetos do seu templo... os céus que não conseguia avistar devido à sua própria luz.



CAPÍTULO 17

Depois de ter tomado uma resolução firme sobre o curso de ação que seguiria, Caramon caiu num sono exausto e, durante algumas horas, foi abençoado com o esquecimento. Acordou sobressaltado com Raag inclinado sobre ele, quebrando-lhe as correntes.

— E estas? — perguntou Caramon, erguendo os pulsos atados.

Raag abanou a cabeça. Embora Arack não acreditasse que Caramon fosse suficientemente idiota para tentar subjugar o ogre desarmado, o anão detectara loucura suficiente nos olhos do homem na noite anterior para não tomar qualquer risco.

Caramon suspirou. Na verdade, considerara essa possibilidade, tal como considerara muitas outras na noite passada, mas rejeitara-a. O importante era permanecer vivo — pelo menos até se assegurar de que Raistlin estava morto. Afinal de contas, já pouco importava...

Pobre Tika... Iria esperar e esperar, até que um dia acordaria e perceberia que ele nunca mais regressaria a casa.

— Mexe-te! — rosnou Raag.

Caramon moveu-se, seguindo o ogre pelas escadas úmidas em caracol, que conduziam às arrecadações por baixo da arena. Abanou a cabeça, afastando as recordações de Tika. Estas poderiam enfraquecer a sua resolução, e tal não poderia acontecer. Raistlin tinha de morrer. Era como se os relâmpagos da noite anterior tivessem iluminado uma parte da mente de Caramon que há anos permanecia imersa na escuridão. Apercebera-se por fim da verdadeira natureza da ambição do irmão, do seu desejo de poder. Por fim, Caramon deixou de o desculpar. Ficou aborrecido, mas teve de admitir que mesmo o duende negro, Dalamar, conhecia Raistlin melhor do que ele, o seu irmão gêmeo.

O amor cegara-o, tal como cegara também, aparentemente, Crysania. Caramon lembrou-se de uma frase que Tanis costumava dizer: «Nunca vi nada que tivesse surgido do amor transformar-se numa coisa má.» Caramon riu-se em silêncio. Bom, havia sempre uma primeira vez para tudo, esse era o ditado preferido do velho Flint. Uma primeira vez... e uma última.

Exatamente como ia matar o irmão, não o sabia. Mas não estava preocupado. Sentia dentro de si uma estranha sensação de paz. Pensava com uma clareza e uma lógica que o surpreendia. *Sabia* que o poderia fazer. E, desta vez, Raistlin também não o poderia impedir. O feitiço para viajar no tempo iria exigir toda a concentração do mago. A única coisa que poderia possivelmente impedir Caramon era a própria morte.

Portanto, disse Caramon com tristeza para si mesmo, terei de viver.

Ficou imóvel, sem mover sequer um músculo ou proferir uma palavra, enquanto Arack e Raag se debatiam para lhe vestir a armadura.

— Não me agrada — murmurou o anão mais do que uma vez para o ogre, ao vestirem Caramon. A calma e a expressão apagada do grande homem fizeram com que o anão se sentisse mais inseguro do que se estivesse na presença de um touro bravo. A única vez que Arack avistou sinal de vida no rosto estóico de Caramon foi quando este enfiou a espada curta no cinto. Nessa

altura, o grande homem olhara para baixo, reconhecendo o fim inútil a que se destinava. Arack viu-o sorrir amargamente.

— Fica de olho nele — instruiu Arack e Raag anuiu. — E mantenha-o afastado dos outros até entrar na arena.

Raag anuiu mais uma vez, conduzindo depois Caramon, de mãos atadas, para os corredores por debaixo da arena onde os outros aguardavam. Kiiri e Pheragas olharam para Caramon quando este entrou. Os lábios de Kiiri comprimiram-se e virou a cara friamente. Caramon encarou o olhar de Pheragas sem vacilar, os seus olhos não suplicando nem rogando. Aparentemente, não era isto o que Pheragas esperava. De início, o homem negro pareceu confuso mas, depois de Kiiri lhe murmurar algumas palavras, também ele se virou. Mas Caramon viu os ombros do homem afundarem-se e viu-o abanar a cabeça.

Nessa altura, ouviu-se uma manifestação do público e o olhar de Caramon voltou-se para as bancadas. Era quase meio-dia e os Jogos teriam o seu início exatamente na alta vigília. O sol brilhava no céu e a assistência, tendo já dormido, era numerosa e particularmente bem-humorada. Estavam programados alguns combates preliminares, para aguçar o apetite do público e para aumentar a tensão. Mas a verdadeira atração era a contenda final, aquela que daria por terminado o campeonato: o escravo que ganha a sua liberdade ou, no caso do Minotauro Vermelho, riqueza suficiente para alguns anos.

Habilmente, Arack manteve o ritmo dos primeiros combates, que eram ligeiros e até cômicos. Importara alguns anões bobos para a ocasião. Dando-lhes armas verdadeiras (as quais, obviamente, eles não sabiam utilizar), mandou-os para a arena. A assistência gritou de entusiasmo, rindo até às lágrimas ao ver os anões bobos tropeçarem nas próprias espadas, apunhalando-se uns aos outros malevolamente com os punhos das adagas, ou virando-se e correndo, a gritar, para fora da arena. Claro que o público não gostou tanto do acontecimento como dos próprios anões bobos, que acabaram por atirar com as armas para o chão antes de se envolverem num combate de lama. Tiveram de ser retirados da arena à força.

O público aplaudiu, mas muitos começaram a bater com os pés, exigindo, com bom humor, mas igualmente com impaciência, a principal atração. Arack deixou que isto se prolongasse por alguns momentos, sabendo, como homem de espetáculo que era, que tal fato apenas aumentava o entusiasmo. Estava certo. As bancadas não tardaram a vibrar, com a multidão batendo palmas e entoando canções.

Foi então que uma pessoa entre o público sentiu o primeiro tremor.

Caramon sentiu-o e o seu estômago comprimiu-se quando o solo estremeceu sob os seus pés. Estava gelado de medo, não medo de morrer, mas medo de que pudesse morrer sem cumprir o seu objetivo. Olhando ansiosamente para o céu, tentou recordar-se de todas as lendas que ouvira sobre o Cataclismo. «Ocorrera no meio da tarde», pensou recordar-se. Mas tinha havido tremores de terra, erupções vulcânicas, desastres naturais medonhos de todos os tipos em todo o Krynn, mesmo antes de a montanha em fogo esmagar a cidade de Istar a uma tal profundidade que os mares a cobriram.

Com vivacidade, Caramon viu destroços desta cidade condenada tal como a vira quando o barco deles fora atraído para o remoinho daquele que era agora conhecido como o Mar Sangrento de Istar. Nessa altura, os duendes marinhos tinham salvo todos os que estavam a bordo, mas não haveria salvação para pessoas. Mais uma vez, viu os edifícios retorcidos e destruídos. A sua alma sobressaltou-se horrorizada e Caramon apercebeu-se subitamente de que tinha a afastar esse pensamento da mente.

Nunca acreditei que pudesse realmente vir a acontecer, refletiu, tremendo de medo ao mesmo tempo que o solo tremia em simpatia. Só disponho de algumas horas, talvez nem tanto. Tenho de sair daqui! Tenho de apanhar Raistlin!

Depois, acalmou-se. Raistlin estava à espera dele. Raistlin necessitava dele ou, pelo menos, necessitava de um «lutador treinado». Raistlin tomaria todas as providências para que ele dispusesse de tempo suficiente, tempo para ganhar e chegar até ele. Ou tempo para perder e ser substituído.

Mas foi com uma sensação de forte alívio que Caramon sentiu o tremor acabar. Escutou depois a voz de Arack vinda do centro da arena, anunciando a contenda final.

— Antes, combatiam como equipe, senhoras e senhores e, como todos sabem, é a melhor equipe que temos visto aqui desde há largos anos. Muitas foram as ocasiões em que viram um deles arriscar a sua vida para salvar um companheiro de equipe. Eram como irmãos. — Caramon recuou ao ouvir isto — Mas agora são verdadeiros inimigos, senhoras e senhores. Pois, quando se trata de liberdade, riqueza, vencer o maior de todos os Jogos, o amor tem de ficar para trás. Darão o seu melhor, disso podem estar certos, senhoras e senhores. Este será um combate até à morte entre Kiiri a Ninfa, Pheragas de Ergoth, Caramon, o *Conquistador*, e o Minotauro Vermelho. Não abandonarão esta arena até que um deles seja vencedor!

A multidão saltou vivas de entusiasmo. Embora soubessem que se tratava de um combate simulado, adoravam convencer-se a si mesmos de que não era. O barulho aumentou quando o Minotauro Vermelho entrou, o rosto de besta arrogante como sempre. Kiiri e Pheragas olharam para ele, depois para o tridente que este empunhava, e de seguida um para o outro. A mão de Kiiri fechou-se com força sobre a sua adaga.

Caramon sentiu o solo tremer. Depois, Arack proferiu o seu nome. Estava na altura de o Jogo começar.

Tasslehoff sentiu os primeiros tremores e por instantes pensou ser apenas sua imaginação, uma reação à terrível ira que os envolvia. Viu depois as cortinas oscilarem para trás e para a frente, e apercebeu-se que chegara o momento...

«*Ativa o dispositivo!*», soou uma voz no cérebro de Tasslehoff. As mãos tremendo, olhando para o pendente, Tas repetiu as instruções.

— *O tempo a ti te pertence. Vejamos, volto a face para mim. Pronto. Embora tu viajes através dele.* Mudo esta placa da direita para a esquerda. *Vês as suas extensões;* a placa traseira cai para formar dois discos ligados por hastes... funciona!-Extremamente excitado, Tas prosseguiu. — *Para sempre em turbilhão, torcer a*

parte de cima voltada para mim no sentido contrário aos ponteiros do relógio, a partir de baixo. *Não obstruas o seu curso.* Assegurar que a corrente do pendente está liberta. Pronto, está bem. Agora, *agarra firmemente o fim e o princípio.* Segurar nos discos por ambas as extremidades. *Volta-os para que fiquem ao contrário,* assim, e *tudo o que está solto ficará seguro.* A corrente enrolar-se-á no corpo! Que maravilha! Está a fazê-lo! Agora, *o destino terminará sobre a tua própria cabeça.* Levanto-o sobre a minha cabeça e... Um momento! Alguma coisa não está certa! Não creio que isto devesse acontecer...

Uma pequena pedra preciosa caiu do dispositivo, atingindo Tas no nariz. Depois outra, e mais outra, até que o perturbado *kender* ficou sujeito a uma verdadeira chuva de pequenas pedras preciosas.

— Que é isto? — Tas fitava incrédulo o dispositivo que segurava por cima da cabeça. Freneticamente, voltou a torcer as extremidades. Desta vez, a chuva de pedras tornou-se numa enxurrada, batendo no chão com um som semelhante ao repicar de sinos.

Tasslehoff não estava seguro, mas não acreditava que isto devesse acontecer. Mesmo assim, nunca se sabia, sobretudo quando se tratava de brinquedos de feiticeiros. Mirou-o, sustendo a respiração, aguardando a luz...

Subitamente, o chão pulou por debaixo dos seus pés, arremessando-o através das cortinas e fazendo-o aterrar no chão aos pés do rei-sacerdote. Mas o homem nem reparou no *kender* de rosto pálido. O rei-sacerdote olhava em seu redor com uma indiferença grandiosa, observando com curiosidade as cortinas que se agitavam como ondas, as pequenas fendas que surgiram repentinamente no altar de mármore. Sorrindo para si mesmo, como se estivesse seguro de que isto representava a aquiescência dos deuses, o rei-sacerdote voltou as costas ao altar em desintegração e caminhou pela passagem central, passando pelos bancos que tremiam, e saiu para a parte principal do templo.

— Não — gemeu Tas, abanando o dispositivo. Nesse momento, os tubos que ligavam cada uma das extremidades do cetro separaram-se nas suas mãos. A corrente deslizou-lhe por entre

os dedos. Lentamente, estremeando quase tanto quanto o chão que pisava, Tasslehoff levantou-se. Nas mãos, segurava as peças partidas do dispositivo mágico.

— Que é que eu fiz? — choramingou Tas. — Segui as instruções de Raistlin, tenho a certeza que sim! Eu...

De súbito, o *kender* compreendeu. As lágrimas toldaram a visão das peças brilhantes e quebradas.

— Foi tão simpático para mim — murmurou Tas. — Fez-me repetir as instruções vezes sem conta, «para ter a certeza de que as entendia bem», disse. — Tas fechou os olhos com força desejando que, quando os abrisse, tudo isto não passasse de um sonho mau.

Mas, quando o fez, tudo estava na mesma.

— Entendi-as perfeitamente. A *intenção* dele era que eu desse cabo dele! — lamentou-se Tas, tremendo. — Porquê? Para nos aprisionar a todos aqui? Para que morrêssemos? Não! Ele quer Crysania, eles assim o disseram, os magos na torre. É isso! — Tas olhou de um lado para o outro. — Crysania!

Mas a eclesiástica nem o ouviu nem o viu. Olhando em frente, imóvel, ainda que o chão estremeasse por debaixo dos seus joelhos ao permanecer ajoelhada, os olhos de Crysania reluziam com uma luz misteriosa e interior. As mãos, ainda unidas como que em oração, agarravam-se uma à outra com tanta força que os dedos tinham ficado arroxeados e os nós dos dedos brancos.

Os lábios mexiam-se. Estaria a rezar?

Voltando ao esconderijo por detrás das cortinas, Tas apanhou rapidamente cada pequena peça preciosa do dispositivo, agarrou na corrente que quase escorregara por uma fenda no solo e enfiou tudo numa bolsa, fechando-a cuidadosamente. Observando novamente o chão, saiu para a câmara sagrada.

— Crysania — murmurou. Detestava ter de interromper as suas orações, mas a questão era demasiado urgente para desistir.

— Crysania? — disse, colocando-se na sua frente, dado que era visível que ela não tinha consciência da sua presença.

Observando os lábios dela, leu os seus murmúrios não proferidos.

— Eu sei — dizia ela —, eu sei que ele está enganado! Talvez os deuses me concedam a mim o que lhe negaram a ele!

Respirando fundo, Crysania baixou a cabeça.

— Paladine, obrigada! Obrigada! — ouviu-a Tas dizer com fervor. Depois, rapidamente, pôs-se de pé. Olhando em redor com alguma perplexidade para os objetos da sala que se moviam numa dança mortal, fitou, sem ver, para lá do *kender*.

— Crysania! — balbuciou Tas, puxando-lhe desta vez pelas vestes brancas. — Crysania, parti-o! O nosso único processo de regressar! Uma vez parti um orbe dragão. Mas isso foi de propósito! Nunca quis partir isto. Pobre Caramon! Tem de me ajudar! Venha comigo, fale com Raistlin, faça com que ele o conserte!

A eclesiástica fitou Tasslehoff inexpressivamente, como se ele fosse um estranho que a abordasse na rua.

— Raistlin! — murmurou, retirando as mãos do *kender* das suas vestes, de forma suave, mas firme. — É claro! Ele tentou dizer-me, mas eu não quis escutar. E agora sei, agora sei a verdade!

Afastando Tasslehoff de si, Crysania pegou nas vestes brancas, avançou por entre os bancos e correu pela passagem central sem olhar para trás, ao mesmo tempo que o templo tremia até às próprias fundações.

Raag só retirou as amarras dos pulsos do gladiador quando Caramon começou a subir as escadas que conduziam à arena. Movimentando os dedos e fazendo caretas, Caramon seguiu Kiiri, Pheragas e o Minotauro Vermelho para o centro da arena. A assistência soltou vivas. Caramon, tomando o seu lugar entre Kiiri e Pheragas, olhou para o céu, nervoso. Já passava da alta vigília e o sol começava a descer.

Istar não chegaria a ver o pôr-do-sol.

Pensando nisto, e pensando que, também ele, não voltaria a ver os raios vermelhos do sol jorrando por cima de uma muralha, ou derretendo-se no mar, ou iluminando o cimo das árvores, Caramon sentiu as lágrimas toldarem-lhe a visão. Chorava não tanto por si, mas por aqueles que se encontravam ao seu lado, que tinham de

morrer naquele dia, e por todos aqueles inocentes que pereceriam sem compreenderem porquê.

Chorou também pelo irmão que amara, mas as suas lágrimas por Raistlin destinavam-se a alguém que morrera há já muito tempo.

— Kiiri, Pheragas — disse Caramon em voz baixa quando o minotauro avançou para se apresentar isolado ao público—, não sei o que o mago vos disse, mas nunca vos traí.

Kiiri recusou-se sequer a olhar para ele. Caramon viu o lábio dela comprimir-se. Pheragas, mirando-o pelo canto do olho, avistou as lágrimas no rosto de Caramon e hesitou, franzindo o cenho, antes de, também ele, desviar o olhar.

— Na verdade, pouco importa — prosseguiu Caramon —, que vocês acreditem em mim ou não. Podem matar-se um ao outro pela chave se assim o quiserem, porque eu vou encontrar a liberdade pelos meus próprios métodos.

Agora Kiiri olhava para ele, os olhos muito abertos em descrença. O público estava de pé, gritando pelo minotauro, que caminhava em redor da arena, acenando o tridente por cima da cabeça.

— Estás louco! — murmurou, tão alto quanto se atreveu. O seu olhar dirigiu-se propositadamente para Raag. Como habitualmente, o corpo enorme e amarelado do ogre bloqueava a única saída.

Caramon seguiu-lhe o olhar, o seu rosto não alterando a expressão.

— As nossas armas são verdadeiras, meu amigo — disse Pheragas duramente. — As tuas não são!

Caramon anuiu, mas não respondeu.

— Não tentes semelhante coisa! — Kiiri aproximou-se mais. — Vamos ajudar-te a simular hoje na arena. Eu... eu acho que nenhum de nós acreditou realmente no tipo de vestes negras. Tens de admitir, que pareceu estranho o fato de tentares que abandonássemos a cidade! Pensamos, tal como ele disse, que querias o prêmio só para ti. Escuta, finge que estás severamente ferido. Faz com que te levem para fora. Ajudar-te-emos a escapar esta noite...

— Não vai haver esta noite — afirmou Caramon suavemente. — Nem para mim, nem para nenhum de nós. Não disponho de muito tempo. Não posso explicar. Tudo o que peço é isto: não tentem impedir-me.

Pheragas respirou fundo, mas as palavras morreram-lhe nos lábios quando um outro tremor, desta vez mais forte, abanou o solo.

Agora, toda a gente reparou. A arena oscilou nas suas fundações, as pontes sobre os poços da morte rangeram, o chão levantou-se e caiu, quase derrubando o Minotauro Vermelho. Kiiri agarrou-se a Caramon. Pheragas abraçou as pernas como um marinheiro a bordo de um navio no meio de uma tempestade. A multidão nas bancadas ficou subitamente em silêncio enquanto os assentos balançavam por baixo deles. Ouvindo a madeira estalar, alguns gritaram. Outros chegaram mesmo a levantar-se. Mas o tremor acabou, tão repentinamente como começara.

Tudo estava tranqüilo, demasiado tranqüilo. Caramon sentiu o cabelo erguer-se no pescoço e a pele formigar. Nenhum pássaro cantava, nem um cão ladrava. A assistência estava em silêncio, aguardando com medo. «Tenho de sair daqui!», resolveu Caramon. Os seus amigos já não interessavam, nada interessava. Só tinha um objetivo fixo: impedir Raistlin.

E tinha de atuar agora, antes do próximo choque e antes de as pessoas recuperarem deste. Olhando rapidamente em redor, Caramon avistou Raag próximo da saída, o rosto amarelo e sarpintado do ogre enrugado de espanto, o cérebro lento tentando perceber o que se estava a passar. Arack aparecera subitamente ao seu lado, observando em redor, provavelmente desejando que não tivesse que devolver o dinheiro aos clientes. Mas a multidão começava já a sossegar, embora muitos olhassem ainda à volta, pouco tranqüilos.

Então, Caramon respirou fundo, levantou Kiiri nos braços e atirou a espantada mulher contra Pheragas, fazendo com que os dois se estatelassem no chão.

Vendo-os cair, Caramon virou-se e arremessou o corpo maciço diretamente contra o ogre, conduzindo o ombro para o ventre de Raag com toda a força que meses de treino lhe tinham conferido. O

golpe foi de tal forma que teria matado um humano, mas magoou apenas levemente o ogre. A força da carga de Caramon atirou-os para trás contra a parede.

Desesperadamente, enquanto Raag tentava respirar, Caramon agarrou no sólido bastão do ogre. Mas, no preciso momento em que se apoderou dele, Raag recuperou. Rosnando de raiva, Raag ergueu as enormes mãos sob o queixo de Caramon, desferindo um soco que fez voar o grande guerreiro de novo para a arena.

Aterrando pesadamente, Caramon não conseguiu ver nada por instantes a não ser céu e arena oscilando à sua volta. Estonteado devido à pancada, os seus instintos de guerreiro assumiram o controlo. Captando um movimento à esquerda, Caramon rolou para o lado no momento em que o tridente do minotauro pousou no local onde antes estivera o seu braço. Podia ouvir o minotauro rosnar com uma fúria bestial.

Caramon esforçou-se por se pôr de pé, abanando a cabeça para aclarar as idéias, mas sabia que não poderia ter a esperança de conseguir evitar o segundo ataque do minotauro. Então, um corpo negro surgiu entre ele e o Minotauro Vermelho. Soou um ruído de aço quando a espada de Pheragas bloqueou o golpe do tridente, que poderia ter acabado com Caramon. Vacilante, Caramon recuou para recuperar o fôlego e sentiu as mãos frias de Kiiri auxiliarem-no.

— Estás bem? — murmurou ela.

— A arma! — conseguiu Caramon dizer, a cabeça ainda girando devido ao soco do ogre.

— Fica com a minha — afirmou Kiiri, atirando com a sua espada curta para as mãos de Caramon. — Depois, descansa um pouco. Eu trato de Raag.

O ogre, louco de raiva e excitação de luta, dirigia-se a eles, as maxilas pesadas muito abertas.

— Não. Vais precisar dela... — começou Caramon a protestar, mas Kiiri limitou-se a sorrir para ele.

— Vê! — disse em tom ligeiro, proferindo depois estranhas palavras que pareceram vagamente a Caramon a linguagem da magia. No entanto, estas tinham uma leve pronúncia, quase de duende.

E, subitamente, Kiiri desapareceu. No seu lugar surgiu uma gigantesca urso. Caramon abriu a boca, incapaz, por momentos, de compreender o que se passara. Depois lembrou-se que Kiiri era uma ninfa, dotada com o poder de alterar a sua forma!

Elevando-se nas patas traseiras, a urso ficou bem acima do grande ogre. Raag estacou, os olhos muito esbugalhados em alarme perante o que via. Kiiri rosnou e os seus dentes afiados reluziram. A luz do sol refletiu das suas garras quando uma das patas gigantes se estendeu e apanhou Raag no rosto.

O ogre uivou de dor. Sangue amarelado jorrou das marcas das garras, um olho desapareceu num massa de geléia que se derramava. A urso saltou para cima do ogre. Fitando-o horrorizado, Caramon não conseguia ver nada a não ser pele amarela, sangue e pêlo castanho.

Também a multidão, embora de início tivesse gritado em deleite se apercebeu de que esta luta não era simulada. Tratava-se de um combate real. Alguém ia morrer. Registrou-se um momento de silêncio chocado e depois, aqui e ali, algumas pessoas soltaram vivas. Os aplausos e gritos não tardaram a ser ensurdecedores.

Contudo, Caramon depressa esqueceu o público nas bancadas. Viu a sua oportunidade. Agora, só o anão bloqueava a saída e o rosto de Arack, se bem que retorcido de raiva, revelava também o seu medo. Caramon poderia facilmente passar por ele...

Nesse momento, ouviu um rosnado de prazer vindo do minotauro. Caramon viu Pheragas baixar-se com dores, agarrando na extremidade do tridente no seu plexo solar. O minotauro inverteu o golpe, erguendo a arma para matar, mas Caramon gritou alto, distraindo o minotauro o tempo suficiente para evitar o golpe.

O Minotauro Vermelho virou-se para enfrentar este novo desafio, com um sorriso no rosto de pêlo vermelho. Vendo Caramon armado unicamente com uma espada curta, o sorriso do minotauro alargou-se. Lançando-se contra Caramon, o minotauro esperava terminar a luta rapidamente. Mas Caramon desviou-se para o lado. Erguendo o pé, partiu a rótula do joelho do minotauro. Foi um golpe doloroso que levou o minotauro ao chão.

Sabendo que o seu inimigo estaria imobilizado pelo menos por alguns instantes, Caramon correu para Pheragas. O homem negro continuava a apertar o estômago.

— Vamos — disse Caramon, colocando os braços em redor dele. — Já te vi apanhares golpes piores do que este e levantares-te para comeres uma refeição de cinco pratos diferentes. O que se passa?

Mas não obteve resposta. Caramon viu o corpo do homem estremecer convulsivamente e reparou que a pele negra brilhante estava úmida de transpiração. Foi então que Caramon notou os três cortes sangrentos que o tridente tinha feito no braço do homem...

Pheragas ergueu os olhos para o amigo. Vendo a expressão horrorizada de Caramon, percebeu que ele compreendia. Tremendo de dores devido ao veneno que alastrava pelas veias, Pheragas pôs-se de joelhos. Os grandes braços de Caramon fecharam-se em seu redor.

— Fica... fica com a minha espada. — Pheragas tossiu. — Depressa, idiota! — Percebendo pelos sons que o seu inimigo fazia que o minotauro estava de novo em pé, Caramon hesitou apenas um segundo, pegando de seguida na enorme espada de Pheragas.

Pheragas arremessou-se para a frente, contorcendo-se de dores.

Agarrando na espada, as lágrimas cegando-lhe os olhos, Caramon ergueu-se e rodopiou, bloqueando o súbito arremesso do minotauro vermelho. Mesmo coxeando de uma perna, a força do minotauro era de tal ordem que compensou facilmente o doloroso ferimento. Por outro lado, o minotauro sabia que bastava um aranhão para matar a sua vítima, e Caramon teria de se deslocar ao alcance do tridente para utilizar a espada.

Lentamente, foram aproximando-se um do outro, caminhando em círculos. Caramon já não escutava a multidão que batia com os pés, assobiava e incentivava, transtornada pela visão de sangue verdadeiro. Ele já não pensava em escapar, não fazia sequer idéia de onde se encontrava. Os seus instintos de guerreiro reinavam agora. Sabia uma coisa. Tinha de matar.

E assim esperava. Os minotauros cometiam um erro grave, ensinara-lhe Pheragas. Acreditando que eram superiores a todas as outras raças, os minotauros geralmente subestimavam os oponentes. Acabavam por cometer erros, era só aguardar. O Minotauro Vermelho não constituía uma exceção. Os seus pensamentos tornaram-se claros para Caramon: a dor e raiva, o ultraje pelo insulto, uma ansiedade por terminar com a vida deste humano desprezível.

Os dois aproximaram-se cada vez mais do local onde Kiiri ainda estava envolvida num combate terrível com Raag, como Caramon podia afirmar pelos sons de rosnados e gritos que o ogre soltava. Subitamente, aparentemente preocupado em observar Kiiri, Caramon escorregou numa poça de sangue amarelo e viscoso. O Minotauro Vermelho, bramindo de prazer, lançou-se para a frente, com o fim de atingir o corpo do humano com o tridente.

Mas a escorregadela fora simulada. A espada de Caramon reluziu à luz do sol. O minotauro, vendo que fora ludibriado, tentou conter o seu impulso. Mas esquecera-se da perna ferida. Não suportando o seu peso, o Minotauro Vermelho caiu para o chão da arena e a espada de Caramon penetrou na cabeça bestial.

Ao libertar a espada, Caramon escutou um rosnado horrível atrás de si e virou-se mesmo a tempo de ver as enormes garras da urso firmarem-se sobre o grande pescoço de Raag. Com um abano de cabeça, Kiiri mordeu-lhe profundamente a veia jugular. A boca do ogre abriu-se num grito como jamais alguém ouviu.

Caramon preparava-se para ir na direção deles quando se apercebeu de um movimento súbito à sua direita. Voltando-se rapidamente, com todos os sentidos alerta, avistou Arack passar por ele a correr, o rosto do anão transformado por uma feia máscara de aflição e ira. Caramon viu a adaga brilhar na mão do anão e atirou-se para a frente, mas foi tarde demais. Não conseguiu parar a lâmina que se afundava no peito da urso. Instantaneamente, a mão do anão ficou inundada de sangue vermelho e quente. A enorme urso rosnou de dor e fúria. Estendeu uma pata gigantesca. Agarrando no anão com as últimas forças que lhe restavam, Kiiri ergueu Arack e atirou-o pela arena. O corpo do anão foi embater na

Espiral da Liberdade onde permanecia suspensa a chave dourada, espetando-se numa das inúmeras saliências de ornamentação. O anão soltou um grito medonho e, de seguida, todo o pináculo se desmoronou, despedaçando-se nos poços em chamas por baixo.

Kiiri caiu, o sangue jorrando do golpe no peito. A multidão estava fora de si, gritando e chamando o nome de Caramon. O grande homem nada escutou. Baixando-se, tomou Kiiri nos braços. O feitiço mágico que ela invocara passou. A ursa desaparecera e segurou Kiiri junto do seu peito.

— Ganhaste, Kiiri — murmurou Caramon. — Estás livre.

Kiiri fitou-o e sorriu. Depois, os seus olhos alargaram-se e ficaram sem vida. Continuaram fixos no céu, quase, pareceu a Caramon, em expectativa, como se agora ela soubesse o que estava para acontecer.

Pousando gentilmente o corpo dela sobre a arena banhada de sangue, Caramon ergueu-se. Viu o cadáver de Pheragas arrefecer nos seus últimos espasmos de agonia. Viu os olhos cegos e abertos de Kiiri.

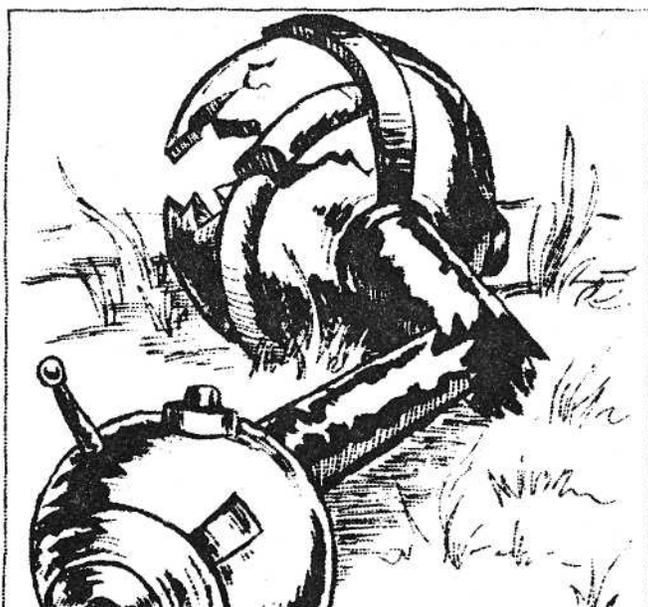
— Há de responder por isto, meu irmão — disse Caramon suavemente.

Ouviu um ruído por detrás dele, um murmúrio como o rugido zangado do mar antes da tempestade. Severamente, Caramon pegou na espada e virou-se, preparando-se para enfrentar o novo inimigo que o aguardava. Mas não havia nenhum inimigo, apenas os outros gladiadores. Avistando o rosto de Caramon, manchado de lágrimas e sangue, um a um, afastaram-se, abrindo caminho para que ele passasse.

Olhando para eles, Caramon apercebeu-se de que, por fim, *e/e* estava livre. Livre para encontrar o irmão, livre para pôr fim a este mal para sempre. Sentiu a alma elevar-se, a morte pouco significado tinha e o medo nunca mais o atormentaria. O cheiro do sangue chegava-lhe às narinas e estava envolvido pela doce loucura da batalha.

Sedento de vingança, Caramon correu para a beira da arena, preparando-se para descer as escadas que conduziam aos túneis por

baixo dela, quando o primeiro dos tremores de terra atingiu a cidade condenada de Istar.



CAPÍTULO 18

Crysanía não viu nem ouviu Tasslehoff. A sua mente estava cega por uma miríade de cores que provinham das suas profundezas, reluzindo como jóias magníficas, pois, subitamente, compreendera. Fora por *isto* que Paladine a mandara para esta altura do tempo, não para redimir a recordação do rei-sacerdote, mas para aprender com os erros dele. E sabia, sabia na alma, que *aprendera*. Ela podia solicitar os deuses que estes responder-lhe-iam, não com ira, mas com poder! As trevas frias dentro dela abriram-se e a criatura liberta saltou do seu casulo para a luz do sol.

Teve uma visão de si mesma, uma mão erguendo bem alto o medalhão de Paladine, a platina brilhando ao sol. Com a outra mão, mandava avançar legiões de crentes, que se reuniam à sua volta com expressões de adoração e êxtase, enquanto ela os conduzia para terras de beleza impossível de imaginar.

Sabia que ainda não possuía a chave para abrir a porta. E tal não poderia acontecer aqui, a ira dos deuses era demasiado forte para ela conseguir penetrar. Mas, onde poderia encontrar a chave,

ou, mesmo, onde poderia encontrar a porta? As cores em movimento fizeram-na ficar tonta; não podia ver nem pensar. Foi então que escutou uma voz, uma pequena voz, e sentiu mãos agarrarem-lhe as vestes.

— Raistlin... — ouviu a voz dizer, as outras palavras perdendo-se. Mas, de súbito, a sua mente tornou-se clara. As cores desapareceram, tal como aconteceu à luz, deixando-a só nas trevas, calmas e suavizantes para a sua alma.

— Raistlin — murmurou. — Ele tentou dizer-me...

As mãos continuavam a agarrá-la. Distraidamente, não lhes ligou e afastou-as. Raistlin levá-la-ia a Paladine, ele poderia ajudá-la a encontrar a chave. O mal volta-se contra si mesmo, disse Elistan. Assim, Raistlin iria auxiliá-la involuntariamente. A alma de Cysania cantou num hino jovial para Paladine. Quando regressar na minha glória, com a bondade na mão, quando todo o mal no mundo for banido, então até Raistlin verá o meu poder, passará a compreender e a acreditar.

— Cysania!

O chão abanou por debaixo dos pés de Cysania, mas ela não reparou no tremor. Escutou uma voz chamar pelo seu nome, uma voz suave, agitada pela tosse.

— Cysania. — Falou de novo. — Não há muito tempo. Depressa!

A voz de Raistlin! Olhando em redor com ansiedade, Cysania procurou-o, mas não viu ninguém. Apercebeu-se então de que falava com a sua própria mente, que a conduzia.

— Raistlin — murmurou —, estou a ouvi-lo. Vou a caminho.

Voltando-se, correu pela passagem para o templo. O grito do *kender* atrás dela não foi escutado.

— Raistlin? — disse Tas, intrigado, olhando em redor. Compreendeu então. Cysania ia ter com Raistlin! De alguma forma, através de algum processo mágico, ele chamava-a e ela ia encontrá-lo! Tasslehoff correu pelo corredor do templo atrás de Cysania. Seguramente, ela faria com que Raistlin reparasse o dispositivo...

Uma vez no corredor, Tas olhou para cima e para baixo e localizou Cysania rapidamente. Mas o seu coração quase saltou para

o chão, ela corria tão depressa que estava prestes a atingir o fim do corredor.

Assegurando-se de que as peças partidas do dispositivo mágico se encontravam em segurança na bolsa, Tas correu atrás de Cysania, mantendo as vestes brancas debaixo de vista durante o maior espaço de tempo possível.

Infelizmente, esse espaço de tempo não foi muito grande. Ela desapareceu imediatamente numa esquina.

O *kender* correu como nunca correria antes, nem quando os terrores imaginários do bosque Shoikan o perseguiram. O seu topete de cabelo voava atrás dele, as bolsas oscilavam, dispersando o conteúdo, deixando uma trilha de anéis, pulseiras e bugingangas.

Apertando firmemente a bolsa onde guardara o dispositivo mágico, Tas chegou ao fim do corredor e deslizou quando deu a volta, indo bater na parede oposta. Oh, não! O coração andou aos saltos no seu peito e depois afundou-se aos seus pés. Desejou, irritado, que o seu coração estivesse quieto. Os seus saltos estavam a provocar-lhe náuseas.

O corredor estava repleto de clérigos, todos de vestes brancas! Como poderia localizar Cysania? Avistou-a então, a meio caminho do corredor, o cabelo negro reluzindo à luz dos archotes. Viu também que os clérigos, empurrados por Cysania ao correr, se voltavam para trás para gritar para ela.

Tas retomou a perseguição, de novo esperançado; Cysania fora necessariamente retardada na sua correria pela multidão de pessoas no templo. O *kender* passava por eles a alta velocidade, ignorando gritos de ultraje, escapando do alcance de mãos que o tentavam agarrar.

— Cysania — gritou, desesperado.

A multidão de clérigos no corredor tornou-se mais espessa, toda a gente apressando-se a sair para investigar os estranhos tremores do solo, tentando adivinhar o que significavam.

Tas avistou Cysania estacar mais de uma vez, abrindo caminho por entre as pessoas. Esta acabara de se libertar quando Quarath surgiu numa esquina, chamando o rei-sacerdote. Não

prestando atenção ao caminho, Crysania foi de encontro a ele, que a segurou.

— Pare! Minha querida — gritou Quarath, abanando-a, pensando que estava histérica. — Acalme-se!

— Deixe-me! — Crysania tentava libertar-se.

— Ela enlouqueceu de terror! Ajudem-me a segurá-la! — disse Quarath para uma série de clérigos que se encontravam por perto.

Ocorreu subitamente a Tas que, efetivamente, Crysania *estava* com aspecto de louca. Podia avistar-lhe o rosto à medida que se aproximava. O cabelo preto todo embaraçado, os olhos num cinzento profundo, da cor das nuvens de tempestade, o rosto corado de esforço. Parecia não escutar nada, nenhuma voz penetrava no seu consciente, exceto, talvez, uma.

Obedecendo ao comando de Quarath, outros clérigos seguraram-na. Gritando de forma incoerente, Crysania lutou também contra eles. Ganhando força através do desespero, esteve quase a escapar por mais de uma vez. As suas vestes brancas rasgaram-se enquanto eles a tentavam segurar e Tas pensou ver sangue em mais do que um rosto dos clérigos. Correndo, estava a saltar para as costas do clérigo mais próximo para lhe bater na cabeça quando ficou cego por uma luz brilhante que fez estacar toda a gente, mesmo Crysania.

Ninguém se mexeu. Tudo o que Tas conseguiu escutar por momentos foi a respiração ofegante de Crysania e daqueles que tentavam fazê-la parar. Então, uma voz falou.

— Os deuses vêm — disse a voz musical que surgia do centro da luz — ao meu comando...

O chão por baixo dos pés de Tasslehoff saltou bem alto no ar, atirando com o *kender* para cima como se fosse uma pena. Afundou-se rapidamente quando Tas se elevava no ar, subindo depois ao seu encontro quando Tas vinha a descer. *O kender* embateu no chão, o impacte retirando a respiração do pequeno corpo.

O ar explodiu com poeira, vidro e estilhaços, gritos e estrondos. Tas nada podia fazer a não ser tentar respirar. Deitado no chão de mármore que saltava e se agitava por baixo dele, observou

espantado colunas estalarem e desintegrarem-se, paredes dividirem-se, pilares caírem e pessoas morrerem.

O Templo de Istar estava a ser destruído.

Rastejando para a frente com as mãos e joelhos, Tas tentou desesperadamente não perder Crysania de vista. Parecia absorta ao que se passava em seu redor. Aqueles que a seguravam fugiram aterrorizados e Crysania, escutando apenas a voz de Raistlin, retomou o seu caminho. Tas gritou. Quarath lançava-se de novo atrás dela, mas, no momento em que o clérigo se aproximava, uma enorme coluna de mármore tombou e caiu.

Tas conteve a respiração. Por um instante não conseguiu ver nada, mas logo de seguida, o pó de mármore assentou. Quarath não passava de uma massa de sangue no chão. Crysania, que aparentemente não fora atingida, fitava estonteada o duende, cujo sangue lhe salpicara as vestes brancas.

— Crysania! — gritou Tasslehoff. Mas ela não reparou no *kender*. Virando-se, avançou cegamente pelos destroços, nada ouvindo a não ser a voz que a chamava com uma urgência cada vez maior.

Erguendo-se com dificuldade, o corpo magoado e dorido, Tas correu atrás dela. Aproximando-se do final do corredor, viu Crysania a voltar à direita e descer um lance de escadas. Antes de a seguir, Tas arriscou-se a olhar rapidamente para trás, impulsionado por uma terrível curiosidade.

A luz brilhante ainda enchia o corredor, iluminando os corpos dos mortos e moribundos. Abriam-se fendas nas paredes do templo, o teto cedia, a poeira abafava o ar. E, no interior dessa luz, Tas podia ainda escutar a voz, só que, agora, a sua música encantadora desvanecera-se. Tinha um som duro, agudo e dissonante.

— Os deuses vêm...

Fora da grande arena, correndo através de Istar, Caramon abria caminho com dificuldade através de ruas que cheiravam a morte. De forma muito semelhante a Crysania, também a sua mente escutava a voz de Raistlin. Mas esta não o chamava. Não, Caramon escutava-a tal como a escutara no útero da mãe de ambos, escutava a voz do seu irmão gêmeo, a voz do sangue que partilhavam.

Deste modo, Caramon não prestava atenção aos gritos dos moribundos ou às súplicas de socorro daqueles que estavam encurralados por debaixo dos destroços. Não prestava atenção ao que se passava à sua volta. Edifícios tombavam praticamente sobre ele, pedras mergulhavam verticalmente para as ruas, não o atingindo por pouco. Os seus braços e parte superior do corpo não tardaram a sangrar devido a pequenos golpes. As pernas estavam feridas numa centena de lugares.

Mas não parou. Nem sequer sentia a dor. Escalando por cima de escombros, levantando, gigantescas estacas de madeira e atirando-as para fora do caminho, Caramon prosseguiu lentamente através das ruas moribundas de Istar, para o templo, que reluzia ao sol na sua frente. Na mão, empunhava uma espada manchada de sangue.

Tasslehoff seguiu Crysania para baixo, sempre para baixo, até às próprias entranhas da terra. Pelo menos foi o que pareceu ao *kender*. Nem sequer sabia que existiam tais lugares no templo, e espantou-se por estas escadas ocultas lhe terem escapado durante as suas muitas incursões. Interrogou-se como teria Crysania tomado conhecimento da existência destas escadas. Passou por portas secretas que não eram visíveis nem aos olhos de *kender* de Tas.

O tremor de terra acabou, o templo abanou mais um momento numa recordação horrorizada, depois estremeceu e ficou de novo imóvel. No exterior, havia morte e caos, mas lá dentro, estava tudo quieto e silencioso. Pareceu a Tas que tudo no mundo sustinha a respiração, aguardando...

Ali em baixo, onde quer que *isso* fosse, Tas viu poucos estragos, talvez porque se localizasse a uma grande profundidade no solo. A poeira enchia o ar, tornando difícil respirar ou ver e, ocasionalmente, surgia uma fenda na parede ou um archote caía no chão. Mas a maioria dos archotes permanecia nas armações na parede, ainda ardendo, lançando um brilho estranho na poeira agitada.

Crysania nunca estacou ou hesitou, seguindo em frente apressadamente, embora Tas tivesse quase de imediato perdido todo o sentido de orientação, não fazendo idéia de onde se

encontrava. Conseguiu manter-se ao alcance dela, mas estava a ficar cada vez mais cansado e desejou que chegassem rapidamente, onde quer se, dirigissem. As costelas doíam-lhe fortemente.

Cada vez que inalava ardia-lhe como fogo, e sentia as pernas como se estas pertencessem a um anão de pernas grossas e calçado com ferro.

Seguiu Crysania, descendo mais um lance de escadas de mármore, forçando os músculos doridos a continuar. Chegando ao fundo, Tas levantou o olhar exausto e o coração bateu com força. Encontravam-se num sombrio e estreito corredor que terminava, felizmente, numa parede e não noutras escadas!

Aqui, um único archote ardia numa armação por cima de uma entrada escurecida.

Com um grito de satisfação, Crysania atravessou a entrada, desaparecendo nas trevas para lá dela.

— Claro! — compreendeu Tas, agradecido. — O laboratório de Raistlin! Deve ficar aqui embaixo.

Apressando-se a seguir em frente, estava muito próximo da porta quando uma sombra enorme caiu sobre ele vinda de trás, fazendo-o tropeçar. Tas caiu, a dor nas costelas criando-lhe dificuldades em respirar.

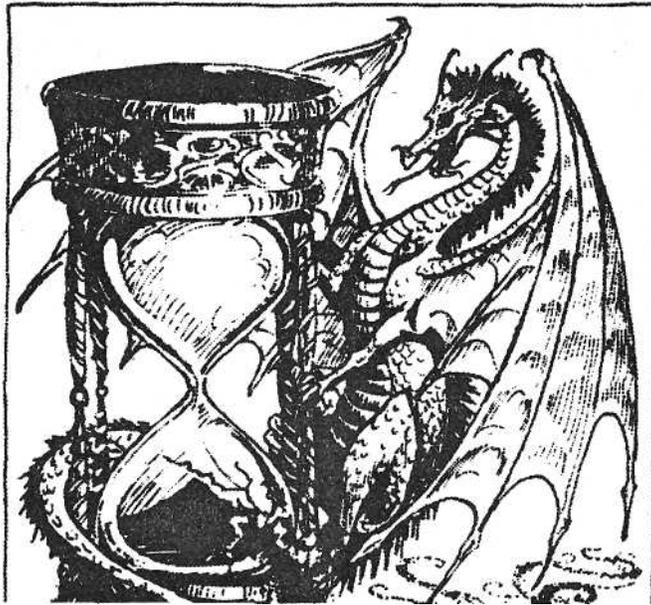
Olhando para cima, combatendo a dor, o *kender* avistou o brilho de uma armadura dourada e a luz do archote incidiu sobre a lâmina de uma espada. Reconheceu o corpo bronzeado e musculoso do homem, mas o rosto, o rosto que deveria ser familiar, era o rosto de alguém que Tas nunca antes vira.

— Caramon? — murmurou quando o homem passou por ele. Mas Caramon nem o viu nem o ouviu. Freneticamente, Tas tentou levantar-se.

Houve então um novo abalo e o solo desapareceu debaixo dos pés de Tas. Encostando-se a uma parede, ouviu um ruído por cima e viu o teto começar a abater.

— Caramon! — gritou, mas a sua voz perdeu-se no ruído de madeira caindo por cima dele, batendo-lhe na cabeça. Tas esforçou-se por se manter consciente, apesar da dor. Mas o seu cérebro,

como que recusando-se teimosamente a continuar envolvido em toda aquela confusão, apagou as luzes. Tas mergulhou nas trevas.



CAPÍTULO 19

Escutando na sua mente a voz tranqüila de Raistlin conduzindo-a através da morte e da destruição, Crysania correu sem hesitações para a sala localizada muito abaixo do templo. Mas, quando entrou, os seus passos ansiosos estacaram. Hesitante, olhou em redor, o pulso batendo dolorosamente na garganta.

Estivera cega aos horrores do templo em destruição. Mesmo agora, fitava o sangue no vestido e não conseguia recordar-se como este lá fora parar. Mas aqui, nesta sala, as coisas surgiam claramente, embora o laboratório estivesse apenas iluminado por uma luz que jorrava de um cristal no topo de um bastão mágico. Olhando em redor, intimidada por uma sensação de mal, não conseguia atravessar a porta.

Subitamente, escutou um ruído e sentiu um toque no braço. Voltando-se alarmada, avistou criaturas negras, vivas e disformes, encurraladas em jaulas. Cheirando o sangue quente dela, agitaram-se à luz do bastão, e fora o toque de uma daquelas mãos que ela sentira. Estremecendo, Crysania afastou-se delas e bateu em algo

sólido. — Tratava-se de uma arca que continha o corpo do que fora antes um jovem. Mas a pele estava esticada como pergaminho sobre os ossos e a boca aberta num grito fantasmagórico e silencioso. O solo tremeu sob os seus pés e o corpo na arca balançou, fitando-a através de órbitas vazias.

Crysanía gritou mas nenhum som foi emitido pela sua garganta; o seu corpo estava gelado e com suores frios. Segurando a cabeça com as mãos trêmulas, fechou os olhos com toda a força para afastar a terrível visão. O mundo começava a apagar-se quando escutou uma voz suave.

— Venha, minha querida — disse a voz que estivera na sua mente. — Venha. Agora está em segurança comigo. As criaturas más de Fistantilus não lhe poderão fazer mal enquanto eu estiver presente.

Crysanía sentiu a vida regressar ao corpo. A voz de Raistlin trazia conforto. O estado doentio passou, o chão parou de tremer, a poeira assentou. O mundo mergulhou num silêncio mortal.

Agradecida, Crysanía abriu os olhos. Avistou Raistlin a alguma distância dela, observando-a das sombras da cabeça encapuzada, os olhos brilhando à luz do seu bastão. Mas, ao olhar para ele, Crysanía viu de relance as formas desfiguradas e enjauladas. Estremecendo, manteve o olhar no rosto pálido de Raistlin.

— Fistantilus? — perguntou, através de lábios secos. — Foi ele quem construiu isto?

— Sim, este laboratório é dele — respondeu Raistlin friamente. — Foi criado por ele há muitos anos atrás. Sem que algum clérigo o soubesse, usou a sua grande magia para escavar por debaixo do templo como um verme, comendo rocha viva, formando-a em escadas e portas secretas, lançando feitiços sobre elas para que poucos tivessem conhecimento da sua existência.

Crysanía viu um sorriso sardônico no rosto de Raistlin quando este se voltou para a luz.

— Mostrou este laboratório a poucas pessoas, ao longo dos anos. Apenas alguns aprendizes tiveram permissão para partilhar o seu segredo. — Raistlin encolheu os ombros. — E nenhum deles viveu para contar sobre isso. — A sua voz suavizou-se. — Foi então

que Fistantilus cometeu um erro. Mostrou-o a um jovem aprendiz. Um jovem frágil, brilhante e de língua afiada, que observou e memorizou cada curva e volta dos corredores ocultos, que estudou cada palavra de cada feitiço que revelava portas secretas, recitando-as vezes sem conta, impregnando-as na memória antes de adormecer, noite após noite. E, desta forma, aqui estamos nós, você e eu, em segurança, por agora, da ira dos deuses.

Fazendo um gesto com a mão, fez com que Crysania se deslocasse à parte traseira da sala, onde se encontrava sentado numa grande secretária de madeira esculpida. Sobre essa secretária repousava um livro de feitiços de encadernação prateada que estivera a ler. Um círculo de pó prateado estava espalhado em redor.

— Isso mesmo. Mantenha os olhos em mim. As trevas não ficam assim tão aterrorizadoras, pois não?

Crysania não conseguiu responder. Apercebeu-se que, com a sua fraqueza, e mais uma vez, permitira que ele lesse mais nos olhos dela do que pretendia que ele visse. Corando, desviou rapidamente o olhar.

— Eu... eu estava apenas perplexa, só isso — disse. Mas não conseguiu reprimir um arrepio ao olhar para trás, para a arca. — O que é... ou era... aquilo? — murmurou, horrorizada.

— Um dos aprendizes de Fistantilus, sem dúvida — respondeu Raistlin. — O mago sugou-lhe a força da vida para prolongar a sua própria vida. Era uma coisa que ele fazia... com bastante frequência.

Raistlin tossiu, os seus olhos ficaram sombrios e negros devido a qualquer recordação terrível, e Crysania viu um espasmo de medo e dor surgir-lhe no rosto habitualmente impassível. Mas, antes que pudesse perguntar mais, ouviu-se um ruído forte na entrada. O mago de vestes negras recuperou rapidamente a compostura. Olhou para cima, para lá de Crysania.

— Ah, entra, meu irmão. Estava precisamente a pensar no teste, o que, naturalmente, te trouxe à minha mente.

Caramon! Extremamente aliviada, Crysania voltou-se para dar as boas-vindas ao grande homem com a sua presença sólida e

tranqüilizante, a sua face jovial e afável. Mas as palavras de saudação morreram-lhe nos lábios, devorados pelas trevas que pareceram aumentar com a chegada do guerreiro.

— Falando de testes, fico satisfeito por teres sobrevivido ao teu, irmão — disse Raistlin, o sorriso mordaz regressando. — Esta senhora — olhou para Cysania — irá necessitar de um guarda-costas para onde vamos. Não te posso dizer quanto significa para mim ter por companhia alguém que conheço e em quem confio.

Cysania encolheu-se com o terrível sarcasmo, e viu Caramon vacilar, como se as palavras de Raistlin fossem pequenos espinhos envenenados espetando-se na sua carne. Contudo, o mago pareceu não notar ou não se preocupar. Lia o livro de feitiços, murmurando palavras suaves e traçando símbolos no ar com as mãos delicadas.

— Sim, sobrevivi ao teu teste — disse Caramon suavemente. Entrando na sala, ficou sob a luz do bastão. Cysania susteve a respiração, com medo.

— Raistlin! — gritou, afastando-se de Caramon à medida que o grande homem avançava lentamente, com a espada ensangüentada na mão. — Raistlin, olhe! — afirmou Cysania, embatendo na secretária, próximo do local onde o mago se encontrava de pé, penetrando, sem se aperceber, no círculo de pó prateado. Alguns grãos ficaram presos no fundo das vestes, reluzindo à luz do bastão.

Irritado com a interrupção, o mago olhou para cima.

— Sobrevivi ao teu teste — repetiu Caramon —, tal como tu sobreviveste ao teste na Torre. Aí, eles despedaçaram o teu corpo. Aqui, despedaçaste o meu coração. Agora, não tenho nada no seu lugar, apenas um vazio frio tão negro quanto as tuas vestes. E, tal como esta lâmina de espada, está manchada de sangue. Um pobre minotauro morreu com esta lâmina. Um amigo deu a sua vida por mim e uma amiga morreu nos meus braços. Mandaste o *kender* para a *sua* morte, não foi? E quantos mais morreram para que pudesses satisfazer os teus projetos malévolos? — A voz de Caramon não passava agora de um murmúrio mortal. — Foi o fim, meu irmão. Mais ninguém morrerá por tua causa. Com exceção de uma pessoa: eu. Adequado, não é, Raist? Viemos a este mundo juntos; juntos, partiremos dele.

Deu mais um passo em frente. Raistlin ia para falar, mas Caramon interrompeu-o.

— Não poderás utilizar as tuas magias para me impedir, desta vez, não. Tenho conhecimento sobre o feitiço que planejas lançar. Sei que exigirá todo o teu poder, toda a tua concentração. Se usares sequer um pouco de magia contra mim, não terás a força para abandonar este lugar, e o meu propósito será cumprido, de qualquer forma. Se não morreres às minhas mãos, morrerás às mãos dos deuses.

Raistlin olhou para o irmão sem comentários, e depois, encolhendo os ombros, voltou à leitura do livro. Só quando Caramon deu mais um passo em frente e Raistlin escutou o ruído da armadura dourada suspirou de irritação e fitou o seu gêmeo. Os seus olhos, reluzindo das profundezas do capuz, pareceram os únicos focos de luz na sala.

— Estás errado, meu irmão — disse Raistlin suavemente. — Mais uma pessoa vai morrer. — O seu olhar espelhado dirigiu-se para Crysania, que permanecia só, as vestes brancas brilhando na escuridão, entre os dois irmãos.

Os olhos de Caramon estavam suaves de compaixão quando, também ele, fitou Crysania, mas a resolução no seu rosto não diminuiu.

— Os deuses levá-la-ão para junto deles — disse, gentilmente. — É uma verdadeira eclesiástica. Nenhum dos verdadeiros clérigos morreu no Cataclismo. Foi por isso que Par-Salian a mandou para viajar no tempo. — Estendendo a mão, apontou. — Vê, ali está um, aguardando.

Crysania não precisava de se virar para ver. Sentiu a presença de Loralon.

— Vá para ele, Venerável Filha — disse-lhe Caramon. — O seu lugar é na luz, não aqui, nas trevas.

Raistlin nada disse, não fez qualquer gesto, limitou-se a ficar sentado à secretária, a mão magra pousada sobre o livro de feitiços.

Crysania não se moveu. As palavras de Caramon fustigavam-lhe a mente como as asas das criaturas do mal que esvoaçavam em redor da Torre de Alta Feitiçaria. Escutou as palavras, mas no

entanto, estas não tinham qualquer significado para ela. Tudo o que conseguia ver era a si mesma, segurando a luz brilhante na mão, conduzindo as pessoas. A chave... o portal... Viu Raistlin com a chave na mão, viu-o chamá-la. De novo, sentiu o toque dos lábios de Raistlin, queimando, sobre a testa.

Uma luz cintilou e morreu. Loralon partiu.

— Não posso — tentou Crysania dizer, mas a voz não se ergueu. Também não era necessário. Caramon compreendeu. Hesitou, olhando para ela por um longo momento, e depois suspirou.

— Assim seja — afirmou Caramon friamente quando, também ele, avançou para o círculo prateado. — Mais uma morte pouca importância terá para nós agora, não é assim, meu irmão?

Crysania fitava, fascinada, a espada de lâmina ensangüentada que brilhava à luz do bastão. Imaginou-a a perfurar o seu corpo e, olhando Caramon nos olhos, viu que ele imaginava a mesma coisa, e que, nem isto, o impediria. Ela não representava nada para ele, nem sequer um humano vivente. Ela era apenas um obstáculo no seu caminho, intrometendo-se no seu verdadeiro objetivo: o irmão.

«Que ódio terrível», pensou Crysania, mas, observando profundamente os olhos que se encontravam agora tão próximos dos dela, compreendeu: «que amor terrível!»

Caramon lançou-se a ela com uma mão estendida, pretendendo pô-la fora do caminho. Atuando debaixo de pânico, Crysania esquivou-se, indo de encontro a Raistlin, que não fez qualquer gesto para lhe tocar. A mão de Caramon só conseguiu agarrar uma manga das vestes de Crysania, rasgando-a. Enfurecido, arremessou o tecido branco para o chão e agora Crysania sabia que tinha de morrer. Contudo, manteve o corpo entre ele e o irmão.

A espada de Caramon reluziu.

Em desespero, Crysania apertou o medalhão de Paladine que usava ao pescoço.

— Pare! — Gritou a palavra de comando ao mesmo tempo que fechava os olhos, com medo. O seu corpo encolheu-se, aguardando a dor terrível provocada pelo aço rasgando-lhe a pele. Depois, escutou um gemido e o som de uma espada caindo na pedra. O

alívio invadiu-lhe o corpo, fazendo-a ficar fraca. Soluçando, sentiu-se cair.

Mas mãos magras seguraram-na; braços finos e musculosos abraçaram-na, uma voz suave proferiu o seu nome em triunfo. Foi envolvida por uma negridão quente, afogou-se numa negridão quente, afundou-se sempre e sempre mais. E, no seu ouvido, escutou serem murmuradas as palavras da estranha linguagem da magia.

Como aranhas ou mãos acaraciadoras, as palavras rastejaram por cima do seu corpo. O entoar das palavras foi-se tornando cada vez mais alto, a voz de Raistlin cada vez mais forte. Uma luz prateada brilhou e desapareceu de seguida. O aperto dos braços de Raistlin em redor de Crysania estreitou-se em êxtase, e sentiu-se girar, apanhada nesse êxtase, rodopiando com ele e penetrando na escuridão.

Colocou os braços em redor dele e repousou a cabeça sobre o seu peito, deixando-se afundar nas trevas. À medida que caía, as palavras da magia misturaram-se com o cantar do seu sangue e o cantar das pedras do templo...

E, através de tudo aquilo, uma nota dissonante, um gemido de profunda mágoa.

Tasslehoff Burrfoot ouviu as pedras cantarem e sorriu como que um sonho. Era um rato, lembrava-se, avançando para o pó prateado enquanto as pedras cantavam...

Tas despertou repentinamente. Estava deitado sobre um chão de pedra fria, coberto por poeira e destroços. O solo por baixo dele começou a estremecer e a abanar de novo. Tas soube, pela estranha e pouco familiar sensação de medo que crescia dentro de si que, desta vez, os deuses estavam resolutos. Desta vez, o tremor de terra não terminaria.

— Crysania! Caramon! — gritou Tas, mas escutou apenas o eco da sua voz aguda regressar.

Levantando-se com dificuldade, ignorando a dor na cabeça, Tas viu que o archote continuava a arder por cima daquela sala escura onde Crysania entrara, aquela parte do edifício que, segundo

parecia, era a única parte que permanecia inalterada pelo convulsivo levantamento do solo. «*Magia*», pensou Tas vagamente, caminhando para dentro da sala e reconhecendo coisas de feitiçaria. Procurou sinais de vida, mas tudo o que viu foram aquelas horríveis criaturas enjauladas, arremessando-se contra as portas das celas, sabendo que o fim das suas existências torturadas estava próximo, mas, mesmo assim, não querendo desistir da vida, por muito dolorosa que fosse.

Tas olhou em redor desesperado. Para onde foram todos?

— Caramon? — disse, em voz baixa. Mas não obteve resposta, apenas um estrondo distante, à medida que o abalo se tornava cada vez mais forte. Depois, sob a luz fraca que provinha do exterior, Tas avistou um metal brilhando no chão perto da secretária. Atravessando a sala, Tas conseguiu lá chegar.

A sua mão fechou-se sobre o punho dourado da espada de um gladiador. Encostando-se para trás contra a secretária para se apoiar, fitou a lâmina prateada, manchada de preto com sangue. Pegou então numa outra coisa que jazia no chão por baixo da espada; um pedaço de tecido branco. Viu bordados dourados representando o símbolo de Paladine brilharem frouxamente à luz do archote. Havia um círculo de pó no chão, pó esse que poderia ter sido prateado, mas que estava agora preto de queimado.

— Foram-se embora — disse Tas suavemente para as criaturas enjauladas e agitadas. — Foram-se embora... estou completamente só.

O solo elevou-se bruscamente e fez com que o *kender* caísse de quatro no chão. Ouviu-se então um som tão forte que quase o ensurdeceu, o que levou Tas a erguer a cabeça. Ao olhar para o teto com terror, este abriu-se ao meio. A rocha estalou. As fundações do templo cederam.

Então, o próprio templo desmoronou-se. As paredes dividiram-se. O mármore separou-se. O chão abria, qual rosa cujas pétalas se afastassem na luz da manhã, rosa essa que morreria ao anoitecer. O olhar do *kender* seguiu o terrível processo até que, por fim, viu a própria torre do templo desintegrar-se, caindo para o chão com um impacto mais devastador do que o tremor de terra.

Incapaz de se mover, protegido pelos poderosos feitiços negros lançados por um mago malévolo há muito falecido, Tas permaneceu no laboratório de Fistantilus olhando para os céus.

E viu começar a chover fogo.